

Je ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

le ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ERE-80

ZAIRA AMERICANA.

MOSTRA AS IMMENSAS VANTAGENS QUE A SOCIEDADE
INTEIRA OBTEM

DA
ILLUSTRAÇÃO, VIRTUDES

PERFEITA EDUCAÇÃO DA MULHER

COMO MÃI, E ESPOSA DO HOMEM.

Esta obra encerra bellezas que a farão apreciar por todos aquelles
que se dedicam ao culto das Letras :
nella acha-se uma collecção de preciosos pensamentos, e
algumas inspirações poeticas da autora.



EMPRESA TYP.—DOUS DE DEZEMBRO—DE PAULA BRITO
IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL.

1858.

Illm. Excm. Monsenhor da S.

Sendo V. Ex. um Litterato, um Theologo, um Moralista, tem razão para dar-me sua opinião. Como V. Ex. conhece-me ha 24 annos, e sempre me fallou a linguagem da amizade, franca e verdadeira, peço a V. Ex. que me dê sua opinião ácerca d'essa pequena Collecção de meus Pensamentos, que, ao correr da penna, compuz em dous dias differentes. Elles são, como tudo o que eu escrevo e componho, sem o menor estudo nem reflexão emfim; são traços de penna e nada mais.

Envio tambem a V. Ex. as primeiras nove paginas de uma obra que estou principiando, para mostrar as immensas vantagens que podem obter a Sociedade e os homens, da illustração da mulher, como Mãe, e Esposa do homem.

Acceite V. Ex. os protestos da mais respeitosa amizade.

De V. Ex.—Attenciosa veneradora.

Dezembro 5, de 1852.



Illma. e Exma. Gra.

Minha Senhora.—V. Ex. honrou-me, e deu-me grande prazer em confiar-me a preciosa colleção de seus Pensamentos, aos quaes bem se lhe póde chamar Compendio de Maximas Christãs; tão bellos os achei! Li com summa attenção as nove paginas, principio do seu manuscrito, e posso bem assegurar a V. Ex. que n'elle se acha a maior erudição, bello estylo, e bom gosto litterario.

Desejo anciosamente que esta obra seja impressa, e que o Publico a leia, por ser preciosa a todos os titulos. Se por ventura os homens forem injustos em critica-la em seu justo valor, não lhe importe nada minha Senhora; é mui pequeno o numero dos homens Virtuosos, e o dos Sabios! O premio, ou o vitupcrio da gente sem virtudes, e sem talentos, nada nos devrá nunca importar, e sim unicamente o testemunho de Deos e da nossa consciencia. V. Ex. não tem que admirar-se da injustiça dos homens, porqu e tem muita instrucção, e pleno conhecimento da historia das nações antigas e modernas.

Cicero, brilhando tanto na antiga Roma, e sendo tão digno de attensões e homenagens, quando morreo teve um humilde Tumulo. Pompeo, esse grande homem, não teve nenhum! Licinio, personagem muito perversa, nos diz a historia que teve um magnifico Mausoléo! V. Ex. já vê que a virtude e o talento são raras vezes premiados; portanto, minha Senhora, despreze a critica injusta, se é que ha homens tão audazes para attaccarem cobardemente ao talento e á virtude.

Vi o precioso desenho que V. Ex. escolheu para adornar o frontispicio do seu livro; elle é bem expressivo, e bello em seu todo.

Digne-se V. Ex. considerar-me sempre seu mais justo apreciador e humilde criado,

J. da S. P.

Dezembro 6, de 1852.

AO LEITOR.



COMO a litteratura tenha sido e é minha paixão dominante, desde ha vinte annos aqui, e que minha juventude se passa no silencio e no cultivo das letras; peguei ha dias na penna, e esta principiou na fórma do costume a correr pelo papel, sem comtudo eu saber ainda o que ia escrever, nem transmitir á pagina, na qual a minha penna corria tão veloz como meus pensamentos pela mente. Emfim, disse eu, saia o que sahir, e pensei que o manuscripto não seria lido sem interesse pelas pessoas que me honram com sua benevola amizade e respeito. Enviei ao depois esse manuscripto, collecção de pensamentos feitos em poucas horas, e as melhores inspirações poeticas, a dous Litteratos, aos quaes pedi sua opinião: ambos me animaram a que esta obra fosse impressa e dada ao publico. Depois que me resolvía acceder aos pedidos d'esses dous Litteratos, escolhi, d'entre os meus sinetes, dous preciosos emblemas, os quaes dei ao mais habil artista, e perfeito em seu genero de trabalho, que fizesse um desenho emblematico, para adornar o frontespicio do meu livro. Mr. Boulanger, sempre bom e attencioso, executou esse trabalho em desenho, e o qual representa a Religião caminhando com passos firmes, no meio da Harmonia e da Erudição! Pensei que, acompanhada destas tres preciosas amigas, seriam meus passos bem guiados na carreira das letras. Depois, minha firme tenção foi fundar um Cofre de Beneficencia com opro-

ducto d'este meu livro ; e como este pensamento ha vinte annos que existe fixo em minha mente, hoje o porei em pratica com grande prazer. Darei de joia ao Cofre de Beneficencia aquillo que esta obra render em summa. Deos abençõe os votos do meu coração, e possa este pequeno trabalho ser lido com interesse pelas numerosas pessoas que me tributam homenagens de constante consideração e profunda estima. Só me importará com a opinião d'essas, que bem sabem comprehender a pureza dos meus sentimentos, e a dignidade da minha alma.

Supplico, entretanto, benevolencia e plena indulgencia para as faltas d'esta obra, que vai ser julgada com severidade, talvez.

Por D.

* * * *



PEQUENA COLLEÇÃO

DE

MEUS PENSAMENTOS

COMPOSTOS NOS DIAS

15 DE DEZEMBRO DE 1839 E 8 DE DEZEMBRO DE 1847

POR

ZAIRA AMERICANA.



ZAPTA AMERICANA

Pensamentos de um mesquinho engenho feminino.

I.

O homem não póde dizer que tem vivido, quando não tem sido util a seu semelhante, e trilhado o caminho da honra.

II.

A estrada da virtude é espinhosa, e custa-nos mil fadigas, mil soffrimentos o trilhal-a; mas é no fim della, que se acham as corôas de louro que nos deverão cingir a fronte sobrecarregada dos pungentes espinhos do soffrimento.

III.

A eternidade é uma chimera para o homem per-

verso e de costumes corrompidos; porém é uma verdade admiravel para as almas virtuosas.

IV.

Tudo na natureza nos mostra o poder infinito do Creador; quer levantemos os olhos ao Céu, quer os desçamos ás entranhas da terra, em tudo achamos motivos de pasmosa admiração!

V.

A gratidão é o idolo das almas nobres. Esta sublime qualidade é a chave de todas as outras. Tudo póde supportar-se na carreira da vida, menos a ingratição dos corações que julgamos amigos.

VI.

O punhal do inimigo não dóe quando nos rasga o peito; mas a ingratição daquelles, que julgavamos nossos melhores amigos, traspassa nosso coração como hervadas settas.

VII.

A mulher mais bella é aquella que mais virtudes conta: as bellezas, as graças, os encantos, desapparecem pela enfermidade, ou pela rapidez do tempo; mas nem as enfermidades, nem o tempo tem poder sobre as bellezas que se abrigam n'alma.

VIII.

Os sentimentos mais delicados, mais nobres e mais ternos, pertencem ao coração da mulher; tudo ella sacrifica sem trepidar um momento, em favor e auxilio dos que imploram sua protecção.

IX.

A mulher virtuosa, terna e sensível, é o mais bello adorno da natureza, assim como o astro radiante o mais bello adorno do Céu. As bondades, attentões e beneficios da mulher virtuosa e amavel, espalham-se por todos os corações, assim como os beneficos raios do sol por toda a natureza.

X.

Póde-se viver alegre debaixo de humilde tecto; póde-se viver feliz sem avultada fortuna; mas não ha felicidade para nossa alma quando perdemos um coração amigo, um coração que entendia e correspondia ao nosso, e nos tornava a vida mais chara! Essa perda é irreparavel para a nossa alma!

XI.

O homem virtuoso, e adornado de talentos, torna-se necessario e charo á sociedade das senhoras, que sabem altamente apreciar o verdadeiro merito do cavalheiro polido e amavel em seu trato.

XII.

O homem virtuoso e respeitavel, que nos inspira confiança sem reserva, torna-se digno depositario das mais occultas penas do nosso coração.

XIII.

Os homens sentem grande prazer em deprimir os talentos e negar os devidos elogios ás mulheres de maior merecimento. Esta é a vingança que tomam aquelles que não possuem as preciosas qualidades com que o Céu nos dotou.

XIV.

O homem é despotico e tyranno para com a mulher meiga e submissa; porém torna-se humilde escravo daquella que, com jugo de ferro, o sabe dominar.

XV.

O homem tyranno será temido e odiado, porem nunca amado! A tyrannia inspira horror, e desprezo; nunca, porém, inspirará affeição ás almas nobres e delicadas.

XVI.

É tão doce e fagueira a idéa de sermos amados!

mas quão raros são aquelles que sabem apreciar esta immensa felicidade!

XVII.

O homem mais perigoso nas seducções do amor é aquelle que se cobre com a mascara da virtude : suas attenções respeitosas, suas constantes homenagens, sua apparente timidez, são os laços que elle tece para fazer-se amar. Podemos fugir do vicio, mas nos sentimos attrahidos pela virtude.

XVIII.

Tudo se pôde supportar do objecto da nossa affeição, menos a ingratiidão ! Este cruel e ignominioso procedimento faz sangrar dia e noite o nosso coração !

XIX.

Feliz daquelle que pôde confundir seus calumniadores e destruir suas infernaes calumnias !... Sim, mil vezes feliz aquelle que, obrando sempre bem, e tratando em tudo verdade, deixa ao tempo a tarefa de vingal-o.

XX.

Quanto se encontra digno e ativo aquelle que, examinando em silencio sua consciencia, pôde dizer

com justo orgulho:— Nunca minha alma manchou-se com a negra calúnia; eu me sinto cheio de altivez.

XXI.

A ingratidão abriga-se sómente nos corações depravados e completamente corrompidos!... Em nada póde ser bom um coração ingrato.

XXII.

Como se contempla rico de merito o homem que é incapaz de manchar-se com uma só acção infame, que é incapaz de abrigar em seu coração a ingratidão e a negra perfidia!... Oh! quão rica e preciosa é a possessão das qualidades nobres!

XXIII.

Pagar um pequeno bem com grandes bens, é partilha das almas grandes! Pagar grandes e immensos favores com baixa ingratidão, é só proprio dos corações corrompidos pela baixeza de seus sentimentos!

XXIV.

Jámais olvidar um beneficio, nem tão pouco uma injúria. Perdoar a injúria, sim; esquecel-a, nunca. O beneficio recebido deve morrer connosco.

XXV.

Fiel, sincero, generoso, para com um digno amigo, sacrificarmos mesmo a vida para salvá-lo; mas polido e glacial para com um falso amigo.

XXVI.

Julgo que a amizade deve sentir-se com a maior fidelidade, porque tudo o que é leal e sincero, traz o cunho da nobreza.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.



CONTINUAÇÃO DOS MEUS PENSAMENTOS.

Dezembro, 8 de 1847.

XXVII.

A mais doce e nobre vingança, é vermos confundidos em nossa presença aquelles ingratos a quem temos colmado de attentões e finos obsequios. A sua humilhação é a maior prova com que patenteiam a ingratição dos seus sentimentos.

XXVIII.

Fingir um sentimento que não existe em nossa alma, é a mais imperdoavel das baixezas! O homem que assim procede, é um traidor.

XXIX.

A mulher mais bella e de alma dura e insensivel, não terá nenhum merecimento, nem valor para aquelles que são indifferentes aos encantos do physico! Os adornos e graças do espirito tem mais longa duração.

XXX.

Acho bem digno de lastima e de justo desprezo,

aquelle que não pensa de ninguem bem, e sim de todos mal; esse miseravel ente julga aos seus semelhantes pelos crimes da sua alma, e pela triste convicção de sua manchada consciencia.

XXXI.

Póde-se com a mascara da hypocrisia enganar á sociedade; mas a Deos, e á nossa consciencia é impossivel! A mascara, tarde ou cedo hade cahir por terra, e então se mostrarão os crimes escondidos.

XXXII.

O homem ou a mulher perversos são já tão dignos de lastima! Que infernal lucta não tem elles que sustentar entre sua consciencia e a pezada tarefa de fingirem-se virtuosos para enganarem melhor! Eu os lastimo mais do que as infelizes victimas de seus crimes.

XXXIII.

As injurias da gente baixa e perversa, escutam-se com silencio energico para jamais lhe voltarmos uma só phrase que nos ponha ao nivel della. A dignidade e o silencio do mais soberano desprezo, é só a resposta que nos é permittida.

XXXIV.

Quando tenhamos que soccorrer ao nosso semelhante em sua miseria, não nos importe, nem repa-

remos a que religião, nação ou condição elle pertence ; reservemo-nos tão sómente a suprema felicidade de praticar o bem, em favor d'aquelle que nos implora.

XXXV.

Aquelle que indaga e pesquisa muito a vida dos outros, é porque cuida muito pouco da sua, e da dos que lhe pertencem.

XXXVI.

Fallar a verdade em tudo, é linguagem que vai sem tropeços e sem embaraços, assim como a corrente de um manso rio.

XXXVII.

Combater o nosso inimigo braço a braço, quando elle seja forte e poderoso ; mas quando cahido por terra, promptos a dar-lhe a mão para levantá-lo.

XXXVIII.

O luxo e as modas são qual um cancro que vai roendo pouco a pouco aquelle á infeliz victima que o encerra em seu seio, e o luxo a fortuna que desaparece para nunca mais voltar.

XXXIX.

A senhora que é mãe terna e extremosa com seus filhos, deverá detestar o luxo e as grandes funcções;

sim, porque n'essas esplendidas funcções, só filhas da vaidade, ella delapida uma grande parte da fortuna de seus filhos.

XL.

Os mais preciosos adornos, e as mais ricas galas de uma boa e excellente mãe de familia, deverão ser seus filhos adornados de preciosas virtudes, e de uma perfeita educação.

XLI.

As mães de familia, que amam com paixão os bailes de aparato e luxo oriental, que são a completa ruina das fortunas em nossa America, mais do que na velha Europa, seus desgraçados filhos recolherão seus fructos envenenados.

XLII.

A mulher adornada com a incomparavel belleza das preciosas qualidades d'alma, não precisa das galas, nem dos estofos de alto preço, singelamente ataviada, ella é bella e preciosa aos olhos dos verdadeiros apreciadores do positivo merito.

XLIII.

Aquella que pensa muito no luxo das modas, e trata de enfeitar-se para melhor agradar, é porque se descuida completamente de adornar a sua alma de virtudes, e o seu espirito das encantadoras graças da instrucção.

XLIV

A boa, ou a má educação, conhecem-se no primeiro golpe de vista, mas d'onde melhor se conhece este precioso bem da boa educação, ou a desgraça da sua falta, é na Igreja, no Templo de Deos, é onde nossa gravidade e profundo respeito deverá mais brilhar, e assim differençarmo-nos do vulgo sem educação.

XLV

A caridade extremosa e ardente para os nossos semelhantes, faz um terrivel mal aos nossos interesses, porém não ha nada que mais prazer cause ao nosso coração.

XLVI.

Fazer sempre bem, colmar de favores e de beneficios generosos aos nossos semelhantes, mesmo contando já com a ingratição, é uma felicidade inexprimivel.

XLVII.

Felicidade suprema e unica, é podermos dizer no silencio de nossa consciencia — só tenho feito bem jamais fiz mal a ninguem. Oh! isto vale mais do que todas as riquezas do mundo.

XLVIII.

A primeira das virtudes é a caridade, assim como, das qualidades moraes, é a gratidão a mais nobre e bella.

XLIX.

O amor ! este sentimento indefinivel que todos n'elle fallam e quão raros são aquelles que o podem sentir ; que o sabem delicadaménte apreciar ! Este funesto sentimento assemelha-se á dourada taça que tem nas bordas mel enganador, e dentro encerra mortifero veneno.

L.

Honrarmos a memoria de nossos pais, não é só um sagrado e justo dever, é tambem o mais doce e grato prazer.

LI.

Defender ao fraco opprimido pela tyrannia do forte, é o mais caro dever das almas verdadeiramente nobres.

LII.

Aquelle que possui uma alma rica de elevação e sentimentos preciosos, deverá zombar da falta de avultados cabedaes. Sim, porque as riquezas que encerra n'alma estão já a salvo dos caprichos da fortuna.

LIII.

O coração verdadeiramente amigo, não se deixa intimidar por sacrificio algum !... tudo elle derriba para chegar ao seu nobre fim.

LIV.

Acho mil vezes mais malvado o falso amigo que trahe a confiança e os segredos do seu melhor amigo, do que o salteador que na estrada crava o punhal pelas costas do desconhecido viajante.

LV.

Aquelle que está sempre prompto a dizer o mal, e as calumnias, é incapaz de acreditar o bem e as acções virtuosas.

LVI.

As almas nimiamente sensiveis são quasi sempre as mais adornadas de virtudes. O egoista não possui a mais preciosa virtude do coração humano, a charidade ! assim como não goza da inexprimivel felicidade de enxugar as lagrimas dos desgraçados.

LVII.

O mais charo dever das almas nobres, é render homenagem á virtude e ao merito, onde quer que se abriguem : quer na humilde cabana do pobre pescador, quer nos dourados palacios dos grandes.

LVIII.

A excessiva sensibilidade é um flagello que nos faz completamente desgraçados. Feliz daquelle que

se contenta em fazer bem, sem ficar desconsolado dos males que não póde remediar.

LIX.

Conduzindo-nos pelos dictames da sã razão, encontraremos a verdadeira felicidade sem experimentarmos o amargor dos remorsos.

LX.

Animar e proteger os talentos do homem desvalido e virtuoso, é a mais doce satisfação que póde experimentar uma alma bem formada.

LXI.

O verdadeiro merito é modesto ; elle nunca procura os louros que o adornam ; mas sim espera ser coroado por aquelles que sabem altamente apreciar-o.

LXII.

As graças do espirito, e as maneiras polidas, adornam mais á uma senhora, do que a mais resplandecente belleza. Uma mulher bella e sem instrucção, é aos meus olhos qual linda flôr sem arôma.

LXIII.

As virtudes e os raros meritos não precisam ser annunciados pela penna assalariada ; mas sim pelas

constantes homenagens, e profundos acatamentos dos homens de grandes e verdadeiros meritos.

LXIV.

Os talentos e uma boa educação, são riquezas que se transportam á toda parte sem temer perigo algum. O homem virtuoso, sabio, e polido, é altamente querido, e acolhido na sociedade com transportes de bem exprimida e sincera alegria.

LXV.

O ouro é tudo quanto ha de mais rico e precioso para a gente ignorante e sem virtudes. Os meritos, e as virtudes, é o que ha de mais rico e charo para as pessoas de esphera superior.

LXVI.

O homem maldizente e perverso, é a peste e o flagello da boa sociedade; assim como o homem respeitavel é o exmalte mais brilhante e rico.

LXVII.

A mulher virtuosa e sensivel julga os outros por si, e pensa de todos bem. A mulher perversa de todos julga mal. A inveja propria só das almas mesquinhas não lhes permite a inexplicavel felicidade de admirar os merecimentos das suas semelhantes.

LXVIII

Mui dolorosa é a pezada tarefa de dar todos os instantes de nossa vida ao serviço e utilidade da humanidade gemente; mas todos os prazeres da nossa vida, e todas as doçuras, são nada em em comparação da felicidade que nos causa o dar os nossos auxilios aos infelizes.

LXIX.

A tyrannia e ambição dos Europeos nos entregou milhares de homens livres para serem nossos escravos; adocemos e suavisemos a sua escravidão, dando-lhes em troca da sua liberdade, a felicidade que só depende de nós.

LXX.

Não desejemos para nós aquillo que recusamos conceder aos nossos semelhantes. N'esta só maxima se encerra uma grande porção de charidade e moral.

LXXI.

As almas nobres praticam acções elevadas, e cheias de dignidade mesmo com seus ignobeis inimigos. Esses miseraveis ainda recompensam mal a sublimidade d'essas nobres acções com negra ingratição.

LXXII.

O homem, ou a mulher de alma virtuosa, e

nobre, praticando o bem, e o sublime, estão no seu elemento! O homem ou mulher indignos, praticando indignidades e acções indecorosas, estão também no seu elemento e verdadeira posição.

LXXII.

Correremos em auxilio dos nossos amigos em occasião de desgraças e dôr, é só um justo dever de amizade; porém, correremos a prestar soccorro, e auxilio aos nossos ferozes inimigos, no instante em que sentimos seus gritos de dôr e desesperação, é grande e doloroso sacrificio.

LXXIV.

Acordarmos o amigo que dorme ás bordas de um abysmo, é só um santo dever; porém acordarmos o nosso inimigo e mostrar-lhe com a ponta do dedo o funesto precipicio, e passarmos adiante nosso caminho, é uma grande virtude.

LXXV

Se é tão revoltante o ver apunhalar a um nosso inimigo, como não será o vermos voltar a um coração amigo leal, e generoso, golpes de punhal pelos immensos beneficios que elle tenha prestado? O coração negramente ingrato é sempre traidor.

LXXVI.

A doce alegria do coração, e a tranquillidade da alma, são mais preciosos bens do que thesouros avultados, ou mal adquiridos.

LXXVII.

O homem sabio e virtuoso, contenta-se com a fortuna que chega para passar sem vexames nem humilhações. A dignidade d'esse homem não poderá jamais ser comprada pelo ouro corruptor.

LXXVIII.

A mulher que sabe amar do homem só o coração virtuoso, nobre e sensivel, será sempre activa em seus sentimentos e dignidade ; e poucas serão suas ambições.

LXXIX.

Os titulos pomposos, e as colossaes fortunas, pouco valem, se no coração do homem não existirem as preciosas virtudes que vão além do tumulo.

LXXX.

A immortalidade da alma, a divina razão, e a possessão das qualidades nobres e elevadas, foram as mais preciosas riquezas que Deos concedeu ao homem, e acima de todas as outras.

LXXXI.

A mulher virtuosa e sensivel, é para o homem, e em todas as circumstancias da vida, o mais precioso bem, e seu maior thesouro.

LXXXII.

Pequena casa e parca mesa, sem um só credor, alegre e deixa respirar livre o coração.

LXXXIII.

O homem, ou senhora de sentimentos altivos, desprendem-se do luxo, para não serem em tempo algum sacrificados pelas immensas necessidades, as que elle os sujeita, ou escravisa insensivelmente.

LXXXIV.

Tranquillo somno em modesto leito, satisfaz mais do que em leito de ouro, agitado, interrompido repouso.

LXXXV.

As almas sublimes pelas virtudes com que Deos as dotou, são capazes dos maiores e mais dolorosos sacrificios !... As pessoas de esphera superior serão sómente aquellas que as poderão avaliar.

LXXXVI.

O homem nobre, e cavalheiro, mostra-o sempre em todas suas acções, e na dedicação ardente com que se conduz para com os seus amigos ; mas com quem elle redobra de attensões, e cavalheirismo, é com as damas para com as quaes é necessaria a sua protecção. Este é o homem verdadeiramente generoso e nobre.

Fim de uma pequena collecção dos meus pensamentos, e compostos sem reflexão, e só com a rapidez com que corre a penna pelo papel.

Por uma Senhora.

Setembro, de 1853.



INTRODUÇÃO.



A PEZADA tarefa de escriptora só pertence ás mulheres de esphera superior, de reconhecidos talentos e de profunda litteratura, emfim. Eu, pobrissima em talentos, não tendo paciencia alguma para estudar o modo, o estylo pomposo das verdadeiras escriptoras, não conhecendo a arte em nada, e deixando-me sómente guiar pela vivacidade de meu genio Americano e pelos impulsos da minha natureza, o que poderei escrever, que seja digno de ser collocado na menor pagina de um livro, para ser lido pela menos illustrada das minhas Leitoras?

Lembro-me porém de uma maxima que diz : « Nada ha de mais audaz do que a ignorancia ! »

Peço ás minhas sabias e discretissimas leitoras milhares de desculpas, indulgencia, attenção, reflexão, e illimitada benevolencia para comigo. Se eu tivesse algum dia copiado uma só phrase, pedido emprestado algum pensamento para ataviar-me, sentir-me-hia hoje cheia de confusão ! Digo-o com grande e justa uphania e prazer. Permitta-se-me dizer esta verdade, mesmo contra a minha mo-

destia, porque a vaidade é natural das mulheres de pequenos conhecimentos e pobre engenho. Tendo em minha memoria a maior felicidade, fica-me gravado no pensamento para sempre tudo quanto leio, sendo minha leitura do que ha de mais serio, rico, bello e sublime na profunda litteratura franceza, italianna, hespanhola e a litteratura antiga portugueza. Jamais escrevi pensando, nem estudando o que ia transmittir ao papel, e sim, ao correr da penna, aquillo que primeiro me apparece, ou me apresenta a minha mente. Quem escreve como sente, com pura verdade, com ardor e effusão, não deixa mostrar o luxo da arte, do estudo e da reflexão ; mostra só o luxo do sentimento, do bom, mesmo despido dos ricos atavios do bello e do sublime. Tantas faltas que em mim se vão achar, já pela nenhuma pratica, já pela falta de talentos, encontrarão benevolencia e plena desculpa das mulheres de profunda erudição que me hão de com justiça criticar. Que necessidade temos nós outras dos talentos do homem? Somos por ventura inferiores a elle em alguma cousa? Em nada! Afastemos para longe de nós tão mesquinha déa !... Sim, que é bem triste supposição essa ! Os factos historicos que eu apresento neste meu livro, tenho-os lido na historia das Nações, singela, e laconicamente, como ali se acham collocados, se por ventura eu aqui no meu modo de discorrer os adorno de algumas flores soltas de minha eloquencia (se é que em mim se acha alguma) é só para embellezar este meu livro, que vai escripto ao correr da minha penna, e sem um só minuto de reflexão.

Dezembro, 31 de 1832.





Este meu livro é para mostrar as immensas vantagens que obtem a sociedade inteira da perfeita educação, virtudes, e illustração da mulher, como mãe e esposa do homem.



CAPITULO PRIMEIRO.

As grandes vantagens que o homem e a sociedade inteira obtem com a illustração, educação, e virtudes do sexo feminino.

A mulher foi formada por Deos para ser a companheira do homem e o mais brilhante adorno da sociedade. Adornada com as custosas, mas preciosas galas de uma boa e virtuosa educação; adornada de talentos, de virtudes, de polidez e maneiras delicadas e attentiosas para com todos os seus semelhantes; torna-se a mulher na sociedade inteira o mais encantador de todos os objectos que Deos creou; torna-se o alvo de todas as attentões e homenagens dos homens de altos merecimentos, e o idolo querido, diante do qual fumea o thuribulo do perfumado incenso dos rendidos acatamentos, e das attentões que á porfia os homens se disputam em render-lhe. Com que anciedade, com que ardor, cada um desses homens de merecimento não aspira á digna possessão de um tal objecto, de um tão pre-

eioso thesouro ! A mulher, adornada de tantos merecimentos e de tão raras virtudes, faz a felicidade de seus Pais e de sua familia ; e ao depois, quando digna esposa, completa a felicidade do homem, que lhe deu seu coração, sua mão e seu nome.

Representando ella um papel brilhante na sociedade, e collocada em uma alta posição, já pelo esplendor de seus talentos, já pelo valor do homem a quem pertence ; quantos entes felizes pôde ella fazer ! Quantas torrentes de lagrimas enxugar com mão benefica e protectora, e dar felicidade e alegria a immensos homens desvalidos, com indifferença pelo egoismo e dureza dos outros homens, que só conhecem seus interesses pessoaes, e nada mais.

A mulher, sensivel e prestimosa para com seus semelhantes, attende, recebe a todos cheia de amabilidade, presta attenção áquelle que a procura e n'ella deposita sua confiança. Sua saúde, sua fortuna, sua inteira felicidade, e até sua cara e santa reputação, ella sacrifica sem trepidar um só momento ! Tudo emfim ella sacrifica á felicidade de seus semelhantes, submergidos na miseria, no olvido, e no cruel abandono de seus concidadãos.

Oh mulher sublime ! criação desse Deos indefinivel em sua immensa grandeza ! Quem é que pôde comprehender a tua illimitada sensibilidade e terna dedicação ?... Quem é que te pôde apreciar bastante ? Qual é aquelle homem tão nobre, tão generoso, tão justo, tão virtuoso, que possa admirar-te e avaliar-te em teus justos quilates de inestimave

preço? Ah! mui raros homens; porque são raras essas almas predilectas em sensibilidade e virtudes!

Mulher virtuosa e sublime! tu és o anjo tutellar do homem em muitas occasiões da vida!... tua nobre, generosa e energica sensibilidade não se assusta, não se intimida com obstaculos oppostos á tua piedade, essa piedade, essa ternura illimitada que sentes, existe dentro da tua alma, e tudo vence!... As barreiras de bronze, que assustam ao homem, a ti te dão maior coragem! ao ardor de tua santa caridade não ha obstaculos, nem opposições!

Quando a mulher é Mãi, entrega-se com ternura inexprimivel aos doces cuidados e extremosos desvelos da maternidade: ella perde a calma, o somno a tranquillidade, e, deixe-se-me assim dizer, perde quasi toda sua felicidade! Sim, porque o coração da Mãi extremosa e terna não deixa de soffrer enquanto é Mãi, e seu espirito está entregue aos mais crueis soffrimentos e pungentes sobresaltos: ainda está no berço o filho recém-nascido e já a ternura maternal está fazendo calculos de gloria e de ambição para aquelle que, infante ainda, e deitado no berço, nem sabe balbuciar uma só phrase de gratidão!... Ella lhe falla, lhe conta seus projectos futuros, suas esperanças e suas loucas illusões que poucas vezes realidade tem!... E seu filho lhe sorri como para burlar-se de suas loucas esperanças de gloria futura! Oh, sim, que o homem mesmo desde o berço conhece já que outro é o arbitro soberano de seu destino!... o senhor de sua vida e de

sua morte. O homem, se fosse bom em sua natureza, deveria ser sempre grato ás mulheres desde que nascesse até que morresse. Desde sua mais terna infancia, elle está acostumado a receber as nossas ternas attenções, nossos extremos cuidados, nossos mimos, quer como Mãi, quer como filhas, irmãs, e esposas. As primeiras palavras que seus labios principiam a balbuciar, quem lh'as ensina? Seus primeiros e vacillantes passos na carreira da vida, quem os protege e sustenta? Não é pois a mulher! O que seriam os homens sem nós outras? Quem é que lhes torna a vida cara, doce e suavissima senão a mulher, meiga, terna e boa? A mulher deveria ser pois sempre credora em todo o tempo, da profunda gratidão dos homens.

A senhora que se acha adornada de virtudes, talentos, merecimentos, e uma perfeita educação, transmite a seus filhos estas riquissimas heranças que seus Pais a ella lhe deixaram, e estas filhas, assim educadas, passam ou dão a seus filhos aquillo que receberam da sua terna Mãi. Que gloria, que felicidade póde ser comparada á de uma mulher respeitavel e digna, que dá á sua patria filhos cheios de virtudes, de illustração, e de talentos brilhantes? A mesma patria não sente tão grande orgulho e gloria, não reclama ella com interesse e ardente empenho os restos ou despojos mortaes de seus illustres e nobres filhos? Ah! fazei pois idéa do que deverá sentir o coração de uma Mãi, de uma Mãi, como eu entendo que deva ser a verdadeira Mãi, em summa!

Minhas queridas leitoras, prestai-me agora atenção, eu vos lh' o supplico. Assim como os atavios da joven donzella devem ser seus encantos naturaes, sua modestia, suas virtudes, suas graças de espirito, e bondadosa amabilidade; assim digo tambem as Mães de familia, que seus mais preciosos adornos e mais ricas galas deverão ser seus filhos por ellas mesmas educados.

As antigas Damas Romanas tão celebres na historia de Roma, criavam, e educavam ellas mesmas os seus filhos, esses mesmos filhos que ao depois enchiam-se de gloria, pondo em pratica as grandes virtudes transmittidas pelas suas respeitaveis Mães. O grande Coriollano foi educado pela sua digna Mãe Veturia, e Coriollano a respeitava tão profundamente, que não tendo sido possivel as Autoridades, e Dignidades da Republica, desarmar a justa colera do grande General que commandava o Exercito inimigo; mandaram como ultimo recurso ao campo inimigo a nobre Mãe de Coriollano. Elle tinha até esse dia desprezado as mais vantajosas promessas que lhe tinham mandado fazer, e nada tinha podido apagar nelle a sêde de v.ingança contra sua patria e seus ingratos Concidadãos! A nada quiz attender, e não cedeo nem a supplicas, nem ás promessas que lhe tinha feito a Republica, se elle affastasse o formidavel Exercito.

Não accetou as vantajosas promessas o encolerizado Romano, e a grandiosa capital ia d'ahi a tres dias mais, ser entregada ao saque, e ao furor de um

Exercito havido de fortuna e sedento de sangue Romano ; porém a immensa gloria de desarmar ao irritado General do Exercito Inimigo tinha sido reservada a uma Mulher ! e esta celebre matrona era aquella que tinha criado aos seus peitos com amor e ternura, ao irritado guerreiro ! Oh ! que grande gloria sentimos ainda hoje nós outras, de que foram tres fracas, delicadas, e indefesas Damas as que desarmaram com sua energica e persuasiva linguagem o furor de um tal guerreiro. E o que não vence, e não consegue o verdadeiro amor ? Coriollano adorava a sua Mãi, e quando um dos seus Officiaes e amigo, lhe disse : — General, ahi vem tua Mãi a testa de umas poucas de Damas Romanas ; Coriollano empallidecêo !... suas pernas enfraqueceram ; titubiou algumas phrazes, e depois disse voltando a face para o Exercito dos Voloscós que commandava : — Roma está salva ! mas Coriollano morre !... Oh ! Veturia mulher sublime ! quem não te invejará e não admirará ainda hoje ? quem é aquella que lendo nas paginas da historia da antiga Roma não invejará o amor da patria que palpitava no coração d'essa inimitavel Romana ? Quem, digo eu, não sentirá desejos de imital-a ? Quem lerá essas paginas da bellissima historia Romana sem derramar torrentes de lagrimas ? e qual será a Mãi que não desejará ser amada por seus filhos como Coriollano amou a sua illustre Mãi ? Ah ! todas, todas assim o desejarão.

Eu admiro com justo enthusiasmo essa Mulher extraordinaria ! sim, e como ella eu teria sacrificado

meu unico filho, se fosse necessario salvar minha patria ! as almas energicas e grandes sacrificam sua completa felicidade á felicidade alheia.

As Romanas, as Gregas, e Espartanas eram por ventura mulheres d'uma organisação differente da nossa ? A sua organisação physica e moral era em tudo igual a nossa. São as virtudes e a força da razão que fazem com que haja uma grande differença entre as pessoas de sublimes virtudes, e as que, sómente conhecem os vicios !... A educação primeira que o homem recebe de sua Mãi, é o que o faz bom, ou máo. A linguagem da virtude expressa pelos labios de uma Mãi sabia e respeitavel, tem no coração do filho uma grande força, e lhe causa profunda impressão.

As celebres Romanas, Veturias, Cornellias, Lucrecias, Paulinas, Plotinas, e mil outras Damas que seria enfadonha tarefa o repetir aqui seus illustres nomes ; tinham nossa mesma organisação ; mas tinham um desmedido amor de gloria ! e a gloria verdadeira não se ganha senão possuindo grandes e positivas virtudes ; só apreciados por aquelles que as possuem.

Nos aproveita muito a leitura dos grandes escriptores da antiguidade, como são Polybio, Plutarcho, Plinio Cicero, Tito Livio, Demosthenes, e Santo Agostinho, e immensos outros grandes e celebres escriptores que nos dão lições de virtudes e energia. Bastaria só Plutarcho e Santo Agostinho para dar-nos lições de sublimes virtudes.

Quem tem profundo conhecimento da litteratura dos grandes escriptores me comprehenderá bem.

CAPITULO SEGUNDO.

Foi pois na leitura dos homens illustres de Plutarcho que eu muito tenho adquirido, apprendido ! E grandes exemplos de soffrimentos achado. Foi nessa mesma leitura e estudos das virtudes dos grandes homens de Plutarcho, que a celebre e virtuosa Madame Rolland adquierio tantos e tão brilhantes meritos, e virtudes, que lhe emprestaram a coragem que em suas desgraças, e morte infausta ella nos appresentou. Essa mulher extraordinaria tinha alma de Matrona Romana ! Desde sua primeira juventude ella já mostrava uma alma rica de energia, e de mil virtudes como a historia nos lh'a appresenta. Sei mui bem que minha linguagem não ha de agradar as mulheres sem reflexão, sem conhecimento da litteratura e que sómente amam a dissipação, o luxo, e os loucos prazeres da epocha em que vivemos. Mas tempo virá, e não tardará muito ! que ellas conhecerão a verdade de minha linguagem bem que secca, e falta de adornos, de eloquencia, e graças de espirito. Eu como verdadeira amiga da humanidade, e como Americana que sou, lhes mostrarei que nada mais desejo do que a illustração, e a felicidade das minhas semelhantes ; e sobre tudo das minhas concidadôas. Tratarei de mostrar-lhes as immensas vantagens que da

erudição, da possessão das virtudes e do cultivo das artes, que tanto esplendor dão á belleza da mulher.

Quantas felicidades, quanta alegria espalha em torno de si uma senhora de grande instrucção, de espirito de boa índole e caracter meigo! como ella suavisa as amarguras, as penas da vida do marido, dos pais, dos filhos, ou irmãos? como todos sentem-se felizes ao approximar-lh'a; como todos a procuram com sollicitude e empenho; sim, a mulher dotada de talentos, virtudes, e bondade, torna-se necessaria á boa sociedade, e util em todo o tempo a quem a honra da sua confiança e estima. Jamais a mulher sensivel e terna deixa correr uma lagrima de dôr pelas faces de seu semelhante, sem que sua compaixão generosa, ou amizade, promptamente a enxuguem! Ella mistura suas lagrimas nascidas do coração, e acompanha em aquella mesma dôr ao parente, ou ao irmão dado por Deos, e pela natureza. Quantas torrentes de expressões, de doce e fraternal consolação não dá ella cheia de benevolencia a áquelles que lhe communicam seus pezares, e soffrimentos? a instrucção acompanhada da brandura do seu caracter, dá-lhe immensos recursos para suavisar as amarguras dos que a vão buscar em suas afflicções; qual o ferido que procura o balsamo precioso para suas ulceras ensanguentadas, assim o homem afflicto busca na mulher boa e piedosa o balsamo da consolação! o exemplo da resignação christã, da paciencia completa para ensinar-lhe a supportar os males que a justiça de Deos, ou a perversidade dos

homens lhe descarregou em cima do coração. Ah! quanto é doce, quanto é santo podermos ajudar aos nossos semelhantes, carregando junto com elles o pezado fardo de suas desgraças, de suas penas, e amarguras! ... Como é isto tão conforme com os dictames da natureza humana, e com a sagrada doutrina de Jesus Christo! quanto é bello e sublime este só mandamento da lei de Deos que diz—amai-vos, protegei-vos, ó homens—fazei a todos bem, não façais a ninguém mal. Não é isto tão simples, tão suave, tão santo?! sim, tão santo que tudo isto é para as pessoas de conhecimentos, de illustração, de virtudes; porque só estas conhecem bem a fundo a verdadeira religião, a sã moral, a honra, e a probidade para sabel-a altamente apreciar, e respeitar em si proprio, como em seus proximos; e não nos importe de saber quem é por nós, ou contra nós! importe-nos tão somente com o testemunho de Deos, e de nossa consciencia.

O cultivo das lettras nos dá horas de inexprimivel felicidade; na litteratura achamos milhares de bellissimas passagens que deleitam o nosso espirito; que dilatam a nossa alma; e que nos ensinam a supportar o pezo deste fardo chamado vida humana. E' nas paginas da historia antiga, e moderna de todas as nações cultas do mundo que nós outras aprendemos a soffrer! lemos em ellas a vida d'esses homens de todas as nações, todos elles tão cheios de santas virtudes; tão senhores de uma philosophia heroica para fazer frente aos grandes soffrimentos que lhes punham a alma; soffrimentos

e martyrios que ao lê-los hoje, faz gelar o sangue nas veias. Estes exemplos de firmes virtudes, já de milhares de santos martyres que tudo soffreram pela fé, e a religião que professaram do verdadeiro e unico Deos; já enfim nos grandes exemplos da solida virtude dos homens illustres do paganismo! E' lendo essas tristes paginas dos soffrimentos da humanidade gemente que nós outras aprenderemos tambem a soffrer com heroicidade christã. Lêde assim como eu tenho lido essas paginas tão bellas, e instructivas, e sabereis soffrer!.... aprenderás com facilidade esta maxima christã, tão cheia de santa moralidade. Aquillo que não fôr bom para ti, não poderá ser tambem para o teu semelhante. A leitura dos bons livros, virtuosos, e sublimes, nos dá riquezas de indefinivel valor! bebamos com avidéz na fonte da verdade, e da virtude, os sabios conselhos que nos transmittiram a illustração dos grandes homens. Tudo isso é bem justo. A mulher illustrada e adornada de preciosas virtudes, transmittirá aos seus filhos as riquezas que ella com tantos trabalhos de espirito tenha adquirido. Ao depois esta respeitavel Mãe de familia será colmada das benções de seus filhos, e netos; porque essa herança fica pela sua immensa solidez, e realidade ao salvo dos loucos caprichos da fortuna, e ella encherá de gloria inmortal, ao seu digno, ou digna fundadora.

O grande José Segundo, Imperador de Allemanha, foi educado por sua respeitabilissima Mãe Maria Thereza de Austria. Essa mulher esplendor do seu sexo e gloria do throno; essa so-

berana sem igual em energia, e coragem, Mãi a todos os titulos, virtuozza, respeitavel; e terna. Ao ler a vida desta grande soberana, verdadeira Mãi dos seus povos, eu me transporto do mais justo enthusiasmo; qual foi a soberana que em tempo algum appresentasse a energia extraordinaria que mostrou esta grande Imperatriz, na sempre famosa guerra dos Sete Annos? e os homens nos chamam fracas? sim, fracas pela triste e mesquinha educação que se dá em esta parte da nossa America ao sexo feminino; entretanto que nos outros pontos da America á imitação das Europêas, as senhoras de talento transmittem ao papel seus pensamentos fecundos, ricos de sentimentos delicados, e ternos, que só pertencem á mulher. O Imperador José Segundo deveo a sua terna e illustradissima Mãi, todas as solidas virtudes que elle nos appresentou. Oh! quanto é interessante a vida deste monarcha poderoso, e grande que não tinha uma só guarda nas portas do seu maguifico Palacio! As guardas do meu palacio, dizia elle, é o amor dos meus povos. Foi o amor dos seus povos que o guardou para ao depois ser como foi victima do gabinete de S. James! (*) elle teve a mesma sorte de Paulo Primeiro da Russia, ambos dignos de longa vida pelas suas excellentes virtudes. Maria Theresa de

(*) Eu me refiro sempre ao gabinete de Guilherme Pitt, tão celebre em factos historicos, e eu quando faço citações a tal respeito é sómente cingindo-me a elles, pois que não tenho a menor antipathia a essa Nação, bem que seja enthuziasta da memoria do Imperador Napoleão.

Austria transmittio aos seus filhos, não só os talentos e as virtudes, como também a força e coragem de sua nobre alma. E' cousa mais que singular da histhória que n'este mesmo instante me occorre ao pensamento, é que os tres filhos d'essa Imperatriz que assentaram-se nos thronos da Europa, d'onde elles brilharam tanto, foram tres victimas nobres, e desgraçadas d'esse mesmo Gabinete. Os escriptores imparciaes, e investigadores infalsgaveis, assim o attestam ao menos nas paginas da histhória que todos nós lemos.

Maria Anttoineta, Rainha de França, em toda a vida que representou, na tristissima e infausta tragedia, na qual por fim perdeu a cabeça, cortada pelo machado da revolução Franceza, que coragem, que energia não appresentou essa Rainha Martyr? que dignidade, que orgulho, que altivez, tão firme e tão constante! Dizei-me, ó vós outros homens, que lêdes estas linhas da penna de mulher, o que teria feito Socrates de mais? Socrates, o primeiro dos philosophos da antiga Grecia, soffreu com paciencia heroica as injustiças, a inveja, a perseguição dos homens; soffreu com paciencia de philosopho, Xantippe sua mulher; bebeo a cicuta com toda a resignação do homem sabio e virtuoso. Porém Maria Anttoineta soffreu mais do que nenhuma outra illustre victima da perversidade humana! Oh! tristes ensanguentadas paginas da histhória! quem é que as póde lêr sem profunda meditação do nada, d'esta misera condição, tão cheia de orgulho e de louca vaidade?

lêde, estudaí, e meditaí pelo auxilio da litteratura, e aprendereis a soffrer, e a desprezar as enganadoras pompas d'este perfeito valle de lagrimas.

CAPITULO TERCEIRO.

Algumas phrazes sobre os infortunios de Caroliua de Napoles, sua dignidade e firmeza de character. Napoleão trahido em sua nobre confiança pelo Governo da Gram-Bretanha.

Todos os filhos da Imperatriz Maria Thereza de Austria foram energicos e nobres; porém os que se distinguiram mais em esta bella qualidade moral, foram o Imperador José Segundo, Maria Anttoineta, Rainha de França, e Caroliua, Rainha de Napoles; e todos tres victimas, como a histhória nos mostra, do Gabinete Inglez.

O Imperador José Segundo respeitava sua virtuosissima Mãe de tal maneira, que lhe deixou as redeas do governo até elle contar trinta e um ou trinta e dous annos de idade.

Quanto isto é raro de encontrar-se na histhória! muito mais na moderna. Maria Thereza de Austria, exemplo das Mães e das soberanas amigas de seus povos, quasi todos os dias de manhã bem cedo mettia-se em uma carruagem simples, sem apparatus algum, e ia com seus quatro augustos filhos o Imperador José Segundo, ainda em menor idade, e as Archiduquezas Maria Anttoineta, Carolina, e o Archiduque Leopoldo, visitar e passear os liudos

campos duas leguas distantes do seu Palacio. Assim que passava a carruagem da bem amada Soberana, por diante das cabanas de centenaes de robustos e felizes camponezes que cultivavam aquelles campos, sabiam todos aquelles homens e mulheres carregados de fructas exquisitas, e flores as mais preciosas, e enchiam a carruagem da sua idolatrada Imperatriz, que cheia de jubilo aceitava estas singellas offrendas e lhes voltava em troca mil palavras de carinho maternal. A boa e magnanima Imperatriz confortava a todos aquelles pobres camponezes com expressões de doce benevolencia, e esses homens davam-se assim por bem pagos das suas fadigas de agricultura, com a immensa felicidade de verem quasi todos os dias aquella que, depois de Deos, elles adoravam com amor e profunda veneração.

Tendo passeado a grande soberana, em companhia de seus queridos filhos, voltava com elles para o seu Palacio, almoçava em companhia de toda sua familia; e depois entrava em seu gabinete d'Estado, e dava profunda attenção aos serios negocios do seu vasto Imperio. Foi pois d'esta sorte que educou seus filhos a grande Maria Thereza de Austria! educação tão cheia de virtudes, e tão singella como se um triste presentimento lhe tivesse annuciado a esta mulher extraordinaria, e inimitavel que alguns de seus augustos filhos morreriam no cada-falso! e outros no desterro, e desthronisados. Mas quem lhes póde ronbar a gloria de sua energica dignidade? ninguem! Se foi a infeliz Maria Anttoineta

em suas sem iguaes, e nunca vistas desgraças.... mostrou-se qual Socrates ! paciencia, resignação christã, coragem inalteravel, dignidade firme, luxo de tranquilla altivez, tudo quanto foi dignidade energica ella enfim mostrou, qual o mais heroico philosopho não teria talvez mostrado. Os tormentos e perseguições que experimentaram os grandes homens da antiga Grecia, e Roma, não excederam aos martyrios e padecimentos da Rainha martyr!... Oh ! Maria Antoineta, tu és unica até hoje na histhoria pelas tuas inexprimíveis desgraças, e amarguradas desventuras!... entretanto como direi ao depois , tua nobre irmã Carolina de Napoles, invejou tua triste sorte ! que tantas foram as humilhações que lhe fizeram os Inglezes supportar.

Carolina, Rainha de Napoles, foi a terceira filha coroada, e desgraçada, que Maria Thereza de Austria tambem edecou, e como já ácima disse a terceira victima da politica ingleza.

Destronisada do Throno de Napoles, expulsada da côrte, desterrada em Sicilia, reclusa em Castelvetrano, guardada á vista, espionada, humilhada ; Carolina em tão tristissima situação quasi prisioneira dos Inglezes, e o que mais humilhante é ainda, soffrendo tudo isto em seus proprios estados!

Cruel ideia mesmo para os indifferentes ! Mas a altiva e nobre dama respondia cheia de justo orgulho e dignidade a todas as insultadoras e humi-

lhantes proposições do enviado da Inglaterra Lord Bentinch, ella assentada em uma magnifica poltrona de velludo, alli mesmo em Castelvetro, lugar da sua reclusão, Carolina, qual Rainha poderosa e grande, tinha doce prazer de ter em pé um quarto de hora ao Enviado Extraordinario da Gram-Bretanha; colmava-o de mil amargas censuras dando-lhe o justo e bem merecido epitheto de cobarde!... pois que não adoçava com bons tratamentos os rigores que lhe fazia supportar o seu governo. Não penseis, lhe dizia ella, pouco mais ou menos, não penseis em tempo algum que uma filha da grande Maria Theresa de Austria, se humilhará á tyrannia Inglesa! afastai-vos, afastai-vos de minha presença, Lord Bentinch! a vossa pessoa (a) me é odiosa. Carolina, prisioneira, e victima dos ultrages dos Ingleses, parecia mais bem n'aquelle instante Jupiter fulminante!...

Ella via Lord Bentinch, pallido, tremulo, e possuido da convicção de sua propria fraqueza! A Rainha prisioneira levantava-se cheia de indignação e lançava sobre o Lord um destes olhares de soberano desprezo, o que é possivel sentir-se, mas não exprimir-se; e Carolina cheia de altiva dignidade lhe dizia ao seu verdugo: retirai-vos, que já não posso vos soffrer nem por um minuto mais! e depois atravessava o salão com a dignidade, e altivez de uma rainha em seu pomposo carro de trium-

(a) Lêde Carolina em Secilia, obra Italiana, interessantissima.

pho ; entrava em outra sala batendo-lhe com as portas nas faces ao Lord Inglez, que ia d'ahi a duas horas á La Ficuzza, queixar-se ao fraco Fernando, victima resignada da tyrannia Ingleza ! E Carolina de Napoles, fechada poucos minutos depois em sua triste alcova, dava um livre curso ás torrentes de lagrimas que lhe trاسبordavam do coração !... alli só, e entregue a mil tristes e enlutadas reflexões, ella até invejava o machado que tinha decepado já a cabeça de sua nobre irmã ; aquella cabeça de inexprimivel belleza que tinha sido cortada, e separada do collo de alabastro ; Carolina invejava a morte de Maria Antonieta ; que tão humilhantes eram os ultrages que lhe faziam experimentar os Inglezes. Oh ! mil vezes a morte, do que sobreviver a tanta humilhação !.... como a que a Rainha de Napoles supportou do Governo Inglez. Napoleão ; grande homem ; homem unico até aos nossos dias ! eu te achei maior, mais altivo, mais cheio de gloria, quando te vi na historia coroado com a triste e pungente corôa dos martyrios !... Como tu, grande homem, no arido rochedo de Santa Helena me pareceste maior e mais forte, do que quando assentado no Throno de S. Luiz ! tu coberto de tua immensa gloria, e do magnifico manto Imperial, não foste tão grande aos meus olhos, como quando, altivo e nobre, esmagando do teu soberano desprezo aos teus verdugos.... Ah ! foi alli que tu me pareceste immensamente grande !.... Dizei-me, senhoras, qual de entre nós outras teriam tido alma tão co-

barde para trahirmos assim a confiança da nossa mais mortal inimiga, d'aquella que entrando pelas portas da nossa sala nos tivesse dito—é á vossa protecção nobre e generosa que venho hoje entregar-me! eu e todas as almas nobres d'aquellas que só me podem bem comprehender, lhe teriamos respondido assim: Inimiga tu não és já para mim; pois que tu hoje me houras da tua confiança; sim, estás salva e guardada por mim contra todos aquelles que forem teus inimigos; confia plenamente em mim. Toda mulher de alma nobre e grande, assim se teria conduzido com sua hospede; lêde as paginas da historia pelos mais imparciaes escriptores.

CAPITULO QUARTO.

Exemplos de Mães de familia, effeitos da inveja, vantagens da primeira educação do homem dada por uma Mãe virtuosa e sabia.

As pessoas de sentimentos nobres e elevados, quasi sempre tem uma linguagem franca e expansiva, fiando-se na pureza de suas intenções, e na candura e innocencia da sua alma. Essas palavras que o vulgo póde mal interpretar, as pessoas dignas respeitarão; como verdadeiras conhecedoras da pureza com que ellas são emittidas, afastam dessas phrazes toda equivocaca, ou mal intencionada interpretação. Achei necessaria esta ligeira observação antes de passar a outros assumptos.

Eu escrevo com mão algemada!... minha pena

portanto não póde correr pelo papel, nem forte, nem sublime: e como ser sublime de energia essa penna, se ella não está livre? e sem a santa liberdade nada ha de bello, nem grandioso. N'este primeiro artigo não poderei mostrar, nem transmittir ao papel os fructos de uma longa applicação, portanto minhas ideias são mesquinhas, pois que minha penna é constrangida pela oppressão em que se acha uma mão já bem inhabil. Se eu tivesse autorisação de quem me é superior em tudo, teria grande prazer de transmittir aqui nestas pobres paginas os conhecimentos adquiridos pelo mais aturado estudo na carreira das letras. Mas assim mesmo constrangida eu escreverei estas cousas que nenhum merecimento tem, mas que para a continuação das paginas poderão offerecer e apresentar ideias mais proveitosas, sendo este artigo escripto com o fim de mostrar as vantagens que adquire a sociedade com a perfeita educação, e illustração da mulher.

Permitti-me, Senhoras, que eu vos cite aqui o exemplo de uma outra Mãe respeitavel, que sem ser filha nem neta de Imperadores foi todavia digna Mãe de um grande Imperador, de muitos Reis e Princezas, Madame Lettizia Bonaparte, viuva de Carlos Bonaparte, nobre de grande e antiga nobreza. Como se achou em uma riquissima bibliotheca da Ilha Mayorca, a qual tinha sido, e pertencido aos Illustres avós do Marquez de Monte Negro. Em um volume da preciosa revista dos dous mundos, eu

li a noticia dessa antiga nobreza ; e vi o escudo com uma grande aguia que vem na mesma pagina. A familia do grande homem era originaria de duas illustres cazas Franceza e Hespanhola.

Madame Bonaparte ficou viuva ainda muito joven, pobre e com oito filhos, a maior parte d'elles quasi na infancia. José, seu primeiro filho, Napoleão, Luciano, Luiz, Jeronymo, Eliça, Paulina e Carolina. A viuva e os filhos de Carlos Bonaparte, foram ligeiramente protegidos pelo Conde de Marbeuff, Governador de Corsega, e sua maior proteção foi a de enviar Napoleão com uma carta de forte recommendação ao Abbade de Marbeuff Bispo de Autum ; e depois a escola Militar de Briennes d'onde elle estudou.

Madame Bonaparte tinha grande espirito, e era uma excellente Mãi. Falta de recursos sim, mas ah ! o que não vence o terno amor de uma extremosa Mãi ? o que não vencem os talentos e o genio da mulher superior ? direi eu que quasi tudo vence. Lettizia entregou-se com o maior ardor á educação de seus oito filhos, e seus desvelos, e sollicitude maternal suppriram muitas e muitas faltas. Ella tinha instrucção bastante, e prendas adquiridas em sua educação ; as quaes ella transmittio á suas filhas. Economica, boa, terna para com todos, ensinou aos seus filhos que a firmeza de character, as virtudes, os talentos, e a probidade são riquezas de alto preço para todo o homem, seja qual fôr sua posição na sociedade. Virtudes reaes, e sem a mascara da infernal hypo-

crisia, peste, e flagello da boa sociedade. Ao depois, quando seus filhos todos acharam-se collocados na alta e brilhante posição em que os caprichos da fortuna os collocou, seus filhos a respeitavam profundamente, a continuaram a amar, e a ser-lhe gratos. Vede aqui oh vós outras que tendes filhos tambem ; as immensas vantagens da boa educação, e da instrucção da mulher.

Não julgueis que este verniz da juventude, e da passageira belleza tem que durar muito tempo ! tudo isto passa rapidamente, e mais depressa do que todas nós outras queremos..... os adornos, as bellezas encantadoras da mulher, que existam na sua alma nobre ! alli não soffrerão os estragos que experimentam as graças e bellezas physicas.

E a belleza, e meritos nas senhoras, é mil vezes a triste causa de suas desventuras e amargos desgostos ! ellas tem que soffrer a feroz e encarniçada perseguição da inveja da parte de umas, e a vingança de outros, cujas temerarias e audaciosas esperanças, hão sido completamente burladas ! e d'esse todo de paixões mesquinhas.... nascem ao depois as invenções vergonhosas.... as calumnias as mais revoltantes ! e que sómente mancham e desacreditam á aquelles que as inventam, e aos que se encarregam de fazer gyrar na sociedade dos seus iguaes.

A gente virtuosa e nobre, não lhes dá jamais a menor attenção, a esse genero de miserias e invenções malevolas.... porque teme manchar seus pen-

samentos, e seus labios com taes impurezas. E essas mesmas miserias, já existiram em tempos passados, e a historia antiga nos transmittiu muitos factos que em suas paginas lemos.

E os mais celebres homens, que pelas suas raras virtudes, e meritos se distinguiram, foram justamente os mais perseguidos com a inveja de uns, e a vingança de outros.

Foi pois a inveja o que dêo principio á perseguição dos Judêos contra o Salvador dos homens ! a inveja de verem um Deos homem, adornado e cheio das mais santas virtudes, e ensinando aos homens uma Doutrina tão sabia e tão cheia de maximas, pensamentos, e preceitos christãos e humanos ! a inveja de tantas virtudes, e de tanta sabedoria, enchia de raiva aos perseguidores de Jesus Christo, e lhes queimava o coração !..... Jesus Christo, porém, proseguia em sua Santa missão, e continuava a assombrar o mundo inteiro com exemplos da mais sublime virtude. Elle fazia aos homens todo o bem, sem lhe importar com sua inveja, nem perseguição ingrata e cruel. Com que dignidade, com que silenciosa serenidade o Salvador respondia á perseguição dos seus inimigos ! Com que desprezo elle os humilhava ! Sua dignidade inalteravel ; seu silencio a todas as interrogações insultadoras ; seus exemplos de grande poder, e superioridade, tudo isto augmentava o furor d'essas creaturas chamadas homens !..... tanto é verdade que as almas ignobeis não podem perdoar

as almas nobres e virtuosas, essa dignidade, essa calma inalteravel com a qual ellas mostram sua superioridade! Recorda-me agora a inveja que lhes inspirou aos Athenienses as grandes virtudes, e probidade sem igual de Aristides o justo! Quando este sabio e virtuosissimo Atheniense foi condemnado pelo Ostracismo a vinte annos de exilio, e em um d'esses dias em que se reuniam ainda os votos para o desterro do justo, chegou-se a elle um dia um homem rustico e do povo, e apresentando-lhe uma concha, lhe pediu que lhe escrevesse n'ella o seu nome, pois que elle não sabia escrever; mas queria dar tambem o seu voto, contra o mais justo e virtuoso dos Athenienses. O sabio Aristides cheio de calma, e dignidade perguntou a esse homem — Dize-me, Cidadão, o que vos tem feito de mal Aristides, que assim quereis augmentar com teu voto os votos que se reúnem para o seu desterro? O Plebeu, que não conhecia ao grande homem com quem fallava, respondeu-lhe assim:— Cidadão, Aristides não me tem feito o menor mal, nem o conheço, nem nunca o vi, mas não posso tolerar com paciencia que lhe chamem o justo! Com quem era que fallava esse homem? com o mesmo Aristides!

Julgai pois dos infernaes effeitos da inveja!.... D'este vicio, que habita só nas almas mesquinhas e sem a menor boa qualidade.

O precioso livro de que já acima fallei, a imitação de Jesus Christo, está traduzido em todas as

linguas, e até o está na lingua Turca e Chinezã. Julgai pois da preciosidade e riqueza d'esta obra, de sem igual valor, e sabedoria.

Continuarei a tratar do bello sexo da nossa America, eu me interesso por elle, e desejarei que algum dia elle brilhe assim como as Senhoras Europeas:

Eu me refiro áquellas Senhoras que se hão dedicado a cultivar as Letras, a Poesia, e as Artes ; porque só estas prendas, meritos, virtudes, e raros talentos é o que as vão collocar no lugar de eminente superioridade acima das mulheres ignorantes, e sem virtudes, e meritos positivos.

Não penseis, nem vos passe pela cabeça um só instante, que a mulher pelo simples titulo de mulher valha a menor cousa ! não, e mil vezes não. A mulher com uma alma sensível, um coração humano e excellente, educação perfeita, sentimentos nobillissimos, altiva dignidade, virtudes e talentos, torna-se o mais precioso e brilhante exmalte da Natureza inteira ! a mais encantadora e luxosa gala da sociedade. Eis aqui a mulher diante da qual fuma o turibulo das respeitosas homenagens, do acatamento profundo d'aquelles que a conhecem bem, para respeitál-a melhor.

E' diante d'essa mulher, superior em tudo ás outras, que os homens de esphera, e grandes meritos se inclinam respeitosos ! é diante da virtude, e do genio que o homem inclina sua nobre cabeça ! não é, não, diante da simples mulher despida de Santas virtudes e nobres qualidades; porque

uma tal creatura nada vale em summa. O que vale um homem sem virtudes, sem um coração bem formado, sem fina educação, sem raros talentos, sem nobres e brilhantes qualidades moraes? Nada! Seja elle muito embora mais bello que o Apollo de Belvedere, ou o lindo Antinus. O homem ou mulher vulgares sem os preciosos dotes já acima mencionados, ficam sendo milhares de vezes, só o flagello da boa sociedade. Jamais foi na sociedade um adorno, o homem ou a mulher maus! Bem pelo contrario, essas creaturas... são flagellos dados ao mundo! E como tal elles são considerados pelas pessoas de virtudes, e qualidades nobres; que tem a inexprimel desgraça de soffrel-os. Basta ver o triste exemplo da perseguição que os homens fizeram a Jesus Christo, e a recompensa que elles deram ao mais Santo e virtuoso dos Prophetas que até então lhes tinha apparecido. Logo o homem, e a mulher não são nada por si sós, e pelos simples nomes do sexo! ambas estas creaturas adornadas de virtudes, educação perfeita, talentos e meritos reaes, e positivos, tornam-se aos nossos olhos a mais rica producção do Divino Creador da natureza. Crede-me, porque estas expressões, simples, e sem a menor affectação, nem pretensão de querer mostrar sabedoria, são sómente filhas da triste experiencia das cousas humanas.

Se por ventura a educação da mulher fosse boa, virtuosa, e acompanhada de instrucção, os homens seriam melhores do que elles não o são! por que a

Mãi perfeitamente bem educada daria ella mesma aos seus filhos uma excellente educação, e esta primeira educação, é a que o homem recebe com forte impressão na sua alma. Que energia, que grande poder não tem a linguagem persuasiva de uma Mãi respeitavel, nos corações de seus filhos, que a escutam com profunda attenção! Que entonação doce, e persuasiva não dá ella á sua voz quando nos repete por exemplo as maximas do Sabio, ou os preciosos psalmos de David perseguido e fugitivo! tudo quanto nos diz e ensina nossa Mãi desde a infancia, nos fica para sempre gravado no pensamento, na alma, no coração!

Oh! sublime religião! Oh balsamo precioso e salutifero das ulceras do coração!... Como tu, oh Divina doutrina do Salvador dos homens, nos das forças ácima da humanidade para soffrermos a perversidade dos máus!... a perseguição encarnicada da inveja!... d'esse vicio só abrigado nos corações perversos, e despidos de toda virtude e merecimentos; e que foi o primeiro vicio que fez derramar o primeiro sangue humano no mundo! o primeiro crime, foi commettido entre os homens pelo negro vicio—inveja.

Caim, esse irmão invejoso e perverso, que matou seu lindo irmão Abel, só porque este era bom, excellente, e o bem amado de seus Pais! Vêde, vêde os effeitos da inveja, já entre os primeiros habitantes da terra! E o que não deprime, e não humilha a inveja? Tudo o que é nobre, virtuoso,

grande, sublime. Quem sabe apreciar o merito e as virtudes? aquelles que tambem as possuem! Esses respeitam as pessoas de altos merccimentos porque elles sabem avaliar bem os quilates de tão preciosas riquezas. A base da educação moral é incontestavelmente, e deve ser sempre a religião! sem ella não penseis jamais que o homem possa ser bom, sensível, humano, probo, honrado! Não, Senhoras. O homem, e a mulher, que não temem aos dois supremos juizes,—Deos, e a consciencia—não serão na sociedade senão flagellos! entretanto que o homem, e a mulher bons, humanos, sensiveis, jamais farão aos outros um mal que os deverá atormentar e pungil-os! São pensamentos que a sensibilidade do coração da mulher transmite á mente, mesmo a menos illuminada. Os homens tem os talentos em partilha, e nós outras que somos condemnadas á estupidez e ás trevas da ignorancia, reservamo-nos tão sómente á suprema felicidade de sabermos ser boas. O homem já por sua natureza é menos grato, e menos sensível que a mulher, boa e terna em seus sentimentos.

A religião nos dá forças ácima da humanidade para soffrermos as mais negras calumnias contra nós inventadas!... O homem perverso não sabe como hade fazer mal ao objecto de sua perseguição; e não tendo razão, nem verdade contra a infeliz victima de seus crimes, lança mão dessa vil arma — a calumnia! sim, porque a pessoa virtuosa, e a todos os titulos respeitavel, é necessario

calumnial-a para deprimil-a ! o perverso é quasi sempre enganado em seus infernaes planos de combinações, e machinações criminosas !... o homem, ou a Senhora realmente virtuosos, e adornados de talentos, tem a doce consolação de appoiarem-se na sua consciencia e confiarem-se a Deos ! unicos, juizes que deveremos attender, respeitar e temer. O juizo dos homens é falso, e de nenhum valor ; pois que quasi sempre parte esse juizo falso e temerario, de homens compostos de paixões, e caprichos iguaes ás suas inclinações.

O homem ou a mulher perversos accendem o facho da infernal discordia entre todos os que se amam ; lançam mão das calumnias, espalham-nas pela sociedade, e essa gira entre a gente que não sabe nem apreciar, nem avaliar os subidos quilates da honra, nem o alto preço da sagrada reputação ! e como poderem avaliar os altos quilates de uma joia, de uma riqueza que jámais elles, nem possuiram ? como avaliar o merecimento, os talentos, as virtudes de outros homens ; se elles nada d'isso conhecem, nem possuiram em sua vida ? é impossivel, que o homem cheio de paixões, de vicios vergonhosos, sympathisar possa para com um outro composto de virtudes ! Tudo se ligará no mundo, menos a virtude com o vicio... se ligará e unirá tudo na sociedade ; menos porém a virtude com o crime !... eu juro desde já que só isto não, não terá liga nem união.

Da calumnia infernal o Divino Mestre nos deu os

sagrados exemplos para sabel-a desprezar bastante !.. não foi elle tão barbaramente calumniado ? o que fez Jesus Christo para responder, ou destruir essas negras calumnias inventadas contra Elle pelos homens ? despregou novas virtudes, e até então não conhecidas ! fez mais milagres do que tinha apresentado aos invejosos que o perseguiram ; porque não o podiam imitar ! Mostrou-se cada dia mais tranquillo e sereno, redobrava Sua dignidade, e altiva nobre magestade respirava em Seu semblante Divino ; e todo Seu porte, e maneiras, eram as do immenso poder, e superioridade ácima dos Reis, e Imperadores da terra.

Deos não se vingou dos homens, não ! desprezava-os e os lastimava cada vez mais. Vêde aqui como Deos respondia aos homens que o perseguiam ; e que já lhe tinham preparado toda sorte de flagellação, pelos immensos beneficios que Elle lhes tinha feito ! e esta perseguição era só motivada pela feroz inveja de verem a Esse homem Deos cheio de inimitaveis virtudes, poder, e superioridade que lhes ralava o coração, e lhes queimava o sangue. E' tão forte, Senhoras, o appoio da Santa religião de Jesus Christo ; que reclinados sobre elle achamos conforto para tudo soffrermos com heroica coragem !... a mesma elevação da nossa alma nos dá dignidade inabalavel para não respondermos á gente que nos provoca, e flagella a existencia.

Mas o homem ou mulher que tem uma alma bem

formada, comprehende perfeitamente bem as dores de um outro coração. E como deixarão de ser bons para com seus semelhantes, aquelles que possuirem sentimentos humanos, ternos, caritativos? que teme um Deos que o hade premiar; ou bem castigar lá no Reino da verdade! Oh! foi a hora suprema da morte que o maior impio extremeceu!... E' na hora suprema da morte que o homem ou a mulher perversos conhecerão enfim que ha premio e castigo. O maior impio de entre os homens de esphera superior, foi Voltaire! esse homem impio sem igual de entre os impios do seu seculo! mas esse mesmo homem que tanto luxó teve em ridicularisar os mysterios da Santa religião, esse homem, digo, apóssou-se de um terror panico!... quando approximou-se d'elle a morte que o surprehendera. Voltaire pedio o Vigario de S. Sulpicio para ouvir sua confissão e receber a prova evidente do seu arrependimento, e contricção! Ai! o misero nem se quer teve a doce felicidade de receber uma só frase de consolação Christã! morreu sem confissão, e sem consolação! pobre Voltaire que lástima que elle fosse impio! quantas preciosas qualidades moraes elle possuia entretanto! mas não tinha religião, não temia a Deos eis aqui a causa da sua perdição.

Com a sublime base da religião, a educação do homem deverá necessariamente de ser boa, e este mesmo homem torna-se amado, respeitado, idola trado dos seus e da sociedade inteira.

Como pois é verdade que só a verdadeira religião

de Deos é a que faz o homem bom, tratai de fazer-lhes sentir horror aos vossos filhos da hypocrisia ! essa mascara de bonitas côres, e de apparencias enganadoras, e com a qual se disfarçam todas as coisas más, e as qualidades moraes que envergonham mesmo no silencio, á aquelles que as encerram dentro d'alma. Os filhos que são criados, e educados por Mães virtuosas, e sabias ; são habilmente estudados por ellas em suas indoles, inclinações, sentimentos, e costumes ; para os corrigirem a tempo, e destruirerem o germen das más qualidades n'aquelles corações ainda na infancia.

Qual será o preceptor tão desvellado, tão virtuoso, habil, e bom amigo do seu discipulo que possa com seus desvellos, e attenta vigilancia, igualar ao amor de uma extremosa, respeitavel, e sabia mãe, para dirigir a esse joven homem na carreira da vida ? O pensamento da mãe virtuosa, e discreta, lê, profundiza, prescruta os sentimentos dos corações de seus filhos ! quando elles brincam, e riem descuidados, aquella que lhes deu a existencia os está attentamente estudando ! n'aquelles instantes de innocente ventura ; a mãe extremosa está fazendo um estudo para saber, e conhecer d'onde se esconde a chave dos segredos que se encerram n'aquellas organizações moraes. Essa mãe deseja necessariamente, que cada um d'esses filhos queridos, sejam depois de adultos, o precioso exmalte da boa sociedade ; e que n'ella brilhem pelo esplendor de suas virtudes verdadeiras, e não

falsas! de seus talentos, e meritos uteis á patria; e isso em qualquer posição em que Deos, ou bem os caprichos da fortuna os vá collocar.

As senhoras de virtude, e talentos, conhecem, e tem ao seu dispôr a doce, e perfumada linguagem da irresistivel persuasão para imperarem sobre o espirito do homem, senhor da sua vontade e caprichos! Como pois não deverão ellas dominar sobre o espirito e coração do homem infante? essas mulheres esposas, e mãis representam um papel bem distincto na sociedade, como as educadoras dos homens, que depois lhes darão gloria, e um justo orgulho, se é que o devemos sentir em cousa alguma! Entre as muitas, e virtuosas mãis de familia, foi uma dellas a celebre Marqueza de Sevigné, que d'entre mil damas Francezas de virtudes, talentos, e extraordinario espirito, mais brilhou na epocha da maior riqueza intellectual em França.

Como mãi ella foi extremosissima, e até e delirio! victima por fim do seu delirante amor maternal! funesta herança que transmittiu á sua nobre filha a Condessa de Gringan. Seus filhos receberam em herança, além da fortuna, virtudes, talentos, espirito, e muitas das nobres qualidades que adornavam a bella alma da Marqueza de Sevigné. Os homens enganam-se completamente em seus pensamentos, de que a mulher deverá ser condemnada á estupidéz, para assim ser melhor! As virtudes aperfeiçoam, e elevam a nossa alma! Os talentos, e o cultivo do espirito elevam os nossas pensamentos, dão altivez e superioridade ao nosso caracter, digni-

dade, e força ao nosso espirito; e tudo isso uma mãe hade necessariamente transmittir aos seus filhos. No cultivo das letras lemos, e aprendemos aquella doutrina que por ventura não receberamos em nossa educação moral. A dissipação, a ociosidade, o tempo perdido de uma senhora, a vai entretendo, e alimentando na ignorancia, que por fim ella ama; e assim cada dia vale menos aos olhos, e na opinião d'aquelles, que de perto a contemplam para sabel-a, e podel-a bem avaliar em seus justos quilates. Os talentos, unidos ás virtudes solidas, dão tão grande merecimento áquellas, que deverão algum dia ser esposas, e mãis dos homens! Suas mentes, illuminadas pelo fogo Divino da intelligencia, farão conhecer á mulher o sancto e digno papel, que tem de representar na carreira da vida, quer como esposa, quer como mãe! e ficará conhecendo que a sabedoria nos conduz á virtude, se não podemos chegar á gloria! bem que para mim essa riqueza é um nome vão, e despedido de fundamento; e que quasi sempre offusca a razão do homem sem positivos meritos, nem virtudes; porque aquelle, que é grande pelo seu espirito, conhecerá bem que o senhor da mais resplandecente gloria humana não é digno de assentar-se nos degraus do throno da virtude! a gloria verdadeira consiste em merecel-a pela possessão das mais positivas virtudes e meritos.

Sim, dessas virtudes que são superiores aos crimes, e machinações dos inimigos! o crime mancha só ao criminoso! ... poderá perseguir a virtude,

porém mancha-la! oh nunca! essa é superior a tudo, e approxima-se da divindade.

O Omnipotente quando formou o homem com todas as riquezas de infinito valor, como são a immortalidade da alma, a soberana razão, as virtudes e as paixões, acompanhadas essas de fortes e vehementes emoções, bem sabia que era essa a sua obra prima d'entre todas as que tinha formado, e nós outros, se fossemos gratos e bons, deveríamos dar ao Altissimo demonstrações de gratidão por todas essas riquezas e primores, que em dote nos outorgou tão generosamente; com um excesso de virtudes, e bondades para com os nossos semelhantes! Deos nada recebe dos homens, e nada d'elles precisa para augmentar o seu poder e grandeza! quer só que nos amemos e protejamos uns aos outros na carreira da vida.

Eduardo Young chama ao Altissimo—o amigo dos homens! — e nem poderia o Poeta inglez ter dado nome mais proprio e verdadeiro a essa Essencia divina e indifinivel em Sua magestade, gloria, e clemencia! qual o pai bom, e extremamente virtuoso e justo, que aconselha, e pede a seus filhos que se amem entre si— tal o Salvador dos homens nos pediu, ou para melhor dizer, nos ordenou em sua sabia e santa doutrina! deveremos pois comprehender que aquelles, que mais sabem amar aos seus semelhantes, são justamente os homens mais virtuosos observadores dos preceitos de Deos.

Na imitação de Jesus Christo por Thomaz A. Quenpez, acha-se uma gravura, que entre mil outras chama minha attenção; essa representa o Samari-

tano que, vindo da cidade de Samaria, encontra na estrada um pobre homem estranho para elle, e ferido mortalmente! o Samaritano approximou-se d'elle, prestou-lhe todos os auxilios da charidade, e da religião, sem lhe perguntar quem era, nem a que religião pertencia! eis aqui o homem que comprehendeu melhor os mandados de Deos! esse que estende ao seu semelhante desgraçado a mão, e o levanta do chão.

Além do indifinivel prazer de protegermos aos nossos proximos em sua penuria, é uma homenagem respeitosa para com a Divindade! Se a nossa protecção for dada ao infortunio, acompanhado de talentos, que gloria deveremos ter da gloria futura d'esse homem! que doce consolação sente a nossa alma de vermos feliz e prospero ao homem que encontramos na miseria, e no abandono! O que teriam sido Cisneros, e Ganganelly sem a protecção, que lhes foi dada por almas nobres e elevadas? nada! teriam morrido na humilde escuridão dos seus conventos, sem gloria e sem nome.

A protecção ennobrece a nossa alma! Cooperarmos para a felicidade, e gloria de outrem, é já para nós mesmos um grande bem.

E' necessario que o homem seja formado em seu moral desde a sua infancia, assim como o jardineiro desvellado, que cuida de indireitar a haste e galhos das flores e arbustos, quando essas hastes de mimosas flores querem tomar uma caprichosa e tortuosa direcção, opposta em tudo ao que seu Agricultor quer. A mulher é pois destinada a ins-

pirar ao homem, e desde a infancia, os mais nobres e altivos sentimentos, e a elevar-lhe a mente até á superioridade, e o grandioso em tudo! a mulher, que assim formar seus filhos, fará á sociedade um dos maiores serviços! essa comprehenderá melhor os santos e doces deveres da maternidade.

A mãe, que educar os seus filhos com todos os sentimentos da humanidade e delicadeza, formará n'esses filhos, esposos, que hão de ser amados com a maior ternura! porque esses homens saberão tratar seus esposas com humanidade e delicadeza, sem comtudo sugeitarem-se a loucos caprichos, nem exigencias inconsideradas da parte d'ellas. A superioridade do marido que seja em todo tempo adoçada pela delicada amizade e attentões de um fino amigo! a tyrannia dura, e rigorosa, affasta! azeda o coração!... amargura e envenena a existencia!.. mas a tyrannia adoçada por bons tratamentos, e acompanhada de palavras de consoladora amizade, é qual a taça do remedio amargoso, adocicado com ternas phrases de raciocinios eloquentes e perfumados de meiga insinuação, aos quaes o enfermo mais pertinaz resistir não pôde! vejo claramente que se os homens de todas as nações do mundo não são melhores do que são realmente, quasi que não são elles os culpados! mas sim a mulher mãe, que lhe formou o coração! A mulher irmã, e esposa que não lhe deu constantemente bons conselhos, e não lhe fez amar a virtude e a dignidade.

Todo o pai de familia, que amar seus filhos, de-

verá dar-lhes a ler os livros mais religiosos e cheios de pensamentos de virtuosa moral, que lhes formem o espirito e o coração; e d'entre esses, os Conselhos de Cicero ao seu filho, e o Telemaco, do virtuosissimo Fenelon! essa obra cheia de preciosa e santa sabedoria.

Elle em cada phrase d'esse inimitavel livro fere as cordas da alma! e quanta verdade em sua linguagem, quando recommenda que sejam os homens estudados no interior de suas cazas, e não nas praças publicas, onde todos estão cobertos com a mascara da hypocrisia, e com as falsas exterioridades de fementidos adornos moraes!... O sabio francez aprendeu a conhecer os homens no seculo da maior corrupção, e o que mais é no palacio do Rei mais incensado com o turibulo do fementido... e perigoso perfume da adulação!... ea esse flagello dos Principes deu o insigne poeta francez J. Racine em uma de suas mais preciosas tragedias, estes energicos, e inimitaveis versos:

Détestables flatteurs, présent le plus funeste
Que puisse faire aux rois la colére céleste!

(J. RACINE, PHEDRE, ACTE IV. SCENE VI)

Fenelon! tu, meu querido predilecto, d'entre todos os grandes escriptores Theologos da França! De tantos genios de vastissimos conhecimentos como brilharam sempre n'essa illustrada Athenas da França; já na brilhantissima Côrte de Luiz XIV já na do Regente Philippe Luiz de Orleans, que tanto protegeu as letras, e as Artes: d'entre tantos genios

eu escolhi como objecto de veneração e admiração ao Sabio Fenelon: eu o prefiro ao eloquente Bourdaloue Massillon, Bossuet, Fléchier e mil outros Sabios, que foram a gloria da Igreja e o esplendor da França.

Todos esses grandes oradores Sagrados tinham vastissima erudição, eloquencia de Cicero e Demosthenes, e infatigavel constancia para tão pezada tarefa, qual é a de ensinar, e doutrinarem aos Principes, e aos homens em geral; muito principalmente nos seculos da corrupção... e da incredulidade.

Mas aquelle que d'entre tantos Sabios tinha uma exquisita sensibilidade, e nimia humanidade, era o grande Fenelon! quem foi aquelle que o imitou em terna e santa charidade Christã? Oh! ninguem.

Lendo ha pouco tempo as preciosas conferencias do Padre Henrique Domingos La Cordaire, nosso contemporaneo, acho em seus sentimentos grande semelhança com Fenelon! sua alma exprime a mesma ternura! a mesma perfumada suavidade em sua doce linguagem Christã; e as flores de eloquencia não são menos bellas, nem menos ricas.

Fenelon e La Cordaire foram formados por Deos para doutrinarem aos homens com a doçura da persuasão, linguagem a que o homem não póde resistir, e que eu comparo ás lagrimas de uma Mãe! porque as lagrimas de uma Mãe vem destruir e lançar por terra nossas mais firmes resoluções!... que poder não tem em nossas almas uma Mãe! um só suspiro que ella exhala pela nossa cauza, já elle abala fortemente a nossa alma!

Lembra-me n'este mesmo instante, e no correr da penna, a linda e justa resposta que deu o grande Alexandre ao seu amigo Parmenião, quando lhe disse: tu me aconselhas que eu seja insensível ás lagrimas de Olympa minha Mãe? Ah! Parmenião, tu não conheces a força e o poder que tem em nossa alma as lagrimas de uma Mãe! Olympa chorou, e o conquistador não pôde resistir.

Mostrado está já, Senhoras, o immenso poder de uma Mãe respeitavel nos corações que forma por uma santa e virtuosa educação.

Na historia Romana já vos apresentei Veturia, Mãe do grande Coriollano! na historia da Macedonia Olympa, Mãe do grande conquistador! Alexandre não podia resistir ás lagrimas da sua Mãe; nem Coriollano ás supplicas da celebre Romana, que se immortalisou salvando a Patria, bem que perdendo seu unico filho.

Dai a lêr aos vossos filhos e filhas, as sentenças do Sabio, os Psalmos de David, perseguido e fugitivo. Esta primeira leitura lhes ficará gravada para sempre no coração, na alma, no pensamento; e elles serão bons filhos, esposos, pais, e amigos excellentes, e leaes.

Inspirai-lhes horror pela falsidade, perfidia, e deslealdade! a ingratição que lhes faça arripiar as carnes e inspirar-lhes tanto horror, como a negra traição! que sejam bons e humanos para com todos os padecimentos de seus semelhantes, e que lastimem e comprehendam bem todas as dores

do coração de seus proximos!... ensinai-lhes até a lastimar a perversidade dos seus proprios inimigos.

Depois, dai-lhes a lêr est'outras obras preciosas, Theodoro e Adella.

CAPITULO SETIMO.

Theodoro e Adella, obra de grande merecimento, e preciosa, que a celebre Condessa de Gemeleins compoz para a educação dos Principes da casa de Orleans, que ella educou. As obras desta Authora todas são da mais perfeita moralidade, e lindas, e seus contos moraes, ou seus castellos, são interessantissimos. Sua obra prima para mim, depois de Theodoro e Adella, é a sua Duqueza de La Vallière! O Imperador Napoleão leu esta obra de inestimavel valor, leu-a chorando, e a soluçar desde a primeira até á ultima pagina (segundo o diz Elisabet de Bon); dai a lêr aos vossos filhos, Senhoras, estas preciosas obras que eu aqui vou indicar: A vida de Frei Bartholomeu dos Martyres, Arcebispo de Braga, obra classica Portugueza de grande merito, e preciosa moral.

As obras de D. Francisco Manoel, Classico Portuguez; é deste Author a Guia dos Casados; é muito bella obra. Os Martyres de Chateaubriand, traduzidos por Francisco Manoel do Nascimento (o bom Filynto) os estudos da Natureza pelo virtuoso, e meigo Bernardin de Saint-Pierre. O Telemaco do immortal Fenelon; as Harmonias da Natureza, por Charles Nodier; as cartas de Dupaty sobre a Italia, Corina

ou a Italia pela sem igual e boa Madame de Stael; Hollstein, sua Allemanha, e sua Delfina.

Viagens á Grecia, do joven Anacharsis, por Mr. Bartholomeu. Do ingrato J. J. Rousseau, só o seu Emilio. De Voltaire só o seu magnifico Theatro! e nada mais d'esse desgraçado impio. Dai-lhes a lér a preciosa obra de Silvio Pellico intitulada — *Le mie Prigioni* — os meus carceres — esta obra por si só já è um profundissimo estudo das miserias da humanidade!... e do nada, que valem as cousas d'este mundo de vaidade, de illusões, de enganos... e puras falsidades...

As obras da Duqueza de Abrantes são preciosas, e de uma ternura inexprimivel! são bellas, interessantes, e cheias de graça: duas obras porém d'essa Dama, nõ meu entender, a cobrem de opprobrio em sua memoria! e lhe fizeram perder no meu conceito muito do seu merecimento, já como escriptora, já como Senhora. E essas reprovadas alta, e justamente, são a vida da Imperatriz Catharina da Russia, e a viagem da Duqueza a Lisboa, como esposa do Embaixador Francez. Essas duas obras por ella compostas foram como uma columna de fumo passando pelo brilhante esplendor da celebre escriptora! foi só a ella que cobriram de opprobrio essas tristes confissões, que ella faz da vida privada de duas Soberanas, que ainda hoje tem seus Augustos nettos assentados nos thronos da Europa. Acho que uma Senhora não deve manchar-se com a

vergonha de mostrar aos olhos do mundo as faltas occultas de ninguem, muito menos quando essas pertencam ás pessoas do seu sexo.

A penna da mulher virtuosa, delicadá, e humana, deverá ser indulgente e toda ella mostrar a verdade dos sentimentos charitativos, que pertencem tão dignamente á mulher nobre, e respeitavel. Não descubras as faltas que souberes de outrem! e muito mais, Senhoras, quando essas pessoas não nos tenham feito o menor mal! Essas duas vidas dessas duas Soberanas da Europa, de quem a Duqueza de Abrantes entreteve-se tanto na preparação da infernal, envenenada tinta com que as pintou!... opprobrio eterno sobre a memoria da Autora de tão hediondos retratos.

Acho que os meninos, desde a idade de doze annos, já podem hir dedicando tres horas de leitura por dia, á leitura de todas estas obras interessantes, e de mil outras preciosas, que se acham na litteratura escolhida de todas as nações cultas do mundo civilisado. Assim com esta instrucção que vão adquirindo ao lado de suas instruidas, e respeitaveis Mães, vão tambem desde a infancia aprendendo a soffrer, e a avaliarem os soffrimentos do seu proximo. Sim, elles sentirão horror de serem máos, e perversos com seus semelhantes; e tudo farão para não os imitar em nada, nem em tempo algum. Senhoras fazei sentir aos vossos filhos, que a suprema felicidade de sermos bons, humanos, sensiveis, e virtuosos

é a riqueza a mais preciosa do orbe. Ensinai-lhes que é tão doce o sermos amados, e respeitados pela boa sociedade, como nos devem ser inteiramente indifferentes os elogios, ou vituperios da gente maldizente, má, e perversa.

Dai-lhes a lêr, entre os livros que acima vos citei, mais estas obras de inestimavel valor, e hoje sumamente raras. As celebres, energicas, e patriotas cartas do Marquez de Pombal a Lord Chathan, Pai de Guilherme Pitt. N'essas cartas de sublime energia brilha a força de caracter do grande homem de Estado, firme, e corajoso, qual nenhum outro do Reino de Portugal! brilha n'ellas o fogo do amor da Patria, que defendeu com tanta dignidade nacional! Oh! obra de sublime energia!

As preciosas cartas de Ganganelli, Clemente XIV, obra bellissima.

As cartas do grande Imperador Marco Aurelio ao seu mestre Marcos-Cahius-Frontam. Estas são hoje rarissimas! estão em Latim, Grego. e Francez.

A linguagem de Marco Aurelio é tão doce, tão terna, tão perfumada, que é impossivel que o amante o mais rendido e apaixonado o posso igualar! elle dirigia-se ao seu idolatrado Mestre! e muitas de essas cartas principiam assim: — Oh tu luz dos meus olhos, alma de minha vida! e todo seu estylo é assim cheio de inimitavel ternura.

Thomaz Payne é um dos meus Authores predilectos! Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriand de-

pois d'elle. Dos Poetas Francezes eu amo como Poeta a Mr. de Voltaire. Racine em seu magnifico Theatro.

André Chenier e Colardeau, dos Poetas Inglezes o grande Milton no seu pomposo Paraiso-perdido. Alexandre Poppe, Lord Byron, Hervey em seus passeios, ou meditações nos Tumulos ! Oh ! quanto eu amo com enthusiasmo essas meditações nos Tumulos!... No fim, que tem alli as vaidades todas dos loucos humanos, que tão ligeiramente se conduzem, no rapido tempo da vida. Porém o Poeta Inglez, meu predilecto que eu comprchendo, que amo e respeito, é o sensivel Eduardo Young, Poeta da minha profunda sympathia! que eu altamente venero ! as suas noites sentimentaes e de repassada tristeza.... são para o meu coração hymnos de sublime harmonia!... Poeta sublime e desgraçado ! eu te sei bem amar, já pela triste sympathia dos nossos padecimentos da alma, já pela igualdade que ha nos sentimentos dos nossos corações.

Dos celebres Poetas da antiga Italia, Torquato Tasso é aquelle que eu prefiro ! a delicadeza e ternura da sua alma ; a sublimidade do seu modo de amar e sentir ; e sobre tudo suas desgraças, que tanto o immortalisaram, a par dos seus talentos, m'o fizeram preferir mesmo ao sublime Petrarcha.

Sim, porque a minha alma sempre sente-se inclinada para aquelles, que mais têm soffrido no naufragio tempestuoso da vida.

E tanto isto é assim, que as pessoas que mais hão

merecido meus desvellos, compaixão, e charidade Christã hão sido sempre aquellas mais perseguidas, abandonadas de todos, e mais desgraçadas! Deos me comprehende bem esta linguagem silenciosa e occulta do coração.

Se S. João de Deos, Santo Agostinho, Frei Bartholomeu dos Martyres, e Fenelon, vivessem hoje, elles me comprehenderiam demasiado na pureza e ardor dos meus piedosos sentimentos Christãos. Basta-me porém Deos e a minha Consciencia.

Faz apenas seis mezes que uma respeitabilissima Senhora (Madame de Walestein) me emprestou, do Gabinete de seu finado Esposo, uma obra preciosa por todos os titulos, e que eu tenho altamente sabido apreciar em seus justos quilates. Eu li esta obra com profunda meditação! dei-lhe plena attenção! tão sublime de verdade, e dignidade é toda ella. Essa obra são as Memorias de um homem, virtuoso, leal, probo, grato, e Cavalheiro! esse philosopho consummado em sua paciencia, energia, e dignidade, guardou um silencio profundo contra as injurias e ignominiosas calumnias espalhadas contra elle, e que giraram pelo longo espaço de vinte e dous annos por toda a vasta Europa e America. Mas esse grande homem, esse philosopho consummado, esse homem grato, tinha dado ao seu Soberano, Protector e Amigo um juramento sagrado!... seu Soberano, em um momento solemne de dôr profunda, lhe tinha arrancado esse terrivel e dolorosissimo juramento!... Oh! esse grande ho-

mem que pelo espaço de vinte e dous eternos... annos, ouviu, e leu contra elle as mais torpes e injuriosas calumnias tinha em sua secretária e em seu poder os documentos da sua justificação! da sua lealdade! da sua honra e consummada probidade. Elle queria, ardia, desejava justificar-se e defender-se perante o mundo; mas esse homem era grato até o **Enthusiasmo!** leal, Cavalheiro, religioso e nobre! o juramento que seu Soberano, Protector e Amigo, lhe tinha arrancado, o condemnava ao profundo silencio!... Oh! inexprimivel supplicio! peor que o supplicio de Tantaló!... que o de Prometteu e o das Danaydes!... Esse homem por toda a Europa calumniado, desacreditado... deshonorado, ridicularizado até pelos Encyclopedistas Francezes, que nem o conheciam! esse digno e respeitavel homem emfim appoiava-se na convicção da sua consciencia! da sua innocencia! das immensas virtudes, que o deveriam acompanhar até o Tumulo.

Socrates, esse Semi-Deos da Assembléa dos philosophos Gregos, o teria admirado, amado e respeitado, se este respeitavel homem tivesse sido do seu tempo.

Eu fallo aqui das Memorias de D. Manoel de Godoy, Principe de La Paz! philosopho tão cheio de virtudes, clemente, humano, nobre, e Cavalheiro, no tempo do esplendor de sua gloria e poderio! tão paciente, resignado, igual e submisso no tempo de sua miseria, e exilio, mostrou-se sempre como quem era! um grande homem, emfim.

Por longos annos o Principe de La Paz comeu as

migalhas da mesa do seu Augusto Soberano des-thronizado; e como elle tambem gemendo na Terra do Exilio! durante todo esse tempo de mais de vinte e dous annos, o Principe viveu modestamente e sem o menor apparatus, bem que sua esposa como Prin-ceza do Sangue Real de Hespanha gastasse grande fausto contra toda sua dignidade e a de seu respeitavel Esposo, pois que esse luxo era sustentado pela rica generosidade de uma pensão, que lhe passavam alguns ricos capitalistas Hespanhóes estabe-lecidos em Paris, e que respeitaram, e altamente souberam apreciar as grandes virtudes, e leal-dade d'esse homem tão cheio de preciosas quali-dades e meritos. Leiam-se essas Memorias de D. Manoel de Godoy, depois Principe de La Paz, e n'ellas se verá o estylo nobre, e cheio da digni-dade da consciencia tranquilla, do homem verda-deiramente probo e virtuoso. Deos, e o tempo, é quem nos vinga! Senhoras, dai aos vossos filhos uma boa e Religiosa Educação, pois já vos appre-sentei aqui mais um exemplo de um homem, que tanto figurou na alta posição que occupou na brilhante côrte de Carlos IV, Rei de Hespa-nha, para ir morrer ao depois na terra do exilio comendo migalhas dadas por mãos piedosas. Ensi-nai aos vossos filhos que tenham horror da ingrati-dão, e que jamais sejam ingratos aos seus bemfei-tores, e mesmo para com todos aquelles, que lhes tributarem o menor beneficio e obsequio. Ah! o homem ou a mulher ingratos serão em tudo máos!

a ingratição é a mais negra, e vil das más qualidades da alma. O grande Julio Cezar quando foi atacado no Senado Romano por dez punhaes inimigos, oppoz a maior coragem, e resistencia ao furor da inveja dos seus adversarios ! a inveja e a ambição guiaram tão sómente esses punhaes inimigos contra o grande homem, glorias de Roma ! Cezar debateu-se corajosamente contra dez furiosos cobardes, assassinos ! elle defendeu-se cheio de energia, e brio Romano, mas quando Bruto, seu idolatrado protegido, approximou-se d'elle com o punhal alçado para ferir ao seu protector ! a seu Pai !.. oh ! então Cezar apenas teve tempo para lhe dizer a esse feroz e ingrato Romano : — e tu tambem, Bruto, vens contra mim ? tu tambem contra mim, meu filho !... Cezar pôde resistir corajosamente contra dez punhaes de inimigos ! mas ao ver alçado contra elle o braço de seu protegido, do seu filho querido ! Cezar perdeu força e coragem ! elle empallideceu !... Cobriu-se o rosto com o manto, dobrou a cabeça sobre o peito e deixou-se tranquillamente apunhalar ! sim, porque o punhal que nos crava no coração a mão d'aquelle que julgavamos nosso melhor amigo, é justamente o punhal que doe e dilacera o coração. Somos indifferentes aos golpes que sobre nossa cabeça descarregam os nossos inimigos ! é mesmo da nossa dignidade mostrar-nos altivos, e superiores a tudo isso ; porque o que poderemos esperar de bom de um coração inimigo do qual trasborda o veneno ?... de um inimigo, tudo nos

deverá achar cheios de altiva indifferença e insensíveis. A Ingratidão é a qualidade má que mais opprobrio descarrega sobre aquelle que a encerra em seu peito ! mas qual é aquella pessoa que tendo virtudes, possa perder a feliz occasião de praticar o bem, só por que já fez mil ingratos com seus nobres, e generosos benefícios ? a virtude brilha mais acrizolada ; e quanto maiores são os nossos sacrificios para com aquelles que nem mesmo os merecem, mas que os precisam para a sua felicidade ; tanto maior deverá de ser o nosso prazer ! sabemos bem já que o nosso premio hade ser a mais negra ingratição ; e entretanto não retrogradamos da carreira gloriosa que principiamos a trilhar ! deverei eu por ventura ser insensível aos gemidos da dôr, e ás lagrimas da miséria, só porque mil, e mil outras pessoas pagaram os meus sacrificios com os golpes dolorosos que se chama ingratição ? fraca virtude é aquella que assim, se intimida ! não ! não, retrogrademos de um tal caminho. Os Principes, e os Soberanos, não colmam de benefícios, honras, e de cargos rendosos dia, por dia á mil homens que muitos d'entre elles só lhes agradecem o que hão de ainda receber ? e porque nos deveremos nós, de admirar da perversidade, e ingratição da especie humana ? admirar devemos de encontrar algum coração grato ! em outras paginas, eu transmitirei alguns terriveis, e amargos pensamentos de Teymon de Lucien, e pelo azedume contra a humanidade inteira, se conhecerá, que esse homem extraordinario, tinha feito grandes bens, e recebido em premio d'elles

infimidade de males ! a recompensa da virtude, foi, é, e será sempre a desgraça ! a perseguição, e toda sorte de males !.....

O Marquez de Montesquieu ; foi um dos Fidalgos Francezes que mais honrou a humanidade, e a nobreza ! os seus titulos mais preciosos foram sempre suas virtudes, e nobres sentimentos ! elle foi cruelmente perseguido pela gente perversa a quem fazia corajosa opposição. Mas esse verdadeiro nobre da França redobrava de ardor em suas virtudes para com seus semelhantes em desgraça, e defendia-os contra a barbara oppressão dos que os perseguiam. Montesquieu foi o mais brilhante florão da Aristocracia.

Pouco nos importe com a ingratição de uns, nem com os louvores de outros, que não podem honrar a sociedade em nada, nem com a má recompensa que tem sempre a virtude ; mas não por isso sejamos nem perversos, nem ingratos.

O filho que aprende de sua mãe a ser grato aos pequenos favores, o será ainda mais aos altos beneficios que na carreira da vida receber elle possa dos seus semelhantes. Entre um dos magnificos Albums que existem no precioso gabinete de uma casa, achei uma preciosidade entre mil outras que n'esse rico gabinete se acham.

N'esse Album que encerra mais de um cento de cartas originaes de grandes homens da Europa, Authographos estes de immenso valor, e aturadas pesquisas para se obterem aqui em nossa America.

A preciosa carta Original é de um homem ador-

nado de mil preciosas virtudes ! de um Santo ! essa carta é emfim do grande Abbade Gregorio, ao depois Bispo de Blois. Essa carta é do seu proprio punho e dirigida a Monsenhor Miranda, residente aqui no Rio de Janeiro.

N'ella o Santo Bispo de Blois principia pelos cumprimentos do estylo, e accuza a recepção de uma carta de Monsenhor Miranda, e lhe agradece o enviado, ou remessa de uns livros do Instituto Historico do Rio de Janeiro que elle tinha pedido desde Paris.

O Santo exprime assim seus sentimentos. « Pro-
« ximo a deixar a terra em que tanto hei soffrido,
« pois que este valle de lagrimas é só para n'elle
« se padecer ; não quero deixar a menor divida sem
« que esta fique paga, e eu cheio de remorsos pela
« minha falta de cautella, pois brevemente serei
« chamado perante o tribunal do Ente Supremo, e
« alli prestar contas de minha vida, e acções. Man-
« dai-me vós, Monsenhor, a conta dos livros que
« dahi me remettestes, para eu fazel-os pagar já
« (Oh ! escrupulos do homem Santo, como são ni-
« mios em delicadeza ! ! como elle sentia morrer
« sem pagar uma pequena quantia de dinheiro ! eu
« bem o comprehendendo n'essa sua linguagem.)

« Depois do primeiro topico dos cumprimentos,
« elle continua assim. — Muito hei soffrido em este
« valle de lagrimas ! em este mundo de penas....
« de amarguras e dôr ! mas fica-me a doce con-
« solação de que jámais fiz mal a ninguem ! que já-
« mais abandonei ao fraco opprimido pela tyrannia
« do forte, e poderoso ! tenho sempre deffendido

« com ardor, e charidade ardentissima ao homem
« opprimido, ou abandonado de todos. Constante-
« mente deffendi a causa daquelles que soffriam a
« oppressão dos mais fortes, e a minha charidade
« tem sido sempre igual para com todos os homens.
« O Branco, o Indio, o Pardo, o Pretó, o Mouro,
« Turco e o Judeu, todos os homens, e de todas as
« nações, condições e religião, foram por mim
« sempre amados, como aos meus proprios irmãos !
« todos por mim foram attendidos, e bem tratados
« emfim » Dizei-me, Senhoras, qual dentre vós
outras não invejaria para os seus filhos as santas
virtudes deste respeitavel mortal ? Qual a Mãi, Es-
posa, Filha, ou irmã, que não desejaria ver colmados
de virtudes, talentos e meritos aos dignos objectos
de sua ternura e dedicação ? Oh ! todas aquellas
que sabem amar ! A base das virtudes é a santa e
pura religião ! a pura e positiva religião, e não a
religião falsa, e de apparatus.

Napoleão esse homem unico na historia das na-
ções, fez respeitar todos os actos religiosos em seu
reinado ! só na cerimonia da sua coroação commet-
teu a falta imperdoavel, cheia de audacia e ávida
impaciencia de arrebatá-lhe ao Santo Padre a Corôa
de entre as mãos ; e para só com orgulho, e louca
ufania mostrar ao mundo que elle mesmo queria
pôr em cima de sua cabeça a Corôa collocada assim
pelos caprichos da fortuna ! elle quiz collocar sobre
a sua cabeça de audacioso guerreiro a Corôa que
elle mesmo tinha levantado do chão com a ponta da
sua espada ! a Corôa de S. Luiz, Napoleão a achou

cahida no soalho do Palacio de Versalhes ! O guerreiro cheio de ambições, cheio de sublimes aspirações.... ardendo em sua alma o fogo da immortalidade, das glorias, e dos triumphos, approximou-se da corôa de S. Luiz, fez-lhe uma profunda reverencia, inclinou asy ella trez vezes a cabeça, dobrou um joelho em terra, e com a ponta da sua espada levantou a Augusta Corôa que o Rei martyr tinha deixado cahida por terra !... não foi uma Corôa usurpada, não ! foi sim uma Corôa manchada de sangue do resignado, e desgraçado neto de S. Luiz. Luiz XVI, ao lêr na historia de Inglaterra a morte tragica de Carlos Primeiro, que foi terminada em um horroroso cadafalso, sentiu-se vivamente commovido opprimido de negra tristeza !... e como se um presentimento lhe tivesse avisado que elle subiria tambem a um outro cadafalso, e que seria ainda mais desgraçado.... do que o mesmo infeliz Carlos Primeiro de Inglaterra.

Carlos Primeiro quando assentado no cadafalso de cabeça alçada, nobre e altiva, recebia toda sorte de injurias dos soldados que o rodeavam ! uns deitavam-lhe grandes fumaradas de espesso e fetido fumo, dos cachimbos que fumavam ! os outros o colmavam das maiores injurias, e de toda sorte de improperios ! Mas Carlos Primeiro achava-se alli tão cheio de soberania, e magestade como quando assentado no seu magnifico throno, de Corôa, Sceptro, e manto recamado de preciosas perolas do Oriente ! no instante em que os brutaes soldados Inglezes o colmavam das mais torpes injurias, atra-

vessou toda a praça uma joven donzella, de dezoito annos, vestida da côr da mesma pureza da sua alma, e approximando-se do cadafalso, inclinou sua cabeça de serafim, saudou o Rei martyr, disse-lhe doces palavras de religiosa consolação, e tirando do seu virginal peito uma roza branca, deu-a ao Rei e disse-lhe ! — Senhor, eu nada mais tenho para vos offerecer !... só vos dou esta singella roza branca cultivada pelas minhas proprias mãos ! tomai-a, Senhor, ella vos é dada pelo meu coração. Carlos Primeiro recebeu das mãos da Donzella a roza branca, beijou-a com viva emoção de gratidão, contemplou-a ! e collocando-a em cima do coração, disse : — Graças ! graças a ti, anjo mandado por Deos em tão supremo momento de dôr !... Donzella, tua roza morrerá em cima do meu coração !... e tu irás no meu pensamento até o tumulto ! Sim, Anjo de consolação ! Deos, e eu te abençoemos n'este solemne momento de minha morte.

Luiz XVI, Luiz, o Santo, o martyr !... não teve senão cordas para suas delicadas mãos ! e um machado para sua cabeça Augusta, e nobre ! elle, o Santo ! tão humano, e tão sensível, não teve ao pé do seu cadafalso nem pudica Donzella para o consolar, nem uma roza para collocar em cima do seu ulcerado coração ! Carlos Primeiro não foi pois tão desgraçado como o Augusto neto de S. Luiz.

Eu me inclino sempre para aquelles que mais hão soffrido ! e a quem as penas da vida lhes suffocaram mais o coração ! é verdade o que digo porque minha alma assim profundamente o sente.

Luiz XVI no cadafalso, e Napoleão no sombrio carcere de Santa Hellena, me foram mais caros, que quando os vi na historia regendo os destinos da França ! alli elles brilharam cheios de gloria ! aqui elles padeceram como dous illustres martyres. Ainda hontem vi e contemplei um tristissimo quadro que representa a morte de Napoleão ! senti-me suffocada de dôr !... cheia de uma mortal anciedade... que é possivel sentir-se, mas não exprimir-se ! O grande homem está expirando ! seus inconsolaveis e fieis amigos rodeiam o leito, e todos afogados no pranto que lhes trasbordava do coração ! mas ah ! quem mais pena me causou foi Mr. De Bertrand ! elle está ajoelhado diante do leito do moribundo Imperador, e elle, o inconsolavel amigo, o vassallo fiel, o homem probo, e sensivel, está beijando uma mão ; a mão esquerda do agonisante ! a expressão da sua extrema dôr é sublime !... a anciedade, solicitude e amizade do coração, pintam-se fielmente no seu semblante ! O Sacerdote vai entrando pela porta da alcova do agonisante, e está revestido com magnificos trajas de grande cerimonia ; elle traz nas mãos a Ambula de ouro em que vem a Ostia para dar ao enfermo a Santissima Communhão. Dous acolitos em traje de cerimonia acompanham o Sacerdote, e este aproxima-se com solemne e suave gravidade do leito do guerreiro, na sua extrema hora ! o agonisante tem a cabeça completamente cahida sobre o peito do lado esquerdo, seu desalento moral é perfeitamente forte de sublime expres-

são. Miguel Angelo ! ainda te invoco ! tu Semideos das Artes, tu triplice Artista em um só homem ! oxalá que tu tivesses sido dos nossos dias para teres prestado n'este quadro os traços do teu divino pincel.

Permitta-se-me que continue na ligeira descripção d'esse enlutado quadro.

Madame de Bertrand está no meio da alcova ajoelhada, de costas voltadas para o leito do Imperador ; tem seus lindos lagrimosos olhos cravados no Céu ! suas mãos estão fortemente apertadas uma contra a outra, e arrebatada ella está por uma inspiração religiosa, e ao mesmo tempo cheia de profunda desesperação !... Ella alli ajoelhada por terra e em tão sublime hora de dôr, me parece mais bella, e encantadora que quando no seu magnifico salão do brilhante Palacio de Saint-Cloud, rodeada de um cento de adoradores que se disputavam aos seus pés um só olhar ! ou bem um ligeiro sorriso de amabilidade. Ah ! como a mulher é bella e sublime assim ajoelhada perante a grandeza do Altissimo ! Quão terna e humilde se mostra a mulher no momento mesmo em que ella domina !... arrebatada, prende, e conquista todos os corações !... Oh ! imperio da virtude ! quem te póde resistir ?... ninguem ! Quando a mulher se mostra mais meiga, submissa, e lagrimosa sua doce e santa resignação é o mais forte sceptro... com o qual ella imperial o homem resiste ao furor da colera feminina ! Sabeis vós, Senhoras, ao que esse mesmo homem altivo e

forte não póde resistir, nem mostrar-se frio e calmo? as lagrimas que do coração da mulher brotam em turbilhão!... Ai! lagrimas de sangue! lagrimas de Santa, silenciosa resignação Christã! lagrimas dos martyrios escondidos aos olhos de todo o mundo, para nós indifferente. Quando a mulher é mais meiga, é quando verdadeiramente ella impera! quando ella arrebatada fascina!... e vence. Oh! o homem mais feroz dobra o joelho diante da mulher sublime e bella em suas virtudes! é verdadeira esta linguagem da minha alma, eu não escrevo com os bicos da penna sómente, eu escrevo, bem que sem pensar, nem reflectir, com meu coração! com as chammas da minha alma Americana.

Se quereis permittir-me que vos apresente aqui um exemplo de mulher meiga, sensivel, boa, seductora, e perigosa pela sua meiguice, ternura, e sem igual bondade; será pois a preciosa Josephina! a encantadora Josephina! esse idolo da França inteira, essa mulher que conquistava todos os corações. Eis aqui a mulher verdadeiramente perigosa!... Quem jámais se afastou della sem ficar-lhe amando para sempre? quem? ninguem! Ella era chamada por todos os Francezes emigrados a Nossa Senhora do Soccorro! Ah! Josephina idolo da França! mulher encantadora, e sublime quanto eu venero tua memoria! Em uma das cartas originaes do General Bonaparte quando, commandando o Exército Francez em Italia, elle lhe disse a essa encantadora Josephina, a esse Anjo das glorias

de Napoleão ! a esse Anjo repudiado depois de idolatrado ! de adorado com enthusiasmo e delirios de frenetico amor « Josephina, idolatrada amiga, « meu Anjo encantador ! Deos me deo a mim uma « alma de ferro !... a ti deu-te uma alma de renda ! « eu conquisto todos os povos ! tu conquistas todos « os corações ! eu serei sempre temido ! tu serás « sempre adorada !... Quem poderá resistir ao « poder do teu imperio, mulher sublime, magica « encantadora ?... ninguem ! Ah ! eu pedirei ao « mundo inteiro que te idolatre assim como eu !... « tu és o Anjo das minhas glorias ! sem ti não poderia eu ganhar nem vencer !... para ti quizera « eu a primeira corôa do mundo, ó minha bem « amada ! As cartas que te dirijo, e que toda a « noite passei a escrever só para ti, eu as tenho já « lacradas e selladas, e ellas repousam, sabes onde, « ó meu Anjo ? emcima de meu coração ! elle pal- « pita violentamente... e as cartas e o teu precioso « retrato, recebem as palpitações do coração que « adora a Josephina !... O correio tarda hoje mais « que os outros dias !... Ainda não sinto o gallopar « do seu cavallo ! escuto e nada oiço !... elle não « chega ! o que será isto meu Deos ! « Ainda ajunto este P. S. « a as cartas que escondo no meu peito ! « eu te dedico todos os instantes de minha vida, ó « minha amiga idolatrada. Dai aos nossos filhos « queridos, abraços, e beijos por mim Eugenio, « Hortencia ! elles são teus idolos !... e tambem « elles o são deste meu coração que tanto os ama,

« mas não penses que tanto como a ti ! Oh ! como
« a ti, nada no mundo.

Esta carta do General Napoleão pega fogo ! nella
brilha um amor sublime !... o amor que só as almas
grandes, e nobres podem sentir e comprehender.

Este homem que idolatrou, que adorou ao Anjo
dos seus triumphos, das suas batalhas ! da sua
glória ! 15 annos mais tarde a repudiou por outra
esposa ! a mulher sublime, encantadora, a meiga e
boa Josephina não gritou ! não pôde mesmo dizer
nada !... dobrou a cabeça sobre o peito derramou
torrentes de lagrimas !... gemeu !... e ella, não
disse nada ! mas Deos Esse Ente Omnipotente
e grande a vingou !... em tudo e completa-
mente !... ella ao expirar nos braços d'esse outro
Anjo de bondade (sua filha Hortencia) disse-lhe :
pude resistir ao repudio, e abandono de Napo-
leão ! tu, e teu irmão me consolaram em minha
dôr extrema !... mas a perca da batalla de Wa-
terlôo ! não, não posso resistir ! Hortencia, minha
filha tu viste antes de hontem na mesa os esforços do-
lorosos que eu fiz para obsequiar ao bom Imperador
Alexandre, e aos outros Monarchas que hospedei
aqui ! Sabes que muito me custou antes de hontem
a engulir os primeiros bocados que metti na mi-
nha boca ! Ah ! Waterlôo ! Waterlôo !... Hortencia !
minha filha !... a perca de Waterlôo.. me mata !...
a mulher seblime e grande consolou-se com o re-
pudio, e abandono, porque essa desgraça era só ex-
clusivamente d'ella, mas a queda do guerreiro !...

a mortandade de milhares de Francezes ! de seus compatriotas ! Isso foi o que a matou ! Josephina ! foste mais que vingada !... A ingratição de Napoleão foi negra.... e revoltante, mas Deos vingou-te, emfim.

Constantino da Russia é um perfeito contraste com Napoleão ! Constantino casado com uma bellissima Dama Polaca, que elle amou e com delyrio ; recuzou a Corôa da Russia, só para não separar-se da mulher que o seu coração amava, desprezou, o magnifico e vastissimo Imperio da Russia, antes do que repudiar a sua esposa ! porque essa esposa não era filha de sangue real ; e as leis do Imperio lhe ordenavam de repudial-a e eleger uma Princeza para sua esposa ; sendo elle Imperador, a generosa renuncia de Constantino, filho segundo de Paulo Primeiro, é só filha de um bem sentido, e sublime amor ! a mulher que se ama, vale mais que todos os Imperios do mundo.

Senhoras, alguma coisa disse d'esse Anjo com figura de mulher, que foi outr'ora o idolo da França. Direi tambem alguma coisa do Anjo tutellar que foi mandado por Deos ao Brazil ! da idolatrada e virtuosissima Imperatriz finada, Leopoldina Carolina de Austria. Jámais esquecerei que impressão mortal e cruel me fez a triste noticia da sua morte recebida no meio do mar ! Eu ainda menina e em minha patria idolatrada, tinha um lenço de seda com os retratos de Suas Magestades Imperiaes, cujos retratos eu beijava com enthusiasmo só porque

tanto bem tinha ouvido fallar dessas Augustas Personagens ao Official de marinha que me tinha levado aquelle lindo lenço. O retrato de D. Pedro Primeiro era de belleza extraordinaria ! eu o tinha em um lindo quadro, menina como eu era de idade de dez annos, lembro-me que o beijava muitas vezes, arrebatada pelo poder que tem sobre nós a belleza. E o da santa e excellente Imperatriz o beijava pelas virtudes immensas que ella possuia em sua nobre e bella alma. Acostumei-me pois a amal-os com o mesmo enthusiasmo com que hoje respeito a memoria de ambos ! Confesso que sempre os amei ! D. Pedro Primeiro, esse principe cheio de espirito, de vida, de heroicidade, coragem, brio, e generosidade illimitada, me foi sempre caro ! E mais caro ainda quando vi que elle só fez tantos ingratos !... elle tinha milhares de qualidades nobillissimas, e rasgos de verdadeiro Principe. Elle experimentou bem.... a ingratição dos corações ignobeis. Napoleão já lh'o tinha dado a elle o exemplo o mais tocante da ingratição, e deslealdade do coração do homem ! O grande homem só se achou em sua desgraça com meia duzia de amigos fieis ! de homens gratos ! de vassallos leaes ao seu Soberano decanido do Throno, e das glorias humanas. Que taes são os homens em geral em todas as nações do mundo. Quando a Corveta de guerra em que nós vinhamos, ia chegando perto do Rio de Janeiro, e trez dias antes de chegar, encontrou-se em alto mar uma embarcação Brasileira de guerra que ia

para o Sul ; nós vinhamos acompanhados de trez Fragatas, Corvetas, e outros vasos de guerra que se retiravam do Rio da Prata, e essa bella esquadra ia chegando á Capital do Imperio para o que? para encontral-a em luto, em dôr! em pranto! lugubre silencio! e toda ella triste e sombria no meio de solemne e justa dôr. Perguntou-se da nossa Corveta de guerra á embarcação que sahia d'aqui e que foi encontrada em alto mar, aquellas perguntas de estylo, e que tanta solemnidade tem segundo a côr do Céu! se elle está azul celeste e bello, tudo se escuta com alegria! mas se elle está sombrio e nebuloso, tudo quanto a vosina pergunta e responde parece triste e sinistro ao viajante que interroga! A primeira pergunta foi — de onde vem? — que noticias traz? foi a segunda. — A vosina d'essa embarcação respondeu uma resposta tristissima, e que eu jámais olvidarei! A Imperatriz morreu!... o Imperador foi para o Sul! a Imperatriz morreu.... resôou por longo espaço essa voz tão triste e dolorosa n'aquelle pedaço de mar; silencio profundo existiu por vinte minutos entre todos aquelles homens; e que todos elles já bem sabiam avaliar a immensa perda que o Brazil acabava de experimentar!... Ah! não, não olvidarei jámais a impressão forte e profunda que me causou a infausta noticia da morte do Anjo tutellar do Brazil! a consternação de meu respeitavel e excellente cunhado, e de todos os demais officiaes de marinha foi geral, o silencio era entre todos profundo e solemne! nenhum d'esses

homens pôde chorar mas todos deixaram ver em seus semblantes uma tristeza fortemente sentida na alma ; ao depois todos elles foram para os seus camarotes mudos e succumbidos de dôr, meditarem no nada das pompas do mundo, e no poder da morte que desde o Throno dos poderosos Monarchas até a humilde cabana do pobre camponez chega impavida, e sem piedade com a sua cortante foice !... A dôr que todos nós sentimos foi profundamente grande ! todos mudos, silenciosos olhavam-se, mas temiam fallarem-se ! sim, que o silencio é a expressão mais tocante da verdadeira dôr.

Outras vezes sentimos romper-se-nos o coração dentro do peito.... e nossos gritos de dolorosa desesperação.... vem alliviar de alguma sorte á dôr que nos mata. Ah ! instantes de solemne, e delirante dôr !... o tempo, esse velho impassivel, duro em seu rigor, austero ; nos adormece ! mas quando ? quando a existencia inteira tem já definhado nos tormentos de toda natureza !... é sim, a vida que desaparece, e se consomme, qual á Alampada sem Oleo que se extingue ! pobre humanidade.

Traço estas linhas, e recordo-me que hoje é o dia anniversario em que minha Mãi abençoôu-me pela ultima vez !.. desatam-se torrentes de lagrimas dos meus olhos, ao lembrar-me que foi ao lado de seu leito de morte que ella, sempre boa, terna e excelente, abençoou-me, e pediu-me que vivesse para fazer bem á humanidade ! jurei-lhe com juramento sagrado que desde que ella subisse ao Céu

receber o premio de seus inexprimiveis martyrios. Eu praticaria em seu nome, e em honra á sua memoria ! até a mais pequena de minhas obras de charidade, e acção nobre, e boa, que desde esse dia em diante, eu praticasse. Graças a Deos! até hoje assim o tenho feito, e espero continuar em essa resolução! ella me ensinou a fazer bem até aos meus inimigos !. disse-me muitas vezes que correr em auxilio das pessoas amigas não era grande merito ! porém correr em socorro e auxilio dos inimigos, quando esses fossem desgraçados. e gemessem na dôr. e na afflicção ! que essa sim era a verdadeira virtude ! pouco merito tem, me dizia ella, acôrdarmos a um amigo que dorme nas bordas de um abysmo ! mas approximarmo-nos suavemente do nosso inimigo que dorme tranquillo na borda do precipicio e acordal-o! mostrar-lhe com a ponta do dedo o medonho abysmo que o está espiando de instante a instante ! passarmos adiante o nosso caminho ! ah ! isto sim que é virtude, e merito positivo ! Isto tudo me ensinou minha excellente e compassiva Mãi ! Deos a tenha em sua Santa Gloria pelos immensos beneficios que fez sempre em toda sua vida que fôï um longo e doloroso martyrio.

Continuarei a discorrer a respeito de esse objecto querido, e digno de minha profunda veneração: e a quem amei desde a idade de dez annos. A virtuosissima e Santa Imperatriz Leopoldina ! de quem tudo quanto se diga de bom e de sublime será pouco em comparação de suas altas e resplandecentes virtudes.

Minha homenagem é profundamente respeitosa, e sincera, pois que só a conheci pelo seu retrato e o pleno conhecimento que tive das virtudes que lhe moravam na alma.

Entre mil preciosos quadros que adornam nossas salas e gabinete, temos os retratos de toda a Augusta familia Imperial, e entre esses quadros todos ha um que representa o desembarque da finada Imperatriz no lindo Arsenal da Marinha. A Augusta Princeza está alli recebida pela familia Real em grande gala, e acompanhada da mais brilhante Côrte de El-Rei de Portugal e Primeiro Imperador de este vasto Imperio.

Os dous jovens esposos acham-se em este quadro collocados um pouco separados de toda a Augusta familia Real, elles ambos estão fallando-se cheios do mais vivo interesse e ardor ! No semblante da Princeza vesse uma bondade summa ! tem sua linda mão esquerda fortemente apoiada sobre o braço direito de seu gentil e lindo esposo, o qual lhe está prestando summa attenção. A princeza parece lhe estar dizendo: « Principe, o Céu me envia ao vosso Imperio, á vossa possessão para eu fazer a vossa « felicidade !. D. Pedro, fazei vós a minha felicidade !. Deixei meus Pais, minha familia toda, « minha Patria, tudo quanto eu amava emfim ! em « vós só hoje consiste minha ventura. »

Depois de tantos annos de felicidade, a Santa e virtuosa Imperatriz do Brasil subiu ao Céu ! alli ella recebeu o justo premio de suas virtudes, e

desde alli ella está junto com Deos abençoando os Anjos que aqui deixou !. em este valle de lagrimas, em este mundo de illusões. Os filhos de essa Santa que tantas virtudes lhes transmittiu em herança, são dignos do amor, e veneração de seus povos, e da sociedade inteira, que os respeita e admira.

Depois de tantas alterações no Imperio do Brasil chegou por fim o dia 6 de Abril de 1831, e foi na noite de esse dia tão memoravel na historia do Brasil, que o Senhor D. Pedro Primeiro abdicou a Corôa do seu Imperio em favor do seu Augusto filho o Senhor D. Pedro Segundo de mil louvores digno, e a quem Deos dê longos annos de vida feliz e pacifico reinado. Que Deos o abencõe e o conserve para felicidade de todo o vasto Imperio que elle rege. Oh! que Deos livre ao Brasil de jamais imitar a tortuosa marcha que tem trilhado a infelicissima America Hespanhola! Deos o preserve de tão immensa desgraça.

Em essa noite 6 de Abril de 1831, depois de terminado o acto da generosa abdicção em favor do Senhor D. Pedro Segundo que Deos guarde; o Senhor D. Pedro Primeiro correu as alcovas de Seus Augustos e innocentes filhos, que dormiam tranquillos o somno da innocencia, os beijou, os apertou entre seus braços. e pela ultima vez !.. Entre as immensas virtudes que adornam ao nosso excelso Soberano, eu lhe acho uma ácima de todas em valor ! é a profunda veneração que tributa á memoria dos seus Augustos Pais ! Oh ! isto o torna

cada dia mais caro ao meu coração; e maior veneração lhe tributo, quando o vejo honrar assim as cinzas de seus finados Pais.

Este meu artigo é mais uma conversação com as pessoas do meu sexo, do que um escripto correcto, e em forma ! é citando objectos virtuosos, e nobres que minha penna inhabil vai correndo pelo papel; eu sou a primeira a conhecer em summa a imperfeição do estylo, e de mil outras faltas que em estes meus pensamentos se acham frequentemente.

Senhoras e Mães de familia, escutai-me com attenção. Citando eu aqui tão nobres e respeitaveis objectos, quaes são todos os que ácima ficam já lembrados, poderia jamais olvidar um Anjo Celestial com figura de mulher, e a qual embelleza com suas raras virtudes o Throno e o Imperio do Brasil ? Poderia eu jamais deixar de tributar rendidas homenagens á Sua Magestade a Imperatriz actual ! Este Anjo Celestial tão cheio de virtudes, de summa bondade, de meritos, e de singelleza ! Tomai-a por modelo ! vêde como ella rica de suas virtudes immensas, brilha ainda mais do que pela brilhantissima posição que occupa no Throno do vasto Imperio do Brasil ! esse Anjo conhece bem que um Throno da terra não vale de nada, em comparação do lugar que Deos tem lá em seu Reino reservado aos Principes virtuosos, que não perderam em esta vida a feliz occasião de colmarem de venturas aos seus vassallos e aos seus povos em geral.

Continuando a conversar com vós outras, ó Mães

de familia, e Senhoras em geral, vos direi que admireis e imiteis essa Princeza tão boa, tão virtuosa, tão respeitavel, e que o Céu piedoso deu ao Brasil como seu mais precioso adorno.

Vêde como a Augusta Soberana, adornada com suas preciosas virtudes, se apresenta sempre com um singello adorno ! E para que mais adornos de traje e atavios exteriores que de nada valem em summa, quando todos as riquezas da virtude se abrigam já em sua nobre alma imitai-a em virtudes e até no seu singello modo de trajar.

Tres Damas de S. M. a Imperatriz são do mais eminente merecimento e reconhecidas virtudes, e ás quaes eu tributo affeição bem sentida, e só minha! ninguem me communicou esta sincera affeição, e alta veneração, e só sim o perfeito conhecimento de suas preciosas virtudes.

A Exma. Snra. Condessa de Belmonte, pessoa pela qual eu sinto a mais profunda veneração, sympathia e respeito. Excellente senhora! alma nobre e piedosa!. generosa, sensivel, humana ! suas preciosas qualidades moraes são immensas e dos mais altos quilates. Oh! que felicidade é para uma nação vêr ao lado de uma Soberana nobre e virtuosa, ver digo, uma Dama como a Snra. Condessa de Belmonte ! grande felicidade é essa .

A outra virtuosissima Dama, é a incomparavel Exma. Mlle. Eliça de Beaurepaire! esse Anjo de bondade, de meiguice, de virtudes! tão meiga e compassiva esse lyrio puro e candido como a sua nobre alma.

A terceira é a Exma. Snra. D. Narcisa Vandely de Andrada e Oliveira, minha intima e respeitavel amiga, e pela qual eu sinto o mais profundo respeito e amizade inabalavel.

Essa bella e boa, que me faz lembrar a Mme. de La Villette a bella e boa de Voltaire ! a Exma. Snra. D. Narcisa nasceu boa ! sua indole excellente junta á perfeita educação que recebeu de sua virtuosissima Mãi, tornaram a esta Senhora encantadora um Anjo de virtudes, cheia de religião; instrucção immensa, singelleza, bondade, e tudo quanto é bom acha-se em esta nobre e bella Dama.

Senhoras, eu na nobreza e altivez dos meus sentimentos jamais dei um só elogio a quem muito não o merecesse ! e quando meus elogios são pomposos, é certamente quando o digno objecto a quem os tributo é mais que adornado de virtudes, talentos, meritos e brilhantes qualidades moraes ! Sim, este é meu modo de sentir e pensar. Dai, Senhoras, aos vossos filhos uma educação acompanhada sempre de instrucção e virtudes, sem as quaes os brilhantes talentos não são nada, ou são bem pouca cousa aos meus olhos. O homem, ou a mulher adornados de talentos, porém máos, perversos, maldizentes, e de pessimas qualidades, tornam-se na boa sociedade temidos. e odiados ! . . . todos divertem-se e riem-se de suas graças de espirito se é que elles as têm ; mas todos lá no silencio do seu coração os odeiam !. e lhos mostram aos seus filhos com a ponta do dedo ! todo bom Pai ou Mãi que diga aos

seus filhos:—tu, meu filho, extremece, treme de jamais imitardes a essa peste e flagello da sociedade!... esse homem, e essa mulher maldizente e perversa, recolherão ao seu tempo a colheita que hoje semeiam ! ao seu tempo elles serão abandonados.... de todos ! e elles não poderão ter amigos na sua triste velhice : sim, Senhoras, o coração perverso não tem nem póde ter lealdade em suas affeições ! a constancia e lealdade das affeições santas e nobres, só existe nos corações virtuosos, leaes, e constantes ! O perverso não se liga ao seu semelhante em crimes, senão quando elles ambos ganham e lucram com vantagens ! o mais pequeno peso de mais, ou de menos na balança de seus lucros lhes faz romper os laços de aquillo a que elles ambos profanavam com o santo nome de sagrada amizade.

A amizade é sentimento sagrado que nos dá tantas horas de felicidade na tristissima carreira da vida ! eu sinto a amizade como poucas pessoas a sentem ! e não conheço meio termo, nem tibieza em este precioso sentimento. Não é na felicidade e riquezas que eu procuro, nem frequento as pessoas da nossa amizade ! é sim, nos dias de desgraça ! de dôr e desesperação !... é em esses tristes dias de enfermidades, ou desgraças. que eu corro asia ellas mostro-me inconsolavel com a perda de uma pessoa de quem eu seja amiga ! e as percas de immensas quantias de dinheiros em nossa fortuna, nada é em comparação da perda de uma pessoa minha amiga, e da qual eu jámais recebesse nem uma flor.

Entendo que o verdadeiro amigo tudo deve fazer para servir, e cooperar para a felicidade do seu amigo! o sentimento da amizade deve sentir-se com todo o ardor, e dedicação!... eu assim o sinto.

Toda a pessoa virtuosa, e nobre tem um dever sagrado a preencher quando vê em sua presença atacado o seu amigo ausente! é sagrado, e caro ao nosso coração este dever! o cobarde que ataca a uma delicada Dama em sua ausencia, que a censura, que a ultraja quando ella não se pôde defender de taes ultrajes, é duas vezes cobarde! é qual o salteador de estrada que crava o punhal pelas costas de um viajante respeitavel, e cheio de virtudes; mas que o cobarde assassino não pôde apreciar, nem avaliar!... Eu defendo ás Senhoras que nem conheço! e na minha presença se hão atacado mil, e mil Senhoras d'este paiz que não é o meu! O que eu tenho feito? tomar a sua defesa, e confundir aos cobardes que as atacavam no mais santo, e sagrado que uma Sênhora tem! sua reputação.

Em outros tempos remotos existiram duas nações grandes, e por mil motivos verdadeiramente grandes! a sempre nobre nação Hespanhola, e a nobre nação Franceza! hoje essas duas grandes nações existem, bem que com grande alteração e differença do que no tempo de seu brilhante esplendor.

Em esses tempos de Cavalheirismo e ardor guerreiro, cada Dama tinha o seu defensor! o seu cavalleiro! ella bordava com fios de ouro entrelaçados de perolas o seu nome; escolhia a sua côr favorita: da-

ciosas mãos; punha-lhe ella mesma a banda no peito, e lhe dizia estas simples palavras: —Cavalheiro, defende o meu nome! — elle inclinava um joelho em terra, beijava a firma querida que se achava no centro do escudo, e jurava em cima de sua espada defende-la, ou morrer!... essa Dama ficava bem tranquillada de ter entregado a sua defesa a um guerreiro, a um cavalheiro que a faria respeitar até seu ultimo suspiro de vida. Mas hoje! o que achamos nós outras? homens que tem a timbre, a gloria, o deprimirem as Damas mais respeitaveis, indefensas e dignas! negras calumnias inventadas por um homem, ou mulher perversos.... espalhadas por mil outros.... de iguaes virtudes.... aos seus dignos inventores, e eis que uma Senhora de grandes, e nobres virtudes, vê-se passeada pela rua da amargura.... sem que ella saiba de nada do que se trata a seu respeito! e entre mil que escutam com grande complacencia.... não ha um só homem que se constitua seu defensor! seu nobre e generoso cavalheiro! e entre esses homens todos, metade são maridos! todos filhos, e quasi todos irmãos de Senhoras que tambem precisam de defesa nos ultrajes que de outros recebem!... Senhoras, ensinaei sempre aos vossos filhos a que desde a sua infancia respeitem ao bello sexo, para quando elles fõrem homens o saberem briosamente defender.

Em minha patria, assim como em toda a vasta America do Sul, ha uma especie de idolatria, de profunda dedicacão para as Damas! ellas embellezam-se cada dia mais, com as preciosas galas da instruc-

ção e dos encantos do seu sexo, para agradarem e prenderem os corações desses homens cavalheiros que tanto as sabem amar, e mais ainda respeitar.

As Americanas do Sul são altivissimas!... nada querem ficar devendo! ellas agradecem finamente essas rendidas homenagens, essas finas attenções de amor, amizade e dedicação, e voltam-lhes em troca d'ellas, virtudes, talentos, graças, e as bellas encantadoras maneiras com que os prendem e maniam.... ao seu carro de Triumpho! ellas mostram-lhes o quanto são dignas e merecedoras d'esses finos obsequios, sacrificios e attenções. Alli, digo, acham-se todos os encantos reunidos, belleza, incomparavel, graças de espirito, talentos, elegancia, hospitalidade graciosa, nobre e generorissima, amabilidade, obsequios, como em parte nenhuma do mundo.

Senhoras, como eu para embellezar este artigo ligeiramente composto, e sem estudo nem reflexão, valho-me de citar aqui algumas passagens que tenho lido na historia das nações cultas do mundo, permiti-me que eu vos mostre o nada que velem as modas, o luxo, as joias, e todos esses pueriz atavios que só exteriormente adornam a mulher.

Entre mil Damas Romanas, que se distinguiram pelas suas grandes virtudes, talentos, patriotismo, e mil outros dotes preciosos que tanto esplendor davam á sociedade da antiga Roma ; houve uma bellissima Romana, de mil encantos ataviada! esta era a Illustre Cornelia, Mãi dos Graques! d'esses dous homens que se immortalisaram ao depois. Um dia entrou de vizita uma outra bella Dama em caza da Illus-

tre Cornelia, e depois d'aquellas primeiras conversações entre duas Senhoras de merito e instrucção, disse-lhe a outra Dama a Cornellia:—Eu vos peço que me mostreis as vossas preciosas joias que certamente deverão de ser de grande valor e precioso gosto.

Cornelia, como uma verdadeira grande Dama que era, e desprezando profundamente essas futilidades de joias, modas e luxosas galas que emfim de nada valem, lhe respondeu á sua amiga:—Sim, Senhora, eu terei grande prazer e até luxo em vos mostrar minhas riquissimas joias! joias que penso ninguem as tem mais ricas, nem mais preciosas! mas esperai só meia hora. D'ahi a um quarto de hora, a outra Dama ávida do desejo de admirar umas joias que já se lhe tinha dito que eram preciosas, insistiu novamente para que Cornellia mandasse vir sua caixa de joias. N'isto a illustre Romana ouviu a voz do seu escravo de confiança que desde uma ante-sala lhe dizia já ter elle chegado da commissão de que tinha sido incumbido. Então Cornellia levantou-se com ar magestoso, atravessou o salão, chegou á ante sala, e recebendo das mãos do seu fiel escravo Zenobio, os dous meninos seus filhos que acabavam de chegar da escola, os levou pelas mãos para o salão, e apresentando-lh'os á sua hospeda lhe disse:—Senhora! eis aqui minhas mais preciosas joias! minhas galas e atavios, os meus thesouros! e estes dous thesouros valem mais para mim do que todas as joias do mundo. Ao depois, esses dous filhos da grande Cornellia fôram os dous grandes Graques, tão celebres na historiã de Roma. Oh! vós outras

que não quereis lêr nas paginas da historia todas essas bellas passagens de virtude, heroicidade e patriotissimo ; lêde ao menos estas ligeiras linhas da minha esteril e inhabil penna ! lêde com meditação, fraze por phraze. O luxo é a completa ruina dos nossos maridos ! a desgraça incalculavel dos vossos filhos ! a perca e ruina das vossas fortunas ! e a fortuna perdida o que traz ao depois ? torrentes de lagrimas !... lagrimas de sangue !... humilhações, dependencia, escravidão ! miseria !... luto, dôr, consternação até a sepultura ! Ai ! quanto esta idéa é espantosa, Senhoras ! Dizei-me, respondi-me francamente : — pôde haver dignidade, altivez, independencia e virtude intacta na extrema miseria ? na indigencia ? pôde haver alma nobre e cheia de altivez quando se geme nas garras da miseria ? como ! se necessariamente a miseria vem acompanhanda do humilhante cortejo de tudo o que é mesquinho !... extremecei de chegar a uma posição peor que a mesma morte ! e o luxo Oriental traz ao depois este medonho abysmo.... que em summa não é ainda senão um ligeiro esboço um traço fraco e desmaiado, do vivo pincel com o qual eu vos pintarei na pagina seguinte os terriveis effeitos do luxo.

O luxo, Senhoras, é um medonho cahos ! alli n'esse cahos cahe a felicidade dos vossos maridos e filhos ! e a vossa felicidade sepultada fica tambem para sempre !... d'esse cahos horroroso ouvem-se os gritos desesperados das suas victimas !... ouvem-se os soluços, as imprecações !... as maldições dos maridos, dos filhos... das Mãis ! todas essas victimas desgra-

çadas na desesperação da sua dôr accusam-se mutuamente de sua extrema desgraça!... de um futuro inteiro de miseria, humilhações.... vexames e cruel dependencia!... essas bellas mulheres outr'ora tão mimosas, e adornadas de mil custosas galas, alli, alli se acham no fundo d'esse abysmo, horriveis hoje!... desfiguradas pela dôr, pelos sofrimentos de toda natureza!... ellas descabelladas, torcem-se as mãos entre as horriveis convulsões.... da negra desesperação do tardio arrependimento!... tudo isso já é tarde!... do medonho abysmo em que o luxo as fez cahir ellas, seus maridos, e seus filhos não sahirão jámais!... Este ligeiro traço do triste quadro que eu queria pintar melhor, é apenas um esboceto! tenho lastima de ir ferir alguns corações.... desgraçados que hoje gemem como victimas do infernal luxo Oriental.

A mulher adornada de virtudes, instrucção, e encantos moraes, é como deve ella de brilhar.

Quantas, e quantas Donzellas ha que perdem bons cazamentos só pelo desordenado amor do luxo com que ellas se nutrem! e essa paixão do luxo assustam a homens que pensam com bastante juizo, e toda reflexão no futuro feliz, ou desgraçado, que sua esposa lhe dará a elle e a seus filhos. E a proposito, Senhoras, já que trato do luxo bem que ligeiramente, recordo-me que no dia 19 de Setembro, dia da festa das Dores de Nossa Senhora, Mãe de Deos, eu fui ouvir a missa das 10 horas na Igreja de S. Francisco de Paula, e que em attenção a ser o dia que era. fui a missa com a maior singelleza e mo-

destia; pareceu-me que dizendo-nos a Folhinha que era esse dia o dia das Dores da Santissima Mãe de Deos, que todas as Senhoras deveriam ir á Igreja modestamente vestidas, pois que era um dia tão digno de respeito e veneração. Ao eu entrar na capella onde se ia celebrar o Santo Acto da missa, notei que todas as Senhoras alli reunidas, achavam-se tão adornadas de ricas joias de brilhantes, de magnificos bracettes, que só a bailes de apparato podem servir, que fiquei pasma de admiração ! os vestidos de riquissimos setins, as mantelletas de magnificos blondes, e enfim todo o luxo Oriental alli vi despregado com profusão ! pensei eu que ellas não tinham certamente lido na Folhinha que dia era esse.

Quando eheguei á nossa caza, vi em cima de uma mesa o Jornal das Senhoras, vi o figurino d'esse dia e fiquei encantada da singelleza e elegancia do dito figurino ! gostei immenso, e disse comigo mesma: — Ah ! se as Senhoritas Brasileiras amassem esta elegante singelleza, tão graciosa e encantadora, muitos cazamentos haveriam no Brazil ! mas infelizmente ellas amam só o luxo, e entretanto que a digna e Augusta Soberana do Brazil lhes dá o exemplo da singelleza ! Só quem não tem mais riquezas do que sua belleza physica, é que carrega em cima de si esse louco e desenfreado luxo que ao depois será trocado pelos andrajos da miseria !... e não tardará muito tempo.

Rivalisai, não pelo luxo ! mas sim pelos talentos, pelas virtudes, pela brilhante e nobre educa-

ção que cada Mãe de família dê aos seus filhos ! a esses que quando homens, sejam o orgulho e a gloria de sua patria. Em Buenos-Ayres e Montevideo, n'essas duas Republicas tão briosas, tão heroicas e altivas, as Senhoras dão coragem e heroicidade aos seus maridos, filhos e irmãos ! Antes d'elles partirem para a guerra, todas as Senhoras da familia do guerreiro o abraçam, e lhes atam ao braço direito um laço de fita da côr da bandeira que elles defendem, um tope de fita no chapéo e tudo isto é feito no meio de grande alegria, e sem correr lagrimas ! todas as Senhoras lhe gritam: — não voltes senão vencedor ! e quasi sempre esta ideia adoça o amargor e a saudade da ausencia d'aquelles que ellas idolatram.

Quando a 25 annos passados existiu a ultima guerra do Brazil com Buenos-Ayres, já não havia recursos no Thesouro Nacional ; mas as Senhoras Argentinas deram suas joias e prata lavrada. e até os dedaes de suas caixas de costura, tudo deram ! tudo sacrificaram !

Em todo tempo as mimosas e delicadas Senhoras de Buenos-Ayres e Montevideo deram coragem, e grande heroicidade aos seus filhos ! e estes bravos Republicanos voltavam da guerra cheios de gloria a receberem os premios, as decorações, as corôas de louro dadas ao valor ! só ao valor e á heroicidade.

Aquelles Republicanos briosos, e respeitaveis, são condecorados pelo seu governo com preciosas decorações, cheias de emblemas que attestam bem

as batalhas, e os triumphos do guerreiro ! Quasi todos esses grandes homens das nossas Republicas aceitam os premios e as decorações ! Quanto ás gratificações de grandes quantias de dinheiro, elles as rechaçam cheios de orgulhosa dignidade.

Terei prazer de fallar ao depois nos mais grandes homens da America Hespanhola, e entre esses homens tão e orgulhosos, não se acharão collocadas em seu peito, senão as decorações dadas pela sua patria e sua nação. Muitos são esses nobres guerreiros todos patriotas cheios de probidade, desinteresse e generosidade verdadeiramente admiravel.

Esses filhos são todos criados e educados por Matronas e tão corajosas como as Romanas e Espartanas ! eu appello só para os estrangeiros que hão visitado a nossa bella e encantadora America do Sul ; elles que me desmintam. E o que melhor o attesta do que o ultimo sitio de oito annos na Illustre e briosa cidade de Montevideo? póde haver maior heroicidade de nação, e de familias ? São essas Republicas que a Europa admira como justa apreciadora que é do verdadeiro merito ! e da heroicidade das nações do mundo, só acharão dos labios do Snr. Mello Franco, e em plena Camara da Capital do Imperio !! só acharam amargas expressões ? essas Republicuetas do Sul, onde se póde andar até de calças de ganga !

Eu destino uma pagina d'este meu livro para responder ao muito digno Deputado Mineiro, e ao qual eu tributo a maior veneração e respeito, já

pelo seu patriotismo e probidade, já pela sua Illustração. Como Americana que sou, muito sympathisó com seus sentimentos patrioticos! mas como patriota e Americana do Sul, o hei de bater, defendendo a minha patria que idolatro, e aos meus compatriotas; que são dignos de minha admiração, dos meus elogios que são dados sómente áquelles que muito os mereçam! Uma pehna como a minha, toda verdadeira e energética, não rende homenagens senão á virtude e aos grandes meritos. Inclinei só a Deos, e á Virtude minha cabeça Americana! tão altiva sempre como o meu coração, minha alma, e os meus sentimentos,

Minha admiração e enthusiasmo quasi que não conhece limites!... entendo só que devemos ufanar-nos com aquelles elogios e homenagens que no silencio da nossa consciencia achamos que merecemos áquelles que com elles nos honram. Senhoras, fazei-lhes sentir aos vossos filhos, que nem os vituperios que elles não mereçam, nem tambem os elogios de que elles não forem dignos, nada d'isso lhes deverá importar! é sim o testemunho de Deos e de sua consciencia, que elles deverão invocar, temer e respeitar.

A mulher sabia fórma o coração de seus filhos tão adornados de virtudes, e de qualidades preciosas, assim como a bella Donzella se atavia desvelladamente com as galas das virtudes e encantos moraes, para prender e enfeitiçar o coração do homem que ella bem que ainda em silencio já idolatra! que ama com paixão e terna dedicação.

Quanto isto é verdade! Minha penna, sempre natural e singella, assim hoje exprime estas verdades.

Eu não escrevo senão cousas muito insignificantes. Não tocarei em critica! e não quero que se julgue que em minha critica se deixe ver antipathia pelo paiz em que me acho! este está collocado na America; razão bastante para eu o julgar como minha propria patria.

Sou Americana que ama todo ponto e paiz da America! e em sendo Americanos são meus compatriotas, os homens de todas as nações, idades, religião e condicções que forem, são meus irmãos dados por Deos, e Deos em Sua Santa doutrina Christã, só nos ordena que nos amemos! que nos protejamos uns aos outros! que estendamos uma mão generosa a qualquer dos nossos irmãos cahidos por terra. Não nos importe com a sua ingratição! façamos o bem, passemos adiante, e deixemos a Deos o julgamento das nossos acções, Elle é só quem nos ha de dar um premio, ou um castigo a quem o tiver merecido.

Em toda a America Hespanhola a hospitalidade é nobre, generosa e leal; em muitas cousas o Americano do Sul parece-se com o altivo Arabe! Na hospitalidade e na heroicidade! no amor da independencia e no zelo pela liberdade de sua Patria! em toda essa vasta e bellica America, o viajante é hospedado, considerado e colmado de obsequios extremos, o mesmo Gaúcho do campo dá ao viajante que se apeia na porta de sua cabana de palha, dá-lhe o pedaço de assado que elle vai comer com

sua mulher e seus filhos! o mate, e cigarro unico que elle tem para si, e que para elle é uma riqueza; o Gaúcho francô e hospitaleiro, o dá ao viajante de qualquer nação do Mundo; quinzé, vinte dias, e até mezes inteiros fica hospedado n'aquella fazenda rica, ou n'aquella cabana pobre, qualquer viajante estrangeiro; e elle é tão bem tratado como o filho mais querido d'aquella boa gente que o hospedou sem o conhecer.

Guarda-se porém o viajante estrangeiro de querer ao despedir-se recompensar com ouro os desvellos d'aquella pobre familia de Gaúchos! então a dignidade e generosidade Americana, mostram-seem todo seu brio! em toda sua nobre altivez.

O Americano do Sul, tem luxo de dar o que possue, sente-se porém humilhado de receber a menor recompensa.

Digam-no as nações do mundo, que hão visitado aquelles paizes encantadores, os Portuguezes e Brasileiros que são alli os bem amados d'entre todas as nações do Mundo elles que hão sido ha trinta annos aqui, idolatrados em Montividéo, e em Buenos-Ayres! elles que o digam, é tal o fanatismo, é tal a loucura de minhas compatriotas que desprezam brilhantissimos cazamentos com capitalistas estrangeiros, e nacionaes, só para casarem com pobres Officiaes Brasileiros e Portuguezes! todas ellas são atacadas do mal contagioso que alli reina! A Senhora Oriental despreza as riquezas da caza paterna para ir partilhar a miseria com o homem que o seu coração escolheu para Esposo! tudo ella soffre cheia

de heroicidade e coragem pelo homem que sabe amar.

Felizmente que n'esses cazamentos faltos de fortuna, ellas supprem mil faltas com seu genio viyo, e todas as prendas que em sua educação aprenderam, a Senhora Oriental ou Argentina, filha de ricos negociantes, e criada entre mimos é todavia educada por sua Mãi de maneira tal, que se ella cazar com um homem de grande fortuna saiba mandar aos seus escravos e criados, e se casar com um homem pobre, ella mesma se sirva a si, ao seu marido e aos seus filhos. Ella foi já educada para saber ser Senhora, para mandar, e para em caso de não ter escravos e criados, fazer de portas a dentro mil arranjos de caza. As filhas de cazas mais ricas tomam conta do governo da caza uma semana inteira. Cada uma d'aquellas filhas visitam a cosinha muitas vezes ao dia, para ver o que os escravos e as criadas fazem, só depois de estar o jantar na meza é que aquella linda Donzella vai assentar-se ao lado de seu Pai, que com mil gracejos lhe agradece seus extremos e desvellados carinhos de boa e excellente filha. Oh! como tudo isto dá felicidade ao coração d'aquelle Pai, e d'aquella boa Mãi! ambos elles sentem-se tão felizes de verem suas lindas filhas umas perfeitas donas de caza, quando ainda são donzellas! essa Mãi não lhes dá dote de dinheiro a suas filhas, porque entre nós é costume que não se conhece; mas a Mãi tem luxo de lhe dizer ao noivo que lhe vem pedir sua filha em cazamento:—Cavalheiro, minha filha não leva dote de dinheiro; porém leva virtu-

des, mil preciosas qualidades moraes. Sabe ser uma perfeita dona de casa ; é uma excellente filha, e desta sorte ella será uma boa esposa e Mãe carinhosa. Fazei a felicidade della, porque estou bem certa que ella fará a vossa.

Tantos cazamentos como se effectuam annualmente em Montividéo e Buenos-Ayres! e porque? porque os homens não tem que assustarem-se com o luxo, a preguiça, a indolencia! não! o marido trabalha, mas sua mulher o ajuda em muito! Ella cose toda a roupa da familia, a roupa toda de seus filhos, e mesmo aquella que pertence aos graciosos trabalhos das modistas. Gastam sim, luxo, mas esse é quasi todo de elegancia, e acompanhado de economia domestica que poupa muito dinheiro da algibeira dos chefes de familia, cujas despesas e atenções já são para elles demasiado pesadas quando não tenham suas esposas e filhas uma rigorosa economia domestica, o que em summa é sempre uma riqueza em toda familia.

As modistas e cabelleireiros Francezes nada tem que fazer em nossos paizes! As Senhoras Orientaes e Argentinas olham um figurino Francez, dos que vão nos jornaes de modas, imitam tudo o que apresenta o desenho, com a maior perfeição e bom gosto, seus trajes são elegantissimos, e graciosos, a ponto dos estrangeiros de todas as nações pararem nas ruas para admirarem tanta gentileza, bom gosto de adornos e belleza natural d'aquellas Americanas tão patriotas e elegantes. Os homens trajam como os Francezes! os homens de bom tom e recebidos

n'aquellas elegantissimas reuniões de bellas Senhoritas, que todas ellas são amabillissimas, e de uma hospitalidade tão graciosa e generosa, que o mais glacial, e positivo philosopho, não sabe o que ha de fazer de toda essa sua philosophia.

Quando o almirante João Purvis e sua excellente esposa foram ha annos passados a Montevideo, disseram-me elles aqui quando chegaram, que sentiram mais ao deixar Montevideo, do que quando se separaram de sua patria.

Ora, em tão elegantissima e brilhante sociedade, como é a de Montevideo, e Buenos-Ayres, poderão por ventura brilhar as calças de ganga, e quem sabe se os elegantes da Terra do Snr. Mello Franco não estão agora brilhando com todo esse bom tom de calças de ganga? Eu não fallo com nenhum outro Snr. Deputado Mineiro, porque nenhum d'entre tantos dos que ha aqui na côrte, lembrou-se de fazer um tal insulto para com a brilhantissima sociedade d'aquellas nobres Republicas do Sul. O Snr. Mello Franco falle com o Snr. Cavalleiro de São George, com os Ministros Plenipotenciarios das côrtes de Europa que alli hão sido enviados, com os Almirantes das nações estrangeiros, e principie a inquirir noticias da brilhante e polida officialidade da Marinha Brazileira, que pergunte o nobre Deputado Mineiro a todas as personagens que ácima já lhe citei, que historietta é essa calça de ganga. Quem conhece as nobres e bellicas Republicas do Sul, tem-se bem rido do atrazo em que está o nobre e illustrado Deputado Mineiro.

Permitti-me, Senhoras, que eu vos transmitta alguns conhecimentos de coisas preciosas que sejam usadas por esta ou por aquella nação indistintamente, e sem que se possa julgar que eu só por patriotismo citarei com preferencia as que sejam usadas, e em estylo em minha patria.

Em toda America Hespanhola ha isto em costume, e nós já achamos quando nascemos, assim como nossas Mães acharam tambem desde que nasceram. Quando um mendigo de qualquer nação ou religião pede uma esmola pelo amor de Deos, jámais se lhe responde, Deos o favoreça, não! mas bem pelo contrario, uma menina ou Donzella da familia corre ao lugar em que sua Mãi guarda o dinheiro, e tira uma moeda pequena ou grande; e conforme as posses d'aquella familia, e ella mesma a vai dar ao mendigo! quando não haja dinheiro trocado dá-se-lhe um pedaço de pão, uma fruta ou um prato de comida! em Constantinopla, capital bem populosa, existe o mesmo costume. Entre mil costumes piedosos e religiosos que existem em nossa America, ha um que eu acho admiravelmente religioso e solemne! e este é fielmente executado.

Quando Pai, Mãr, ou parente de uma familia morre, no dia setimo do fallecimento d'aquelle individuo, vai toda a familia e amigos ouvirem a missa do setimo dia, e de tarde toda aquella familia em lagrimas, e consternadissima vai ao Campo Santo collocar a imagem da Santa Redempção na qual acha-se e lê-se o epitaphio. Em roda d'aquella sepultura, e na qual se acha o Pai, ou bem a Mãi,

ou parentes, acham-se prostrados por terra todas as pessoas d'aquella familia, em inconsolavel pranto! em dôr! em profunda tristeza. Depois d'essa solemne cerimonia que tanta religião e moral em si encerra já, vai toda aquella familia em profundo silencio orar diante de cada cruz e sepultura de amigos, parentes, ou estranhos, esta triste funcção dura até a chegada da noite. Aquella familia e um cento de outras, vão mez a mez, ou conforme a devoção de cada uma, e alli ajoelhadas, e em luto, rezam pelo descanso eterno de seus progenitores que lhes deram existencia, desvellos, carinhos e educação. Lembro-me que quando eu tinha sete annos, minha respeitavel Avó me levou uma tarde ao Campo Santo, ou Cemiterio a fazer oração! Ah! a impressão profunda que me fizeram as palavras de minha Avó! ella apontou para o lado esquerdo do Cemiterio, e me disse apontando com sua mão direita: — Olhai, alli está sepultado teu Pai! foi tão solemneo ar que aquella Senhora empregou n'aquelle momento, a impressão foi profunda; e hoje que se hão passado vinte e seis annos, ainda me parece ouvir as mesmas expressões, e vêr aquella mesma figura de mulher piedosa tão grave, e religiosa, e cuja memoria venero profundamente, pelas immensas virtudes que sempre lhe moraram na alma. Como nos ficam gravadas na mente as ideias, e os factos que vemos praticar desde a nossa mais tenra infancia! E qual será a filha religiosa e ternamente educada, que não tenha constantemente presente as expressões do amor, ou bem da colera de sua mãe?

qual é essa que assim possa esquecer-se dos suspiros, ou das lagrimas que custou ao coração de sua bôa mãe ?

Ah! um olhar de ternura, uma só phrase de amor e de carinho que nos dêr os labios de nossa mãe, nos acompanha sempre ! e quantas lagrimas de bem sentida dôr, e de repassada amargura.... não enchuga a piedosa linguagem de uma bôa, e amorosa mãe ? quantas palavras de terna, e solícita consolação, não dá ella ás nossas penas em mil circumstancias de nossa vida ? penso que não ha affeição mais profundamente forte no coração da mulher, do que o amor materno.

Parece que o Altissimo depositou no bello, e sensível coração da mulher virtuosa, todos os termos, e delicados sentimentos da humanidade ! a generosidade illimitada, a sublimidade da mais completa paciência para com todos os martyrios occultos, e sem a menor expansão.

Estudando-se bem a alma da mulher piedosa, e nobre, acham-se n'ella riquezas de inestimavel valor ! e nós outras com toda essa superioridade acima já mencionada, nos queixamos de ter nascido mulheres ? da triste sorte que em partilha nos coube ? e porque não nos consolaremos um pouco no meio de tantas desventuras, á vista das riquezas, e das preciosas qualidades moraes superiores em tudo ás do homem ? e sobre tudo na ternura, e excessiva delicadeza, e desinteresse com que sabe amar o coração da mulher sensível, e extremosa !

Celestial producção que com primor foi fornada

por Deos para servir do mais brilhante exmalte da terra! exmalte o mais bello, e preciozo da vasta natureza! quanto és admiravel, e encantadora assim ó! mulher! a Lyra, ou harpa era entre os antigos o emblema do amor, e da ternura; e ainda assim o diz São Jeronymo sobre o trigessimio segundo psalmo que pela harpa com suas cordas se entendem as acções dos justos. Muitos dos antigos pela Lyra entendiam o sentimento do amor.

Esta é a Lyra de Amphiaon, a cuja muzica elles diziam que o obedeciam as mesmas pedras; queriam significar, que até os homens duros, e agrestes, se amainavam com o poderozo sentimento do amor. Dessa Lyra faz menção Apollonio nos seus Argonauticos, e Amtimonides no seu primeiro Livro.

Nós outras criadas com tanto amor, e carinho pelos nossos pais, já recebemos em herança, esse terno sentimento da amizade, e do amor. Muitos beneficios devemos aos homens quer como pais, quer como esposos, irmãos, ou protectores sim!

Porém a quem nós outras devemos milhares de preciozos beneficios, é ás nossas boas, e excellentes Mães!

O' vós, outras filhas, que lèdes estas singellas expressões de minha penna, amai, idolatrai vossas Mães! toda nossa idolatria e amor filial não é nada em comparação do amor maternal! esse amor que de tão sublime que é, nem ha nome bastante que exprimil-o possa! recordai-vos que nas primeiras paginas deste pobre livro já eu o dou como o mais santo, e generoso amor do coração humano! Se-

nhoras, immensas vezes lhe ouvi estas palavras á minha Avó:— Uma Mãe é para cem filhos! e cem filhos não são para uma Mãe! Como isto é infelizmente verdade! Qual é a filha que não sinta seu coração commovido com as linhas que minha penna vai traçar aqui? Qual será essa tão má filha, e tão insensível! Ah! penso que poucas.

Deixamos o seio materno, onde derramamos nossas lagrimas vertidas na infancia, ou bem quando Donzellas, e tudo deixamos pelo homem, que nosso coração escolheu, ou bem o destino nos deu. Essa boa Mãe, que desde que nos sentiu mover em suas entranhas, já nos amava, e depois de nascidas nos colmou de beneficios, de amor, e mil carinhos, é abandonada cruelmente por sua filha, que lhe prefere um Marido!

Tratai de ensinar as vossas filhas, que entertainham a paz, a concordia entre seus maridos, e entre seus Pais! porque quando essa falta por causa dellas, aonde, Senhoras, não chega a maldição de um Pai, ou de uma Mãe? a toda parte! ensinai-lhes que não póde ser boa Esposa aquella que não é boa filha! a filha má receberá de Deos a maldição. Que entre os Pais e nossos Maridos, reine a paz e o respeito. A mulher virtuosa fórma o coração do homem, seduz! domina! e tudo enfim ella adoça ou consegue entre uns e outros homens.

Que respeito e admiração não inspiramos aos nossos Maridos quando advogamos a cauza de nossos Pais? quando cheias de ardor e dedicação defendemos aos dignos autores de nossos dias? Que feli-

cidade não espalha entre todos, a mulher virtuosa, boa, e sensível? como todos a abençoam a um mesmo tempo! Como o Pai pondo-lhe a mão sobre a cabeça, lhe dá sua benção cheio de amor paternal! como o Marido a aperta entre seus braços arrebatado de felicidade! como a Mãe se abraça com ella, e choram ambas juntas de prazer, ou bem de dôr!...

O coração da mulher comprehende bem a dôr que se abriga em um outro peito feminino! nós outras temos uma tal delicadeza em nosso modo de sentir, e de amar, que não ha coração de homem algum que bem nos possa entender, e menos apreciar! A Senhora que, infelizmente, é terna, extremosa, e desvellada em suas affeições, os homens que estão longe de comprehender tanta sensibilidade de sentimento, e muito menos o poderem avaliar os altos quilates da sublimidade do coração da mulher superior; sabeis vós, senhoras como esses homens nos chamam? Romanticas!. aquelles que são materiaes, que estão longe de poder-nos avaliar, assim se exprimem. Mas o homem sensível, nobre, cavalheiro, e que foi educado por uma Mãe respeitavel e terna, não se conduz assim na Sociedade! este lastima a dôr e os soffrimentos de seus amigos, de seus semelhantes, tudo faz para suavisar os males que experimenta o seu proximo.

Ha de se me permittir que eu cite aqui algumas nobres e virtuosas pessoas d'este Paiz, que me honram com sua leal e respeitavel amizade, e eu me prezo de finamente correspon-

del-as, e que eu seguindo nobremente esta maxima, lhes recompense bem suas finas attenções com mil outras.

De ingrato nunca dêis nem leve indício!

Paga com outro maior o beneficio.

N'estas honrosas citações, aliás tão justas, e que me dão um grande prazer. Principiarei por duas Damas Brasileiras, distinctas pela nobreza de seus nascimentos, pelas immensas virtudes que ellas ambas possuem, pela educação de Côrte que ambas receberam, e pela sua muita erudição e graças de espirito.

A muito digna e respeitabilissima Sra. D. Anna José Gularte de Abreo, essa perfeita Matrona tão cheia de virtudes e meritos positivos. Madame de Walestein, Viuva do muito illustre e Sabio Conselheiro Julio de Walestein! digna filha de Mãi tão respeitavel! não ha uma só virtude que se não ache n'estas duas distinctas Damas Brasileiras. Madame de Walestein é uma das Senhoras de grande instrucção e modestia que eu tenho conhecido! penso mesmo que nenhuma outra a excederá. Uma só virtude que se procure n'ella, não se deixará de achar! meiga, nimiamente delicada, boa, attenciosa, polida, até a escrupolosidade.

Tomai-a por modelo para a educação de vossas filhas, e assim como a outras mil Damas da maior polidez e bom tom que se acham felizmente n'esta brilhante côrte do Brazil.

Ao depois, e na continuação d'estas paginas, irei citando outras pessoas respeitaveis. Se houvesse no

Brazil protecção para os talentos das Senhoras, haveria mil outras Damas de talentos como a ultima de quem já fallei, bem que ligeiramente para o muito que ella merece. Com a protecção e os applausos o espirito alenta-se!

O amor da gloria fortifica-se em nossos corações, e transmittindo ao papel nossas idéas, estas vão desenvolvendo-se cada vez mais, assim como os nossos talentos naturaes. O espirito humano despede por vezes raios de luz tão viva, que me faz comparal-o ao sol brilhante ostentando seu rico fulgôr em um Céu sereno, celeste e bello! assim tambem nós outras admirar devemos a preciosa intelligencia humana. Se em nossa encantadora America tão fertil em todas as riquezas da natureza, assim como fecunda em homens de talentos extraordinarios, e de genio superior; se lhe fizesse sentir e conhecer ao bello sexo que elle foi formado por Deos para embellezar a sociedade com suas preciosas virtudes, talentos, meritos e dignidade de character, nós outras as Americanas imitariamos as Damas talentosas da velha Europa! a essas illustres e nobres Senhoras, que com tanto prazer vemos collocadas tão distinctamente nas paginas da historia, como são por exemplo: Mesdames de Staël, de Sevigné, de Gramont, Marqueza de Mainttenon, Condessa de Gragan, du Deffant, Vundic Viote, Deshulières, de Gemlis, George Sund, Elisabeth du Bon, de Sablière, Nequer, Flora Tristan, Lafayette, a condessa de la Villete, Mylady Nintinsdale, Mylady Manttaggu, Maria Capello, a sabia e espirituosissima

Christina da Suecia, a infortunada Joanna Grey, essa Princeza litterata apenas com dezoito annos, e mil outras, nobres e distinctas Senhoras d'esta e aquella nação, que trilharam com passos firmes e afoitos, o vastissimo campo da litteratura, e que me occupariam longas paginas seus celebres nomes; se eu os quizesse aqui collocar. E o nosso coração não sente orgulho da gloria de todas essas pessoas do nosso sexo? Como sentimos prazer infinito ao ler os factos historicos que acompanharam a vida de cada uma d'essas litteratas, diante das quaes se inclinaram as mais illustres cabeças dos grandes homens do seu tempo. Essas mulheres extraordinarias e talentosas, representaram em suas épocas um brilhante papel e foram admiradas com enthusiasmo pelos homens que as podiam bem avaliar nos justos quilates de seus altos merecimentos. E não é tão louvavel aspirarmos ás cousas superiores? a mulher não tem iguaes direitos que o homem quanto ás aspirações e ambições sublimes que ennobrecem a nossa alma, e elevam o nosso espirito e coração? por que razão querer-nos privar de sentir e pensar dignamente? quantas vezes pegaremos na penna, guiadas pelo instincto da conservação para não succumbirmos de todo, baixo o tedio e as amarguras de uma vida que não é feliz! e imprimimos nossos pensamentos no papel, para o nosso divertimento, ou bem para utilidade de alguém que nascesse com menos luzes que nós. Aquella que não tem talentos para escrever com a fina habilidade das damas do seculo de Luiz XIV. nem com a sublime

eloquencia e perfeita erudição dos conselhos do immortal Cicero ; que vá assim como eu, fazendo um primeiro ensaio na carreira das lettras.

Quizera manejar tão habilmente a penna, assim como Benvenuto Cellini e Canova manejavam o cinzell todo primeiro trabalho, esboço, ou como lhe quizerem chamar, hade ser necessariamente cheio de imperfeições, mui principalmente quando essa pessoa não tem mestre que guie seus talentos naturaes, como me acontece a mim, que trilho um caminho com uma venda nos olhos ! e poderei eu não errar a cada passo trilhando um caminho semeado de agudos espinhos, de tropeços.... de atalhos, de milhares de difficuldades ? Como não ha de ser imperfeita a primeira composição ao correr da penna, que não é um lindo e gracioso romance ; mas sim pensamentos, muito longe das chimeras e das fantasias de uma imaginação de fogo ! como ser izempto de imperfeição este meu traço de penna, logo que eu nada conheço do globo terraqueo, senão as figuras e os pontos que examinamos na Carta Geographica, e não tendo visto nada que me proporcionasse auxilios nem conhecimentos interessantes ? as Européas viajam, observam attentamente, e acompanhadas ora de um Thelescopio, ora de um Microscopio, ellas veem, e estudam todos os objectos dignos de contemplação, e escrupulosas observações, as quaes se transmittem ao papel. Ellas examinam, inquirem noticias uteis, e exactas de tudo quanto veem, e admiram em suas viagens ou passeios. Mas eu que nada tenho visto, que nada conheço de extraordinario mesmo do paiz

que habito; que não tenho visto nem fabricas de telas, nem engenhosos machinismos onde nossas observações, e mil perguntas curiosas se pudessem confundir com as instrucções dadas por explicação interessante ás nossas perguntas; o que poderei em-fim dizer que interessante seja?

Nada, ou pouca coisa! mas penso que passando-se de pensamento a pensamento, e de umas a outras paginas, se poderá achar alguma idéia feliz, ou expressão, que encontrar possa alguma benevola sympathia, com o que minha singella e esteril penna irá escrevendo. A Senhora Americana, que nada pôde ver, nem observar além das pittorescas, e graciosas montanhas, planices ou Céu bello, e celeste de sua patria, tem pouco que narrar e indicar áquelles que a escutarem, porém tem, sim, a liberdade do pensamento entusiasta para admirar o homem, ou a Senhora de meritos superiores, que faltos de fortuna, e de toda a protecção tratam de vencer todos os obstaculos, e impedimentos até chegarem ao seu nobre fim! e qual é o genio ardente, e atrevido em seus vôos, que não sinta inflamar-se cada vez mais, á vista dos atalhos, e impedimentos oppostos á audacia de sua carreira? não tem havido um só d'entre esses genios superiores, que deixasse de encontrar, ante seus passos, milhares de atalhos, e escabrosidades ao ardente, e nobre empenho a que todos queriam, e aspiravam chegar! foi justamente a perseguição, que a inveja de uns lhes suscitava, e os obstaculos fortes, que outros lhes appresentavam para os desalentarem

e fazel-os desmaiar na brilhante carreira da gloria, o motivo, e estímulo para tudo vencerem!! o estímulo mais forte é a emulação; e os tropeços, que a inveja ante põe, para que o espirito forte atire por terra com as barreiras de bronze, o lemos nas paginas da historia de todas as nações, e de todos os tempos! entendo que a mais feroz, e cruel perseguição apura as virtudes, eleva o nosso espirito, e desenvolve cada vez mais o genio do homem, ou mulher não vulgares! felizes d'aquelles que os sabem admirar, e que tiveram a fortuna de protegel-os na carreira da virtude, e da gloria! bem que sempre a partilha dos meritos, e da virtude seja o infortunio na força da expressão.

Nós outras, que temos ante nós feixado o caminho da gloria, que não podemos senão admirar, gemer, e amar, amemos a humanidade com terna e desinteressada dedicação, com ardente e sublime charidade! o entusiasmo, e a sublimidade, é bello em tudo! no Scientifico, no guerreiro, no Advogado, no orador amigo de sua patria, no Artista, no Poeta, e em todas as affeições e sentimentos d'alma, acho que é de grande merito o fogo ardente da sublimidade! esse fogo brilhou por longos seculos no coração e na mente dos martyres da fé! que heroicidade, quasi divina, não despregaram todos esses martyres do Christianismo, durante a feroz perseguição, que lhes fizeram os pagãos? e essa heroicidade virtuosa enardecia o furor dos Imperadores Tiberio, Diocleciano, Calligula, Domiciano, Constantio Cloro, esposo de Santa Helena, e de outros

muitos que ordenaram contra os Christãos toda a sorte de flagellação e martyrisantes tratos, a ponto de não se poderem ler, sem horror, tão barbaros tormentos.

A perseguição d'esses açoites da humanidade gemente nos faz sentir mais amor á virtude, e mais tedio para com o crime.

O coração virtuoso é uma Redoma, onde se encerram thesouros de inestimavel valor! A razão, essa Aguia de poderosa força, guia e conduz o homem ao caminho do Céo ! essa Soberana sensata quer que os humanos não só lhe inclinem a cabeça, mas tambem que a amem ! quer ter vassallos submissos, assim como os filhos do bom pai e da boa mãe, que não affastando-se do respeito devido, sabem ternamente amar , por que tambem são amados.

Os homens máus são mil vezes peiores para com seus semelhantes do que as mesmas feras nos bosques ! de balde o Divino Mestre lhes recommendou em Sua Santa doutrina que se amassem e protegessem uns aos outros ! não ! as palavras e recommendações do Salvador não hão sido até hoje attendidas pela maior parte dos habitantes do mundo civilizado ! o assassinato na honra d'este, e d'aquelle outro de seus semelhantes, o faz sem o menor remorso o homem, ou mulher que não podem nem sabem apreciar o inestimavel valor d'essa joia de altos quilates ! e as victimas mais innocentes e nobres guardam o mais profundo silencio cheio de dignidade , e contentes da Suprema felicidade e

da tranquillidade de sua consciencia e alma. Entretanto que os perseguidores e criminosos, na real e positiva convicção de suas consciencias, bradam altamente e calumniam com ardente furor.... e perseguição áquelles que desprezando-os demaziado... guardam o altivo e frio silencio da dignidade contente de si mesma! é justamente esse nobre altivo silencio que redobra o furor.... e alenta a cobardia e insolencia do crime!... mas quem tem bastante conhecimento do coração criminoso do homem ou da mulher perversa... ignora por ventura as machinações, e arte satanica... que esses Entes miseraveis poem em pratica para chegarem ao fim de seus planos?... o crime é o primeiro flagellante supplicio.... do criminoso! o segundo são os remorsos!... mas que digo eu? o coração do criminoso não tem remorsos!.... o remorso assusta a uma alma, onde não habita o crime! a essa tudo assusta e intimida, logo que quizer dar n'ella entrada ao que a virtude reprova ou censura. A Religião Catholica teve seus martyres, assim como a sociedade os tem! mas haveria virtude acrizolada, e sublimidade de heroicidade, se não fosse a perseguição e machinações.... do crime? Santo Agostinho, Santo Ambrosio, São Jeronimo, e outros Sabios Douctores da igreja, nos appresentam exemplos de sublimes virtudes, de paciencia, e de saber! a prudencia que já é uma mui grande sabedoria nos é muitas vezes recommendada por esses sappientissimos escriptores sagrados; que seja por nós dignamente aceita, para nos servir em

muitos conflictos da vida. Os credos politicos tem tambem grandes, e illustres martyres! e tanto uns como outros soffrem a perversidade do coração humano e admiram com maior fervor as virtudes dos homens, que honram a sociedade, e que são o precioso exmalte da natureza! para esses meu coração, e meus labios nunca terão expressões de elogios lisonjeiros, e gratos, que me satisfação bastante.

A mulher virtuosa foi por Deos escolhida para curar as ulceras do coração, e enxugar as lagrimas que d'esse sacrario da virtude, e habitação da dôr se escapam quasi sempre! e quantas vezes uma só lagrima, que silenciosa e fria corre lentamente pelas pallidas faces d'aquelle, que a verte, leva em si mais angustia, e repassada tristeza..... do que torrentes de ardentes lagrimas de outrem? mas essa lagrima lenta, e silenciosa.... que nada pôde dizer da extrema amargura, e afflicção.... de quem a verte, quão forte, e viva eloquencia tem aos olhos da pessoa sensivel, e virtuosa que a saiba comprehender? essa lagrima de dôr é qual uma odorifera exhalção de precioso vaso, que contém suave perfume! reveladores infalveis da existencia da afflicção, e do cheiro delicado, que se occultava para não evaporar-se, e como é verdade que n'esse sacrario das virtudes, o coração, não tem entrada o fingimento quando a dôr é profunda.... e intensa em seu pungir, e os padecimentos são reaes, e positivos! então não se acham variadas flores de seductora eloquencia; nem inspiraçoens de sublime poesia que embelleze o espirito! o laconismo da ex-

pressão, que manifesta a verdadeira dôr, eu o compararei ao tímido, e obstinado silencio de um terno, e bem sentido amor!

Dentre mil pessoas apenas se achará uma só que comprehenda, e avalie bem as penas profundas de uma outra alma, em uma lagrima! em um doloroso gemido!... em um Ai! e no acebar de um terno melancolico sorriso que ligeiro passa pelos pallidos labios de quem triste sabe acaricial-o!... Oh! quantas vezes esse signal merencorio, e lastimoso.... revela toda uma existencia de mysteriosa, martyrizante dôr!...

Um sorriso que expira nos labios,
No momento em que vem de nascer,
Como amor infeliz, malogrado,
Que no peito é preciso esconder.
Qual de roza botão purpurino,
Desabrocha, desmaia, e expira,
Qual as cordas de lyra harmoniosa,
Que em lugar de vibrar só suspira !...

Tal pois eu comparo esse sorriso de repassada angustia.... que nos labios se mostra algumas vezes! quizera ter pensamentos felizes, e sublimes para cada uma linha que minha penna traçassel! mas essa riqueza, e variedade, eu a teria para a composição de um Romance, onde se derrama pelo papel a profusão das idéas mais graciosas, os pensamentos mais pomposos, exaltados e audaciosos! n'esse genero de composição tudo é fogo, ardor, lavaredas, e obstaculos vencidos! mas

no positivo, a prudencia, a razão, a religião, e a boa moral guiam nossa penna; e esta, em perfeita harmonia com os nossos sentimentos, atende a todas as imperiosas ordens da virtude, e do dever. Desta sorte a linguagem da realidade é fria, monotona, porém util aos nossos semelhantes, mui principalmente áquelles, que não forem sectarios da perigosissima doutrina de Alembert, Rousseau, e Voltaire, nem da perversa, e corrompida moral do Conde de Bussy-Rabuttin, que jámais disse, nem escreveu nada bom de pessoa alguma! elle, e Piron, foram os dois mais detestaveis satyricos escriptores, que a França teve! Boyalu foj supportavel, á vista dos dois acima já citados. O Conde de Bussy-Rabuttin escreveu uma obra cheia de graças de espirito, e com todo o talento; mas nenhuma outra foi tão cheia de maledicencia!... e essa obra do Conde de Bussy-Rabuttin é a côrte do grande Luiz XIV. á qual elle chama a côrte do grande Alcandro. Foi assim que denominou a brilhante côrte do Soberano mais pomposo, que a Europa teve! e depois d'elle o foi igualmente o sabio e virtuoso Frederico Augusto Terceiro, Rei de Polonia, unico em magnificencia, e esplendor depois de Luiz o grande. N'essa obra intitulada—*La cour du grand Alcandre*, —e tão interessante como ella é, desde el-Rei até á ultima Dama, e Cavalheiro, soffreram em suas reputações um côrte desapiedado! a unica Dama privilegiada para o maldizente Conde foi sua Prima-irmã a Marqueza de Sevigné! penso que o satyrico Rabuttin a temia igualmente!

E' sómente com vós outras Senhoras, que eu converso, e me entretenho n'este insignificante artigo, que já tão sem graça é em si, faltando-lhe o gracioso sal da critica bem entendida, e a falta que eu mesma acho em não tratar em nada de politica! ambos estes objectos tão interessantes faltam aqui, consolo-me com dizer, que bem ao meu pezar!...

O immortal Molière deu tom á França inteira com a penna na mão! Metteu-a a completissimo ridiculo.... escarneceu-a, zombou completamente dos seus ridiculos... costumes... linguagem e usos! foi assim que esse extraordinario homem deu bom tom á França! vinte annos noite por noite, ia assentar-se em um cantinho do magnifico Palacio da Duqueza de Rambouillet, e alli só, e quasi que desapercibido da brillante sociedade, que frequentava aquelle Palacio, estudava bem os ridiculos costumes, que queria, por amor da Patria, destruir! alli, estudou a inintelligivel e extraordinaria linguagem de mais de mil pessoas já iniciadas nos seus mysterios, que o resto da nação não comprehendia. Molière foi o verdadeiro Patriota! o verdadeiro Francez d'aquelle seculo! depois do longo estudo de vinte annos, esperou que a Duqueza descesse ao Tumulo para compor a comedia, que o immortalizou! — As Preciosas Ridiculas —; e foi essa critica feroz e sem piedade... que deu grande tom á França inteira.

Depois desmascarou os hypocritas do Clero Francez, compondo o seu gracioso Tartufo. Que bella e util comedia! Se Lekain e Talmá foram os dois maiores tragicos da França, Molière e Lafontaine foram os dois maiores genios! ambos pareciam desdobrar uma a uma as pregas do coração humano, e penetrarem em seus reconditos arcanos! foram queridos e muito estimados de uns, perseguidos e odiados de outros, que sentiam-se feridos de morte pelos versos, satyras, fabulas e ridiculos arremedos desses dois grandes genios da illustrada França. Quem não gostará das graciosissimas fabulas do primeiro moralista Francez? parece que esse homem de espirito sem igual compoz essas fabulas para todos os tempos, e para todas as nações do mundo! Aquelles, que tenham soffrido bastante, serão os que mais apreciarão esse genero de composição, assim como as lindas comedias de Molière. Muito soffreram e experimentaram todos os grandes escriptores de todas as nações; quando com habil penna queriam emendar os costumes e usos de sua patria! grande foi o bem, que elles todos fizeram á sociedade d'essa época: tendo a coragem de supportarem a perseguição de todos aquelles a quem com suas criticas mortificavam em seus espirituosos escriptos. Parece que Deos dotou a esses genios superiores de maior energia para tudo encararem com calma e sangue frio! essas felizes organizações moraes acharam-se, e acham-se ainda hoje, quer no escriptor veridico e impavido, quer no guerreiro audacioso, quer no

ativo Monarcha decahido de suas glórias e aspirações! A energia robusta e firme succumbe só depois de grande lucta, assim como o herculeo Gladiador, que cahe no circo sómente para exhalar seu ultimo suspiro!... Carlos VI, Imperador da Allemanha, desalentou completamente quando lhe deram a noticia da morte do grande Principe Eugenio, esse mesmo que tinha tão briosamente ganhado as mais brilhantes campanhas, e gloriosas conquistas. O Imperador disse: — perdi n'elle só, mais do que um exercito! — Foram tambem as mesmas palavras de Francisco I de França ao lhe annunciarem a morte do bravo cavalheiro de Bayard (o cavalheiro sem nodoa e sem medo) e Luiz XIV respondeu o mesmo na perca do Principe de Turéne. O General Saint-Hilaire ficou n'essa mesma occasião ferido no braço direito, e a poucos passos em que jazia o cadaver do Principe Generalissimo do Exercito Francez. O filho de Saint-Hilaire, menino de doze annos, se pôz a chorar e a beijar o braço ferido de seu pai! este para o consolar, levantou a mão esquerda, e apontando para o cadaver do grande Turéne, disse-lhe: — meu filho, não chores por mim! mas sim chora pela perda irreparavel que a França acaba de fazer! vê alli por terra o heroico Turéne! São os guerreiros sempre os que expondo o peito ás balas, sustentam com a mão direita e a espada alçada, a coroa na cabeça dos Monarchas. O Imperador Carlos VI dobrou a cabeça sobre o peito, e succumbiu pouco tempo depois do Principe Eugenio.

As desgraças são também hereditarias! Maria Thereza d'Austria bem depressa o experimentou logo depois da perda de seu Augusto Pai o Imperador Carlos VI. No Oriente a sorte de muitos Imperadores Gregos foi votada ao infortunio, e d'entre essas familias a dos Comeneos foi uma das mais desgraçadas.

Esses Imperadores desciam de seus magnificos Thronos para serem sepultados em medonhos carceres d'onde nunca mais viam a luz dosol.

Se foi em Europa, a familia excelsa dos Stwarts foi sempre pelo destino condemnada a toda a sorte de desventuras!

A familia excelsa dos Stwarts era familia de Reis! mas que familia houve jámais nos Thronos da Europa que fosse, como esta, desgraçada? nenhuma!.. Quasi todos os Principes, e Reis d'essa familia foram virtuosos, e todos, até o ultimo, desgraçados! Jacques II morreu no Palacio de Fontainebleau em Paris — desgraçado! desterrado, desthronizado por suas proprias filhas, Maria, Esposa de Guilherme, Principe de Orange, e Rei de Hollanda, e por Anna, Rainha illegitima! sim, porque ella arrebatou ao seu desgraçado Pai a Corôa da cabeça, e assentou-se no Throno do seu infeliz Pai. Mas sendo Jacques II filho do desditoso Carlos I, e da infelicissima Henriqueta de França, sua Mai, poderia elle ser feliz? Como; se a fortuna, as desgraças, as virtudes, vicios e enfermidades, são também hereditarias em uma familia!

Conhecei aqui, que os grandes e poderosos também cahem. Ai! perguntai-o á infeliz familia dos Stwarts! perguntai-o ao infeliz Carlos I, Carlos II, e

á sua mãe Henriqueta de França, essa Soberana extraordinaria pelas suas incomparaveis virtudes, desgraças, energia e soffrimentos!... ella que até deu á luz uma filha dentro da pequena choupana de um lenhador! e escondida n'essa choupana dentro de um espesso bosque, ella, a Rainha de Inglaterra, a filha do grande Henrique IV de França, a Esposa do infeliz Carlos I, achava-se sósinha dentro de um bosque sem uma só mulher a seu lado, apenas um fiel Lord, velho respeitavel, acompanhava n'aquelle instante fatal a sua desthronisada Soberana! e o que mais cruel ainda, foi que no momento em que a Rainha dava á luz sua filha, ouvia o tropel dos passos, e a falla dos ferozes soldados de Cromwel, que a buscavam dentro do bosque para a matarem! e levar sua illustre cabeça ao usurpador Cromwel. Essa Soberana foi tão desgraçada como a bellissima Maria Stuart! só lhe faltou perder a cabeça no cadafalso, uma, filha de Inglaterra e Rainha de França! a outra, filha de França e Rainha de Inglaterra, ambas filhas e netas de grandes e poderosos Reis, ambas nobres, bellas, Esposas de Soberanos, Mães e irmãs de Reis! uma morre no cadafalso levantado pela feroz Izabel, sua Prima e rival; a outra morre em França no Louvre e sem ter uns cavacos para o fogo de sua chaminé! O fraco Luiz XIII, Rei de França era entretanto seu irmão! Mas o que podia-se esperar de um filho monstro que deixa morrer a sua respeitabillissima Mãe na extrema miseria em Colonge! nem se quer um Epitaphio lhe mandou pôr em sua sepultura! Os Alle-

mães lhe pozeram um Epitaphio que diz assim : —
Aqui jaz Maria de Medicis que dizem foi uma Grande Dama, — Horror e vergonha para tal filho ! Deos lhe deu ao depois o premio de seus crimes.

Temos em Albuns os preciosissimos desenhos das duas magnificas commodas e uma Secretária que o Grão-Duque Francisco II de Medicis, Soberano de Toscana, e Pai da bella Maria, Esposa de Henrique IV de França, lhe deu entre outros objectos preciosos que a nobre Princeza deveria dar ao seu Real Esposo.

A descripção diz, que os mais habeis Artistas da Italia empregaram só no trabalho das magnificas incrustações de cada uma d'aquellas Secretárias onze annos ! Magnificas peças de incalculavel riqueza ; de bom gosto e de elegantissima fórma. Hoje a familia do moderno Balzac possui a Secretária que foi do grande Henrique IV ; e ao depois dada pela sua viuva ao Marquez de Conciny, seu Ministro de Estado. A Rainha Maria fez arrancar a Corôa, e Armas de França, e a firma d'El-Rei de França.

E esta nobre Princeza de Florença, depois Esposa do bom e excellento Henrique IV, não teve depois da morte de seu Esposo, senão desterro, e miseria ! entretanto na Europa tinha duas filhas Rainhas ! e no Throno de França Luiz XIII seu filho. Em uma de suas tristes cartas a esse mesmo filho, ella lhe diz em tres versos Latinos estas palavras : — O Rei de Inglaterra me manda incenso, o de Hespanha me manda Ouro ! e tu, meu filho, me dás Mirrha.

Mães de familia, lede! filhos escutai! e tremei de imitar a Luiz XIII de França, porque o castigo de Deos é infallivel!... Os premios, e os castigos dos homens nada valem em comparação do premio ou do castigo de Deos. A benção do Pai e da Mãi valem mais do que montes de ouro. Oh! doce, Divina consolação, podermos dizer no silencio de nossa consciencia — jamais mereci a maldição de meus Pais! ainda na hora de sua morte ambos meabençoaram, cheios de ternura, e amizade! me pediram que vivesse para fazer bem á humanidade! Senhoras, é uma felicidade recebermos a ultima benção sobre nossa cabeça desfallecida pela dôr extrema... que n'aquella hora suprema opprime nossa alma, nosso coração! todo nosso ser emfim. Filhas, adorai vossos Pais! Amando-os com delyrio ainda os amareis bem pouco!

Permitti-me que aqui vos cite um caso tragico e digno de ser cantado em tristes versos ou pelo sensivel Poeta Inglez Young, ou Hervey, se esses grandes Poetas hoje vivessem. Caso enlutado e triste!... e que eu, assim como metade da nossa America, temos por longo tempo que prantear!

O caso tristissimo, e que tão digno de lastimar-se é, foi a morte de um grande homem aqui chegado a principio de Setembro de 1852.

Chegou aqui no Paquete Inglez de 9 de Setembro, o respeitabilissimo e virtuoso Capitão General, D. José de Ballivian, nativo do Departamento de La-Paz da briosia Republica de Bolivia, e filho de uma nobillissima familia Fidalga de Hespera-

nha. A nobreza de seu illustre nascimento é bem conhecida n'essa nação. Tendo este illustre viajante aqui chegado desde Valparaiso até o Alto Amazonas, e desde alli até esta Capital. Este grande homem foi amado, admirado, respeitado em toda a America do Sul, onde era idolatrado, e querido por toda uma nação. Depois de uma brilhantissima carreira de gloria, de triumphos, e de virtudes resplandecentes, foi eleito pelo Congresso da Republica de Bolivia em 1841, para reger os destinos da Republica como Presidente, cujo governo foi pio, justo e sabio, em toda sua administração.

Como Presidente Constitucional da Republica, e por todos os votos espontaneamente elegido, figurou e brilhou como nenhum outro tinha brilhado. Leis salutiferas, e humanas, glorias, triumphos, commercio activo, instituições do maior patriotismo, liberdade, felicidade ao povo Boliviano, tudo elle deu durante o seu governo.

Acolheu a todos os Emigrados da America, que eram homens de virtudes, industria e talentos. Sua carteira foi aberta a todos elles, e sua immensa fortuna, de heranças e rendimentos, foi toda despendida no serviço da Republica, e na protecção que deu sempre, e em todo tempo, a todos os Americanos! Sabio, bom até o excesso, virtuoso, generoso com seus inimigos politicos, clemente com o Exercito, que seu valor vencia! ganhava, vencia e chorava sobre os cadaveres ensanguentados, que juncavam o campo da batalha! elle, o grande homem, chorava com lagrimas do coração o sangue Ame-

ricano que banhava o campo, em que tinha ganhado suas victorias! e quando triumphador de El-Ingavi, onde o General destruiu completamente o Exercito Peruano, se achava triste, e amargurado entre os gritos de gloria, victoria e triumpho, que aos seus ouvidos resoavam! porque o heroyco homem era verdadeiro Americano.

Era sabio, e em extremo sensivel! seu nome, seus grandes e brilhantes feitos, seus triumphos, e até seu prematuro Tumulo estão já nas paginas da historia Americana! Suas virtudes, suas batalhas e talentos, alli o collocaram para longos seculos.

Liberdade, independencia, riquezas, instrucção, paz, industria, e commercio florescente, deu por longos annos á Bolivia durante o tempo do seu sabio Governo. Seu illustre nome será respeitado e admirado em toda a vasta America! Tenho em meu poder os impressos de maior valor e veracidade incontestavel.

Depois do triumpho, que o grande homem obteve no Ingavi, um de seus feitos d'armas, a Nação assignou ao vencedor duzentos contos de réis como uma gratificação que no Erario de Bolivia deveria receber, como uma demonstração de gratidão, que a Nação e o Congresso lhe decretou. Mas qual foi a resposta do General Ballivian? o bom soldado desempenhando bem os seus deveres já está bem pago! o verdadeiro patriota dando sua fortuna, tranquillidade e vida, no serviço da patria, não faz nada de mais do que desempenhar os sagrados deveres de um bom filho para com sua Mãe.

Tudo elle recusou acceitar como gratificação e sómente acceitou o gráo effectivo de Capitão-General, e as honras que a Nação e o Congresso Boliviano lhe concedeu. Eu darei aqui uma pequena discripção d'essas honras militares dadas ao triumphador de tão conhecidas batalhas.

Duas commendas circuladas de magnificos brilhantes que a Nação o obrigou a acceitar! Na sala do Congresso de Bolivia acha-se collocada a magnifica espada com que venceu o Exercito Peruano. Essa espada verdadeiramente de honra militar, e com a qual combateu o Exercito inimigo, está corôada por uma corôa de louro, em ouro, toda exmaltada, e de primoroso trabalho; ao lado d'ella acha-se uma palma de ouro de mñifico trabalho. A corôa é o symbolo da victoria que elle ganhou; a palma é o emblema da paz que deu á Cidade de Puno.

As medalhas cunhadas em Bolivia são em prata e em ouro, e n'ellas acham-se as inscripções de suas differentes batalhas; a effigie do Illustre Guerreiro, a Espada, o Livro da Lei, o Barrete da liberdade, a corôa e a palma da paz.

Este guerreiro tão Illustre o que veio aqui buscar? passear n'um bellissimo ponto de nossa America; admirar a natureza magica, encantadora, e de inexprimivel belleza do Rio de Janeiro; esta natureza que só em extasis é que o viajante a contempla em silencioso recolhimento! tal lhe aconteceu a esse Homem pensador, e profundo em tudo quanto elle admirava dos paizes estrangeiros por onde elle passou, e com sua presença mais embellezou.

A nossa America é de triste vista, a monotania se acha por immensas planicies de centenaes de leguas; nenhuma só graciosa montanha que a embelleze e alegre! Aqui nosso Brazil quem é que o póde descrever em suas luxosas galas? qual é a imaginação atrevida a ponto de descrever a magia encantadora das montanhas do Brazil, e particularmente da bella Capital de todo este Imperio de Diamantes e Esmeraldas? Oh! que nenhum homem tem audacia para tão preciosas riquezas descrever, nem pintar.

A natureza de inexprimivel belleza do Rio de Janeiro, foi quem prendeu, reteve, fascinou aqui ao Illustre viajante! e para que? para no meio dos extasis, e arroubos de admiração, achar uma humilde sepultura!... e o que peor é de terra alheia!

Ah! que triste caso é o que eu mesma vi, que lastimoso quadro de isolamento, abandono... e dôr... mas emfim, o homem sabe onde nasceu! onde elle hade exhalar o seu ultimo suspiro é o que elle não póde dizer.

O finado General Ballivian era de uma figura colossal, e tão grandiosa, que inspirava o mais profundo respeito a quem o contemplava! o seu todo era de nobreza e magestade revestido! seu semblante bello, sua testa, e cabeça era dos grandes homens.

Digna era essa cabeça de estudo, de ter sido tomada por modelo pelo grande Miguel-Angello, Rubens, Tizziano, ou Ranbrand! penso que se estes ce-

lebres pintores fossem nossos contemporaneos, todos elles o teriam admirado em sua colossal, magnifica figura; tão bella era em seu todo.

O General Ballivian tinha além de um porte magestoso, as maneiras as mais polidas e cavalheirescas; o trato o mais fino, urbano, e lhano. Tão profundo foi meu respeito ao contemplar aquelle verdadeiro colosso humano, que achei-me na nossa primeira entrevista um tanto perturbada, e por alguns minutos a minha conversação foi fria, e falta de graças, de espirito. Tanto é verdade que uma figura magestosa nos impõe, e infunde respeito, que a Rainha da Persia, a virtuosa, e nobre Sisiganbis Mãe de Dário Codamono, ajoelhou-se aos pés de Parmenião pensando que elle fosse Alexandre! Alexandre era de pequena figura, e o seu amigo Parmenião era homem de bella, e magestosa figura. Se, Sisiganbis sentiu toda essa admiração por um porte imponente, tal foi o que me aconteceu a mim quando contemplei aquelle respeitavel homem! Depois da magnifica figura de Sua Magestade o Imperador, o Senhor Dom Pedro II, eu jámais tinha visto um homem que infundisse mais veneração, e admiração, como o Snr. General Ballivian. O homem já nasce com seu destino! O grande principe de Potenckin tendo na Russia uns poucos de magnificos Palacios, possuindo uma fortuna de Rei, não teve nem uma pobre cama onde elle podesse exhalar seu ultimo suspiro! o Principe Russiano morreu debaixo de uma arvore em uma viagem para a Criméa. Os dous ultimos Principes de Condé, da nobre e illustre caza de Condé, morreram como? O Duque de Engien,

penultimo Principe de Condé, espirou como a historia nos conta, fuzilado na Fortaleza de Vendome sem crime, sem conselho, e sem defesa na barbara e injusta accusação que calumniosamente lhe fizeram. Josephina, a excellente Imperatriz dos Francezes, soube essa catastrophe as seis hora da manhã! Ella levantou-se da cama, vestiu apressadamente um roupão, e com os cabellos cahidos em desordem, empurrou a porta da alcova do Imperador Napoleão e disse-lhe derramando torrentes de lagrimas: — o que has feito, Napoleão? Oh! desgraçado Principe!... seu Pai viu a morte infausta d'esse unico Filho, e mal sabia elle mesmo que com cem annos de idade seria estrangulado,.. como o foi!... Isto lembra-me a funesta sorte dos dous Principes Duques de Berry, Luiz XVI., e Carlos Duque de Berry, Filho d'El-Rey Carlos X de França.

O General Ballivian foi com pouca differença... victima desgraçada!... Oxalá que eu jámais o tivesse visto! ter-me-ia poupado a dôr profunda de o ver espirar longe da patria, da Esposa, Filhos, Amigos e Parentes.

Os homens quasi todos são dominados pelo mais barbara indifferentismo! para verem assim morrer um amigo no abandono!... esses homens porém não são homens, não!... são sim feras! que fazem horror a especie humana.

Aquelle grande homem no tempo de seu brilhantissimo Governo em Bolivia, abriu sempre generoso, humano, e compassivo, a sua rica carteira a mil e mil compatriotas de Montividéo, e Buenos-Ayres,

que a sorte adversa fez-lhes abandonar seus lares! Aqui o Aristides da Bolivia, não teve um peito amigo, nem grato que recebesse a cabeça agonisante do illustre guerreiro! não teve ninguem ao lado de seu leito de morte. Quando nós fomos alli já tudo era tarde!... O Drama estava terminado, e o véo tenebroso... enlutado... de um tumulto já tinha corrido!

Mr. de Beranger nas suas inimitaveis canções censura a El-Rei Luiz XVIII, e a administração de seus Ministros d'Estado em suas bellas e patrioticas canções; elle cantava, e contava a má administração de um Governo Constitucional e pago pelos fundos do Erario da nação! Mr. de Beranger immortalisou-se com suas verdadeiras canções; e com a energia de sua penna, livre e honrada. A verdade da censura é o principal! verdade e energia em tudo! isto é o que dá celebridade ao Escriptor sublime, e virtuoso. Na França constitucional é permittido como em Inglaterra, e em outras grandes Nações do mundo, o queixar-se o povo e as pessoas da classe alta, dos males que soffrem, dos crimes que para com elles se praticam no silencio, e no dessimulo da hypocrisia!... no Brazil igualmente constitucional, tudo, se soffre no silencio da resignação! permitta-se-me este desabafo na minha pungente dôr, que é a dôr de uma filha, que o respeitava qual a um Pai! meu respeito profundo, era dado ao homem virtuoso, e probo, ao General Clemente na victoria! ao grande homem que quando regia os destinos da Bolivia, a engrandeceu, illustrou, enriqueceu. Bossuet, ou Fenelon, seriam dignos

de terem recitado a oração funebre do illustre homem Americano! entretanto, que sua memoria veneravel receba as singellas expressões de um coração sensível de Mulher.

Para consolar-me em minha dôr recorro em minha memoria e vejo que Henrique III, Rei de França, expirou na ponta do punhal do hypocrita monge Jacques Clemente! o grande Henrique IV. o bom, o excellente pai de seus povos, cahe em sua carruagem diante da pequena rua do Cemiterio dos Innocentes em Paris; cahe morto pelo golpe do punhal do perverso Francisco Ravalhaque! outro monge, outro Ministro de Deos, do Deos de clemencia e Santidade. Vejo ao grande e virtuosissimo D. Augustin Iturbide, Imperador do Mexico e que depois de aclamado Imperador, pelos votos geraes da nação, é fuzilado cobarde e traidoramente! lembro-me de Cezar e o ingrato Bruto! Iturbide teve no ingrato Garza um trahidor, igual ao Bruto Romano. O virtuoso Conde Cappel de Istria Governador das Hellenas; como acabou? ouvindo missa ás quatro horas da modrugada em uma Igreja, cahe por terra banhado em seu sangue, ferido do golpe de punhal de um assassino comprado! (*) a Grecia perdeu seu Pai e protector! elle, o heroico homem, que tinha empregado sua immensa fortuna nos serviços prestados á Independencia sanguinolenta da Grecia Moderna. O' nobre Conde! homem a todos os titulos immensamente grande. Os Gregos modernos

(*) Diz a historia que o assassino refugiou-se em caza do Ministro Inglez.

são desgraçados, assim como foram felizes, e corajosos os seus antepassados! todas as Nações hão ido decahindo de suas glorias, esplendor, e heroicidade! d'onde estão hoje esses Romanos que outr'ora fizeram tremer quasi todo o mundo? esses que faziam curvar a cabeça aos Monarchas, mais poderosos, e altivos! d'onde estão hoje esses guerreiros que davam as Leys aos outros povos, e Nações? na mais completa decadencia! d'onde estão esses Gregos, assombro do mundo inteiro! no estado o mais triste, e lastimoso! Os grandes homens da Gallia, da Luzitania, da Hespanha, d'onde se escondem? no tumulto! e outros iguaes até hoje não hão podido remplaçar-los. Continuando nessas tristes citações lembro-me deste bravo guerreiro. A morte horrorosa do Marechal de França Brune, é o que ha na historia de mais barbaro!... de mais cruel!... de mais horroroso da perversidade humana! não, não posso fazer a descripção de horrores espantosos qual os Realitas Francezes praticaram com o nobre Marechal de França! o homem mais virtuoso, leal, altivo e brioso que teve a França. Leiam-se as causas politicas, e celebres do seculo XIX.

Em França, no Reinado do fraco, e indolente Luiz XIII, o implacavel, e vingativo Cardeal de Richilieu, decepou as mais nobres cabeças dos fidalgos, que pelos seus meritos e talentos lhe faziam sombra! o grande escudeiro Cinc-Mars, e o Principe de Montemorency, foram duas de suas mais illustres victimas! esse cobarde, e perverso assassino dos Nobres d'essa Côrte, teve a criminosa fraqueza de ver ante d'elle uma Dama delicada, que na clemen-

cia desse monstro confiou! a Princeza de Montemorency, cahiu aos pés desse homem sem coração, e sem dignidade; e de joelhos lhe pediu o perdão para seu irmão que ella ternamente amava! Riche-lieu, depois que teve a baixeza de trahir assim todos os deveres do Cavalheirismo, trahiou tambem as leys da honra! prometteu-lhe á inconsolavel Princeza, que elle daria o perdão d'El-Rei a sua victima; e pediu a essa Senhora, cheia de mortal afflicção que enchugasse suas lagrimas. Ao dia seguinte bem cedo o Sr. de Montemorency, tinha sido decapitado! Será para mim sempre em horror o nome desse verdugo da Nobreza Franceza! A Rainha Maria de Medicis foi por elle cruelmente perseguida, e morreu em completa indigencia. O homem que é bom protege a seus semelhantes, e aquelle que é virtuoso, nobre, e cavalheiro, tem até gloria de enchugar as lagrimas da dôr, e da afflicção de uma dama! Ah! como é digno de despreso aquelle que não o tenha feito! Se, as lagrimas de uma simples mulher afflicta inspira tanta compaixão, como não será digna de consideração outra que sente com mais delicadeza, e mais vehemencia? e á extrema anciedade... á acerba e dolorosa afflicção da mulher sensivel, e terna, não ha, nem póde haver linguagem que exprimi-la possa!

O Principe de Portugal, D. Luiz, unico filho do sabio D. João segundo, galopando pelas arenosas praias de Santarem, cahe do cavallo ficando-lhe um pé preso a um estribo, e o cavallo arrastou ao bello e gentillissimo Principe, por aquellas prais, e duas horas depois expirou este, na humilde cama de um

pobre pescador ! eis aqui as mentirosas pompas de este Mundo de miserias, chimeras e enganos.

O virtuosissimo e respeitavel Conde de Gestá morre aqui no Rio de Janeiro em um medonho naufragio ! depois de procellosa tempestade medonha revolução da natureza Ai ! eu a vi desde nossa caza ! eu vi a revolução da atmospherá, e vinte minutos depois tudo já era calma serena ! mas o que tinha succedido durante esses vinte minutos de medonha tempestade ? eu vo-lh'o direi :— Fazem já seguramente coisa de 19 ou 20 annos que aconteceu esse tristissimo caso que me fez uma impressão mortall e ainda hoje me punge o coração. O Conde de Gestá, homem do mais distincto merito, virtudes eminentemente grandes, cheio de uma charidade exaltada, e sublime qual a sente só o coração de uma mulher delicada e piedosa. Elle tinha sabido da Ilha que lhe pertencia, e onde habitava com sua Esposa e um filho, que era um idolo para ambos esses Esposos. A tarde era de rigorosissimo verão, e calma suffocante ! as cinco horas da tarde o Conde metteu-se em um bote com dois, ou quatro pretos, e um molequesinho que acompanhava os passos de seu excellent senhor. Chegados que foram á Ilha fronteira onde o Conde ia visitar um pobre velho enfermo, e levar-lhe os soccorros da humanidade; deveres mil vezes desempenhados pelo virtuoso Cavalleiro Francez ! Ah ! elle era um Santo ! é com meus olhos arrasados de lagrimas que traço tão tristes linhas ! e qual será aquella mulher in-

sensível que não sentir humedecer seus olhos ? talvez nenhuma ! O virtuoso Conde, depois de terminados aquelles santos deveres de humanidade, embarcou no bote com seus escravos, principiaram a remar, e dirigirem-se para a Ilha do Conde Em isto são assaltados pelo mais medonho furacão ! ... a tempestade era espantosa ! o vento, os raios fortes e de aterrarem aos mais impavidos incredulos !.

A uma onda encapellada outras mil lhe succediam !.. os homens luctaram com o furor da tempestade ! o bote virou-se, o molequinho foi o primeiro que cahiu ao mar ! o Conde infeliz ! quer salvá-o, debruça-se para lhe por a mão em cima, e um forte golpe de ondas, atira com elle ao enfurecido mar !.. o baixel virou-se de todo; e todos quatro principiaram a luctar com o furor dos Elementos desencadeados ! tudo desappareceu ! vinte minutos depois o tempo era calmo ! o Céu sereno, bello e brilhante de milhares de fachos luminosos ! o silencio succedeu a furiosa e ruidosa tempestade ! e o grande e virtuoso Conde de Gestá onde estava ? Ah ! toda a noite as ondas brincaram com o seu cada-ver !... toda a noite ellas o embalaram !... demadru-gada sómente é que foi achado esse precioso cada-ver entre as pedras asperas, e pontudas da mesma Ilha ! mas em que estado ? feito em pedaços !

o craneo illustre que tantas ideias, e pensamentos sublimes, e Santos tinha' outra ora abrigado, achava-se feito em pedaços ! assim em esse misero estado veio em uma rêde esse cadaver ensanguentado

e depositado foi no Consulado Francez! Alli o virtuoso, e respeitabilissimo Mr. Taunay teve ainda uma vez de fazer uma triste meditação sobre as falsas glorias de este Mundo de mentirosos enganos!... de perfidas seducções... de illusões.... das falsas apparencias... de este valle de lagrimas. Depois das tristes paginas da historia de estes homens grandes, todos elles, verdadeiros typos de virtude sem mancha, eu tenho achado um pequeno lenitivo á minha dôr quasi filial. Esta recordação de casos tragicos me tem dado algum consolo bem que pequeno.

Mr. de Azais em sua preciosa obra—As compensações do genero humano—mostra bem que em este mundo tudo tem compensações! Quasi sempre os grandes homens de todos os tempos, e nações, foram maltratados da Deosa inconstante, cega, e caprichosa, em seus loucos premios, e donativos. A Deosa chamada Fortuna, deve de ser certamente antipathica do merito e da virtude! sim, porque pela escolha que ella faz dos seus protegidos assim se deve entender.

Depois do fim tragico que hão tido mil, e mil grandes homens de todos os tempos, eu me lembro de um do qual possuímos preciosissimos trabalhos de um refinado bom gosto de Esculptura! este homem é o grande Bartholomeu Autor da bella Esttua em bronze que representa ao lindo Rei D. José de Portugal. Bartholomeu imitou a Esculptura Grega do tempo da idade media, e o gracioso do seu desenho, a elegancia, e bom gosto dos seus lindos gru-

pos de Amorrinhos, é de uma belleza perfeita. Esse grande homem Portuguez morreu na mais espantosa miseria ! esta é a sorte dos genios! dos grandes homens desde a antiga-idade até nossos dias.

Quando folheio as paginas da historia Grega, ou Romana, o que acho? o soffrimento, a perseguição, o desterro para todos seus grandes homens! Abro a historia da França, Inglaterra, Portugal, e a Hespanha, e acho, e leio a mesma cousa! Leio a da Italia moderna, e o que vejo? uma repetição de factos horrorosos!... de casos tragicos! de injustiças!... odiosidades, perseguições, e as paixões humanas em lucta, e furor umas contra as outras. A injustiça e perversidade do coração humano é tal, que por toda parte, e em todas as nações se vê que o numero dos bons e virtuosos é pequeno, o numero dos perversos é em gráo eminentemente grande! logo, porque admirar-nos das injustiças, perversidade, e paixões desencadeadas do pobre coração humano? lastimemos aquelles que tem a immensa desgraça de serem máus, e corrompidos em sua moral.

Não devemos sentir o menor orgulho das nossas virtudes nem talentos, se é que alguns em nós existirem! em primeiro lugar foi Deus que nos galardoou com esses dotes preciosos; e em segundo lugar se nos lh'os deu foi certamente para que os repartissemos com os nossos irmãos, os homens que receberam menos que nós. Entre mil usos e costumes que os Turcos tem, e que são bons, ha um que eu acho muito bonito! e este é o symbolo da imperfeição hu-

mana, o qual elles o mostram mui singellamente, e por esta fórma.

Escrevem uma carta a qualquer pessoa, depois a dobram com a maior perfeição, em partes iguaes, e logo que esta está perfeita em tudo e sem a menor desigualdade, elles pegam em uma texoura, e cortam uma pontasinha da folha do papel de essa perfeita carta. E' assim que elles sem dizerem uma só frase, mostram a imperfeição humana. Sim, Senhoras, esta imperfeição que em todos nós se divisa, e mesmo em aquelles que entretanto vemos tão cheios de virtudes, e de meritos. Quando leio a vida dos Imperadores Romanos, vejo as immensas virtudes de uns, e a refinada perversidade dos outros que foram em numero maior, como tudo o que é máu! Os Antoninos-Pios, os Titos, Marco-Aurelios, os Aurelianos, Aurelios, Trajanos, Adrianos, e Probos; duraram pouco tempo! Constantino o Grande tão virtuoso, sabio e clemente, teve a desgraça de ordenar a morte de seu primeiro filho Crispus, filho de seu primeiro Matrimonio, o qual foi falsamente accusado por sua segunda esposa, Fausta. O Principe morreu innocente! elle tinha-se conduzido para com a sua indigna Madrasta como bom filho, e como homem de virtudes. Porém a perversa esposa de Constantino vingou-se barbaramente do repudio cheio de dignidade que o bom filho tinha feito á Mulher seductora que o queria sugeitar a um nefando Crime. Eis aqui sempre a vingança das almas baixas e perversas! quando a gente má não póde conse-

guir os seus damnados intentos, lança mão da Calúnia, e da vingança, para fazer mal áquelle, ou áquella que a sabe rechaçar com dignidade e energia.

Quem tem grande leitura, e algum conhecimento das gentes pelo que della tenha experimentado, e soffrido, conhecerá, tarde, ou cedo, estas verdades filhas da experiencia. Leia-se Anthenor em suas viagens á Grecia, e em essa obra preciosa, assim como em outras mil se conhecerá a refinada hypocrisia e perversidade do coração humano.

Os talentos são em segundo lugar as virtudes ! o homem, ou mulher de talentos porém máus, são mil vezes peiores na sociedade, e mais perigosos do que o homem, ou mulher, ignorante!! eu prefiro, e preferirei sempre as virtudes a todos os talentos reunidos.

Lyneu, o celebre naturalista Francez, achou um dia uma planta desconhecida na historia natural. Ella era de folhas asperas, cheias de pontas; de mau cheiro, espinhosas, e de feia vista. Lyneu a classificou com o nome de um seu inimigo ! e depois de tel-a bem examinado, e melhor estudado elle lhe disse:—Tu não te poderás chamar senão Buffonea ! do nome do seu inimigo Buffon. Quasi sempre todo mau, e feio semblante esconde uma igual alma em seu peito ! Ha um não sei que, que assim nos lh'o diz. O semblante é o espelho da alma ! póde uma mulher, ou um homem, serem feios! mas se nos seus semblantes notamos os traços da bondade, da doçu-

ra, da graça, já não nos importa sua fealdade. Ha tambem outras physionomias bonitas, serenas, calmas, e nas quas estão esculpidos os traços da mais refinada perfidia, e dessimulo!. lê-se em ellas as pessimas qualidades da falsidade. .. e perfidia refinada. O semblante engana!. mas as acções, a conducta, os factos que se praticam a sangue frio, e com calma; esses tudo revelam dos segredos da alma. Tanto é assim que os grandes Pintores, e Escultores da Antiga-idade davam aos traços do semblante de aquelles que elles pintavam, ou esculpiam, as paixões fortes, e energicas que mais imperio tiveram nas almas de aquelles homens, ou mulheres celebres, cujos retratos, e bustos deveriam passar á posteridade.

Assim como temos uma grande inclinação ás bellas e harmoniosas poesias dos nossos Poetas predilectos, tambem temos enthusiasmo e grande veneração para os grandes Artistas Celebres, e que a historia nos appresenta como verdadeiramente grandes.

Eu venero a memoria de Miguel-Angello esse grande homem que assentava-se ao lado dos Papas, conversava com elles singella e francamente ! em quanto um immenso circulo de Cardeaes, e Cortezãos estavam de pé em roda do Papa, e do Artista que os Principes e os Reis admiravam, e altamente apreciavam. Julio Segundo o recebeu como Embaixador de Florença, e deu-lhe o agasalho o mais respeitoso e cheio de distincção que homem algum podia dar, nem outro receber. Os Principes da il-

lustre, e nobillissima Caza de Medicis o respeitaram profundamente.

Esse homem immensamente grande era tambem um homem cheio de bondade ! bom até o extremo ! singello, meigo, modesto ! Elle achava-se assentado em seu salão de Artes, de Estudos, e cem meninos o rodeavam, e á porfia lhe offereciam seus pequenos trabalhos, em Pintura, ou Escultura. O grande Miguel-Angello surria para este, acariciava aquelle outro, e com um olhar mais severo e penetrante, elle estudava os talentos do outro que lhe ficava mais longe.

Quando o Semi-Deos das Artes morreu em Roma, o seu funeral foi de um Principe ! justo era; pois que em suas magnificas obras, elle tinha mostrado o genio superior do Principe das Artes. O Papa destinava-lhe um pomposo monumento qual merecia o grande Miguel-Angello ! Florença reclamou o corpo do seu illustre filho ! Roma resistiu ! a Italia inteira não tratava, nem conversava em outra cousa durante aquelles primeiros mezes. Os Florentinos, luctaram, combatteram, e roubaram o corpo de aquelle que pertencia á Patria, mesmo depois de frio cadaver. O Papa ficou indignado do roubo; mas os Florentinos sustentaram cheios de coragem seus direitos. Ao approximar-se o corpo do grande Artista, dos habitantes de Florença, todos correram ao encontro do corpo do grande homem ! a pompa funebre foi de extraordinaria magnificencia ! Na primeira Igreja de Florença achava-se collocado um

catafalco como para receber um Rei! a pompa do funeral foi com as honras de um Principe. De toda a Italia correu gente para assistir ao funeral do Illustre Florentino.

Em torno d'aquelle magnifico Catafalco, viam-se as mais bellas Estatuas dos primeiros Escultores Toscanos, e essas Estatuas pareciam graças, que conversavam com o genio adormecido em seu ultimo leito. A Estatua de Minerva com seu semblante cheio de graça, e ar severo, sobresahia ás outras todas que adornavam aquelle pomposo Atau-de, que só era para um dia. A alma de Miguel Angelo figurava sendo levada ao Céu por um genio Celestial, e este todo estava rodeado de milhares de luzes, quaes fachos luminosos que espalhavam ao longe o seu clarão. Um pouco mais longe do circulo das bellas Estatuas, via-se uma que representava a Inveja! cingida de serpentes, com uma enorme Vibora na mão direita, e querendo, porém em vão!... exhalar seu veneno sobre a gloria de Miguel Angelo. A raiva encadeada, e debatendo-se furiosamente contra as cadeias, que a prendiam, cahia de novo sobre seus ferros. A pompa d'esse funeral foi magnifica em tudo. Poucos dias depois, começou-se o Mausoléo, extraordinario em sua riqueza, e bom gosto, o Grão-Duque de Florença deu os marmores todos, e os primeiros Artistas da Italia por timbre tomaram o embellezar esse Mausoléo com toda a riqueza da Arte.

Mas do que não era merecedor esse homem? esse genio que deu traços de inimitavel belleza na tela

de seus quadros! que como pintor brilhou tanto, quanto como sublime Architecto, e Escultor de inestimavel valor. A Italia é a unica nação, que tem sido justa para com seus grandes homens nas homenagens, que lhes tributou mesmo depois de sua morte; estas são as mais sinceras homenagens dadas ao genio, e á virtude d'aquelles que na vida não foram bastante apreciados, e queridos.

Foi sempre destino de todos os grandes homens o serem desgraçados! o Militar brioso e sem mancha em sua brilhante carreira hade ser preterido, olvidado, esmagado pela Serpente chamada Inveja!... O Militar sem o menor merecimento, sem virtudes, sem qualidades brilhantes, esse sim, que chega até o Céu das recompensas! Se é no Artista de positivos meritos, vê-se o mesmo premio: perseguição, inveja, pobreza, olvido, abandono, e a espantosa miseria para seus orphãosinhos.

Mr. Charles Augusto Demoustié, nas suas preciosas cartar a Emilia, conta o nascimento, virtudes, qualidades, e vicios dos Deoses do Paganismo, pinta elle a fortuna cega, e caprichosa! deveria o Poeta Francez tel-a pintado horrivelmente feia.

Lembra-me este pensamento do immortal Luiz de Camões, o qual pouco mais ou menos diz assim: — As honras mais vale merecel-as sem as ter, do que tel-as sem as merecer. O excellente Brigadeiro Moller, quando Governador de Santa Cruz, e passeando commigo pela linda Fortaleza, que tão sabiamente governava, me repetiu esse verso de Camões, assim como outros mil, que eu hoje leio cheia de prazer.

Camões! portento, assombro da poesia, de Sabedoria, e de graça, onde foi que morrestes? em um misero hospital! e da caza dos fidalgos chamados Portugal, foi o pobre lençol em que o Principe da Poesia foi amortalhado! oh! que triste exemplo das cousas humanas! Senhoras, contai a vossos filhos todas essas cousas mesmo em sua infancia; elles ao depois não se assustarão tanto com as recompensas, e as injustiças dos homens.

Mr. Demoustié diz em suas cartas sobre a Mythologia, que é muito bom ajuntar ao útil o agradável; achar uma horta junto de um jardim, e ao pé de uma roza uma alface. Eu então n'este meu modo de discorrer, e escrever irei entrelaçando algumas pequenas observações interessantes, e curiosas a estas noticias tristes, que na historia das nações tenho achado.

Bem que ha dous dias, recebi uma carta de uma alta personagem que além de seus immensos talentos e virtudes, tem uma graça infinita e muito mais quando seja o bello sexo o alvo de seus sarcasmos e zombarias! n'essa carta o tal Senhor engraçado, satyrico.... e tanto como o foi Mr. Boilleau, o caustico da França, me disse entre mil cousas bellas esta que vou aqui transmittir:— Minha Senhora, permitta-me que eu lhe diga que a illustração é alimento muito forte para o estomago da mulher! e esta deverá sempre saber só criar seus filhos. Muito bem, Senhor moralista! muito bem; Contei esta historieta a Mr. Boulanger, e elle applaudio, e rio-se muito. Então este outro

Senhor critico do talento e illustração da mulher, me repitio uma interessante anecdota do inimizavel Mollière, e esta me fez rir tanto como a outra. Perguntou-se a Molière se queria ter uma mulher de talento, e de espirito, que o podesse bem comprehender e apreciar! elle respondeu que desejava ter uma mulher de talento e espirito tal, que quando se lhe pedisse um verso que fizesse consoante com o verso Cotillon, Papillon, que ella respondesse dando o consoante de—Tarte á la crème! eu ri-me ainda mais com esta boa opinião, que tinha Molière das vantagens que podem dar as Senhoras de talentos á Sociedade e aos seus filhos.

Consola-me que Molière matraquiou mais aos Medicos, e aos Tartufos do corrompidissimo Clero do seu tempo, do que ás mulheres illustradas; e essas não entraram, nem tiveram parte na sua graciosissima critica das Preciosas Ridiculas; não, certamente.

Dom Francisco Manoel, celebre Classico Portuguez, diz na guia de cazados, obra bem interessante: Que o talento maior de uma mulher chega sómente a saber arrumar um bahú de roupa engommada! e aquella que tiver um talento extraordinario, e acima de todas as outras, não passará a sua erudicção de saber arrumar dois bahús de roupa engommada. D. Francisco Manoel, bem que sabio, foi injusto em sua opinião! quasi que nos quiz roubar o uso da razão. E ignorou elle por ventura as mil e mil Senhoras de talentos que as paginas da historia nos

appresentam e de todas as nações do mundo? Não soube elle que Santa Thereza de Jezus foi uma sabia, á qual se deu o barrete de Douctora, e a penna como emblema de seu immenso saber?! Ignorou elle que a Italia, esse paiz da intelligencia, Sciencias, Artes e Poesia, que a França, Inglaterra, Allemanha e Hespanha, deram celebres litteratas de vastissima erudicção?! Seria mister que eu collocasse seus sublimes nomes em longas paginas, para ennumerar essas distinctas Damas, tão virtuosas como cheias de talento. Os homens já tem tudo, nada lhes falta! felicidades, carreira de gloria ante seus passos, aspirações, louros, premios; e nós outras entretanto só temos humilde pozição, perpetua dependencia! e as trevas da ignorancia, com a cruel partilha do soffrimento... Se nós tivessesmos entrada nas Academias e Universidades, eu lhes prometto que haviamos bem de lhes deixarmos o talento necessario de arrumarem os seus bahúzinhos de roupa engomada.

O que pensam elles lucrar com a nossa ignorancia? milhares de males!... Como a mulher ignorante poderá rebater e combater a habilidade que o homem põe em pratica para seduzir e corromper áquella que quer possuir? E quaes serão os pais honestos e respeitaveis que quererão vêr suas filhas seduzidas, deshonoradas, e depois abandonadas á sua desventura e dôr.

Só a mulher de talentos é que os pôde contrariar e combater em seus sofismas e seducções, nas quaes elles empregam arte diabolica!... Sómente a

mulher illustrada comprehende bem a linguagem e manejos cheios de artificios do homem fino em seducção. A ignorante cahe nas redes da seductora linguagem do homem; cede docilmente depois de rezistir á sua seducção por algum tempo. Bem ao contrario acontece áquella que tem alimentado a sua alma e espirito da leitura de livros sabios e virtuosos. Essa já illustrada por meio da leitura e do conhecimento que ella lhe subministra da perversidade do coração humano, essa, digo, sabe como se hade haver na lucta, no combate com esse inimigo! Senhoras, o homem desenfreado em suas paixões é o maior flagello da sociedade. Mirabeau, esse Jupiter fulminante da Tribuna Franceza, em uma de suas ultimas fallas na Camara dos Deputados disse uma grande verdade! Elle disse:—desenganai-vos Senhores, que uma Nação não póde ser feliz sem religião e sem liberdade! Esse libertino conhecia o poder que tem em uma Nação a Religião, esse freio das paixões humanas. Aqui chegou um estrangeiro, e esse era uma dignidade da Igreja, porém de uma moral bem digna de lastima!... Uma Senhora teve occasião de conhecer que Molière teve bem razão de eompor o seu Tartufo! Tudo quanto lemos n'essa preciosa comedia, é nada em comparação do que essa Senhora achou nas doutrinas d'esse Sacerdote... e quando esses homens como o Tartufo de Molière, e o Arcebispo de Sevilha, perseguidor da virtuosa Cornelia de Bororquia, encontram firme e energica opposição a todos os seus damnados intentos, sendo elles perversos

deitam mão da ignobil arma da calúnia para derimirem e calumniarem aquellas, que lhes soueram fazer frente com toda dignidade, fazendo-os orar ou empallidecer!... esse temerario comportamento pertence a homens sem virtudes e sem espirito algum. Quem tem espirito não se anima inconideradamente a tanta audacia, para não passar pelo immenso desgosto de receber uma triste lição, e ser maltratado.

Entretanto que um homem virtuoso, delicado, cavalheiro, quando burlado em seus intentos e pretenções, conduz-se silenciosamente e sempre cavalheiro para com a Dama que soube sustentar seus direitos de dignidade; de sagrados deveres.

Eu entendo que o bom Marido deve de ser para sua Esposa tudo! esposo, Pai, Amigo, e desvellado protector; solícito, terno, e tanto que sua joven Esposa ache n'elle só um mundo de felicidade! que ella o ame acima de tudo o que pertence á humanidade. Mas para esse homem merecer assim tanto amor e ternura tão exclusiva, é mister que elle seja bom, meigo, justo, e o verdadeiro protector da joven mulher, que Deos e o destino entregou em seus braços, que elle seja tão terno e extremoso, que possa merecer sempre a preferencia do seu amor! O habil conquistador conquista para conservar! o homem habil é aquelle, que sabe fazer-se preferir a todos os mais que tem direito á affeição do coração que o ama. Os parentes tem fortes direitos a serem amados d'aquella que lhes pertence,

mas elle póde ser preferido a todos conforme sua conducta para sua esposa, e protegida.

Assim como o piloto tem dia e noite seus olhos fixos em cima do movimento da agulha de marear; e o Timoneiro em cima do leme da embarcação, que governa, tem toda sua attenção; assim o Marido prudente deverá acompanhar com sua attenção, mimos e desvellos, as acções e movimento da joven mulher, que navega no procelloso mar, chamado Sociedade.

Passarei a um topico summamente interessante, e acima de toda a expressão. N'elle se mostrará melhor a alma, e sentimentos da mulher sensivel, que traça n'estas paginas tantos pensamentos cheios dos sentimentos da sua alma, e que são o cunho fiel do seu coração.

Senhoras, permitti-me que vos communique uma idéa de sublime Charidade Christã, que ha mais de vinte annos acaricia a minha mente! uma idéa, Senhoras, que desde que pela primeira vez eu a afaguei com o sorriso benevolo da Santa Piedade Christã, não me tem deixado nem mais um só instante! essa idéa tão pia, e nobre, acompanha-me por toda parte qual o Infante mimoso, e ainda vacilante nos primeiros passos da vida; que se agarra, e prende á orla do vestido de sua Mãi, assim esta idéa querida, e por mim tanto acariciada, não mais me deixa! Eu já vou communicar-vos este segredo querido do meu coração, este hymno harmonioso de minha alma.

Desejei, suspirei sempre pela fundação de um

Cofre protector da indigencia desvalida do sexo feminino mas, este Cofre fundado, entretido, e sustentado só, sómente pelas Senhoras, e estas de todas as nações aqui residentes n esta Capital; assim como os soccorros e protecção d'este Cofre de piedade, será para todas as Mulheres indigentes sem distincção de idade, nação, religião. Cofre sendo o seu titulo: — O Protector da indigencia desvalida do sexo feminino, que encontre em nós outras sómente seu alimento, e augmento de ren-limentos para que a protecção seja mais forte e solida. E assim livraremos centenares de pessoas do nosso sexo, da miseria, do opprobrio! das seducções de tantos homens que jámais protegem a Donzella desvalida, senão quando contam já com a seducção, e a perdição d'essa joven mulher submergida nos horrores da miseria. Os Montesquieus hoje são raros! O Marquez de Montesquieu, esse homem virtuosissimo, e nobre, protegi a orphã bella e cheia de graça, e lhe fugia ao depois! Sipião, esse grande, e nobre Romano, assim tambem o fazia! mas onde estão aquelles que teriam hoje luxo de imitarem a esses dous grandes homens? raros, rarissimos são esses hoje, no seculo da depravação.

Tenhamos nós outras só, tenhamos a timbre, a orgulho mesmo de fundarmos e sustentarmos o Cofre que deverá em menos de quinze annos ter fundos, e capitaes bastantes para fundarmos um Hospicio de Beneficencia, onde sejam recolhidas as mulheres velhas impossibilitadas de trabalhar, e as

moças desvalidas que sem familia, e honesta protecção estejam expostas aos perigos da seducção.

Porém, Senhoras, é de necessidade para bem da humanidade, que demos um golpe mortal no luxo! n'esse luxo Oriental, desenfreado que tem causado a completa ruina dos pobres maridos ou dos maridos, sem a menor energia para fazerem opposição aos loucos caprichos de suas lindas metades.

Gastando uma fortuna immensa, como cada uma Senhora gasta só comsigo, ao fim do anno, ali estão uns poucos de contos de réis de menos em sua caza! e quem despende tantas fortunas em fitas, blondes, flores, setins, e ricos adereços de pedras preciosas, não poderá destinar para um Cofre de beneficencia trinta mil réis ao fim do anno? e muito mais sendo a joia de entrada de vinte e quatro mil réis, e quinhentos réis mensalmente, com o que se faz um total de trinta mil réis no primeiro anno? e todas as Senhoras de todas as nações, reunindo em um Cofre a mesquinha quantia de seis mil réis annuaes cada uma, não poderemos ter ao fim do anno um fundo de dezoito a vinte contos de réis pelo menos? e muito mais quando n'esse Cofre aceitaremos graças generosas de legados, beneficios, e outros donativos que ao mesmo Cofre quizerem fazer as almas nobres e virtuosas. D'esta sorte poderemos ter um Cofre bem forte, e rico d'aqui á quinze annos mais. E se eu achar votos que acompanhem os meus piedosos votos, eu farei vir os sabics Estatutos de Buenos-Ayres, onde já existe de ha muito um Cofre de

Beneficencia, fundado sómente pelas Senhoras, e no que ellas tem a grande prazer.

A Mulher que é bella em seu moral, que se encontra rica de virtudes, que é boa, sensível, terna, o que mais quer? o que mais ella poderá ambicionar? que lhe chamem bonita, elegante, bem enfeitada? Oh! isso tudo não vale a sublime phrase—de é muito boa! é muito virtuosa, e sensível aos males dos seus semelhantes, isto sim, que ella deverá ouvir como o sonoro canto do Rouxinol, ou como o hymno dos Anjos no Côro Celestial, acreditai em minhas palavras como nas expressões que partem dos lábios da Santa amizade,

Póde haver incenso que fumegue em thuribulo de ouro com mais suave perfume, do que o incenso que se recebe com as perfumadas homenagens, dadas só ás acções virtuosas da mulher superior? da mulher que constitue sómente sua felicidade da felicidade alheia! e diante de quem poderá esse thuribulo fumegar melhor do que diante da imagem da virtude? e de que valem essas milhares de phrases de amor, de adulação, de lisongeiros, e mentirosos galanteios, de idolatria que nos fazem mais mal... do que bem? que nos embalam nas ideias de vaidade, e chimericas illusões, despidas sempre das roupagens da verdade! da realidade; do positivo emfim. Tudo isso, e os preciosos ramalhetes de flores da seductora eloquencia com que se nos repetem mil palavras impregnadas no doce veneno... de um mentiroso amor; tudo isso não vale em summa nada!... é melhor que escutemos

attentamente a voz da nossa consciencia! as palpitações do nosso coração quando elle nos diz — Sêde sensivel humana, justa!

Doces palavras de apaixonado amor! Ah! quão fracas, e frias as contemplo em comparação do grito agudo, e penetrante da nossa consciencia! e da doce voz do nosso coração amigo, e fiel, que nos diz: — Sêde boa! praticando o bem não vos importe com o dizer da gente ignorante, importai-vos sómente com o testemunho de Deus e da vossa consciencia, e nada mais.

Quanta gloria deveremos nós outras de ter em fundarmos um cofre de beneficencia, e quanta felicidade deverá de sentir o nosso coração, ao pensarmos que assim vamos enxugar torrentes de lagrimas de tantas mulheres infelizes votadas ao desprezo da miseria! porque o espelho medonho da miseria não deixa nada occultar!... tudo reflecte-se n'esse espelho horrivel! e quantas ricas e bellas Senhoras de outro tempo se vêem hoje lançadas no fundo d'esse abysmo espantoso da indigencia! Ah! infelizes! estes são os effeitos do luxo de outr'ora. Teremos menos córtex de setins em nossos guarda-roupas, menos blondes, menos fitas para a humidade e a traça roer, porém teremos mais fundos no nosso cofre de beneficencia e este cofre nosso, e as nossas obras de piedade que sejam nossas mais brilhantes galas, e os nossos adereços de pedras preciosas. E' tão doce e grato ao nosso coração, podermos enxugar as lagrimas dos desgraçados que gemem na miseria, oh! não ha felicidade suprema

que a esta possa igualar ! As homenagens reunidas de todas as affeições do coração humano, não nos dá tanta e tão positiva felicidade, como a que nossa alma sente ao enxugarmos as lagrimas vertidas pela dôr, e pela miseria. Tendo nós outras um cofre de beneficencia, o qual a piedade, e a virtude das Damas respeitaveis irá enriquecendo cada dia mais, já com as suas economias, já com sua generosa piedade, poderemos sentir em nosso coração a suprema ventura de socorrermos as mulheres infelizes que gemem na desgraça a que as necessidades as conduziu outr'ora. Conto com a nobre coadjuvação da muito respeitavel e virtuosa Senhora a Exma. Condessa de Belmonte, e todas minhas nobres amigas, e d'entre essas mais se distinguirão as Exmas. Sras. D. Narcisa Vandelli de Andrada e Oliveira Coutinho, D. Maria Thomazia Guedes Pinto, D. Maria Izabel de Oliveira Machado, e mil outras Damas respeitaveis que a estas imitarão, e entre essas certamente que brilhará a Exma. Sra. Viscondessa de Macahé, tão virtuosa, sensivel e boa ! tão respeitavel a todos os titulos. Quando se reunir um numero bastante de assignaturas respeitaveis, então este irá augmentando progressivamente, dia a dia, a emulação da virtude e das grandes acções tem uma influencia magica ! todas as quererão imitar, e sem emulação, Senhoras, não ha grandes acções ! a emulação fez os genios chamados Miguel-Angelo, Tyzziano, Raphael, Wandeik, Rubens, Murillos, Tintoretos, Hespanholetos, Perugginos, Guidos, Domingos Vieira, Albanos, Lucas, Jordanis, Correggio, e mil outros Artistas que nós

todos conhecemos e admiramos nas paginas da historia das nações cultas. Aqui n'esta Santa obra de piedade a emulação do grande e do bello, excederá ácima das minhas esperanças, eu assim o espero. Eu tenho visto com summo pezar de minha alma installados os bailes de sociedade desde á dezoito annos aqui, e hoje elles são tantos que é um assombro! parece-me isto como um abysmo cheio de iman que os chama a todos para alli ficarem sepultados no fundo d'esse abysmo de vidas e fortunas... tal é a funesta attracção d'esses bailes com luxo estrangeiro! porém até hoje de dezoito annos aqui, ninguem se lembrou de lhes dizer ás Senhoras do Paiz, que é de necessidade que ellas fundem ou criem um cofre de beneficencia christã! e que a mulher virtuosa e respeitavel, brilha sómente quando ella está ajoelhada diante do Altar da Santa Caridade quando ella se acha desempenhando as virtuosas funcções da religião de Deos, e da Caridade! Não, Senhoras, não é n'esses bailes de ruina completa onde a mulher é escolhida para Esposa, mas sim para rapidas horas de passageira fascinação!... os homens lhes dizem ao ouvido que as acham encantadoras! admiravelmente bellas; e isto mesmo cada um d'elles lhes repetem ao ouvido de trinta d'entre ellas, lá no silencio da sua consciencia cada um d'esses homens diz:—Deos me livre da mais bella d'entre ellas! o luxo, a vaidade, a dissipação, as chimeras mais loucas... é o que constitue a felicidade de cada uma d'essas bellas Senhoritas! não, nenhuma d'ellas obterá meu coração, minha mão,

e meu nome ! Eu elegerei para minha Esposa a Dama que ame a virtude, a simplicidade, seu marido, e seus filhos, essa sim será minha mulher.

O luxo Oriental, é justamente o que tem afugentado os casamentos ! e os homens de juizo tem toda razão ! aqui no Brasil, é mister haver uma grande fortuna para ter caza, e familia ! e quem tem que sustentar dignidade, honra, e altivez, tem que sustentar sua familia com economia ! esta já por si só é uma riqueza. Me direis vós outras que eu não amei a magnificencia ? vos enganais completamente ! duvido que haja Princeza alguma que tenha mais ideias do grandioso, e do magnifico do que eu ! e em tudo quanto são objectos ricos, e do melhor gosto tenho eu despendido uma fortuna que hoje me custa lagrimas Ai ! triste experiencia, que é o Livro da vida ! que tristes e amargas lições n'elle aprendemos.

Fui sempre tão inclinada a tudo quanto era grandioso, e magnifico, que em alguns dos meus Romances ainda hoje em manuscritos, o luxo Aziatico deixa-se ver em toda sua pompa ! O Palacio de Versalles pelo seu fundador Luiz o Grande, não é superior em magnificencia e bom gosto aos meus Palacios de Romances. Por toda a parte n'esses palacios fabulosos vêm-se immensas galerias adornadas de Estatuas de bronze, e marmore, dos primeiros escultores da Europa, de pinturas dos principaes mestres do mundo. Cortinas de veludo carmesim com grandes franjões de ouro, despregam-se por todos os salões e saletas, com profusão ! Espe-

lhos de Veneza, de parede inteira, tapetes da Persia, porcelanas magnificas de Sevres da Real Fabrica de França, paineis de Gobeleins da Fabrica Real de França, deixam-se ver por aqui, e por alli, qual nos Palacios da Persia, e Europa. Eu amei tanto a magnificencia, e com tanta paixão, que se tivesse frequentado os bailes ruidosos, aos quaes nunca deixamos de ser convidados, se por ventura tivéssemos tido a desgraça de assistir a elles, hoje ai de mim! onde estaria nossa fortuna? no mesmo abysmo no qual se hão engolido mil outras de tantas cazas ricas do Paiz. Eu entendo que ser a primeira em tudo é muito bom! mas o luxo dá connosco nos antrajos da miseria! e se eu tivesse de ter uma igual sorte, preferia antes a morte. Me dirão algumas Mães de familia, eu não posso ser Socia do Cofre de Beneficencia, porque tenho filhos! e eu lhes responderei: — dai, Senhoras, pela mesma razão que tendes filhos! o Lavrador semeia para recolher a Mãe dá, e faz beneficios em primeiro lugar pela suprema felicidade de fazer o bem! em segundo lugar porque seus filhos hão de recolher aquillo que ella semear.

Lêde a Biblia Sagrada, lêde esse livro de Religião, caridade, e virtuosa moral! Deos é quem vos falla n'elle; lêde a preciosa, e sem igual obra — A imitação de Jesus Christo (1) por Thomaz A. Quenzep, e n'esse mesmo livro, acharás conforto para todas as amarguras da vida! o eloquentissimo Bispo

(1) Por falta minha esqueci a noticia d'essa obra na pagina 47 quando folho dos martyrios do Salvador. Peço ao leitor indulgencia e desculpa.

de Meaux, chama a essa obra admiravel—o livro de Ouro! e eu com menos erudição em tudo, porém com mais sensibilidade—lhe chamarei balsamo precioso das ulceras do coração. Este pensamento que vou aqui repetir é de um bom Pai ao seu filho—.

- « A todos na afflicção benigno ajudes,
- « Usa sem fingimento um trato lhano,
- « Ouve mal da lisonja o doce engano;
- « Obrando bem, do que dirão não cuides. »

Lêde, Senhoras, os Sermões do celebre Massillon; sua pequena quaresma, lêde esses Sermões de sublimes verdades! de harmonia, de doce persuasão, lêde os Sermões do aspero, e eloquentissimo Bourdaloue! lêde os Sermões do grande Pregador Portuguez o Padre Antonio Vieira, n'elles achareis a doutrina de Deos pelos labios perfumados na linguagem magica, e irresistivel da persuasão, este iman do coração humano! lêde as conferencias do celeberrimo Lacordaire nosso contemporaneo, esse Orador Francez que no Pulpito da Cathedral de Pariz assombra, fascina, arrebatá, extasia! alli todo Pariz quer ter lugar, e tanto é assim que depois de alguns annos em que o Orador Christão assombrava ao mais escolhido Audietorio, Mr. Thiers não tinha nunca podido ouvil-o para admiral-o! tanto este sabio homem tinha ouvido fallar dos Sermões do celebre Theologo Lacordaire, que lembrou-se um dia de um estratagema bem gracioso, e foi este: —offereceu trinta fancos a um Sachristão de Nossa Senhora de Pariz, para que o collocasse em um lu-

gar da Igreja onde o Orador profano pudesse ouvir ao eloquente Orador sagrado! ás tres horas da tarde de um dia, em que subia ao Pulpito o grande Lacordaire, já não havia lugar em parte alguma da Igreja, como de costume; eis que se vêem dous homens rompendo caminho pelo meio do immenso concurso, que se achava alli de ha muitas horas reunido. Um d'esses dous homens, era um Sachristão da Cathedral, que levava ás costas uma escada, o outro homem que ia segurando os pés da escada era Mr. Thiers! chegados que foram perto do Pulpito, appoiaram a escada á parede, e Mr. Thiers subiu pela escada acima, e assim collocado, é que elle admirou a celebre eloquencia do Padre Lacordaire.

Ha sete annos que chegou aqui a Segunda Dignidade da Sé de S. Paulo, o Reverendo Senhor Conego Joaquim Anselmo de Oliveira; esse celebre Orador sagrado, que honra o Pulpito da Cathedral de sua Patria, aqui se appresentou ao honroso chamado de seu Soberano, e foi incumbido de pregar o Sermão em acção de graças pelo nascimento do segundo Principe filho do Senhor D. Pedro Segundo. O grande Pregador Paulistano foi ouvido por Suas Magestades Imperiaes, brilhante Côrte, e numerosissimo Auditorio com a mais profunda attenção, e Admiração! uma só pessoa não houve alli presente na Capella Imperial que o não admirasse! elle tão sabio quanto modesto, tudo isso merecia.

Seus Sermões todos encerram uma tão grande

porção de sabedoria, que bem nos mostram sua extraordinaria e vasta erudição! as passagens mais bellas da historia brilham em seus discursos sagrados, bellamente adornados pelos talentos e immensa eloquencia do Orador, admiravelmente persuasivo e insinuante. Ao executal-os, ou ao lêl-os, o homem mais dolorosamente afflicto se encontrará necessariamente consolado, pelo poderoso dom da eloquencia a cujo imperio poucas são as almas sensiveis que deixarão de ser submissas.

O orador, diz Cicero, é um homem de bem, que tem o talento da palavra; se todos os oradores não hão merecido este elogio, é porque ignoram o poder da virtude para elevar, e inspirar o genio. O bom e persuasivo orador sagrado; que grandes bens pôde fazer aos seus semelhantes! assim como o profano os pôde fazer á patria! o poder, ou imperio da eloquencia é tal, que Cicero, esse celebre orador de lingua de ouro, Advogando a cauza de Ligario, tratava de obter o perdão d'esse homem. Um outro, que não tivesse a seductora eloquencia de Cicero, não o teria certamente intentado! Cezar tinha em suas mãos a sentença de proscricção, e não queria por modo algum ouvir ao orador. Entretanto elle consentiu dizendo; escutemos a Cicero; minha resolução será inabalavel, elle não conseguirá mudar minha intenção. Cicero fallou na Tribuna, e sua eloquencia triumphou dessa firme intenção. Elle não negou o crime, não justificou o culpado; mas soube tão bem aproveitar-se da natural inclinação, que Cezar tinha para a clemencia, que o Dictador

enternecido deixou cair o papel da mão e lagrimas de preciosa piedade banharam os olhos d'esse verdadeiro Príncipe! Cezar com a voz tremula pela mais viva emoção, disse: Cicero, tu triumphastes! Cezar não te pôde resistir, eis-me vencido pela tua divina eloquencia! não foi a eloquencia que triumphou, não! e sim a sensibilidade d'aquella nobre, e grande alma, que só se encontrava feliz, quando se mostrava clemente.

O orador Paulistano no pulpito se faz admirar como já uma vez n'esta côrte o fez! Nunca eu tinha visto, nem tratado Sabio mais modesto! sua linguagem é suave, suas maneiras polidas. Esse Theologo Brasileiro sustentou comigo longas controversias! combateu em mim ideias erroneas, e muito aprendi com sua doutrina, e até em ausencia pelas suas cartas, em cuja leitura occupo os mais preciosos momentos do meu tempo. Esse Theologo litterato, bem que desempenhando diversos cargos, e cheio de mil honrosas attentões, perde comigo muitas horas de seu tempo na sua instructiva correspondencia epistolar.

O', é pela leitura escolhida, e virtuosa, que muitas santas virtudes se adquirem, é pelo trato, e conversação dos Sabios, e respeitaveis homens, que vamos cada dia mais imbuindo-nos de ideias sublimes, e sentimentos nobres, assim como entendo que aquelles que lerem livros perigosos, e tratarem com gente viciosa, muito deverão de perder; muito mais os que forem dotados de indole má, e perversa condição.

**Ultimo traço de penna e observações ácer-
ca do Cofre de beneficencia.**

Senhoras, e Mães de familia, vamos tratar, seria e positivamente de fundar o nosso Cofre de Beneficencia Christã! que este seja nosso luxo, nossa gloria, nossos bailes, e nossos mais caros passa-tempos! no mundo tudo é vaidade, o sabio já o diz em suas maximas de immensa sabedoria, vaidade: e só vaidade! as bellezas, as honras, glorias, riquezas, tributo de admiração, tudo isso de nada vale! tudo isso perde-se no nada das cousas humanas. Contemplai uma columna de denso fumo quando sobe aos ares, sobe, Serpentêa por aqui, e por alli, fórma mil figuras caprichosas; chama a attenção de todos os olhares, e depois de cinco minutos onde está esse todo? no nada!... eu comparo todas as cousas humanas com essa symbolica columna de fumo, que nos ares brinca caprichosa, gyra e ao depois se perde! a virtude porém é perduravel.

Com summa discrição não tenho querido criticar, nem censurar nada em um Paiz, e em uma nação que não me pertence; nada tenho tratado de politica, nem critica de usos, costumes, nem moral! deixo tudo como está, e que jámais me passe pela ideia de nada escrever a tal respeito. Se este paiz fosse minha Patria, então sim escreveria com a penna energica, que me é natural. Entretanto alguma cousa direi de tres objectos bem salientes, e que sempre me hão chocado, e escandalizado

sobre maneira ! Tenho notado desde que aqui cheguei, a falta de respeito no Templo de Deos ! notei sempre que as Senhoras entravam na Igreja, e depois do ligeiro signal da cruz, principiavam a conversar umas com as outras, (1) notei esta falta de respeito, quando em todas as Nações do mundo se acha grande acatamento, e veneração no Templo de Deos. Os Protestantes em seus Templos observam respeito profundo ! os Turcos em suas Mesquitas parecem milhares de Estatuas, pois não dão aos corpos o menor movimento - nem accção durante o tempo de sua oração. Entre os filhos da Religião do verdadeiro Deos, é onde sómente se vê a completa falta de respeito para com a Divindade. O segundo objecto de escandalo em Religião, é o dia dos Finados. Oh ! em todas as Nações do mundo christão, este dia é consagrado a solemne dôr, a profundo sentimento, á seria contemplação do nada da vida, e o horroroso da morte ! Ai ! Senhoras, quem é aquella tão feliz que n'esse dia de dôr, luto e lagrimas, não tenha um parente ou amigo no Tumulo ? O Tumulo encerra em seu seio tenebroso, e profundo todos os meus ! O dia dous de Novembro é para mim mais funebre e doloroso do que para ninguem mais. Aqui n'esta bella e florescente Capital, esse dia consagrado em todas partes ao pranto, á oração, ao recolhimento, aqui digo, este dia é só mais um dia de festa ! o toque merencorio « do Sino das Torres » traspassa já o coração de dôr. O Cata-

(1) Em tudo ha honrosas, e dignas excepções.

falco enlutado no meio do Templo nos opprime a alma de inexplicavel dôr !... as vestes e paramentos Sacerdotaes tudo nos mostra o emblema da morte, tudo nos diz, que somos mortaes ! e quem sabe, se nós terminaremos esse dia mesmo ! tudo n'esse dia é sómente um motivo mais de dôr, e enlutadas recordações ; aqui é sómente um dia de passatempo.

O Tereceiro objecto é tão escandaloso aos olhos das pessoas virtuosas, e religiosas, como são os dous primeiros acima já citados. Eu sei e tenho visto uma cousa em extremo revoltante para um coração bem formado ! e é esta : quando ha algum enterro em alguma rua d'esta Cidade, todas as familias correm ás janellas ! que tarde de festa não é no Rio de Janeiro um enterro com luxo : com bastantes carruagens, e grande numero de convidados. Um só Padre-Nosso e Ave-Maria ninguem reza ao finado, cujo caixão, e carruagem rica chama os cinco sentidos dos curiosos da visinhança inteira ; entretanto que todas estas familias alegres, e curiosas estão na janella, conversando ; acha-se na casa do finado da visinhança uma numerosa familia em lagrimas, e dôr profunda ! para esta familia se é que perdeu o seu Chefe, abrio-se um cahos de desgraças, de necessidades, de males em fim !

Jamais me lembro ter uma vez só consentido abertas as janellas de minha sala na occasião de haver um enterro na visinhança ! pelo contrario, mandei sempre feixar todas as janellas, como não querendo insultar com a minha presença a dôr dos que gemem n'aquella mesma hora ; isto é proprio

de um bom coração, e todos os que me comprehendem bem, serão de minha opinião.

Mas se é uma Mãi quem dá o exemplo de insensibilidade á sua familia, tanto maior será o perigo dessa terrivel influencia. A mulher de coração insensível, e sem virtudes, de que serve? de flagello! de açoute da Sociedade. A Mãi, que amar a suas filhas, dê-lhes virtudes, instrucção e prendas preciosas, sejam estas seu melhor dote! de sorte que, se lhes chegar a faltar seu Pai, possam sustentar-se com o trabalho de suas mãos. O homem que escolher uma Donzella virtuosa, e prendada já poderá chamar-se bem feliz, e como é mister citar factos, e exemplos proveitosos das vantagens que outras filhas poderam obter de uma economica, e boa educação, citarei aqui uma familia Portugueza bem respeitavel: — a familia do finado Henrique Silva, que foi empregado no Museo Nacional. Depois que esta respeitavel, e virtuosa familia perdeu seu chefe, viveu sempre das prendas preciosas, que todas essas Donzellas aprenderam em sua educação. A Condessa de Gemelis, quando fugio de Paris com Mademoiselle Adelaide de Orleans acharam-se ambas em Allemanha, em grande miseria! onze camisas existiam em um bahú para a Princeza e sua governante, aprenderam a fazer cestinhas de junco enfeitadas com frocos, ganhavam tres francos por dia, e isto ajudava aos pequenos recursos, que ambas tinham em sua triste peregrinação durante a emigração da familia Real. Se foi a grande, e riquis-

sima Duqueza de la Tur du Peien — Ella, e o seu Marido passaram mil miserias em New-York, onde a bella Duqueza ia ao mercado levar uma carretinha com fructas e hortaliças, vestida de saiote curto á moda das camponezas dos Estados-Unidos; o Duque seu esposo menos philosopho do que ella, ficava em sua caza chorando suas desgraças, e a desgraça geral da França. A Duqueza tinha nascido bem perto do throno de França! um dia ia, esta Dama virtuosa, e encantadora ao Mercado com sua carreta de fructas, flores, e hortaliça, e foi obrigada a parar no meio da rua para dar tempo aos outros carros a passar primeiro que o seu. De repente, levanta o seu chapéo de Pastora; olha em torno della, e ao mesmo tempo ouvem-se dous gritos! duas exclamações! que! sois vós a Duqueza de La Tur du Peien? e a Duqueza respondeo ao Cavalheiro embuçado em seu manto de inverno: Sim, sou eu Monsenhor de Talleyrand! os dous emigrados Francezes correram um aos braços de outro, e por alguns minutos suas phrases perderam-se no eloquente silencio da inexprimivel emoção da alma!... d'esta emoção silenciosa... que diz tanto... sem com tudo os labios fazerem o mais pequeno movimento. Eu muito tenho achado de bello, e de sublime nas preciosas Memorias de mil pessoas interessantes da França, pessoas da Còrte de differentes Monarchas Francezes, desde o tempo de Luiz XIII até hoje. Nada ha de mais precioso do que as taes Memorias! Eu li nas da celebre Marqueza de Montespan, cousas extraordinarias a respeito da vida de Luiz XIV! e essa s m.c.m.c-

rias são riquissimas, e bellas de graças de espirito. As memorias de Mademoiselle Quinault, Christina da Suecia, Marechala Duqueza de Luxemburg, as Memorias de Olympa Macini, Sobrinha de Mazzarino; as interessantes e graciosas memorias do Chevelier de Gramont, as de Madamea Marqueza de Pompadur, e as suas preciosissimas Cartas a differentes Reis, Rainhas, e Imperatrizes da Europa, e a mil pessoas da mais alta Cathegoria, com quem ella se correspondia durante o seu poderio absoluto; as Memorias de Luiz XVIII são bellissimas! Eu não amo nem venero a memoria d'esse Rei com alma tão mesquinha, com coração tão pobre!... e tão egoista. D'elle amo os seus talentos, e seu immenso espirito, porém sua memoria a detesto só pela sua conducta com Ney! com esse homem extraordinariamente grande em tudo! Como Militar o primeiro Soldado do Exercito Francez. Se Napoleão tivesse seguido seus conselhos, e os seus planos de campanha; não se teriam derramado rios de sangue Francez! elle fazia sombra ao grande homem! e Napoleão era como o Sol que não tolera que as mais bellas nuvens encubram sua brilhante luz.

O Principe de La Moscowa merecia ser julgado, e sentenciado pelo conselho dos Marechaes de França. Sei bem tudo isto, assim como de toda, e qualquer materia de que eu trato, porque é com pleno conhecimento de causa que eu fallo e escrevo; mas se o conselho sentenciava ao grande Marechal Ney como trahidor ao Rei Luiz XVIII, esse Rei de França, tão pouco Francez!... d'esse seu Real perdão

ao Principê de La Moscowa! a esse verdadeiro Francez! a esse que no passo de la Moscowa salvou um exercito de cem mil Francezes!! Ney, quanto eu venero tua memoria, tuas virtudes, teus talentos, e até a nobre resignação com que soubestes morrer desprezando altivamente a fraqueza d'esse Rei, tão pouco Rei!... que assignou tua sentença de morte; o Conselho condemnasse, El-Rei perdoasse, fosse clemente, então sim, que Luiz XVIII teria sido verdadeiramente soberano! e até admirado de toda essa illustre, e sempre grande nação Franceza. Carlos de Labedoyere, esse virtuosissimo General Republicano, esse homem tão distincto, e Ney, teriam sido, ao depois de perdoados, os dous maiores amigos de um Rei clemente, e nobre! porque esses dous illustres cavalheiros Francezes, eram nobilissimos em tudo! e o que não se deverá esperar das almas nobres? tudo quanto é virtuoso, e sublime. A clemencia, bondade, e perdão, irrita a perversidade das almas, e corações endurecidos no vicio, no crime, e na maldade. D'estas ultimas nada espere-mos jamais de bom, nem de nobre.

Vespaziano, Imperador Romano, e Luiz XVIII, mancharam as paginas da sua historia com as duas sentenças barbaras que ambos deram. O primeiro na cruel, e injusta morte do grande general Sabino, e o ultimo se cubrio em sua memoria de eterno opprobrio pela morte de Ney, e Carlos de Labedoyere! eu detesto a memoria d'este Rei mesquinho, porque elle não se lembrou da bondade, e clemencia de seu Santo irmão Luiz XVI? Oh! homem indigno de

ser Rei, pois que não soubeste perdoar ! não conhe-
ceste a felicidade suprema de dar um perdão gene-
roso, e clemente ! não soubeste apreciar a immensa
felicidade de fazer bem á aquelles que imploram o
perdão. Na Russia Elizabet-Petrova nunca quiz as-
signar uma só sentença de morte ! mas tambem a
Siberia jamais teve maior numero de desterrados,
com as linguas cortadas ; do que no Imperio d'essa
Messelania da Russia. Anna, Rainha de Inglaterra,
e filha de Jaques Segundo, banio a sentença de morte
durante o seu reinado ! ella foi sempre de uma bon-
dade summa. Julgo eu que o ella arrebatou-lhe a
corôa da cabeça a seu Pai, foi como um castigo que
Deos mandou a esse Principe ! porque quando Prin-
cipe de York, elle commetteu na desgraçada Irlanda,
mil, crimes nefandos ! o Céu sempre justo dá o cas-
tigo, ou o premio, tarde ou cedo ! Confiemos em
Deos e descancemos, elle não quer que lhe roubem
os direitos de sua justiça.

Continuarei a citar outras memorias, e direi
que as da bôa e virtuosa Hortencia Rainha
de Hollanda, esposa de Luiz Bonaparte, e mãe de
Luiz Napolão, são de extraordinaria belleza ! ter-
nura, sensibilidade, virtudes, padecimentos, mar-
tyrios, de toda natureza, nellas se acham ; a bella,
e boa Hortencia, dá em suas memorias como seu
ultimo golpe de côr, e desgraça, a abdicção de D.
Pedro Imperador do Brasil, a Ex-Imperatriz Amelia,
era sua Sobrinha, filha do seu Irmão o principe Eu-
genio. Ella conta entre mil couzas bellas esta que
eu muito apreciei. Disse a Princeza que estando

seu filho Luiz Napoleão no berço, de quatorze mezes de idade, tinha-se-lhe arrancado um dente, e todo o dia o menino passára muito mortificado.

De noite a Rainha Hortencia foi deitar-se ; e passou em grande inquietação toda a noite ; pegou no somno, e dormiu apenas uns minutos ; durante este tempo ella principiou a sonhar que seu filho estava afogando-se em seu sangue, que o berço do menino era um mar de sangue ! oh ! presentimentos, e toques do coração de uma mãe ! como são sublimes em tudo ! enfim Hortencia acorda chorando, salta do leito abaixo, pega em um roupão de cassa branca, vestiu-se apressadamente, e passou á alcova do Principe. Ao chegar perto do berço a Rainha Hortencia deu um espantoso grito !... com effeito o sonho era sim, um benefico aviso do Céu ! era uma realidade ; e não mais um sonho ! O Principe Luiz Napoleão, e esse mesmo que hoje rege os destinos da França ; estava n'esse instante banhado em seu proprio sangue, a enfermeira, e a ama de leite, cançadas das noites de vigilia, tinham adormecido em um tapete diante do berço do principe, que morreria a não ser o aviso de Deos ao coração de sua extremosa mãe. Tinha havido uma copiosa emorragia pela cisura do dente perdido ; e todo o sangue do menino porahi se derramava, Hortencia deu um grito de dôr, e lembrou-se de pôr a ponta do dedo minimo da mão direita, na cisura por onde sahia o sangue, e immediatamente a emorragia cessou de todo.

Mães de familia, que lêdes estas liuhas, não vos fieis de amas de leite, nem de enfermeiras para vel-

larem em vossos filhos enfermos! não desprezeis certos avisos do Céu, que vêm por meio de sonhos; eu acredito nelles! porque jamais tive um sonho funesto e enlutado, que bem depressa não se seguisse a triste realidade. Se eu os referisse aqui esses funestos sonhos, e dos quaes logo depois experimentei sempre o amargor... diriam os leitores que era tudo composição romantica! basta que na pagina seguinte, eu cite alguns factos historicos que por meio de sonhos foram annunciadas as distinctas personagens, que pouco depois soffreram seus terriveis effeitos. Aqui tenho só que escrever o real, o positivo! e se em minha mente, se acham algumas idéas, ou pensamentos sublimes, os guardarei certamente para a segunda parte deste meu livro, donde minha imaginação despregará um audacioso vôo! e minhas reflexões serão mais serias, e meditabundas.

Quando compomos um Romance quasi que tudo n'elle são bonitas idealidades, e chimeras que nos transportam do delirio ao entusiasmo, da poesia ao amôr; do grandioso, ao sublime, e todos esses delirios... de freneticas paixões, e conforme uma mente ardente os póde transmittir, e pintar; nos, é permittido exprimir n'esse genero de composição, que a juventude tanto ama, e com preferencia á outra qualquer; e a exaltação da imaginação em lavaredas, discorre com liberdade, porque o individuo não tem responsabilidade alguma; logo que elle não se afastar da boa moral. Mas quando o que nossa penna escreve, são pensamentos para a utilidade, e instrucção dos nossos semelhantes, nem flôres da apar-

tosa eloquencia, nem sublime poesia, nos deverá seduzir, para que alteremos a doutrina da verdade! e a verdade é sempre tão laconica, e tão singella em sua persuasão! a logica da verdade é por si só, tão forte, insinuante, e persuasiva em sua singella, e pura eloquencia! preciso eu por ventura dos profundos estudos da Rethorica, Logica, e Philosophia, para conversar, com amenidade a linguagem pura, e simples da sam moral? é com esta mesma mesquinhez de talentos naturaes, que me irei assim entretendo com as pessoas do meu sexo; até que na continuação desta cadeia de pensamentos sem nexo; me digne occupar de objectos mais interessantes, e mais graves.

Uma Senhora que não póde, nem deverá fixar seus olhos no hemispherio politico, tem sim, ante seus passos o caminho das letras, e n'elle poderá ir fazendo ensaios litterarios que não lhe cauzarão tantas amarguras como acontece a quem se envolve no manto, tenebroso da politica.

Ainda á poucos dias chegou-me uma obra clacica Portugueza de infinito valor! ella é do anno de mil quinhentos, e intitulada — Imagem — da vida Christã — Por Frei Hector Pinto, frade Jeronimo, jamais eu tinha achado nada de tão precioso, riquissimo, e de tão illimitada erudição! muitas, e mui preciosas obras de classicos Portuguezes eu tinha lido; porém nenhum d'entre elles teve os talentos, nem infinidade de conhecimentos que este author! coisa assombrosa na verdade. Esse genio da litteratura, bem mostra que é do seculo do immortal Camões! seculo das luzes, e da gloria da Luzitania.

Permitti-me com a liberdade de minha ardente imaginação esta ligeira divagação; dos sonhos funestos que Deos, manda aos humanos, como tristes avisos, e já o vou mostrar com o seguinte facto historico, da historia de França.

A historia de França nos conta o triste sonho que teve a linda Maria de Medicis, quinze dias antes do barbaro assassinato do bom Henrique IV a bella Rainha acordou chorando, e lhe disse a seu Esposo: Henrique, estava sonhando que te estavam assassinando! ella soluçava ainda... El-Rei lhe disse: — São sonhos bella Maria! dorme, ó minha amiga, dorme tranquilla, mas Maria de Medicis já não tinha tranquillidade em sua alma, e apenas quinze dias só se decorreram, quando indo El-Rei visitar ao seu Ministro de Estado, o Duque de Sully, que achava-se enfermo no Palacete do Arsenal de Marinha, que elle o grande Duque habitava, Ravalhac que já de á muito tempo espiava os passos de El-Rei acompanhou a carruagem até esta chegar defronte da parede do Cemiterio dos Innocentes, e cuja parede El-Rei tinha dado ordem, fazia muito tempo, para ser demolida, suas ordens não foram executadas, e isto custou caro á França. Ravalhac viu a carruagem de El-Rei retida por um cento de carretas que impediam a passagem, e subindo esse monstro pela trazeira do coche, descarregou o golpe mortal no coração do melhor Rei que a França teve. Henrique IV queria com rapidez a cerimonia da sagração da bella Maria de Medicis, era a primeira Rainha de França que ia sagrar-se; as pompas, as galas, os bailes, as

festas, trocaram-se em uma só hora, em luto, dôr, pranto, e consternação geral!... A França sabia bem que perca fazia em perder ao Rei que desejava que cada um de seus vasallos, até o ultimo de entre elles pudessem ter em sua panella uma boa galinha por dia! e os Povos não esquecem tão facilmente os Monarchas que os querem bem; assim como aquelles que os fazem desgraçados. A historia Romana nos apresenta acontecimentos tristes, que foram entretanto avisados por sonhos! entre outros o de Julio Cezar. Poucos dias antes de ter lugar a tragica morte de Cezar, sonhou Calpurnia, mulher de Cezar, que no Senado seria elle assassinado. O grande homem fiava-se em que elle era a gloria de Roma! e que os Romanos não seriam tão ingratos. Mas a inveja, essa hydra de sete cabeças, esse feio dragão, é muito perverso!... Elles não queriam a Cezar como Imperador de Roma, pela inveja que lhes causavam as virtudes, e talentos d'esse grande Romano.

Ao depois tiveram por Imperadores aos Calligulas, Tyberios, Caracallas, Domizianos, Comodos, Claudios, Neros, e Vittelios, esses monstros de perversidade vingaram ao grande Julio Cezar. Augusto, o primeiro dos tyrannos de Roma, morreu batendo-lhes palmas, burlando-se dos Romanos! elle foi o mais perigoso de todos os Imperadores que Roma teve! porque fez amar a sua doce, e seductora tyrannia. Eu amo o Governo bom, o justo, o clemente Governo de um Rei que ame aos seus Povos qual é o amor de uma mãe para todos os seus filhos, este é o Rei que eu amo. Se um Monarcha quer ser

amado de seus povos, dê-lhes também provas de amor, e de que deseje sua felicidade, e vantagens! ame aos seus povos, mas jamais se deixe faltar ao respeito; nem deixe approximar de sua Soberania a familiaridade. Oh! jamais. Eu detesto a familiaridade, e se é isto verdade; eu não, appello para os intimos amigos da nossa caza, e de uma amizade de ha vinte quatro annos! Suas cartas são todas longe de familiaridade, assim como o é meu trato, e minha linguagem. A Rainha Hortencia diz em suas memorias, que sendo a filha adoptiva do Imperador Napoleão, jamais ella nem pessoa alguma da familia dirigiam-lhe a palayra, sem que fossem primeiramente por elle interrogados! ella accrescenta que conversava com Luiz XVIII com a maior familiaridade, e franqueza, entretanto que com seu Pai adoptivo encontrava-se cheia de acanhamento, e perturbação. Os extremos tocam-se! nem tanto, nem tão pouco.

Entre minhas nobres, e respectaveis Amigas, que seria longa a lista dos seus honrosos nomes, e mais extensa ainda a ennumerção de suas virtudes, e distinctos meritos; entre ellas, e eu, jamais entrou a familiaridade! de minha parte milhares de extremos, de profunda amizade, e sempre, constancia, plena indulgencia, delicadeza nimia, respeito mutuo, porém a tal familiaridade, jamais. Esta destroço, e mil vezes, o nobre sentimento da amizade; e eu não quero amigas senão para sempre! estas nobres amigas são hem escolhidas para que só a morte quebre os laços da amizade que nos liga.

O Imperador Napoleão, cujo busto, e retratos, temos em nossas salas, é um dos Monarchas despóticas que eu mais amo! sua memoria me é clara, e a venero com idolatra enthusiasmo, Napoleão era despota, sim, mas sabia mais do que ninguem premiar a virtude, o mérito, e as grandes acções! leia-se a vida d'esse homem, unico em dous differentes papeis de grande representação, o General Bonaparte, e o Imperador Napoleão! qual é aquella pessoa de genio superior, de talentos, de virtudes que não sinta o seu coração palpitar violentamente ao ler as façanhas, os grandes feitos de armas do General Bonaparte? qual é aquelle que não sinta correr seu pranto pelas faces ao ler os premios que o Imperador Napoleão dava ao valor do guerreiro francez? premios, honras, fortunas, coragem, estímulo, e palavras de benevolencia; tudo dava o grande homem ao verdadeiro mérito! mas quem é aquelle que não sinta por esse colosso das humanas glorias, o mais justo respeito dado á sua memoria? esse homem que sómente a chegada do seu frio, inanimado cadaver deitado em um caixão triplicé de chumbo, tem causado em toda a França uma grande agitação, e revolução! Luiz Napoleão é sobrinho, afilhado, e quasi Neto do Imperador Napoleão, e filho da excellente e virtuosa Rainha Hortencia, Neto legitimo de Josephina! Napoleão, e Josephina dormem no tumulo de ha já muitos annos; mas eis que á vista do Atáude só, põe a França inteira em movimento, e a memoria idolatrada de ambos, vai hoje collocar no throno de S. Luiz, um Napoleão Terceiro;

elle já se faz amar do povo Francez, como os seus illustres, e excelsos Progenitores. Luiz Napoleão será Imperador dos Francezes! sim, porque Napoleão gelado em seu tumulto ainda assim mesmo faz palpitár todo coração que ama a gloria, os genios, e os meritos. Luiz Napoleão tem a linguagem doce e meiga de Josephina, seu trato é extremamente cavalheiro para as Damas, e já n'isto elle é fino politico! elle conhece a influencia da mulher sobre o coração do homem, com os homens elle é delicado e grave, com o bello sexo é todo cavalheiro, seu semblante triste, e meditabundo, chama o interesse das bellas Parizienses em seu favor, Luiz Felipe com sua justa medida de fazer vir o Tumulo do grande homem, entregou o throno da França a Napoleão Terceiro.

Fallei poucas paginas atraz no interessante que é a leitura das preciosas memorias das pessoas de talentos, e de graças de espirito, não ha leitura mais interessante, entre mil d'essas memorias, que não me é possivel aqui citar, ha umas que são as da Contemporanea; e n'estas acham-se milhares de bellezas, e noticias da maior consideração; eu só escolherei esta que sem ser mãe, me retalhou o coração de dôr!... permitti-me que vos lh'a transmita aqui. Em 1790 tinha ido passear a Pariz uma formosissima princeza Polaca, penso que a princeza de Sovisky. E esta já viuva, bem que muito joven ainda, levou em sua companhia uma filha unica, a princeza Rosalia. A princeza, formosa, joven, e encantadora se fez amar da côrte, eujas Damas a

colmavam de afagos, e carinhos. Ella amava a Família Real com idolatria, e teria dado assim como eu, mil vidas para salvar aos Reis martyres, e seus filhos. A princeza foi á Conciergerie, prisão d'onde se achava toda a Aristocracia Franceza que não pôde fugir de Pariz a tempo.

Preso com sua pequena filha de idade de cinco annos, e com mil outras damas da mais alta classe, ella as via ir sahindo uma a uma para nunca mais voltarem!... o carro dos sentenciados chegava todos os dias á porta da cadêa, e n'elle iam embarcando a flôr, a belleza, o esplendor das damas da brilhante côrte do Rei martyr! depois aquelle carro ia lentamente rolando para a Praça onde se achava o ensanguentado cadafalso... e todas estas bellas damas, e nobres cavalheiros iam acompanhados da mais desenfreada populaça, que os injuriavam com gritos, e palavras proprias da gente vulgar. Um dia chegou o funesto carro á porta da prisão, e entre os nomes illustres que foram lidos dos nobres sentenciados, o nome da formosa princeza Polaca foi lido. Ao ella ver que ia perder sua bella cabeça no cadafalso, ficou louca de desesperação!... ágarrou a pequenina em seus braços, beijou-a com transporte de apaixonado amor maternal, depois banhada em lagrimas, a entregou nos braços de uma amiga respeitavel, e embarcou no carro dos sentenciados, e com passos vacillantes subio os degrãos do manchado cadafalso! vinte minutos depois a cabeça d'aquella graça das graças, d'aquella Aglaeé, tinha já rolado pelo chão banhada em seu

nobre sangue. A menina chorou uma semana inteira por sua mãe! e chamava a gritos nada a podia consolar. As damas Francezas iam embarcando no carro, quatro a quatro, oito a oito, e até a última. Mas a herocidade, e o espirito não as abandonou um só instante! seus vestidos, e roupões de cambayas guarnecidos de magnificas rendas de França, os ondulantes laços de fitas de vivas cores, não deixavam por isso de brilhar em seus flexivos, elegantes talhes, e trez toilettes por dia faziam aquellas lindas graças, mesmo, nós medonhos carceres de La Canciergerie.

Suas interessantes conversações eram allí tão variadas, jocosas, e animadas, como em seus esplendidos salões, o tinham sido outr'oral e muitas vezes no meio d'essas praticas cheias de vivacidade, eram essas heroínas francezas, interrompidas pela rouca, e grossa voz do carcereiro, que as chamava para marcharem a guilhotina! e assim foi uma, á uma passando a eternidade!

A princeza de cinco annos, orphã, sem Patria, sem parentes, nem amigos, andava a coitadinha chorando pelos corredores humidos, e obscuros da prisão! um dia, dia para ella feliz! chegou á prisão uma boa mulher, a lavadeira das damas nobres, e querendo entregar a roupa engomada a sua dona já não a achou no carcere!... era a ultima que n'esse dia ás nove horas da manhã embarcara na barca de Caronte para fazer sua viagem á Eternidade!... A mulher do carcereiro contou á lavadeira a triste historia da infeliz menina, que tinha ficado assim

abandonada; a pobre mulher era, mãe! compadeceu-se da orphandade da pequenina, e pediu-a á mulher do carcereiro, a qual com grande prazer accedeu, e entregou a linda Polaca.

A lavadeira sahio do carcere com mais uma filha. Chegada que foi á sua caza, disse-lhe esta excellente mulher ao seu marido: — Meu amigo, até hontem tinhamos sete filhos, de hoje em diante teremos oito filhos! e entregou aos braços do marido, aquella que ella tinha achado só, no mundo tenebroso de uma horrivel prisão! o marido, pobre homem que tinha já tantos filhos a sustentar, recebeu a pequenina em seus braços; apertou-a sobre o seu coração e abençoou-a! depois voltando-se para sua mulher banhado em lagrimas lhe disse: — Maria, que Deos te abençoe dia por dia até tua ultima hora de vida! o jubilo era geral em todos os membros d'aquella honesta, e pobre familia; os pequenos beijavam, e apertavam entre seus braços a linda irmãsinha que sua excellente Mãi lhes tinha dado n'esse dia.

A princeza não achou os Palacios dourados de seus Avós! mas achou, em troca de tudo isso, thesouro maior ainda! achou excellentes corações que a souberam amar, idolatrar, que a colmaram de caricias, e affagos, filhos só do mais santo e puro amor. Eu que já perdi todos aquelles parentes que na vida idolatrej, que amei, e dos quaes fui tambem amada, sei bem avaliar os quilates da possessão; e o doloroso da perda d'aquelles corações que tão finamente me souberam apreciar.

A princeza Sophia de Sovisky, morta na guilhotina

em França, deixou sua filhinha no abandono! a familia da princeza, julgou que ella pudesse ter fugido de Pariz; e o principe de Sovisky, principiou a fazer altas diligencias em procura de uma irmã que elle adorava. Mandou pôr annuncios em differentes idiomas, e em todas as gazetas de Londres, Pariz, e Vienna de Austria. O silencio do tumulto era só quem respondia!... passados oito mezes de louca desesperação, de anciedade inexprimivel, de silencio glacial como a lousa dos Tumulos... o principe Adolpho de Sovisky partiu de Varsovia para Pariz em procura de sua irmã. Trez mezes de pesquisas infructiferas o enloqueceram!... depois partiu para Londres, d'onde redobrou de inquirições, e diligencias em favor da princeza, e de sua filha, porém tudo quanto o nobre, e extremoso Polaco fez foi em vão!... desesperado, depois de um anno inteiro de redobradas e sempre inuteis indagações, voltou a Pariz como se aquella cidade tivesse um iman que o attrahisse! depois de mais de tres mezes em Pariz, e vendo que em quinze mezes nada tinha elle achado das duas parentas queridas que ancioso procurava, decidiu-se a deixar o Paiz das seduccões, encantos, e illustração.

Por acaso, ou inculcada a lavadeira que tratava da roupa de muitas familias nobres, e de todas aquellas damas que perderam a cabeça no cadafalso, foi a mesma que lhe tinham inculcado ao mordomo do principe Polaco, muitas vezes ella foi ao hotel em que o illustre viajante habitava; mas não tinha levado da mão a pequena Rosalia, um dia, e dia em

que o Príncipe dava ao seu Mordomo as ordens para partirem d'ahi a tres dias; chegou a boa mulher com dous carregadores que levavam dous bahús de roupa engommada, a menina já com seis annos e trez mezes tinha ficado formosa, e tinha todo o bello semblante da Princeza Sophia. O Príncipe fixou n'ella os olhos investigadores; e attentamente! levantou-se, largou a penna da mão, e passando rapidamente para a saleta onde se achava a lavadeira, e a menina, elle lhe disse ao seu Mordomo em lingua Polaca estas palavras, — perguntai a essa mulher se esta formosa menina é ou não sua filha, ou parenta? o criado ouviu tudo com attenção, pois elle tambem já tinha notado a parecencia da menina com sua senhora a Princeza Sophia, Rosalia assim que ouviu a conversação do amo com o creado, da qual não perdeu uma só phrase, principiou a chorar, e a soluçar! Maria sua boa mãe adoptiva, assustada principiou a interrogar a menina, porque choras assim minha filha? diz Rosalia? e esta entre soluços respondeu: — Ai! choro por minha mamã! quando ella fallava comigo era assim n'esta lingua que ella fallava, ella fallava na mesma lingua que este Senhor falla com seu criado agora! onde está minha mamã? e a pobre pequenina com recordações, e saudades de sua mãe, chorava, o Príncipe carregou a menina em seus braços, deu-lhe uns brinquedos, e lhe fallou sempre em lingua Polaca! a tudo ella a coitadinha respondeo. Perguntou-lhe o Príncipe se se lembrava do nome de sua Mamã? ella respondeo assim — Minha mamã era muito, muito bonita!

chamava-se Sophia de Sovisky! o Principe Adolpho deu um grito doloroso e apertou sua sobrinha, orphã, contra seu coração!... assim mudo, e silencioso, tinha entre seus braços apertada a filha de uma irmã que elle tanto adorava! já não havia a menor duvida para elle, sua irmã tinha perdido a cabeça baixo o cóрте do mesmo machado que decepára a bella cabeça da formosissima Maria Antonietta, Madame Elisabt, Princeza de Lamballe, e mil outras cabeças illustres, e nobres. O Principe com os olhos cheios de lagrimas, e a falla entrecortada pelos soluços, perguntou á boa Maria mil cousas a respeito de sua irmã, e da menina que ella recolhera em sua caza. A boa mulher disse que não tinha conhecido a Princeza, pois que a carcereira era quem lhe entregava a roupa de todas as Damas nobres que alli se tinham mettido n'aquella prisão.

Contou-lhe sómente, desde o dia em que tinha sahido da prisão, levando pela mão a pequena Rosalia para sua caza, e com ella augmentado o numero de seus filhos. O Principe, banhado das lagrimas preciosas da gratidão as mãos da protectora de sua sobrinha, da qual elle não se quiz separar um só instante.

Maria, a boa, a excellente Maria Latur voltou só, inconsolavel, e banhada em lagrimas, para sua caza! ao entrar, seu marido Luiz, e seus filhos correram a ella para a abraçarem, mas logo deram pela falta de Rosalia! as lagrimas da boa mulher lhe tolheram por longo tempo a falla, e as palavras todas morriam-lhe na garganta!... rodeada de todos, a per-

gunta era a mesma! — onde está Rosalia? onde ficou? o que lhe aconteceu á nossa irmãsinha? Maria pôde só responder — a perdemos!... e as expressões que ella ia dizer lhe expiravam nos labios! Ai! alguem que já possuiu um bem que ao depois perdeu, comprehenderá bem a dôr de toda uma familia! sim, esse a comprehenderá melhor do que eu o posso expressar.

De noite sentio-se parar uma carruagem á porta do bom Luiz Latur, e um elegante Cavalheiro todo de traje de luto, apeiou-se á porta da boa gente que tinha praticado quinze mezes antes uma acção de Principes! esse elegante Cavalheiro era o Principe Polaco! a pequena Rosalia vinha vestida com um rico vestido de velludo preto, seus caxos de cabello de ouro fluctuavam annellados pelos eburneos hombros d'aquelle Anjo de Raphael! ella, linda, e formosa como sua encantadora mãe. Os pequenos filhos de Maria correram a ella cheios de transporte de alegria! todos a um tempo queriam beijal-a, todos a colmaram de caricias, e ternos afagos de amor fraternal. Depois de passar esta primeira effusão d'alma, que tem delicias inefaveis!... o Principe chamou a menina, e lhe entregou uma rica caixa dizendo-lhe: toma, minha filha, dai esta caixa alli á tua generosa mãe, e apontou para a boa Maria! a pequenina appresentou a caixa que a pobre mulher se apressou em abrir. Ao ver ella o precioso retrato de Rosalia, circulado de diamantes do mais alto preço, deu um grito de prazer, e admiração! dentro da caixa achavam-se dous manuscripts, um era a

promessa de um dote de quarenta mil francos de generoso donativo que o Principe dava a Marianna, unica filha de Luiz, e Maria; o outro papel era uma carta do Principe, onde o luxo da gratidão via-se em milhares de expressões de eterno reconhecimento. O nobre Polaco, generoso, e altivo como o são todas as almas nobres, deu a Luiz um relógio de alto preço todo circulado de brilhantes, e sua firma feita de Rubins, e Esmeraldas do mais subido valor: a corrente de ouro correspondia em tudo á riqueza do relógio. O Principe era nobre, e generoso, grato como sómente o são as almas nimiamente delicadas. Elle pediu á aquelles pobres pais, dous de seus filhos que elle mesmo queria educar, e formar: Luiz, e Maria recusaram por longo tempo! o excellente Sovisky lhes fez sentir as immensas vantagens que seus filhos iam ganhar com sua protecção, e com seus desvellos, e educação. Emfim, os pais por gratidão accederam; e ficou a escolha dos protegidos ao seu protector. Augusto, e Alfredo, que eram os mais pequenos foram os dous filhos de Maria que o Principe escolheu. Ao dia seguinte já o alfaiate do Principe tinha ido tomar-lhes as medidas dos trajés com que se deveriam elles appresentar na formosa e rica Warsovia. Augusto La Tur, tinha nove annos, e Alfredo onze annos. Ambos estes pequenos tinham extraordinaria intelligencia, e boa indole, d'esta sorte elles promettiam ao seu protector grandes esperanças para o futuro de sua carreira.

Tres dias depois d'esta visita em caza de Luiz, e Maria, sahia de Pariz para a Polonia uma magnifica

carruagem levando dentro um Principe todo vestido de luto, triste, lagrimoso, e recostado em um canto do coche, meditando silencioso, e seriamente, sobre o nada das glorias d'este mundo! d'este vaidoso valle de lagrimas. Tres meninos descuidados ainda sobre as penas, e desgraças que elles todavia não conheciam, brincavam, e riam com os bonecos que dentro da carruagem acharam para divertirem-se.

Chegado que foi o Principe a Warsovia, e oito dias depois da fadiga da viagem, collocou em uma Universidade a seus dous filhos de adopção, os quaes, ao depois foram felizes em sua brilhante carreira militar para Alfredo, e Augusto seguiu a carreira das letras. O dote da pequena Marianna partiu para Pariz d'ahi a um mez, logo depois da chegada do illustre Polaco. Com as almas nobres, e virtuosas tudo são vantagens, tudo lucros. Cada uma pessoa dá aquillo que encerra dentro da alma! as almas virtuosas, e nobilissimas, conduzem-se sempre bella e dignamente; por esta razão o Principe de Sovisky, se conduziu como uma alma nobre, em sua gratidão.

Senhoras, vêde aqui uma razão de mais para que aquella que tem filhos, reparta mais beneficios que os outros que não tem filhos, que recolham aquillo que ella semeia! vêde, e sabei que é bom fazer bem sem saber, nem lhe importar a quem! Ainda esta maxima era da minha boa mãe, muitas vezes lh^a ouvi, e ella com prazer a repetia aos seus filhos: — faz bem, não olhes a quem.

Que vossas filhas e filhos saibam pelo exemplo de sua boa mãe, que nada ha de mais doce, e consola-

dor para a nossa alma, do que sermos extremamente bons. Esta é já uma recompensa de Deos.

Nas memorias summamente interessantes da Condessa Dubary, achei mil noticias da maior consideração! li n'ellas cousas interessantes em extremo. Soube que Anna d'Austria, e o infeliz Duque De Berry quando choravam, não lhes corriam as lagrimas como a todos nós, mas que lhes saltavam as lagrimas dos olhos.

Em outra passagem ella conta que o Marquez de B.... tendo de costume, assim como mil outros Cavalheiros da côrte de Luiz XV, de assistir ao jogo d'El-Rei todas as noites, o Marquez manchou-se um dia de eterno opprobrio, elle tinha relações de amizade intima com a Duqueza de R.... e estes dous sujeitos, tendo rompido os laços da affeição que outr'ora os ligara, o Marquez fez um grande estrondo d'esse rompimento, e teve a indignidade de pegar em uma carta da Duqueza, e aquella justamente que ninguem mais do que elle deveria ter lido e a collocou em uma caixa de ouro de tomar rapé, poz-lhe um vidro por cima, e foi essa noite ao jogo d'El-Rei. Posta que foi esta boceta em cima da meza de jogo, chamou a geral attenção dos circunstantes, e um por um ia lendo a carta, e rindose! levantou-se El-Rei, e todos se dispersaram pelo salão. El-Rei voltou á meza de jogo, pegou na boceta de ouro do Marquez e leu tambem a carta da Duqueza R.... Todos os corrompidos cortezãos leram a carta, e só riram; porém Luiz XV, o mais leviano dos Reis de França; ao ler a carta alli exposta aos

olhos de todos, ficou cheio de furor, e indignação! e chamando assia elle todos os cortezãos que alli estavam ainda reunidos lhes disse: — Senhores, qual de vós outros é o dono d'esta boceta? qual é esse miseravel, homem que assim trahiou os segredos do coração que n'elle confiou? oh! opprobrio sobre esse miseravel!... atirou com a caixa aos pés, pizou-a cheio de colera, e quebrando o vidro, tirou a carta ou bilhete da Duqueza, o fez em pedacinhos, e os atirou ao jardim. Os cortezãos ficaram aterrados! os olhares fixaram-se sobre o homem capaz de acção tão vil!... El-Rei cheio de furor lhes deu as costas, e entrou em sua alcova. Ao dia seguinte o Marquez aproximou-se de El-Rei para tributar-lhe suas homenagens, Luiz XV disse-lhe em presença do grande circulo que havia no salão:—retirai-vos da minha presença por mais de dez mezes! deu-lhe as costas, e foi para uma janella. O Marquez de B.... ficou por dez mezes banido da côrte.

Gostei infinitamente da conducta de El-Rei de França; se houvesse quem premiasse as acções virtuosas, e nobres, e castigasse ao crime, seria maior o numero dos virtuosos, e mil vezes menor o numero dos criminosos. Eu não sou Rainha, porém me faço respeitar de tal sorte, que jamais consenti na minha sala, e circulo, dous generos de conversação, que é maledicencia, e politica, tudo, menos isto! o primeiro genero de conversação pertence tão sómente á classe vulgar de uma nação, a circulos de gente immoralissima.

O segundo que é a politica, eu a aborreço! ella só

origina controversias, desavenças, e mortificações de espirito, quando as opiniões não estão de accordo. As pessoas da nossa amizade que nos honram da sua companhia, passam ao meu lado longas horas, e toda a litteratura antiga, e moderna é quem faz as despezas da nossa interessantissima conversação. Aquelles que tem instrucção, e virtudes, empregam sempre bem o seu tempo.

A genté perversa, julga aos outros por si !... Lembra-me de uma pequena anecdota que conta Filinto Elysio em uma de suás obras: — Era um viajante que caminhava a pé por um campo arido, e sem vegetação alguma, o Sol era ardentissimo, o calor insupportavel, e nem uma só gotta d'agua por parte alguma; o viajante morria de sêde, e suffocava-se de calor. Eis que divisa ao longe uma pobre arvore feia, despida de verdura, e de graças feia e má! Chega-se á essa ruim creatura, e de perto a acha ainda mais feia, e antypathica do que lhe parecera de longe. Tinha a arvore alguns fructosinhos, ruinzinhos como ella.... o viajante arranca um fructo e come-o. Oh! que cousa ruim, acre, e amarga, exclama elle cuspendo; a sêde era muita, e quiz experimentar um outro fructo, a mesma cousa ! o caminhante, lhe diz cruzandoos braços sobre seu peito: — Arvore que dás Pilrittos porque não dás cousa boa ? a arvore lhe respondeu assim: — cada uma dá o que tem, conforme a sua pessoa. A boa sociedade quando se reune, conversa do que ha de mais nobre, e interessante, já em litteratura, já em artes, sciencias, e na descobertas, e invencões do engenho humano,

e estas conversações elevam a nossa alma ao Creador, e a nossa mente como que se illumina cada vez mais! é na conversação dos sabios que muito aprendemos.

D. João Segundo de Portugal era um Rei cheio de virtudes; elle chamou á sua côrte os sabios, e Scientificos de todas as nações e religiões, e com elles conversava todos os dias: os protegia generosamente, e os honrava com sua nobre e real amizade. Foi pois no seu reinado que appareceu um Douctor em medicina, e este de nação e religião judaica. Este foi o inventor dos oculos de longa vista! El-Rei D. João Segundo lhe deu a maior acceitação, e amizade.

Os Tyrios inventaram, e compozeram a tinta escarlata, chamada purpura; elles viram as brancas ovelhinhas manchadas com seu sangue que os espinhos lhes faziam derramar; e d'ahi elles fizeram um estudo, e principiaram a buscar nos bosques, cascas de arvores, e raizes escarlates, sementes, e outros vegetaes d'essa linda côr, e côr contente como lhe chama o mais sabio dos Poetas, o immortal Camões.

Os Fenicios inventaram a navegação, até então desconhecida, o vôo dos Passaros de uma para outra parte, foi o que lhes fez imitar as velas pelo feitio das azas, e pela cauda, a prôa da embarcação primeira que elles fizeram. Os pés da ave é representada na quilha da embarcação.

Roxerio Bacon, Frade Inglez, foi quem em 1290 inventou a polvora, este grande motivo do bem, e

de mal! de deffesa, e de ataque nos combates bellicos. Nós outras pois que não temos ambições de gloria, de celebridade, que não podemos estudar nas Academias, e que emfim não podemos ser uteis ao Mundo pelas nossas invenções, e descobertas como os Nevveuttons, Descartes, Pasqual, Plinios, Roxerios Bacon, Bufon, Lineu, e mil outros sabios, inventores e descobridores de grandes objectos uteis, para bem da humanidade; nós outras digo fundemos o Cofre de Beneficencia. O que são, Senhoras, quinhentos réis? nada em summa! mas ao fim de um anno achar-se-hão uns poucos de contos de réis, compostos d'essas pequenas quantias de seis mil réis annuaes, e vinte quatro mil réis de joia de entrada. Eu me explico bem já em tudo. Aquellas Damas que sejam mais virtuosas, mais nobres, mais generosas, que dem ao fim do anno para o Cofre as quantias que sua caridade, e virtude lhes permitir. Eu como fundadora, darei todo o producto d'esta obra; e terei o prazer de dar a joia mais rica que me fôr possível; e a quantia que se receber d'este trabalho litterario. Pagarei seis annos adiantados além da joia, e as Damas que me quizerem imitar que me imitem.

Torno a repetir, serão socias todas as Senhoras nacionaes, e estrangeiras de todas as nações, aqui n'esta capital residentes. Dos homens em geral aceitará o nosso Cofre de Beneficencia, esmolas, legados, beneficios, loterias, e tudo aquillo que sua caridade e beneficencia quizer dar ao Cofre das desvalidas. Eu responderei a todos esses virtuosos be-

neficios com eterna gratidão! e elles irão ao Tumulo dentro do meu coração de sem igual reconhecimento.

No dia da installação, ou fundação do Cofre haverá uma festa na Igreja que se eleger, e o Exm. Snr. Bispo Diocesano benzerá o Cofre de Beneficencia; assim, prosperará certamente esse Cofre de santa piedade christã.

Lembrai-vos, Senhoras, do Bazar que a Santa Ex-Rainha dos Francezes fez abrir ha annos passados no Palacio de Orleans! esse Bazar era precedido pelas formosissimas Damas da Rainha, alli viam-se as preciosas Duquezas, Marquezas, Condessas, e todas as Senhoras da brilhante Aristocracia Franceza. A vara de fita de seis vintens, lhes era paga por vinte, e trinta francos a essas lindas Duquezas! como o producto era para os pobres do povo Francez, nunca ellas foram tão usurarias! tudo vendeu-se a peso de ouro. Uma d'essas bellezas, cuviu-lhe dizer ao cavalheiro a quem ella vendia luvas perfumadas; que ella tinha lindos caxos de cabello, e accrescentou: — sinto só que elles não se vendam! a bella Duqueza pegou em uma thezoura, cortou o mais lindo bucle de cabellos que pelos eburneos hombros lhe cahiam; e dando-lh'o ao elegante cavalheiro, lhe disse: — tomai-o, elle vos custa só dous mil francos! o Pariziense titubiou... vacilou... e depois disse abrindo a carteira: — tomai Senhora, vosso bucle vale um milhão de Luizes! e sahio depressa do tal Bazar, com medo que a linda Duqueza, o deixasse sem um só franco. Isto me lembra de um joven Lord que foi de Londres a Pariz, e pagou

cincoenta mil francos por um só dente de Heloiza ! Um Inglez ser assim entusiasta pela memoria da amante de Abeillard ? esse Inglez amava deveras certamente.

Espero que o Cofre em favor das desvalidas, receberá as esmolas de todas as pessoas de ambos sexos que o quizerem favorecer como já disse, e reservaremos só para nós outras a felicidade inexprimivel de sermos socias, e sustental-o com nossos rendimentos, generosa caridade, e economias domesticas.

Quando ha um anno passado chegou aqui a Cantarina Rosina Stoltz, tiveram todos uma furiosa epidemia de coqueluche por ouvil-aí Homens, e Senhoras, todos pagavam noventa, e cem mil réis por cada camarote do Theatro Provisorio ! depois abriram-se subscripções de grandes sommas. Oh ! meu Deos ! E porque, Senhoras, não houve uma só d'entre vós outras que se lembrasse de lhe mandar a essa Actriz um magnifico quadro feito de preciosas conchinhas, e flôres de escamas, e lindos insectos do Brazil ; e abrissem a subscripção em favor de um Cofre de Beneficencia das mulheres miseraveis desta capital ? d'esses centenares de mulheres que morrem de miseria em cada cantinho de suas pobrissimas cazas e banhadas em torrentes de lagrimas ? ignorais acaso a miseria das mulheres desvalidas que se acham n'esta vossa patria ? ignorais a pobreza, e abandono de milhares de Donzellas orphãs que se entregam ás seducções... d'aquelles que espiam com avidéz o dia em que ellas já não terão um pedaço de pão para metterem em suas bocas, e que será o dia do trium-

pho do vicio?! Ah! Senhoras, eu não tenho já pais, e não tenho filhos! logo, por mim nada temo, e para os meus nada espero, elles dormem no Tumulo todos, até o ultimo de entre elles.

Porque d'entre tantas Damas do paiz, não houve uma que fizesse echo, e pedisse ás outras todas, as quantias de dinheiro n'essa recolhida subscrição para á Actriz, aliás já bem rica; e essa somma de dinheiro servir para a pia fundação de um Cofre de Beneficencia? bastava que essa Actriz celebre, e de grande merito, tivesse sabido d'essa intenção tão santa, para que ella tivesse sabido respeitar o patriotismo, e humanidade das Senhoras Brasileiras! Madame Stoltz teria até admirado mais a benevola gente Brasileira.

Para mim nada quero, e não tenho filhos nem parentes que recebam os beneficios que eu der aos meus semelhantes. Logo esta minha intenção não tem o menor sentimento de egoismo, nem interesse proprio, por quanto temos fortuna que chega para nada temer da miseria.

Mui joven ainda sou para me ter assim retirado da ruidosa sociedade, e do turbilhão do mundo; mas desde ha dezoito annos passados que eu morri para a sociedade, e toda ella se tornou aos meus olhos insupportavel! Sim, que os desgostos, e martyrios da vida, nos fazem olhar com desprezo, e indifferença para um mundo tão vão, e cheio de loucas illusões! tão chimerico em tudo... tão frivolo e superficial. Aquelle que nasceu em pobre esteira vê-se colmado de honras e favores ricos da Deosa

cega, e caprichosa... o homem que dormio em berço de ouro, aflagado no começo de seus dias pelos bens da fortuna, com titulos, com honras attestadas em antigos pergaminhos, cheio de virtudes, de talentos, e meritos, esse, ai! esse vai morrer no desterro! no olvido, na miseria, e abandono! aquelles que nasceram no throno acabarão no cadafalso! e eu que tanto conhecimento tenho das vistas ensanguentadas desse theatro chamado mundo, poderei d'elle apreciar nada a não ser a virtude? poderei dar a menor attenção a nada do que se passa n'este globo de perpetuo movimento, e constante mudança! só me agrada o positivo, o real, o estavel. Portanto, antes de ir descançar em um tumulo, quero deixar após mim um beneficio em um paiz que tem sido para mim uma tassa de perenes amargores.

Em minha bella Patria, e em BuenosAyres, existe uma Caixa de Beneficencia, fundada, e entretida pelas Senhoras e esses paizes assolados, por uma guerra civil que os tem ensanguentado de ha quarenta annos até hoje! sim; mas o Cofre de Beneficencia não tem soffrido nada em todo esse tempo de miseria e dôr. Na Capital do florescente Brazil, que ainda nada tem soffrido desde sua descoberta, até o momento em que escrevo, não se acha, não existe um Cofre de Beneficencia, em favor das pobres mulheres já por si só tão dignas de lastima!... E se nós outras, Senhoras, não nos compadecemos das mulheres desvalidas, e lançadas na miseria e na dôr, quem é que d'ellas se compadecerá? é de

nossas mãos piedosas que as mulheres desvalidas, hão de receber honestamente sua subsistencia.

As infelizes mulheres velhas, e enfermas, e as Donzellas honestas, e desvalidas, que achem em nós outras sua protecção depois de fundado o Cofre de Caridade, todos poderão favorecer-o, seus fundos girarão, os juros se multiplicarão, e depois de dezoito annos a contar do dia da sua fundação, elle terá capitaes bastantes para fundar-se um hospicio donde serão recolhidas duzentas mulheres velhas, e Donzellas, orphãas, e sem honesta protecção. Esse hospicio de piedade será uma fabrica activissima de trabalho! as mulheres velhas, farão meias perfeitamente trabalhadas com algodão fiado, e preparado em França, ou aqui, haverá meias perfeitas para homens, e mulheres, trabalhadas como em Europa. As moças terão duas Mestras estrangeiras, uma Franceza, e outra Allemã, perfeitas mestras em toda sorte de trabalho de agulha como são os de bordado, costura, crochêe, tapesserias preciosas, marca, bordado em prata, e fio de ouro, luvas de pellica, de linho, de algodão, flores artificiaes de panno, de cêra, frocos, e fio de ouro e prata. Todos esses trabalhos chegarão á perfeição! pois que o cofre pagará duas Mestras preadissimas para o ensino, e a educação de cem Donzellas, e isto pelo espaço de trez annos, que julgo tempo sufficiente para ficarem perfeitamente prendadas, vinte a trinta meninas do dito hospicio. Todos os trabalhos preciosos que n'esse hospicio de caridade, forem feitos, serão vendidos em todas as lojas desta

capital, pois que serão elles trabalhados com summa perfeição e bom gosto. O producto de todas essas preciosidades irá para o Cofre pelo espaço de dous annos, e depois desses annos de primeiros lucros, será o producto d'esses trabalhos laboriosos, para as mesmas moças irem ajuntanto um dote para casarem com homens honestos, e trabalhadores. Cada uma d'estas meninas será ao depois uma excellente e prendadissima mãe de familia, eu vos lhe asseguro. O lugar vago que ficar, ficará para ser dado a uma outra orphã, e assim irão sahindo prendadas, e ricas aquellas que foram para aquelle asylo, pobres e ignorantes.

Em attenção ao nome da Mãe de Deos o hospicio das desvalidas, terá o nome de:—Hospicio de Santa Maria—. A austeridade, regimen, e moral do dito hospicio, será com pouca differença ao de um convento; terá uma Regente Religiosa Franceza, e duas segundas Regentes Brasileiras, e de educação, costumes, e moral perfeita. Terá o Hospicio de Santa Maria, uma bella e espassosa Capella.

Quando o cofre fôr fundado, e que eu veja o seu progresso, então eu mesma terei honra e prazer de fazer os Estatutos para o Hospicio de Santa Maria. Ainda eu não fallei com ninguem, d'esta minha pia intenção; mas pretendo antes de morrer deixar fundado o dito hospicio; se porém eu fallecer antes deixarei os estatutos.

Em Pariz houveram collegios reaes para as donzellas nobres, como foi o collegio real de Saint-Cyere, fundado por Luiz XIV, e precedido por Madame

Maintenan. No reinado de Luiz XVI, Luiz XVIII, Carlos X, e Napoleão, foi o d. S. Diniz, mas estes collegios sómente para as filhas e filhos nobres, e que pertenciam á Aristrocacia franceza.

O nosso hospicio, senhoras, será mais nobre, e menos egoista, porque será só para as desvalidas que não tem ninguem por si ! aquella que for mais virtuosa, mais patriota, mais respeitavel, dará ao cofre maior quantia, ao fim do anno, essa terá menos galas, e dará mais beneficios em favor das desgraçadas.

Então é que as senhoras Brasileiras serão mais dignas de admiração, e respeito, já dos seus concidadãos, já dos estrangeiros que saibam da sua caridade e patriotismo ! então é que ellas serão verdadeiramente Americanas.

S. Vicente de Paula, esse Santo a quem a humanidade, e o pudor devem tanto ! elle, o virtuoso homem, era tão sensivel, que passeava de noite as ruas de Pariz, só para recolher das portas onde se achavam atirados os pequeninos recém-nascidos; n'esse tempo não existia caza de meninos expostos, o Santo caminhava de noite embuçado em seu grande manto de inverno, e ia recolhendo em seus braços os innocentinhos filhos do desvario, e abandono !... foi collocando-os em uma caza velha ; e alli lhes deu amas de leite para criar aos pequeninos engeitados por seus pais. Depois foi S. Vicente de Paula batendo de porta em porta, subindo as escadas dos Palacios dos grandes, e de todos elles recebendo as esmolas de caridade, para fundar

o hospício dos innocentes engeitados, assim for fundado esse hospício. Oh! santa e nobre fundação! porque não fostes instituida por uma mulher, Mãi sensivel, e piedosa? porque não se achou em todo Pariz uma Dama nobre e virtuosa que arrebatasse esta immensa gloria ao seu compatriota? direi melhor do que gloria, esta immensa felicidade; quanto orgulho nós teriamos hoje se a fundadora do hospício dos filhos abandonados, tivesse sido uma nobre, e respeitavel Matrona, uma mãi porque o coração, e a alma de uma mulher mãi, deverá de comprehender melhor a anciedade, a agonia, as dores que passam pela alma de uma outra mulher, na occasião e nos trances amargurados da maternidade!.. mas ah! foi um homem o pio fundador do hospício dos filhos de outros homens; e eu que jamais conheci as delicias, ou tormentos pungentes da maternidade, idolatro a memoria de S. Vicente de Paula porque a humanidade, e o coração das pobres mãis, muito lhe devem a esse Santo Francez.

Um outro Santo da nobre França, que eu amo, e venero em sua memoria, é S. Vicente Ferrer, esse paciente, e piedoso carregou pelo longo espaço de quinze annos as correntes de ferro de um gallé! e esse tendo mulher, e filhos voltou para elles, deixando ao Santo os seus ferros, seus trabalhos, e sua miseria de pobre gallé.

Essa França, nação, e terra por mim estimada! essa nação, nobre, polida, hospitaleira, e boa; quão grandes homens, e mulheres piedosas tem ella dado, oh! nação immensamente gloriosa! ella foi,

e é o que os Antigos Gregos foram para o mundo dos seculos passados, abram-se as paginas da historia d'essa nação, e suas glorias, triumphos, talentos, Artes, e Sciencias assombrarão a todos! lêde as paginas d'essa nação hospitaleira e nobre.

Em todas as epochas hão achado n'ella refugio, e hospitalidade os homens de todas as nações do mundo! os Polacos, os Portuguezes, e Hespanhoes, a quem as revoluções politicas obrigaram á deixar seus patrios lares. Os Monarchas perseguidos, e decahidos de seus brilhantes thronos, como foram Jacques Segundo de Inglaterra, Estaniláu Lessicka, Rei de Polonia, e o infeliz e virtuoso Carlos IV de Hespanha; todos elles acharam benevolo acolhimento n'essa preciosa, e encantadora parte da Europa. Os genios illustres, e perseguidos pelos seus invejosos, ou fanaticos compatriotas; alli acharam sympathias, e amavel hospitalidade; e d'entre esses citarei ao bom Fylinto-Elisio.

Perseguidos pelo fanatismo de seu tempo; Moratin, Martinez de La-Roza, esses dois genios da Hespanha, e os bem queridos das Musas; Conscinskuskco, e mil outros homens de superior esphera.

Como a piedade christã, existe em todas as almas nobres, os Monarchas distinguiram-se, e distinguem-se em protegerem a desgraça, e premiarem a virtude! Napoleão, fez com que sua respeitavel mãe, fosse a protectora de todas as ordens de caridade, e de instituições de piedade em França; e Lettizia-Bonaparte visitava muitas vezes esses estabelecimentos de caridade, e os hospitaes, sem ser n'elles esperada.

Santa Izabel, Rainha de Hungria, abandonou a companhia de seu Esposo, e seu sumptuoso Palacio, para ir feixar-se em um hospital de Lazaros! ella os curava com suas proprias mãos, e tão piedosa foi; que diz Lacordaire, que sua caridade foi até o zenit da extravagancia! Em minha patria, e em Buenos-Ayres as Damas mais sensiveis, e respeitaveis, visitavam as enfermas nos hospitaes uma vez por semana, e davam-lhes esmolas, e doces palavras de religião, e consolação.

E por que não destinar algumas horas em um dia de cada semana, n'esse santo exercicio de caridade, quando se passam todos os dias da vida em tão loucos, e frivolos divertimentos, e passa-tempos? As mais respeitaveis Princezas, e grandes Damas foram, e devem ser o exemplo de todas as virtudes que servem a minorar as penas, e padecimentos dos nossos proximos. D'entre as Soberanas que a França teve, e que foi a mais piedosa, e sensivel, foi uma d'ellas a esposa de Luiz XV, e Anna d'Austria, infanta de Hespanha, e esposa de Luiz XIII. Esta, conta a historia que quando já não tinha mais que dar aos pobres; pegava em uma Troquez, e ia quebrando as joias de ouro, e distribuindo os pedaços á gente pobre que a implorava em suas necessidades. Factos, de sublimes virtudes! oh! como elles são dignos de admiração! e todas essas grandes Princezas, não gastavam luxosas galas, senão nos dias de grande festividade; e não tinham mais passa-tempos, do que o cultivo das letras, da muziea, seus bordados, e bondadosos actos de piedadé. D'entré

as nobres, e virtuosas Princezas que existem hoje em Europa, tenho indefinivel prazer de honrar as paginas d'este livro, collocando o Excelso, e respeitavel nome da Ex-Imperatriz do Brazil, (*) Amelia Duqueza de Bragança!

Princeza que faz gloria, e orgulho á familia dos Principes; e em quem se acham reunidas as mais brilhantes virtudes, a par dos talentos, extrema polidez, e maneiras da mais perfeita dignidade. O Senhor D. Pedro I ajuntou ás suas immensas glorias, a de ter por Esposa essa piedosa, e respeitavel Senhora;

A fortuna da Ex-Imperatriz do Brazil, é immensamente grande! mas ella de pensões, dá á mil familias Portuguezas, grandes sommas annualmente. A Duqueza de Bragança herdou de sua avó a Imperatriz Josephina, a sensibilidade, e bondades, d'El-Rei Eugenio, seu Augusto Pai a dignidade, a firmeza de caracter, e os talentos. A Dama que têm sua bella, e nobre alma adornada de virtudes, despresar deve ás loucas pompas de um mundo vão e no qual sómente divisamos por toda parte o triste quadro da humanidade gemente.

Eu quizera que minhas benevolas leitoras lessem a obra intitulada Port-Royal par Saint Beuve, e as instructivas, e piedosas obras do Abbade Raynald, e

(*) Foi o Exm. Sr. Joaquim Elias Rodrigues da Costa, quem me deu as mais lisonjeiras noticias, d'essa Soberana, virtuosas, e respeitavel; e de seus labios ouvi com prazer mil elogios! esse perfeito e distincto cavalheiro Portuguez sabe altamente apreciar os dotes e virtudes d'onde quer que elle os ache.

n'essa util leitura muitas d'entre ellas a prenderiam aserem humanas, e sensiveis.

Senhoras, a sensibilidade foi sempre admirada, e respeitada por todas as nações do mundo, e tanto as virtudes de sensibilidade, lealdade, e gretidão, são preciosas, que os Antigos Gregos davam premios aos Mancebos, ou Donzellas que mais se distinguiam em essas santas virtudes, assim como davam grandes castigos, e penas duras á aquelles que desde pequenos se mostravam insensiveis, e duros mesmo para com os animaes! e tanto isto é verdade que aqui vou referir uma lindissima passagem da historia Grega.

Um mancebo de quatorze annos estava um dia assentado no jardim da caza de seu pai; era demanhã cedo, hora em que admiramos com arroubos as encantadoras graças da pomposa Natureza, e as galas com que seu generoso Criador a embellezou.

O mancebo olhou para o Céu e viu uma linda Pomba branca como a neve, fugir anciosa das garras de uma enorme Aguia que de ha muito a perseguia cheia de avidez! a innocente Pomba palpitante, batendo as azas, afflictta, fugia a coitadinha sem saber como escapar da ave carnivora! eis que ella a innocentinha, pensou na pureza do seu coração, que um homem joven seria menos feroz, do que uma ave de rapina! Ai! misera! perseguida, palpitante, ella corre, vôa rapida, e veloz, e esconde-se no peito do Mancebo que assentado no jardim a contemplava! ella pôde escapar assim da ferosidade de uma ave de rapina! mas a pura e in-

inocente pomba não sabia que o homem perverso é mil vezes mais feroz que as mesmas feras!... Ainda pomba bem depressa o experimentou, apenas ella se principiava a tranquillisar, o que fez o Mancebo? pegou-a em sua mão direita, e depois de admirar a sua extraordinaria belleza, lhe disse:— tu escapaste d'aquella Aguia que alli já vai subindo! mas de mim confiante creatura, escapar, tu já não poderás mais!... eu me chamo homem! paga tua cega, e illimitada confiança de vires palpitar sobre meu coração!... dizendo estas ultimas palavras, o trahidor, a esmaga entre as mãos! A pomba cahe, bate as Azas, e manchada em seu sangue, geme, e espira!... Oh! com que assim tu pagaste tanta, e tão confiante lealdade? assim zombaste, e te riste da afflicção, da palpitante anciedade de um puro coração, que buscou teu vil peito? tu mereceste bem a sentença de morte, que o Conselho dos Sabios te deu ao dia seguinte.

Ao dia seguinte, Senhoras, o Areopago de Athenas teve conhecimento d'esta acção tão criminosa! reuniu-se esse Conselho de Sabios, e deram a esse Mancebo a sentença de morte, dizendo esses homens todos virtuosos, e sensiveis que formavam o Conselho:—que se esse rapaz de poucos annos ainda, era capaz de tão criminosa acção, o que poderia a sociedade esperar d'elle para o futuro? Oh! sabio Conselho de homens virtuosos, e justos! como elles julgavam bem, e estudavam melhor o coração do homem perverso! grande Areopago de Athenas, porque não existes tu hoje entre nós? os homens, e

as mulheres, não seriam tão perversos como o são n'este seculo.

Fazem treze annos passados que um Douctor em leis, e Magistrado respeitabilissimo, trouxe á nossa caza uma noite um seu irmão, homem da Roça. Este homem estando a tomar chá com nós todos, contou uma acção iniqua, por elle mesmo praticada! e foi esta:—Havia uma grande mangueira na estrada da fazenda de seu pai, e esse homem, n'esse tempo rapaz de onze annos, ia todos os dias por aquelle caminho á Escola onde elle aprendia. Uma lindissima Sabiá habitava nos galhos mais altos da arvore, e alli tinha ella seus pequeninos, seu mundo, e sua felicidade. Seu cantar era de uma melodia e doçura irresistivel, harmonia, amor, doçura; queriam dizer em summa os doces gorgeios que de seu peito ella exalava! esse rapaz, a ouvia cantar todos os dias de manhã cedo, e detarde ao retirar-se o Sol. Quatro annos faziam que elle a escutava, e que os seus sonoros trimidos o embellezavam! o habito é uma nova natureza para as almas nobres, e virtuosas, pois que não sentem a necessidade da mudança e variedade. O rustico Brasileiro ama o cantar de sua melodiosa Sabiá, assim como o innocente rebanho de mansos Carneiros, a tudo o homem do campo sente-se cade dia mais prender-se, e ligar-se! porém esse insensivel bruto o que fez, Senhoras? um dia de manhã, ouviu, admirou, mais do que nunca o canto da Sabiá, e depois que ella acabou os louvores dados ao seu magnifico Creador, o homem feroz que de ha quatro annos, ia dia

por dia ouvir aquelle hymno dado a Deos, e á Natureza, o que fez? acabados que foram os ultimos encantadores gorgeios, apontou-lhe a Espingarda, e matou-a! cahiu palpitante, e banhada em seu sangue aquella que tanto prazer dera aos ouvidos d'aquella fera, chamada homem moço. Oh! acção cobarde! eu me indignei tanto que lhe perguntei a esse homem, o que elle teria feito de mais a uma Serpente Coral, que lhe tivesse mordido no peito, e introduzido no sangue o seu mortifero veneno? o homem ou a mulher insensivel são umas feras. Se nós maltratarmos e fizermos mal á aquelles que nos querem bem, e que nos dão demonstrações de amizade com suas finas attenções, mimos e obsequios; o que deveremos pois fazer aos nossos inimigos? o sorriso benevolo que nos é dado, vai direito ao coração quando elle é grato! e direi bem, dizendo que até as caricias de um animalinho que nos distingue das outras pessoas, correndo a nós contente e feliz para afagar-nos; cauza-nos secreto prazer. Toda alma virtuosa, leal e nobre avaliará estas minhas expressões. Senhoras, estudai a indole, coração e inclinação de vossos filhos! elles ao depois vão ser homens, embellezar ou flagellar a sociedade inteira, conforme forem suas virtudes, ou seus crimes.

N'esta pagina vou terminar o assumpto do nosso Cofre de Caridade, ao qual meus votos deseja milhares de felicidades. No dia da sua fundação elle ficará exposto todo o dia até ás nove horas da noite, na Igreja onde elle fôr, no seu primeiro dia de instalação, collocado, e ficará ao lado de uma Imagem

preciosa, como que pedindo-lhe a sua Santa protecção! a imagem da Santissima Mãe de Deos.

Assim collocado esse Cofre, elle recolherá as esmolas dos fieis, e todos os dias anniversario se fará a mesma exposição.

A caza onde fôr collocado esse Cofre de Beneficencia será de um honrado capitalista Brasileiro, e alli haverá um livro para assignar-se as Senhoras Socias, cujas assignaturas, escreverão por ellas seus Maridos, Filhos, ou Procuradores, e dando sempre um anno adiantado, e joia de vinte quatro mil réis. Por mez são quinhentos réis. Já disse, as mãis virtuosas, e respeitaveis Senhoras, darão em lugar de seis mil réis annuaes, Cem, Duzentos, e aquillo que sua generosidade lhes inspirar. D'aqui a dezoito annos esse Cofre será extraordinariamente rico, o nosso Hospicio de Santa Maria poderá ser principiado, e conto com as esmolas que ao Cofre darão os homens todos, assim como sabem ser tão generosos com as Cantarinas de Theatro, estrangeiras. O Cofre de piedade que seja só nossa gloria, Senhoras.

Eu prometti render homenagem á virtude, e ao merito d'onde quer que o achasse ! este dever me é caro, e meus elogios são mais que justos.

D'entre as nobres Damas Brasileiras que me honram com a sua amizade, tem certamente um dos primeiros lugares o precioso nome da Exm. Snra. D. Maria Izabel de Oliveira Machado ! Senhora de trato perfumado, de maneiras extremamente polidas, Dama em quem uma só virtude não deixa de

achar-se. A Exm. Sra. D. Maria Thomazia Guedes Pinto, preciosa em suas qualidades. A muito digna Snra. D. Carolina Marcondes, é uma das Damas Brasileiras de precioso trato, que eu tenho bastante apreciado, e estimo-a summamente. A Exm. Snra. Viscondessa de Macahé, é uma Dama, brilhante ex-malte da Sociedade Brasileira. A Exm. Snra. D. Carlota de Mello e Mattos, é uma das Senhoras Brasileiras de mais instrucção que esta côrte tem. O seu trato é fino, delicado, e amavel. Ella é uma digna esposa, e excellente mãe de familia. A Exm. Snra. D. Brazilia de Andrade e Silva, é uma joven Senhora que cultiva as letras com successo, e sua intelligencia é tão rica, e bella, assim como seu coração é adornado de virtudes. Seu trato é delicado, e amavel. Boa esposa, excellente filha, amiga leal, e boa a todos os respeitos. Sua digna mãe, a Exm. Snra. D. Anna Josephina de Andrade e Silva, é uma destas Damas com quem se sympathisa desde o primeiro golpe de vista! Boa, meiga em seu trato, virtuosa, e respeitavel; ella torna-se pois por mil titulos digna da estima e amizade d'aquelles que sabem apreciar a virtude e os meritos. A Exm. Snra. D. Francisca da Silva Barboza, é uma das Senhoras Brasileiras mais polida em seu trato, maneiras e conversação escolhida; que se distingue na boa sociedade! ninguem deixará de sentir por essa excellente Senhora a mais viva sympathia! Seu espirito é mui cultivado, e seus talentos muito apreciados, assim como o são suas virtudes.

CAPITULO VII.

O Sr. Deputado Mello Franco, e ás suas Republicuetas do Sul. Algumas observações ácerca das Prisões dos Estados-Unidos, e a Italla. Passelo poetico ás Academias das Bellas-Artes em Roma, e admiração á vista das obras primas.

Disse o Snr. Deputado Mello Franco, aqui n'esta Capital, e na Camara dos Representantes da Nação, isto passou-se em fins de Agosto de 1852, se não me engano. Disse esse Snr. Deputado, em uma das suas ultimas fallas, que n'aquellas Republicuetas do Sul, podiam os homens andar até de calças de ganga! Caro vai-lhe custar a gracinha ao illustre Deputado Mineiro, e batido com a verdade; os factos historicos, e pela penna de uma indefensa Dama hade ouvir, e calar! e além disso eu fui aggreddida em meus illustres, e nobres compatriotas, e aquelles que acho dignos de defender com a minha pobre penna que tão falta de eloquencia é já. Saiba pois o illustre Snr. Deputado Brasileiro, o que de certo não sabia quando fez esse insulto ás belicas Republicas do Sul da America. Que em 25 de Maio de 1810, deu-se na brilhante Athenas da America do Sul, um brado de espantoso echo! brado que por longo tempo resoou e repetio Santa Independencia! Liberdade!.... Liberdade; esse brado quebrou os ferros da America! A Deosa encadeiada, e Algemada, acordou do seu somno, abriu seus lindos olhos, e ao sacudir com as tranças de seus formosos cabellos, encontrou-se, por encantamento, coroada

de verdes, frescos louros, apenas cortados na feliz madrugada desse dia de gloria immortal ! Eu não era nascida, mas minha Mãe, Argentina e patriota, me contou esse dia de gloria, e de pompa — Independencia ou Morte — por longo tempo nos ares resoou !... eis de repente formar-se o mais brilhante, e rico Exercito de toda a bella juventude Argentina ! Musicas, Hymnos Patrioticos, marchas bellas, e cheias de gloria, tudo se cantava, e gritava pelas ruas da grande Capital de Buenos-Ayres. O delirio.. era geral !... a felicidade inexprimivel ! os tyrannos sedentos, e saciados por tantos seculos no sangue da Divina, e Meiga America, foram expulsados do seu sollo ! aquelles Netos, e bisnetos dos assassinos dos Imperadores Montezuma, e o meigo e martyr Imperador Guatimozim, foram vencidos pelos modernos Americanos, os quaes liam dia por dia as paginas da historia da America, paginas que gotejavam sangue, e cahiam da mão dos leitores que as estudavam ! não foi nenhum Americano que as escreveu, não ! foram sim, Hespanhóes, homens honrados, e sensiveis ! foi o Santo Bispo de Chiappe D. Bartholomeu de La Cassas, que escreveu as paginas mais ensanguentadas dessa triste historia ; foi esse Santo que escreveu os massacres... desses homens ; foi esse homem piedoso, e verdadeiro Ministro do Deos de Clemencia que atravessou os Mares do Novo para o Velho Mundo seis vezes ! elle cahia ora aos pés da Rainha Izabel, a Catholica, ora aos de seu Neto, o Imperador Carlos V, pedindo-lhe pela dignidade de Sua Coroa, e por humanidade, que fizesse retirar

aquelles homens, flagellos dos hospitaleiros, e pacíficos Americanos.

Na madrugada do dia 25 de maio de 1810, foi que os briosos Argentinos quebraram da Deosa as pezadas correntes de ferro, suas Algemas! e a corôaram com a corôa chamada Independencia, e Liberdade. A Deosa America dormia em um magnifico sôphá de ouro massisso de primoroso trabalho! as almofadas em que repousava sua nobre, e magestosa cabeça, eram do mesmo precioso metal, cravejadas, ou encastoadas, em Diamantes, Rubins, e Esmeraldas, "de subido valor! a sua Tunica á moda da antiga Grecia era branca, e pura como o symbolo da candura da sua alma! o seu Manto de velludo côr de purpura, todo elle bordado de ouro de admiravel trabalho Persa. A côr escarlata do Manto da Deosa era o symbolo dos jorros de sangue Americano vertido pelas armas hervadas. America sonhava que seus filhos, os mais corajosos, e nobres, cançados de ouvir os gemidos do coração materno, de ver correr seu pranto, e o sangue que em torrentes já ella tinha vertido desde á tantos seculos, seus filhos vinham libertal-a! quebrar-lhe os ferros com suas possantes mãos, e dar-lhe a Independencia! A linda Deosa como que murmurava entre seus labios de coral estas palavras:—Filhos, filhos, meus queridos e mimosos, quando quebrareis os ferros que me prendem? que me opprimem, que me fazem arquejar o coração de dôr, e de anciedade!... eis que ella ouve gritos de frenetico delyrio nunca visto! Minha Mãi! gritavam todos, estás já livre!... Inde-

pendente, e grande! a Deosa acorda, e vê em torno d'ella seus nobres filhos que já quebrado tinham suas cadeias!... Sua bella cabeça corôada estava pela mais verde, e fresca corôa de Louros! ella, a bella captiva foi levantada nos braços de seus filhos entre gritos de gloria, Liberdade, e Independencia! Oh! dia de jubilo para a brilhante, e bella Buenos-Ayres! sim, dia de gloria immortal. Depois dos primeiros mezes de bailes, festejos, e geral felicidade, os bravos e generosos Argentinos lembraram-se que suas irmãs gemiam encadeadas, e opprimidas pelos ferros dos Hespanhoes! essas irmãs chamavam-se Lima, Chile, Alto-Perú, Montevidéo. O formidavel exercito, rico e agalado de Ouro, de magnificos fardamentos; todo elle composto da mais bella juventude de Buenos Ayres; pôz-se em marcha para Lima; reuniram-se esses Patriotas ao seu grande chefe D. José de S. Martin, D. Thomaz Guido, que com esse grande homem serviu, e em sua escola aprendeu a ser um grande homem, e guerreiro clemente, como a historia da Independencia em suas douradas paginas nos lh'o mostra, Guido, esse nobre, e illustre Americano faz honra a toda a America! San-Martin, Santa Cruz, Simão Bolivia, lhe deram sempre a mais alta consideração quer como Guerreiro, quer como consumado Politico, quer como homem litterato. Quando este bravo General teve tanta gloria na Independencia da America, tinha apenas vinte e quatro annos! ao depois elle citiou com seu Exercito de Compatriotas Argentinos, citiou a Lima, guardada forte, e corajosamente pelo bravo General

Hespanhol Rodil. Depois do General D. Thomaz Guido citar o Calhado de Lima, seis mezes, e dormindo como out'ora Napoleão, na lamina de sua espada, e por travesseiro tendo as peças de artilharia, a Praça rendeu-se! e o General Rodil ao entregar as chaves da briosa Cidade, e Fortalezas, de Lima, disse ao General Americano: — aqui vos entrego as chaves da Cidade de Lima, e suas Fortalezas, sómente vós, bravo, e altivo Patriota, poderias ter sido superior ao meu valor, e resistencia, e a dos briosos Hespanhoes que tenho a honra de comandar! ao dizer estas palavras estendeu sua mão direita, e entregou ao joven Americano as chaves da Cidade, que elle tinha citiado, e ganhado! o General Guido, sempre nobre, e leal cavalheiro, respondeu-lhe assim: — General Rodil, é para mim uma grande gloria receber das vossas mãos as chaves da capital de Lima! mas vos direi, bravo, e corajoso Guerreiro, que vossa coragem infatigavel não me tem dado a mim citiante um só minuto de tranquillidade, nem descanso, e confessarei sempre a vossa briosa coragem, e nobre proceder! os dous Generaes abraçaram-se, e lagrimas correram dos seus olhos! os vencidos ouviam resoar os gritos de gloria, e liberdade! mas não receberam o mais ligeiro insulto dos vencedores coroados de Louros! ao peito d'elles todos, via-se uma palma de Oliveira. O General D. Thomaz Guido, que nós aqui viamos tão singello, e modesto, é condecorado com as mais brilhantes decorações dadas pela Patria como premios ao seu grande valor, e muitas são essas bellas,

e brilhantes medalhas ganhadas no campo da batalha!

Saiba pois o Snr. Mello Franco que as briosas, e belicosissimas Republicas do Sul da America, tiveram a gloria e honra de luctarem contra o formidavel, e brilhante Exercito Hespanhol! que a Independencia custou torrentes de sangue! essas Republicas hão dado os mais nobres e grandes homens! as Republicas da America do Sul, tiveram, e ainda tem seus grandes homens, assim como os tiveram tambem as nobres Republicas da America do Norte. Snr. Mello Franco. Admirou-me que sendo o nobre Deputado Brasileiro tão illustrado, como parece, ignora elle que a nossa brilhante America do Sul, tem contado nas paginas de sua historia, os factos mais gloriosos, e campanhas de longas fadigas de mil grandes homens guerreiros, bravos, clementes, generosos, probos, e virtuosos, quaes foram outr'ora os Americanos dos Estados-Unidos, d'essa rica e prospera America do Norte. Eu louvo aos meus illustres compatriotas, e aquelles que são dignos da admiração da Europa, e das capacidades litterarias que tanto sabem apreciar o merito verdadeiro, e as virtudes.

As nossas belicas Republicas deram Patriotas cheios de probidade, e virtudes transmittidas por Pais de nobre, e illustre nascimento! esses grandes homens carregados de Louros, de gloria, de triumphos, elles todos se immortalizaram nas paginas da historia! eu terei grande gloria de citar aqui os nomes illustres dos maiores guerreiros, e Ge-

neraes que fizeram a Independencia da nossa America. Esses, todos de nascimento nobre, e Netos de cazas de antiga, e attestada Nobreza do Reino de Hespanha.

Do Mexico appareceu um D. Augustin Iturbide ! homem no qual uma só virtude não faltava, e depois de ser unanimemente aclamado Imperador, formou-se um partido de invejosos que o calumniaram, perseguiram (1) e o ingrato, e trahidor, Garza que o Imperador Iturbide tratava como a um filho, foi o mesmo que indo complimentar ao seu generoso protector, tinha n'esse dia, 28 de Abril de 1824, em sua algibeira o Decreto que o Congresso lhe dera, e no qual estava Decretada á morte de Iturbide.

Este verdadeiro Americano tinha sido pelos invejosos inimigos que não podiam imitar as grandes virtudes, e superioridade do Imperador Mexicano, tinha sido falsamente calumniado, e accusado de querer entregar o Mexico aos Hespanhoes. Mas ah ! ha certas calumnias que por si mesmo já estão destruidas na sua inverocimilidade ! ha outras que o tempo destroe, mas nenhuma pessoa de virtudes, e talentos acredita-as quando essas giram, e esse todo de ignominia se agglomera qual densa columna de espesso fumo, sobre a cabeça nobre, e altiva do homem, ou mulher, cujas virtuosas acções estão em opposição com toda essa reunião de falsidades

(1) Leia-se a vida d'esse virtuosissimo homem ; nos processos, e causas politicas, e Celebres pelos mais gran les, e veridicos Authores. Eu possuo essa obra preciosa.

que só peitos vis inventar podem. Cezar recebeu o golpe de punhal no coração, dado pelo seu filho, e protegido Bruto! o Imperador Iturbide o recebeu da mão d'aquelle a quem elle tinha colmado de beneficios, de altos favores, de cargos, empregos, e riquezas. Oh! vós que ledes estas linhas, aprendei como é que pagam os ingratos, homens, e mulheres. Porque não é só no coração do homem que se abriga a ingratidão, e a perfidia! é tambem no coração da mulher perversa, que se abrigam os crimes de ingratidão; e traição.

Iturbide como homem illustre, e virtuoso philosopho que era, ouviu tranquillo a barbara sentença de ser fuzilado! nada o admirou da perversidade do coração humano, elle era homem de vastissima erudição, e já conhecia o premio reservado aos grandes homens de todas as Nações, e de todos os tempos. Soube morrer como Socrates! tranquillo, sereno, e contente, com a doce tranquillidade da sua consciencia! Ah! isto vale mais que um Imperio e mais que um mundo.

A Republica do Uruguay, e nativos de Montevidéo, deu dous grandes homens em valor, patriotismo, virtude, e probidade sem manchia! O General D. José Rondon, e o illustre General D. Eugenio Garzon, estes dous respeitaveis Orientaes foram em tudo grandes! elles morreram pobres, mas sobrecarregados de gloriosas corôas de Louro, e Palmas de Oliveira, as quaes precediam aos louros que ganhavam.

Buenos-Ayres deu os Generaes, D. José de San-

Martin, D. Miguel E. Soler, D. Thomaz Guido, grande como guerreiro, litterato, politico consumado, e como cavalheiro completo. D. Manoel Belgrano, D. Felix de Olazabal, cujos serviços, virtudes, glorias, e probidade, brilham na historia da Independencia; assim como o Sol no Céu azul da nossa Americana terra! eu tenho lido suas campanhas, seus triumphos, sua gloria, e suas virtudes. D. André Balcarcer, D. Marcos Balcarcer, D. Carlos Alvear, D. Manoel Dorrego, D. Marianno Necochea, D. Gregorio Las Heraz, todos estes Generaes já não tinham lugar em suas fardas, para collocarem o sem numero de magnificas, e honrosas decorações, dadas só ao alto valor d'estes guerreiros, e nobres Americanos.

Bolivia deu estes homens, e ao qual maior! O General D. José de Ballivian, esse que hoje a Patria principia a chorar!... este que tão respeitavel foi, e cujas campanhas, e triumphos estão esculpidas em uma grande Piramide na principal Praça de Bolivia, onde segundo Decretou o Congresso Boliviano, se lhe renderam sempre as honras militares por todo corpo de tropas que diante d'essa Piramide passasse! Eu darei na pagina seguinte a falla no Congresso de sua Patria, essa falla parece de um Aristides, ou Themistocles! n'ella respiram (1) em todo seu brilho as virtudes do Patriota generoso, e nobre, do General modesto, do homem historico nas letras, como nas armas! essa falla é sublime.

(1) Leia-se essa falla nas paginas 243 a 285.

Deu Bolivia mais esse grande General que toda a America, e Europa conhecem, respeitam, e honram assim como aos que ácima já citei. D. André Santa Cruz, esse distincto Americano.

Chile deu estes grandes homens, D. Bernardo Oin- ges, D. Blanco Escalada, Bulnes, e Cruz; Columbia deu o libertador Simão Bolivar, e Maxsical Lucre.

Buenos-Ayres deu mil illustres homens, como Fi- nanceiro, D. Bernardino Rivadia, esse homem, ver- dadeiramente grande, como homem de Estado!

Buenos-Ayres, fertil em grandes homens, assim como em homens perversos!... deu bons litteratos, como foram D. João Baptista Alberdi, Doutor mui sábio, e Advogado como o foi seu Pai, de mereci- mento, e raras virtudes, os laços da amizade nos ligam; e eu lhe dou o mais alto lugar na distincção que esse nobre homem me merece. Hoje elle é o Ministro Plenipotenciario de Buenos-Ayres em San- tiago de Chile.

Belcaceres, Varelas, Veigas, e mil e outros ho- mens grandes e celebres na historia, já como litte- ratos, Financeiros, e Advogados de nomeada. Em aquellas Republicuetas do Snr. Mello Franco, ha hoje, e houveram sempre Matronas respeitabilissi- mas que educaram aos seus filhos, de tal sorte, que aó depois elles brilharam, e essas Mães, sabias e virtuosas lhes insinaram a elles serem cavalheiros urbanos! e que não tivessem a cobardia de ataca- rem aos ausentes que não se possam defender das calumnias contra elles levantadas.

E saiba mais o Sr. Deputado que quando nossas

Avós nasceram, já se gastava um luxo Oriental em toda nossa rica America! Os Fabricantes de Pariz, de Leão, de Hespanha, Italia, e India, bem o podem attestar! o luxo, e o bom gosto, a elegancia a mais apurada, é o que se acha n'essas belicas Republicuetas do Sul da America.

A magnificencia dos trajés é de tal natureza n'esses Paizes encantadores, que as Senhoras, todas as noites que ha theatro vão vestidas com adorno de baile, de sorte que os estrangeiros pensam que são dias de festas Nacionaes.

Por causa dessa mesma magnificencia de trajés do maior valor, é que se usam os ricos Tapetes que as Senhoras fazem collocar nas Igrejas onde ouvem missa, que o digam os estrangeiros de consideração que hão já visitado nossas ricas, e bellissimas Cidades, que o dirão mil de entre elles, estou bem certa. Entre esses que o diga o respeitavel, e distincto, Snr. Mar e Guerra Barrozo, cavalheiro de incontestavel veracidade, e todo merito. Que o digam os outros viajantes que visitam aquellas bellas Republicas, e não Republicuetas.

As ruas d'essas espaçosas, e alegres Cidades, são largas, bem alinhadas, e de um asseio extraordinario. As cazas espaçosas, alegres, e todas de lindos Terraços cheios de vasos e caixões de preciosas flores, que os tornam á vista quaes os jardins da Rainha Semiramis na sua bella Cidade de Babilonia. As Senhoritas vestidas de mil côres, e com apurada elegancia, guarnecem os parapeitos desses

Terraços, flores, e bellas Damas são seu adorno. Julgai da magia, da atracção que ellas deverão ter para os olhos de tantos elegantes de bom-tom, e que tanto sabem apreciar as bellas Senhoritas. As Cathedraes de Montevidéo, Buenos-Ayres, Lima, e Chile, são extraordinariamente grandes, e de bella Architectura Gotica e Romana. A Matriz ou Cathedral de Montevidéo, é incontestavelmente a maior, rica, bella, e magestosa; ella é de tres Naves, e accomodam-se tres mil homens de tropa de linha, além das outras pessoas que a ella vão.

O Snr. Deputado Mineiro, com quem aliás eu muito sympathiso, se é que elle fôr como mostra ser bom Patriota! já vê que eu não lhe respondo com a penna do ridiculo, nem do sarcasmo! não, eu lhe respondo, e o bato com uma arma forte, e poderosa, com a verdade imparcial da historia, e com as expressões do patriotismo Americano que respirou sempre em minha alma.

Fique sabendo o Snr. Deputado Brasileiro que as Senhoritas de Montevidéo, essa graça das graças da America, e as bellas Argentinas, são nobres, bellas, elegantes, altivas (aquellas que o são), e não tole-ram em sua presença homens de ridiculos trajés.

Eu não consinto que em minha presença sejam os Brasileiros atacados pelos estrangeiros que visitam este Paiz; não posso tolerar em silencio que em plena Camara dos Deputados Brasileiros sejam meus compatriotas assim atacados! assim como gosto de que os estrangeiros sejam bem acolhidos, e bem tra-ados na America, também gosto de que elles amem

e respeitem ao Brazil, e á sociedade dos Nacionaes, quando são bons e honestos. (*)

E' tão natural o vermos com prazer á aquelles que amam o nosso Paiz! que nos fallam lisongeiramente d'elle, assim como nos mortifica quando ouvimos fallar desvantajosamente. Gosto do orgulho nacional dos Inglezes! nada ha para elles tão bom como sua patria! Eu hoje acho que elles tem razão d'esse orgulho, pois que as maiores invenções mechanicas, e descobertas mais proveitosas á felicidade da humanidade, assim como ao progresso da civilisação; Industria e Commercio, pertencem ao intellecto Inglez! A navegação a vapor, os caminhos de ferro; e ultimamente a mais recente invenção do Te-

(*) Notar-se-ha extrema differença, e alteração na oração que terminou, e que vai continuar nas paginas que vão seguir-se; mas eu achei a bem e prudente o supprimir algumas paginas que tratavam bella e energicamente da conquista sanguinolenta, e da Independencia da America Hespanhola. Em assumpto tão serio e lamentavel apresentava eu o quadro horrorosissimo dos massacres e de todos os crimes nefandos... e abominaveis, e conforme os attestam os mais sabios e imparciaes escriptores Europeos.

O Bispo de Chiappe foi testemunha ocular d'esses actos de barbaridade nunca lidos em uma outra historia do mundo! e D. Bartholomeu de Las-Cassas, esse sensivel, e humano Sacerdote, verdadeiro Ministro de Deos, foi sempre o Anjo tutelar e o melhor amigo dos meigos e generosos Americanos.

Temí que ao ver-se esse quadro pintado com as côres mais vivas, e descripto com a energica expressão do sentimento d'alma, e com a força do patriotismo que me anima; se inflammassem de indignação todos os nobres corações Americanos; em uma epocha em que eu vejo aqui no Brazil, tanta disposição contra á Nação dos op-

legrapho electrico, a qual tem apenas quatro annos. Essa extraordinaria e assombrosa invenção, que para mim é digna de longas horas de refflexão, pertence tambem á imaginação de um Inglez. Mr Robert Stephinsson, o grande genio que inventou a maneira porque se deveria construir a magnifica Ponte Britannia-Iubuhiz Brigde no Rio Menai-Straito, e parte á de Menai em Wales. Essa ponte de altura extraordinaria está collocada de uma a outra parte d'esse rio, ou braço de mar, o qual tem tanta distancia, como do hotel Pharoux até S. Domingos. No meio d'esse braço de mar existe um rochedo da altura da Boa Viagem do Rio de Janeiro, e sobre essa baze feita pela natureza, construíram o enorme Pilar que

pressores, d'esses tempos barbaros. Substitui pois, essas paginas por este trecho a respeito da industria da nação Ingleza, melhoramento do systema nas prisões, e cazas Penitenciarías dos Estados-Unidos. Minha intenção foi pura, bem que me affastasse da oração que seguia.

Quando se escreve com a penna da verdade não podemos, nem devemos negar os elogios que são justos á esta ou aquella nação! embora ella não nos mereça tanto como as outras nações, nossas sympathias; eu entendo que é melhor elogiarmos as virtudes dos nossos inimigos; do que lisongearmos os vicios, e caprichos dos nossos amigos! não é justo que neguemos nossos elogios á essa nação, nem que emmudeçamos nas censuras, e arguições que deveremos em outros assumptos, fazer-lhe por uma convicção. Em todas as epochas os escriptores mais bem acreditados no mundo litterario; foram justamente aquelles que suffocaram dentro d'alma paixões, odiosidades, e antipathias, para escreverem eom a logica do raciocinio, da philosophia, e da verdade. Mesclarmos o elogio justo, com á arguição á tempo, é mais supportavel ao leitor calmo, e imparcial.

(DA AUTHORA.)

ajuda a sustentar essa Ponte de extraordinaria grandeza, e força incalculavel. Por baixo da ponte passam as embarcações de vella de alto bordo, pois que a ponte tem á altura de uma Fragata; e por cima da ponte existem dois tubos de extraordinaria dimensão e todos elles compostos de chapas de ferro pregadas umas ás outras com milhares de enormes pregos: esses tubos quadrados é para passar por elles os caminhos de ferro, por d'onde passam os carros a vapor, e esses de grande, e incalculavel pezo. Roberto Astefhenson se immortalizou com essa obra portento do intellecto humano! O genio inglez é pensador e profundo. As descobertas mais uteis á humanidade pertencem pois a essa Nação, que reconcentrada em si mesma, tem estudado os segredos os mais difficeis á intelligencia do homem. O Thelegrapho Electrico, faz com que os Negociantes de Londres fallem em seus escriptorios com os negociantes que estão em Pariz! Pelo Thelegrapho elles marcam a hora, e dia para se reunirem em suas cazas de commercio, e alli se fallarem! Cousa assombrosa na verdade! Hoje trata-se em Inglaterra da communicação do thelegrapho até á bella America do Norte. O genio Inglez é profundo, como o genio Allemão, e esses homens amam bastante á sua patria para assim tão bellamente enriquecerem-as, e collocal-as ácima, em tudo das outras grandes familias do Globo Terraqueo. A agricultura está em Inglaterra no maior, e mais progressivo augmento! Incrivel coisa é que, sendo o solo tão ingrato, tenham os Inglezes com seus afanosos trabalhos, conse-

gairam tanto, e tão extraordinario progresso em tudo! Só é no mundo litterario, e scientifico, essa Nação é igualmente digna da maior admiração! A ella pertencem os antigos e grandes genios, Newuthon, Shaspaire, Milton, Poppe, Roxcerio, Bacon, Fildingges e mil outros, que se immortalizaram nas brilhantes paginas da historia!

Se, é nos progressos que tem havido no antigo e barbaro systema das prisões e carceres, ainda esse melhoramento, é devido aos filhos d'essa Nação! os Americanos do Norte tem leis tão fortes como as da Inglaterra, e iguaes em sua justiça tanto para os plebeus, como para os homens da mais alta posissão, e jamais nem um só homem desempenhando os honrosos cargos de policia, empregos Publicos, e Magistratura, quer da Inglaterra, quer dos Estados-Unidos; foi nunca em tempo algum convencido de prevaricador! nem de associar-se aos criminosos para partilharem os lucros dos crimes! jamais. Os Americanos do Norte foram os primeiros que inventaram o methodo das cazas Penitenciarias, e assim viram banidas as correntes de ferro dos presidios, e os sentenciados arrastando-as pelas ruas publicas, ou amontoados nos fetidos e humidos carceres, tendo só por distração o ruido horroroso de seus pezaos grilhões; e esses tratamentos barbaros dos pobres gallés lhes causava um justo horror. Quanto não era cruel e revoltante para a humanidade esses flagellantes tratos que em outros tempos se davam ao infeliz gallé! e quão terriveis eram os funestos effeitos que surgiam d'essa despotica bar-

bariedade! a igualdade das leis rigorosas, já é uma quasi consolação para esses homens que vemos punidos como é justissimo que o sejam em seus crimes; e no meio d'esse todo de miseria, a virtude, e a humanidade conde-se d'elles, e os protege dando-lhes algumas esmolos e palavras de religiosa consolação.

Felizmente que no seculo das luzes, e da illustração, Deos, illuminou a intelligencia dos homens para que estes melhorassem a sorte de seus semelhantes affastados da estrada da honra e do dever.

Essas cazas penitenciarias dos Estados-Unidos são dignas de sérias meditações e minucioso estudo! alli aquelles desgraçados homens, são condemnados a trabalhos fórtes, a isolacão, e a silencio profundo, que para essa gente baixa e má é o supplicio dos supplicios!... e esse silencio é alli tão rigoroso e completo, que vendo cada um d'esses homens aos seus companheiros de infortunio annos e annos inteiros, não se podem fallar! não se podem commu- nicar, nem darem-se, e receberem uma só palavra de consolação! e assim, triste e pezaroso corre todo o tempo de suas penitencias. Os homens criminosos que alli se acham poderão pelo espaço de alguns annos soffrerem o rigor das leis, e durante esse longo tempo de martyrios, e tormentos moraes, que lhes deveram necessariamente ralar o coração, e a consciencia manchada e criminoso; poderão, digo, esses homens emendarem-se dos seus crimes; e voltaram ao caminho da virtude. Xisto V. esse Papa que na historia conhecemos, era não tão sómente

um grande Soberano de Roma; elle tambem era justo premiador dos homens virtuosos, fino politico, excellente Chefe de Policia, e verdugo dos criminosos! os salteadores, os assassinos, os violadores das leis d'esses tempos, soffreram uma cruel perseguição d'esse grande e virtuoso Pontifice. Os cadaveres dos salteadores pendurados nas forcas, infestavam o ar da Cidade de Roma, e esse mal fazia subir as queixas até o zelador da felicidade publica; então o Santo Padre mui judiciosamente respondia aos queixosos—esse mal é muito pequeno em comparação dos grandes, e infinitos males que a sociedade experimentava quando elles eram vivos! O' grande e immortal Xisto V! porque tu não vives hoje n'estes tempos, e em nossa Sociedade?! pela nossa desgraça!...

Na Italia o rigor e barbarismo dos carceres e prisões era antigamente espantoso! que immensidades de crimes não se praticaram no silencioso... e tenebroso Conselho dos Dez de Veneza?! que sentenças barbaras e injustas não se davam n'esse mysterioso salão cuidadosamente feixado? e quando as desgraçadas victimas d'esses crimes, e injustiças atravessavam a celebre Ponte dos Suspiros; opprimia-se-lhes o coração de luto e dôr! seus olhos voltavam assia traz e doloroso... ultimo... suspiro do peito lhes escapava sempre.

Para entristecer-lhes á alma bastaria sómente a côr escura das antiquissimas paredes do medonho Edificio, os tristes Porticos, e as Escadarias cubertas de um sombrio Tapete de herba verde escura. A his-

toria d'esse Conselho do qual nós sabemos quasi tanto como da horrorosa Inquisição; cujas noticias são dadas pelo Sabio historiador Hespanhol Llorente, é horrorosissima! Cada uma Nação tem um espesso e funebre véu que esconde mil, e mil factos de horrorosos crimes!... que é sempre triste a tarefa de descortinal-os!... a posteridade e os Escriptoires de espirito forte, se encarregaram de mostrar á posteridade, todos esses mysterios que elle encobre. Na obra intitulada —A Italia —lêem-se mil bellezas que nos transmittem noticias as mais interessantes e curiosas, e que nos deleitam á alma, e o espirito! n'essas noticias vemos nós o Grandioso, e o magestoso de todos esses Monumentos, sua antiguidade, e os celebres Architetos que os levantaram, assim como os Artistas que em cada um d'elles trabalharam com todo o primor do genio, e a sublimidade da perfeição! os magnificos, caprichosos, e de vivo colorido; Musaicos, brilham em muitas paredes d'esses pomposos Edificios antigos, e da—idade—Media. As columatas á perderem-se de vista, as Estatuas de Bronze, Marmore, Porphiro, e Granito, á imitação das da—Antiga—Grecia deixam-se ver com todas suas graciosas, e elegantes formas, torneios, e feitios, á ponto do viajante parar mudo, estatico, contemplativo; e depois sem duvida exclamar—Grande Deos! quanto é assombroso, e magnifico o genio do homem Artista, do homem superior!! como elle deu nestas Estatuas colossaes, de Bronze, e marmore, o flexivel, e brando meneio das figuras de cera! Como elle deu aos olhos, o olhar sentilhante, e expres-

sivo do homem eheio de vida, e vigor! Como elle collocou nos labios o gracioso e amoroso sorriso da Beldade ternamente namorada! o perfil delicado da Donzella Grega, seu triste, e languido olhar, revela o desalento... de uma quasi perdida; mas tanto suspirada Esperança de amor!... olhemos mais ao longe, e admiremos quão é expressivo o semblante d'aquelle Guerreiro, de Capacete, e lança que parece ameaçar o mundo inteiro, é desafiar Exercitos! tudo isto pois é Marmore, e Bronze? Granito, e Ferro? O' homem Artista quanto és superior á todos os outros homens!! quanto és audacioso em teus vãos de elevado genio! sim, porque fazes até sorrir ao Bronze, e chorar a mesma pedra!... tu, homem exprimes á dôr d'alma, e a força das paixões que dentro do coração se encerram!... depois de nós admirarmos n'essa bella Italia, jardim do Mundo, e gabinete das Artes, todas essas pomposas galerias, cheias das riquezas do genio superior; passemos á aquellas outras galerias de antigas e riquissimas pinturas de grandes Mestres, e vejamos nesses quadros historicos objectos e passagens que elles nos apresentam. Oh! Roma! em ti só se reúnem todas as bellezas, e riquezas do genio Artístico! Approximemo-nos deste quádro de expressão, colorido, e graciosas figuras! o que elle representa? um Grupo de inimitaveis Amorzinhos de Albano! que olhar travesso, e malicioso que elle deu a todos estes galantes Cupidinhos! que doce e encantador sorriso nestes labios de coral tão infantis, tão rubros como o lindo botão de roza carmezim, desa-

brochando apenas! que bem acabados são estes braços, e mãosinhas, que parecem animar-se na mesma tela! parecem de Marfim, feitas a Torno! cabelleiras de ouro em annellados caxos brincam, e acariciam aquelles bem arredondados, e Eburneos hombros, á imitação dos inimitaveis Anjos de Raphael de Urbino! Oh! Albano! estes trabalhos em que te exercitastes mais, em que fostes insigne pela sublimidade da perfeição a que chegastes; mostram bem a ternura do teu coração, e a poesia de tua mente! mostram teus divinos traços de pincel toda a melodia de tuas inspirações, e o gracioso da harmonia! estes grupos de custosissimo trabalho; no entrelaçado flexivel destes membros; de umas e outras figuras, nos mostram, e ensinam o vastissimo ingenio teu, e que nasceste só para pintar a innocencia em toda sua candura, e o amor em toda sua ternura! Albano! felizes daquelles que te sabem admirar qual tu mereces! Sim, pintor sublime. Esta Ebbe tão preciosa, tão graciosamente bella, nos diz pela sua perfeição que é de Correggio! que sómente esse suave, e bello pincel, de bem harmonisado colorido, de perfeitos toques, poderia ter feito esta Deosa! Como é bella! quanta innocencia, pudor, e doçura ella exprime em seu todo! Seus olhos em terna languidez, seu sorriso amorosamente infantil, quão docemente nos convida a sorrirmos-lhe! estes hombros, estes braços, peito e seios, por si só, já fazem a reunião de toda a perfeição Artistica! este ar, de pudor, e de modestia com que ella parece esconder-se entre

suas graças; oh! como a tornam mais encantadora ainda! Correggio! Correggio! quem é aquelle que admirando-te muito, te possa admirar bastante?! quanto orgulho a Italia tem de tu pertencer-lhe! quanta gloria para os Pintores de admirarem teus modelos! e que uphania, e prazer para os donos de teus magnificos originaes! tu com o pincel, e o vivo colorido de teus toques, exprimes tambem a flexibilidadé das formas, assim como Canova posteriormente nos lh'o appresentou com o cinzel no Marmore! Genios que não morrem! hoje nós os admiramos ainda, mudos, e extacticos horas, dias, mezes, e sempre, diante de seus primorosos trabalhos! e depois perguntamos-nos a nós mesmos d'onde estão hoje os homens que imital-os possam! David, o maior Pintor moderno da França, não pôde nunca imitar um só traço de Correggio! de Albano, de Raphael de Vanousttad; mas como um grande pintor que era os sabia sim, extactico admiral-os! e já n'isso mostrava Daniel que era um genio.

Este Christo decido da Cruz, e no collo de Maria Santissima, não pôde ser de outro senão de Raphael! a expressão de repassada dôr, de cruel angustia que se vê no semblante, e nas lagrimas da Virgem Mãi de Deos, é tão tocante de sentimento! o desalento moral desta Mãi que vê morto, dilacerado seu unico e bem amado filho, como nos deixa até mudos de admiração! as lagrimas destes olhos parecem que saltam da tela em que ellas se acham! esta afflicção do coração materno como é sublime!

e a pallidez do Divino semblante do filho de Maria, sua extrema magreza, o descarnado deste Divino, e dilacerado Corpo, as costellas patentes, o sangue da testa que pelas faces corre, como tudo isto reunido compõe uma obra prima em toda a sublimidade da perfeição! Oh! Raphael! foi por todas estas bellezas de inimitavel primor, que todos chamavam os divinos traços de Raphael! bem o mereceste em tudo! foi lastima que a sensibilidade e ternura do teu coração te encurtasse os dias dessa tão preciosa existencia.

Nestas galerias da Academia de Pintura e Esculptura em Roma, as horas passam tão rapidas! nellas a mente exalta-se, e sente-se abrazada pelo fogo do mais ardente enthusiasmo! é elle bem justo. Saíhmos desses Palacios dos Principes das Artes, destes historicos Monumentos, e passemos a ver que Edificios são aquelles que ante os nossos olhos se appresentam, que grandes Arcaderias e Columnatas sustentam aquellas tristes paredes, sombrias... escuras... que nos opprimem o coração de dôr! essas magnificas pela sua Architectura, são Prisões, e Tribunaes d'onde se julgam, e sentenciam causas santas e justas, com barbaras e iniquas sentenças! alli se executam horrorosos crimes... de juizes criminosissimos!... sem Religião, sem honra, sem virtude, e sem respeito para com a Sociedade que em silencio os examina para julgal-os, e apprecia-los pelos seus justos quilates.

Em França a Bastilla tem tambem uma longa, e antiga historia de abominaveis crimes!... alli na-

quella grande prisão de Estado foram mettidas centenas de victimas innocentes, perseguidas pelo furioso fanatismo de uns, e pelo barbaro despotismo dos Monarchas perversos, e de seus Ministros de Estado.

Nas paginas seguintes se lerá o precioso exemplar que prometti, e esta falla do finado General Ballivian, é a fiel copia, ou a leal interprete dos sublimes sentimentos desses Arestides da nossa America.

Manifiesto del Jeneral de José Ballivian al Pueblo Boliviano.

Al pisar el suelo de mi patria, llamado por el voto libre del pueblo boliviano, beso con amor los colores de su bandera y dirijo a mis compatriotas las primeras palabras públicas que salen de mis labios desde que me separé de ellos. Al hacerlo no es mi intencion acriminar a nadie ni justificarme de las acusaciones que se me han dirijido, sino manifestarles los sentimientos que me animan y los principios que guiarán mi marcha en el nuevo camino que vamos a emprender.

Me presento entre vosotros como un hombre nuevo, exento de passiones, ajeno a los mezquinos intereses que dividen hoy a los hombres de partido y resuelto a abrir una nueva era en los destinos de nuestra patria. No vengo a sobreponer un partido sobre otro, sino a trabajar por el bien de todos; no vengo a explotar los odios locales, sino a salvar la nacionalidad de Bolivia amenazada; no vengo a armar una mitad de la nacion contra la otra, sino a

hacer que los hermanos se abracen; no vengo a imponer mi gobierno, sino a recibirlo de manos del pueblo; no vengo por último, a dar la señal de una nueva lucha, sino a poner término a la que ha empobrecido y desorganizado a la república, que el libertador Bolívar dió su nombre. Me siento con la fuerza suficiente para llevar a cabo este hermoso pensamiento, porque cuento con el apoyo de todos los buenos patriotas y me creo con el derecho de ponerme a su frente, porque siempre he amado su gloria y he trabajado por su bien.

He olvidado lo que sucedió *ayer*: *hoi* mis ojos están fijos sobre el porvenir, pero antes de entrar en la nueva senda a que invito a mis compatriotas a seguirme, séame permitido echar una mirada ácia atrás, para marcar nuestro punto de partida y esplicar de paso los móviles que han dirijido mi conducta.

Mis compatriotas saben que en 1844, despues de una dictadura de tres años que las circunstancias hacian necesaria, y de cuyo moderado ejercicio toda la nacion quedó satisfecha, fuí nombrado libre y espontáneamente Presidente Constitucional de la República, por eleccion directa de todos los ciudadanos con derecho de sufragio. Saben que jamas hubo una eleccion mas uniforme, mas liberal y tranquila.

Mis compatriotas sabem tambien que mi administration fué liberal, reformadora y esencialmente constitucional, y que si alguna vez hizo uso de la severidad de la lei fué solo para mantener el

orden. Durante ella se buscaron nuevas vías terrestres y marítimas a nuestro comercio; se reorganizó su hacienda: se fundó el crédito público; se promovió la inmigración de hombres útiles; se completó la codificación de la república; se llevaron a cabo grandes obras públicas; se formó el más brillante Ejército que ha tenido Bolivia; se dictó un nuevo plan de instrucción pública y empezamos a llamar la atención de la América, que nos contempla con respeto al vernos perseverar en la reforma pacífica, buscando la libertad en el orden, y la realidad del sistema representativo en la conservación de la paz. Mi administración, cometió errores que cualquiera otra habría cometido y de los cuales no pretendo justificarme, pero sean ellos cuales fueren, nadie dudaba en vista del espectáculo que presentaba, que el orden público estaba asegurado por un largo período y que tal estado de cosas podía servir de base para arraigar las instituciones, sobreponer los principios a las personas, las ideas a la fuerza, y la libertad moderada a la licencia desenfrenada de los pueblos.

Este resultado lo hubiéramos obtenido ya, y al presente estuviéramos gozando de él, si los hombres desorganizadores a quienes Bolivia debe sus trastornos y desgracias desde que empezó a existir, no hubieran mirado con odio el nuevo orden de cosas, que marchaba a la conquista pacífica de las libertades públicas, llamando hombres nuevos a tomar parte en el gobierno del Estado. Los representantes de la policía de resistencia, que tantos males han causado a la América toda, eligieron para atacar mi

administracion el momento en que me hallaba comprometido en una cuestion internacional, de la cual dependia la vida o muerte de Bolivia, y cuyo término probable habria sido elevarnos a un alto rango de poder y de riqueza por medio de un tratado honorosísimo, al cual tendian todos mis afanes, resuelto a no apelar a las armas sino cuando no se pudiese obtener justicia por otros medios.

Paso en silencio las causas estrañas que influyeron en el primer movimiento revolucionario que tuvo lugar en Bolivia: la dignidad nacional a la par que consideraciones con los estados vecinos así lo exigen; mi deber es servir a mi patria aun callando, cuando este silencio puede serle de alguna utilidad.

El malestar que aquejaba a Bolivia en consecuencia del plan de hostilidades iniciado por el jefe de la administracion Peruana, dió motivo a los conspiradores que la nacion abrigaba en su seno para excitar las malas pasiones, alucinar a los incautos, sublevar contra mi administracion los intereses heridos, y poniendo en juego todos los resortes de la demagogía, desviar a los pueblos de la hermosa marcha que seguian, para precipitarlos en un abismo de males a que han sido arrastados, sirviendo de instrumentos a las pasiones y de escalones a los ambiciosos.

A pesar de elementos tan contrarios, dominando una crisis tan violenta, descubriendo todos los dias nuevas tramas, sofocando conspiraciones, sometiendo la situacion del pais al conocimiento del Congreso extraordinario que reuní en la Paz, escuchando siempre al Consejo Nacional en los asuntos graves y

a los Ministros en el despacho ordinario, logré conducir la Nave del Estado hasta el punto en que tocaba al término de la cuestion que se ventilaba con el Perú, e iba a recojer el fruto de tantos sacrificios con el tratado que se estaba celebrando en Arequipa, cuando estallaron en el Sur los primeros movimientos revolucionarios; sin otro fin que el de impedir el triunfo completo que debia reportar el gobierno, porque sus enemigos conocian que la consecuencia inmediata seria la consolidacion de orden interior.

Sofocada la revolucion en todos los angulos de la República, perdonádos jenerosamente los vencidos y firmados los tratados de Arequipa, contra lo que debia esperarse, los enemigos del orden comenzaron a ajitarse en el Norte, el gobierno del Perú redobló sus esfuerzos y sus subalternos empujaron a los conspiradores sobre Bolivia, prestándoles toda clase de recursos. La anarquia se estendió por todas partes, y llegó por fin el momento en que ya no fué dudoso que para concluir la guerra civil era preciso ensangrentarla.

Los medios de conciliacion estaban agotados: no quedaba mas camino que el de la severidad.

El ejército siempre fiel, siempre moral y obediente a mis órdenes habra seguido venciendo, pero para escarmentar la sedicion, para enfrenar la anarquia, habria sido forzoso hacer ejemplares, imponer castigos que hubieran sido mirados como venganzas personales y odiosas, sin ejercer ninguna influencia saludable.

Temí entonces poderme equivocar, aplicando

castigos que resultasen inútiles para la conservación del orden. Creí posible que en realidad los pueblos se hubiesen fatigado de mi permanencia a la cabeza del gobierno, y que separándome del poder calmarían las pasiones, cesarían las acechanzas extranjeras y se salvaría al menos la paz y el orden constitucional. Apresuré entonces la renuncia que de muy atrás tenía meditada y satisfecho de haber obrado bien, abandoné el territorio de la República, cuando comprendí que mis servicios no le eran ya necesarios.

Ningun motivo fundado, ningun objeto de utilidad pública, ningun pretesto legal han podido encontrar los revolucionarios para sublevar la República contra la administración de 1847. Engañaron los pueblos con palabras mentidas de libertad, les prometieron lo que no podían cumplir, explotaron la oportunidad de una crisis en que exajeraron los sufrimientos con hipocrisia, y despues de sumir al país en la anarquía, la ruina y la humillacion, han aprobado todos los actos de mi gobierno, reconociendo su bondad y justicia, y me han justificado en fin, derrotando-se a sí mismo sin poderse entender entre sí.

Cansados los pueblos de sufrir los sangrientos trastornos que produce la anarquía y desengañados mis compatriotas de que sin orden no hai libertad posible, y que no puede haber garantías donde las instituciones no imperan pacíficamente, han invocado el orden de cosas que feneció en 1847, y me llaman de nuevo para Presidirlo. Despues de diez y siete meses de revolucion volvemos al punto de par-

tida, pobres pero aleccionados con la experiencia, divididos pero dispuestos a abrazarnos, desorganizados pero con la firme voluntad de reunirnos para trabajar por el bien público y detener con mano poderosa la ruina de esta sociedad que debemos legar a nuestros hijos mas grande y gloriosa.

Nunca dudé que el réjimen legal seria nuevamente restablecido por la fuerza de la opinion, y que mis compatriotas se convencerian de que los que atacaron mi autoridad habrian atacado cualesquiera otra que hubiera estado en ejercicio entonces, y que no buscaban el triunfo de un gran principio, la reforma de monstruosos abusos, el establecimiento de nuevas leyes, y la consecucion de nuevas libertades, sino el trastorno de lo existente, para arrebatrar el poder y despojar de los destinos públicos a los que los ocupaban, con el fin de colocar en ellos a los que les ayudasen a escalar la silla de la suprema magistratura del pais.

Mi patria me llama otra vez: mi deber es obedecerla, presentándome como un hombre nuevo para arrojar en el olvido todo lo que ha pasado, sin dejar por esto de buscar el remedio de nuestros males presentes en la terrible leccion que Bolivia ha escrito con sangre y lágrimas en las páginas de su historia.

Si cuando una gran parte de la nacion estaba extraviada, hubiese querido continuar en el poder para sostener la constitucion, reprimiendo con las armas a los sediciosos, estos, de criminales que eran, se hubieran convertido en mártires persegui-

dos: sin lograr el gobierno mas, que la confirmacion de los epitetos usados en tales casos, de tiránico y cruel, con que ya se le calificaba ya para hacerlo odioso.

Para que se conservase pues el órden constitucional en mi patria, me desnudé del mando supremo, y quise con mi ejemplo llamar a todos a la razon para que se sometiesen, no ya a mi persona, sino a la lei fundamental. Con tal objeto volví al lado de mis compañeros de armas, para defender como soldado la Constitucion, cuya custodia como primer magistrado, pasé a menos de una de las personas entonces pretendiente al poder.

Pero el nuevo gobernante no pudo ponerse a la altura de su mision; quiso transijir bruscamente con los sediciosos, y pasó a tomar el mando inmediato del ejército. Mi papel habia terminado con este acto, y salí del pais: éste se desorganizó inmediatamente. La Constitucion fué pisoteada y ni siquiera se intentó poner en ejecucion la de 1839, que se invocó como pretesto, no obstante la conviccion de su insuficiencia, y de estar probado que com ese código es imposible todo gobierno.

La anarquía siguió su marcha destructora y ha desalodo a Bolivia. Combates y matanzas en todas las poblaciones y campos, persecuciones y destrozos, dislocacion en todos los ramos de la administracion pública, he aquí los resultados.

No me propongo acusar ni acriminar en la breve reseña que me veo obligado a hacer, para mostrar

los motivos de mi conducta pública y la relacion que tienen entre sí todos mis actos. En silencio he deplorado los males de mi patria; he dejado a mis enemigos el campo y el poder para que me hieran y calumnien, con el fin de justificarse ellos, con todos los medios de que han podido disponer; no me he defendido sino con el sufrimiento; fuerte con la justicia de mi causa, he esperado tranquilo que la nacion discuta, que los hechos comprueben, que los resultados lo patentizen todo. La gran sentencia no podia tardar, era preciso esperar la decision de la opinion. El pueblo boliviano ha fallado esta causa.

Mis nobles amigos y muchos de los que se hicieron repentinamente mis enemigos políticos, los hombres indiferentes, los que quieren el orden y aman la paz, los propietarios y comerciantes, el clero, los majistrados y el ejército, en fin, la gran mayoria de los bolivianos, me llama para que restablezca el imperio de las leyes. Cobarde egoismo seria en mí, contestar con menguada indiferencia a la voz de mi patria y de mis amigos. Siempre he esperado que Bolivia se levantaria de su abatimento, *grande* como otras veces, *noble* y *gloriosa* como en la época de Ingaví. Conozco la sensatez y patriotismo del pueblo boliviano y la confianza que me inspira será la base sólida para la reconstruccion del orden social desplomado. No tengo ya que vacilar, el honor y el deber me señalan la senda que debo seguir; obedezco a mi patri a la cual desde la infancia le tengo consagrada mi existencia.

Al acometer tan noble y alta empresa, creo de que el respeto debido a los pueblos del continente y el que tributo a mi nacion, me imponen la obligacion de declarar mis intenciones y mis principios, para llevar a cabo el encargo que se me ha confiado.

Nada mas me propongo que el restablecimiento del órden constitucional, que es el voto de la nacion. Solo ella y no candillos suscitados por influencias estrañas, tiene el derecho de cambiar ese réjimen, si tal es su voluntad; y cuando así lo quiera, me apresuraré a obedecerla, contribuyendo a que se realice. En los bolivianos y en nadie mas, reconozco el derecho de ventilar los negocios interiores de su patria, y en la mayoría de ellos la facultad de decidirlos.

Mi conducta será franca y leal como ha sido siempre. Entro en la empresa lleno de confianza en la nacion. Estoy exento de odio a mis enemigos; no abrigo rencores, porque mi corazon no ha podido todavía aprender a aborrecer, y rechaza sin esfuerzo toda idea de venganza, pasion pequeña y ruin, al lado de los inmensos intereses que deben salvarse con el restablecimiento del órden y la terminacion de la anarquia.

Sean cuales fueren mis convicciones personales, no trato de imponer a mi patria mis opiniones. Sofocada la guerra civil, restablecido el imperio de las leyes, la nacion por medio de sus representantes legales, discutirá los grandes intereses comunales, sin exclusion de colores políticos ni de partidos. Pro-

curaré con franqueza hacer prevalecer la opinion que crea mas acertada, y si la voluntad de la mayoría pide otra organizacion o la reforma de la carta por medio de una convencion o conforme a los trámites prescriptos por ella misma, me someteré a las leyes que emanen del poder legislativo dando ejemplo de obediencia y sumision.

Los últimos trastornos políticos de mi patria, los que han tenido lugar en las diferentes secciones americanas. y la macion que he hecho en el exterior, me han ofrecido el estudio y la investigacion de las causas de la conservacion del orden y de los progressos de otras Repúblicas. No puede prosperar un pais sin orden y no puede haber libertad civil y política donde aquel no esté bien afianzado. Sabido está, que es compatible el goce de todas las garantías sociales y de la libertad individual del hombre con el respeto a las leyes y a las autoridades. Está demostrado que un gobierno puede ser fuerte comprimiento la licencia, sin coartar el desarrollo de la libertad y de la prosperidad pública y privada. Está comprobado prácticamente, que en un pais donde hai industria, las cuestiones políticas son secundarias en la existencia de los individuos y de que para el hombre que vive ocupado sin dependencia del poder, le es indiferente saber, quien manda hoi o quien podrá ser el gobernante mañana, con tal que las instituciones se conserven inalterables y que la tranquilidad pública no se pertube.

Mi primer cuidado será satisfacer a la primera, a

la mas urgente necesidad del pais: lo que este reclama es el órden material y moral ante todas cosas y con preferencia a los demas bienes que vendrán despues, que nacerán con el órden, y que sin órden podria no alcanzarse jamas. La república no puede existir y es imposible esperar instituciones y garantías en tanto que no terminen definitivamente las agitaciones y trastornos públicos.

Despues del desborde de pasiones que ha tenido lugar y que ha conmovido tan hondamente la sociedad, la seguridad es la primera necesidad de todos. Es preciso que renazca la calma en los ánimos, la confianza en el porvenir. Para conseguirlo se dará la mas conveniente organizacion a la fuerza pública.

Espero conciudadanos, que no comprendereis que para sostener el órden, piense yo que es preciso poner barreras a la libertad y a los progresos, ni detener las tendencias de la sociedad actual; *un justo medio* es el que me propongo buscar, hasta el completo restablecimiento del órden, porque solo a su sombra (esta es mi íntima conviccion) pueden tomar vuelo las mejoras sociales, y realizarse los jenerosos y nobles pensamientos de los que desean para nuestra patria todos los bienes que produce la libertad.

Con respecto a las relaciones exteriores, buscaré por todas partes la amistad y la benevolencia de los gobiernos y de los pueblos, porque en esto está el interes de Bolivia, siempre que no se menoscabe el honor nacional.

La Hacienda se halla en ruina y confusion, sola-

mente la constancia y la atencion preferente que el gobierno le va a prestar puede sacarla del caos en que hoy se encuentra. Para juzgar de las medidas que se adopten es preciso que el tiempo justifique si son o no acertadas. Se necesita es cierto, firmeza y valor para acometer reformas y mejoras que se hacen ya indispensables, sin atender a las resistencias que ellas crean, y debeis esperar que no me detendré por esas consideraciones, porque mi deber está trazado esta vez.

La nacion comprende bien que para la reorganizacion del pais es preciso ceñirse a una verdadera economía con prudente prevision. Yo comprendo tambien que este es mi primir deber y pienso cumplirlo con teson, pero sin ilusiones exajeradas.

Una gran mayoría de nuestros conciudadanos ha contraido el lamentable hábito de vivir sin dedicarse al trabajo personal, descansando en el gobierno y pesando sobre la nacion; de allí nace esa multitud de pretendientes a empleos que jamas puede satisfacerse y que deja siempre un sobrante de descontentos dispuestos a prestar apoyo a todo trastorno. No olvidemos que tan grave mal exige remedios vigorosos y eficaces. Para la provision de los empleos me propongo la mas severa justicia en consideracion a los preferentes intereses de la república, estableciendo reglas fijas e inalterables para la remocion de todo empleado que se encuentre en posesion. ¿Será necesario que yo confiese con noble franqueza, que en este punto tuvo faltas mi administracion anterior?

El sistema de instruccion pública, que passando por el crisol de la revolucion, ha mostrado los quilates de su bondad, será llevado a sua perfeccion y la instruccion primaria recibirá todo el desarrollo de que es susceptible, hasta que se estienda a la mas remota y oscura aldea de la república.

Nadie ignora ya que mientras mayor sea la emigracion extranjera que se reciba en nuestras repúblicas, mas rápidos serán sus progresos; si no hai emigracion nada o mui poco adelantaremos: mis votos constantes y mis conatos se dirigirán siempre a buscar este bien para mi patria, en donde a proporcion de las mayores dificultades que tienen que vencerse para conseguirlo, deben ser mas grandes los esfuerzos, mayores las concesiones y garantias que se ofrezcan al extranjero industrial, para que mayores atractivos de bienestar y de tolerancia nacional puedan escitar la concurrencia y compensar los esfuerzos que tienen que hacer para llegar hasta nosotros. En este orden, basta contemplar lo que ha pasado en los Estados-Unidos de la América del Norte y lo que actualmente está aconteciendo en la alta California, para conocer que es preciso seguir el ejemplo de esa ilustre nacion.

La reaccion que en Bolivia acaba de restablecer el orden legal, ha hecho triunfar por primera vez el gran principio del orden y de las instituciones; solemne y brillante paso de progreso que ofrece las mas bellas esperanzas para el porvenir. Sigamos pues sin trepidar por ese camino ancho, fácil y sem-

brado de flores. Yo emprendo mi marcha lleno de confianza; invito a todos los Bolivianos a que me presten su cooperacion, abandonando ideas exclusivas. Todo hombre de buena fê puede seguir la senda que indico, sin ponerse en contradiccion con sus antecedentes y sus creencias sean las que fueren. Aproximense los partidos, discútanse los grandes intereses en que se contradicen y salvemos a Bolivia de la desmembracion y disolucion de que está amenazada. Cuando la opinion pública haya fallado, sometámonos todos y cumplamos con nuestro deber. Lo demas es crimen, es infamia.

Quedan lijeramente espuestos mis principios politicos, nadie puede dudar del fin que me propongo porque mis compatriotas me conocen; saben que amo la gloria y no el mando que me han visto dejar con gusto cuando no ha sido posible ejercerlo con honor y emplearlo con utilidad de mi patria. Solo reconozco por enemigos a los que quieran que continúe el órden; la justicia que fuese preciso emplear con estos, no debe traducirse por severidad o venganza, porque todo miramiento de delicadeza mal entendida, seria debilidad que alentaria la impunidad de los malos para conducirlos otra vez al crimen.

Protesto que mis intenciones son puras y rectas y mis pensamientos identificar mi suerte con la de mi patria, con absoluta abnegacion de sacrificar todos los momentos en su servicio: quiero salvar la República con los buenos bolivianos. Para alcanzar

tan glorioso objeto, vuelvo a mi patria. Firme en la justicia de mi causa y elevando mis votos a la providencia, espero que ella me prestará su proteccion.

Cobija, Abril 21 de 1849.

José Ballivian.

Qual será o coração verdadeiramente Americano que não palpitará de emoção, prazer e orgulho, depois da leitura desse brilhante manifesto do Illustre Americano da Bolivia? desse que já outr'ora tanto brilhou e figurou, quer como homem d'Estado, quer como guerreiro clemente e brioso! Desse grande homem que nos dias de seus triumphos corriam lagrimas pelas suas faces ao ver o campo da victoria manchado de sangue Americano! Sim, em essa falla de sem igual belleza, de consummado patriotismo vê-se a nobre dignidade, a soberana altivez do homem que tem sua consciencia tranquilla, e a convicção do seu grande merito! O General Ballivian era um destes grandes homens que cobertos com o manto da modestia, deixam todavia ver a grandeza, e pomposa dignidade do seu intellecto, e das immensas virtudes com que o Ceo os dotou. Quem como nós conhecemos e tratamos de perto a esse grande homem não se admira da immensa virtude, patriotismo, philosophia, e erudição que elle patenteia em essa brilhante falla no congresso da Bolivia.

Nobilissimo Americano! sim, tu eras um destes

homens mui raros nas Nações, e principalmente na época presente ! na época em que tanto egoísmo, tanta ambição de fortuna ofusca a razão dos homens dos nossos dias.

No brilhante reinado do magnifico Luiz XIV, não admiraria tanto um homem de tão eminente merecimento e de tão grande talento! Toda essa riqueza era acompanhada de preciosas virtudes christãs que nol-o tornaram caro em pouco tempo de relações.

No seculo de Luiz XIV. appareceram homens de grandes talentos e de meritos, que de dia á dia se desenvolviam e augmentavam, pela protecção magnanima de aquelle Rei altivo e nobre, que tanto sabia estimar-se ! que teve o prazer e o luxo de ver como que por encanto apparecer no seu reinado, uma tão grande reunião de sublimes genios ! de homens virtuosos, e sabios, como foram os Principes de Condé, Vendome, os Turennes, Saint-Hilaire, Catinat, Vauban, Lamoignon, Colbert, Luvois, Chamillard, Montpansier, Barbasieux, Fuquet, Fontenelle, Molière, Lafontaine, La Bruière, Corneille, Racine Boileau Bousuet, Burdalu Fenelon, Massillon, e mil outros grandes homens, quer como guerreiros, quer como financeiros, oradores christãos, artistas, e scientificos celebres, conhecidos e respeitados em toda a velha Europa, e por ella admirados com orgulho e enthusiamo.

Luiz o Grande, que tanto soube distinguir o alto merecimento de cada um homem de talento, e

que tão grandes premios lhes soube destinar, mostrar-lhes nos trabalhos, que elle apreciava a celebridade do seu nome, e reinado; elle tão sabio, e orgulhoso bem sabia que o seu reinado resoaria por longo tempo mesmo depois de sua morte. Luiz o Grande, amava a sua gloria, e tinha em isso um orgulho que louvo, e comprehendendo muito bem.

E' tão grata, e tão fagueira a ideia de que todos aquelles que nos souberam respeitar na vida nos hão de honrar em nossa memoria, depois que o Tumulo nos encerre em seu mysterioso abysmo de trevas. Oh! a nossa alma sente uma como que felicidade futura, dessa veneração tributada á nossa memoria! Qual d'entre nós não quererá para si esse justo tributo á suas virtudes, talentos, martyrios, ou sacrificios? todos! sim, todos nós em fim.

E' tão louvavel esta preciosa ambição de nossa estima! depois do silencioso e solemne exame da nossa consciencia; não nos sentimentos cheios de ufanía, e orgulhosos da superioridade que reconhecemos em nós, e ácima dos outros que nos rodeiam; e se temos a convicção da estima que merecemos, á aquelles que bem a fundo nos conhecem, e nos apreciam, não é tão justo, e tão natural encontrar-nos contentes e felizes? Oh! sim, que todos nós temos um amor proprio, um amor de nós mesmos! uns bem mal fundado, e outros cheios de bem fundada razão. Eu louvo muito a estima de si mesmo que tinha esse Grande Rei de França a quem os historiadores todos chamavam constantemente Luiz o Gran.

de! o Magnifico! esse Rei pomposo que por tão longos annos reinou para brilhar na primeira das Nações do velho Mundo. E quão grandes foram os homens que elle, permitta-se-me assim dizer, que elle formou com a sua infatigavel e munificente protecção! sim, é com a protecção que o talento, meritos e virtudes, se desenvolvem! com essa generosa munificencia dos Principes, o talento do Artista se augmenta, e brilha, o espirito se alenta, e a coragem em lugar de succumbir se fortifica de dia á dia.

Mr. Petitot, Artista do mais grande merecimento, e em seu genero o unico, foi tambem o unico Artista que não lisongeou a extraordinaria vaidade do Luiz XIV! Sim, esse celebre Artista tinha implorado a El-Rei o livre culto da sua seita, e Luiz o Grande não quiz nunca acceder a suas repetidas supplicas! Mr. Petitot era calvinista, e estava ferido no fundo do seu coração pela perseguição que soffreriam os Francezes, calvinistas, e Lutheranos.

A vingança de Mr. Petitot, teve primeiramente uma expansão! elle retratava em exmalte os retratos dos Princepes, e Princezas da França, e isto com rara perfeição na semelhança, e doçura que dava aos traços de cada um desses Princepes Mas quando se tractava do retrato do orgulhoso Luiz o Grande, o Artista dava-lhe constantemente os traços de Eliogabalo! Ora, como Eliogabalo nos conta a historia gostava muito de vinho.... Luiz XIV deu desde então ordem que na mesa, e ao seu lado somente se pozesse uma garrafa de agua pura.

Mr. Petitot, tomou outra vingança, sahio do Reino da França, e foi enriquecer a Allemanha com os seus talentos. Assim perdeu a França um Artista de grande merecimento, e unico retratista em esmalte, e tanto era assim, que um bracelete com algum pequeno retrato de Petitot, não se podia jámais comprar menos de quarenta mil francos, e isto mesmo em vida do Artista. Se Mr. Bulanger nos fizesse aqui pagar a bom preço os seus preciosos trabalhos artisticos de inimitavel perfeição, e rara belleza, elle, esse digno e respeitavel artista, seria rico, e a pobreza e penuria, não pesariam sobre esse homem generoso, modesto e de tão grande merecimento, já como cidadão, já como Artista.

Mr. Petitot, e mil outros homens Artistas, Litteratos e scientificos, vendem a peso de ouro os talentos, e dotes com que Deos e a Natureza os mimoseou ! e fazem bem ; porque esses genios não tem um minuto de descanso na vida, e a sua gloria, e celebridade lhes rouba quasi que a terça parte da preciosa existencia que não ha ouro no mundo que a pague.

Nas preciosas e interessantes memorias de Mme. de Montespan, li eu bem extraordinarias noticias a respeito da vida privada, e dos ridiculos de Luiz o Grande! e a Marqueza de Montespan bem poderia ter guardado silencio ácerca delles, em lembrança dos laços e affeições, que outr'ora os ligavam na vida.

Em essas memorias tão cheias de espirito, conta

Mme. de Montespan, que uma noite de brilhante, e esplendido baile no magnifico Palacio de Versalhes, um dos criados, que servia no salão em que se achava El-Rei, mettu a mão em uma das bandejas, e tirou um biscouto e comeu. Luiz XIV vio em um grande espelho de Veneza, essa acção, aliás tão natural nos domesticos; porém elle tendo sido como foi tão grande, tinha grandes ridiculos, e mesquinhezes indignas das almas nobres. A falta do criado era pequena, e ligeira, entretanto que esse Rei tão grande, e pomposo, commetteu a louca imprudencia de deitar a mão a uma bengalla que se achava n'um canto do salão; e atravessando tres salas mais, cheias de um brilhante concurso, foi bater no pobre criado que atonitto não sabia qual era seu crime para tão grande furor! O paciente philosopho Socrates, em uma hora de grande colera disse a um seu escravo—homem se não me sentisse tão cheio de colera, eu te bateria! Oh! como é verdade que o homem, ou a mulher que tem bastante força para dominarem estas féras chamadas paixões humanas, são em tudo superiores a essás pobres creaturas que se deixam arrastar por ellas, e causarem de essa sorte a zombaria, e o riso d'aquelles que tranquilllos as contemplam! que as lastimam emfim.

Respondermos á uma mulher furiosa, que nos insulta com suas injurias, é a mais imperdoavel das fraquezas!... o nosso silencio, a nossa dignidade, a gravidade cheia de altivez é somente a contestação

que devemos dar-lhes, que é para mostrar-lhes o o summo desprezo que ella, ou ellas nos merecem! Infelizmente a mulher perversa, é mil vezes mais refinada em sua maldade do que o homem mais perverso. Socrates, com o dominio soberanno que tinha em suas paixões, foi mil vezes mais grande do que Luiz XIV no meio de sua pompa commettendo tantas pequenezes. Ah ! como me lembram sempre estas palavras do immortal Boussuet na oração funebre de Henriqueta de França—Meus Irmãos! só Deos é grande ! sim, é uma unica grandeza a grandeza do Altissimo ! as grandezas da terra são atomos imperceptiveis aos olhos de Deos! e só Elle é verdadeiramente grande.

Depois que li com tristeza esse brilhante Manifesto do finado Capitão General Ballivian, e que enxuguei minhas sinceras lagrimas de dôr, perguntei: onde estão hoje todas as tuas glorias, oh grande homem? no nada !... no nada das glorias mundanas !... tão cheias de vaidade, e de loucura.

As Pyramides, as medalhas, te foram lembrado aos teus filhos, e amigos: sim, oh grande homem ! mas tu nem por isso deixaste de morrer victima desgraçada, e teu corpo nem se quer foi coberto com a terra da Patria. Assim passam todas as pompas de um mundo vão, e enganador!... vaidade, e só vaidade é o que em elle achamos.

Leitoras, sabeí que a morte não nos avisa o instante em que sua fouce vai cortar o delgado fio de nossa existencia! Estremecei pois da incertesa d'essa

hora espantosa! d'essa hora suprema, e sede sempre boas, humanas, sensiveis para com o vosso proximo indistintamente. Tende presente que a mulher foi formada por Deos só para amar! que ella fórma o coração do homem ! que adornar deve a alma de um filho, de mil brilhantes qualidades e preciosas virtudes, que o tornem ao depois respeitavel aos seus concidadãos, e a todo o mundo. Oh! sede boas! sede sempre humanas, e compassivas, aos males, e desgraças dos vossos semelhantes, e os vossos filhos aprenderão desde a infancia na escola da virtude que viram praticar aos seus Pais.

A mulher nobre e sensivel, é para seus filhos, e para toda a sociedade, como o magnifico espelho d'onde se reflecte com fidelidade a figura, e accionado, de aquelle que n'elle se contempla ! Os filhos, mesmo na infancia, e na sua candida innocencia contemplam sua Mãi cheios de admiração, quando ella no meio d'elles desempenha os santos, e sagrados deveres da virtude! Elles imitam tudo o que vêm praticar; e os homens educados por tão nobres e respeitaveis Damas farão para o futuro uma brilhante figura na sociedade.

Em todas as nações do mundo civilisado, são as Senhoras olhadas, e tratadas com acatamento, e profunda delicadeza, mas porque? porque cada homem bem educado, e polido, lembra-se que elle tem, ou já teve Mãi ! que elle foi gerado nas entranhas de uma mulher, e que foi nos peitos d'essa Mãi que elle achou o primeiro alimento na vida, que é no seio

de outra mulher, esposa, que elle acha o alivio e consolo ás dores da sua alma! que é no coração d'essas mulheres, Mãe, e esposa, que elle derrama mais da metade do amargor que lhe punge a alma, sim, tudo isto é tão certo, como bem sentido.

Os artistas representam a religião, a caridade, e o saber, na figura de uma mulher! e sempre a mulher distincta pelas suas virtudes, nobre pelos seus sentimentos, representou, e representará sempre um brilhante papel na sociedade, bem que cingida pelas serpentes da inveja, e da raiva que inspira a outras que se encontram faltas das graças que Deos, e a natureza a ella lhe conceden. Destruhi, Senhoras, essa baixa qualidade do coração de vossas filhas! o invejoso, e o ingrato, trilham a mesma estrada, e se encontram sempre cheios dos tropeços, que um tal caminho lhes offerece.

Pobre gente! nisso mesmo ella mostra a sua insufficiencia, e pequenez. Esse brilhante Manifesto do finado General Ballivian, suggeriu-me mais estes pensamentos.

Sou justa, e leal em meu modo de tributar homenagens ao merito e ás virtudes d'aquelles que adornam a sociedade. O Brasileiro, o Inglez, o Italiano, ou emfim o homem, ou senhora, d'esta, ou d'aquella nação, me são iguaes quando eu tenho que render homenagens aos seus meritos, e pagar o justo tributo da minha admiração e respeito.

Este trabalho litterario, é mesquinho de conhecimentos, e sem enredo de romance! é elle por si só

tão singello e láconico, que qualquer Mãe de família, que nada saiba nem entenda da litteratura Franceza, sempre variada, e brilhante, lerá este pequeno livro com prazer, por isso que desde o primeiro dos meus pensamentos, até o ultimo, ella comprehenderá minha singella linguagem; e todas aquellas que tenham filhos, acolherão minhas observações com bondade, pois que lhes aconselho que amem seus filhos com idolatria, e os adornem das preciosas galas—virtude, educação perfeita, e preciosas qualidades d'alma.

O viajante transporta de uma á outra parte do globo sua vida, e cabedaes! uma tempestade, um furacão que dura apenas uma noite, lhe faz em espantoso naufragio perder tudo! lá se foi o navio feito em pedaços, a carga, as escrevaninhas cheias de ouro, os Diamantes encastoados em magnificos adereços! e que se ouve em trance de tanta amargura, e desesperação! o que se escuta? gritos medonhos por aqui, e por alli!... O coração do homem quasi sempre egoista, Senhoras, em essas occasiões fica ainda mais duro e egoista! cada um trata de salvar-se, seja como fôr!... Só a mulher sempre boa, sempre nobre, sensível, e generosa, o que faz ella se alli se acha? aperta seus filhinhos entre seus braços, e se não os puder salvar das ondas que os esperam promptas para os engolir, morrerá com elles cingidos ao seu corpo! apertados sobre seu coração palpitante de amor, e de susto!

Sim ella morrerá com esses aros penhores

de suas entranhas, se não os poder salvar.

Escapado um homem de um naufragio, e apenas agarrando á uma taboa tudo elle já perdeu, sim! mas que naufragio, nem que incendio lhe rouba as preciosas riquezas d'alma? as qualidades moraes que se burlam e riem, dos naufragios e dos vae-vens da fortuna? não vós aqui já, Senhoras, e sobre tudo vós outras Mães de familia que immensas são as vantagens do homem virtuoso, adornado de talentos meritos, e uma perfeita educação? um tal homem escapando em uma taboa depois dos primeiros dias do susto, acha em que empregar-se, e infallivelmente hade ser protegido pelas pessoas que sabem avaliar os subidos quilates do merito, e virtude solida e sem hypocrisia.

A Senhora instruida sabe mui bem apreciar as riquezas que eu aqui tanto cito já.

Toda Mãe deverá influir no espirito de seu Esposo para que faça ensinar aos seus filhos uma sciencia, ou arte. A educação apparatusa é mui bella, sim, mas na carreira da vida é necessario que se ache o util unido ao agradavel! um scientifico, ou artista, tem sua fortuna feita, e pode viver independente, e sem ter que passar pela humilhação de ir incommodar aos seus amigos!

O artista é necessariamente altivo e nobre em seus sentimentos, por isso que sua carreira de artista o colloca na independencia, e longe da humilhação. Quanto não nos alegra o coração vêrmos a todos nossos amigos, ou parentes, em uma posição indepen-

dente, e nobre! Eu sinto prazer, e orgulho, tenho em proteger a um artista de merito e honesto. Eu acho que o egoismo, e dureza de coração de milhares de homens para com seus semelhantes, é justamente o que fomenta os crimes de mil outros homens! protejam-se os homens uns aos outros nas occasiões de afflicção e desgraças, e os crimes serão em menor gráo! Ah! que cada uma d'entre vós outras, Senhoras, que tendes filhos, podeis prestar grandes serviços á humanidade! sim, dai bons exemplos de religião, humanidade, virtude e caridade Christá, aos filhos que educaes; que formaes, que deveis olhar como thesouros preciosos do vosso coração emfim.

A mulher pois deverá lembrar-se que sua missão na terra é brilhante, e sagrada! que ella tem que desempenhar o papel dolorosissimo... de Mãil e Mãi cá no meu entender quer dizer dôr perene!... dôr quasi nunca interrompida!... Se é no papel de esposa! Ah!... esposa no meu dicionario quer dizer — victima ... resignada a subir a longa escada de todos os degráos do soffrimento!... e o coração de essa victima, Senhoras, punge de dôr!... geme... e gotteja sangue... das ulceras que em elle quasi sempre estão abertas. Feliz do ventre de mulher que não guarda em suas entranhas filhas!... Os homens são quasi sempre felizes porém a fraca e delicada mulher, nasce só para viver encostada a outrem, e sempre na tristissima dependencia!... Feliz d'aquella que acha no coração do Esposo que a

escolheu, amizade, compaixão e humanidade ! feliz dessa, digo; desgraçadas, e dignas de compaixão, aquellas que só acham algozes... tyrannos, oppressores de sua misera existencia !... porém dia e hora virá em que Deos derramará sua santa graça sobre a cabeça da infeliz victima de tão pungentes soffrimentos!... e ai do verdugo... oppressor... de toda uma existencia, e de toda uma felicidade de joven mulher ! d'aquella que o destino lhe confiou á sua protecção, e vigilancia. Eu já disse em um dos meus pensamentos, que lastimo mais o verdugo do que, a desgraçada victima da sua malvadez ! sim ! a victima com o coração gottejando sangue com a morte na garganta... com os gemidos e soluços nos labios, tem, sim, a serena tranquillidade na alma ! Ella mesmo banhada em lagrimas de sangue... olha para o oppressor, ou verdugo... com o sorriso da dolorosa compaixão, e diz-lhe : Ah ! quanto eu te lastimo ! Quanto te acho desgraçado infeliz !... sim, eu te compadeço misero homem !... a hora da minha morte será serena e doce ! mas a tua ? oh ! a tua será espantosa... de horror... e de remorsos !... Senhoras, que o coração do homem filho das vossas entranhas, seja sensivel, e bom, para fazer a felicidade dos outros.



CAPITULO SETIMO.

Para Fazer a Felicidade dos Outros Homens.

O homem foi a mais bella e rica obra que formou o Altissimo ! porém o homem adornado de preciosas virtudes, de talentos, genio superior, sentimentos nobres, e paixões fortes. Em essa mesma lucta da soberana razão, com as paixões desencadeadas, e os sentimentos vehementes que existem em sua alma, oh! como o homem é grande, e digno de admiração pela sua estrutura physica e moral ! Como elle com essas duas organizações torna-se no mundo util, e necessario aos seus semelhantes que o admiram, amam e respeitam profundamente ! Elle entretanto é pouco feliz !... Sua rica imaginação ardente, e fertil em invensões e planos de alta valia para sua patria que sabe amar ; esse constante pensar, esse turbilhão de ideias .. que se succedem umas ás outras, lhe roubam o repouso, o somno, a doce tranquillidade d'alma, e até a sua felicidade ! Sim, sua gloria é grande !... mas cansado de tão laboriosa vida, de tão pezadas fadigas, elle é homem e sente a necessidade do repouso ! da felicidade propria que lhe falta para si, bem que elle a dê a muitos. Esse homem de admiravel intelligencia, de bellas e audaciosas... ideias, de altas, e ardentes aspirações, não acha em seu leito, tranquillo somno !... pelo contrario, elle acha-se como em um leito juncado de agudos espinhos !... Sua

honra, seu timbre, sua dignidade, tudo se apresenta ante seus olhos para roubar-lhe os mesmos rapidos momentos de repouso, e doce calma.

Quantas vezes o homem que occupa um alto cargo na sociedade, é julgado pelos ignorantes feliz! contente da sua grande riqueza, e brilhante posição, quando elle só tem amargor... no coração... cuidados, e penas n'alma! e o que peor é ainda ao meu ver, é que esse mesmo homem assim pungido e dilacerado lá no silencio do seu coração... elle tem que rir para este, afagar a aquelle, attender, e agasalhar a este outro! entretanto que os gemidos... da sua alma sencivel resoam aos seus ouvidos! mas as suas nobres aspirações de gloria, as suas promessas, e compromettimentos com mil outros homens que n'elle confiaram, não lhe deixam retrogradar nem um só passo da carreira que começou a trilhar afouta... e temerariamente.

Quão tristes reflexões me arranca a vida do homem rico de uma organização moral, e superior á dos outros homens! Eu não posso menos que lastimar-o!... mesmo no meio de todo o brilhante esplendor das riquezas do seu intellecto. Elle é sim, superior em talentos e virtudes aos outros homens! mas atira para longe de si, com sua propria felicidade com sua saude e doce tranquillidade emfim.

Comparemos agora o homem feliz que recebeu das mãos de Deos uma alma mais fria, uma imaginação pobre de talentos, um coração sem as aspirações de fortuna, de gloria, nem de altos cargos na

sociedade ! Ah ! esse sim, póde ser philosopho ! esse sim, goza da rapida vida, tranquillo e venturoso ! esse homem philosopho comprehende bem o veloz... e o chimerico da existencia humana ! elle olha para quasi tudo com indifferença, e nem passado, nem futuro lhe rouba a pacifica serenidade d'alma ! feliz mortal ! Eu te chamo feliz, mas não te invejo !... não quereria para mim esse luxo de barbaro egoismo... de indifferentismo !... não, homem, tu não podes aqui no meu entender ser feliz ! Eu comprehendo melhor a felicidade humana.

Ser feliz, no meu humilde modo de pensar, e sentir, quer dizer fazermos aos outros felizes, dar-lhes a fortuna que lhes falta ! enxugarmos-lhes as lagrimas que lhes queimam as faces ao passar por ellas ! deitarmos-lhes gottas de balsamo nas ulceras do coração !... darmos doces palavras de fraternal consolação á sua alma opprimida pela dôr, suavizar sua triste posição, e dar-lhes a mão quando elles, os nossos semelhantes, estejam proximos a cahir por terra. Esta é a minha felicidade querida ! outra não ha para o meu pobre coração.

Como a meditação ácerca da triste condição humana me arranca de continuo serias e enlutadas reflexões ! e Deos que nos deu tantas riquezas em sua magnifica natureza, porque não nos daria a vida sem dôr, e sem amargor ? Ah ! porque nos fez nascer em um valle de lagrimas ? pobre especie humana ! tudo n'ella é dôr, e miseria !... soffrer, gemer e calar, é a nossa partilha ! porque qual é o

homem tão temerario que se anime a perscrutar os segredos, os mysterios do Altissimo? esses segredos impenetraveis que toda a sabedoria humana não saberia, nem poderia jamais advinhar ! não, até ahí não chega a rica faculdade da intelligencia humana. Deos, bem que prodigo, e generoso, nos immensos beneficios que deu ao homem, já na rica intelligencia, já nas preciosas qualidades d'alma, e já emfim na riqueza de incalculavel valor da immortalidade d'alma, esse bem de inestimavel preço que o Ente Supremo com tanta bondade deu ao homem ! Se porém Elle lhe deu tantos beneficios, e riquezas de intellecto, não lhe concedeu sabedoria illimitada para que perscrutasse os altos e impenetraveis segredos da Divindade ! não, certamente.

Os Theologos mais profundos, e conscienciosos em seus estudos e pensamentos, se perderam, e perderão sempre no Dedalo intrincado, e tenebroso de suas idéas, logo que elles queiram ir investigar os mysterios impenetraveis do Altissimo ! d'esse Ente Supremo, cuja grandeza, e immensidade não ha linguagem, nem eloquencia humana que exprimil-a possa ! Esse Deos, e Senhor de tudo quanto existe criado nos Céos, e na terra ! Elle que suspendeu sobre nossas cabeças essa Abobada Celeste chamada pelos homens Céol e só na contemplação d'esse Céo embellezado com milhares de Planetas, aos quaes o genio, e os talentos do homem, deram nomes que o differenciam a uns dos outros, e em essa só contemplação digo, já o misero mortal se

encontra tão pequeno! tão mesquinho, tão limitado!... elle vê a terra illuminada por milhares de fachos resplandcentes que Estrellas chama o homem.

Depois os olhos descem á terra, e pasmam os humanos de admiração á vista de tanta pompa, e profusão espalhada por toda a natureza! essa natureza tão rica, fertil e engenhosa; tão variada, e caprichosa em tudo quanto ella apresenta aos olhos do homem profundo, e pensador, que revolve até ás entranhas da terra para melhor prescrutar os seus segredos.

A vista d'essas montanhas alcatifadas de verde relva, côr de Esmeralda, e juncadas de preciosas, e caprichosas florzinhas de mil graciosas formas, de côres vivas, e bellamente matizadas; como o homem pensador, e sensivel, cruzando os braços sobre seu peito, silencioso, admirado, e em extasis exclama por fim:—Deos! Deos Supremo, como tu és grande! Como tu Senhor, és bom, e admiravel em todas tuas obras! como se vê em tudo a tua immensa Grandeza, clemencia, e magestade! Ah! que linguagem eu empregaria para expressar o que sente o meu coração, e a minha alma, á vista de tanta magnificencia, e munificencia de Deos? não! eu não tenho ricos cabedaes de eloquencia, nem tão fertil imaginação para emprestar-me frases proprias, que transmittam ao papel o que minha alma sente em esses silenciosos momentos de pasmosa admiração.

Se vêmos ao longe essas cadeias de montanhas de caprichosas fórmias, umas representando este

objecto , aquell'outra apresentando em suas fórmas, e voltas outros mil graciosos pontos de vista, o homem que sabe ser grato á Divindade, passa de transporte a transporte, e de um a outro extasis!... Depois dessa muda admiração, dessa profunda contemplação da magica Natureza, elle sente correr pelas suas faces dous fios de preciosas lagrimas! e sente tambem escapar-lhe dos labios:—Oh! Deos! tudo isto é de mais para os humanos! o homem não merece tanta munificencia, Deos Eterno!... E' assim que pensa, e sente o homem humilde, que se encontra um atomo imperceptivel na presença do Altissimo! Sim porque em essas magicas e grandiosas creações vêmos o Ente Supremo em toda sua magestade, e poderio! em todo seu esplendor.

Assentados em cima de uma montanha graciososa, e verde, temos diante dos nossos olhos milhares de objectos filhos só da Mãe natura, e onde a habil mão do Artista não teve parte alguma! aos nossos pés, temos as mais preciosas flores formadas pelas mãos de Deos! e qual é o mais poderoso Rei da terra que seja capaz de formar uma só florzinha como a mais humilde d'entre todas aquellas? qual é esse, digo, que sendo tão poderoso, magnifico, e grande, quaes o foram Julio Cezar, Alexandre, Carlos V., e Napoleão, esses conquistadores do mundo inteiro: qual seria d'entre esses chamados poderosos Senhores, que tivesse poder para fazer a mais singella, e pobre florzinha dos campos? a mais humilde bonina dos pra-

dos? Oh! nenhum, certamente, e nem todos os homens reunidos.

E a proposito, lembro-me de uma conversação do Grande Alexandre, e o philosopho Diogenes:— Diogenes achava-se assentado em um lindo campo, e o Grande Conquistador Alexandre foi alli conversar com o celebre, e exquisito philosopho. O Conquistador perguntou-lhe á aquelle o que elle queria?— quero, lhe disse tranquillamente o philosopho, que faças uma florzinha como esta! e lhe apresentou a mais humilde das flores que arranccou d'entre a relva que tinha aos seus pés!—O Conquistador acostumado a ouvir-se chamar por todos Poderoso! Grande! conheceu em aquelle instante o quanto era pequena, e limitada a sua grandezal... e elle lá comsigo mesmo diria—Ah! e me chamam—Alexandre o Grande? quando eu agora me encontro tão pequeno aos meus olhos, e aos olhos de Diogenes!

O homem orgulhoso, e pouco pensador, julga que possuindo immensas riquezas, ou uma alta posição no mundo, que elle é já um colosso humano! um grande dos grandes da terra! Em toda sua vida elle acha-se inchado de soberba... e de fatuidade... Elle pensa que tudo póde esmagar debaixo dos seus pés! pobre homem!... como elle se engana!... Mas se no meio dessa sua chamada grandeza, elle for assaltado no meio desse vasto, e profundissimo mar; por medonha tempestade? Ai! do seu orgulho!... e grandeza!... seus olhos cheios de espanto, e medo, contemplam o Céu enlutado, e carregado de horriveis,

e negras nuvens que parecem descarregar em cima do fragil baixel um mar de agua para o submergir!... Os raios cahem por aqui, e por alli, os trovões resoam a fazer estremecer... fuzilam os clarões, e os elementos desencadeados... e em espantoso furor... chocam-se, luctam com força, e valentia, uns contra os outros!... o vento faz em pedaços mastro por mastro!.. as cordas mais fortes quebram-se, e arrebetam-se! o vento, e as ondas enfurecidas embalam o batel, seja elle muito embora a mais grande Náu ! esta tomba de um para outro lado, e no meio de gritos horrorosos... e confusão, sente-se a embarcação prestes a submergir-se!... no meio da espantosa gritaria da marinhagem, onde uns não se entendem aos outros, e conforme o perigo augmenta, augmenta tambem a confusão... buscai, procurai alli ao grande e poderoso Senhor que alli ia de passagem ! onde está elle ? eu já vol-o digo—ajoelhado por terra no mais recondito canto do seu camarote! alli elle treme... como um juneo açoitado pelo furor do vento!... o seu semblante está coberto da pallidez da morte! seu coração nem palpita! o seu peito arqueja na mais cruel afflicção, a agonia da triste morte do naufrago, passa pela sua alma!... em aquelle momento supremo!... elle já não é nada mais do que um atomol... miserial... nada em summa ! tal é real, e positivamente, o homem, diante da grandeza, e magestade de Deos.

Horacio-Vernet, esse celebre, e verdadeiro pintor da natureza e Ceo, de todos os Paizes do Mundo

que elle visitou, gostava de ver, e contemplar uma noite de medonha tempestade!... e tanta era sua paixão por essas vistas da natureza, que subia até as ultimas enxarcias e mastareos das embarcações, para melhor possuir-se da impressão que faz n' alma do homem, Artista, toda essa vista, ou esse magnifico, e magestoso quadro da natureza, em uma hora da colera de Deos! Oh! sim! eu tambem acho grandioso esse todo... esse quadro de magestade solemne! então é que o homem se contempla pequeno!... em essa medonha colera que tanto aterra ao homem, e mesmo ao mais impavido... e atrevido... nós vêmos a Deos em toda sua gloria! em todo seu poder, e até parece-me ouvir estas verdadeiras palavras:— homem tu não és nada!.. diante do meu Throno de magestade e de illimitada grandeza, tu és menos do que um atomo!... prostra-te por terra teme-me, e adora-me!! e nós levantamos a cabeça inclinada sobre o nosso peito, e dizemos sim, Senhor! sim, meu Deos, só tu és Grande!... bom e clemente.

O homem scientifico deve de ser necessariamente religioso! humilde de coração, eu assim o entendo ao menos! elle que é adornado de uma vasta intelligencia, que sente a sua mente ardente, em chammas e, em inspirações grandiosas, sublimes, havidas de nomes de novos conhecimentos, e de outras inspirações que o tornem aos seus proprios olhos mais grande, e merecedor da geral admiração, esse homem, digo, tão cheio de sciencia, e de sabedoria, sente, e conhece quanto tudo isso é pobre, e nada!.. Elle

sabe que o mais sabio d'entre todos os homens é sempre um ignorante á vista da sabedoria Divina! esse scientifico pois, deve de ser naturalmente humilde! seus aturados, e longos estudos, noite, e dia, não lhe fizeram conhecer da natureza senão poucos segredos; e de Deos! ah! ainda nenhum!... e esse homem que dá tratos á sua imaginação, que fórma e destróe ideias, e pensamentos que em tropel succedem-se uns aos outros, que sente sua cabeça atormentada de fortes dores... seus olhos encovados pelas vigílias, suas faces ressecadas, e lividas pelo constante trabalho, disse lá no silencio da sua consciencia uma verdade eterna!—Não somos nada, e nada podemos contra a vontade do Altissimo! passamos toda a vida lutando contra este perpetuo naufragio... chamado vida!... e para o que tão grandes, e peñosas fadigas? para acharmos a perseguição a inveja dos homens! e depois de essa luta encarniçada... e braço a braço com os nossos inimigos... o que nos espera por fim? uns poucos de palmos de terra!... onde o nosso corpo repousa em paz, das fadigas do naufragio da vida. Essas deverão de ser as reflexões do homem pensador, no silencio do seu gabinete.

Mas afastemo-nos por alguns intantes dessas sombrias, e enluctadas... ideias, e voltemos nossos pensamentos, e nossos olhos ás graciosas vistas da risonha Natureza.

Se eu tivesse a suprema felicidade de ser Poetisa, o meu Estro poetico, seria só para cantar as im-

mensas graças da inimitavel natureza do magico Brazil! Se eu fosse Pintora, os meus quadros representariam os objectos da natureza encantora do inimitavel Brazil! mas onde, onde eu iria buscar as tintas preciosas, e vivas, que deveriam retratar esses objectos bellos, e tocantes? que ao contemplal-os o viajante fica extasiado!... fascinado! arrebatado, e mudol... até a voz emmudece... á vista de tanta, e tão pomposa magestade! e se fosse illuminada a minha mente, com as ardentes luzes das inspirações de Milton, do Dante, de Lord Byron, ou Dirceu, ainda, ó tu, magica, encantadora Natureza do Brazil receberias o meu culto, as minhas rendidas homenagens! os mais sinceros vctos, e tributos de admiração.

Eu em vinte e quatro annos que habito a Capital do Imperio de Diamantes, e Esmeraldas de magnificas montanhas, nada conheço, e nada della tenho visto! pouco, ou nada sua fascinadora natureza! é justamente o que eu lastimo e sinto.

Ao manhecer do dia, principiamos já a admirar a Deos em tudo quanto aos nossos olhos se apresenta! Se por ventura nos achamos no campo gozando dos encantos e belleza da natureza, em toda sua pompá, maiores são os motivos da nossa admiração! vemos primeiramente desapparecer a linda Estrella d'alva que nos deixa saudosos da sua encantadora belleza, e esplendor! nossos olhos a buscam ainda quando mesmo já não a vemos mais! ella esconde-se nessa Abobada Celeste, e vai reunir-se ao brilhante cortejo

dos Planetas, para assim embellezar melhor aquelle circulo de fachos luminosos que adornando o Ceo, illuminam com seu clarão toda a terra. Mas ah! bondade Divina! os olhos do homem deixaram de ver o bello Luzeiro da madrugada, mas eis que Deos lhes manda aos humanos uma linda, e formosissima Deosa para os saudar! para os encantar! essa bella Deosa ou graça, chama-se Aurora! olhai! como ella é bella, e graciosa assim recostada em seu magnifico carro! como ella, a linda graça, vem espalhando sorrisos, e alegria, para enfeitiçar, e encantar aos humanos com suas graças, e bellezal... seu manto é purpureo, sua tunica simples, e modesta é da côr do Ceo! Graças, risos, alegria, encantos, são os adornos que completam o seu magestoso esplendor. Depois que a Deosa saúda aos humanos, que os anima a levantarem-se de madrugada para irem recebê-la, assim que ella lhes apparece; faz-lhes esta curta falla a qual os mais felizes d'entre elles escutam com attenção: « — Humanos todos em
« geral! Deos, o vosso, e o meu Creador e bemfeitor,
« manda-me para vos saudar, e alentar ao trabalho
« as fadigas da agricultura, da industria, do commercio,
« e das artes que vós escolhestes de preferencia!
« Feliz daquelle que se achar sempre de pé quando o
« meu carro apparecer no Horizonte! feliz desse, digo,
« porque o seu futuro será prospero, e brilhante!
« esse deixará apoz de si a riqueza para seus filhos,
« e a industria a mais engenhosa para todos os seus
« semelhantes. Eu vos peço por vós mesmos que ve-

« nhais sempre ao meu encontro, pois é assim que
« achareis a vossa felicidade» —A Deosa desapare-
ceo-lhes de repente, para continuar ao longe a sua car-
reira, ou passeio matinal. Depois appareceo-lhes um
Astro brilhante, ardente, vivificante!... esse a quem
os homens chamam Sol, esse que alegra com sua
luz, a natureza inteira! esse que vai com seu calor
animar as fadigas do Agricultor, reanimar as plantas
languidas, e quasi espirando! a verde relva, as
frondosas arvores, arbustos, prados, e montanhas,
tudo lhe sorri! e tudo o acolhe com profunda grati-
dão! os jardins adornados de preciosas, e odori-
ficas flores, lhe dão graças, e lhe offerecem seus en-
cantos e belleza, delle recebida, por elle sustenta-
da!... Oh! Sol! Astro brilhante e bello, porque eu
não nasci Poetisa? porque essa divina linguagem da
poesia não me é natural, e conhecida? Estro de
Appollo, ou da immortal Sapho, porque tu não
inflammastes a minha pobre mente? porque eu
não tenho divinas inspirações como Dante, Tasso,
Metastasio, Camões, Dirceu, e Milton? Oh! se Deos
me tivesse concedido felicidade tanta, e cham-
mas inflammantes que me afagassem, que me ani-
massem até o delirio... do enthusiasmo... então, ó
tu Astro brilhante receberias minhas sublimes ho-
menagens! escutarias os hymnos sonoros de minha
Lyra de ouro! Sim, porque só em Lyra de ouro é
como podes ser tu cantado, ó Sol!

Os Indios-Americanos adoravam o Sol! e em isso
já elles mostravam a sua intelligencia Americana!...

Elles reconheciam em esse bello Astro uma grande superioridade e valor, para todos os humanos, os Indios tinham bastante razão.

O homem civilizado, e cheio de talentos, é sempre ingrato para com os beneficios, e bondades do Altissimo! o homem sempre é ingrato, quando mais colmado se acha de beneficios!... elle finge agradecer o que recebe do seu Creador; mas o seu coração sente a ingratidão!... Deos porém não se engana com os segredos do coração humano! Elle conhece até o mais recondito... dos segredos do homem Desde o nosso primeiro Pai Adão, e o primeiro homem que Deos formou, já em aquelle peito humano deixou-se ver o negro sentimento da ingratidão! Eu já o vou aqui mostrar.

O Grande Milton durante os onze annos que ficou completamente cego compoz uma obra que sua filha ia escrevendo, e assim transmittindo ao papel as bellezas inesprimiveis do riquissimo intellecto de seu Pai! essa obra foi o Poema intitulado—o Pairaso Perdido—Alli o Poeta inglez principia pela formação de Adão, e este collocado em um magnifico paraíso de sem igual e inexprimivel magia!... em esse paraíso achavam-se frondosas arvores das quatro partes do mundo, cheias de saborosissimos, e bellos fructos, cada qual mais appetitoso, e melhor. Passaros de preciosas, e vivas côres, fórmãs diversas, e harmonioso canto! Rios, regatos, bosques, lindas cascatas, tudo alli se achava em aquelle Eden! em aquella habitação, digna criação de um Deos Omnipotente e Gran-

de. Mas o homem Adão achava-se alli já ingrato ! tantos beneficios, tantas e tão celestiaes bondades, da manufidencia divina, o encontravam indifferente!... silencioso! triste!... cabisbaixo!... Deos lá de seu Throno de magestade Suprema o via, e tudo em elle observava ! Um Anjo desceo do Céu, e veio conversar com o primeiro homem! o Anjo lhe disse assim:—Adão, porque estaes triste? porque silencioso, e cabisbaixo? Não tens aqui todas as riquezas, e grandezas da Natureza inteira ?—Adão deu o primeiro suspiro que do peito humano se escapara, e esse suspiro foi de repassada tristeza!... o habitante, o soberano Senhor do paraiso, respondeu assim:— Tu, enviado de Deos, me perguntas o que tenho, e o porque estou triste? o que me falta ? Eu mesmo não sei o que me falta! mas sim sei, e sinto que não acho em nada alegria! e que negra tristeteza devora o meu coração!...—O Poeta Brasileiro, e Patriarcha da Independencia do Brazil, assim se exprime em seus lindos versos—A Creação da Mulher.—

Já tinha o mundo
Jove formado
E Rei de tudo
O homem creado.

Mas solitario
Este se achava,
Brusca tristeza
O dominava.

Com mão profusa
A natureza,
Em vão mostrava
Tanta belleza!

Cantavam aves,
Bolia o vento:
Tudo infundia
Contentamento.

Florido o valle
Reverdecia:
De mil aromas
O ar se enchia.

Manhã serena
Leda brilhava:
Manto de estrellas
A noite ornava.

E todavia,
Qual duro tronco,
O homem jazia
Sisudo, e bronco.

Covas escuras,
Mata enredada,
Nellas fazia
Sua morada.

No Solio eterno
Jove assentado,
Então aos Deoses
Fallou pausado.

Mortal soberbo,
C'o entendimento
Sondar pretende
Mysterios cento.

Só, pensativo,
Se desalenta,
Do mundo inteiro
Nada o contenta.

Eu distrahil-o
Quero piedoso ;
Beba sua alma
Nectar gostoso.

Fórma então Jove
Nova creatura,
De Venus bella
Fiel pintura!

Esbelto talhe
Meneio brando,
Mil amorinhos
Vão rebanhando!

De ouro madeixas,
Ao vento soltas,
Ameigam fêras
Que andam revoltas.

Os cupidinhos,
Dos verdes olhos,
Duras despedem
Settas a molhos.

Covas das faces
Branca e rozada,
Vós sois das graças
Gentil morada !

Vozes suaves
Que as almas prendem,
De fio em fio
Dos beijos pendem.

Ah! são seus beijos
Fontes de vida!...
Em neve pura
Romã partida!

Os alvos peitos
De marfim puro,
Ah! são mais rijos
Que o crystal duro.

Corpo mimoso,
Que a vista enleva,
Onde o desejo
Em vão se ceva !

Ao vel-a o homem
Pasma, estremece!
Quer abraçal-a
Corre, enlanguece!

Quem és ! és Deosa ?
(O homem lhe grita)
Ah ! se pudesses
Trazer-me a dita !

Ella responde,
Sou tua esposa ;
Deixa a tristeza,
Ama-me, e goza.

O homem não sabia o que lhe faltava, nem porque suspirava ! mas Deos sabia-o ! e vendo que todas 'suas riquezas não lhe davam a menor alegria nem felicidade ao seu coração, teve dó do pobre Adão, a quem Deos formou tão bello, e tão bom ! a quem lhe deu uma organização physica robusta, herculea mesmo ! O Sabio Bemfeitor da natureza, sabia que a felicidade do homem era, ter um objecto querido a quem amasse, a quem afagasse, e ao qual extreitasse sobre seu coração.... palpitante de amor, e de ternura ! mas de quem tambem recebesse em troca iguaes carinhos,

amor, e doces attentões, e sem o que o seu amor não seria felicidade, se não fosse igualmente partilhada. Deos deo-lhe ao homem Adão, toda essa felicidade. Adormecido profundamente o primeiro homem, Deos abriu-lhe o lado esquerdo do corpo, e tirou-lhe uma costella, da qual formou uma lindissima e formosa creatura, a quem chamou — Mulher, — Eva! graça, doçura, fogo vivificante, luz, encanto da vida humana. A essa bella Imagem tão meiga, e encantadora poderia pelos labios de Adão dirigir-se-lhe estes mariosos e doces versos do Poeta Padre Caldas, em sua magnifica Estatua de Pigmalião, que dizem assim, pouco mais ou menos:

« Este marmore que toco,
 « Esta flôr tão graciosa,
« Nem esta arvore frondosa,
 « Nada d'isto, nada é eu:
« Mas ó tu! que ante mim vejo,
 « Que todo o meu peito abalas,
« Que tão doce de amor fallas.
 « Ah! tu sim, tambem es eu.
« Vem a mim querido objecto,
 « Aperta-me nos teus braços;
« Convence-me em ternos laços,
 « Que eu e tu somos só eu, »

Adão acordou do seu profundo somno ao ver a linda, e formosa imagem da primeira Mulher chamada por Deos — Eva — elle deu um grito de pasmosa admiração! depois fixou n'ella seus bellos olhos,

contemplou-a minuciosamente, e disse-lhe — Oh! querido objecto, quem quer que tu sejas, como és bello!!! Quanto és linda, e graciosamente encantadora!... Como te chamas tu, ó bella imagem?— Diz o Poeta inglez, que Eva, abrindo seus lindos labios de coral, lhe respondeu assim — Eu me chamo Eva! E tu como te chamas?— eu chamo-me Adão, homem! A bella creatura formada da costella do homem, lhe respondeo — pois, ó tu homem, ama-me, e goza-me! — Sim, o nosso primeiro Pai a amou tanto, que sedeixou fascinar a ponto de desobedecer ao seu Deos! ao seu Bemfeitor! ao seu Soberano Senhor.

Eva, linda, pudica, graciososa em suas delicadas e esbeltas fórmãs, com labios de coral, dentes de perolas, boca onde moravam as graças reunidas; sorria para Adão! seus olhos pretos, languidos, e amorosos, lhe fallavam a linguagem do coração!... essa muda linguagem tão cheia de eloquencia, e de harmonia. Os dous Esposos se approximaram um do outro e suas almas ligaram-se pelas leis da soberana Natureza amor, e sympathy.

O Anjo tornou a descer do Céu á terra e foi buscar ao homem, Senhor do paraiso, Adão, vai ao encontro do enviado celestial e escuta com attenção — o Anjo falla assim: — Adão, Deos te manda que respeites e ames a mulher que deverá dar-te tantas horas de felicidades! que deverá tambem amar-te ardentemente! ama bem, e respeita sempre aquella que palpitará por ti de amor, e de prazer! que te fará mil vezes feliz! Não lhe sejas ingrato, e não lhe pagues seus carinhos, e bondades com o mal... nem com

ingratidão. Deos te ordena tambem que não comas nem deixes comer aquelles fructos que alli estão—E o Anjo Raphael apontou com sua mão direita para uma arvore carregada de bellas, tentadoras maçãs. Desempenhada que foi a mensagem de Deos, o Anjo remontou ao Céu. Adão ficou triste e pensativo.

Tudo nos mostra na Natureza que o homem, ou a mulher não póde viver no mundo só! A vida de isolação... é o supplicio mais cruel que póde haver o tedio enlucta, e cobre o nosso coração! a vida torna-se um cahos tenebroso profundo; para receber n'elle milhares das penas que escondemos em nossa alma... que nos transbordam do peito opprimido e arquejante de desgostos. Isolação! supplicio... Tumulo da existencia humana! onde eu iria buscar as tintas para pintar-te ó quadro? enluctado triste... mesmo para áquelles que de longe te contemplam!

Que triste seria o mundo e a Sociedade inteira se não fossemos nós outras para embellezar, animar e vivificar a vida do homem! e se Deos não tivesse fortemente imprimido no coração do homem o soberano de todos os sentimentos do peito humano, o amor! o que seria desta desgraçada e misera especie humana? Apezar da possessão d'esse bem supremo e indefinivel, não é já ella tão infeliz? não é tão atormentada de penas, de amargos padecimentos?... não temos quasi sempre diante dos nossos labios a Taça do amargor?... e qual é esse mortal tão feliz que não tenha chegado a ella os seus labios? qual é aquelle que póde ufanar-se na vida de ser feliz?... Solon esse sabio da Antiga Grecia não o disse já? não, não te-

nhamos orgulho, nem ufanía das nossas riquezas, nem da nossa felicidade, tudo isso passa, ou um sopro de Deos atira por terra com as felicidades, e riquezas de Creussos.

Napoleão, esse assombro do mundo inteiro nol-o mostrou bem!... Oh! homem, não tenhais orgulho de nada n'esta vida onde tudo é illusão!... engano!... A felicidade do coração tambem é passageira, assim como a possessão das riquezas pouco segura! Napoleão que triste lição dèste aos homens e ao mundo inteiro! tu Colosso de gloria, e de felicidade! tu que regias os destinos de quasi toda a Europa! quem te diria nos dias de teu esplendor, que terminarias a tua brilhantissima carreira pela mais ignobil de todas as traições do Gabinete Inglez? Oh! homem! todo o mundo te admirou, e te deuas suas sinceras sympathias quando te vio victima dessa nefanda traição!.. Aos prisioneiros, nós lhes damos o respeito que reclama a desgraça do homem decahido de suas esperanças, e aspirações! ao hospede nós lhe votamos respeito pela confiança em nós depositada! e a hospitalidade, deve ser como eu a entendo sagrada, plena, nobre, e graciosa. Mas o Grande homem tinha nascido com o destino de collocar em cima da sua nobre cabeça tres corôas!! primeiramente elle se coroou com a corôa dos guerreiros e essa corôa foi de immenso esplendor e gloria! a segunda corôa foi a corôa de S. Luiz, a qual o Rei martyr, Luiz XVI., deixou ensanguentada, e cahida por terra, no assoalho do Palacio de Versalles!

A corôa, que verdadeiramente immortalisou ao guerreiro, foi a corôa pungente do martyrio!... do soffrimento, da dôr! e o que mais é da dôr silenciosa d'essa que punge a alma, o coração e que entretanto não nos escapa um só gemido!... um só ai! foi com essa corôa que immortalisou-se esse homem unico dos seculos passados, presentes, e futuros

As corôas dos Monarchas, bem que resplandecentes de Diamantes, tem agudos espinhos os quaes pungem, e ferem apezar d'esses estarem escondidos debaixo dos Diamantes da corôa! Ai! o coração de cada um d'esses Soberanos exhalam tambem amargos suspiros e seu leito não é sempre de rozas! tambem existem espinhos n'esses magnificos leitos de brocados de ouro. O somno dos Reis nem sempre é tranquillo!... Oh! quanto eu os sei lastimar! De continuo rodeados de falsos amigos... que lisongeiam as paixões e os caprichos dos Principes, para lucrarem mais com a cegueira em que esses desgraçados Principes vivem quasi todo o curso de sua vida! Napoleão bem conheceu a ingratiidão... e perfidia dos homens! Só achou meia duzia que o acompanharam ao seu desterro! e d'entre esses seis homens, um tão leal, nobre, grato e fino Amigo, como vassallo generoso e fiel! e esse, todos sabem que foi o virtuoso General Bertrand; esse a quem Luiz Filippe com tanta justiça fez collocar depois de morto ao lado do Imperador Napoleão. O Tumulo de Mr. de Bertrand está junto ao de seu amigo, e Soberano.

Luiz Filippe conhecia bem as preciosas qualidades de um coração amigo e grato, e mal sabia n'esse tempo que a elle o esperava tambem a fuga, e o exilio! Altos mysterios de Deos!

CAPITULO OITAVO.

Luiz XVIII em suas preciosas memorias diz:— que Luiz Filippe, Duque de Orleans, pagou duzentos mil francos para que fosse assassinado o seu sobrinho o Duque de Berry! esse Principe virtuoso, bom, sabio, e clemente, dous mezes antes de sua morte infausta, entrou na alcova de El-Rei seu tio, na occasião em que o gentil homem vestia a Luiz XVIII e o Principe disse-lhe ao Rei:—Sire, que noticia tão grata vos venho dar! a minha Carolina está em cinta! El-Rei Luiz XVIII diz que sem virar as costas lhe respondeu:— Carlos, deixa-me com a tua Carolina, ella não nos tem dado senão filhas, ou filhos mortos! Dous mezes depois foi o infeliz Principe Carlos Duque de Berry apunhalado ao sahir do Theatro com El-Rei seu tio, esposa, e mais pessoas da familia Real. O Principe sempre bom e virtuoso, pediu a El-Rei graça de perdão para o seu assassino! Ah! até n'isso elle imitou o outro Duque de Berry, depois Luiz XVI! O infeliz Principe espirou logo pouco depois. Com effeito a Princeza Carolina, Duqueza de Berry estava em cinta e o infeliz Duque de Burdeaux, hoje Conde de Chambord, não nasceu morto! Elle é filho posthumo de Carlos de Berry!

Vêde qual é o homem que se pôde ufanar de ser feliz.

Um viajante Inglez, e desenhador, foi a Santa Helena seis semanas antes da morte do Grande homem, o artista tirou o retrato do Imperador Napoleão n'essas ultimas seis semanas, e eis aqui a fiel narração e copia do retrato do hospede; Ilustre encarcerado... pela hospitalidade do Gabinete Inglez! Eu não fallo da nação, porque as nações não tem culpa das perfidias dos seus Gabinetes, respeito as nações, os povos, e só direi sempre n'esta questão de que trato — O Gabinete Inglez — o tal viajante diz: « Vi ao grande homem nas seis
« ultimas semanas de sua vida! elle estava com o
« ventre alto até chegar ao peito, o mal já era dema-
« siadamente grande; a hydropesia alta, os olhos
« do Imperador eram duas covas, a insomnia a mais
« cruel lhe tinha posto os olhos encovados, fundos
« e seu olhar era o da desesperação! a côr de seu
« rosto era verde, seu cabello em desordem irto,
« seu adorno na maior negligencia e abandono,
« seu traje era calção de cazemira, collete branco,
« farda verde, velha, e sem a menor decoração! o
« seu todo inspirava a lastima a mais profunda.
« As duas mãos de Napoleão estavam nas algibei-
« ras do seu calção. »

Eu possuo o livro dessas tristes narrações e n'elle está esse retrato que inspira profunda compaixão, e respeito a quem o contempla.

Elle que sempre tinha até então gastado tanta elegancia, e asseio em seu adorno! mas a morte já

o esperava, e Napoleão já não tinha nem illusões, nem aspirações! O homem mortal ia descer á terra, mas o homem immortal ia principiar a sua carreira nas paginas douradas da historia, e d'ondé elle não poderia mais morrer. Em uma das minhas antecedentes paginas, quando fallei desse Grande homem, já dei a descripção do enluctado quadro de sua triste, e cruel morte. Alli a expressão do Artista é tão forte, tão tocante, que parece até escutar-se os ultimos gemidos do guerreiro na sua agonia de morte. O Grande homem, e do qual nada se dirá de bom, e de sublime que seja bastante, nem eloquente! imitou a resignação de Socrates na hora solemne da sua morte. O Semi-Deos dos philosophos da antiga-idade, deitado no pobre leito do seu triste carcere, cubriu-se tranquillamente com seu manto, e esperou que a morte se approximasse d'elle; d'ahi a poucos minutos o carcereiro entrou pela porta do carcere com a taça da mortifera cicuta! Os discipulos, e amigos do philosopho estavam rodeando o leito, inconsolaveis, e banhados em pranto, elles todos empallideceram á vista da taça funesta, que trazia dentro o veneno, que ia dar a morte ao mais innocente, virtuoso, e respeitavel dos homens! O philosopho só, não empallideceu, não tremeu, não se perturbou; elle ergueu-se, recostou-se nos travesseiros, pegou na taça da cicuta e sereno, resignado, paciente a levou a seus labios! bebeu todo o veneno, e tornou-se a recostar no travesseiro; depois consolou aos seus discipulos, e lhes continuou a fallar na immortalidade d'alma, e na

vida eterna! nessa vida onde tu lo é positivo e bem real. N'esses instantes tão tristes, e solemnes da vida de Socrates, entrou pela porta da prisão sua mulher Xantippe com seus filhinhos pela mão. O philosopho ia receber o último abraço de sua mulher, e filhos: Xantippe disse-lhe:—Socrates, é possível que morras innocente? o philosopho lhe respondeu:—Mulher, e querias que Socrates morresse culpado? Xantippe, essa mesma que tinha flagellado toda a existencia d'aquelle homem pacifico, e respeitavel em suas virtudes positivas, e não apparentes, Xantippe, digo, sahio do carcere banhada de lagrimas! Os discipulos acompanharam ao seu Mestre até que elle expirou! e esse philosopho immortal ficou nas paginas da historia. Napoleão em suas ultimas seis semanas de vida já não tinha gosto para nada! seu traje era por fim negligente nessas ultimas semanas.

Napoleão pensou sempre como homem profundo. Paulina, sua irmã, essa Venus das Venus, essa graça das graças, morreu como uma mulher de cabeça leviana! o dia de sua morte pareceu-se com a morte das Tragicas que nós vemos no theatro. Eu darei aqui um traço de penna, para exprimir o desapego com que a Princeza de Borgezzo deixou o mundo. Depois que terminou o seu testamento, pegou novamente na penna, e escreveu mais estas palavras:—Deixo a Luciano o olvido do passado!...—O Principe de Canino, seu Irmão Luciano, foi d'entre todos os irmãos da Princeza Paulina o que mais desapprovou e censurou a conducta leviana-

ma que essa formosa Dama teve durante a sua vida.

Terminando o testamento, ella passou para o seu toucador onde o seu cabelleireiro a esperava já, e seu penteado foi de magnifica elegancia, e bom gosto.

Um diadema de Brilhantes de inestimavel preço circulava aquella cabeça de rara belleza, pela posição altiva e graciosa que tinha aquelle collo de Alabastro onde moravam as graças e os amores.

Seu peito tinha em torno delle o mesmo riquissimo collar de Brilhantes, Rubins e Esmeraldas, que no dia da coroação de Napoleão. Todas essas pedras preciosas eram do Oriente, e de inestimavel valor ; seu vestido era o mesmo que ella vestio no dia do segundo casamento do Imperador, seu Irmão. O vestido magnifico da Princeza era de ponto ou renda de Holianda, rico, e artificioosamente bordado de ouro, e todo elle adornado com laços de preciosos Brilhantes, Esmeraldas e Rubins, iguaes ao adereço que adornava a Princeza. O peso das pedrarias era tanto que as Damas não podiam sustentar o vestido nem o Mantó.

Paulina, assim vestida, deitou-se em seu magnifico leito de apparatus, e tranquillamente esperou pela morte ; ella ordenou em seu testamento, que depois de morta não a dessem em exposição, no leito de apparatus, conforme é de costume fazer-se aos Principes, e Princezas, depois de mortos ; dizendo que não queria que, quem a tivesse admirado viva, a visse desfigurada pela morte. Oh ! vaidade,

e leviandade humana !... até onde foste ! Paulina quiz morrer como as Rainhas de Tragedias ! Que imperdoavel que é aos meus olhos essa zombaria da morte, e da eternidade !

Alguns pensamentos sobre a dôr intensa do coração quando experimentamos a perda d'aquelles que nos fazem amar a vida.

Que louca é a nossa dôr, quando Deos, pelos seus occultos mysterios, impenetraveis a toda a intelligencia humana, nos arrebatá pela morte os objectos queridos do nosso coração, aquelles que constituíam nossa mais preciosa felicidade ! Que delirios de dôr !... Que transportes de desatinada desesperação... que perguntas, que interrogações á Divindade não se escapam dos nossos labios ! filhas, não da vontade, mas sim da mais cruel desesperação... Como acuzámos a Deos d'esses roubos que a morte nos faz, que audazes, que temerarias, são as nossas interrogações assim ao Soberano arbitro da nossa vida, e da nossa morte ! o frenesi... a colera é fraca sempre, diante da Magestade de Deos, mas esse frenesi por longos dias nos acompanha por toda a parte, e onde quer que vamos, buscamos e chamamos os caros objectos da nossa ternura, affeição, e predilecção. O triste silencio do Tumulo é sómente quem responde aos nossos gritos, e chamados ! nada nos alegra ! o luto, e a dôr cobrem o nosso coração, assim como o lençol mortuario envolve o frio cadaver, o Sol perde sua luz, seu brilho fulgurante ! a alegria da Natureza parece que só sorrí para melhor insultar a

nossa dôr!... As montanhas de Esmeraldas, juncadas de florezinhas, perdem sua graça, verdura, e alegria; todas as galas e pompas da magnifica Natureza perdem aos nossos olhos suas variadas côres, e só nos mostram um Manto de crépe... nossas interrogações e desatinadas accusações ainda vão subir ao Céu! mas Deos silencioso, e grave, não nos responde senão estas breves palavras: — Homem temerario, respeita-me, e obedece-me! tua colera é louca, é nulla contra minha Soberana vontade— O homem dominado pela religião, resignado, cahe por terra de joelhos, e esse constricto arrependimento, essa como que consolação, chama-se a graça de Deos! ella desce sobre a cabeça, e coração do homem arrependido, constricto, submisso á vontade Divina. A consolação e a serenidade principia a descer sobre aquella alma, depois que o Altissimo a vio humilhada, quebrada pelo arrependimento. Tristes passam-se os nossos dias!... o tempo, esse Saturno de tudo quanto pertence á humanidade, destróe pouco a pouco a dôr delirante!... fica-nos porém sempre a dôr silenciosa da alma, a dôr reconcentrada... perenne... e sobre a qual o tempo não tem pôder para destruir; descemos ao Tumulo, sim; mas essa dôr, essa solemne tristeza comnosco desce tambem.

Porque as pessoas de caracter firme, e de sentimentos verdadeiros pensam maduramente, e não encontram a felicidade na mudança de objectos, e distracções que a gente leviana, e inconsiderada tem ao seu dispor. A vida humana bem encarada nos appresenta um quadro de tintas mui sombrias, e

traços de pincel que só servem para opprimir de dôr aquelles que seriamente os contemplam. Se vissem hoje Maria de Medicis (*) e outras illustres victimas como as que vou citar; ellas todas comprehenderiam bem minha linguagem.

Coisa mais que singular é, que todas essas Damas do lindo nome de Maria, esse nome querido, e predilecto dos harmoniosos Poetas Portuguezes, e Brazileiros, foram infortunadissimas!! Maria Stward, Maria Antoinette, Maria Thereza, sua virtuosa e nobre filha, Maria de Sanbreuil, essa que até bebeu um copo de sangue humano quente, para salvar seu ottogenario pai, o Conde de Sanbreuil! essa filha que immortalizou seu nome pela mais santa piedade filial. Maria Capello essa illustre victima da mais perversa, e bem combinada perseguição. Maria Lesiska, Rainha de França, virtuosa, e religiosa até o fanatismo! essa que tendo todas as felicidades em torno de si, viu de repente a morte arrebatá-lhe seu virtuoso filho o Delphin. Ella apaixonou-se tanto pela morte inesperada de seu filho, e de seu veneravel pai, El-Rei de Polonia, Estanisláu Lesiska, que não pôde resistir a essas duas grandes desgraças. A morte de seu pai foi uma lastimosa catastrophe digna de ser longamente pranteada por essa filha tão virtuosa.

Luiz XV lhe dizia — vive, bella Maria! e ella só lhe respondia—dai-me o meu filho, e meu pai, que

(1) Leia-se a interessante Ponte dos Suspiros, e n'essa obra magnifica se verão os dolorosos padecimentos, e infortunios d'essa filha de Soberanos, Esposa, e Mãe de Reis.

eu então amarei a vida! o brilhante Throno da França não tem nenhum valor para mim sem esses dois caros objectos da minha afeição.

Maria Lesiska — deixou cahir a cabeça sobre o peito, e succumbiu no desalento d'esta angustia, que exprimir não é possível. Um mundo inteiro é pouca coisa ante os nossos olhos, logo que o coração desfallece na dôr!... e quando a nossa alma já não tem nem aspirações, nem ambições, poderá haver fagueira esperança, que nos faça ver contentes as lindas côres de um prysma enganador? não! e esse é justamente o estado mais lastimoso do homem. Pobres humanos! de continuo embalados fortemente pelas imperiosas paixões; assim como o fragil junco da Floresta é açoitado pelo furacão das tempestades. Fatigada, das ideias enluctadas que giram em minha mente, buscarei alguns instantes de distracção contando uma pequena, e graciosa anecdota de Paulina, Princeza de Borgezzo.

Em Roma existia um Lord que idolatrava, e morria pela Princeza! Lord N. sentia-se pela primeira vez inflammado das chammas devoradoras de um amor sublime pela sua verdade e dedicação. Elle era lindo, polido, Cavalheiro. A Princeza jámais sentio por elle senão tédio, indifferença... desprezo, só porque elle era Inglez, sim, porque Napoleão já gemia em Santa Helena prisioneiro dos Inglezes! Paulina escolheu ao infeliz Lord como victima... para tortural-o a seu bel prazer. Foi pois sobre aquelle alvo que elia apontava, e atirava todos os seus rigores!... mas com arte infernal...

Ella os adoçava com um ligeiro sorriso; outras vezes com um olhar de fatua, e fagueira esperança... que jámais teria realidade.

Paulina recebia dia por dia as visitas de Milord N.; e sendo á uma hora da tarde, hora em que estava em seu toucador, penteando-a a sua dama, o Lord ia para o magnifico salão de toilette, alli ficava duas horas assentado ao lado da encantadora, e formosa Paulina. Uma hora, dia por dia, ficava o amoroso Inglez ajoelhado aos pés da Princeza, dando-lhe um por um os alfinetes, e grampos que ella precisava. Conversava Paulina mil cousas bellas, e Milord N... atormentado pelas dores crueis, que lhe causava o rheumatismo e gotta, respondia-lhe só com dolorosos gemidos!... mas sempre de joelhos!

Paulina conhecia bem as torturas que passavam pela alma do seu rendido adorador! quatro mezes durou este supplicio.... e no fim de tão longo tempo o Lord ainda esperava, e a Princeza ria, e zombava lindamente dos tratos, do constante padecente.

Um dia disse-lhe a sua camareira: — Dizei-me, Senhora, como é que Vossa Alteza póde supportar a vista e companhia de um Inglez, dia por dia? A Princeza respondeu-lhe: — Ah! Julietta, se tu conhecesses a felicidade suprema e o prazer infinito que minha alma sente de flagellar aos meus pés a esse Inglez! Não atormentam elles tambem ao meu Irmão que não é mais do que um hospede, que se entregou nobre e confiante, á hospitalidade Ingleza? Sim, Julietta, eu martyrisarei por longo tempo ainda a este Inglez, e depois de bem vingada, o deixarei que morra de

amor, e de paixão por aquella que jámais lhe dará o mais pequeno favor, nem recompensa ao seu delirante amor.

Ah! Paulina conhecia a vingança do coração Italiano! mas a vingança da Princeza de Borgezzo era mais que justa : ella amou a Napoleão, mais que nenhuma outra das irmãs do Grande homem. Paulina era o idolo da familia, todos a amavam com ardente amizade e era a mimosa da Mãi, e de seus irmãos.

Formosa, graciosa, interessante, cheia de mil graças, e de espirito, fazia a felicidade de todos aquelles que a rodeavam. Ella servio de modelo aos Estatuarios; tanta foi a sua perfeição physical! E na organização moral tanta imperfeição!... tanta leviandade, e essa foi até o ultimo dia de sua morte que espirou como as Rainhas de comedia. Mas quem é perfeito n'este pobre mundo? qual é esse Ente humano que não seja cheio de mais imperfeições do que de qualidades virtuosas? Ah! só Deos é perfeito.

Na pagina seguinte direi alguma cousa de um grande Rei, do qual em outro topico d'este meu livro já disse algumas palavras; mas de Luiz XIV, e de Napoleão, nunca se disse quanto baste, mesmo quando digamos muito. Meu pensamento como que está sempre fixo n'esses dous grandes Soberanos da França! mostro n'isto que o thuribulo do meu incenso fumeja diante de nobres e sublimes personagens.

Todas as pessoas que cultivam as letras, e de instrucção, sabem que Luiz XIV. Rei de França, foi chamado o pomposo, o magnifico, o grande em fim; mas esse Rei, apesar de tão grande, teve em

sua vida grandes erros, faltas enormes, e até crimes!... A hora de sua morte elle revelou um que foi terrivel! o Cardeal Dubois em suas memorias o conta assim « Uma noite, eu, e mil outras pessoas, da
« Còrte de Philippe Luiz de Orleans, Principe Re-
« gente durante a minoridade de Luiz XV. todos
« nós, digo, assistimos a uma esplendida ceia, a
« qual acabou em uma orgia! e essa orgia foi es-
« pantosa de embriaguez, e de todo o desenfreno
« das paixões baixas, e torpes. O Principe no es-
« tado de completa embriaguez, me disse:— Du-
« bois, queres tu saber um segredo espantoso de
« meu tio Luiz XIV? Eu lhe respondi: Sim, meu
« Senhor, com prazer o escutarei. O Regente con-
« tou-me, que poucas horas antes de El-Rei espirar
« o chamara diante de seu leito, e o fizera assentar
« em uma poltrona, e lhe fez esta confissão: Eu
« morro cheio de remorsos!... entre todos os meus
« crimes commetti um, que me traspassa o cora-
« ção de dôr. Sabei que o meu Ministro de finan-
« ças, Fuquet, foi por ordem minha encerrado em
« um carcere da Bastilla, e que foi elle o celebre
« Mascara de ferro!... Se vós algum dia reinardes,
« Philippe, não commettaes crimes na vossa admi-
« nistração de Rei! porque os remorsos pungem o
« coração, mais do que pontas de ferro em braza.
« O Principe, depois que fez essa terrivel revelação,
« cahiu para traz em sua poltrona, e alli dormio
« até o outro dia. »

Dubois que estava em perfeito estado, e que pouco licor tinha bebido durante aquella vergonhosa orgia,

deu toda attenção á revelação que o Principe lhe fez. No dia seguinte o Cardeal transportou-se a Bastilla, e perguntou se vivia o carcereiro do Mascara de ferro; responderam-lhe que sim, e elle o fez chamar á sua presença. Appresentou-se um velho de oitenta e sete annos, e na mão trazia um grande molho de enferrujadas chaves. O Cardeal lhe disse: — E's tu o carcereiro do Mascara de ferro? — Sim, meu Senhor. — Pois então vamos ao carcere que occupou esse prisioneiro, e mostra-me o que n'elle houver de mais interessante. O velho carcereiro foi conduzindo ao Cardeal por escuros corredores, descendo, e subindo escadas, passando de corredores escuros para outros mais tenebrosos, e humidos, e no fundo das prisões da barbara e cruel Bastilla! alli se achava o carcere medonho d'essa celebre victima, da qual todos os historiadores modernos fallam com tanta incerteza! O Cardeal Dubois olhou, procurou, revistou tudo com summa attenção! nada viu que lhe pudesse dar uma noticia exacta se era ou não Fuquet essa victima triste e celebre, mas a investigação foi completa, e em uma chapa de ferro de uma porta cheia de ferrolhos pela parte de fóra, e de chapas pela parte de dentro, achavam-se cinco versos de um poeta Grego, mas em Francez. Lendo-se esses versos não se lia nenhum segredo, mas Dubois os leu de mil maneiras, e lendo de alto a baixo as primeiras letras dos versos, nada n'elles descobriu! elle pois leu transversalmente as cinco letras d'esses versos, e leu Fuquet! Ai! é Fuquet a celebre victima!... não ha duvida nenhuma. O Cardeal

sahiu atterrado do carcere, fazendo estas tristes reflexões:— Quem se pôde fiar no amor, e na protecção dos Principes? quem se pôde vangloriar de ser feliz, Fuquet! tu que rivalisavas em esplendor, e grandeza com Luiz o Grande! tu que te vias em teu magnifico Palacio, e rodeado de todos os grandes da Còrte mais brilhante da Europa inteira! tu que passaste até a tua morte tantos annos n'este medonho carcere? E o Cardeal com medo, e desconfiado do amor de seu Principe, e protector, sahio apressado d'aquella prisão, e atravessou os corredores mais ligeiramente do que quando ia entrando no carcere do celebre Mascara de ferro. O Cardeal chegou ao seu Palacio em suores frios, e lá consigo mesmo dizendo:— Quem sabe como acabará a idolatria do meu Principe para comigo? e elle tinha bem razão!... porque aos Principes, e ao Sol é preciso tel-os sempre em certa distancia! nem muito perto, nem tambem muito longe. Eu já disse que os extremos tocam-se, e que a familiaridade rompe laços bem apertados. Luiz o Grande tinha mil defeitos terriveis aos meus olhos! Elle era ingrato, desleal, inconstante, perfido nas correspondencias das mais santas affeições da alma, perfido e ingrato! As tuas qualidades mais vis do cora não humano! e toda a grandeza de Luiz XIV não o lavou d'essas nodoas.

Eu não tocaria n'essas indignas qualidades, se não fosse a recordação constante da Duqueza de Lavalliere, Mlle. Luiza de Lavalliere, aquelle Lyrio puro e bello, aquelle Anjo com figura de Dama delicada, tão meiga, tão terna, tão generosa, e tão

pura em seu modo de amar! Ella a quem Luiz XIV tantas vezes jurou de joelhos aos seus pés um eterno amor!... Perjuro, e ingrato foi elle depois. Lavalliere, candida, e innocente o amou! o amou do amor generoso, profundo, terno, apaixonado, sublime! D'esse amor desculpavel pela sua verdade, generoso pelo seu completissimo desinteresse, sublime pela sua constancia, martyrios, e dolorosos sacrificios!... Ah! mulher sublime! não, não é á fria imaginação do homem, que é permittido o saber-te avaliar!... não é ao ingrato coração do homem nem á sua escassa intelligencia, que foi dado o poder de calcular, e apreciar os infernaes e pungentes martyrios do amor sublime! Elles, esses homens, conhecem, e sentem sómente esse amor interesseiro, e sem dolorosos padecimentos!... A sublimidade do amor, com que sabe amar o nobre coração da mulher superior, não chegam elles a pêntrar, a comprehender. Amor, chamma divina! ó como os homens te profanam! como elles com seus labios impuros mancham o teu puro nome ao pronunciarem-te! ao te invocarem!... e poderá haver coração de homem algum que te haja conhecido jamais? não! Abeyllard mesmo não te abrigou em seu coração!... elle que roubava a essa terna amante a doce consolação de o vêr, de lhe fallar! e só para fugir ao supplicio que lhe custava depois a vista de Heloisa.

Onde, onde está o amor sublime de Abeyllard? Fraco homem!... porque não partilhastes a mesma sorte de dolorosos supplicios, tratos, e torturas que a infeliz Heloisa? não é tão doce ao coração amigo

partilhar o bem e o mal, o prazer e a dôr? as felicidades, e as penas? confundiram-se os soluços, e as lagrimas, de dôr, e de desgraça? E foi a ti, ó homem, a quem todos os Poetas da França immortalisaram com seus sentidos e lastimosos cantos! com seus queixumes de fraternal sympathia de dôr? Eu ter-te-hia achado digno d'essa immortalidade, d'esses cantos sentidos, se tivesses tido no teu coração bastante força, e coragem para ir assentar-te duas horas dia por dia no Locutorio do Parçlet, e alli em presença d'aquella, que em suas cartas te chamava com torrentes de lagrimas do coração.... Se tu tivesses ido aos seus chamados, e sereno, e tranquillo lhe tivesses dito: — Heloisa, tudo já nos separa!... mas jamais te abandonarei só, á tua dôr! Eis-me pois aqui! se a nossa felicidade está destruida, quem poderá destruir o fogo que me inflamma o coração, alma, e pensamento?... Sim, fugio de nós essa suprema felicidade de outr'ora!... mas hoje confundiremos juntos nossas lagrimas de dôr, soffreremos juntos o mesmo doloroso supplicio!... e n'isto, mais do que na nossa passada felicidade, consistirá a verdade, e sublimidade do nosso amor.

Se esse homem sem coragem se tivesse assim conduzido para com aquella que o idolatrava, então sim, que elle se teria immortalisado! mas fugindo, evitando o perigo das torturas, roubando a Heloisa a doce, e unica felicidade de o ver ao menos uma só vez! e até a inexprimivel consolação de gemerem juntos, e de juntos supportarem o mesmo doloroso martyrio. Onde está pois o amor sublime de Abeyllard? Eu não o vejo em nada! só vejo o

homem fraco, e interesseiro ! Petrarcha e Tasso foram mais sublimes em seu delicado modo de amar. Petrarcha guardou em seu peito, alma e pensamento, vinte e trez annos, essa chamma de amorosa inclinação pela formosa Laura ; e quando o acharam morto no dia 18 de Julho de 1594 em seu apposento, foi debruçado em cima do livro que lia todos os dias, e em cujas margens se achava escripta a noticia do anno, mez, dia e hora em que elle tinha visto a Beldade que tyrannizou com seus rigores e desdens ao infortunado e sensivel Poeta.

Nos ternos Sonetos que immortalisaram a ambos, vê-se o fogo d'essa paixão mal correspondida, e o sentimento que opprimia — á bella alma do fiel adorador, cujo amor desinteressado e generoso tanto eu comprehendo e louvo. Torquato Tasso sentia igualmente em seu nobre coração esse poderoso e absoluto sentimento, e sabia que nem correspondencia lhe era necessaria para alimentar-se e conservar-se sempre n'alma. Esses dois homens historicos serão sempre em sua memoria respeitados, mil vezes mais que o egoista, e interesseiro de Abeyllard. Em homens de superior esphera existe uma força inabalavel quer em suas paixões violentas, quer em seus caracteres para deixarem sempre ver em seus animos grandes essa completa generosidade, que não se alimenta pela igual correspondencia ! e nem se poderiam chamar homens superiores se elles não fossem primeiramente Soberanos absolutos de suas paixões, e sentimentos.

Na mulher superior é mil vezes mais frequente

esse desinteresse completo! em todas suas affeições ella deixa sentir o generoso sentimento de tudo sacrificar, ou tudo desprezar por aquelle objecto que ternamente sabe amar! Palacios, pompas, glorias, fôrtnas, tudo enfim a encontra indifferente quando separada pelo Tumulo, ou pela ausencia do Soberano Senhor de seus pensamentos. E a proposito me occorre, que a formosissima Princeza Luiza de Lorraine, sendo de uma rara belleza, foi pedida por Catharina de Medicis em cazamento para seu terceiro filho, Henrique III. Antonio de Lorraine pensou que sendo sua filha Rainha de França seria completamente venturosa! Ai! como elle ignorava o que se chama felicidade!... a Princeza foi recebida na brilhantissima côrte de França com indiffinivel alegria! no sumptuoso Palacio de Fontainebleau com festas, saráos, e toda a sorte de manifesto prazer! ella só achava-se revestida de modesta singelleza, e a melancholia mais tocante deixava-se ver em seu semblante, assim como em seus languidos olhos negros! a tantas demonstrações de regosijo, e enthusiasmo, a Princeza de Lorraine só respondia com um d'esses sorrisos, que ao nascer nos labios logo expira!... tudo a achou indifferente, e triste. Uma paixão amorosa e desgraçada consumia a dolorosa existencia dessa Princeza.

Foi pois com essa affeição nobre, generosa, e vehementissima... do coração sublime, que Mademoiselle de Lavalliere amou ao ingrato e perfido Luiz XIV. Das fortunas, e grandezas desse Rei pomposo Lavalliere nada queria; ella só queria o coração desse homem, que sendo o maior Soberano da Europa, nem assim mesmo

mo merecia, nem mereceu o amor idolatra, e immensamente grande, de Luiza de Lavalliere. Ella era digna da possessão de um coração nobre, grato fiel, e constante. Luiz XIV cahia de joelhos aos pés daquelle anjo de bondade e de doçura, para lhe repetir seus juramentos fementidos de um eterno amor... Ah! elle a amou com frenetico delirio, sim, mas a sua alma era formada para a traição... para a ingratição! Quando a Duqueza de Lavalliere perdeu o coração de Luiz o Grande, o que perdeu? nada... bem pelo contrario, ella ganhou na perda de um coração traidor... e quem faz uma tal perda pode chamar-se bem feliz. Um dia Luiz XIV, deu á Mademoiselle de Lavalliere uma festa de magnifico esplendor, e dessas festas brilhantissimas ella recebia as homenagens quasi todos os dias. A festa desse dia era um Torneio de immensa riqueza e grandeza, até então nunca visto; Mademoiselle de Lavalliere ainda não era Duqueza, era sim uma das Damas da formosa Duqueza de Orleães—Henriqueta de Inglaterra. O pavilhão das Damas da Duqueza era de luxosas galas adornado; e como não? se alli se achava o Idolo d'El-Rei? Depois de terem começado os divertimentos do torneio, passou diante do pavilhão das Damas um lindo e elegante cavalheiro, era um Capitão de Cavallaria, o qual saudou com graciosas maneiras, e sorriso nos labios, a meiga e bella Lavalliere, a qual voltou sorriso persuasivo!... El-Rei, que tinha seus bellos olhos fixos em sua bem-amada, não perdeu nada de

tudo quanto se passava nessa saudação benevola, e de amigavel intelligencia. O veneno do ciume tinha já filtrado no coração de Luiz XIV ! Já não houve para elle mais prazer, nem felicidade em todo aquelle dia !. Todos viam o bello semblante de El-Rei, coberto de tristeza, mas ninguem sabia a causa d'essa metamorphose em tão rapidos momentos. De noite El-Rei dirijiu um bilhete de tres linhas á Mlle. de Lavalliere, no qual lhe pedia a permissão de lhe fazer uma visita em sua sala particular. Todos sabem o quanto Luiz XIV era com as Damas extremamente cavalheiro até a mais extrema escrupolosidade.

Mademoiselle recebeu a visita de El-Rei com viva emoção e prazer, como sempre; mas ao approximar-se Luiz XIV, para beijar a mão de Mademoiselle, ella notou que o semblante de El-Rei estava ainda coberto de negra tristeza.

O que tendes hoje, Sire ? lhe perguntou aquelle anjo de candura, e meiguice. O que tenho me perguntaes vós, Mademoiselle ? tenho o inferno inteiro dentro do meu coração !... o ciume emfim !... Perfida, ingrata, infiel !... tu não mereces mais os delirios da minha mente ! as chamas do meu coração ! a ternura apaixonada de minha alma !... A encantadora, e innocente Lavalliere, titubeou, empallideceu, vacilou, e cahiu sem sentidos em uma poltrona ! Mas tu não te defendes ? não fallas ? nada dizes em tua defesa, Luiza ? não, tu nem te podes defender !... o teu silencio é o silencio do teu crime,

da tua convicção perfida !... Luiza teve coragem ! fez um esforço de sublime energia, e respondeu:— Não é o silencio do crime, Sire ! é sim o silencio da mais profunda dôr ! .. Vós ultrajaes a pureza do meu amor !.. Vós ultrajaes os meus dolorosos sacrificios !... Sire, vós me mataes !... e torrentes de lagrimas se escaparam d'aquelles olhos tão ternos, e tão bellos !... Luiz XIV lhe perguntou: — Quem é pois o Capitão de Cavallaria que hoje de manhã vos cumprimentou com um sorriso, ao qual vós destes uma correspondencia de intelligencia ? dissei-me, respondi-me ! porque meu coração está queimado pelo fogo devorador do ciume ? Mlle. de Lavalliere respondeu : — Sire, o capitão deLavalliere é meu irmão, meu unico irmão !... Oh! vosso irmão! e vós nunca me pedistes nada para vosso irmão ? Não, Sire, porque de vós Luiza de Lavalliere quer só o vosso coração !...

Luiz, o Grande, cahiu aos pés d'essa amante delicada, sublime, generosa, e terna ! d'essa que sei tanto comprehender, e que tanto venero em sua memoria respeitavel ! Lavalliere era das mulheres eleitas por Deos!

Luiz XIV tinha-se desde a infancia acostumado a ser amado só pelo que elle havia de valer em seus donativos, pelo que elle poderia ao futuro render ! e com effeito assim foi no decurso de seu longo e brilhante reinado.

Todos os corações das familias das sanguessugas, a familia real, e as familias de suas Damas, o ama-

vam só pelas riquezas, honras, cargos, e altos benefícios que lhe arrancavam dia por dia ! Todos bem conhecem qual é o amor das sanguessugas !... Dous nobres corações porém existiram que o amaram só por elle mesmo ! estes foram o coração de sua formosa esposa, Maria Theresa de Austria, Infanta de Hespanha, e o nobre coração da incomparavel Lavallière ! foi justamente a essas duas bellas, e virtuosissimas Damas as quaes elle foi ingrato, e desleal ! Perfido !... Elle só gostava de aquellas almas baixas, que o amavam pelos lucros, e interesses que lhe podiam tirar !.. O amor, sublime em sua generosa e santa dedicação, o encontrava frio, e ingrato ! Oh ! como é que se póde comprehender o coração do homem ? quem é aquelle que possa desdobrar uma a uma as pregas do coração do homem ? quem prescrutar os reconditos segredos, e mysterios que em elle se abrigam ? Oh ! creatura incomprehensivel e perversa que homem te chamam ! como tu sabes ser mesquinho, miseravel mesmo até o ridículo extremo, com aquelles nobres corações que te amam com dilirio, com ternura, com paixão exclusiva, e que por ti tudo sacrificam sem trepidar nem um só momento ! entretanto que para com tantas pessoas que te amam sómente pelo que de ti lucram, ganham, recolhem ; tu, ó incomprehensivel homem, fazes tão immensos sacrificios ! generoso, grande, excessivamente bom, e submisso escravo a todos seus grosseiros caprichos, ordens, e pedidos ! dizei-me : — que segredos são estes da natureza do homem ?

d'essa creatura em tudo incomprehensivel, em tudo caprichosa, e quasi em geral má, e ignobil? O homem é todo fogo, e ardor para os negocios do seu particular interesse! não dá á sua mais chara felicidade nem sequer um só minuto! todo o tempo lhe é pouco para seus calculos de lucros, e ganhos commerciaes; se elle é politico, ou Ministro d'Estado a quem é que esse mesmo homem serve, e por quem se interessa? por aquelles que lhe hão de voltar mil serviços; por um só que elle lhes faça! mas vá uma Senhora cheia de meritos, e de virtudes pedir-lhes um serviço filho só da justiça, da dignidade da nação, do Imperio, ou do Reino, do qual elles são Ministros d'Estado; como é que se conduzem todos esses homens? eu já vol-o digo: — Lhe dizem que sua causa, e pertençaõ está baseada na justiça, que sua reclamação é digna de toda protecção! promettem-lhe, juram-lhe, empenham a sua palavra de honra, mil e mil vezes, já de viva voz, já em suas fementidas cartas, e no fim de tudo, o que cumprem esses Ministros d'Estado? nada! comedia em tudo!... comedia, perfidia, e nada mais! mas quem é a culpada? a Mãi que lhe formou o coração! Se essa mesma Mãi lhe dissesse d'esde sua mais tenra infancia: — Sêde nobre, leal, generoso, cavalheiro, homem de bem, probó, e sobre tudo para com as Damas, as quaes por si só merecem tudo da protecção dos homens, esse mesmo homem em qualquer posição da vida seria nobre, generoso, e probó! elle saberia ser generoso para dar sem receber! para prestar

seus serviços ás Damas delicadas, e nobres, e para proteger a humilde mulher em sua miseria, e abandono. A Mãe é quem forma o coração do homem ! Oh ! se eu tivesse a desgraça de ter, filhos, eu lhes imbuiria as idéas as mais altas, e nobres em sua mente, em seus corações os sentimentos os mais santos, delicados, e virtuosos ! Eu lhes insinaria até que se vingassem dos seus inimigos, confundindo-os com suas nobres, e altas bondades ! Esta vingança é a unica que me satisfaz, porque as almas nobres, e grandes não se deverão jamais vingar de outra sorte.

Tudo quanto é baixo, e mesquinho revolta de indignação ! e em lugar de sentirmos atracção, e afeição pela pessoa que se vinga, lhe votamos odio, e desprezo.

Luiz XIV foi ingrato pois para com as duas nobres Senhoras que o adoravam só por si, e não pelas suas riquezas, nem grandezas ! Mlle. de Lavallière nada lhe pedia, nada queria d'elle senão o seu coração ! porém as outras familias de sanguessugas, o amavam pelo muito que lhe podiam arrancar dia por dia. Mas esse homem grande, e mesquinho, pomposo, e ridiculo, era emfim um homem como outro qualquer homem.

Luiza de Lavallière essa mesma que todos sabem respeitar na historia, desenganada de que o coração de El-Rei era incapaz de lealdade e gratidão, tratou de abandonal-o e para sempre ! Ella, esse bello Anjo de doçura e belleza, deixou a côrte esplendi-

da, os bailes, as festas, as grandezas do Rei de França, o qual já nada valia para ella, logo que não era nem leal, nem grato, e entrou no Convento das Carmelitas descalças de Paris, onde passou longos annos de vida nos santos, e pios exercicios da religião, e da caridade. Leia-se a obra intitulada:—La Duchesse de Lavallière, por Mme. de Genlis—obra que o Imperador Napoleão leu chorando a soluçar, e depois marcou uma pensão a sua digna Autoral

Eu se tivesse sido Soberana, ou Senhora de grandes cabedaes, lhe teria dado uma mais rica pensão pela obra intitulada: — Theodoro e Adella — essa obra que forma o coração dos Principes . que os ensina a serem pelas suas immensas virtudes, e nobres qualidades, superiores a todos os outros homens do mundo, que lhes insina a serem nobres, generosos, grandes, e sublimes! que lhes mostra como é que um Principe se deve vingar! e em todas as suas acções mostrar que nasceu para servir de espelho em suas virtudes e preciosas qualidades ! que nasceu Principe emfim.

A Condessa de Genelins, foi a Dama que educou a Mlle. de Orleans e seus irmãos. A mulher é quem fórma o coração do homem.

O Imperador Romano, Augusto, apanhou o plano da primeira conjuração de morte contra elle. O chefe da conjuração era justamente seu protegido, o beneficiado Cina, e Augusto pensava que Cina daria o coração e a vida por elle !... Homens, fiai-vos nos homens !... Augusto mandou chamar ao vil trai-

dor, e o levou para o seu gabinete; e alli lhe foi dizendo fraze, por fraze do plano infernal da conjuração. Cina empallideceu!... o ingrato, o traidor, tem dentro da sua consciencia o seu mais feroz algoz!... Cina, mudou de côr! a pallidez da morte cobrio suas faces! mas Augusto lhe disse:— Cina, sei o instante em que teu braço deve alçar-se para me cravares o punhal no coração, tudo já sei! depois estendendo asia o traidor sua mão direita, disse-lhe:—Eu te perdôo, sejamos amigos, Cina!... e o grande Augusto apertou a convulsa mão do ingrato, do traidor! Ah! tu te vingaste como um Principe! E' assim que as almas nobres se devem de vingar em todo tempo!

Augusto foi o mais perigoso, e cruel dos Imperadores de Roma! sim, cruel, digo, porque elle fez amar aos Romanos a escravidão. Os ferros dos tyrannos quebram-se; desprezamos a sua tyrannia; mas qual é aquelle que rompe as cadeias de flores do amor, da meiguice, da sympathia? ninguem.

Augusto foi o habil tyranno que melhor comprehendeu a sabia arte de reinar, conquistar os corações, e fazer com que os altivos Romanos beijassem os ferros que os prendiam, que os manietavam. E' esse o habil imperio com que a mulher deve governar sobre o coração do homem; é assim que aquelles corações formados por ella a obedecerão, a amarão, e hão de forçosamente respeitá-la sempre.

Todo homem insensivel, egoista, frio em seus sentimentos e affeições d'alma, foi certamente cria-

do, e formado em sua educação moral por homens! então que sentimentos ternos, e delicados poderá elle nutrir em seu coração? que lealdade em suas affeições? que habilidade para saber dominar nos corações, e imperar sobre as almas? nenhuma! mas vêde ao mesmo tempo o homem formado pela mulher terna, sabia, instruida, sensível, nobre, e delicada! vêde como essa Senhora altiva quiz que a obra preciosa que sahisse de suas mãos fosse bella e perfeita. Ella que amou a seu filho com idolatria, quiz formar a esse homem de maneira tal que todos o amassem, que brilhasse na boa sociedade, já pelas virtudes, já pela polidez de suas maneiras, pela sua probidade, trato fino e cavalheiresco. Toda Senhora de merito, e distincção, sente orgulho de que o objecto de sua affeição seja querido, e amado! que elle seja o alvo de todas as attenções e obsequios, já dos seus concidadãos, já das bellas Damas que na sua alta estima lhe dessem um lugar de preferencia a outro qualquer homem. Oh! que orgulho e que gloria sente a nossa alma quando empregamos bem a nossa estima, amizade, ou terna affeição! que doce gloria para o nosso coração! e não damos já uma alta idéa do nosso sentir, e pensar? e qual é a pessoa de superioridade que não acolha benevolmente estas minhas idéas? nenhuma! só a gente mesquinha, inferior, será aquella que não combinará com ellas. Se a mulher recebesse a mais perfeita educação, se ella cultivasse as letras, saberia ao depois formar ao homem de uma maneira digna

d'ella, digno tambem de sua patria, e das altas funcções nas quaes elle tem a representar neste ou naquelle papel durante a sua carreira no theatro chamado sociedade.

Em França os comicos adquirem uma perfeita educação, frequentam ao depois a alta sociedade da côrte, n'ella adquirem as mais finas, e delicadas maneiras de grande tom ! Molière, Mollé, Fleury, Kanci, Talmá, e muitos outros celebres actores, e homens de genio superior, estudaram, adquiriram, e se deram a si proprios a mais perfeita educação. Era nas companhias de grande tom que elles aprenderam isto que se chama um trato perfumado, maneiras de nimia delicadeza, e cavalheirescas; e esses dotes preciosos não se aprendem certamnete em uma escola de dança, nem de musica.

Porque uma Senhora de grande tom, e acostuada a cultivar o trato de pessoas delicadas, e dignas, conhece em um golpe de vista a outra que o não é? ou a um homem pouco, ou em nada cavalheiro? E' a educação como o Sol! ella apparece onde quer que exista.

O homem finamente educado hade bella, e dignamente desempenhar os papeis que tenha de representar no curso de seus dias, quer em sua patria, quer nos paizes estrangeiros.

Pedro, Paulo Rubens, Miguel-Angelo, e outros celebres artistas de grande merito, foram nomeados pelas suas Republicas para desempenharem nas côrtes de grandes Soberanos da Europa os distinctos

papeis de Embaixadores, cargos que elles desempenharam brilhantemente. Se é possível ver-se uma cousa triste na sociedade é certamente um homem hydropico de ouro, e sem nenuma educação. Que triste papel que aquelle pobre homem representa, mesmo no meio de seus dourados Palacios! Como elle setorna o alvo dos mais picantes sarcasmos de seus numerosos convidados! Como estes saboreando os seus guizados delicados, e licores esquisitos, tratam de resto ao dono d'aquelle sumptuoso banquete! pobre homem! quanto melhor era não se dar em tão triste espectáculo, no meio dos seus rolos de ouro, e grande aparato. Todos os convidados julgam aquelle homem generoso! Ah! tudo aquillo é vaidade, e só vaidade! A alma d'esse homem plebeu de nascimento, é incapaz da menor generosidade, do menor sentimento nobre, todo o ouro do mundo não lhe dará um só bom, nem nobre sentimento a sua pobrissima alma.

Aquillo que se faz por imitação, ou arremedo, é sempre bem triste cousa! o ouro e os diamantes não encobrem a baixeza d'alma. Mais rico é aquelle que nasceu em berço illustre, e sente em seu coração a possessão immensa das virtudes, e dos nobres sentimentos que Deos lhe deu em herança. (1) O ouro e os diamantes, é uma bem triste herança para uma

(1) Nota da Autora—Isto prova que a herança das riquezas de ouro em uma nação, ou homem sem educação e virtudes, é uma triste herança.

nação ! Cruel e fatal dote da nossa riquíssima e preciosa America! e que nos tem custado rios de sangue Americano ! entretando que essa grande familia chamada— Europa—tem engordado pelo abandono, indolencia, e nenhum patriotismo dos nossos compatriotas. A Europa tem ficado hydro-pica do nosso Ouro, e Diamantes, entretanto que aqui no mundo das riquezas, e de todos os recursos, e prestimosos auxilios da fertil e rica natureza, lhe compramos até o vinagre, até o papel, e até as fitas Oh! isto é tristissimo, é digno de lastima !... Ella entretanto, essa velha esperta, nos adormece, nos embala... nos entretem na inercia, e no abandono da indolencia... assim como a velha ama secca, que com seu monotono, e narcotico canto faz dormir em seus braços o infante vivo, e travesso... que a pôde perturbar em seus trabalhos laboriosos. Tal me parece em este instante a esperteza dessa velha, e do infante indolente que ella habilmente faz dormir !... Este novo mundo é o travesso infante, que com seu genio vivo, imaginação de fogo, e alma de chammas... hade forçosamente acordar do lethargo, profundo... em que está submergido !... A sua irmã a bella America do Norte, já de ha muitos annos sahio do berço em que gemia... opprimida... e hoje vede-a bella, fresca, brilhante, forte, energica, esbelta, e cheia de altivez !... Essa irmã outr'ora tão pobre, e esteril, como ella com seu ardente patriotismo, trabalhou dia e noite, infatigavelmente até collocar-se na posição alta, e brilhantissima em que

nós todos a invejamos, mas também com orgulho, a contemplamos. Aqui na incomparavel, e fertil America do Sul, o que não fizeram os nossos Americanos? romperam as correntes de ferro de seus oppressores, e para o que? para dormirem na indolencia! para carregarem outra vez com a cadeia das necessidades... da horrivel e cruel dependencia, para que até as cousas mais insignificantes como é o vinagre, a tinta, o papel, e as fitas, nos venham de Europa, que desgraça! que lastimosa indolencia! nós assim ficamos pobrissimos... e ella fica riquissima com o nosso ouro! e se nós tivéssemos em nossa patria, a industria, os estabelecimentos, as fabricas de telas, de papel, de fitas, luvas, e outros pequenos objectos de industria, commercial não nos ficaria já aqui uns poucos de milhões ao fim do anno, e em toda a nossa America? não seriamos hoje tão ricos, e tão poderosos pela verdadeira riqueza que é incontestavelmente a industria? Napoleão disse-lhe um dia a Mr. Oberkampf fundador da manufactura de telas pintadas de Jouy—e da manufactura de pannos de algodão de Essona. Eu, e vós, disse-lhe Napoleão, faremos uma boa guerra aos Inglezes, vós com a vossa industria, eu com as minhas armas; e depois accrescentou estas palavras de uma verdade profunda.—Todavia sereis vós quem fareis a melhor guerra! sim, porque Napoleão sendo um homem pensador, sabia já que a sorte das armas, das fortunas, e dos Thronos é vascillante!.. e sobre a industria de uma Nação, não ha vacillação a temer-

se nunca. Luiz XVIII em suas preciosas memorias diz que os Inglezes incendiaram as fabricas, e os estaleiros das embarcações em França por mais de uma vez, e que em Portugal, por gratidão do bom acolhimento, e hospitalidade a elles como alliados, fizeram queimar, as fabricas de pannos, e em pedaços as fabricas de louças que compraram por ordem do sempre leal Gabinete Inglez—as fabricas de Lisboa, e das outras provincias, e depois lhes pegaram fogo... isso tudo eu já sabia de ha muito tempo; o que porém eu não sabia é o que Luiz XVIII continúa dizendo em suas memorias:—quando em Inglaterra ha alguma calamidade publica, todo Paris mostra-se triste, e consternado, e quando em Paris ha alguma desgraça geral para todo o Reino, as torres de Londres repicam seus sinos, e Londres illumina-se para melhor festejar a desgraça de sua visinha, e alliada. Que linda moral !... que generosidade ! que superioridade tão vantajosa. Se eu me ri-se da desgraça, e das lagrimas, de minha mais mortal inimiga... sentir-me-hia bem humilhada, bem pequena, bem mesquinha aqui no fundo da minha consciencia. Como pois o poderia praticar com uma amiga, com uma alliada? não é tão bella, e nobre a superioridade? não nos colloca ella já no mais alto lugar, e em posição alta, e brilhante de podermos-nos mostrar em tudo, ácima da alma pequena que pensa poder-nos fazer mal, ou humilhar-nos ? Ah ! nectar delioso da nobre e gloriosa vingança... podermos inspirar admiração e a inveja aos nossos inimigos! vê-os cahir aos nos-

sos pés humilhados, confundidos, envergonhados da sua baixeza... humilhados pelas nossas sinceras bondades no momento da sua dôr, e desgraça!... Sublime e unica vingança que satisfaz minha alma altiva, e Americana. Assim foi revoltante para mim a leitura dessas noticias escriptas por um Rei sabio, e homem de grande espirito, qual foi Luiz XVIII, de França.

Americanos todos, e todos meus compatriotas, acordai do profundo lethargo em que de ha quarenta annos dormis!... é a catalepsia mais longa e da qual eu tenho noticia! a mais longa catalepsia do homem dura um mez; porém dormir quarenta annos?... é muito dormir! largai as armas fraticidas, e voltai antes vossa guerra para com aquelles que vos deram o narcotico, pelo qual tendes dormido ha já tão longos annos! A vossa guerra contra elles que seja feita por meio da industria; nessa guerra não correrá uma só gotta de sangue, e correrão rios de ouro para regar com elle o solo Americano! é com a paz que deveis fazer a guerra, a paz é um bem supremo! Plutarco esse grande philosopho historiador, em um de seus sublimes pensamentos, chamou ao amor da paz, amor Divino; e eu assim o penso, e sinto.

A paz, e a industria de uma Nação, a faz, de pequenina, grande e poderosa! ao seu tempo eu! mostrarei nestas paginas, dando as instrucções que Pedro Primeiro da Russia deixou aos seus successores, e estão no seu testamento. Eu sabia que Pedro o Grande foi um homem de grandes talentos, que

tinha nascido com mente, alma, e coração de politico consummado !... mas que as suas ideias fossem a tão longe como foram... oh ! não ! foi pois nessas instrucções tão sabias, que eu acabei de conhecer o fino, habil, perfido... e talentoso politico! esse homem que parecia não dormir um só minuto, para poder ter mais tempo para calcular o engrandecimento de seu Imperio, por meio da industria, politica, e conquistas. Esse homem, verdadeiramente Grande, e Soberano poderoso em tudo.

Nas sabias instrucções que o Grande Imperador deixou no seu testamento, se conhece o quanto bem elle se aproveitou de suas viagens em toda a Europa, elle empregou melhor o seu tempo que Luiz XIV. Pedro primeiro adquirio immensos conhecimentos, e talentos, durante o tempo de Príncipe, e mesmo depois que elle embellezou o Throno da Russia, Luiz XIV, passou toda sua juventude na mais louca dissipação !... galanteios, bailes, festas, e empobrecendo ao Reino da França com as injustas guerras, com as potencias estrangeiras. Que differente foi a vida de Pedro o Grande, do Grande José Segundo de Austria, de Maria Thereza de Austria, essa Soberana que foi o esplendor dos Thronos ! que assombrou a Europa inteira pela grandeza e virtudes de sua alma. Que differente foi a vida de Luiz XIV, da vida laboriosa de Napoleão. Estes Soberanos todos immensamente Grandes, que ácima já citei, acordavam de madrugada, e com velas accesas assentavam-se a suas mesas para poderem ler e des-

pacharem os montes de papeis, requerimentos, e mil outros despachos, e ordens que eram urgentes e de grande ponderação, depois em todo o decurso do dia nem se quer se reclinavam em um sofá, os instantes da vida lhes eram curtos para os empregarem no menor passatempo.

José Segundo foi formado e educado pela mais Grande Soberana da Europa inteira, qual foi a virtuosissima Maria Thereza de Autria, esse Imperador levou a escrupulosidade a não ir uma só noite ao Theatro durante suas viagens, todo o dia e passava olhando, observando, investigando examinando até as dobradiças das portas e janellas; de noite elle e os seus secretarios, passavam a escrever cada um delles o que tinham adquirido de rico, e precioso durante as observações do dia. Este Grande Principe foi formado por uma Mãi orgulhosa, gloria do nosso sexo. Princeza tão sabia que apenas contando quatorze annos, o Imperador Carlos VI., seu Pai, a chamou a fazer parte do Conselho d'Estado! Ella principiava e acabava os trabalhos d'Estado, por pedir ao Imperador seu Augusto Pai, graças, e perdões para um cento de desgraçados. Um dia o Imperador lhe disse—Maria, minha filha, tu és muito boa, já vejo que se algum dia tu fores Imperatriz, o teu Reinado será só para fazer bem. A Princeza lhe respondeu —Papai, o que me poderia fazer supportar o pezo de uma Corôa se não fosse a possibilidade de fazer bem? de colmar de felicidades aos meus povos, dos quaes eu seria a Mãi, e bemfeito-

ra? o Imperador apertou a sua filha sobre seu coração, e imprimio seus labios naquella fronte virginal, tão pura e bella. Maria Thereza foi depois a mais virtuosa, sabia, enérgica, nobre, e piedosa Soberana do Mundo.

Seu filho, José Segundo, só tomou as redas do Governo na idade de trinta e um annos. Elle, Imperador desde menino, deixou á sua virtuosissima Mãe o Governo de seu vasto Imperio.

Em uma obra que estou compondo ao mesmo tempo que esta, muito trato dessa Grande Soberana.

Pedro Primeiro nasceu com um genio superior, e com a grande instrucção, viagens, investigações, e trabalhos, adquiriu-a justo titulo o nome de Grande. Eu o tenho em dous retratos differentes, um é vestido de Calafate, preparando o alcatrão com o qual elle ia calafetar uma fragata que se construia, e onde elle trabalhava de bluse de lona: o outro retrato é em colorido brilhante, e o Imperador, com magnifica farda, decorações em brilhantes, e uma Grão-Cruz. O Imperador está na alcova de Mme. de Maintenon, que estava enferma, e já viuva de Luiz XIV. Pedro o Grande merecia bem o titulo de Grande; mas ao ler as instrucções do seu testamento, e que eu aqui vou mostrar aos meus benignos leitores, ao ler, digo, essas instrucções tão cheias de perfida politica.... meu coração saltou-me dentro do peito! Oh! até onde vai, até onde chega a habilidade, e a refinada perfidia do consummado politico!!! Admirei os

immensos talentos do grande homem d'Estado; mas a lealdade do meu coração não se combinou com a minha admiração ! vi a mais consumada perfidia do politico que pensava como a infernal Catharina de Medicis, essa Soberana perfida que dizia:—Dividir para reinar ! Infernal, abominavel systema; mas o que se podia admirar d'essa feroz Rainha, que fez degollar cem mil Francezes em um só dia ! Sim, o dia de S. Bartholomeu será dia de horror para todo bom Francez ! dia de lucto, de dôr, de pranto para toda a França. Oh ! que horror ! dia inolvidavel emfim !

O grande e immortal Duque de Sully, n'esse dia era um menino de onze annos, e indo com um Dictionario debaixo do braço, tinha forçosamente que ir atravessando as ruas por cima de centenares de cadaveres, dos quaes estavam juncadas ! Duas vezes os soldados catholicos o agarraram para o degollarem, mas felizmente tomaram o Dictionario pela Biblia, e os fanaticos o largaram pensando que aquelle innocente menino era catholico. Oh ! meu Deos, a vossa religião tem por base a doçura, o amor, a caridade christã, e os catholicos d'esses tempos eram feras carniceiras, sedentas de sangue humano ! Pobres homens, que mal comprehenderam sempre a santa e doce religião catholica ! ella que em si é tão persuasiva pelo amor que tem por base em suas instrucções, sabias e pacificas. A ferocidade e tyrannia irritam, e então os ferros quebram-se infalivelmente ! O dominio por meio do

amor é tão doce que prende as vontades, e os corações. Pela força da tyrannia quebram-se as correntes de ferro, as portas de bronze, e as doces affeições d'alma! bem ao contrario acontece com a escravidão adoçada por meio dos bons tratamentos; então até amamos ao tyranno que nos escraviza, e nos prende em seus ferros de altivo senhor. Tyrannos, fazei amar a vossa tyrannia, isto é fina habilidade de politicos; essa foi a do grande Augusto. O tyranno que dominou a Russia foi chorado, quando desceu ao tumulo! Eis aqui o grande politico em tyrannia e poderio, esse que faz verter o pranto quando falta aos seus povos.

Um joven turco e filho de uma distincta e virtuosa familia de Constantinopla foi quem me dirigiu esta carta que aqui eu dou até com sua bella orthographia portugueza, e na qual eu acho tão grande adiantamento. Lede pois e admirai nestas instrucções a politica habil de Pedro o Grande, esse Monarcha que tão verdadeiramente grande foi, logo que soube dominar as paixões da sua alma que se poderiam para o futuro oppor á sua rigida virtude! elle foi nobre, e generoso. Entre Luiz XIV e elle, ha tanta differença como ha do dia a noite! tanta distancia como ha dos Céos á terra, emfim.

« Bahia, aos 25 de Julho de 1853.

« Illma. e Exma. Srna.

« Minha Senhora. — Eis-me emfim resolvido a dei-

« xar muito breve, e para sempre o Brazil! A patria
« minha está em perigo, e com ella minha familia. Em
« quanto o Oriente gozava de toda a tranquillidade,
« meu coração estava descansado; não contente, pois
« as saudades que durante cinco annos tenho tido dos
« meus Parentes, não me deixaram gozar da tranquil-
« lidade que aspirava. Hoje tudo está ameaçado ! e
« por quem? por um tyranno que para estar sacio, lhe
« é preciso em roda de si milhares de victimas, e que
« tudo se lhe appresente submisso escravo, para poder
« esmagar a seu bel prazer. Custar-lhe-ha muito este
« prazer: custar-lhe-ha muito em satisfazer este desejo
« que ha muitos annos nutre! emfim se chegar a rea-
« lizar os seus sonhos, não lhe serão completos, nem
« tão faceis como elle pensa! pois a Turquia além de
« ter já em armas 500,000 homens, conta tambem com
« o appoio das primeiras nações da Eurôpa ! Se por
« acaso elle chega a vencer todos esses obstaculos, não
« vá elle pensar que ha de encontrar as bellezas que
« tanto o captivam; mas sim encontrará o que Napo-
« leão achou quando entrou em Moscow. Ella mesmo
« deu este bello, triste exemplo. Os habitantes de
« Moscow preferiram incendiar a Cidade, do que go-
« zar da liberdade que Napoleão lhes offerecia! Os
« Turcos preferirão mil vezes reduzir a cinzas Cons-
« tantinopla, para não serem escravos do Tyranno.

« Para V. Ex. saber desde quando data esta sede
« que a Russia tem de possuir Constantinopla, e as
« vantagens que ella pertende tirar chamando-a a pos-
« se, leia esta copia d'um plano de dominação Europea

« deixado por Pedro o Grande aos seus successores
« no throno da Russia.

« Em nome da Santissima e indivisivel Trindade,
« nós, Pedro, Imperador e Autocrata de todas as
« Russias, etc., a todos os nossos descendentes e
« successores ao throno e governo da nação Russa.

« O grande Deos, de quem temos a existencia e
« nossa corôa, tendo-nos constantemente esclarecido
« eom suas luzes, e sustentado com seu appoio di-
« vino, etc.

« Aqui Pedro Primeiro estabelece que, segundo
« as suas vistas, que elle crê ser as da Providencia,
« olha para o povo Russo chamado no futuro para
« a dominação geral da Europa. Funda este pensa-
« mento em que, segundo elle, as nações Europeas
« tem chegado, pela maior parte a um estado de
« velhice visinho da caducidade, ou que ellas mar-
« cham para ahi a grandes passos; d'onde conclue
« que ellas devem ser faceis, e indubitavelmente
« conquistadas por um povo joven e novo, quando
« esse povo tiver attingido toda a sua força e cresci-
« mento.

« O monarcha russo olha esta invasão futura dos
« paizes do occidente e do oriente pelo norte, como
« um movimento periodico marcado nos designios
« da providencia, a qual, diz elle, regenerou por
« este modo o povo romano pela invasão dos barba-
« ros. Compara essa emigração dos homens polares
« ao fluxo do Nilo, o qual em certas épocas, vem
« fertilisar com seu limo as terras estereis do Egypto.

« Accrescenta que a Russia, que elle achou regato,
« a deixa feito rio, virá a ser, no reinado dos seus
« successores, um grande mar destinado a fertilisar
« a Europa empobrecida, e que suas ondas trans-
« bordarão, apezar de todos os diques, que mãos
« fracas poderem oppor-lhes, se seus descendentes
« souberem dirigir o curso d'ellas. E' para isto que
« elle lhes deixa as instrucções, cujo theor vai abaixo,
« e recommenda a sua attenção, e observação cons-
« tante, assim como Moysés recommendou as taboas
« da Lei ao povo Israelita.

« 1.º—Conservar a nação Russa em um estado
« continuo de guerra, afim de ter o soldado aguer-
« rido e sempre vigoroso, não o deixar descansar
« senão para melhorar as finanças do Estado, refa-
« zer o exercito e escolher as occasiões opportunas
« para o ataque; empregar d'este modo a paz na
« guerra, e guerra na paz, no interesse do engran-
« decimento, e da presente prosperidade da Russia.

« 2.º—Chamar por todos os meios possiveis e
« d'entre os povos mais instruidos da Europa, Ca-
« pitães durante a guerra, e sabios durante a paz,
« para fazer que a nação russa goze das vantagens
« dos outros paizes, sem lhe fazer nada perder das
« suas.

« 3.º—Tomar parte em toda a occasião nos nego-
« cios, e questões quaesquer, que forem da Europa,
« e sobre tudo nos da Allemanha, a qual por ser
« mais vizinha interessa mais indirectamente.

« 4.º—Dividir a Polonia, intretendo n'ella a de-

« sordem e continuos ciumes; ganhar os poderosos
« a preço de ouro; influir nas dietas, corrompel-as,
« afim de ter acção nas eleições dos reis, fazer no-
« mear seus partidarios, protegel-os, fazer entrar
« ahi as tropas russianas, e acompanh-al-as até
« a occasião de ficarem ahi para sempre. Se as
« potencias visinhas oppozerem obstaculo, acom-
« modal-as momentaneamente dividindo o paiz,
« até que se possa tomar o que se lhes tiver
« dado.

« 5.º—Ter em vista, o mais que fôr possível, a
« Suecia, e saber fazer-se atacar por ella, para ter
« pretexto de a subjugar. Para este fim é mister se-
« paral-a da Dinamarca, e da Danimarca da Suecia,
« e intretter com cuidado suas rivalidades.

« 6.º—Casar sempre os Principes Russos com
« Princezas da Allemanha, a fim de multiplicar as
« allianças de familia, approximar os interesses, e
« unir por si mesma a Allemanha á nossa causa,
« multiplicando nella a nossa influencia.

« 7.º—Procurar de preferencia a alliança da In-
« glaterra para o commercio, por ser a potencia que
« mais precisa de nós para sua marinha, e que póde
« ser a mais util no desenvolvimento da nossa.
« Trocar nossas madeiras e outras producções pelo
« seu ouro, e estabelecer entre seus mercadores,
« marinheiros, e as nossas relações continuas, as
« quaes formarão as d'aquelle paiz em a navegação
« e no commercio.

« 8.º—Estender-se sem demora para o Norte, ao

« longo do mar Baltico, assim como para o Sul, na
« extensão do mar Negro.

« 9.º—Approximar-se o mais que for possível de
« Constantinopla, e das Indias. Aquelle que ahi
« reinar será o verdadeiro soberano do mundo.
« Consequentemente, convém suscitar guerra conti-
« nua, ora ao Turco, ora ao Persa; estabelecer es-
« taleiros no mar Negro, apoderar-se pouco à pouco
« deste mar, assim como do Baltico, o que é um
« duplo meio necessario ao bom exito do projecto;
« apressar a decadencia da Persia, penetrar até o
« golpho Persico; restabelecer se for possível, para
« a Syria, o antigo commercio do Levante, e avan-
« çar até as Indias, as quaes sao o imperio do
« mundo.

« Conseguindo isto, póde dispensar-se o ouro da
« Inglaterra.

« 10.º—Procurar intreter com cuidado a allian-
« ça da Austria; appoiar apparentemente suas idéas
« de realza futura sobre a Allemanha, e excitar con-
« tra ella secretamente a inveja dos Principes. Pro-
« curar fazer que reclamem soccorro da Russia por
« uns ou por outros, e exercer no paiz uma especie
« de protecção, que prepare a dominação fu-
« tura.

« 11.º—Fazer que a caza d'Austria se interesse
« em lançar fóra o Turco da Europa, e neutralisar
« seus ciumes no tempo da conquista de Constanti-
« nopla, ou suscitando-lhe uma guerra com os ve-
« lhos estados da Europa, ou dando-lhe uma porção

« da conquista, a qual lhe será tomada ao depois.

« 12.^a—Procurar reunir em redorde si todos os
« Gregos reunidos ou schismaticos, os quaes estão
« derramados na Hungria ou no meio dia da Polo-
« nia; fazer-se centro d'elles, seu appoio, e estabe-
« lecer de antemão um predominio universal por
« uma sorte de realza ou de supremacia sacerdotal,
« serão outros tantos amigos, que se terá em cada
« um de seus inimigos.

« 13.—A Succia desmembrada, a Persia vencida,
« a Polonia subjugada, a Turquia conquistada,
« nossos Exercitos reunidos, o mar Negro e o Bal-
« tico guardados por nossos navios, cumpre então
« propor separadamente e em muito segredo, pri-
« meiro a côrte de Versalhes, depois a de Vienna, a
« partilha com ellas do imperio do universo. Se uma
« das duas accetar, o que é infallivel, sendo lison-
« jeada a sua ambição, e amor proprio, importa ser-
« vir-se d'ella para esmagar a outra, depois derro-
« tar por seu turno a que ficar, travando com esta
« uma lucta que não pode ser duvidosa, possuindo
« já a Russia como Senhora, todo o Oriente e uma
« parte da Europa.

« 14.^a—Se, o que não é provavel, cada uma d'ellas
« recusasse o offerecimento da Russia, é mister sa-
« ber suscitar-lhes questões e fazel-as esgotar uma
« pela outra. Então aproveitando o momento deci-
« sivo, a Russia derramaria suas tropas, reunidas de
« antemão, na Allemanha, ao mesmo tempo que
« dous combois consideraveis partisem, um do mar

« de Azofs, e outro do porto d'Archangel, caregados
« de hordas Asiaticas, protegidos pelas Esquadras
« do mar Negro e do Baltico. Encaminhando-se pelo
« Mediterraneo, e pelo Oceano, ellas inundariam
« a França de um lado, ao passo que a Allemanha
« o seria de outro, e vencidos estes dous paizes o
« resto da Europa passaria facilmente e sem um só
« tiro para o seu dominio. (1)

« Assim pode e deve ser subjugada a Europa. »

« Em outra minha farei saber a V. Ex. como foi
« extrahida esta copia do testamento de Pedro o
« Grande, que no mesmo Jornal se acha impresso.

« Estou a espera de algumas cartas de minha fa-
« milia para eu poder fixar o dia da minha partida.

« Recebi pelo Paquete Inglez uma carta de meu
« Primo de Pariz, fazendo-me saber que gozava per-
« feita saude, e que teve o grande prazer de saber do
« feliz casamento de sua Irmã, e minha Prima Elvira
« com um negociante de Berlin, pedindo-me muito
« que o recommendasse a V. Ex. e que o desculpasse
« por não ter escripto a V. Ex., promettendo que
« em chegando a Constaninopla não faltará de cum-
« prir este dever.

(1) Nota da Autora.—A Europa se arrependará, porém tarde, de não impedir hoje os passos do gigante!... Esse gigante irá rapidamente estendendo seus passos, e depois com seus grandes e herculeos braços dará um apertado abraço a Europa inteira!.. Hoje as potencias Européas deixão ao sultão braço a braço com o gigante! mas é pela brexa da Turquia que elle principiará a completa ruina da velha Europa! O tempo o mostrará.

« Graças a Deos estou gozando perfeita saude, esperando que o mesmo aconteça a V. Ex.

« Adeos, minha Senhora.

« Disponha deste que preza ser

« De V. Ex.

« O mais attento venerador e servo

« *De Castro.* »

Já lestes essa carta, e essas instrucções do grande Imperador Politico qual outro nenhum Soberano da Europa! Já vistes, leitores, até onde foram as vistas ambiciosas, e as idéas de refinada perfidia d'esse Pedro o Grande? Catharina a Grande foi quem logo depois o imitou em politica, e em instituições grandiosas que engrandeceram esse Imperio vastissimo e bello.

Logo que essa grande soberana se assentou no brilhante throno da Russia, principiou a seguir em tudo as sabias instrucções do seu antecessor! Elle fez do Imperio da regalada Russia um grande Imperio, e que em tudo fosse digno do sabio Pedro o Grande, o qual achando os seus Estados pobres, as terras estereis, e tudo quasi em um estado de intimidar, e roubar as esperanças do homem o mais audaz, e atrevido em seu genio criador, todavia elle

quando desceu ao tumulo deixou o seu Imperio já grande, florescente, rico, e agitado pelo mais activo commercio ! As artes, as sciencias, asletras, a agricultura, tudo emfim elle criou, e protegeu durante o tempo do seu glorioso Imperio ! Elle se estimava, e se amava muito ! O altivo Monarcha queria mesmo desde seu frio sepulchro, ouvir resoar ao longe, e por longos seculos, o seu nome immortal ! Oh ! homem, quanto te sei apreciar em tua memoria ! como tu hoje, e sempre serás o espelho dos Soberanos da Europa inteira (1).

Catharina Segunda, consummada politica, fez logo o calculo da desmembração da bella Polonia ! Ella escolheu nas suas vistas de fina politica, um Principe fraco, e traidor á sua Patria, que lhe podesse entregar a Polonia de pés e mãos atada ! Ella digo, escolheu ao mais covarde membro da familia illustre e respeitavel dos Principes de Pianatoviski, Estanisláo Augusto foi esse traidor Principe ! Catharina o chamou á sua côrte, o seduziu, e offereceu-lhe pôr a corôa da Polonia na cabeça, para elle ao depois assinar-lhe um tratado no qual a Russia, Austria, e Prussia seriam as tres despotas, e tyrannas Soberanas da infeliz e nobre Polonia ! O traidor, vendeu um Reino inteiro, e o que mais ignominioso é ainda, a sua Patria ! vendeu a sua Patria por uma corôa !

(1) Teve entretanto a desgraça de imitar a injusta crueldade do Imperador Constantino o Grande, mandando matar ao Principe seu filho.

elle assignou o iniquo tratado, e entregou a Polonia inteira aos ferros, á escravidão eterna!... e os Polacos morreram escravos!.. escravos de Avós e Netos! oh! grande General Cusikusko! homem forte, e sublime patriota! e tú, Principe José Pianatoviski, parente tão proximo d'aquelle que manchou tua nobre familia, porque, Principe, ficaram teus patrioticos esforços frustrados? infeliz Polonia! perdeste para sempre a suprema felicidade de seres livre! Eu amei sempre, e amarei hoje mais a essa nobre e altiva nação; sua historia é bellissima, a minha affeição para com essa nação de Senhores feitos escravos, me será sempre cara!

Uma noite em Paris e no magnifico salão de Mme. de Stael, Baroneza de Holestein, estava o salão cheio de grupos de homens da primeira ordem, e de tudo quanto havia de mais nobre e digno, já pelo nascimento illustre, já pela superioridade do genio! Ha nada mais bello do que um salão assim adornado? não, certamente.

No meio do salão havia um grupo de bellos e elegantes cavalheiros, entre os quas se achavam Benjamin Constant, José, Luciano Bonaparte, e o General Polaco Mr. de Cusikusko; a conversação era interessantissima, animada, e patriotica; o General Cusikusko era quem fallava; seu semblante estava cheio de animação, seus bellos olhos pretos scintilavam, seu braço direito fazia os mais energicos acionados: todos o escutavam com profunda attenção! Mme. de Stael via tudo, mas não podia ouvir nada;

seu coração tinha alli n'aquelle grupo um objecto querido, seus olhos estavam, pois, alli fixos juntamente com o seu coração, alma e pensamentos !... Ella não teve paciencia, levantou-se da poltrona em que estava assentada, atravessou o salão, e chegou até o grupo em que fallava o General Polaco; ella diz-lhe:—General, o que é que estaveis contando de tão bello e interessante, que me tem chamado a mim tambem a attenção ?—Madame, nada de interessante, é tudo bem natural !—Eu contava o dia em que o Imperador Paulo Primeiro da Russia me mandou tirar do meu carcere, e chamar-me á sua presença! eu lhe appareci magro, desfigurado, côr verde, era a côr do meu semblante! meus olhos encovados pela insonia, a barba longa, e cheia de cabellos brancos! Sim, foi assim que me apresentei diante do meu oppressor, e tyranno da minha patria !... O Imperador Paulo, me disse:— « General Cusikusko, estaes « livre! e todos os vossos bens confiscados vos serão « entregues ! » Eu lhe respondi:—« Senhor, agra- « deço-vos, mas dizei-me: daes tambem a liberdade « á minha patria, e aos meus desgraçados compa- « triotas ?—Não, é somente a vós, General. »— Eu lhe fiz uma profunda reverencia, e retirei-me; metti-me na carroagem que me tinha conduzido ao Palacio do tyranno, e fui para um hotel; no mesmo dia embarquei em uma embarcação Ingleza que se fazia á vela para a America do Norte; subi á camara, peguei na penna e tracei estas simples palavras em uma folha de papel, e a dirigi a Paulo da Russia:—

« Senhor, pois que vós não daes a liberdade aos meus
« desgraçados compatriotas, nem á minha patria, eu
« não quero os meus bens confiscados! e desde esta
« hora em diante nada quero de vós ! Entre o Ge-
« neral Cusikusko, e Paulo da Russia nada ha já de
« commum. » —O Imperador assim que leu a mi-
nha carta, mandou perseguir a embarcação Inglesa,
mas esta tinha já quatro horas de viagem, e o vento
era fresco. Mme. de Stael, transportou-se de admi-
ração, e de enthusiasmo pela heroicidade do patriota
Polaco ! Eu não acho grande essa heroicidade, e
sim a teria achado sublime, se o General Cusikusko
tivesse respondido ao Imperador Paulo Primeiro: —
« Senhor, pois que vós não daes a liberdade á minha
« Patria, deixai que o General Cusikusko volte para
« o seu carcere!.. que torne alli a carregar os ferros
« que de ha tantos annos opprimem seus pés !
« Se minha Patria ha de morrer escrava, o General
« Cusikusko não deverá viver livre! Senhor eu volto
« para o meu carcere!... » Oh! seria assim que eu
quereria ter admirado esse grande homem! então,
sim, que aos olhos do mundo inteiro elle teria sido
verdadeiramente digno de admiração! Viver com a
Patria livre, ou com ella morrer escravo!... Liber-
tal-a dos ferros da oppressão, ou carregal-os junta-
mente com ella!... E não lemos nós na historia da
França as heroicidades das Damas Francesas na re-
volução de 1790, que cada uma d'aquellas heroínas
respondia:—pois que meu marido é condemnado
áos ferros, eu não quero a liberdade !... Pois que

meu Pai condemnado a perder sua nobre cabeça, eu não quero a vida ! serei mais feliz morrendo no cadafalso com elle ! e foi assim que cada uma d'ellas foi subindo ao ensanguentado cadafalso !... E os homens nos chamam fracas ? pusillanimes ? Ai ! homens !... que longe estão elles de comprehender a sublimidade do coração das mulheres superiores ! d'aquellas que com a corôa dos martyrios na cabeça, appresentam-se com o sorriso nos labios ! escondendo todas as amarguras no coração !... Ah ! como as apparencias enganam ao mundo ! Esse mundo é mais digno de nosso soberano desprezo do que da nossa menor importancia !... O homem pensador, de virtudes, e talentos, não se guia por falsas apparencias, elle bem ao contrario, indaga, pesquisa, profunda a verdade real, e positiva antes de fixar o seu juizo. Porque o homem assim tão bellamente adornado por Deos pensa com mais sensatez que outro qualquer.

Lendo eu as preciosas viagens á Grecia, pelo Joven Anacharsis, li entre mil cousas, esta que me fez uma terrivel, quanto profunda impressão. Diz Anacharsis que lêo no frontespicio de um Templo esta inscripção:—Homem, não penseis conhecer bem o coração de um outro homem, e de quem vós sejaes o intimo, e constante amigo ! se passaram oito, dez e deseseis annos de intima amisade; e vós tendo muito estudado aquelle coração, ainda não conhecereis nada d'elle ! Oh ! que reconditos pois tem esse coração impenetravel do homem ? que mysterios

elle encerra em seus arcanos? penso que esse coração será o do homem, ou mulher consummadamente perversos!... porque o coração leal, nobre e virtuoso, é franco, aberto e cheio de expansão!... este não póde, nem sabe trahir, e quando ama, ama com a mesma verdade e lealdade, que quando odeia! em todos os sentimentos elle é leal, franco, e nobre. Os homens, que não sei ainda o porque, nos consideram umas pobres, e humildes creaturas, pensam que porque a nossa organização physica é fraca e delicada, que acontece o mesmo com a organização moral? estão completamente enganados!... Deos formou essa preciosa, delicada, e interessante creatura, que mulher se chama, com uma organização moral, riquissima, e superior em energia á do homem! Eu já o vou aqui provar. A mulher fraca, e delicada em seu physico é extremamente forte em seu moral! passados logo os primeiros dez annos da sua infancia, idade de innocencia, e placida tranquillidade, eis ali que principia para ella a cadeia sem fim dos seus soffrimentos!... das suas amarguras! Tão depressa fica formado n'aquelle peito feminino um coração terno, ardente, delicado, nobre, e escravo de todas as emoções, e sensações extremamente sensiveis, e ternas! Esse desgraçado coração foi só formado para amar! e principiar a amar no coração, e alma da mulher, quer dizer, principiar a beber gotta a gotta: nataça da amargura da vida humana! quer dizer: soffrer, gemer, chorar, e soluçar!... quer dizer emfim: soffrer os inesprimiveis martyrios e penas que

toda a intelligencia do homem mais terno, comprehender, e avaliar não póde !... oh ! não, elle nada póde entender de toda essa sublimidade da nossa alma ! A mulher, menina, ama a seus Pais, a seus Irmãos; mas se por sua desgraça o seu coração for animado de ardentes chammas, então n'esse mesmo primeiro amor ella já principiará a gemer e soffrer ! ao depois, e quando ella amar com um amor sublime, e indifinivel, a sua desgraça será tambem sem fim, sem limites; por isso que ella não póde amar senão com um amor verdadeiro, e profundamente puro e extremoso.

No santo amor de Mãi, ella é igualmente digna de lastima !... soffre sempre, chora, geme com igual verdade, ardor e pureza. O nosso pobre coração opprimido de lutuosa dôr, arqueja no peito !... elle geme em silencio e só, porque a sua delicadeza, e ternura, não lhe permite ir buscar o coração da Mãi, nem da amiga que vive feliz, para n'elle ir derramar uma parte do veneno que o mata lentamente ! E para que ir eu opprimir de dôr um coração que vive feliz, se com essa partilha do veneno que me mata, eu não vou minorar os meus martyrios? não, é melhor que eu só beba a taça do amargor que um destino cruel chegou aos meus labios, não é pois esta a linguagem da mulher em tudo superior? Eu darei em outra pagina um traço de penna para descrever a sublimidade da mulher superior, pois que é esta somente da qual eu fallo, e da qual me dedico entreter-me. Para objecto tão serio e precioso, eu

destinarei pensamentos que com nenhuns outros se confundam! pensamentos que sejam a homenagem exclusiva de tão digno objecto.

Permitta-se-me que eu diga alguma cousa de uns anjos de celestial bondade, immensas virtudes, e santa caridade! esta chave de todas as virtudes, e sem a qual não ha religião. As ordens de Religiosas professas, já não existem mais em França, porém existe ainda a ordem santa e pura, das Religiosas irmãs da Caridade! Esses Anjos Celestiaes com figura de mulher! esses Anjos que escolheram a vida dos soffrimentos, para suavisarem as penas da sempre mísera especie humana, ellas que não tem esposos, nem filhos, são as santas, e piedosas mãis de todos os desgraçados!... ellas que enxugam as lagrimas da dôr, e misturam á ellas suas piedosas lagrimas da fraternal sympathy do soffrimento! Nas ulceras do coração humano derramam gottas de precioso balsamo de consolação christá! Ellas tratam dos enfermos abandonados: delles cuidam, consolam-os, acompanham dia e noite até elles ficarem livres do perigo que corriam, ou bem até lhes feixarem os olhos, e receberem o seu ultimo suspiro de vida! sublime dedicação christá! como és santa, e pura em tua generosa origem! eu lhes dou a mais profunda sympathy, e tributo-lhes uma veneração illimitada.

A missão da mulher piedosa, e inflammada com o divino fogo da caridade de Deos, é uma missão santa, e digna de todo o respeito dos homens; mes-

mo d'aquelles mais perversos, e corrompidos em sua moral.

Sinto sómente que essas religiosas, castas e pudicas não sejam aqui em nosso Brasil, cegas e surdas! ellas seriam menos mortificadas do que tem de ver, e ouvir, e se os seus tocados troxessem grandes véos de renda, seria mais proprio para o seu pudor, pois que o véo é o symbolo do pudor como já na Escrip-tura Sagrada o lemos, e quando eu tratar do traje das Damas Turcas, cuja modestia e pudor é tambem exprimido, em seu todo, o mostrarei.

Os homens virtuosos, e respeitaveis, que são o adorno da boa sociedade, conhecem, e sabem altamente apreciar as Senhoras, dignas da consideração, e dos tributos de alta estima dos seus concida-dãos, e dos estrangeiros da maior distincção.

As religiosas da Caridade, deverão ser n'esta côrte profundamente respeitadas, e protegidas de todos.

E' assim que eu acho a mulher verdadeiramente uma Creatura Celestial, e digna de toda veneração, e affeições respeitosas.

Passarei a outro topico que me interessa summa-mente como patriota, e Americana de coração.



CAPITULO NONO.

Um traço de penna sobre a nossa America.

Americanos todos, escutai-me! deponde vossas odiosidades, opiniões politicas, e rancores de partidos; deponde-as aos pés do altar da patria, que sublime homenagem para a mãe patria! submettei-vos á sua obediencia, sacrificai-lhe sinceramente vossas opiniões de partidos fraticidas, vossos odios, e desavenças, trabalhai ligados, e unidois no engrandecimento e illustração da vossa patria, e que ella receba dos seus filhos, as homenagens dos seus trabalhos, industria, fadigas, talentos, e desvellos; ligai-vos sinceramente, e principiai a trabalhar de commun acordo para dar á vossa preciosa America do Sul, o que os nobres e sabios Americanos do Norte, não jádado á sua mãe patria! o estímulo é uma grande alavanca! A do grande Archimedes, não era nem mais grande, nem mais forte!... Todo o coração Americano deve palpitar no peito orgulhoso e nobre! A dependencia é humilhante, e faz corar as nossas faces! A industria, queridos compatriotas meus, traz a riqueza, esta traz altivez, dignidade, independencia, gloria, felicidades, e mil doces commodidades que passam de avós a netos! Assim a vida humana tem mil doçuras, mil gozos emfim. Não vedes a esses nobres e altivos Americanos do Nortetão ricos, tão fortes, e tão gloriosos? não vedes a sua completa independencia? esses sim, que são livres, e sabeis

orque ? porque estão independentes e ricos ! porque rivalisam com a Inglaterra ! Esses são ao meu ver os unicos e verdadeiros Americanos livres, e independentes. A industria e trabalho de milhares de ossos Americanos, unidos estreitamente, communicando-se as idéas brilhantes de uns a outros, as adigas incançaveis, repartidas entre elles, teriam feito da America do Sul, um paiz, e uma nação immensamente grande, audaciosa, independente em milhares de pontos, e de objectos de necessidade ! entretanto que na minha patria só derrama-sesangue, sangue Americano. Aqui no rico, e fertil Brasil todos vivem desunidos nas suas opiniões e partidos para chorarem-se, baterem-se, arruinarem-se, cada vez mais, e cada vez mais se empobrecerem !... Entretanto que o Brasileiro de aspirações superiores, não cuida de politica, para só tratar do melhoramento de seu paiz, e de embellezal-o cada dia mais ! esse é o Brasileiro que faz em sua industria a guerra a industria Européa, Ah ! immortal Marquez de Pombal ! como tu grande homem d'Estado fizestes a Inglaterra te admirar, e respeitar ! como a tua heroica audacia foi de sublime patriotismo ! grande homem d'Estado, consummado patriota de coração !

Todas as pessoas litteratas conhecem as cartas do Marquez de Pombal, Ministro d'Estado de El-Rei D. José de Portugal, á Lord Chatam, Ministro de El-Rei Jorge Terceiro de Inglaterra. O grande Marquez de Pombal diz em uma d'essas cartas ao Lord Chaltam : — « Quando Portugal era já uma grande, e gloriosa

« nação, e quando elle brilhava pomposamente na « carta geographica, a Inglaterra só apparecia em « um ponto tão pequenino, que apenas se podia di- « visar! e a nação Ingleza era um punhado de pobres « Ilheos! de pescadores, sem nada poderem fi- « gurar em cousa alguma emfim. » Bem está! a Inglaterra era só tudo isso que o Marquez de Pom- bal diz; mas vede que esse punhado de pobres Ilheos unidos, ligados, patriotas infatigaveis, trabalhadores industriossimos, fizeram mil esforços, mil afans para serem hoje no seculo desenove uma grande nação, rica, forte, e poderosa. Tomai-a por espelho! quanto a seu trabalho, e a sua honesta e licita industria, e sómente assim é que as nações deverão de servir de digno exemplo ás outras que as obser- vam com attenção. Poderei ser suspeita em meus elogios? não certamente. Quem tem lido a vèridica historia das nações todas, por escriptores sensatos, e de paixões calmas, poderá jamais sympathisar com a falsa fé do antigo gabinete, para com as nações al- liadas, (1) e amigas mesmo? mas vos digo que a to- meis de exemplo quanto ao seu patriotismo, traba- lho, industria, commercio e união. Só assim é que a nossa America póderá ser grande, poderosa, rica, independente e livre.

Com a paz, o trabalho, e os desejos louvaveis de ver grande e prospera a mãe patria, e todos os bons

(1) Nota da autora.—Fallo do antigo gabinete cujos feictos estão nas paginas da historia! é só autorisada pela historia que eu fallo.

e nobres Americanos deverão cooperar para tão grande fim.

As conquistas, as guerras enfraquecem os Reinos, a industria, o trabalho, a união e a paz, os fortifica, os engrandece, os augmenta ! os estrangeiros transportam a esses paizes sua industria, seus capitães, e os seus talentos; elles se quererão estabelecer com preferencia em um paiz pacifico, industrioso, e novo, onde suas fortunas se augmentem progressivamente, e onde elles achem a felicidade, e uma velhice tranquilla para em seus ultimos dias gozarem o descanso, depois de uma juventude fatigada pelo mais incansavel trabalho. A guerra civil entre os Americanos é a sua completa ruina, e a felicidade e riqueza Europea. Loucos Americanos ! Olhai para as nações Europeas, e contemplai-as tão obedientes ás leis do seu paiz, aos seus Soberanos, e empregando-se no commercio, na industria, e no cultivo de seus campos, e com suas fortunas a salvo dos ataques da anarquia, e das revoluções! Admirai aos Americanos do Norte, como elles imitam a industriosa e laboriosa nação Inglesa.

Ahi está esse quadro horroroso e ensanguentado da America Hespanhola! esses paizes em perpetua guerra, e anarquia, em constantes revoluções de uns contra os outros! que triste independencial! assim se hão elles collocado na humilhante posição de uma nação fraca e sem recursos!... Entretanto que os Europeos trabalham sem cessar para collocarem-se em uma posição commoda e rica. E os

Americanos, de geração em geração vão passando sem tratarem do cultivo de suas terras, da industria, nem do commercio do seu paiz! Ah! loucos Americanos!

Conta um autor que visitando um hospital de homens, em Paris, achava-se moribundo em uma cama um Americano do Norte, um enfermeiro disse a outro: — ponde este sinapismo áquelle Inglez que alli está: o moribundo fez um grande esforço, assentou-se na cama, encostou-se no seu travesseiro, e disse cheio de energia: —oh! Inglez não! Americano, Americano, sim, ao depois deitou-se, e expirou contente de ter feito saber aos Francezes que elle era Americano. Este patriotismo, e orgulho nacional, acompanha a um Americano do Norte até sua hora de agonia! E nós onde é que mostramos o amor nacional? o patriotismo de bons Americanos? quereis saber em que? em voltar os punhaes contra o coração da mãe patria, em ver-lhe correr o sangue a jorros, em vel-a desmembrada, despedaçada; e aos seus filhos queridos, e os vossos proprios irmãos, pobres, desgraçados, miseraveis, humilhados, e cobertos dos andrajos da indigencia! da indigencia que tanto avilta e invillece o coração do homem!

Bacon diz:—« As riquezas são a bagagem da vir-
« tude, a bagagem é necessaria em um exercito,
« ainda que alguma vez ella seja a causa do retardo
« da marcha, e fazer que se perca a occasião de al-
« cançar a victoria. Mas de que serviria um Exercito

« sem bagagem? que serve no mundo uma nação
« sem riquezas? nada! » ella só ve-se humilhada em
presença das outras que tanto brilham pelo esplendor de suas riquezas, adquiridas com tanto trabalho e aafns industriosos, mas que depois lhes dão as doces commodidades da vida, e aos seus filhos laboriosos e honrados. Eu fallo da industria, e commercio honrado, e que enche de gloria ao cidadão honesto e respeitavel, porque sem essa preciosa riqueza da honra, e dignidade nacional, tudo será reprovado por mim, e bem digno do desprezo do mundo inteiro.

Numa esse grande legislador repartiu as terras entre os cidadãos pobres, para que tirados da miseria se vissem livres da necessidade de obrarem mal; e para que dados a os trabalhos da vida campestre, se suavisassem os seus costumes, e cultivassem o seu entendimento, por meio das riquezas que lhes proporcionava os trabalhos dos seus campos. As turbulencias, loucuras, e desordens de Athenas, deitaram por terra essa bella Republica! deve-se attribuir a sua queda ás extravagancias, e á perversidade dos cidadãos ociosos, e ricos; e aos pobres chamados—Thotes, cujo animo tinha-se corrompido com a preguiça, com as adulações dos oradores; e com os continuos espectaculos, entretanto que os Athenienses em geral tinham grande engenho, muita destreza, e gosto; mas pouca ou nenhuma virtude; portanto tratavam de opprimil-a e castigal-a, sempre que offendia seus viciosos e invejosos olhos.

Vede aqui como esses grandes Athenienses, outr'ora tão celebres, destruíram-se elles mesmos pela ociosidade, pelos vícios, pelo luxo espantoso que gastavam e pela sua constante indolencia. Os vícios, a indolencia, o luxo, a corrupção dos costumes, estragam e arruinam mais depressa um grande Imperio, do que todas as invasões das nações estrangeiras! A corrupção dos costumes faz perder a povos inteiros algumas virtudes que herdaram de seus pais! e depois a immoralisação dos costumes vai passando de geração a geração, assim como tinham até então passado a probidade e virtudes dos seus antepassados. E o que de nobre e digno, se poderá achar no coração depravado? Ah! louca esperança! vã e sempre chimerica esperança. Os Principes Soberanos, e os Governantes das Republicas, tem em torno de si, mil aduladores que só querem a sua felicidade. Os homens de grandes e positivos meritos, conduzem-se de uma maneira differente em tudo. Grecia e Roma foram grandes e poderosas Republicas em quanto os costumes foram puros: e o coração d'aquelles homens não se venderam ao vicio corruptor!... em quanto a honra e a dignidade palpitou n'aquelles corações, cheios de amor da patria, do amor da gloria e da virtude; nesse tempo em que a virtude era a primeira das riquezas para aquelles honestos e probos Republicanos: mas depois que o cancro do vicio principiou a roer-lhes o coração, a corromper-lhes o sangue o cerebro, a consciencia, começou logo a decadencia, hu-

milhação, e desgraça, dessas duas grandes e poderosas nações que tinham assombrado ao mundo inteiro. O vicio, o crime, assim introduzido, foi o mesmo que um forte dique quebrado em mil pedaços!... As paixões vergonhosas transbordaram!.. Os homens virtuosos, probos, e nobres, que zelavam o thesouro, e honra nacional, foram perseguidos!... Uns encarcerados; outros desterrados, e morriam pobres! mas honrados e cãrregados de gloria immortal.

Alli estão elles todos na historia das Nações! ahi figuram os mais grandes homens pelas solidas virtudes, generoso, verdadeiro patriotismo, e desinteresse em seus grandes serviços prestados á mãe patria. Entretanto que os malvados, e os seus grandes e enormes crimes, segredos de perfidas combinações, de machinações, ahi estão tambem na historia para serem execrados, amaldiçoados, desprezados, de seculo a seculo. Entretanto que essas duas nações antigas chamaram toda a attenção das outras nações, e eram altamente invejadas. Acabada essa rigidez de costumes o amor da patria, e da gloria, extincto n'aquelles corações, Roma, e Grecia desmaiaram vacillaram, e por fim expiraram. Americanos todos! Será a depravação, a immoralidade, o vicio corruptor, a indolencia, a guerra civil que vos destruíram, que vos darão o golpe mortal! As nações estrangeiras, os Gabinetes perfidos dessas potencias reunidas contra vós, não vos farão tanto mal, como vos fará a deprava-

ção dos vossos costumes!... Uma nação sem boa moral, sem boa fé, sem dignidade, altivez, e orgulho do bello e do grandioso, que tão bem fica a uma nação, o que será? que papel representará ella no mundo? um bem triste e humilhante papel. Portanto, Americanos, fazei-vos respeitar da vossa nação inteira, e das nações estrangeiras, que nos estudam, e observam attentamente para nos respeitarem, ou para nos desprezarem!... a honra, dignidade e credito, é da ultima necessidade para vossa prosperidade e grandeza; assim como o vicio corruptor não póde comprar a uma alma nobre, virtuosa e cheia de força para resistir ás tentações d'essa arma poderosa.... assim, digo, nem o oiro das potencias estrangeiras, nem a perfidia, nem a intriga combinada dos Gabinetes da Europa, poderão perturbar a vossa tranquillidade, industria, e commercio, logo que vós outros sejais fortes pela união, pela pureza dos vossos costumes, honra e dignidade nacional. A união estreita e bem ligada dos Americanos todos; o amor ao trabalho, poderão augmentar o engrandecimento da mãe patria. Protejam o estrangeiro honrado que venha estabelecer aqui qualquer manufactura; esse estrangeiro assim bem acolhido, bem tratado pela protecção do Governo e das leis do paiz, chamará outros manufactureiros da Europa, e assim em bem pouco tempo poderemos ter fabricas e machinas de industria nacional. Com ellas poderá tecer-se o immenso e precioso algodão do paiz; a lá que ha em grande abundancia, particularmente

aqui no magnifico Brazil onde tudo ha, menos industria e amor ao trabalho. Aqui podiamos ter fabricas que tecessem o algodão, a lã e a seda que se usa no paiz.

Na Corytiba de S. Paulo, perdem-se annualmente centenaes de quintaes de lã; e nós aqui na Capital, a pagamos a peso de ouro dessa que vem da Europa. Foi pela industria, commercio, e amor ao trabalho que esse punhado de Ilhéos e pescadores, como lhes chama o Marquez de Pombal, aos Inglezes; foi assim que elles começaram, e ei-los hoje ahi fortes, e poderosos! é pelo amor ao trabalho, á gloria, e a uma nobre independencia que os Inglezes se collocaram na posição brilhante de uma das mais grandes nações do mundo! a Inglaterra e a Allemanha venceram milhares de obstaculos pelo orgulho e dignidade nacional que tanto os distingue na historia.

E nós outros que lemos as paginas da historia, não sentimos uma secreta e justa inveja da gloria d'essas nações, e das solidas virtudes d'essas duas grandes familias européas? não admiramos a rigidez das leis, a altivez e dignidade no desempenho de seus deveres como Cidadãos? Os nossos compatriotas do Sul que os imitem, e serão felizes como elles são.

Aquí em nossa America, nós outros temos milhares de recursos, que o infatigavel e laborioso Europeo não tem em sua Patria; mas elle tem o melhor que é o amor ao trabalho! Elle sabe que para ter

uma fortuna honestamente ganhada sem fraude, nem machinações, é mister trabalhar infatigavelmente pelo espaço de vinte a trinta annos ; ao depois elle recosta-se em rica poltrona de macio velludo, e descança das fadigas de seus afanosos trabalhos industriaes, litterarios, ou commerciaes.

Depois das fadigas d'essa vida turbulenta, e cheia de penas laboriosas, os Europeos principiam a dirigir os passos de seus filhos na carreira da vida, tendo-lhes já dado antes uma educação moral.

Éo trabalho a melhor mina e a mais rica de uma Nação. Nessa America do Norte, os Americanos tiveram só difficuldades a superar ! O solo é ingrato e esteril ; mas o amor do trabalho e da gloria de verem sua Patria, rica, grande e florescente, fez com que não recuassem diante de sacrificios, e fadigas, a esses verdadeiros amigos de sua Patria.

Todos acháram em seu amor nacional, forças, coragem, constancia, orgulho e altivez, para conseguirem ver coroados de gloria seus afanosos trabalhos. Franklin, Washington, e outros bravos patriotas tomaram a sua defeza pela causa da Patria ; e assim elles se coroáram com os verdes louros da gloria. Franklin, esse heróe, fez esforços inauditos para ganhar uma celebridade ; e só assim elle poderia obter a mão d'aquella de quem já possuia o coração. E o que é impossivel ao verdadeiro amor ? O que ha que o intimide quando elle é sublime e se acha enraizado ? nada !

Franklin, Washington, e mil outros homens, eleva-

ram-se ao apogeo da admiracão, porsua constancia, e dedicacão ao seu paiz; e é sem duvida com taes serviços que a Patria se manifesta agradecida. Os grandes serviços de Franklin foram a justa causa do triumpho de seu amor! O illustre Americano contava apenas vinte e um annos quando vio e amou Miss. Maria, filha do rico livreiro que o tinha recebido em sua caza para trabalhar na encadernacão dos livros de sua livraria. Foi ahi que elle destinava tres horas vagas do trabalho á noite, para se entregar á leitura dos mais preciosos livros; e em pouco tempo adquirio uma extraordinaria instrucção! o seu intellecto hia enriquecendo-se e desenvolvendo-se em suas idéas, prodigiosamente; a ponto d'aquella fecunda intelligencia assombrar em pouco tempo a seus compatriotas. O amor sublime, nobre e generoso, inflamava seu coração! Em sua alma sentia as chamas desse fogo Divino, chamado profundo amor! Elle cheio de aspiracões superiores de ambição e fortuna, para deppôr aos pés da Soberana do seu coração, da senhora absoluta dos seus pensamentos. Franklin tratou de vencer todos os obstaculos e barreiras que lhe tinha opposto a ambição do Pai de Maria! Mas como o audacioso Americano sabia amar com aquelle fogo de um amor puro e ardente, olhou em torno de si, deu um sorriso de despreso ás barreiras de bronze que se lhe oppunham; e disse sereno e tranquillo; Maria será minha... Depois Franklin levantou os olhos para o Céu e disse:—Meu Deos! protegei meu

futuro e minhas ambições de gloria ! então sim, que Maria será minha ! Eu depporei a seus pés gloria, celebridade, fortuna, amor, amizade, constancia e toda minha coragem infatigavel. E com effeito assim foi ! Doze annos mais tarde esse mesmo joven Americano de 22 annos, pobre orphão desconhecido e moço encadernador de livros, tinha-se já immortalizado pelos seus feitos, e raros talentos ! Elle, patriota corajoso, laborioso, infatigavel, audaz, ardente, e apaixonado amante, collocou-se nas douradas paginas da historia dos Estados-Unidos do Norte.

Imitai-o, oh ! vós outros Americanos todos ! E' pela constancia, trabalho infatigavel, estudos, industria honesta, que se adquire a felicidade, celebridade, fortuna e gloria. Franklin foi venturoso, pois Miss. Maria lhe consagrou seu constante amor. Sem fortuna não ha felicidade para nós, nem a poderemos dar aos outros ! tal é já a ordem do mundo civilizado, que todo aquelle que seja bom patriota trabalhe com afan para o engrandecimento da Patria, e para o seu proprio bem estar. Se as leis da nossa America, fossem as de Inglaterra e Estados-Unidos; então os Cidadãos teriam menos de que queixarem-se ! Em inglaterra não ha duas classes de codigos ! Ha sim leis iguaes para todos os criminosos, sejam da classe alta, ou da classe baixa da Nação.

Para vol-o provar historicamente, eis aquí um facto da historia Ingleza. Em 1663 Lord-Ferrers, filho de uma nobilissima caza, e entrelaçado com

a familia Real de Inglaterra, teve a desgraça de matar em um accessõ de colera, a um seu criado. Lord Ferrers foi julgado, e enforcado na praça Tyburn. Elle soffreu a pena, e rigor da lei! Valeu-lhe sua immensa fortuna, titulos, e o ser parente da caza Real? Não! d'elle ser enforcado na principal praça de Londres, não resultou nenhum opprobrio á sua nobre familia: e o seu irmão menor occupou dignamente o seu lugar na camara dos Lords.

Eujá vos mostro, ó Americanos, que sereis sómente felizes, grandes e poderosos, pelo amor ao trabalho, pela pureza dos vossos costumes, pelo respeito á honradez, á boa fé e lealdade, em vossos tratados com as Nações estrangeiras e para com todos em geral; porque a falta em nossas promessas nos faz perder credito, e reputação. Quando a boa fé faltar na sociedade, como poderá haver confiança, nem respeito? lembrai-vos que a perfidia e falça fé, é sómente abrigada nos corações corrompidos. Ella destroe as boas intenções, e aniquilla as qualidades nobres, que por ventura existam n'alma de cada cidadão.

E o que figura entre as nações aquella que já não póde inspirar a confiança? Um Gabinete d'Estado, ou um homem sem credito algum, sem honra, sem lealdade em suas promessas, que figura tão triste e humilhante não faz?! muito triste certamente.

Que ridiculo é o papel que representa na sociedade um homem que engana a todos

e que se ri da boa fé das almas nobres! que zomba da honradez e lealdade dos que nelle confiaram quando o julgaram homem de bem, respeitavel e virtuoso! Esse homem é a meus olhos mil vezes mais criminoso que o malvado a descuberto! porque esse não engana a ninguem na sociedade, e os bons lhe fogem, e assim livram-se de seus crimes, e perversas intenções. Em nossa bella America os estrangeiros sentem-se presos, e relidos pelo encanto da natureza, e pelas vantagens que lhes offerece um paiz ainda novo, e onde elles podem facilmente adquirir em poucos annos uma grande fortuna.

A proposito de estrangeiros direi alguma cousa de um joven Inglez aqui estabelecido. O Snr. Dr. Crok Penell, Medico Inglez do mais alto merecimento, talentos, e preciosas qualidades moraes; adornado de uma perfeita educação, de mil brilhantes qualidades, de um character meigo, e leal em tudo, tem-se tornado caro a todas as pessoas que tem a fortuna de o chamar amigo. Elle é perfeitamente cavalheiro na força da expressão! generoso, desinteressado, e cheio de probidade. Estas foram as cartas de recomendação valiosissima que elle trouxe aqui. E não poderia ter trazido outras que mais valor tivessem certamente.

Mr. Emilio Jaquemont, quando veio aqui ha já annos passados, apenas se demorou vinte e quatro horas só, e em suas cartas á sua familia, e amigos contou-lhes horrores do Brazil e dos Brasileiros!

nada elle achou de bom; e nenhuma pessoa do paiz teve uma só boa qualidade para esse viajante Francez.

Eu sem ser escriptora, nem viajante direi singelamente a verdade do que tenho notado.

Os Brasileiros de educação polida, de virtudes de talentos, e merito positivos, nada deixam a desejar, nem tem que invejarem aos outros homens de meritos das outras nações do mundo. Oxalá que elles tivessem patriotismo e orgulho nacional! que fossem desinteressados no serviço de sua Mãi patria, e ardentemente infatigaveis no trabalho a que cada um d'elles se dedicasse.

Direi ás Mãis de familia que tenham por conveniente formarem os corações de seus filhos, cheios de virtudes, de altivez e que tratem sempre de aspirarem a cousas superiores! que detestem o egoismo como sentimento mesquinho, que envillece ao homem, ou a mulher que o abriga em seu seio.

O coração egoista nada ama na vida senão a si! Não se interessa por ninguem que não lhe pagar bem caro seus serviços ou protecção. Já vês senhoras que brilhante é a missão da mulher no mundo! não penseis nem por um só instante que os preciosos, e sagrados deveres da maternidade sejam sómente conceber, e criar seus filhos! mas sim formal-os tão preciosos em suas qualidades moraes que a sociedade inteira depois tenha gloria, e orgulho de os ter no numero de seus considadãos. Cada uma de entre vós outras que diga como a celebre Cornelia

Mãe dos Craques—Meus filhos são minhas mais preciosas joias! e essa Mãe será abençoada por Deus, e idolatrada por seus filhos. Sejam bons, humanos! faceis em escutar os gemidos, e queixumes daquelles que imploram o nosso auxilio! misturemos nossas lagrimas de dôr!... ás lagrimas de sua miseria! e quando nada mais tenhamos que lhes dar em soccorro de sua indigencia, demos-lhes uma prova de dolorosa piedade!... uma lagrima de fraternidade, e sympathia. Dai-lhes um suspiro de bem sentida compaixão!... e eu vos asseguro ó senhoras, que essa lagrima de religiosa piedade, esse suspiro de verdadeira dôr, chegarão até o Throno da Magestade Divina! Deus receberá tudo, e de tudo isso hade receber-se recompensa duplamente generosa.

A mulher perversa, se receiará de taes pensamentos! porém a mulher abençoada por Deus dirá—Oh! como estas verdades filtram docemente no coração! a nossa alma sente-se tão feliz da alheia felicidade! Como nos sentimos cheios de doce alegria ao pensarmos que jamais perdemos a occasião de fazermos bem aos nossos semelhantes! E pôde haver mais preciosa riqueza do que esta sublime convicção que dentro d'alma sentimos instante por instante da vida? não, nada euconheço de mais bello e nobre. Eu termino este insignificante manuscrito que tão falto de interesse é já em si, e além disto, elle era destinado ao Jornal das Senhoras, e não para figurar nas paginas de um livro. Todo elle compom-se

de pensamentos soltos, e quasi sem seguimento, nem methodo algum. O Pintor em seus primeiros traços de pincel será menos imperfeito, do que eu com inhabil e pobre penna neste primeiro traço sem estudo algum. Peço aos meus leitores indulgencia plena para desculparem todos os erros e imperfeições deste pequeno trabalho litterario. Na segunda parte se achará talvez mais interesse, e menos imperfeição.



ZAIRA AMERICANA.

SEGUNDA PARTE.



AO LEITOR.



Eu prometti dizer alguma cousa da Turquia Européa nas paginas d'este singello e pouco interessante livro. Bem que eu não tenha o talento e graça infinita do author das Cartas Persanas, nem do celebre author do Athalá, cujo estylo oriental é acompanhado de tão preciosas flores de eloquencia, que tornam tão bello seu gracioso modo de narrar; todavia sem essas alheias e custosas galas de eloquencia, e talentos emprestados direi alguma cousa com a minha singella naturalidade. Sou muito altiva, e não gosto de ataviar-me senão com aquillo que seja muito meu. N'esta segunda parte do meu livro se notará o que já se tem visto na primeira; ideias sem nexos, pensamentos soltos e variedade de objectos que servem só para dar alimento á minha ardente imaginação, e entreter-me para distrahir-me dignamente.

A litteratura é ao meu ver um solido divertimento, e nas letras passamos horas agradaveis que alliviam as penas do coração. Nos livros achamos motivos para serias reflexões, e conhecemos que a felicidade n'esta vida só existe em nossos desejos, pensamentos e ardente imaginação.

Entre as pessoas da maior distincção e grandes meritos dos paizes estrangeiros, com as quaes sustento uma correspondencia epistolar; é uma dellas o Douctor em chefe da Guarda-Imperial de Constantinopla. Esse nobre, de origem veneziana, é Turco de nação, educado em Paris, onde estudou os difficilimos estudos da medicina. Sabio, cavalheiro em extremo, e grato em amizade, assim como leal amigo do seu soberano, deu-me desse benigno e nobre Monarcha, as noticias que eu aqui vou dar do Grão-Senhor da Turquia.





**Algumas noticias da Turquia Européa, seus
trajes, leis, e observações ácerca do actual
Grão-senhor, e seu bondadoso caracter.**

CAPITULO I.

 Sultão actualmente reinante chama-se Abdul-Medjia-Khan, foi elevado ao throno no 1.º de Junho de 1839.

Seu antecessor (o que destruiu os Janizaros em 1826,) era Mahmud II, nascido em 1785, e morto em 1839. Foi elevado ao throno em 1808 por Mustaphá Beiraktar chefe dos Janizaros em lugar de Mustaphá IV.

Apezar dos grandes esforços d'esse Mahmud II para civilisar os Turcos, e evitar a total decadencia da Turquia, foi no seu reinado que esta maiores golpes soffreu dos Russos.

Em 1812 a paz Bulkarest cedeu aos Russos a Besserabia. Em 1817 a Servia, a Moldavia e Valachia se tornaram quasi independentes sob a protecção da Russia. Em 1819 foi reconhecida a independencia das Ilhas Jonias. Em 1828 a Grecia se libertou do jugo turco, depois de oito annos de sanguinolenta guerra. De 1828 a 1829 nova guerra lhe suscitou a Russia, que esteve a ponto de entrar em Constantinopla: a intervenção das potencias europeas, e o tratado de Andrinople (em 1829) puzeram então termo a essa guerra.

Em 1833 Mahmud foi por tres vezes derrotado pelos Egypcios, ou pelo Pachá do Egypto Mehemet-Ali, que se tinha tornado independente por manejos e protecção da Russia, e ficou á disposição desta pelo tratado do Vukiar-Sketessi, tinha começado nova guerra com Mehemet-Ali, quando morreu, depois de ter perdido o seu exercito em Nesib.

« O novo Sultão teve portanto muitas perdas a reparar, e Deos sabe a sorte que o espera, porque as taes Potencias Européas hão de abandonal-o, e deixal-o só a braços com o grande Moscovita, que ganha terreno cada dia para depois engolir a todos. O erro d'ellas será grande, mas talvez seja tarde quando queiram emendal-o. »

Os Janizaros, creados por Amurat I em 1362, ou por Bajaret I em 1389, e destinados para a guarda do throno e defeza das fronteiras, eram a principio em numero de 6,000, mas foi crescendo muito, e crê-se ter chegado a 30 ou 40,000. Era uma milicia escolhida dos mais bellos homens e bem disciplinada, que fez grandes serviços, mas que abusou a final pelos muitos privilegios que tinha, e pela sua muita preponderancia, do mesmo modo que abusaram em Roma as Guardas Pretorianas, e na Russia os Strelitz.

Mahmud II foi um homem de talentos, energia, coragem e grande espirito! seu filho, que é o actual Grão-Senhor da Turquia, tem herdado mil qualidades brilhantes e raras virtudes de seu pai. Na pagina antecedente já se vê que Mahmud II foi um grande soberano.

Em 1826 destruiu elle 40,000 Janizaros dos quaes se compunha sua Guarda Imperial, para poder fazer sua grande reforma em toda a Turquia. Os Janizaros oppunham-se a qualquer sorte de reforma no Imperio Ottomano ! Aferrados aos seus antigos costumes, e usos nacionaes, elles não queriam reformas, nem innovações.

Mahmud II não queria descer ao tumulto sem ter feito a reforma que de ha tantos annos pretendia fazer. Seu plano combinado, elle o pôz em pratica com grande dissimulo e silencio. Um dia aproveitou a occasião de uma desordem na Guarda Imperial, e lhe ordenou que se recolhesse por dous dias a seu grande quartel. N'essa mesma noite ordenou attacar fogo ao quartel pelas quatro partes, e queimados ficaram 40,000 homens Janizaros, que era a flôr e bizzarria das tropas Turcas. Esses homens tinham sido sempre o flagello dos Sultães, e da Turquia. Elles acclamavam e assentavam no throno imperial a um Sultão, e tres ou quatro dias depois subiam as escadas do palacio, e aproximando-se do Grão-Senhor assentado este em seu magnico throno, os Janizaros tiravam de sua bainha uma espada curta e de lamina larga chamada yathagan, e diziam ao Imperador :—Tu não governas bem !—a cabeça do Grão-Senhor saltava fóra do tronco no mesmo instante. Tantas vezes elles repetiram essas scenas de horror ! e não sómente com seus soberanos, se não com muitos dos seus concidadãos tambem. Desgraçado do pai que tivesse filhas bonitas ! as cabeças d'esses velhos respeitaveis e excellentes chefes de familia saltavam fóra dos seos collos com a

mesma facilidade que as dos Grão-Senhores seus soberanos.

O dia em que ficaram extinctos os Janizaros, foi um dia de inexprimivel jubilo na grandiosa e vasta capital do Imperio Ottomano! Constantinopla illuminou-se por muitas noites, e a felicidade e alegria foi geral.

Constantinopla, capital da Turquia Européa, é uma immensa e grandiosa cidade cheia de praças e bellos ed.fícios de architectura moderna. Milhares de homens de todas as nações do mundo gyram activamente pelas ruas d'essa immensa cidade, rica, bella, alegre, e de graciosas vistas. O numero dos habitantes da Turquia Européa é de oito milhões e novecentos mil habitantes. O clima é bello, a natureza rica e fertil. A capital do imperio tem centenaes de magnificas Mesquitas, sendo a principal de entre ellas o magnifico templo de Santa Sophia fundado pelo imperador Justiniano. Esse Templo é de extraordinaria grandeza e riqueza! No dia em que ficou terminado, Justiniano entrou n'elle, e, radiante de alegria, e ebrio de orgulho, exclamou: — Gloria a Deos! venci-te, oh Salomão!! — Tanto foi o prazer que sentiu o seu fundador ao ver tanta magnificencia reunida.

O altar-mór é de ouro e prata fundida. Hoje esse templo é a mais rica Mesquita dos Turcos, e elles entretém seu luxo, asseio e riqueza. Os Turcos vão ás suas Mesquitas duas vezes ao dia fazer oração, de manhã cedo e ás Ave-Marias. Alli n'aquellas Mesquitas elles ficam collocados como milhares de estatuas, com os braços cabidos e sem fazerem o

menor movimento nem olharem para uma e outra parte da Mesquita, nem para ninguém. O respeito delles é profundo durante o tempo da oração da sua seita.

O modo de trajarem os Turcos é hoje quasi todo á Européa; porém as damas Turcas não deixam ainda o uso do véo nacional; esse véo lhes cobre todo o rosto, e n'isso ellas mostram o emblema do pudor, tendo seus semblantes preservados dos olhares curiosos dos indifferentes. Esses véos são de cassa branca, e o rosto fica todo coberto menos os olhos e a testa.

Já na historia sagrada lemos que Sahara, mulher de Abrahão, foi a primeira mulher que fez uso do véo, e esse véo de Sahara custou mil moedas de prata. Os trajes das damas Turcas são de magnificas sedas de Italia e do paiz, e todos elles de alto preço. As caudas, ou Mantós, estão ainda em todo seu vigor, e o luxo Aziatico respira ainda em seus ricos adornos de lãas de Camello, cachemiras de subido valor, e pedrarias preciosas do Oriente, com as quaes ellas guarnecem seus lindos collos, e Turbantes. As damas Turcas sahem á rua sós, mas em companhia de escravas, ou criadas vestidas com a maior decencia, e mesmo luxo. Conforme a riqueza ou possibilidade dos maridos, assim é o numero de escravas que ellas levam em sua companhia. Ellas não fazem uso dos espartilhos, e quando Mylady Sophia Wurttelley de Montaigu foi a Constantinopla como esposa do Embaixador Inglez, e isto em 1718, as damas Turcas viram a Embaixatriz Ingleza tirar o seu espartilho nos banhos, e causou-lhes tanta admiração, que todas ellas o examinaram por todos

os lados, e lhe perguntaram se era enfeite exclusivamente d'ella, e dado por seu marido para a tornar mais bella e elegante. (1) A Embaixatriz Ingleza, como senhora de grande espirito, e grandes talentos, tudo observava e escrevia ao depois em suas cartas de inestimavel valor.

As mulheres Turcas são de extraordinaria belleza! ellas todas tem lindos olhos negros, travessos e brilhantes.

Em geral, as mulheres, e senhoras Turcas são cheias de espirito, vivas e graciosas, no interior de suas cazas, e nas reuniões de familia, que tantos encantos tem sempre. Os Turcos são ciumentos até o furor! indolentes e dados aos prazeres com ardor; detestando tudo aquillo que é trabalho, ou serias occupações. As artes, sciencias e industria, ainda estão no maior atrazo na Turquia Européa.

As Sultanas usam um luxo quasi fabuloso! A esposa do Grão-Senhor traz em um só dia emcima de si mais pedras preciosas do Oriente, e mais riqueza, do que muitas Soberanas da Europa guardam em suas caixas de joias! Seus Turbantes estão cobertos de pedras do mais subido valor, e o peito dos vestidos estão da mesma sorte cobertos d'essas joias de brilhantes e pedras preciosas Eu tenho os retratos das mais formosas Sultanas, e vejo que Milady Montaigu não exagera nada.

A pompa e a grandeza que a historia nos conta da bella Cleopatra, é bem pouca cousa em comparação das immensas riquezas e profusão dos Impe-

(1) Leiam-se as preciosas cartas de Milady Montaigu.

radores da Turquia, cuja descripção por differentes authores assemelham-se aos contos das mil e uma noite.

A Embaixatriz Inglesa não disse senão a verdade em tudo quanto ella escreveu a respeito da Turquia.

O Imperador tem umas poucas de fardetas cobertas de brilhantes, Esmeraldas, Perolas e Rubins do Oriente. Sua barretina para os dias em que elle dá, ou passa revista ás suas tropas, é á européa, porém cheia de pedras preciosas de alto preço, assim como toda a sua Espada.

A figura do grão Senhor é bella, elegante, e em toda ella como em seu bello, e regular semblante, deixa-se ver a dignidade, e magestade de um poderoso Soberano. Adornado de mil virtudes, de muito espirito, de energia e talentos, elle se faz respeitar, e amar de seus povos, e vassallos que o amam como a um Pai, e a um amigo! o amor da patria arde em sua nobre alma.

Os Turcos que são fanaticos pela sua patria, e costumes; gostam de achar em seu Monarcha esse patriotismo que liga as sympathias dos povos com o Soberano! o Grão-Senhor da Turquia é fino politico, e sabe que seu throno é e hade ser sustentado sómente pelo amor de seus povos, assim como foi o throno de seu virtuoso e energico pai.

O Grão-Senhor, escuta, e attende com summa bondade as queixas dos seus vassallos contra ao oppressão, e despotismo de seus Ministros de Estado! depois que com bondade escuta, com rigor manda fazer immediatamente justiça! dessa sorte os vassallos o adoram, e seus Ministros o temem.

Cavalheiro, e polido com as Damas, que quasi todas lhe dão o tributo justo de uma affeição espontanea, e bem merecida, ellas todas disputam-se á porfia um olhar de seus espressivos olhos negros, um sorriso afagador de seus labios de carmim. Querido de seus subditos, amado das bellas, respeitado por todos, o benigno Soberano da Turquia morrerá em seu throno de ouro, perolas, e rubins, se Deos não derribar com Sua soberana vontade, esse mesmo throno! porque á suprema vontade do Altissimo, nada resiste.

As leis são fortes e salutiferas ao povo Turco, até os mesmos brutos são protegidos, e não se consente que elles trabalhem ácima de suas forças, nem que sejam castigados senão com muita moderação. Os filhos das escravas nascem livres pelas leis do paiz.

As leis da Turquia são tão fortes, diz Milady Montaignu, que todo o homem que fôr convencido de levantar uma calumnia infamante contra a honra alheia, ou dito alguma falsidade que ataque a reputação, é queimado na testa com um ferro em braza! Milady acrescenta:— ó que grande lei! por que não existe ella em Inglaterra? quantas testas de mentirosos e calumniadores se queimariam por dia!!!

E eu direi tambem ó que grande lei!

A hospitalidade é sagrada para os Turcos, assim como para os Arabes, e um mendigo póde apresentar-se na porta de uma caza a hora de jantar, porque immediatamente elle é assentado á meza da familia como um de seus filhos. Na minha pa-

tría é costume levantar-se da meza uma das meninas da familia, e ir levar ao mendigo que bate á porta da sala, um prato de comida, porém na Turquia é mais santamente desempenhado esse pio acto de religião e caridade. E dizem que os Turcos são barbaros ?! quem sabe assim desempenhar os deveres da caridade de Deos não é tão barbaro.

Sinto não ter noticias circumstanciadas ácerca da Turquia e limito-me a estas ligeiras idéas que dou de uma nação tão longiqua de nós.

Homenagem aos Artistas de superior esphera, e aos dignos Monarchas que os protegeram, assim como ao genio de outros grandes homens.

CAPITULO II.

COMO eu amo com paixão as letras, e artes, não posso passar em silencio alguns factos que muito honram aos Monarchas que protegeram aos Artistas de celebridade, e que com a protecção regia, desenvolveram extraordinarios talentos. Tyzziano, esse genio da pintura, achou seu protector no grande Imperador Carlos V.; e o genio do pintor deu um rapido vôo! e o seu pincel vigoroso, e forte de expressão, deu ainda magnificos traços na tela de seus quadros, quando já Tyzziano contava 93 annos ! mas o genio superior não tem sexo, idade, nem côr ! é sim uma criação celeste, luminosa, fulgurante, e á qual o homem chamou genio ! Carlos V protegeu os talentos de Tyzziano e honrou de sua estima, e amizade a esse grande ho-

mem do seu seculo. O Imperador ia muitas vezes visitar a Tyzziano em seu gabinete de trabalho, e alli parava extatico longas horas a admirar o genio superior do homem artista. Um dia cahiu da mão do pintor o pincel com que dava divinos traços em uma tela que o Imperador admirava! Carlos V inclinou toda sua magestosa figura, e levantando o pincel lh'o entregou ao pintor ainda em cima do seu cavallete. Tyzziano cheio de gratidão beijou commovido a real mão de seu protector.

Maria de Medicis, Rainha de França, protegeu fortemente ao grande Pedro Paulo, Rubens, pintor Flamengo, e um dos mais celebres e distinctos pintores antigos. Ainda hoje se vê no Palacio do Louvre, em Paris, os salões, e galerias cheias dos quadros de inestimavel valor do grande Rubens! e a bella e formosissima Maria de Medicis, que deu a Rubens, uns poucos de milhões de francos, poucos annos depois foi morrer em extrema miseria em Colonge! mas Rubens, e Luiz XIII de França, um filho de Maria, e o outro seu protegido eram homens! e o que poderia essa Soberana esperar da calculada ambição, e do frio egoismo do coração do homem? além disso Rubens era assim como Rambrand; de uma sordida avareza! Nós outras protegemos a virtude, o merito, a desgraça, sem o menor interesse, nem recompensa! mas os homens inferiores em tudo á nós outras, não conhecem a gloria da protecção generosa e nobre que a mulher superior dá, sem que a manche a menor ideia de interesse particular.

Isabel de Castella, chamada a Catholica, protegeu

ao grande Genovez Christovão Colombo, descobridor da America ! outros Reis, e até D. Manoel de Portugal, recusaram dar protecção ao immortal Colombo ! porém Isabel de Castella o acolheu, vendeu suas joias todas, e fez as despezas da frota que devia ir buscar um novo mundo, em ignoradas terras.

O genio superior é criação celestial das mãos do Altissimo ! é um dote precioso que Deos dá aos seus escolhidos, mas é mister que esses genios achem protecção que os alente, para o vôo ser despregado com audacia, e altivez ! O que teria sido o genio superior dos homens que a historia nos appresenta, se não tivessem sido protegidos por Monarchas que tanto luxo tinham da sua futura gloria ? D. Manoel de Portugal, protegendo os talentos superiores de Vasco da Gama, Isabel de Castella, dando toda sua real e generosa protecção a Colombo, Isabel de Inglaterra ao grande e desgraçado capitão Cuke immortalisaram-se ! mas só o verdadeiro merito é que protege aos genios !

Carolina Murat, Rainha de Napoles, foi incansavel protectora das letras e das artes ! Ella enriqueceu o Muséo Nacional de Napoles consideravelmente, e augmentou o medalheiro de antigas medalhas que alli ainda não existiam. Entre as preciosas aquisições que ella fez para o Muséo Nacional, uma das mais ricas, foi a compra de tres magnificos vasos Etruscos achados nas escavações das antigas cidades.

Carolina Murat, pagou por um d'elles duzentos mil francos ! por outro trezentos, e pelo mais rico quinhentos mil francos ! Ella conhecia bem o valor

das antiguidades, e tinha muito do genio de seu irmão o Imperador Napoleão.

Hoje Napoleão III imita bem aos seus nobres tios no grandioso de suas invenções, innovações e nos augmentos consideraveis que de dia a dia, elle faz em Paris para embellezar e enriquecer a França. Sinto summamente que elle seja tão despota! e que o seu despotismo o vá bem depressa precipitar do throno abaixo! e em meu modo de pensar o tinha julgado mais fino politico!... porém não o é em nada, como infelizmente o estamos já vendo. O Rei que é fino em politica, e que ama a possessão do seu throno, ganha as affeições, e conquista os corações! O amor de seus povos deverá ser as guardas de seu palacio!

Os artistas foram em todos os tempos protegidos pelos mais nobres e grandes Monarchas! estes davam aos talentos milhões de moedas de ouro! e o genio lhes voltava riquezas que não se podem pagar nem com montes de ouro! O talento e a intelligencia superior estão acima de todos os premios dos Reis da terra!

O celebre pintor Hespanhol Velasquez, fez um dia o retrato de um Almirante hespanhol, e este lhe mandou de bordo da sua fragata duzentas doblas de ouro em recompensa do precioso trabalho; o portador da somma levada ao pintor, era um escravo pardo chamado Juan, e por alcunha — Parelhas. — Juan de Parelhas voltou a bordo da fragata a levar ao seu senhor o recibo da quantia entregue ao pintor. O brutal Almirante deu-lhe de ponta-pés, e lhe disse: — volta já para terra, e vai dizer ao Sr. Velasquez que tu lhe ficas pertencendo

como seu escravo. — O pobre Juan de Parelhas maltratado, estropiado, choroso, appresentou-se nas portas da officina do pintor, dizendo-lhe que elle pertencia-lhe já como seu escravo, e como premio do retrato que elle tinha enviado ao seu senhor. Infelizmente para o pobre Juan, achava-se a officina cheia de moços travessos, vivos, sarcásticos, e de espirito e sangue hespanhol! Assim que o mestre voltou para seu gabinete de trabalho, os discipulos de Velasquez, escolheram ao desgraçado Juan para o alvo de todas suas travessuras; e principiaram a atirar-lhe por cima da cabeça com pinceis velhos, pedaços de lona, chinellos, e até com seus chapéos! O pobre homem tinha terminado o dia da escravidão do Almirante a ponta-pés, e todo estropiado; e principiava sua nova escravidão de segundo senhor, sendo o alvo de mil motejos, travessuras, e injuriosos tratamentos dos discipulos do Sr. Velasquez. O infeliz conheceu que elle tinha só nascido para ser desgraçado, e desatou a chorar! o mestre Velasquez veio felizmente ao seu soccorro, e o levou para o seu gabinete particular.

Juan ia de dia a dia sentindo-se cada vez mais affeiçoado ao seu senhor, e estes dois homens virtuosos entretiveram os laços sagrados da amizade até o seu ultimo suspiro de vida! Juan tinha com effeito nascido para ser desgraçado! logo eu o mostrarei. Elle varria a officina, sacudia o pó dos cavalletes, e n'esse trabalho quotidiano elle passava horas inteiras na contemplação de magnificos trabalhos de pintura. Com os pinceis velhos e pedaços de tintas que recolhia do chão, fazia na téla traços que aper-

feiçãoava cada vez mais, ninguem lhe tinha dado uma só lição de pintura, mas elle conhecia o modo de preparar as tintas, e dar-lhes na téla uma graciosa harmonia que fizesse realçar a expressão e o colorido. Elle via trabalhar e dar ao braço essa força de expressão, que impressa na lona faz a mais graciosa vista nas figuras que representa o todo do objecto artistico.

O pintor escravo, humilhado, e maltratado por cem travessos estudantes da grande officina de um celebre pintor, ia buscar em um canto do vasto edificio de seu senhor, a calma, o socego e a felicidade que na companhia dos homens lhe faltava ! Alli só, n'aquelle canto, elle pintava quadros que pensava ninguem nunca veria ! seus traços de pincel eram entretanto magnificos ! fortes, energeticos em sua viva expressão.

Seis annos tinham-se decorrido n'estes estudos sem mestre ! estudos silenciosos, sem censura, nem correção de mestre algum. Um dia El-Rei de Hespanha Felipe IV com toda sua brilhantissima côrte subia as alcatifadas escadas do Palacete do celebre pintor, e pelo outro lado das escadarias subia Pedro Rubens, Embaixador da Hollanda, com toda sua comitiva. As duas comitivas principiaram a correr e visitar os salões e galerias de magnificas pinturas. Rubens, como grande conhecedor, teve horas inteiras para extasiar-se diante dos quadros do immortal Velasquez ! O Embaixador contemplava cada um d'aquelles quadros, e os que achava mais preciosos e ricos, elle demonstrava todos os sentimentos entusiasticos de admiração !

depois inclinava a sua altiva cabeça de Embaixador diante do genio! e Velasquez, em perfeito cavalheiro hespanhol lhe respondia: — se algum valor tem os meus quadros, é sómente hoje, pois que o genio da pintura se dignou vir visital-os e honral-os com sua magestosa presença! duas ou tres vezes o Embaixador Hollandez apertou entre seus braços ao pintor hespanhol! este se dava por feliz de que Rubens admirasse assim suas pinturas, sendo Rubens um dos maiores mestres da Europa.

O Embaixador, avido de curiosidade e de admiração, ia dando volta aos quadros que em centenaes estavam virados contra as paredes da vastissima officina. Todos os discipulos de Velasquez alli se achavam formando duas alas, e cheios de orgulho e jubilo por verem a sua officina visitada pelo seu Soberano, e pelo genio da pintura flamenga! Rubens deitou a mão a um grande quadro que se achava voltado para o lado da parede, elle deu um grito de extatica admiração! Velasquez olha para a pintura e fica mudo!... e com seus olhos indagava qual de seus discipulos tinha sido o feliz author d'aquella obra-prima. Rubens pensou que só o Mestre Velasquez seria capaz de tão divinos traços! elle assim lh'o disse ao menos! Velasquez lhe disse que não era do seu pincel aquelle magnifico trabalho que todos extaticos admiravam! e voltando-se para os seus discipulos lhes disse:—qual de vós outros senhores, é o author de tão preciosa pintura? respondei! Todos os discipulos de Velasquez responderam a verdade, dizendo-lhe ao seu Mestre que nenhum d'elles era! Sim, de nenhum d'esses discipulos era essa pintura.

De repente olha-se para um canto do salão, e vê-se ao escravo João, tremulo... convulso... e dominado por um forte ataque de nervos! elle vem cahir aos pés de seu senhor, e seu melhor amigo, e segurando-lhe as mãos lhe disse com a voz entrecortada :—Senhor!... Senhor, fui eu quem o fez!... e depois a viva emoção da alma lhe cortou as palavras, e a voz expirou-lhe nos labios! O pasmo, a admiração dos mestres e discipulos foi inexprimivel! Os dous grandes pintores Rubens e Velasquez se inclinaram e levantaram ao genio que jazia de joelhos aos seus pés! El-Rei e a sua côrte chegaram n'aquelle mesmo instante ao meio do salão em que se passava esta scena tão digna de admiração. Rubens deu trezentas doblas de ouro pela liberdade do escravo, e disse-lhe a Velasquez:—não é justo que o genio seja escravo! Velasquez lhe respondeu : não senhor; e desde já eu mesmo lhe dou a liberdade! Depois voltando-se para o seu escravo lhe disse :—João, tu já és livre! O misero João cahiu novamente aos pés de seu senhor para beijar-lhe as mãos, e pedir-lhe que o deixasse morrer junto d'elle. O quadro tão admirado era com effeito uma obra prima!! Essa pintura representava a morte de São Mathias. Napoleão achando-o verdadeiramente uma obra-prima em seu todo, o levou para França, e com elle embellezou o Muséo do magnifico Palacio de Versailles. Ao depois a côrte de Madrid reclamou esse quadro, e Luiz XVIII, Rei de França o entregou.

Juan de Parelhas, livre e senhor de si, não quiz jamais separar-se de seu senhor! Velasquez expirou recebendo do escravo que elle tinha libertado, mil

desvelladas atenções e cuidados de fina e grata amizade. Juan ficou sempre na caza de seu senhor, e apenas tinha-se decorrido um anno, quando indo em companhia do marido de uma filha de Velasquez, seu joven senhor, foi attacado de noite em uma rua de Madrid, e ao alçar o braço o assassino para ferir de morte ao genro de Velasquez, Juan, o homem generoso e virtuoso, appresentou o seu peito, e recebeu o punhal no coração! tendo apenas tempo de lhe dizer ao seu amigo — fuja!

O homem nasce já com o seu destino! e o do excellente Juan foi enlutado sempre. E quem póde torcer o curso do seu destino? e o que poderemos dizer do nosso! Ah! Solon! Solon! como tu homem, eras verdadeiramente philosopho! assim o considerei sempre ao menos.

Rubens e Wandenk, tiveram fortunas de príncipes! seu luxo e magnificencia, eram verdadeiramente dignas de admiração; pois foi o talento de cada um, e a protecção dos grandes Soberanos quem lh'as deu, Rubens tinha uma nobre e magestosa figura; foi habil diplomata em honrosas negociações de paz, e feliz Embaixador em suas commissões de alta magnitude. O palacio do Luxembourg, e o do Louvre, appresentam ainda hoje centenaes de magnificos quadros d'esse grande pintor. Lendo-se a sua biographia, é que se sabe quem foi este pintor, e consumado diplomata flamengo, feliz em tudo.

O Duque de Mantua foi o seu primeiro protector; e seu primeiro mestre em Roma foi Ottavio Van-Ven.

Torquato Tasso, e meu modo de discorrer ácerca de seu delicado e infortunado amor. Paulo J. J. J., a virtude e os meritos perseguidos pelo crime da inveja, cujos effeitos e machinações fazem só a humilhação d'aquelles que as põe em pratica.

CAPITULO III.

NA noite de 20 de junho de 1577, apeava-se Torquato Tasso e sua irmã Leonor em casa do pai de Rubens, habitante e nativo da cidade de Anvers, na Hollanda. O dono da casa foi immediatamente receber ao illustre viajante e sua respeitavel irmã Leonor que acompanhava a seu irmão enfermo e desgraçado! O pai de Rubens disse ao grande poeta: — Sinto, senhor, que minha mulher esteja nos momentos proximos de dar á luz, porque d'esta sorte eu tenho que dar-lhe as attentões e cuidados que reclamam de mim o seu estado; mas no mesmo instante que nascer meu filho, eu virei deppôr-lh'o em vossos braços, e d'este modo vêr se lhe transmittís alguma faisca do fogo de vossa mente.

Torquato Tasso respondeu a esse lisongeiro cumprimento dando um profundo suspiro, e deixou cahir sua cabeça sobre o peito. Negra hypocondria dominava n'aquelles instantes a bella alma do amoroso poeta! Elle levantou-se depois, e com passos fracos e vacillantes passeou toda a sala que lhe tinha sido destinada, repetindo alguns versos da sua — *Jerusalém Liberatta*, — e por vezes o nome da sua Leonor resôu n'aquelle recinto merencorio. A luz debaixo de um globo de alabastro, é encoberta por

um tafetá verde, dava um ar de tristeza que harmonisava com o luto que cobria o coração do mais terno e apaixonado dos amantes desgraçados. Duas horas depois appareceu o dono da caza trazendo em seus braços ao infante que acabava de nascer. Torquato assentado em uma poltrona de velludo, e com seus pés appoiados em um banquinho, estava todo entregue a seus enlutados pensamentos!... Ao vêr ao Sr. Rubens junto d'elle, levantou a cabeça, e viu aquelle homem louco, radiante de contentamento. O recém-nascido lhe cahiu nos braços, e elle o contemplou com lastimosa e terna compaixão, dizendo-lhe: — Ah! homem, para que nascestes? serás acazo feliz ou desgraçado? Deos te proteja dos invejosos e dos inimigos! e se tu tens a desgraça de nascer com talento, possa Deos abençoar-te para sempre assim como eu o faço! Tasso abençoou ao menino; tirou do seu pescoço um cordão de ouro com uma cruz de ouro, e beijando-a religiosamente essa preciosa cruz, collocou-a ao pescoço do recém-nascido. Tasso entregou o menino ao seu pai, e disse-lhe:—Possas o vosso filho ser feliz n'este valle de lagrimas!... n'este mundo de corrupção... perversidade.... enganos.... perseguições.... e inveja!—Tasso levou seu lenço aos olhos, elle chorava! chorava de dôr e de piedade! Sim, porque tanto tinha soffrido n'este mundo de perversidade, A alma nobre e sensivel do poeta, sentia bem profundamente os martyrios pungentes da vida humana! sómente essas almas que muito soffrem, e muito hão supportado, são aquellas que mais sensibilidade tem para os padecimentos alheios, e mais

tédio sentem para com a condição humana. O que diria Torquato Tasso se conhecesse o nosso seculo! Ah! então elle acharia que a perversidade do coração humano tinha chegado ao zenith! Infeliz condição humana, quanto a lastimo!... porém depois d'este, ha outro mundo, outra vida, e essa vida é eterna! immutavel! alli chorarão eternamente aquelles que n'esta vida tenham feito chorar aos outros!....

Quando eu digo alguma cousa de Torquato Tasso, quizera discorrer longamente ácerca d'elle. Tasso soffreu muito e sempre; quantos titulos preciosos á minha sympathia! Eu o sei amar em sua memoria veneravel, e amo com enthusiasmo seus Poemas, seus cantos, seus pensamentos, e suas ternas e preciosissimas vigílias, composições filhas d'aquella mente divina! mente abrazada pelas chammas de um fogo celestial! chammas ardentes que só Deos inflamma e apaga!... Tasso! como a minha alma comprehende fina e delicadamente os sentimentos que o Altissimo imprimiu outr'ora em teu nobre e apaixonado coração! e como por um favor do Céu, a minha humilde mente sabe apreciar a sublimidade do fogo abrazador, que qual uma Aureola de gloria te circulava o cerebro! te inflammava a alma, te queimava o sangue e o coração: sim, homem terno, virtuoso e desgraçado, eu parece-me que vejo até o arquejar do teu opprimido peito!... o triste soluçar do teu coração ulcerado.... e gottejando sangue, o soluçar e o pranto nasce do nosso coração. Ai! Tasso! tu não te houvesses immortalisado, se tivesses sido feliz em teu sublime amor? não, era

elle profundamente grande e bello para poder ser jamais feliz !... e esses martyrios.... os pungentes tormentos... que myrrham a existencia, e roubam a razão, não teriam sido tão bellamente expressados pela tua penna de fogo, pelas tuas expressões de chammas inflammantes.

O doce veneno do amor infeliz, filtra gotta a gotta no coração, e quem tem a suprema desgraça de n'elle recebê-lo, o vai insensivelmente sorvendo! tal pois lhe aconteceu ao sensível Poeta, gloria da Italia, orgulho do Parnaso, e assombro do mundo litterario. Que estímulo tão grande foi esse infelìcissimo affecto, para que os talentos do sublime poeta se desenvolvessem ! Se eu quizesse expressar-me exaltada e poeticamente, lhes chamaria a esses pungentes dolorosos tormentos.... divinos martyrios que tanta gloria causas! que tantas mentes haveis illuminado, que tantos genios tendes produzido sempre, em todas as épochas, e nações emfim. O amor feliz e bem correspondido, teria adormecido essas imaginações de fogo, teria empallidecido a Estrella d'esses genios.

Paulo Jones, o nobre Americano, tambem experimentou o amargor das calumnias na côrte da grande Catharina da Russia ! Elle depois de agraciado com honras e glorias bem ganhas e bem merecidas, soffreu a mais negra e indigna calumnia que infelizmente a Imperatriz acreditou ! E não nos importa com o credito ou descredito da classe baixa da sociedade, porque essa gente que não nos pôde honrar, não nos pôde tambem desacreditar; mas a Imperatriz da Russia prestar credito a uma calumnia

tão inverosímil, foi o que quasi enlouqueceu ao honrado Almirante Americano. Paulo Jones, como um grande homem que era, tinha inimigos! e esses eram Ingleses estabelecidos na capital do Imperio Russo. A inveja era quem movia toda a perseguição dos Ingleses contra o distincto e glorioso Americano. Elle tinha ganho combates Navaes contra os Turcos: elle tinha merecido bem a estima particular da Soberana sabia e energica que regia os destinos de um vasto Imperio, logo era preciso perdê-lo! derribal-o da sua gloria e esplendor. Paulo Jones era um homem cheio de virtudes, de talentos, de meritos, e de uma vida rigida e austera. Um dia os salões do Palacete que habitava o Almirante tinham ficado sós, e os criados da caza tinham-se afastado por alguns instantes. Eram nove horas da manhã, e entrou pela porta do pátio uma mulher velha, e uma rapariga de dezeseis annos, e ambas mulheres do povo Russo; a moça era linda, ella conhecia ao Almirante, e tinha desde ha muito pensado introduzir-se no Palacio, e approximar-se do austero Americano. A moça foi entrando, e passando de salão em salão, até chegar á porta da alcova, cuja porta entre-aberta ella empurrrou. Paulo Jones estava-se vestindo ao seu toucador quando se apresentou de chofre na alcova o agente provocador. A rapariga era linda, graciosa, mas a preciosissima seducção do pudor lhe faltava! e então pouco ella já valia. O nobre e virtuoso Americano, pegou nas mãos d'aquella bella moça, e a empurrrou fóra da alcova! Ella pediu lhe luvas e cambrayas para cirgir. Paulo Jones fechou a porta do apposento, e

tranquillo continuou a vertir-se. A moça vendo-se assim malograda em seus intentos.... torceu-se as mãos, mordeu-se os braços, arranhou o peito, rasgou os vestidos, e sahiu pelos salões dando gritos espantosos. A gente do povo Russiano é brutal, mas patriota! Toda essa gente reuniu-se em torno da rapariga, que chorava a gritos!... (As culpadas assim representam seus lindos papeis de farças.... e comedias!) A moça chorou, gritou, mostrou as feridas do seu corpo, e suas roupas em desordem e rasgadas! Ella disse-lhes á todos os que a ouviram —que indo pedir cambrayas e luvas para cirgir ao Almirante Jones, este intentára violal-a, e que ella resistira-lhe com toda a energia e pudor! O motim e bulha do povo Russo foi espantosa!... immediatamente a innocente e pudica.... donzella foi levada em triumpho, e o Almirante colmado de injurias e vituperios. A noticia espalhou-se, a calumnia girou.... circulou, como tudo o que é falso! os inimigos do Almirante Americano, achavam que não deveriam deixar passar tão boa occasião de perdello e para sempre!

A Soberana que deveria respeitar a virtude de um homem que jamais tinha desmentido seu caracter ativo e nobre, acreditou a infernal calumnia!

Catharina da Russia, toda sabia como era, foi enganada! e o homem respeitavel e virtuoso, ficou desacreditado e barbaramente calumniado! Paulo Jones, não sabia do que se tratava, nem se urdia contra elle! A pessoa que repousa calma e serena na tranquillidade de sua innocencia, da sua consciencia pura e limpa, nada indaga! nada pesquisa!

nada emfim escuta. Tal lhe aconteceu ao nobre Americano. Dous dias depois d'esse motim e bulha do povo Russo na porta do seu Palacete, elle foi comprimentar a sua Soberana, e a cujo serviço elle era empregado digna e gloriosamente.

Os officiaes do Palacio Imperial lhe impediram a passagem das portas do salão de entrada! o Almirante inquiriu a cauza de um tal insulto! os officiaes do Palacio lhe responderam que não a sabiam, mas que a Imperatiz ordenára o recuzarem-lhe a entrada do seu Palacio. O Almirante, attonito, confuso, e sem atinar com a cauza de uma tão grande desgraça, retirou-se, embarcou-se em sua carruagem, e foi vizitar tres ou quatro personagens da mais alta consideração da côrte. As portas de todosesses salões lhe foram igualmente fechadas! Oh! para tanta desgraça elle não tinha dado o menor motivo! seu coração gemia! sua alma estava opprimida de dôr!... Mas essa alma era Americana! nobre e altiva! portanto appoiava-se na sua consciencia e dignidade, e mais não quiz saber. Paulo Jones em tres dias e tres noites não comeu, e não dormiu um só minuto! a razão por fim o abandonou!... A idéa enlutada do suicidio... essa falta filha só da mais negra desesperação!... filha só dos crimes... e perversidade dos outros.... contra nós; essa idéa enlutada fixou-se em sua mente!... elle carregou duas pistolas, e as pôz em cima de uma meza do seu apposento, passeou ainda um quarto de hora, e ao depois cahiu em cima de uma poltrona, encostou os cotovellos na meza, e deixou cahir sua nobre e respeitavel cabeça entre suas mãos. Assim o assaltaram

um tropel de exaltadas; e sinistras ideias... ideias que nos fazem encarar o Tumulo com prazer á vista das penas, e amargores que nos rebouçam do coração. Esse tropel de pensamentos funebres... que abraza, e acaricia a mente do homem; ; apossou-se do cerebro do homem virtuoso, e respeitavel, que nunca tinha temido a morte! Assim todo entregue a tristissimas emoções de dôr, Paulo Jones ia terminar em poucos minutos sua gloriosa carreira pela desesperação!... pelo suicidio. Derepente elle sente empurrar a porta do seu gabinete, e appresentar-se o Conde de Segur, Ministro dos Negocios da França. O Conde de Segur era virtuoso, nobilissimo, e procurava mais aos seus amigos na desgraça, do que na gloria, e felicidades.

O Ministro da cõrte de Versailles approximou-se do Almirante, pegou-lhe em um braço affectuosamente, levantou-lhe a cabeça, e disse-lhe mil doces palavras de consolação, amizade, e religião. Mr. Jones ouviu com pouca attenção ao principio tudo! Depois prestou mais attenção, e acceitou a proposição que seu nobre amigo lhe fizera, de dirigir á Imperatriz uma memoria justificativa, e que destruisse completamente a calumnia inventada contra elle. O Conde de Segur entregaria em propria mão á Imperatriz essa memoria, e elle ia advogar a cauza de um amigo virtuoso, e respeitavel. O Conde passou a uma outra sala, e duas horas depois recebeu a memoria justificativa do Almirante, e partiu para o Palacio Imperial, dando um apertado abraço ao seu inconsolavel amigo! Ah! quanto vale

um coração amigo! Eu sei estimar os quilates dessa joia preciosa em mais alto preço que minas de prata, e ouro!... assim como sei desprezar todos aquelles que são indignos da estima da gente virtuosa, e nobre: sei altamente apreciar um coração amigo, virtuoso, e leal.

O Conde de Segur tinha em seu peito um nobre, e ardente coração, e capaz de todos os sacrificios, e herocidades, logo que elle deffendia a cauza de um amigo em desgraça. Elle subiu as escadas do Palacio da grande Catharina II, fallou com o maior interesse, ardor e dedicação, e mostrou a innocencia do Almirante, em desgraça da sua Soberana. A Imperatriz prestou a maior attenção, leu a memoria, e respondeu ao Conde que tranquillisasse ao seu amigo.

Ao dia seguinte deu a Imperatriz ordens ao Ministro da Justiça, e Chefe de Policia da côrte, para ser procurada essa rapariga cauza de tanto mal, e desgraça injusta. Correo-se tudo, fizeram-se mil indagações, e ella appareceu em um bairro suspeito de São Petesburg—em companhia da mulher velha que lhe prestava bem degradantes serviços. As inquirições feitas, soube-se que aquella moça era uma rapariga de vida alegre!... de uma conducta equívoca, e assim authenticamente provado. Dous dias depois o Almirante foi chamado á côrte, e Catharina o colmou de attensões, graças e honras, em reparação do injusto ultraje recebido pela calumnia contra elle espalhada.

Um mez depois deu-se-lhe o commando da Flota

ultima que elle commandou, e que foi incendiar a Flota Turca no Mar-Negro. Mr. Jones deu conta de sua ultima commissão Naval, desempenhada tão gloriosamente como todas; porém pediu sua demissão!

As almas nobres, e cheias de dignidade, perdoarão um ultraje por nimia grandeza! por demasiada magnanimidade, mas olvidal-o? é isso jamais!... o dardo quebra-se dentro do coração... para pungir a alma com as dôres que elle cauza!... o olvido d'essas injurias... seria até um crime de cobarde fraqueza!... Perdoar, sim! olvidar, nunca! Tal aconteceu a este nobre, e Gentil homem. A Imperatriz não teve imperio para poder retel-o por mais tempo ao seu serviço, e Paulo Jones partiu para a America.

A sua biographia é simples, e não dá esta interessantissima noticia que ha já annos, eu li nas memorias do Conde de Segur.

Gostei de que a roda da loteria das calumnias inventadas por ferozes inimigos... chegasse até o bravo, e nobre Almirante! Diz um singello e forte rifão Portuguez — que o mal de muitos consolo é! sim, porque a nossa alma sente um ligeiro lenitivo de não sermos sós, nos martyrios da vida! e para se conhecer a dôr... do espinho penetrante, e pungente... da calumnia é necessario te-lo experimentado!... de outra sorte esse veneno, esse acebar... infernal... da vida humana, não seria tão conhecido, e avaliado; quando os labios dos nossos semelhantes tambem o bebem, nós consola muito. Entretanto que mil palacianos falsos e sem verdade no

coração, sem lealdade na alma, tinham-lhe jurado ao Almirante uma eterna affeição! não houve um só d'entre tantos que se approximasse da Soberana, para advogar a cauza do desgraçado e virtuoso homem! só o Conde de Segur foi quem teve a gloria de salvar a vida, e honra do homem virtuoso, e calumniado! mas o Conde de Segur era Francez e nobre, como perder a occasião de praticar uma boa acção? impossivel! Se Mr. Jones tivesse disparado o golpe mortal, o segredo da verdade teria ido sepultar-se no tumulto!... e a calumnia infamante teria manchado a sua gloria. Elle nasceu em Escossia em 1756, porém foi menino, de menor idade para os Estados-Unidss, e passava por Americano.

Elle foi cidadão Americano, homem litterato e author de umas poucas de obras de merecimento. Morreu em Pariz em 1792. A assembléa legislativa nomeou uma deputação para assistir ao seu funeral.

Os Francezes tem a luxo de honrarem as cinzas dos estrangeiros de merecimento que morrem em França. O illustre estrangeiro está sepultado no cemiterio du Pere-La-Chaisse em Pariz.

CAPITULO IV.

**Reflexões judicelosas ácerca da utilidade dos
cortezãos de virtudes, e talentos,
ao lado de seu Soberano.**



S CORTEZÃOS virtuosos, de talentos e de honra, podem fazer ao lado do throno grandes beneficios a patria ; illuminarem ao seu soberano

com suas luzes, edifica-o com suas positivas virtudes! com seus exemplos de boa moral, e pedir-lhes graças, e favores para todos aquelles que justamente as mereçam, muitos beneficios para todos aquelles que gemem na miseria, e que não tem a ninguem por si no mundo! O cortezão honrado, e cheio de dignidade não póde nem deve pedir nada para si! se elle tem um nascimento illustre, nome glorioso, virtudes e talentos para que mais Titulos? depois o dote de uma rica intelligencia! e os homens, ou Senhoras com estas riquezas d'alma, fazem um grande bem á patria, quando collocados aó lado dos Soberanos.

Eu quizera sómente que se achassem ao lado dos thronos homens de virtudes, talentos, probidade, e firmeza de character, para fazer-lhes conhecer aos Principes os erros que commettem, e as injustiças! que lhes fizessem ver que o throno dos Reis é sómente sustentado pelo amor de seus povos! e para que possa existir esse amor é necessario que a sua baze seja a virtude, e justiça inalteravel do Soberano que rege os destinos da Nação. O valido virtuoso, e de talentos póde fazer grande bem, e felicidades á sua patria! encher de alegria, e commodidades aos seus concidadãos! elle póde por meio de sua influencia, e patriotismo dar grande, e energico impulso á industria nacional, á Agricultura do seu paiz, não deixando jamais em olvido, o commercio, as Sciencias, e Artes. A agricultura, e industria que sobre tudo é o que constitue a riqueza, e a felicidade de uma nação.

O cortezão adornado de virtudes solidas, de ta-

lentos, dignidade, e merecimentos, é por mil, e mil razões útil ao seu Soberano, e á sua patria! elle deverá ser em todo tempo, e circumstancias tão leal, e fiel amigo do seu Monarcha, assim como o deverá ser de seus concidadãos, e de sua patria! sim, por que o amor da patria ennobrece o coração que em si o encerra! é esse amor um fogo quasi divino que electriza o nosso peito, inflamma o nosso sangue, e faz vibrar fortemente as cordas da nossa alma.

As pessoas de meritos, e talentos ignoram por ventura que a existencia d'esse individuo, qualquer que elle seja, deverá de ser bem digna de lastima? Seus passos sómente trilham sobre um caminho excabroso, cheio de obstaculos, e de agudos espinhos! Sua existencia sem a menor tranquillidade, não é digna de inveja pelas pessoas de meritos que conhecem, e sabem justamente apreciar o enorme peso das serias responsabilidades que sobre elle pezam! Oh! brilhante, porém perigosa posição! infeliz d'esse homem que occupe a gloriosa tarefa de dirigir sabiamente os negocios do Estado!

Porque aquelles invejosos que o queiram perder, hão de necessariamente buscar-lhe inimigos que o calumniem, e deprimam até em suas proprias virtudes! Sim, porque os inimigos negam á virtude, e aos talentos seu justo valor. Quanto maior é a firmeza de character, elevação de sentimentos, de uma pessoa de meritos; maior guerra, perseguição, e ciladas, lhe armarão seus inimigos! as pessoas de pessimas qualidades, e sem dignidade alguma, estão promptas para tudo, e por tudo!... porém o individuo de positivas

virtudes, e activa dignidade, segue sómente o caminho do dever, e da honra, e não lhe importa com nada mais. A coragem que dá a dignidade, e a convicção da virtude, é inabalavel! o crime só é fraco, e cobarde, porém a força moral que dá a certeza do bem que procedemos; alenta-se cada vez mais no coração humano.

O vicio, o crime mostra-se na cobardia, na humilhação, no vacilar de suas acções! a virtude mostra-se, no inabalavel de sua firmeza; certa de que nem ameaças, nem promessas a fará trepidar na sua gloriosissima carreira.

O cortezão de virtudes edifica ao seu Principe; com suas luzes elle illumina-o e d'esta sorte esse Monarcha pôde governar virtuosa, e acertadamente. Para o Soberano de uma nação seu querido, idolatrado de seus povos é mister que elle proteja fortemente a industria nacional, que dê o exemplo de patriotismo! que mostre que ama a gloria da sua nação, que deseja vel-os felizes e ricos; e só o amor ao trabalho, acompanhado este de uma forte protecção, é que lhes pode dar a verdadeira felicidade.

Bernardote foi o mais habil de todos os Soberanos, que Napoleão formou! esse sim, se fez amar tanto que assegurou o Throno para o seu filho Oscar achar-se collocado, n'elle. Tanto é verdade que o amor dos povos vale mais do que grandes exercitos! e muitos Monarchas já o hão bem experimentado, depois de decahidos de seus brilhantes thronos.

Francisco VII de nome, Duque de La-Rochefoucauld, Principe de Marseillac; e o ultimo Daquê

de Cossé-Brissac, o sensível Mr. Dupaty, o virtuoso Bernardin de Sain-Pierre, e outros homens de preciosas virtudes, e grande probidade ; jámais se aproximaram de seus Soberanos para lhes pedirem nada para si! mas sim tudo para homens encarcerados, desgraçados, perseguidos, ou para implorarem a bondade dos Soberanos em favor da viuva honesta, desvalida, e rodeada de filhos sem protecção. E os Monarchas attendiam, respeitavam e estimavam a esses homens virtuosos que só lhes pediam graças para os infelizes sem protecção de ninguem no mundo, e feixados em seus carceres, acorrentados aos seus ferros, e com elles arrastando o peso de uma existencia dolorosa e triste. Dupaty esse homem virtuosissimo salvou trez homens já sentenciados á penna infamante da forca! elle como Advogado foi chamado aos carceres dos trez homens sentenciados.

Mr. Dupaty subio as escadas do Palacio de Versailles, e pediu á El-Rei Luiz XVI que lhe concedesse a graça de esperar só trez dias em quanto elle lia o processo dos infelizes innocentes, porém sentenciados á morte!—O Rey martyr, o pai de seus povos que jamais tinha deixado de ser bom, clemente, virtuoso, e sensível, concedeu ao joven Advogado a graça que lhe pedira. Dupaty leu o processo com toda attenção, pois que os sentenciados lhe juraram mil vezes que iam morrer innocentes! O Advogado de vinte e quatro annos tinha immensa virtude no coração! chammas de ardente e santa caridade n'alma, e os sentenciados eram pobrissimos, e nada tinham para lhe pagarem! logo

esse homem generoso e nobre, sómente era animado pelo santo ardor que pertence ás almas sublimes. O nobre Advogado fallou na tribuna da Advocacia Franceza, com tanta eloquencia! com tanto ardor! com tanta e tão forte convicção da innocencia de seus trez clientes; que todos ficaram assombrados da verbosidade, e das provas que existiam da innocencia dos sentenciados. Esses homens deveram a vida ao immortal Mr. Dupaty! e este ficou corôado de eterna gloria. As leis da Inglaterra são fortes! mas iguaes para todos! o Lord-Par do Reino, rico, grande, cheio de titulos, vai morrer na forca, assim como o pobre plebleu! e isto é uma consolação para o povo Inglez.

Quando fallei d'estes homens virtuosos que acima ficam já citados, lembrei-me do excellente, e probo senador Galvão! homem respeitavel, e digno da maior estima! Quantos desgraçados encarcerados salvou dos ferros! jamais lhe mereci o mais pequeno obsequio, pois que nem o conheci; mas sei, o quanto elle foi bom, e humano para com aquelles que gemiam nos carceres, olvidados do mundo inteiro.

Porque os infelizes não tem a ninguem por si, e raras são as pessoas nobres que afastam-se dos venturosos para correrem ao soccorro dos desgraçados. Eu entendo que a pessoa virtuosa para soccorrer ao seu semelhante; não lhe deverá importar com o sexo, idade, nação, religião, nem credo politico! faça o bem, pelo bem, e pratique os actos de virtude para obedecer aos preceitos do Todo Poderoso, e aos impulsos do seu coração humano, e nobre. Mas d'estas almas generosas, e nobres ha bem poucas!

O virtuoso Marquez de Montesquieu, o Principe de Marseillac, e outros cortezãos respeitaveis que fizeram tantos beneficios á humanidade, e á patria; são estes os cortezãos que eu estimo, e altamente sei apreciar, esses que nada pedem ao Soberano para si, mas sim, muito para os outros, que desvalidos e desgraçados não tem quem por elles se interesse. Os Monarchas deverão sentir grande estima pelo valido generoso e desinteressado! Eu assim o penso ao menos.

O Principe de Marsellac foi tão generoso que até recusou receber o ordenado que lhe pertencia como Governador de Berrey, e jamais pedia ao seu Soberano para si, porque pedia-lhe muito para os desvalidos sem protecção de ninguem. Um dia o Duque achava-se inquieto, e dominado por negra hypocondria — Luiz XIV lhe perguntou: o que tendes vós hoje que vos vejo inquieto, e triste? O Duque de la Rochefacould lhe respondeu: Sire, são as minhas dividas que me inquietam, porque não as posso pagar. El-Rei respondeu-lhe: e porque não recorreis á carteira dos vossos amigos? Ao dia seguinte Luiz XIV dirigiu-lhe um bilhete muito amavel, e um donativo de cincoenta mil escudos de ouro, acompanhado de um alto emprego no seu Palacio Real, e cujo despacho lhe era já annuciado no bilhete. Ah! hoje um pequeno emprestimo, de dinheiro que pedissemos á pessoa que mais nos devesse, que mais finezas, e obsequios de nós tivesse recebido sempre, a assustaria! lhe causaria susto, e terror panico!... mas não assustaria certamente a um coração nobre, grato, e delicado! esse ao contrario

sente grande jubilo quando pôde dar provas que deseja mostrar a gratidão que n'elle se abriga! quando a pôde mostrar á aquelles que mais altos favores deve; que nasceu nobre, e bem formado.

Mas oh! que raros são esses preciosos corações! que raros hoje.

Um dia Luiz XIV quiz experimentar melhor o ambicioso coração da Marqueza de Montespan. El-Rei principiou a distribuir ricos objectos por todas as Princezas; e as pessoas da familia da Marqueza; mas a esta nada lhe deu n'aquella occasião. — Ella que nenhuma altiva dignidade tinha, nem espirito, teve a lembrança humilhante de queixar-se! e disse-lhe á El-Rei, no fim da distribuição das joias: — e a mim não me daes hoje, nada Sire? Luiz XIV olhou para Madame de Montespan com um d'estes olhares penetrantes, e colericos que confundem como o raio! e lhe respondeu: Madame, quando eu vos dei o meu coração, pensei que já vos tinha dado tudo! A Marqueza ficou confundida! e eu gostei immenso quando li essa passagem, para que o ingrato Luiz XIV conhecesse que não acharia em toda sua longa vida, outro coração nobre e sublime como o da virtuosa La-Valliere!



CAPITULO V.

A liberdade do enthusiasmo, me concede ainda dizer algumas phrazes a respeito d'essa Dama incomparavel, a Duqueza de La-Valliere, acompanhadas estas reflexões, de outras ácerca da mulher superior, e delicada, e de alguns homens celebres que tanto padeceram e soffreram.



Duqueza de La Valliere, essa mulher generosa, terna, apaixonada, e respeitavel só amava de El-Rei de França o coração! Luiza de La-Valliere nada mais quiz de Luiz o grande! ella activa, virtuosa e nobre, teve a dignidade, e coragem de trocar seu brilhante Titulo de Duqueza, pelo humilde tratamento de Madre Luiza! Luiza de La-Valliere sabia amar de um amor sublime, ardente, e apaixonado! e um tal e tão fino amor, sabe só apreciar do objecto de sua afeição o coração!... porque tudo o mais não póde valer de nada; e um mundo inteiro de ouro, e de riquezas não tem o menor valor aos olhos da mulher nobre e virtuosa que do homem que ama, aprecia só o coração ardente, fiel, e delicado.

O homem fino, e respeitavel, é quem saberá altamente apreciar os dolorozos sacrificios do amor sublime, e votado aos soffrimentos!... esse só é quem comprehenderá os mysterios que se abrigam no coração da mulher extraordinaria e nobre em

modo de sentir, pensar, e amar. Mas d'onde existirá esse homem tão delicado, penetrante, e habil para poder prescrutar esses tão dolorosos segredos? Ella delicada quanto terna, nada quer, nada goza dos bens, das riquezas, da gloria do objecto de sua ardente, e amorosa chamam! mas sabe sim, tomar parte em todas as penas, e afflicções que opprimam o peito d'aquelle por quem gema!... Nessa sublimidade generosa mostra-se a verdade incontestavel do seu puro, e delicado amor! da sua constante affeição, que sem conhecer os prazeres, nem a partilha das felicidades, sente, e soffre o agudo espinho da dôr lenta... e occulta dentro da sua alma. A essa creatura que tão bem sabe sentir a poderosa influencia de uma affeição tão pura, e bella; bem se lhe poderia chamar o Anjo do soffrimento!... Sim, por que a materialidade impura não mancha, nem profanar pôde a santidade dos seus pensamentos, e elevados sentimentos.

Quem será tão feliz para poder dar uma definição que satisfaça plenamente; d'esse sentimento quasi Divino, ao qual eu chamo amor sublime? Quem poderá bem explicar o doloroso pungir de seus martyrios... e a inteira generosidade dos seus sacrificios?! Madame de Éstael, esse genio fecundo e incomparavel que tão finamente soube amar, e que tanto soffreu pela extrema bondade do seu coração. Ella mesmo, digo, não conheceu ainda bastante a soberania absoluta d'esse sentimento nobre, e raramente sentido no coração humano! Essa Dama de tão immensos conhecimentos, e talentos dignos de admiração; diz em uma de suas obras: — Fui amada

pelo meu segundo marido com aquella ternura, e ardente dedicação que eu tinha toda minha vida desejado ser querida, ser amada! Depois ella accrescenta estas palavras:— por que para ser feliz é mister que sejamos amados com a mesma ternura e dedicação que nós amamos! sem o que não ha, nem póde haver nenhuma ventura na vida para nós! amar só, não constitue nossa dita! Quando eu disse que eram raros os corações cheios de generosidade, para amarem de um affecto constante, disse bem.

A mulher formada por Deos para animar, e embelezar a natureza, para amar, e ser finamente amada, é quasi sempre condemnada ao soffrimento! aos martyrios.... e enlutada dôr!... dôr que toda a linguagem humana exprimir não pódel... Sinto que a minha esteril penna seja tão fria, e falta de expressão; mas o mesmo silencio não é tão cheio de eloquencia em tantas circumstancias da nossa vida; e algumas vezes não exprimimo-nos tanto sem que os nossos labios digam uma só phrase? e não nos inspira entretanto um respeito profundo essa muda linguagem do sentimento da alma? e quanto mais abafada é essa dôr, tanto mais dolorosamente ella punge.... e angustia o nosso coração. Ah! como os soffrimentos encurtam, e gastam a vida! e d'onde se achará a misera especie humana que mais tarde, ou mais cedo ella não soffra? as ricas, e douradas molduras do sumptuoso Palacio, não impedem que elle seja arruinado, ou venha abaixo quando o julgemos mais seguro.

Assim pois á fortuna não preserva ao coração humano de gemer dolorosa e amargamente. Heraclito,

esse philosopho hypocondrico que só chorava, e gemia das miserias do genero humano, tinha uma alma mais que sensivel e delicada, aqui no meu entender. A mulher extremamente sensivel, e piedosa tem mais motivos para padecer, do que para rir, e zombar como o fazia Democrito, esse philosopho insultador dos gemidos da pobre humanidade.

A mulher sublime, e pungida pelo soffrimeto silencioso do coração, será a unica que comprehenderá a linguagem de minha esteril penna! e as outras que só nasceram para rir e brincar, não entenderão nem as expressões mais laconicas.

Entre as senhoras com alma celestial, conheci eu uma que me fez a impressão a mais forte e tocante que jámais eu senti por nenhuma Dama Brasileira! Esse Anjo de doçura vive hoje ainda, mas ah! em que estado! misera condição humana!... não somos nada em este mundo!! não, nada. A Exm. Senhora Baroneza de V. B. é esse Anjo de candura! boa em extremo, sensivel, singella, meiga, e cheia de virtudes, de amabilidade, e possuindo em alto gráo a preciosa sciencia de ser boa e meiga em seu trato para com todos aquelles que tinham a dita de approximal-a! mas Deos é indifinivel, e ninguem póde penetrar os Seus altos mysterios!

A organização physica mesmo herculea, sucumbe em rapidos momentos! A organização moral mais rica, e bem disposta, soffre uma revolução intellectual de uma hora para outra! e esses homens, ou Senhoras tão felizes e envejadas do mundo inteiro; eis que em poucos minutos são o objecto da mais lastimosa e triste dôr! Já na historia sagrada lemos

a cruel metamorphose de El-Rei de Babilonia, o soberbo Nabuco do Nosor! Pobres humanos!... quem é aquelle que pôde chamar-se feliz? qual é aquelle que tenha direitos para rir-se, e zombar dos outros? Ah! ninguem! porque eu tenho lido muitos tristes casos, e visto pelos meus olhos pobres creaturas.... que hão sido, e são ainda muito perversas.... castigadas pela mão de Deos! Quanto as vejo humilhadas!... mas Deos sabe ser justo! para melhor nos vermos vingados entreguemos nossas causas ao Tribunal da Justiça Divina! Alli não se julga pelas falsas apparencias! alli não entra o ouro corruptor... e os juizes d'aquelle Tribunal não são muitos, não; é um só Juiz que existe para julgar as causas dos homens! e esse Juiz Supremo, é inabalavel, e incorruptivel. O que é desta vida nada vale!... nem seus premios, nem suas glorias, nada tem o menor merecimento aos olhos do homem pensador, que vê tudo ir desaparecendo como uma columna de ligeiro fumo... tudo aqui é vaidade! fumo! nada emfim. Todos os dias nós o estamos vendo n'este Espelho chamado mundo de chimeras!... o mais poderoso Imperador regendo digna, e gloriosamente seu vasto Imperio, fórte, energico, e tendo em sua mente mil ideias de futuras conquistas, de longas guerras, de glorias, e combates, eis que derepente ou pela mão do crime... ou pela justiça poderosa do Altissimo, elle desaparece diante de nós todos! um Marmore o cobre, e a terra o recebe! aquelle que lhe succede immediatamente depois, é colmado de todas as attecões, as homenagens, e acatamentos voltam-se para com aquelle que vai principiar a dar graças e fortunas!

CAPITULO VI.

Herocidade de Madame Thyerry. O Doutor Silveira, Infortunios de Gonzaga, e seus sentidos hymnos a Marilla, Amizade ardente, e nobre do Ermita João.



Entre as mulheres de herocidade, cuja historia singella e interessante ha uma, mas não me admira! esta é a esposa de Mr. Augustin Thyerry! este sabio cheio de virtudes, e bondades de coração, achou uma Senhora que ligou seu destino ao do homem joven cego, e todo paralitico! Madame Thyerry cazou com o nome, e a gloria, e não com o homem! o seu traje é sempre de luto, e elle indica a constante viuvez da joven esposa de um cego paralitico! tributo-lhe grande admiração, mas não me surprehende! — sei até d'onde chega, e vai a herocidade da alma superior da mulher extraordinaria.

Um dia eu achei um homem em uma caza de familia, em Nictheroy, d'onde nos achavamos de visita, e esse homem era um Medico. Seu olhar forte, e penetrante, deixava pelo seu brilho conhecer que n'aquella alma de homem, existiam chammas mui ardentes ainda! As graças de seu espirito, e seus talentos mostravam-se facilmente; mas esse

homem tão interessante pelo seu moral, estava da eintura para baixo paralitico ! Oh ! jámais olvidarei a impressão cruel, e profunda que me fizeram as palavras que elle me dirigiu, quando foi mister passar para o apposento da enferma que elle ia visitar—O Dr. Silveira disse-me : Minha Senhora vai ver um espectáculo muito triste agora ! e ao dizer estas palavras mandou a um seu escravo que estava encostado á sua cadeira que o levantasse ; o preto o carregou ás costas, e o transportou a um apposento immediato á sala d'onde eu ficava assentada. Que pena sentiu minha alma ao ver esse homem de um rico intellecto, brilhante pelos seus talentos, em um estado tão lastimoso, e triste. O finado Dr. Silveira teria n'esse tempo seus quarenta e sete annos de idade. Seu olhar era cheio de expressão ! todo elle adornado de espirito ; o Dr. era bom, humano, generoso, desinteressado. Quantos titutos preciosos para o meu coração, e veneração.

Tanta estima me inspirou o finado Dr. Silveira no dia em que o conheci : assim como minha alma sente um grande enthusiasmo de admiração, e estima pelas pessoas ricas de sentimentos nobres, elevados, altivos, sinto profundo despreso e tedio pelas almas pequenas... e que se collocam toda sua vida na triste posição de serem humilhadas pelas pessoas que lhe são superiores. Senti profundamente que sendo o Dr. Silveira um homem generoso, como o foi sempre para com todos aquelles que não tinham fortuna para o gratificarem ; uma cruel enfermidade o tivesse reduzido ao estado de completa paralecia em que se achava. Mas da pessoa rica de virtudes,

e talentos, o que só temos que admirar, e apreciar é sua organização moral! esse dote que a Divindade concedeu ao homem ao qual ella quiz mimosear com preferencia a outros homens, que menos mereceram seus favores.

O mais bello e gracioso physico póde ser estropiado, e desfigurado quando aquelle que possui esse bem se veja mais ufano de sua belleza! mas o moral é o que ha de mais precioso sempre, e em todo tempo. Eu tenho conhecido pessoas de uma rica organização moral; possuindo grandes cabedades de fortuna, e de uma para outra hora perderem a razão!... enlouquecerem completamente... e depois terminarem sua existencia cheia de virtudes; pelo suicidio! Já eu vi aqui trez cazos enlutados, de individuos que desceram ao tumulto privados da razão que era o seu mais bello adorno. A todas partes que os meus olhos mande, acho e vejo quadros enlutados... e que melhor mostram a miseria dos habitantes d'este triste e perfeito valle de lagrimas! Em um passeio de campo d'onde pensei ir achar alguns instantes de rapida distração; achei o quadro de um homem paralitico, com uma alma cheia de chammas! seu espirito fórte, e cheio de vida como o de um homem robusto, e na força da idade juvenil. Ao dia seguinte d'esse passeio, fui ao Theatro Francez, e pensei que a graciosa comedia as Preciosas Ridiculas de Moliere, me distrahisse um pouco das tristes impressões que em mim fizeram á vista do paralitico do dia anterior: assim não me aconteceu, e achei no mesmo Theatro motivos para derramar lagrimas sentidas, e de sincera dôr. Logo

depois da representação das Preciosas Rediculas, representou-se Le Vaurien de Pariz — O vagabundo de Pariz — apparece esse vagabundo assentado em cima de um banco em uma Praça publica; elle canta, dança, e de tudo ri; sua hilaridade é completa; sua alegria é radiante; seu traje feito em pedaços representava os tristes effeitos da preguiça, e miseria! entretanto que elle ria, e dizia dançando, e saltando, — sou muito feliz! nada me falta, e não ha vida mais alegre do que a vida de Pariz.

Esse vagabundo era cazado, tinha além da mulher, trez filhos na infancia, e todos morriam de miseria. A mulher, magra, pallida, cadaverica, com seus trajes em pedaços, trazia da mão dous pequeninos, e um caminhava por diante d'ella; seus passos, fracos, e vacillantes, mal podiam sustentar o emmagrecido corpo! essa infeliz mulher cahia de debilidade; ella, a misera, chegou-se ao vagabundo de seu marido (e quantos ha como elle!) chegou-se ao alegre miseravel, e lhe exprobrou com sentidas e justas queixas o abandono em que a deixava a ella, e aos seus pobres filhos; queixou-se da miseria, e fome em que gemia de ha tanto tempo. Os pequenos choravam, e pediam pão! diziam que morriam de fome: o vagabundo saltava, e ria de-zendo sempre— Ah! que não ha nada de tão bello como a vida alegre de Pariz — entretanto eu chorava ao contemplar aquelle quadro de dôr! a pobre mulher voltava para sua caza sem ter podido conseguir do marido que fosse trabalhar n'esse dia.

Cambaleando em seu caminhar por que tanta era

sua debilidade; voltava a infeliz mãe para sua caça, quando um homem que de perto a observava embuçado em seu Manto de inverno se aproximou d'aquella pobre mulher e lhe metteu na mão um bolsinho cheio de peças de ouro; e depois desapareceu tão rapidamente como o homem máu que foge diante do mendigo que lhe pede uma esmola! Aquelle desaparecia para não ser agradecido! este outro corre, e foge para não dar ao necessitado um vintem! Esse homem virtuoso e respeitavel á todos os titulos era o grande, e immortal Marquez de Montesquieu! esse homem que a historia nos apresenta trilhando sempre o caminho da virtude, e da honra. A viuva honesta, a pudica, e formosa Donzella, o orphão desvalido, o moço honrado, mas pobre, o velho desgraçado, o captivo christão nos ferros dos Argelinos, todos achavam aquelle nobre coração cheio de humanidade; de terna compaixão! Sua rica carteira pertencia só aos necessitados! O orgulho não entrou em sua bella alma jamais! elle sabia sim, ser nobremente grato; sabia fazer um emprestimo graciosamente, e com dignidade: sabia socorrer ao necessitado, proteger aos desgraçados.

Se esse homem existisse hoje, eu senteria por elle mais enthusiasmo, e ardente veneração, do que pelo maior Conquistador no meio de suas glorias!! Elle sabia enxugar as lagrimas, tranquilizar os corações que arquejavam dentro do peito do homem, ou mulher que soffriam!.. O Conquistador avido de gloria faz correr rios de lagrimas... e mares de sangue humano. Se me dissessem que eu escolhesse para a felicidade do meu coração

entre o glorioso conquistador, e o homem extremamente sensível, como o foi Monttesquieu ; ou certamente escolheria o ultimo para ser completamente venturosa ao seu lado.

A sensibilidade positiva, e extrema, não nos dá um minuto de felicidade, nem alegria na vida! pelo contrario, a dôr... que representa esse perpetuo—Naufragio... que se chama vida humana ; nos rouba toda á alegria do coração, e serenidade d'alma ; e como fugir d'essa vista merencoria — e enluctada ? distrahindo-nos com os livros na mão ? mas quem tem uma alma sensível busca sempre a leitura delicada, e cheia de sentimento, que nos possa fazer prestar-lhe toda á attenção, e que nos arranque ternas, e vivas emoções que façam palpitár o nosso coração!.. que faça vibrar as cordas da nossa alma ! e que as preciosas lagrimas do sentimento, banhem os nossos olhos. Eu gosto deste genero de leitura, ella me faz conhecer cada dia mais o genero humano!.. e sentir por elle o mais completo desapego.

Dirceu, ou o immortal Gonzaga, é ainda mais uma triste lição que nos dá a historia do nada das humanas glorias d'este vaidoso, e louco mundo, de illusões... de perfidias, e de miserias ! Gonzaga, bello, joven, cheio de virtudes, de mil talentos adornado ; no momento em que pensava ter chegado ao zenit da sua mais doce felicidade, no instante em que ia possuir a bella D. Maria Joaquina de Seixas, sua futura Esposa, é carregado de ferros ! mettido em obscuro carcere, em Villa Rica, de cuja Cidade era elle o Ouvidor — Acuzado elle, e os seus

companheiros de infortunio, de quererem dar o primeiro grito da Independencia do Brazil, e sem achar-se-lhes plano de conjuração, nem mesmo a menor carta que deppuzesse contra elles ; eis que o Visconde de Barbacena, Governador da Cidade de Ouro Preto, manda carregar de grilhões, e Algemas aos verdadeiros Patriarchas martyres da Independencia Brasileira! esses que só carregaram com a corôa do martyrio! ao dia seguinte da denuncia e traição do Portuguez Joaquim Silverio, foram os bravos, e corajosos Brasileiros (aos quaes deram o nome de conjurados, sem o menor plano de conjuração!!) foram digo, transportados de madrugada, ao dia seguinte, para a Capital do Imperio, e mettidos em carceres duros, e incomunicaveis! os seus nomes e gloriosos martyrios... passaram de seculo, a seculo á posteridade! Cem leguas caminhadas a pé por asperas Matas e caminhos aridos, acorrentados de grossas cadeias de ferro, sem poderem dar, nem um triste e ultimo Adeos a pais, Esposa, filhos, e amigos! e aos quaes não tornariam a ver mais!... e morreriam todos elles no cadafalso!.. ou no desterro longe da patria idolatrada, e cara! e de entre todos esses martyres, um porque era Poeta, porque tinha em sua mente o dom celestial da Poesia, e na alma as chammas divinas do amor sublime... apaixonado... e forte; foi o que mais se immortalizou!! Sim, era mesmo justo, pois que elle era o martyr dos martyres... tendo dentro do coração o infernal.. e pungente martyrio do sentimento cruel.. do amor! Gonzaga era de entre todos o mais desgraçado desses gloriosos martyres. Quatro

annos depois veio de Villa Rica o respeitavel Padre a quem chamavam o Irmão João, ou o Ermitão João que era virtuoso e honrado Portuguez, que fazia vida de Annachoreta na Ermida donde habitava em Villa Rica. Este santo homem não cessou de chorar a sorte infausta de seus desgraçados amigos, e orava dia e noite a Deos por elles.

Um dia elle ouviu no Palacio do Governador, Visconde de Barbacena, que tinha chegado de Lisboa o perdão para o infeliz Gonzaga e seus amigos, e companheiros de infortunio; o Ermitão poz-se a caminhar para o Rio de Janeiro, e caminhou Cem leguas a pé encostado a um bordão até chegar ao Convento de Santo Antonio, donde se hospedou: ahi pois elle soube que não era certa a noticia do perdão, mais sim uma barbara commutação de pena!

Os oppressores do Brazil, tinham, fazia já quatro annos antes, feito executar a sentença de mortê, contra aquelle a quem elles chamaram chefe da conjuração Joaquim José da Silva Xavier, o qual depois de carcere duro, ferros, miseria completa, e incommunicavel, foi enforcado! O respeitavel padre Portuguez Irmão João, entrou no Oratorio que se tinha armado na Cadeia do Rio de Janeiro, e nesse tempo collocada, d'onde é hoje a Camara dos Deputados. Alli elle apertou sobre seu coração, e pela ultima vez aos seus amigos! Alli elle soube que se lhes acabava de ler a babara... commutação de pena de morte, em desterro perpetuo!... para á Africa, e em pontos distantes, para não se communicarem nunca uns com os outros!! Os braços do virtuoso Ermitão, do fiel e delicado amigo, do ho-

mem respeitavel e sensivel se abriram en'elles cahiu a cabeça em desalento do immortal Gonzaga! elle esquallido, desfigurado!... a cabeça embranquecida!.. a barba longa, e nevada antes do inverno da vida!! suas roupas immundas, e em pedaços, mas ligado a grossa cadeia de ferro!... os dous amigos permaneceram longo tempo abraçados, mudos!... silenciosos... solemne, e sagrado silencio... da dôr extrema! oh! como eu te hei hospedado tantas vezes em minha alma!... depois d'esse silencio que não tem expressão; os dous amigos romperam em soluços! esse dom Celestial, o pranto veio em seu socorro! Gonzaga inqueriu noticias de sua Noiva, e a quem elle adorou! e ao depois immortalisou; sem que ella o merecesse.

O Ermita lhe respondeu que ainda vivia, e que gozava perfeita saude!! Gonzaga tirou do seu peito o ramalhete de flores que Marilia lhe tinha dado no dia em que a foi pedir em cazamento, e que elle conservava sempre em cima do seu coração como o seu mais precioso thesouro, e lh'o entregou ao seu Amigo, juntamente com as Lyras que elle tinha escripto com uma tinta feita do morrão da candeia que o allumiava na prisão. Tomai-lhe, disse, entregai tudo isto a minha adorada Marilia, e dizei-lhe que não me olvide!... porque o meu coração morrerá primeiro do que o meu constante amor! dizei-lhe que parto para os sertões d'Africa inculta, e bruta; mas que o seu Nome resoará nos bosques, e subirá até os Céus!.. Oh! Dirceu! porque não achaste um coração de fogo... de chammas ardentes que te correspondesse finamente? sabes porque o' Poeta,

terno, e amante apaixonado?.. porque o teu amor era bello! verdadeiro, extremoso; e sublime!! E esse tão santo amor não pôde ser correspondido senão por almas superiores em tudo!.. As almas vulgares não comprehendem os martyrios, nem a linguagem de um tão delicado e sublime modo de amar! Porque esse gelado coração de mulher não soube amar do mesmo amor que Dirceu sentia arder em seu coração? porque ella o sobreviveu de quinze dias só depois que o viu carregado de ferros e miseria! Ah! porque ella não sabia nem conhecia a felicidade suprema de saber amar de um amor unico!.. desse sentimento indifinivel em sua essencia quasi divina. O' Dirceu! tu merecias uma igual correspondencia a teu fino, e nobre amor.

Marilia de Dirceu falleceu ha oito ou doze annos; de idade de oitenta e quatro annos. Muitas pessoas conhecem essas Lyras de inimitavel ternura!... de tristeza, de sem igual melodia! outras pessoas menos felizes não as conhecem e ei-las pois aqui :

LYRA.

Leo-se-me em fim a sentença
Pela desgraça firmada ;
Adeos, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.

Auzente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Que vá para longas terras,
Intimarem-me eu ouvi ;
E a pena que então senti,
Justos Céos! não sei dizer.

Auzente de ti, Marília,
Que farei ? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma ; e por negaça,
Me está dizendo a desgraça,
Que nunca mais t'hei de ver.

Auzente de ti, Marília
Que farei ? irei morrer.

Por deixar os patrios lares,
Não me fere o sentimento ;
Porém suspiro, e lamento
Por tão cedo te perder.

Auzente de ti, Marília,
Que farei ? irei morrer.

Não são as honras que perco,
Quem motiva minha dôr ;
Mas sim vêr que o meu amor
Este fim havia de ter.

Auzente de ti, Marília,
Que farei ? irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com que amor nos quiz prender.

Auzente de ti, Marília,
Que farei ? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me ;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.

Auzente de ti, Marilia,
Heide amarte até morrer.

A triste sorte de Gonzaga, e de outras possoas virtuosas, e de ambos os sexos, cheias de talentos, e subidos merecimentos, me contrista, e vejo que tudo no Mar tempestuoso... da vida humana assim se passa. N'este instante me occorre de chamar-lhe:

Naufragio perenne,
De penas, e horror!...
A ti vida chamam ?
E eu, miseria, e dôr.

Tu, vista enlutada,
Quadro tenebroso,
Que mostras o nada,
De um mundo vaidoso.

Labirintho... horrivel...
Dedalo intrincado...
Em ti se confunde,
Futuro, e passado.

Um mar tempestuoso
De vicios.... paixões!...
Vaidade, loucura,
Cruéis perseguições.

Invejas odiosas,
Vis machinações,
E negras calumnias...
Falsas invenções.

Tudo lucha, e corre,
Apoz os humanos,
E no fim da viagem,
Um tumulo achamos.

Olvido!... e um tumulo!....
Que ninguem visita!!
Mas que cobre, e cinge,
Herva parasita.

Alli da saudade...
Não o rega o pranto,
Nem resoa um hymno,
De sentido canto.

Triste cemiterio,
Tudo em ti repouza!
Glorias, e paixões...
Encobre uma louza.

Ultima morada
Dos tristes humanos,
Cançados de penas...
Miserias, e enganos.

Depois que a alma dá um vôo á eternidade,
Das paixões que a prendiam libertada,
Começa para nós uma outra vida,
Talvez menos cruel e amargurada.

E a este mar procelloso em que embalados
No turbilhão vivemos das paixões ;
Nós, miseros mortaes, chamamos vida ?
Tendo só, luctas, penas, e afflicções.

Porto de salvamento eu chamo a Tumba !
Alli o anciado peito não palpita !...
As lagrimas da dôr não queimam faces,
Nem negro tedio o coração contrista.

Sentimos tanto horror por ti, ó morte !
Quando és um doce somno tão tranquillo !
Em ti tudo é repouso, tudo é calma ;
E a vida é para mim qual triste exylo.

Melancolicas hoje me acompanham,
Terpsichore, Melpomene, e Thalia ;
Sinto o peito opprimido de tristeza,
Perdendo assim minha harpa a melodia.

Corramos o funereo véu d'este quadro doloroso, e triste, que representa a vida humana em seu verdadeiro ponto de vista, e voltemos os olhos, e pensamentos para outro quadro menos funebre do que este. E' mister affastar do nosso coração, e ideias, por alguns instantes, essa tristeza, fiel companheira de minha existencia ! eu a sei amar bastante, assim como ella me acompanha sempre. Não é mesmo de estranhar que tendo já perdido todos os meus, que a melancholia domine constantemente a minh'alma, e pensamentos. Lord Byron, Eduardo, Young, Hervey, e outros celebres Poetas, que na historia co-

nhecemos. e admiramos, nos mostram que bem tinham elles experimentado o acebar da taça amargosa, que os homens chamam vida! feliz do coração que não sabe, nem póde amar! esse sim, que tudo acha risonho, e bello! tudo lhe sorri graciosamente, porque enfim está isento de dôr, e penas!... O egoista, que nada ama na vida senão a si, é esse o homem feliz! eu quizera ser feliz sem ser egoista! mas não é possível, porquanto só é feliz n'este mundo o que tem na alma a indiferença para com seus semelhantes, desgraçados por este, ou aquelle motivo de soffrimento humano. Existe a virtude, e sensibilidade, verdadeira, e a falsa!... eu julgarei melhor, se julgar pela verdade dos factos, e acções, que comnosco se praticarem; e só assim é que conhecerei a differença que houver entre o positivo, e o chimerico. Um traço de penna ácerca das illusões.



CAPITULO VH.

**Reflexões ácerca de certos caracteres, e das
illusões da vida humana. D. Francisco, seu
desventurado affecto, e morte infausta. Cas-
tigo de Deos. Lord Byron, e Milady Carolina
Labe.**



COSTUME de julgar pelas apparencias é o maior de todos os erros! quasi sempre uma pessoa adornada de mil virtudes, e preciosas qualidades moraes, julga os objectos de sua affeição por si! e entretanto nada ha mais perigoso, e mais frequente do que isso! qual é o coração virtuoso e innocente, que julga dos outros mal? nenhum, estou bem certa. S. Jeronimo quando falla do emblema da prudencia, que é representado pela serpente, e o da candura e innocencia, que é a figura da Pomba, ave confiante, meiga; diz assim o Santo Doutor — eu gostarei mais d'aquelle que tiver a dar um só emblema da candida innocencia, em troca de vinte emblemas da prudencia! por quanto, essa confiante innocencia de um outro coração nos mostra bem, que n'elle não entrou o erime, para conhecel-o e temel-o em outrem. Santo Agostinho, e São João de Deos, pensão como o Doutor Sagrado, acima já citado; e eu

como elles pensei, penso, e ainda heide pensar, bem que uma vez me disse uma Senhora discreta e virtuosa estas palavras, que jámais olvidarei ! — minha Senhora, se quizer ser feliz n'este mundo não pense bem de ninguem, e sim de todos mal ! eu senti horror d'esse sabio e judicioso conselho ! feliz de mim, se o meu coração, indole, e caracter tivessem sido formados para acceital-o benignamente, e não repellil-o como até hoje o tenho feito.

É certamente um grande erro pensarmos, ou julgarmos bem de um individuo, que com a mascara da infernal hypocrisia se appresenta na sociedade ataviado de falsas apparencias, e de virtudes que não possui ! e quasi sempre o homem, ou a mulher de caracter reconcentrado, taciturno, extremamente reservados, e cheios de cautellas em tudo, são justamente os mais temiveis, e perigosos na sociedade ! uma pessoa boa, e virtuosa não receia mostrar a nobre franqueza de sua alma, a lealdade dos seus sentimentos, e nunca tem medo da livre expansão da sua alma, por isso que seus sentimentos são cheios de pureza, e boas intenções. E a proposito de caracteres reconcentrados, e gente dissimulada posso citar aqui um triste caso acontecido ha já annos.

Em uma grande Cidade do Rio da Prata appresentou-se um sujeito estrangeiro. O Snr. D. mostrava em seu todo ser homem de bem, honrado, e portanto digno de ser recebido em uma casa decente, e honesta, como o foi em uma.

N'aquella familia respeitavel havia uma unica filha que era dotada de mil virtudes, alma sensivel,

candida, e nobre. D. Francisca era o idolo de seus respeitaveis Paes, e querida, e amada por todas as pessoas de sua amisade, que tinham a dita de approximal-a. O Snr. D. artificioso, reservado, dissimulado como um homem perverso, estudou as qualidades moraes daquelle Anjo com figura de mulher, para melhor enganar-a! Ella o julgou pelas falsas apparencias!... e pelos bons, nobres, e leaes sentimentos que sentia dentro de seu virtuoso coração.

Passaram-se seis, ou oito mezes de amisade, edia por dia ella recebia as visitas do amigo de seus Paes.

Elle fingio, o miseravel!... uma chamma amorosa, que estava longe de poder inflamar seu fermentido coração! porque um puro, e nobre amor, constante, e leal não podia morar em sua alma criminosa, e manchada!... D. Francisca o amava com uma destas affeições, que só as almas elevadas heroicas, e virtuosas podem sentir, e sabem comprehender! o homem unico no mundo para ella era o objecto de sua delirante paixão!... um mundo de felicidades não era nada para ella, se o Sr. D. não estivesse diante dos seus olhos! elle só constituia sua unica, e completa ventura! infeliz modo de amar! porém esse é o verdadeiro amor, que não mancha o nobre coração que o encerra. Entretanto que o miseravel D. fingia para enganar, e burlar-se de um Anjo de virtudes, candura, e innocencia, passou-se um anno e já a infeliz Senhora era victima não de uma affeição, mas sim de uma paixão desatinada.... delirante.... extremosa, e forte! as palpitações de seu coração rompiam-lhe o

peito, e seus martyrios estavam acima das humanas forças! mas a mulher tem heroicidade, e coragem para todos os tormentos, e tratos ciliciosos..... que lhe pungem a alma! o Snr. D. pedio-a em casamento, porém fixou essa epocha para dahi a dous annos.

Durante esse tempo de espera, esse homem teve a cobardia.... de abusar do verdadeiro, e extremo amor daquella joven Senhora, que o amava acima de tudo no mundo! a infeliz julgava do objecto de sua ternura por si mesma, e o achava incapaz da menor baixeza! entretanto que elle era capaz de todas!.... elle abusou da hospitalidade generosa; dos finos obsequios mil vezes recebidos, e pagou tanto amor, e dedicação, voltando em troca milhares de infortunios áquella que o adorava de havia tanto! A desgraçada Donzella era mãe!! Ella cahio aos pés de sua virtuosa mãe, e afogada em pranto lhe fez a tristissima confissão de seu infortunio.... e de que seu melindroso estado era demasiado adiantado.

A mãe virtuosa, e respeitavel ficou confundida com tal noticia; porém abraçando a sua desgraçada filha derramavam juntas torrentes de lagrimas de sincera dôr! de desesperação!..... que terrivel posição para aquellas duas Senhoras, que tanto sabiam avaliar os altos quilates da honra! Emfim a Mãe para occultar aos olhos da sociedade o estado melindroso de D. Francisca, retirou-se para uma casa de Campo, e alli separadas de toda a sociedade passaram algum tempo.

Os paes escreveram áquelle homem, indigno d'esse

nome, que fosse reparar a desgraça extrema de sua filha, e o opprobrio... de que elle se tinha cuberto para sempre! o miseravel respondeu que era casado! ó monstro sem entranhas, e sem coração!! sem fé, sem honra! e sem religião! porque fingiste um sentimento, que não podia entrar em teu peito?!... D. Francisca esperava só, para morrer, dar á luz, e escondia cuidadosamente a seus infelizes paes a tenção, que tinha de não sobreviver á sua desventura.

Desde o dia em que sua Mãi lhe mostrou a carta em que elle lhe dava tão terrivel noticia, a infeliz victima do crime, e da cobardia desse homem succumbio! Já não havia esperança para ella! A vida pois deveria ser-lhe um pesado fardo... e nem um só raio de esperança illuminaria com seu clarão o horisonte nebuloso, e carregado, do seu futuro!... assim o riso não deveria afagar mais seus pallidos labios, nem a alegria entrar em seu coração.

No dia em que deu a luz, tinha na sua alcova um pequeno Oratorio, com a imagem de Nosso Senhor na Cruz, D. Francisca não quiz ver o filho do homem, que a matava na flor de seus annos! que atirava com ella ao tumulto prematuramente! dirigindo-se para a imagem de Deos pediu-lhe só que a vingasse!... voltando os olhos para o Céu, e seu espirito para o Ente Supremo, disse:— Senhor meu Deos! é aos pés do vosso Tribunal de justiça que eu entrego a minha causa! vingai-me!... Não quiz mais tomar uma só colher de caldo! e ao terceiro dia agonisava!... Antes de expirar levantou a mão direita. Eu te amaldiçoô!...

com a minha implacavel maldição!... possa a eterna maldição de Deos cahir sobre a cabeça de D.* e a vingança ou castigo do Ente Supremo seja para com elle inexoravel, assim como elle o tem sido em momentos de tanta dôr!... tudo invoquei em minhas cartas ó minha Mãi! a honra! a natureza! o dever! o amor! a tudo tem sido esse monstro!... surdo!... iusensivel! que Deos o confunda com sua eterna maldição!... e reclinou a cabeça no seio de sua Mãi e expirou. — Dous mezes e meio depois seus velhos paes foram ao Tumulo fazer-lhe ainda companhia, pois que a vida sem ella lhes era insupportavel!... Tres tumulos e tres cruzes de bronze viam-se no Cemiterio perto umas das outras! dezeses annos passaram por cima dessas tres sepulturas tristes, olvidadas de todos! os Epitaficios tinham desaparecido pelos golpes das chuvas; e as cruzes de bronze, vergadas pelo tempo, inclinavam-se sobre as sepulturas, como para guardar os despojos mortaes daquellas tres victimas de um homem perverso, e criminoso. Deos só não tinha olvidado nem o nefando crime, nem o criminoso! em seu Tribunal de justiça estava a causa! a victima innocente lh'a tinha entregado antes de deixar a terra! tárde muito embora a justiça do Altissimo! ella hade secumprir!... esse homem sem honra, sem fé, sem coração aturdoava-se em negocios e prazeres ruidosos, para fugir aos gritos de sua criminosa consciencia! porém em vão! esse feroz algoz o perseguia.... dia, e noite, quer acordado quer dormindo! terrivel sorte é a do culpado! depois de dezasseis longos annos, estando esse homem, em uma chacara da Ponta do Cajú dor-

mindu de noite em seu apposento, entrou um preto dentro do quarto, e a punhaladas o assassinou! elle, lutou contra o assassino, porém em vão! esse braço forte, herculeo, era invencivel, esse homem era o enviado da justiça Divina! e contra esse poder todas as forças humanas são fracas! o Sr. D.* cahio por terra banhado em seu sangue, e traspassado de agudos golpes. E quantas pessoas lastimarião, a morte desse homem que julgavão bom! e honrado! altos, e imprenetraveis juizes do Ente-Supremo! quantas vezes lastimamos, e pranteamos uma morte tragica, que talvez não é senão a justiça d'esse Deos que toda a vasta intelligencia humana penetrar não pode!... só esse Ente infinito é que profundiza os intimos segredos do coração do homem. Sim, já eu li por um aucthor Inglez, e fidedigno, que um homem de cincoenta annos trocou por duas horas seu pacifico officio pelo do carrasco de Londres, para decepar a cabeça illustre do desgraçado Carlos I, de Inglaterra! o apparente, ou supposto verdugo, tinha visto morrer sua unica filha victima dos enganos, e da libertinagem desse Principe! e ella antes de morrer pediu á Deos, e ao seu pai que a vingassem!.... Deos a vingou!... esse que recebe as supplicas justas que lhe são dirigidas. Lord Byron, Poeta sublime, e homem libertino, tinha uma alma sensivel, e nobre! bem o provou no suicidio do seu lindo Pagem Lara! essa joven Ingleza vestida de homem, o acompanhava por toda parte, e em muitas de suas vias gens! ella o amava com delirante paixão; e fugindo da casa paterna, custou a vida a seu pai, que succumbio de dor! Sete annos depois de sua fuga,

recebeo ella uma carta imprudente de uma amiga, em que lhe communicava essa terrivel noticia! ao lel-a cahio em negra tristeza, e tratou de terminar sua existencia. Poucos dias depois a pobre moça Ingleza já não existia. Lord Byrom nunca mais acriciou um sorriso em seus labios!... triste, sombrio silencioso, se conservou até que chegou a hora da sua morte.

Elle morreu em Jerusalem, em um Convento, e o respeitavel Ministro da religião Catholica, que o confortou até que expirou, lhe collocou no pescoço uma cruz de ouro que o Lord, outr'ora incredulo, beijou com toda a veneração, até exhalar o ultimo suspiro no peito do digno Ministro de Deos, que o acompanhou sempre em toda a sua enfermidade. O celebre Poeta inglez tinha uma alma nobre, e extremamente sensivel! e o homem que possuue essa riqueza de sentimento, já é bem digno de indulgencia. Lord Byrom, foi loucamente amado pelas mais formosas Damas Inglezas! essas bellas Miladys levaram os delirios, e desatinos de seu affecto até o zenithe da extravagancia!..... mas se vamos a acreditar a linguagem do sublime Theologo, e Orador sagrado, o padre Lacordaire, que diz que o amor sublime, e o que chega em sua vehemencia a parecer-nos loucura, é esse o verdadeiro amor! diremos conscienciosamente que essas beldades eram bem dignas de lastima!.... e dentre essas, mais do que nenhuma outra, M. ady Carolina-Labbe, que era a mais bella, sensivel, e dos maiores talentos, e graças de espirito.

Depois do rompimento, que ella fez com o vo-

livel, e inconstante Poeta ; tomou o partido do Bispo e do circulo de Litteratos, que eram inimigos de Lord Byron, e o bateu corajosa, e fortemente em suas correspondencias litterarias, em cujos interessantes artigos tanto brilharam os talentos e graças de espirito d'essa litterata ingleza de grande e não vulgar merecimento. Tinham já decorrido doze á treze annos desde seu rompimento com Lord Byron até á epocha da prematura morte d'esse bem amado das Musas, o qual exhalou seu ultimo suspiro no Oriente quando ; Milady Carolina, indo um dia passear a cavallo em companhia de seu esposo e pagens, á doze milhas distante de Londres, encontrou um numeroso sequito funebre que vinha approximando-se d'elles. O carro funebre todo coberto de um panno de velludo preto, semeado de estrellas de prata, conduzia uma megnifica urna, coberta igualmente de velludo preto, e n'esse bordado de prata o Escudo de Armas da illustre e nobillissima casa dos Byrons, e n'essa urna eram vindos de Jerusalem os despojos mortaes do glorioso filho da soberba Albião. Milady, seu esposo, e pagens perfilaram-se no caminho com silencioso recolhimento, e deixaram passar a comitiva, que se cumpunha de cincoenta pagens a cavallo cobertos de luto, e possuidos de tristeza pela perda de seu joven amo. Milady Carolina levantou seus formosos olhos negros, e reconheceu o Escudo de Armas bordado de prata, e a esse trabalho tantas vezes exercitada para adornar delicadamente os preciosos mimos, com que brindava ao Soberano de seu coração ! Lord Labbe perguntou aos pagens que hiam adiante, que enter-

ro era aquelle? o criado respondeu com voz entrecortada pela mais viva dôr. —São os restos mortaes de meu querido amo Lord Byron! — Milady deu um agudo e doloroso grito, perdeu os sentidos, e quando a levantaram do chão, tinha já perdido sua bella razão, e para sempre!.. Nos quinze annos, que ainda viveu, não teve mais uma só hora de juizo perfeito, habitando em seu Palacio de campo, ninguem mais a viu, além de seu esposo, que hia muitas vezes visitá-la, e a quem a infeliz recebia, e colmava de extremas e ternas caricias, tomando-o sempre por Lord Byron a quem idolatrava com delirante affeição. Quando o consciencioso Padre Lacordaire disse, que o verdadeiro amor até rouba a razão, vemos por este triste caso, e outros muitos, que o Ministro de Deos, diz bem, e que o seu coração já amou d'esse triste e infelicissimo amor!... Assim ao menos o deveremos entender, a vista de tão forte e verdadeira definição. Quando este insigne Theologo discorre em suas sublimes conferencias, sobre esse funestissimo sentimento, penso que nem o coração o mais glacial poderá resistir ao doce prazer de palpitar! de suspirar ternamente! a mente a mais fria, o coração o menos terno, conhecerá que esse dom do Céu é formado para suprema ventura, e pungente martyrio dos humanos. Lacordaire se fosse por ventura Escultor, daria fogo, vida, animação, e falla ao mesmo endurecido bronze!... as chammas d'aquella alma superior e bella despedem faiscas que abraçam a minha! homem extraordinario! Como eu entusiasta te admiro! Como eu imprimo os meus labios nas paginas, que receberam a sublimidade dos

teus divinos pensamentos! quizera ir a Paris só para admirar-te de perto! genio inimitavel, vive, vive sempre! Sim, que tu morrer já não podes! a historia te dará uma vida de seculos e seculos.

CAPITULO VIII.

Noticias dos mais celebres Adivinhos. Tentativa de assassinato contra Luiz 16. Influencia perigosa da mulher perversa; e terriveis effeitos d'essa preponderancia sobre o homem sem firmeza de caracter. Predominio da mulher virtuosa para conduzir o homem ao caminho da honra e da virtude.



historia de França entre mil outras coizas summamente interessantes, nos conta, as adivinhações, ou prophcias do celebre Nostra Damus no tempo da regencia de Maria de Medicis, as de Cagliostro, e o Conde de Saint Germain, no reinado de Luiz XV. as da famosa Mademoiselle Li-Normain, do tempo do Imperador Napoleão, a quem elle, apesar de toda a sua elevação de espirito, foi occultamente consultar! mas como muitos dos segredos dos Monarchas sabem-se, esta riqueza de Napoleão tambem se soube! as prophcias de outros genios como estes extraordinarios, a historia nos transmittiu. Um d'esses houve no reinado de Luiz XVIII de França a quem El-Rei quiz consultar em

particular, pois que nunca tinha querido prestar credito. Luiz XVIII, como homem de grandes talentos, e immenso espirito; queria ter uma prova irrecusavel de tudo quanto até então duvidara d'esses genios mysteriosos.

Fez introduzir em seu gabinete ao Adivinho e principiou a interrogal-o sobre sua vida privada, e até a respeito dos segredos do seu coração. O Adivinho, ou como lhe quizerem chamar; disse-lhe. Sire, entre os segredos, que escondeis cuidadosamente em vossa alma, ha um que só Deos, e vós conheceis! Luiz XVIII extremeceu todo!... sua rubra côr empallideceu, tremullo, convulso, e cheio de timidez lhe perguntou que segredo era esse? O Adivinho lhe disse (as alcovas e os gabinetes dos Reis tem quem escute!) Sire, lembrais-vos d'aquelle dia, em que achando-vos com vosso irmão o Duque de Berry, depois Luiz XVI, nos bosques de Saint Germain, lhe apontastes pelas costas a espingarda para matar ao vosso virtuoso e desgraçado irmão, e depois vos arrependestes de ir subir ao Throno pelos degráos do crime, e a arma homicida vos cahiu das mãos? Luiz XVIII sentiu correr-lhe pelo corpo um d'estes calafrios... e estremecimentos... que a linguagem mais eloquente exprimir não póde! deixou cahir a cabeça sobre o peito, e lagrimas desataram-se dos seus olhos! foi então que deu inteiro credito, pois que esse segredo jámais o tinha revelado a ninguem! ao commetter o crime arrependeu-se, e Deos, que conheceu esse sincero arrependimento, teve dó d'elle.

Quando esse mesmo Rei fugiu para Allemanha,

esteve para ser envenenado por um moço Francez, a quem Luiz XVIII tinha dado sempre a mais dedicada protecção ! O desgraçado moço tinha sido comprado pelos inimigos da Familia Real de França, que queriam pôr termo á existencia d'El Rei pelo veneno, já que lhes tinha escapado do cadalfalso. A mulher perversa, a quem elle amava com delirante paixão, era quem tinha mais influencia n'esse crime.

Sim, porque a mulher perversa tem mais ardor em induzir ao homem fraco, e sem dignidade alguma, para que elle commetta crimes, ou acções indecorosas, e que tão cheio de humilhação o deixam ! esse infeliz e fraco moço, ao dar o cõpo de veneno ao seu Soberano, e protector, tremeu !... e arrependido, constricto, cahiu de joelhos aos pés de El-Rei, e banhado em lagrimas de gratidão, e de sincero arrependimento ; fez a Luiz XVIII uma leal confissão do crime abominavel, que n'aquelle instante ia perpetrar ! El-Rei o levantou com bondade, e perdoou, agradeceu-lhe ; e o gratificou generosamente, pedindo-lhe que se affastasse da Allemanha, com medo da tentação que poderia ainda perseguir-lo. Deos que já outr'ora conhecera o sincero arrependimento do coração de El-Rei na triste occasião de querer matar a seu irmão, teve dó d'elle, e assim tambem deu generoso perdão a seu assassino. A cada instante vejo a necessidade, de que o coração da mulher seja adornado de preciosas virtudes ! em differentes topicos tracto d'este assumpto, talvez tornando-me enfadonha ! mas a educação, virtudes, e meritos do homem, é que fazem a felicidade da sociedade inteira ; esta grave consideração achará

indulgencia para com as minhas repetições, e citações, e ainda com este facto historico de uma celebre litterata, e Mãi respeitavel, vou provar a influencia da mulher virtuosa, assim como hei já provado a da mulher perversa. Quando o Marquez de Sevigné contava vinte e quatro annos, quiz manchar-se com uma accção abominavel!.... Ninon de Lenclos exigiu d'elle que lhe entregasse toda a correspondencia Epistolar que tinha de uma Actriz, que era rival de Mademoiselle de Lenclos. O Marquez instado e seduzido pela perfida e artificiosa Ninon de Lenclos, ia manchar-se com uma nodoa, de que nunca se poderia lavar. Essa Actriz conhecia as nobres virtudes da Marqueza de Sevigné, e n'ella depositou toda a sua confiança! a virtude é respeitada até pelo vicio e leviandade! Madame de Sevigné, boa e amavel, recebeu as confidencias da Actriz, e lhe disse: — ide tranquilla, que présobastante a dignidade do meu nome, para consentir que meu filho o manche! eu lhe pedirei vossas cartas lacradas, e elle m'as entregará no mesmo instante. Duas horas depois chegou o Marquez de Sevigné, e sua mãe, travando-o da mão, o conduziu ao seu gabinete. Meu filho, lhe disse essa Mãi respeitavel, sei que te vás manchar com uma accção negra!.... cobarde.... revoltante, e que nenhum dos teus pagens quereria praticar! O joven impallideceu: — e a virtuosa Marqueza continuou: — Mademoiselle de** confiou-me o vosso amor por ella, as vossas seduccões, e sua violenta affeição por vós! hoje, vós seduzido pela inconstante e leviana Ninon, não sómente a abandonaes, senão que quereis commetter a cobardia.... perfida e indeco-

rosa de entregares suas cartas a essa desatinada Ninon! não! em quanto eu viver, meu filho não se manchará por tal modo!...entregai-me já essa correspondencia lacrada, e sellada, que eu vos amo mais que a impudica Ninon de Lenclos! o Marquez derramava dous fios de lagrimas, levantou-se, beijou longa e ternamente a respeitavel mão de sua mãe, e foi para o seu gabinete. Duas horas não tinham decorrido quando Mademoiselle de** já estava de posse de seu masso de cartas. Mas se o Marquez de Sevigné se tivesse manchado com a negra acção, que pretendia praticar, teria ella passado á posteridade nas paginas da historia, e essa Actriz deveria em tal caso ter-se envergonhado do sobr'escripto de suas cartas; porquanto a traição, e a ingratidão, são as qualidades mais vis do coração humano.

Quando pronunciamos o nome d'essa Dama, d'essa escriptora, que escrevia tudo com os sentimentos ardentes do coração que tão bem sabemos comprehender, sentimos em nossa mente agglomerarem-se milhares de ideias, e quantos pensamentos sublimes quizeramos transmittir que fossem como uma homenagem á sua memoria! nos talentos e espirito digna rival da Condessa de Laffayette, nas bondades extremas de sua alma quasi igual á excellente Mme. Ricamier, essa que foi a bem amada de mil pessoas dos mais altos meritos e posição elevada. Na sua incomparavel e celebre belleza, rival da historica Duqueza de Mont-Basson.

A Marqueza de Sevigné, essa litterata tão habil, e tão estimavel, jámais pensou que as cartas que dirigia a seus filhos e pessoas amigas, teriam de

ser algum dia impressas! assim tambem cuidou Mirabeau, quando escreveu suas preciosissimas cartas a Sophia. Uma das graças de espirito da Marqueza de Sevigné, e de que eu mais gosto, é o trecho em que trata do dote que deu ao Conde de Gringan, esposo de sua filha. O turbilhão de meus pensamentos é cheio de impaciencia, e a penna vai correndo sem pode-la reter! ella é qual a corrente veloz, que será difficil oppor-lhe obstaculos. Os homens gostam de ler uma composição litteraria da penna de uma Senhora, para nella ver se acham motivos de amargas censuras; e provar-nos depois que a illustração é alimento muito forte para o estomago da mulher! Sinto infinito que os nossos Americanos pensem tão injustamente dos nossos talentos; entretanto que a nação Franceza, Ingleza, Hespanhola, e Allemã, protegem o talento das Senhoras, que amam as letras! nisso mesmo ellas já mostram as vantagens de uma rica intelligencia, e o que poderão trasmittir em herança aos seus filhos! tudo o que é superior nos ennobrece! o que é mesquinho nos abate.

Como as Senhoras, em todas as nações civilizadas, dão tão grande brilho, e tanta influencia na sociedade per meio das bellezas de seu espirito, talentos, e outros mil dotes, eu me occupo mui principalmente com essa interessante parte do genero humano, e desejaria que muitas Senhoras de talentos aproveitassem bem seu tempo, compondo obras preciosas para servirem de emulação; e es te estímulo desenvolveria as ideias e talentos de outras muitas! que uphania e orgulho sentiria eu da gloria

de minhas compatriotas Americanas! Se no homem é tão admiravel a riqueza da intelligencia, como não o será no intellecto da mulher Americana a quem são providos os estudos scientificos? Essas Senhoras já são quasi todas esposas; ou hão de ser Mães para o futuro; todas ellas tem que dar e receber gloria das virtudes e meritos de seus filhos, portanto essas Senhoras tem uma imperiosa necessidade de embellezarem, e enriquecerem sua alma e espirito com mil talentos e adornos moraes que ao depois serão preciosos encantos, e irrezistiveis attracção para prenderem outros corações que farão sua ventura futura, ou para lhes fazer supportar as amarguras da vida.

A leitura seria, sobretudo a de Plutarcho nos dá forças superiores para sabermos ter energica coragem e fazer frente ás penas do coração! n'essa meditação dos soffrimentos de tantas victimas illustres e nobres, nós outras sentimos de alguma sorte minorar os padecimentos de nossa alma! e a mulher tem grande necessidade de chamar a coragem em seu auxilio mil e mil vezes no decurso de sua vida.



CAPITULO IX.

Indiscretas respostas de Senhoras, e mulheres sem reflexão. Observações judiciosas a respeito de diferentes posições da vida humana. Generosidade de Madame Sophia Cochin. O Banquete dos Girondinos, e os mesmos, que depois de votarem a morte do bom Luiz XVI, subiram os degráos da Guillhotina. Sensatas reflexões de Mr. Barbaroux, ácerca do systema Republicano.

 quantas vezes tenho lido, e ouvido as respostas, que muitas Senhoras, e mulheres, dão aos seus Maridos, e é esta — se tu fores bom marido, eu serei boa mulher! — revoltante e indigna resposta para ouvir-se, e bem merecedora de sobre ella se reflectir! tal condicção prova que naquella alma, e coração de mulher, a virtude, os sentimentos nobres, a santa e preciosa amizade, são para ella como uma troca, um commercio, um interesse, ou como uma joia de tarachas! Com que facilidade dão, e retiram esses corações, os divinos sentimentos de amor, e de amizade! esse é o mais forte signal de que jámais existiram n'essas pessoas interesseiras, esses nobres, e leaes affectos! Oh! quanto é falta desenso essa resposta no meu entender. Que protecção, e que apoio acharão na boa sociedade e na carreira da sua vida, os filhos de um máo pai e de uma pessima mãe? filhos desgraçados serão esses certamente! quando precisarem do aco-

lhimento dos seus concidadãos, todos verão que filhos de paes perversos não se acham certamente com tantos direitos a serem queridos e protegidos, assim como o são os que tiveram a fortuna de terem paes virtuosos, respeitaveis e bemfazejos. Por todas as razões vejo e encaro a necessidade, que temos de sermos sempre bons! os filhos tem de recolher aquillo que seus progenitores semearem. Os esposos, que tem filhos, devem forçosamente ser mais economicos e evitar distracções ruidosas e dispendiosas em toda a sua vida, para não delapidarem a fortuna de seus filhos, e não commetterem indignidades, como um motivo ou pretexto de economia! porque jámais as pessoas de virtudes os desculparão. Esses são ao meu ver os bons paes, e os verdadeiros amigos de seus filhos. A mãe terna, amiga de seus filhos, é sempre economica, vigilante, e perfeita dona de casa! d'essa sorte ella terá recursos para dar aos seus filhos, e aos filhos de uma outra mãe menos feliz do que ella. Mr. Necker, esse grande Financeiro da França, e Mr. Jacques La Fitte, foram educados desde a infancia por mãis virtuosas, sensiveis, e economicas. Jacques La Fitte foi desde a mininice acostumado á frugalidade, trabalho activo, e economia, e de simples caixeiro de uma Casa de Banco, passou a ser grande, honrado, e poderoso Banqueiro! depois teve a honra e fortuna de dar pensões ás pessoas da familia Real de França, e aos Principes da Casa de Orleães, durante o tempo desua longa emigração. O trabalho ardente, activo, e honrado, póde collocar ao homem em uma posição brilhante! sendo elle scrupuloso em seus tractos,

ajustes, e promessas, achará protecção de todos. A virtuosa mãe de Mr. de La Martine, fazia mil honestas economias para poder auxiliar a seus filhos.

Seja o marido máo muito embora! deverá sua esposa ser por essa triste razão também má? não! ella que seja sempre boa em suas qualidades, sentimentos, delicadeza, e virtudes! é com isso que ella se hade achar em todo o tempo e circumstancias da vida; jámais imitemos aquillo que é máo e digno de nossa justa reprobção.

No tumulto daquelle, ou daquella, que mereceu ser amada, vai correr o pranto silencioso e sentido, resar-se uma religiosa oração, exhalar-se um Ai! ou deppor-se uma candida singella flor, grata homenagem de affeição e respeito. Seja pois o marido máo, se elle assim o quer! o odio e o desprezo o acompanharão até depois da silenciosa lousa sepulchral. Se um esposo, por ser mal conduzido, se ligar em relações de amizade ás pessoas que forem inimigas de sua esposa, e que a injuriem, que tristissima ideia não dará de si, de seus sentimentos, qualidades e educação moral á boa sociedade, que examina sua conducta, e o contempla?! que opinião judiciosa se poderá fazer de um tal individuo? e se uma Senhora dá-se intimamente com os que desacatam a seu marido, que ideia dá ella á boa sociedade de sua fidelidade, e amizade conjugal? que hade o mundo pensar? Eu entendo que os inimigos de nossos paes e maridos são nossos inimigos! E a esposa que não sedá por offendida dos ultrajes, ou males feitos á sua metade, é indigna do nome de boa esposa. A

resignação é o symbolo dos soffrimentos, e martyrios escondidos na alma da mulher! é o ideal das almas escolhidas por Deos para encerrar em si todas as dores pungentes dos humanos padecimentos!...

E a mulher virtuosa, nobre, e delicada, verga-se ante o pezo enorme das dores occultas no coração, sacrario de suas virtudes, e martyrizantes amarguras!... Não busca a menor distracção a suas penas, porque sendo desgraçada não achará em tudo senão motivos de dôr e tristeza. O trabalho de agulha, e bordados, dão horas de tranquilla recreação a uma Senhora, e muitas penas da alma se disfarçam nessa grata occupação, que distrahe, e faz a uma Dama utilizar em favor de outros de seu trabalho honesto. A mulher pelo trabalho de suas mãos, em bordados, rendas, tapessarias, e outras mil curiosidades preciosas pouco ganha na verdade! apenas lhe chega para tratar de sua decencia o que os seus bordados lhe dão; mas sempre é melhor que ella tenha em sua carteira algumas peças de ouro, do que não ter nenhuma. Em Pariz ha ricas lojas de graciosas e bellas tapessarias de caprichosos desenhos que Damas delicadas trabalham, e mandam a essas lojas vender, sem que ninguem saiba quem as trabalhou! e esses banquinhos e magnificas tapessarias para Almufadas de Sophás, apresentam ramalhetes de flores tão graciosas, e bem matizadas, tão perfeitos, e de bom gosto são esses desenhos que são immediatamente vendidos e aquellas Damas recebem duzentos, ou trezentos francos; e depois pôdem, sem recorrerem ás carteiras de seus maridos, nem paes, emprestar a uma amiga, ou

empregarem-os em obras de charidade, sem que os maridos nem ninguem saiba. Acho isto tão bello, porque é tão humilhante para uma alma nobre o ter que pedir sempre ao marido até as mais pequenas quantias para suas despezas particulares, e adornos proprios. E' degradante esta dependencia absoluta! E que eternas philippicas não temos nós outras que ouvir na occasião, em que lhes pedimos as quantias que nos são necessarias? Não seria melhor abriremos nossas carteiras, e achar n'ellas algumas peças de prata, e ouro ganhas com os nossos preciosos trabalhos de bordados, e tapessarias? Sim, mil vezes melhor do que estendermos humilhanamente a mão para receber, e além d'isso os taes sermões que duram semanas e até mezes inteiros. Conta Mme. Moreau, ou a Contemporanea, que hindo a Roma e visitando a Mme. Mere, 'a Mãi do Imperador Napoleão, achou-a em uma grande sala rodeada de suas Damas, e todas trabalhando em torno de uma grande meza; fazendo lindas cestinhas de palha e de setim, bolçinhas, almofadinhas de velludo e setim, primorosamente bordadas, e enfeitadas com fios de prata, ouro, e frocos, cujos objectos curiosos vendiam-se nas lojas de modas, e por bom preço. Letizia Bonaparte fazia muitas obras de charidade, sem que a herança de seus filhos soffresse; e ella lhes legou assim uns poucos de milhões de francos.

Mme. Sophia Cottin, litterata de grande merecimento e Romancista muito habil, compoz o seu Romance magnifico, Mathilde; que todas temos lido com transportes de admiração, e lagrimas de sincera e terna emoção. A sensivel Authora de

Izabel, ou os desterrados da Siberia, não sabia escrever senão para ferir o nosso coração; para fazer vibrar as cordas d'alma, para fazer correr nossas lagrimas fio, a fio!... E ella figurou muito entre as litteratas Francezas. Um dia do anno de 1792, penso, (porque escrevo com a velocidade do pensamento, e sem abrir um só livro) entrou-lhe a subitas em caza Mr. de Beaumont, fidalgo Francez, que fugia para fóra da França, temendo perder a cabeça no cada falso, como a muitos outros fidalgos Francezes já tinha acontecido, durante a revolução sanguinolenta; entrou, digo, pela porta do salão de Mme. Sophia Cottin:— Mme., lhe disse na maior afflicção esse Gentil-homem, emprestai-me quatrocentos luizes para fugir já de Pariz!—Esse nobre Francez preferio honrar com sua plena confiança a uma Dama, antes do que hir experimentar o falso coração de um outro homem, que de certo o não teria servido!

A excellente e virtuosa Mme. Cottin ficou cheia de mortal afflicção, e correndo a caza toda, não achou se quer uma joia que valesse os quatrocentos luizes pedidos! depois veio para a sala, e a ambos rebentaram lagrimas de desesperação!... Mas a mulher delicada é fertil em recursos quando se trata de auxiliar a quem n'ella confia.

Sophia Cottin era d'essas creaturas, que Deos formou para embellezar o mundo! Em momento de tanta afflicção lembrou-se que tinha em sua secretária um Romance intitulado Mathildes, e disse ao seu desgraçado compatriota: esperai que eu já volto. Desappareceu rapidamente, e poucos minutos depois entrou na sala acompanhada de um criado, que

trazia uma caixa de xarão da India, onde se achava cuidadosamente guardado o precioso thesouro litterario! tirando de dentro, os grandes calhamassos de papel, disse a Mr. de Beaumont: — Tomai Senhor o meu primeiro trabalho litterario, e ide vêr se algum livreiro vos dá os quatrocentos luizes que presentemente não tenho! Bem sabeis como esta revolução de sangue nos tem reduzido á extrema miseria!... Esta composição é um bem lindo romance, se o meu amor proprio de Authora não me engana. — O precioso manuscripto foi mettido em uma caixa de Acajú, e Mr. de Beaumont partio acompanhado de um criado, e foi buscar o melhor, e mais honrado livreiro de Pariz. O gentil-homem Francez foi franco com esse homem honrado; e contou-lhe sua extrema penuria, e a necessidade dos quatrocentos luizes, para fugir da carnagem... e da guilhotina revolucionaria. O livreiro recebeu o manuscripto, e pediu quatro dias para o lêr: passados elles, Mr. de Beaumont entrou pela porta da livraria com coração palpitante de esperança e receios!... Seu olhar interrogador inquirio logo a opinião, que se tinha feito do primeiro trabalho litterario de Mme. Cottin! O livreiro disse-lhe: Mr. de Beaumont, já li o romance; é precioso, e bem escripto; e sinto sómente que a epocha em que nos achamos seja tão calamitosa como é! se não fosse assim, eu seria mais generoso do que dando-vos a quantia que exigistes de mim, e aqui estão os quatrocentos luizes pelo vosso rico manuscripto. Extraordinaria foi a alegria do afflicto fidalgo! Contento agradeceu a quantia recebida, e partio para a rua de Saint Honoré a parti-

cipar a sua nobre amiga o que passára. A aucthora d'essa obra inestimavel abraçou ao Gentil-homem, e as lagrimas de ambos confundiram-se ainda outra vez! porém agora eram as lagrimas da felicidade que sente um nobre coração de mulher quando faz bem a um outro coração anciado de desesperação em circumstancias criticas. Todas as Damas Francezas, que cultivaram as letras, eram adornadas de grande espirito! até as mulheres do povo tem immensa vivacidade e intelligencia! Ea proposito, lembra-me esta bella resposta de uma simples mulher do povo. No enterro do celebre Mirabeau, Tribuno do povo Francez, achavam-se as ruas cheias de pó pelo immenso concurso, e por ser a estação calmosa. Um homem queixou-se de não ter a Policia mandado regar as ruas de Pariz: respondeu-lhe immediatamente uma mulher:— pois não sabeis a razão d'esse descuido? é porque a Policia contava já com as lagrimas do povo Francez! oh! tão espirituosa resposta teria sido digna de admiração se partisse dos labios de Mme. de Stael! quanto mais de uma mulher despida dos ricos atavios da illustração; porém não das graças do espirito, como bem se deixa ver. N'essa espantosa e sanguinolenta revolução Franceza de 1790, tão cheia de horrores... fructo das Republicas em Paizes, onde os homens não foram educados, nem formados para esse systema de governo; n'essa epocha, digo, de lamentavel recordação! appareceram homens, e Senhoras de grande heroicidade, virtudes e talentos, que se immortalisaram nas paginas da historia. O espirito da virtuosa e celebre Mme. Roland mestrou-se até na

guilhotina! Alli, assentada essa illustre Dama e quando já o machado estava suspenso sobre sua cabeça, inclinou-se profundamente diante da Estatua da liberdade e disse:—ó liberdade, quantos crimes hão commettido em teu nome! E disse bem. Eu repetirei, e traduzirei aqui exactamente estas palavras de um celebre Girondino, Mr. Barbaroux, estando na prisão com mais trinta companheiros de infortunio, e poucos minutos depois d'esse Republicano pronunciar estas palavras sentenciosas, partio para a guilhotina com seus amigos: Barbaroux disse: — Se eu principiasse novamente a minha vida consagra-
« la-hia toda aos nobres estudos, que elevam os
« pensamentos do homem de bem acima das coisas
« vulgares; e nunca mais teria a idéia de conduzir
« á liberdade uma Nação sem bons costumes, edu-
« cação e virtudes! Este povo, esta multidão furiosa
« não é digna de um governo philosophico, assim
« como o não são os Lazzaroni de Napoles, e os
« Antropophagos do novo mundo. » Barbaroux
« dizia uma verdade! Seria preciso fundar em uma
« terra occulta aos scelerados a Republica ideal de
« Roland! Os verdadeiros sabios sonham legislações
« com Platão, e utopias com Thomaz Morus! Mas não
« tratam de as realisar. (a) Quem falla assim no car-
cere, onde estavam mais de trinta Republicanos
Francezes? um sabio, que vio que depois do pre-
cioso sangue da familia Real ser por esses furiosos
derramado, vio tambem irem subindo um a um os
seus amigos, os degráos da guilhotina revolucionaria ;

(a) Le dernier banquet des Girondins par C. Nedier.

e allí mandados uns pelos outros perderam as cabeças! Barbaroux depois que assim fallou tão judiciosamente, embarcou no carro dos sentenciados, e o machado homicida lhe decepou a cabeça assim como a seus amigos. N'essa espantosa revolução de sangue, e na ultima revolução de 1847, que de horrores não commetteram essas furiosas Xantippes do povo Francez? que crimes nefandos não praticaram ellas!.... Mil! Sim, porque a mulher perversa que nada tem que perder, e a nada nobre, e bom póde aspirar em tempo algum, é milhares de vezes peor que todos os homens máos reunidos. Foram pois essas creaturas, opprobrio do nosso sexo, as que se conduziram com mais ferocidade contra a Augusta familia, e contra toda a nobreza dessa illustre Nação. As pessoas nobres quando se exprimem com vehemencia, é quando suas almas hão soffrido demasiado, e seus corações gottejado sangue! E quem como eu tem lido esses horrores perpetrados contra a pacifica humanidade, poderá lastimar a sorte do homem infante, que nasce e morre? Não! bem ao contrario, louvará aquelle pensamento do Santo Rei Job que diz: « feliz d'aquelle que passa do ventre de sua Mãi para o Tumulo! Esse só conhece o nectar delicioso dos beijos e caricias maternas. » Muito pois tinha soffrido esse Santo tão paciente! Eu o vejo a todos os instantes em uma magnifica pintura de Wanderverf: está coberto de lepra e de ulceras, que tanto lhe faziam soffrer! além disso, sua mulher era a fiel copia da Xantipe de Socrates! Em lugar de o consolar em suas dores, o está irritando e atormentando cruelmente. O

pintor Flamengo deu a esta pintura uma força de expressão indefinível! Eu penso que adivinho o pensamento d'esse homem, pelo que tenho soffrido dos corações humanos! desde a idade de sette annos li os preciosos, e sentidos psalmos do Santo Rei David, perseguido pelo perverso Rei Saul. Esse Santo Rei diz que os seus inimigos lhe buscaram mil outros inimigos, quem o conheciam; mas o calunhiaram e o perseguiram ferozmente, armando-lhe traições e cilladas por mar, e por terra. N'esse tempo de doce tranquillidade, de serena e feliz infancia, eu lia sem poder comprehender! Hoje sómente é que bem, e demasiado bem comprehendo, e conheço até onde chega a perversidade do coração humano!... hoje vejo que o Santo David pedia a Deos em seus psalmos que o livrasse da encarniçada perseguição, que seus criminosos inimigos lhe suscitavam por todas as partes, para onde dirigisse os passos. Grande Deos! só vós Senhor, é que lêdes as intenções e os sentimentos no intimo dos corações! E basta que o Altissimo as leia e sempre! Elle será nosso Juiz no Supremo Tribunal de sua inabalavel justiça, quando no fim da vida formos chamados. Com as vaidades do mundo não se illudem as pessoas de talentos e virtudes! Eu já disse que nem os poderosos Monarchas foram izentos de hir morrer na mizeria! A formozissima Maria Stewart, Rainha de França, de Escossia, e com legitimos direitos á Corôa de Inglaterra, foi cruelmente perseguida pela Rainha Izabel; depois mettida em uma prisão por espaço de dezoito annos; e no fim d'esse tempo de dolorosissimos martyrios.... mandou Izabel cortar a cabeça a

essa Rainha encantadora e bella ! Dizem os historiadores que os tres golpes de machado, que o carrasco lhe deu, foram como se cada um cortasse uma cabeça coroada em um só cóllo de Alabastro. Todos os historiadores dizem em suas historias (pois que é sómente authorizada por ella que eu cito factos dos gabinetes da Europa, e ácerca de outros assumptos de que já tratei) dizem pois os historiadores, que foram a inveja e o ciume os unicos motivos poderosos para Izabel, perversa e feroz fazer esse criminoso assassinato ! Izabel adorava o Conde de Leicester ! elle sentia pela bella Maria uma paixão profundamente grande ! E o que não póde a inveja e o ciume nos corações perversos e cheios de ignobeis sentimentos ? Que crimes.... e acções ignominiozas os fazem trepidar na carreira da maldade e da vingança humilhante ? nada. Além de Maria ser a mais formozza Princeza do seu tempo ; era Catholica ! e Izabel sua Prima era protestante. E para que ninguem se fie cegamente nos caprixos da fortuna direi ainda que aqui ha ja annos passados morreu na mais espantosa indigencia.... a Senhora Marqueza de Sobre-Monte, Vice-Rainha de Buenos-Ayres, e Senhora que já tinha tido immensos cabedaes ! E como terminou aqui sua existencia a virtuosa e respeitavel Senhora de Rivadavia, filha de Vice-Reis, e Esposa do Presidente da Republica Argentina ? em honrosa necessidade ! E seu marido foi depois para Hespanha, e alli deixou uma fortuna !!! Entretanto que uma Dama respeitavel de alta cathegoria, e compatriota de Madame de Rivardavia, foi quem nobre e generosamente a

soccorreu em sua miseria e lhe fez o enterro. Aqui mesmo tenho eu visto filhas e netas de Titulares de grandes fortunas, não terem uma pobre cama, nem para ellas nem para seus filhos, entretanto que as irmãs, e os paes tinham grandes fortunas. Tenho tambem visto filhos, cheios de riquezas e commodidades, deixarem a seus paes na indigencia! oh! quadro de miserias que é este pobre mundo.

CAPITULO X.

**Diversas observações ácerca da humanidade.
Carlino e sua hypocondria. Dous Monarchas dementes á força de soffrimentos.
Luiz XVI de França.**



Ó quem tem bastante instrucção, e conhecimentos é que sente verdadeira lastima das miserias que pertencem á condição humana.

As pessoas extremamente sensiveis são accommettidas de tristeza inexplicavel! e d'entre essas nos appresenta a historia de França um homem que muito figurou no Theatro durante o Reinado de Luiz XVI.

O Italiano Carlino foi o Arlequim mais interessante e gracioso, que tinha apparecido em França, homem que fazendo rir toda a população parisiense que o admirava, só elle morria de hypocondria e tedio! para esse mal terrivel e cruel, elle não achava nenhuma remedio! seu intimo amigo o Papa Clemente XIV. lhe

dava em suas cartas mil conselhos, e as mais doces palavras de consolação para destruir esse tédio..... que lhe devorava o coração, e Clemente XIV era o unico homem que dominava completamente o espirito de Carlino; a mais estreita amizade ligava a esses dous homens desde sua infancia, e ella durou até o Tumulo.

Carlino era casado com uma linda e formosa Romana que muito amava; porém a companhia d'ella e de seus filhos não era bastante para affastar d'elle a Atmosphaera enlutada baixo a influencia da qual respirava esse homem infeliz, e que entretanto todos julgavam venturoso.

Um dia elle foi consultar o mais habil discipulo de Hypocrates que existia em Paris, e contou-lhe o tédio que o dominava, e acompanhava por onde quer que elle fosse. O Medico disse-lhe, — Sr., só vejo um remedio que será efficaz ao vosso mal! ide todas as noites ao theatro admirar o famoso Arlequim Carlino, que o homem mais hypocondriaco ficará alegre em contempla-lo. O gracioso Italiano deu um doloroso suspiro, e disse — Ah! Senhor, não ha pois remedio algum para o meu mal; porque sou esse mesmo Carlino! o Medico era por extraordinario acaso, sensivel, e teve lastima d'um outro homem que tanto soffria. Entretanto que o Arlequim espirituoso, e rodeado do esplendido luxo que lhe proporcionava sua immensa fortuna, morria de tédio e desgosto, todo Paris ria, e anhelava de vêr todas as noites as interessantes graças d'esse homem extraordinario, quanto incomprehensivel no occulto segredo de seu coração. Assim como a tristeza cons-

tante, manifesta grandes penas d'alma assim tambem a extrema sensibilidade póde sujeitar a um individuo a perder a razão quando flagellado pela perversidade de outrem. Se atinará sim, com a causa que faz perder a um homem a razão; mas poucas serão as pessoas que, além dos medicos, saibam, e comprehender possam, que a demencia é uma idéia cruel e atormentadora, que fixa na mente d'esse homem, noite e dia, o turtura por longos dias até effectuar-se essa revolução mental, que por fim torna aos humanos mais desgraçados, que se o sepulchro os recebesse!... a organização moral é em si, mesma tão extremamente delicada, tão susceptivel de desorganisar-se, que sómente os scientificos, e Douctores em medicina, poderão sómente dar uma satisfactoria, e minuciosa explicação d'essa materia tão grave por si mesma, Eu acompanhada de minha ignorancia, farei uma judiciousa, e justa observação, é esta, que as pessoas mais boas, mais sensiveis, mais delicadas em seu sentir e pensar, hão sido as que, victimas da perversidade humana, hão por fim perdido sua bella razão! e o que nos poderá admirar a nós da perversidade humana?... nada. Mostrarei aqui sómente dois factos historicos, e sendo as victimas desgraçadas dois Monarchas a qual mais bom, e mais virtuoso.

D. Affonso VI de Portugal, Principe de character brando, e indole boa, e a quem deram em caza-mento a Princeza D. Maria Francisca Izabel de Saboya, da Caza de França.

D. Pedro segundo, irmão de El-Rei, viu, e ficou amando apaixonadamente a Esposa destinada já a

D Affonso, e o mais é que a *sympathia* e o *ainôr*, foram infelizmente mutuos! D. Pedro segundo era um dos Principes mais bellos, e gentis, e a Rainha sua Cunhada gostou d'elle, e sentiu-se affeiçoada desde o instante em que elle a foi buscar a bordo da Náu que a conduziu de França. A Duqueza de Vendome, Avó da Princeza D. Maria, era uma Senhora de grande espirito e penetração, e conheceu no olhar de ambos os Principes, que impressão funesta tinha feito a presença de um no coração do outro! ao vêr a joven, e bella Rainha a seu esposo desmaiou, e seu coração cubriu-se de tristeza!...

D. Affonso era um contraste com a linda figura e graças do Infante D. Pedro, e o fogo ardente de uma inclinação tão viva inflammava-se cada dia mais entre os dous Principes, que já não podiam pertencer-se.

Um anno depois do consorcio de El-Rei D Affonso VI, tratou D. Pedro, de arrebatár a seu irmão, sua esposa, sob pretexto d'elle ser incapaz de dar herdeiros ao Throno; e combinado com aquella que tanto amava, e de quem era amado, fez pelo Santo Padre Clemente IX annullar o Consorcio de El-Rei, seu irmão, e elle cazou com sua Cunhada. D'esta não pequena desgraça, resultou a Demencia de El-Rei, e o fecharam no celebre Palacio de Cintra aonde esse desgraçado Monarcha viveu sete annos isolado, abandonado, sem amigos, nem distracção alguma que lhe podesse dar linitivo á negra hypochondria, que pelo espaço de sete annos o consumiu n'aquella verdadeira prisão, com o dourado e disfarçado nome de Palacio Real. El-Rei Jorge III de

Inglaterra, bom, virtuoso, excellente Soberano, pai carinhoso, e respeitavel chefe de familia, era dotado de extrema sensibilidade, e por fim veio perder a razão, á força de soffrer !... Seus dous filhos o Principe de Galles, e o perverso Duque de Cumberland, o amarguráram e atormentáram tanto, que por fim lhe roubaram a razão.

Em França ha distracções, e divertimentos, que afugentam para longe a hypocondria d'uns, e o tedio de outros! em Hespanha, e França todo o mundo ri, e brinca! e o espirito d'essas duas grandes Nações as acompanha quasi que até ás bordas do Tumulo! brincarem, rirem, e serem felizes, eis ali suas mais serias e charas occupações! Coiza extraordinaria é o que conta a celebre Duqueza de Abrantes, em sua viagem a Hespanha. — Ella diz, que mettia-se em sua carruagem e hia a qualquer grande Praça de Madrid para ver e notar os usos e costumes populares da Nação que visitava; e que chegando ella a qualquer d'essas Praças, não achava n'ellas mais do que cinco, ou seis pessoas dançando, e tocando suas guitarrinhas; porém que d'ahi a um quarto de hora mais, viam-se cincoenta, ou oitenta homens e mulheres do povo tocando, dançando, e cantando cheios de alegria, e felicidade, e tudo isso repete-se dia por dia. Em França, o povo é laborioso, trabalham, riem, cantam, e vivem todos alegres e felizes; quando cada individuo tem com que passar o dia! a leviandade e prazer os faz julgar felizes. Em Paris quem póde viver triste? a gente pobre que em outros paizes succumbe na dôr, no desalento, alli riem-se até de sua má sorte! Será

influencia de um Céu mais benefico, ou espirito da Nação? é o que ainda até hoje não pude definir. Até os Principes brincam, e se divertem n'essa encantadora França! em tempos mais felizes para ella El-Rei Luiz XVI, e seus dous irmãos o Conde de Provença, e o Conde de Artois, esses que depois lhe succederam no Throno, cazaram muito jovens, e essas tres interessantes familias de Principes habitavam no magnifico Palacio de Versailles, e apezar da rigorosissima etiqueta da Corte de Luiz XVI, passavam esses Principes, dias e noites cheios de alegria no meio dos mais innocentes prazeres, e passa-tempos. No theatro do Palacio, elles representavam comedias muito mal ensaiadas, e o jovem Rei assentava-se na plateia, e d'alli elle assubiava aos representantes, os quaes conhecendo a justeza da critica, riam-se, e abraçando-se uns com os outros, acabavam as representações theatraes em risadas, graciosos motejos, e espirituosas zombarias. Assim passaram aquelles estimaveis Principes os primeiros dez annos de seus cazamentos, em quanto a mão do infausto destino... levantava o cada-falso, e estendia sobre o Orisonte politico da França o Manto de crepe, que devia envolver aos Principes Soberanos, e a nobre Aristocracia da mais bella parte da Europa. As Nações enganam-se quando commettem esses nefandos... crimes! os bons Monarchas são da maior utilidade para seus povos! e Luiz XVI foi um dos melhores, e mais clemente d'entre todos os Soberanos. E nós ao ler na historia a narração de taes crimes, de taes horrores... reflectimos sobre a grandeza humana com inexplicavel

melancholia! nossos pensamentos sóbem até o Ente Supremo, em quanto as lagrimas do coração banham as nossas faces. O peito rompe-se com as cruéis emoções que dilaceram a nossa alma, e o chimerico, o illusorio... d'essa chamma dourada e vacilante... chamada vida, está bem presente ao nosso espirito, e diante dos nossos olhos. Esse Rei martyr teve em sua cruel perseguição, e morte infausta, muitas coizas que se pareceram com a paixão e morte do Redemptor dos homens!

No furor encarniado d'esses canibae.... na Santa paciencia e resignação do Rei martyr, na serena dignidade da sua conducta, porte, maneiras, e suas expressões com que respondeu a todas as injustas accusações durante seu processo; na marcha á Guilhotina, e até na entrega que fez aos algozes, de seus braços, e o perdão que pediu a Deos para seus assassinos!—Senhor, que o meu sangue não cáia sobre a cabeça dos Francezes! — e o Rei martyr subio ao Céu ao dizer essas phrazes de paternal amor. Luiz XVI tinha dado toda sua nobre protecção á independencia da America Ingleza! Desde esse instante o Gabinete de São James jurou a morte do nobre e virtuosissimo Rei de França, e de toda a sua familia. Lord Chathan foi o Ministro mais perverso, e inexoravel d'esse Ministerio, e o mais cruel inimigo de El-Rei. — Pouco tempo depois rebentou em Pariz a espantosa revolução de 1790. — Luiz XVI protegeu, as letras, Sciencias, Artes, e sobretudo a Mechanica, por cujos estudos e trabalhos elle tinha uma exclusiva predilecção. Foi em seu tempo que appareceu o maior e mais habil mecha-

nico Mr. Vocansson, que fez um Pato de metal, e seu machinismo foi tão rico, que o Pato grasnava, comia, e digería!! tão precioso era o segredo d'esse mysterioso machinismo. Mr. Vocansson foi muito protegido pelo Monarcha que sabia bem avaliar os meritos de outrem. Este Monarcha virtuoso, quanto infeliz, possuiu-se de terror ao lêr na historia a morte infausta de Carlos I de Inglaterra! e este pensamento enlutado, e cruel, o acompanhou sempre até que elle mesmo subio os degráos do terrivel cadafalso. Damocles tyranno de Siracuzza via em cima de sua cabeça culpavel, uma espada pendente e ameaçadora! Ah! eram sim os remorsos de seus crimes.... que o atormentavam, e lhe faziam vêr essa terrivel espada. O bom Monarcha dorme tranquillo somno, pois conta com o amor de seus vassallos, e de seus povos, dos quaes deverá ser o pai, e protector em todo o tempo. Se a tyrannia irrita e affasta as vontades e os corações á bondade, a Clemencia os escravisa por mais livres e altivos que sejam! Não posso passar em silencio e privar aos meus leitores de duas bellas passagens da historia que me occorrem ao pensamento e que ainda vem mais a attestar a verdade do que acabo de dizer. Um dia, o grande e sensivel José II censurou ao celebre Mozart que n'uma de suas muzicas elle tinha feito muitas emendas! o genio da muzica era assim como Gluk, demasiado susceptivel, e cheio de amor proprio como são as almas sensiveis.

Dous dias depois d'isso Mozart appresentou-se ao Imperador e lhe disse Sire, eu peço a Vossa Magestade a minha demissão! e parto para a Russia accei-

tar os offercimentos tantas vezes repetidos da Imperatriz Catharina: o Imperador ao ouvir essa despedida ficou vivamente commovido.... e duas lagrimas correram lentas e dolorosamente pelas suas faces; e depois com a voz entrecortada e visivelmente enternecida —disse-lhe—e vós tambem quereis deixar-me, ó Mozart?! A entonação da voz do Imperador foi tão seductora em sua influencia, que vivamente commovido o Artista, mostrou que essas poucas palavras do seu Soberano tinham feito vibrar fortemente as cordas da sua alma! Mozart adiantou trez passos mais para o Imperador; e approximando-se inclinou-se, e pondo sua mão sobre o coração disse— não, Sire! jámais Mozart abandonará a Vossa Magestade! e assim foi, porque a Imperatriz da Russia redobrou de instancias, e de vantajosas promessas, sem que o celebre, e sensível Artista as quizesse nunca acceitar, e acompanhou a seu Monarcha até este acabar prematura e violentamente como acabou. Augusto, primeiro Imperador de Roma, tinha tanta bondade, que se fez sempre amar, e foi com essa seductora, habil politica que se fez unanimemente aclamar Imperador por aquelles altivos Republicanos, e morrer Imperador.

Um dia lhe disseram seus Cortezãos, que em Roma se achava um joven Grego chamado Hector, o qual era d'uma tão perfeita semelhança em tudo com Augusto, que pensavam todos que era o Imperador disfarçado. Tantas vezes disseram isto ao Soberano, que quiz vêr e conhecer a esse seu semelhante. O joven Grego foi convidado para ir á presença do Imperador, e tendo-lhe sido

apresentado, Augusto, e os Cortezãos ficaram extremamente admirados d'uma tão grande semelhança em tudo! O Imperador dirigindo-se ao joven Grego lhe disse—Hector, dizei-me—vossa Mãi tem vindo alguma vez a Roma? não, Senhor! mas meu Pai muitas vezes!... Uma tal resposta lhe teria custado chara se a tivesse dado a um Nero, ou a um Tyberio! mas o Imperador Romano se tinha todo o espirito de Alcibiades, de Augusto tinha a bondade e o coração! elle era justo, e conheceu que ferindo assim a honra alheia, o offendido estava em seu direito de deffender-se! e essa joia de inestimavel valor, a honra, não é apreciada nem avaliada, senão por aquelles que a possuem. Quem fere, e mancha a reputação e honra alheia, é certamente porque já não tem nenhuma que perder.

Se eu tivesse a ventura de achar-me em França, esse paiz da intelligencia, e da illustração, me dedicaria aos preciosos, bem que espinhosissimos trabalhos litterarios, e umas vezes menos mal, outras bem, iria cultivando meu espirito, e minha intelligencia; iria espalhando rayos de luzes mais vivas ainda. O caminho escabroso e áriado que um viajante trilha pela primeira vez, precisa certamente de um guia, de um conductor! eu nem guia tenho, nem censôr austero que me dirija n'este meu premeiro ensaio litterario! Se algum merito se achar n'esta agglomeração de pensamentos, será tão somente á naturalidade do genio sem mestre! a nenhuma reflexão, nem estudo, e sim, aquillo que dão os bicos de minha esteril, e humilde penna. A belleza natural agrada em tudo áquellas pessoas de espi-

rito que sabem avaliar a naturalidade. Porque nos agradam tanto as graças infantis? não é pela sua completa naturalidade despidas de todo o artificio? tal pois nos acontece com um trabalho Artístico, ou litterario, aonde somente achamos as graças do natural, affastadas do atavio seductor do artificio. Reflectindo nós um pouco, vemos que tudo quanto é audacioso pertence á idade juvenil! no inverno da vida tudo deve ser feito com timidez, calculada prudencia, e por consequencia hade sempre ver-se nos trabalhos litterarios, e artisticos do homem velho, uma certa frialdade, acanhamento, e monotonia propria do homem, que sente já correr o sangue lento e frio! a juventude imprudente acha a gloria, a fortuna honestamente adquirida nas empresas temerarias! o grande homem até n'isso teve acerto e tino, quando escolheu para o Exercito Francez, homens todos jovens para ganharem as batalhas, e Capitães de meia idade, e cheios de experiencia, para com prudencia saber-os dirigir no ardor da peleja. A prudencia e o ardor guerreiro existiu em todos aquelles corações, em quanto a sêde das riquezas e das honras não estava saciada!... e esse foi o maior motivo, por que sempre esses homens venciam e ganhavam. Grandes couzas devem-se ao ardente e temerario empenho da idade juvenil! n'essa idade as ambições, e aspirações estão em todo o seu vigor! pouco se pensa, muito se deseja, e a sêde da gloria para uns, a de fortuna para outros é inesgotavel! a primeira d'essas aspirações é de perfeita sublimidade! ella ennobrece, e eleva o coração e a alma do homem virtuoso! a segunda ambição eu a

reprovo quando ella se affasta dos dictames da honra e dignidade! mas quando seja a fortuna honestamente adquirida, o homem deverá ter a suprema felicidade de auxiliar a humanidade desvalida, e não insultal-a com suas pompas e banquetes de apparatus. Confucio, esse grande e virtuosissimo Philosopho Chinez, pensou como verdadeiro philosopho! o Imperador da China no meio de sua immensa grandeza e poderio, lhe parecia bem pouca coiza! Entretanto que merecia sua grande admiração, um seu Concidadão que fazia distribuir todos os dias na porta de sua caza um prato de arroz a cada um de duzentos homens e mulheres pobres! Confucio! Confucio! porque tu homem sensivel e virtuoso, não existes hoje n'este seculo? ou morrerias de tédio e desgosto, á vista da sórdida avareza.... de uns e do insultador, e frio egoismo dos outros.... ou emfim terias a immensa gloria de teres em tua Escola um grande numero de Discipulos! Sim, porque esse Sabio tinha o precioso dom da persuasão. Epiteto esse paciente Philosopho Escravo, bem que nobre pelos seus virtuosos sentimentos, e pela sublimidade de seus elevados pensamentos, igualou a Confucio na doutrina philantropica que ensinava a seus numerosos discipulos! os philosophos do Paganismo deram-nos lições de charidade para com os nossos semelhantes.

O Sol, esse Astro vivificador quando dardeja seus rayos e illumina o globo terraqueo, é beneficentemente generoso! imitemol-o em generosidade e munificencia, nós outros que somos a obra prima das mãos de Deos. Mas com quem eu converso e me digno en-

treter? Ah! com um pequeno numero de pessoas que lerão estes meus pensamentos com attenção e cheios de reflexão á vista da verdade e pureza com que elles são emittidos.

CAPITULO XI.

Uma textual passagem da vida de Fenelon Arcebispo de Cambrai. Pensamentos, e reflexões interessantes e variadas, sobre a vida humana. Agudo e espirituoso dito de Mme. de Staël. Os Militares, Maria Luiz de Orleães, Rainha de Hespanha e a sua Camareira.



Eu prometti ir sempre citando dignos exemplos de virtudes Evangelicas, não deverei pois passar em silencio um facto da vida do virtuoso e sabio Fenelon.

As pessoas, que cultivam as letras, conhecem bem a vida do respeitavel Arcebispo de Cambrai, e as mais bellas e sublimes passagens d'essa carreira não interrompida de certos actos de piedade Christã do immortal Fenelon. Eu narrarei, e darei ao conhecimento dos meus leitores um facto simples; porém da mais Santa humildade, e dedicação fraternal. Uma tarde o Arcebispo de Cambrai foi visitar a uns pobres camponeses, e achou-os tristes, e chorosos assentados em um canto de sua cabana de palha. Elle sollicito, bom, humano como sempre, inquiriu a causa das lagrimas d'aquellas boas gentes. A boa Theodora levantou-se apressadamente, foi beijar a

mão do virtuoso homem, mandado á terra como um dom do Ceu! as lagrimas d'aquella boa creatura molharam a respeitavel mão, que aos seus labios tinhã-se approximado com a bondade de um verdadeiro Pastor! o que tendes vós, minha pobre amiga, porque choraes? o que vos afflige assim? Theodora ternamente interrogada pelo seu virtuoso Pastor, deu livre curso ao seu sentido pranto, e entre soluços e phrazes balbuciantes respondeu cahindo de joelhos aos pés do Arcebispo: ah Senhor! como hoje vindes encontrar-nos tristes e desgraçados, a mim, e ao meu Henrique! perdemos toda a nossa riqueza ha já tres dias como bem sabeis, Mon-Senhor, o nosso unico thesouro era só a nossa mansa vitella, por nós ambos criada, e nossa companheira na solidão d'este campo! perdemo-la!... Henrique, e eu temo-la procurado pelo bosque, e pelos prados, e encontra-la não é possível, Mon-Senhor! e as lagrimas da infeliz camponeza corriam em abundancia! não chores assim, boa mulher, que eu mesmo irei procurar vossa vacuinha, e estou certo de que heide acha-la! Oh! doces palavras de Santa consolação! como são sempre gotas de balsamo precioso para o nosso coração afflicto!.... feliz d'esse que assim dé essa consolação ao seu semelhante nos momentos em que gemer! O Santo Arcebispo de Cambrai levantou a pobre mulher, deu-lhe a mão a beijar, pegou em seu chapéo e em seu bordão, e sahiu apressadamente da cabana dos camponezes. Henrique era velho, incredulo, e o yris da esperanza já não brilhava a seus olhos, e não tinha influencia para seu frio coração!

elle ficou encostado ao tronco de uma annosa casuarina, abanou a cabeça tristemente como signal de sua incredulidade, e nenhuma esperanza. Theodora mais joven ainda tinha aspirações, e acreditava na doce esperanza, sempre risonha n'essa idade! Ficou na porta da cabana olhando attentamente para o caminho até perder de vista ao homem respeitavel e virtuoso, quanto modesto.

Trez dias esse mesmo respeitavel Pastor correu os prados, buscou nos bosques visinhos, bateu de porta em porta nas cabanas, e só no terceiro dia de investigações soube que a vaquinha tinha sido furtada; e vendida duas leguas mais longe: o Santo Fenelon para lá encaminhou seus passos; e chegou emfim a esse campo, e achou o homem que tinha comprado o animal furtado aos infelizes, que nada mais possuiam. Pagou o preço exigido pelo homem novo possuidor d'aquella que tinha sido criada com tanto amor e tanto mimo. Uma corda foi passada pelo pescoço da que hia tornar aos campos onde tinha nascido, e alegre retosado em fresca relva.

Uma tarde, e quatro dias depois da partida do Arcebispo, Theodora regava as flores de um pequeno jardim, que ella cuidadosa cultivava, e levantando a cabeça, olhou para a estrada, unico caminho que hia ter á sua cabana; solitaria, e affastada de todas as outras. O Sol dardejava seus ultimos rayos do mez de Fevereiro, a tarde era triste, fria, e tudo na Natureza lhe parecia sombrio, e coberto de crepe, conforme se achava seu coração! porque a esperanza na juvenil idade tambem desmaya muitas vezes! e o espirito juvenil desalenta quando

vê esse yris precioso da esperança ir-se perdendo no nebuloso de um Orisonte sobrecarregado de densas nuvens. Theodora levantou a cabeça, e olhou ao longe e viu aquelle que só sabia dar alegria e felicidade a seus irmãos. Approximada que foi ao sensível Pastor, o primeiro cuidado da boa Theodora foi beijar-lhe as mãos, e exprimir o sentimento da gratidão com phrazes mal articuladas pela violencia das emoções ternas do coração. Fenelon abençoou a boa mulher, e disse-lhe, Theodora, minha filha, aqui tendes a tua Mimosa, que me tem custado a procura-la grandes horas de penosas fadigas! que volte pois a doce calma ao teu coração, e a alegria a tua alma. Ao dizer essas palavras consoladoras, pôz nas mãos da camponeza a corda com que tinha conduzido o lindo animal desde trez leguas distante. Um dia pegou fogo no Palacio do respeitavel Arcebispo, e sua Bibliotheca escolhida, e magnifica, ficou em poucos minutos reduzida a um montão de cinzas. Um de seus amigos mostrou-se inconsolavel d'essa perca tão sensível aos litteratos. Fenelon lhe disse — eu vos asseguro, meu amigo, que antes quero vêr o incendio em minha rica livraria, do que em alguma cabana de pobres camponezes! suas lagrimas e gemidos me fariam mais mal ao coração. Eis o respeitavel homem, que ia tarde por tarde assentar-se em uma cadeira de palha, de cada uma d'aquellas cabanas de bons camponezes, conversar com elles, e assim instrui-los.

Outro dia entrou o Cura de Cambrai no gabinete do Arcebispo, e disse-lhe, Senhor, eu venho

obter de vós que impidaes e priveis as danças aos Domingos entre os camponezes; Fenelon lhe disse: Senhor Cura, não dancemos nós outros porque não nos é permittido, mas deixemos dançar a esses infelizes, que com esses innocentes prazeres, muitas penas e amarguras supportarão com maior coragem e resignação! eis aqui o mortal que sabia adoçar as penas d'aquelles que o buscavam para seu amigo. E esse Santo homem assim humilde, modesto, e meigo, que tinha educado ao filho primogenito de Luiz XIV, habitado no magnifico Palacio de Versailles, e no meio das pompas, e grandezas d'essa Còrte brilhantissima, tinha-se conservado sempre modesto, sabio, virtuoso! [a fatuidade, a vaidade pertencem aos espiritos limitados. Quando vejo na historia a faustusissima Cleopatra, Rainha do Egypto, vencida e decahida de seu Throno de ouro, e de todas as suas glorias despojada em um só dia; a Zenobia, Rainha de Palmira, vencida, desthronisada, servindo de adorno ao carro de triumpho de seu vencedor, o Imperador Aureliano, a Estatira, Esposa de Dario, Rei da Persia, cahida e supplicante aos pés de Alexandre, vencedor de seu Esposo, suspiro e digo, quem se poderá fiar nas glorias e felicidades deste mundo? Quem, meu Deos? eu que folheio todos os dias as paginas da historia das nações, e que vejo n'essas paginas, os homens carregados de glorias e virtudes, perseguidos, vagando, sem caza, sem patria, sem fortuna, e até pedindo esmola para alimentarem sua existencia, carregada de penas e amargor!!

Homero, Camões, Tasso, Belizario e mil outros

grandes homens que experimentaram a perversidade e perseguição de seus concidadãos, e de tyrannos, por premio de seus grandes serviços, e immensas virtudes. Mas no meu entender, os meritos e virtudes já são um grande premio! Deos é justo em conceda-lo aos homens! todos esses Capitães receberam em premio a gloria de seus meritos.

A perseguição da inveja, e da estupidez ha-deser infallivelmente incançavel sempre. Os Scientificos, os Militares, os Artistas dos nossos dias, que tem a possessão de tão preciosos dotes, que se consolem em sua desgraça! o premio de possuirem a virtude, e terem tantas vezes ganhado a gloria, é já um grande bem, um bem supremo! e se a esse bem se juntar a doce possessão da Mulher, a quem amam, então poderão supportar as injustiças, os trabalhos, as fadigas da guerra, e o amargor dos tristes... premios, dados quasi sempre ao valor do bravo Militar, que rega o chão com seu sangue, e com seu braço direito sustenta a Coroa na Cabeça do Monarcha! Sem o sorriso doslabios da mulher não ha felicidade para o homem! sem o doce, e delicado amor da mulher não ha coragem para o coração do guerreiro! ella só dá felicidade, e coragem para ganharem-se os louros, e vencerem-se todos os obstaculos! nós outras animâmos o Mundo inteiro, e somos a nobre causa de tudo quanto é glorioso, heroico, grande!

A Classe Militar deverâ sempre mostrar-se nobre, desinteressada, e sentir orgulho de sua dignidade, mesmo no meio da pobreza que a cêrca! o Militar honrado, e de virtudes, sabe consolar-se d'este

mesmo estado de necessidades, a que a ingratição, e injustiça o condemnam. Madame de Estael dizia que os reptis chegam as eminencias arrastando-se! e qual será o Capitão experimentado, e glorioso pelos seus reconhecidos serviços, e feitos de armas em favor da patria, e do Throno, que quererá chegar a uma alta posição de fortuna e Cargos, pelo caminho por onde sobem os reptis? Oh! nenhum d'aquelles que cingiram suas fronte com os verdes louros da victoria! não! a humilhação não manchará aos guerreiros, que detestem a adulação, e a estrada pela qual os reptis chegam ao cume das eminencias.

Madame de Estael tinha pensamentos felizes, e n'isso imitou ao immortal Camões, quando fallando das honras, diz. — As honras vale mais merecel-as sem as ter, do que tel-as sem as merecer. Quando Madame de Estael era joven, e antes de ter experimentado as amarguras, que ao depois angustiarão tanto o seu coração, era pelo seu character, e espirito muito inclinada á mordacidade, e á sátira, o que, no meu entender, manifesta sempre pequenez d'alma, e pobreza de sentimentos elevados. Um dia no Salão de Mr. Neker, seu pai, achavam-se muitos Cavalheiros reunidos, e cahiu a conversação ácerca dos excellentes vinhos, que produz a França, convido todos elles, em que o de Sellury era o melhor e mais precioso.

Mademoiselle Neker, que não perdia nunca a occasião de um picante sarcasmo (funestissimo dom)! sustentou, que não podia ser bom por nenhum principio o vinho de Sellury, e muito menos excellentel por que, lhe perguntaram todos? porque lhe

hasta o nome de Sellury para não poder ser em nada bom! Sua mãe Madame Necker, que comprehendeu immediatamente o sentido satyrico de suas palavras, disse-lhe,— não sejas má, minha filha! Mademoiselle Necker era inimiga de sua maior inimiga a Condessa de Gemlins, Marqueza de Sellury era em allusão a essa inimiga que ella se referia. Esta grande litterata, sem igual em profundos conhecimentos, ignorava completamente as modas que rapidamente se succediam umas ás outras, em Pariz; e muitas vezes ao apear-se de sua carruagem acontecia que deixava n'ella o seu Turbante. Como esposa do Embaixador da Suecia, era obrigada sempre a vestir-se de Corte, o que para ella era o maior supplicio. O mesmo acontecia a Maria Antoineta, que fugia da rigorissima etiqueta do Palacio de Versailles, para o Palacete— Le petit Trianon— para alli respirar livremente. Quando entrava de noite em sua alcova, desabrochava o cinto de seu Mantó, e dizia — graças a Deos, que já não sou mais Rainha de França! — tanta foi a singelleza com que ella foi criada na Corte da Imperatriz sua Mãe! Verdade é, que nada ha mais enfadonho, e mortificante do que viver dia por dia uma Senhora, dentro d'uma cruel machina de barbatanas, e sobrecarregada do enorme pezo de brocados de ouro, e adereços preciosos. A singelleza está mais em harmonia com a natureza! a simplicidade de graciosa elegancia agrada sempre. As Princezas da Caza Real de França ficavam inconsolaveis quando eram pedidas para esposas dos Monarchas de Hespanha! sim, porque era a Corte da Europa mais enfadonha.

e flagelante em sua imperturbavel Etiqueta. (*) Uma noite de suffocante verão, Maria Luiza de Orleans, esposa de Carlos II, cansada de carregar o pezo das luxosas alfayas de bordados de ouro e prata, desprendeuse á meia noite de todo o ceremonial, vestiu um lindo, e elegante roupão de cassa franceza, e foi assentar-se a uma janella da sua Alcova que cahia sobre o jardim. A Rainha d'alli admirava essa magia irresistivel, e poetica do mais bello claro da lua! em seu terno scismar, certamente sentia as saudades d'essa encantadora França! sua cabeça, admiravelmente bella, estava appoiada sobre uma de suas mãos, e por vezes, ternos suspiros mandava á Patria!... seus formosos olhos negros, cubertos de lagrimas, enfiavam toda uma rua do jardim, d'onde magnificas Estatuas se achavam enfileiradas. De repente sentiu um ligeiro estridor na porta de vidros do seu apposento! era o seu Arguz flagelador... que pouco a pouco ia approximando-se da poltrona. Maria Luiza de Orleans, dando um sentido suspiro, disse — Oh! minha bella idolatrada patria, nunca mais te heide ver!... o delicado lenço, perfumado em Ambar, chegou ainda aos olhos, e seus labios de roza murmurarão, França! França!... Ao terminar essa phrase de doce recordação, sua Camareira Mor D. Maria de Porto Carreiro, chegando-se mais perto deu um grito de horror! depois disse — Jesus, meu Deos! que vejo? a etiqueta dos antigos Reis de Hespanha, assim calcada aos pés por Vossa Magestade?! não minha Rainha, eu ao menos não o consentirei! Se-

(*) Este trecho pertence a historia ligeiramente, porém adornado por mim com alguma composição romantica,

nhora, vinde, que eu quero já tirar-vos esse plebeu
roupão francez. Maria Luiza de Orleans tinha muito
da vivacidade de sua encantadora mãe Henriqueta
de Inglaterra, e desesperada com a insupportavel per-
seguição d'aquella, que a inthysicava... com seu
zelo de etiqueta, levantou sua nivea mãosinha de
marfim, e deu um bofetãosinho no velho Argos, que
tão audaz se tinha tornado pela brandura do caract-
ter da Soberana demasiado joven. D. Maria levanta-
tou-se do tapete onde estava quasi ajoelhada, e de-
sappareceu como um relampago. A formosa Rainha
voltou os olhos para o magnifico jardim, e aspirou
todo o embalsamado aroma do Nardo em seu sober-
bo pendão, que misturado com o suave, e seductor
perfume da violeta, foi ferir-lhe o coração, tocar sua
alma!... e ainda nós saber não podemos o myste-
rio de tanta seducção, e influencia! e quem aspirou
jámais esse brando cheiro da violeta, sem que seu
coração suspirasse.... no mesmo instante?!

Florzinha tão modesta, quão mimoza,
Tu dominas e imperas nos sentidos,
Dos labios foge a vóz, que o sentimento,
Do peito nos arranca mil suspiros.
A roxa côr, emblema da tristeza,
Te mostra desmayada, em desalento....
E' assim que mereces preferencia,
Ao coração votado ao soffrimento.
Violeta e Rezedá como harmonisão!
Que entre as flores tambem ha sympathia
O delicado aroma agrada á bella,
Como de triste lyra a melodia.

Depois que a Beldade tinha melancolicamente poetisado ácerca das flores, do claro da lua, e de sua esperança perdida sobre a patria, que nunca mais veria: entrou dentro do seu Real apposento, suas Damas a despiram, e ella foi subindo triste e pensativa um, a um os degraus d'esse Thalamo desgraçado, assim como outros muitos. Duas horas davam nas pendulas do Palacio, quando a Dama de honra correu o pezado cortinado de brocado de ouro, e desapareceu. No dia seguinte a Camareira Mor, á testa de quinhentas pessoas da Illustre Caza de Porto—Carreiro, foi appresentar-se a El-Rei Carlos, e pedir-lhe reparação da vivacidade da Rainha — felizmente Carlos II respondeu — que hede yo hacer, fue eso un antojo de mi linda Reyna! — esse antojo, que quer dizer, dezejos ou caprixos de uma mulher encinta, cauzou uma alegria geral! o prazer de haver um herdeiro do Throno fez esquecer a quasi imbecilidade do enfermo Carlos II, e o bofetãozinho que tanta bulha fez.

Na Russia, antigamente era a ceremoniosa Etiqueta insupportavel ás Princezas, e este facto historico vai proval-o. Um dia de rigoroso verão a esposa do Principe Yvan, filho primogenito do feroz Yvan III Imperador da Russia achava-se muito mortificada por estar encinta, e já nos dous ultimos mezes de sua gravidez; tirou em sua alcova um dos trez vestidos, que como Princeza era obrigada a vestir, e esses cheios de guarnições de pelles de zibelinas, o que tornava verdadeiramente um pezo enorme para um corpo delicado. O Imperador, cujo character brutal e genjo irascivel não o deixavão nun-

ca contente se não quando fazia mal, entrou no apposento de sua Nora, e vendo que ella tinha tirado um dos trez vestidos para se aliviar do pezo que lhe cauzavam, ficou tão irritado, que levantando o Sceptro lhe descarregou dous golpes! Aos sentidos gritos da Princeza, acudiu seu Esposo para defendel-a, e o infeliz foi a victima! Yvan III levantou novamente o Sceptro, e descarregou-lhe em cima da cabeça um golpe mortal! o desgraçado Czarovittz cahiu morto aos pés d'aquelle que foi o Nero da Russia.

CAPITULO XII.

Reflexões sobre o homem de aspirações superiores. Influencia da mulher na sociedade. Dos Poetas mais celebres. Virtudes da Imperatriz Maria Thereza de Austria, e diversos objectos interessantes.



evirjamos d'idéas, e busquemos, como distracção, algum objecto menos triste de que os antecedentes, até para acudir aos multiplices pensamentos, que me tumultuam na mente. Todo o homem, que se estima, que se preza, que deseja occupar na sociedade uma brilhante posição, faz mil esforços, vence milhares de obstaculos.... de embaraços e tropeços até se elevar ás alturas que ambicionou. Seu genio dá um rapido, e audaciozo vôo! Seu coração, e nobre alma sentem-se inflammados do fogo das aspirações supe-

riores; da gloria das ambições, da admiração, da estima, do amor de seus concidadãos, dos estrangeiros, de todos em geral; e até permitta-se-me dizer, do coração sensível da mulher, que o admira, tanto quanto o sabe respeitar! Ella inclina sua cabeça diante do homem virtuoso e digno! Elle lhe dá uma folha dos verdes louros de sua coroa de gloria! Que sublime troca de respeitozas attentões! Oh! quanto é bella, e admiravel em sua origem virtuosa, e santa! Esse homem gloriozo tem fixa em sua mente volcanica a ideia de ser amado! E o que não se sente de sublime e immensamente grande, quando essa idéa consoladora nos alenta a vida? Sermos, e merecermos ser amados!...Essa idéa é qual balsamo precioso, que cura as ulceras do coração, que gotteja sangue!... Pensamento doce, e benefico, que anima a nossa alma, o nosso coração, balsamo divino da existencia dos mizeros humanos!... que nome te darei? sympathy d'alma? conforto da amargurada vida? terna e precioza affeição que fazes até sorrir os pallidos labios do homem, que agoniza!... que deixa já a vida, mas que sem tilhe teria sido sempre amarga, envenenada, triste, enlutada!... sublime sentimento! tu amor te chamas! tu, fogo, luz, sorrizo, e vida do homem emfim! O que seria o Universo inteiro sem esse sentimento inexprimivel, e para o qual não achei ainda um nome bastante forte, nem expressivo! O que seria sem elle este maravilhoso Globo Terraqueo? Um cháos tenebrozo donde nada alentaria o homem nem sorriria aos seus olhos nem uma graça da magnifica natureza! O genio superior do homem expiraria logo ao nascer! e tudo seria

aos olhos dos humanos, repassada tristeza, e dôr! E' mister que o homem tenha um objecto querido, idolatrado! que receba as homenagens da sua terna dedicação, da sua amorosa affeição. Ah! um só olhar, um só sorriso desse objecto querido, e caro ao seu coração, lhe dá mais alegria, felicidade, e gloria, do que as coroas de louro, e de Murta deram aos Poetas Italianos, quando coroados no Capitolio de Roma. Petrarcha, esse grande e feliz Poeta da Italia, ter-se-hia immortalizado com seus sublimes e ternissimos sonetos, de inestimavel doçura, e harmonia, se o seu coração não tivesse amado, idolatrado, apaixonadamente a bella Laura? Torquato Tasso, esse Poeta com mente Divina. com pensamentos de sublime harmonia, ter-se-hia immortalizado com seus cantos, Poemas, e suas vigílias inflammantes, e apaixonadissimas, se não tivesse amado com paixão profunda, e delirante a sensivel Leonor, Princeza de Este? Camões, esse Poeta, gloria da Luzitania, teria composto seu sem igual Poema, tão rico, tão bello! tão cheio de audaciosas inspirações e desmedido saber, se o coração do genio da poezia não palpitasse de amor por D. Catharina de Attayde? E vêde que só de amor desgraçado!... porque é esse amor somente o que toca até a sublimidade, que desenvolve os talentos, que torna o genio audaz, e que o faz remontar até aos Céos! Ah! sentimento magico!... e incomprehensivel bello e sublime. Quando eu fallo de ti, sinto-me como inspirada por Deos! E este precioso e inexprimivel sentimento d'alma e profanado.... pelos pensamentos impuros do homem material ig-

nobil, que de ti, sublime amor, nada conhece! nada sabe! nada sente nem soffre!... Ah! é assim que o homem profana o que ha de mais puro, santo, e bello no coração humano! Lastimo cada vez que ouço pronunciar esse precioso, e nobre sentimento pelos labios impuros... de tantas creaturas, que jámais conheceram uma faisca desse Divino fogo que inflamma a nossa alma! que nos torna a existencia triste, sombria, ou alegre e doce para aquelles que são felizes! Não; não ha linguagem bastante que exprimir-o possa! Como lhe chamará áquelle que não tiver delle conhecido senão o amargor, o pranto? Supplicio dos supplicios!... inferno da existencia dos humanos! Só Deos é quem te poderá definir e avaliar, no pungir doloroso, e penetrante de teus agudos martyrios!... de teus sentidos gemidos de dôr indefinivel. Insensato mortal será todo aquelle que pense achar linguagem, que exprimir-te possa. Oh! sublime e infeliz amor! E' só em ti que os humanos acham o negro tedio da existencia! o tormento perenne do arqueijar o coração no peito!... dos surdos gemidos que opprimem fortemente a alma!... Quem terá linguagem bastante energica para exprimir os effeitos caprixozos, oppostos, diversos, incomprehensiveis d'esse sentimento desgraçado, que até rouba ao Sol brilhante a luz e o faz ver áquelles, que estão mergulhados na dôr, encuberto nebulozo, sombrio! A lua prateada, bella, em seu disco luminoso, parece pallida; sem graça, e sem o menor encanto! Esse Planeta que convida ao doce melancholico scismar!... que faz suspirar ao contemplar-se silenciosa è tristemente!... e a verde

esmeralda das mais graciosas e lindas montanhas, e dos prados mais floridos, não desaparece também aos nossos olhos, mostrando-nos em troca uma côr triste e sem a menor graça? porque nós vemos todos os objectos com o sentimento do coração! Se a nossa alma está coberta de espesso crépe, tudo se nos appresenta enlutado, e triste! O Céu não tem azul celeste; o Sol perdeu seu brilho; a lua sua magnifica, e magica atracção; e até a doce harmonia do rouxinol é monotana e sem melodia! Minha penna é pobre de expressão; minha linguagem esteril para descrever-te, ó dôres occultas d'alma. Quizera ter o dom de fazer vibrar as cordas d'alma de quem me lesse com attenção! Quizera por vezes fazer correr pelo corpo um d'estes calafricos... ou extremecimento que se podem, sim sentir, mas que é impossivel de ninguem definir, ou bem expressar o que isso é, o que cauza, o que sentimos!... São effeitos que só Deos conhece, porque foi essa Essencia Divina e indefinivel que formou a rica organização moral; em tudo superior, e mais admiravel ainda do que a physica. Os Sabios, os Medicos, os Poetas não acharão ainda expressão para bem definir, nem exprimir esses mysterios occultos aos olhos dos homens. Poderei eu pois no Dedalo de minha ignorancia achar phrazes tão felizes, e eloquentes para dizer o que sente a nossa alma em taes instantes que cada um delles já é um mysterio? Ah! uma cortina de trevas achamos, e acharemos sempre que quizermos passar adiante, ou sondarmos os segredos do Omnipotente! Respeitemos, e não levantemos a ponta d'esse denso véu, por que nossa mão commetterá

um sacrilegio! Sintamos, amemos, mas não indagamos o que pertence á Divindade. Temerario, incredulo, falto da verdadeira fé, e da Religião Catholica será todo áquelle homem, que duvidar do infinito poder de Deos! Adoremol-o, e respeitemos seus impenetraveis mysterios, sem termos a sacriliga audacia de os querermos prescrutar! Só Deos é todo Grande! E o homem comparado com elle apenas é um verme invisivel!

Direi agora algumas phrazes ácerca dos Poetas, cuja intelligencia rica e feliz, já é um dom do Céu. Os genios immensamente grandes que assombraram o mundo litterario foram Luiz de Camões, Poeta cheio dos maiores talentos, e variados conhecimentos! n'elle só se reuniram os talentos de Virgilio, Homero, Ovidio, e de mil outros homens de esphera elevada, e superior. Torquato Tasso, tão extraordinario em seu fecundo engenho, em sua doce e terna melodia, e em suas Divinas inspirações; immortalisou-se tanto pelos seus bellos Poemas, como por seus infortunios. O Dant; Petrarcha em seus sonetos de sem igual belleza, em seu infeliz e mal correspondido amor pela formosa Laura não o fez menos celebre. Milton, esse genio, gloria da Inglaterra, immortalisou seu nome com o seu Poema, o Paraiso perdido. D. Allonzo de Arzilla no seu riquissimo Poema, La Araucana, é rival de Camões. Poppe é grande! o seu laço de cabelo é uma de suas bellas inspirações; assim como Lord Byron, em sua morte de Abel. Martinez de la Roza é de gracioso e fecundo engenho. Mas esses engenhos sublimes são raros nas Nações de que fazem e constituem a

gloria e o orgulho: Da incomparavel França, Corneille, Pirre, Rotru, Racine, Voltaire, Chenier, Colardeau, Boileau ; e dos modernos, Victor Hugo, e Cazimiro de Lavigne, são applaudidos com enthusiasmo. Para discorrer ácerca dos poetas, são necessarias phrazes sublimes ! e eu não tenho senão mesquinhas inspiracões que mostram bem minha completa insufficiencia. A linguagem de luxo Oriental com que o grande Chateaubriand escreveu, e exprimio seus bellos pensamentos não me é dada, não ! mas a minha singella expressão sympathisa mais, e está em harmonia com o natural, Bernardin de Saint Pierre, que soube expressar com tanta ternura e melodia o seu infortunado amor pela Princeza Maria de Polonia ; que ninguem, ao ler tão triste narração deixará de o preferir ao pomposo author de Athala. O Conde de Buffon apreciava extremamente o author de Paulo e Virginia ; e eu se ambos esses genios existissem hoje inclinaria a cabeça profundamente diante de Chateaubriand, e apertaria com fraternal abraço e viva comoção ao velho Bernardin de Saint Pierre ! Este homem sim, que infiltrou sua doce lingagem até o fundo do coração ! não faz só vibrar, mas até quebrar as cordas de nossa alma. Dos Poetas Portuguezes nossos contemporaneos prefiro ao harmonioso Castilho ! Pouco d'elle tenho lido ; mas quem lê suas preciozissimas cartas de Echo e Narciso, e os ciumes do Bardo, já faz idéa do immenso valor de seu author ! Direi entretanto que a Caverna do Ciume por Bocca-ge é superior em tudo aos Ciumes do Bardo. Mas Bocca-ge com todo o fogo de sua imaginação, não

teve a fortuna de Castilho, para compor essas cartas de indifinivel sentimento e doçura de expressão, e sobretudo aquella em que Echo lastima tão sentidamente a morte de sua corça! Quanto é terna essa carta! A minha corça morreu!! morreu a fiel companheira dos meus tristes dias! Que sensivel tristeza em tão poucas phrazes! Em todas ellas brilha o sentimento do amor desgraçado!... mas n'essa carta eu acho uma força de immenso sentimento. Quando ha doze annos passados li essas preciozissimas cartas, revoltei-me de indignação ao ver que o Poeta Portuguez nos tinha assim humilhado em uma pessoa do nosso sexo! hoje penso melhor, e acho que o Poeta collocou a mulher no seu verdadeiro ponto de vista! A mulher amante dominada, e fascinada por uma paixão amorosa, que lhe rouba toda a doce felicidade da vida! Ella assim é tão bella! O Throno, o Sceptro, o Imperio da mulher, são sua doce e terna expressão! E' o amor delicado e puro que nasce para nunca mais morrer em seu coração. A mulher sem amor, do joven Poeta D. Carlos Guido, é uma composição magnifica de belleza! Mas quanto é tibia aos meus olhos a mulher sem amor! até me parece que não deveria pertencer ao nosso sexo. Os dous Renegados do Sr. Leal Junior, é o Drama mais bello e cheio de sentimento que tenho lido dos Poetas contemporaneos: que ardente é alli o sentimento quasi Divino, do verdadeiro, do sublime amor! muito apprecio a esse joven litterato, e Poeta Portuguez. Garret em seus dous Poemas, D. Branca e Aduinda, que doçura não desprega! tudo alli é cheio de ternos sentimentos. O Caramurú é um Poema

de harmoniosos versos! rico e bellissimo em seu todo é esse Poema! Seu Author tem muita doçura em toda a sua expressão, muita ternura, e ardente imaginação quando descreve as delicadas graças da Princeza Paraguassú, e os magicos encantos da natureza do Brazil. Depois dos Luziadas, La Araucana! e depois d'esse sublime Poema, o Caramurú é um dos mais interessantes e graciosos enredos da diva linguagem Poetica, que mais tenho admirado. Se não conheço os segredos e regras da Poesia, sinto os extasis, arroubos, e os transportes exaltados da admiração que nos arrebatam o genio! Compenetro-me do sentimento do Poeta, acompanho-o em todos os seus audaciosos pensamentos, e minha alma extremamente ardente, e sensivel, rende justa homenagem á sublimidade da intelligencia humana: tudo altamente avalio em seus quilates do que pertence ao intellecto do homem superior, lastimando ao mesmo tempo áquelles que possuem essas riquezas, e que tão agudos e dolorosos espinhos tem. Sinto não ter lido nada dos nossos jovens Poetas Brasileiros! Apenas li no Jornal das Senhoras, algumas inspirações poeticas do Sr. Salomão, a quem chamarei sempre o mais harmonioso dos poetas! Que doçura tão natural, que sentimento tão suave, amoroso e brando! No seu hymno á tarde, que immenso merecimento achei! Logo que eu deixar a penna da mão, o apreciarei immenso, lendo suas ricas inspirações poeticas. Para eu gostar de uma composição, é mister que ella seja cheia de sentimento! despida d'esta riqueza, eu chamarei sempre a qualquer producção do intellecto, trabalho feito a golpes de martello! Gosto mais do

do Poeta feito, por Deos, e a natureza do que o Poeta filho só do estudo. Mr. de Beranger, Poeta, e crítico Francez do maior merecimento tinha apenas vinte annos, quando da sua Provincia dirigio pelo Posta ao Ministro do Interior, Luciano de Bonaparte, um grande masso de papeis; eram suas primeiras produções poeticas, e todas bem cheias de imperfeições. Dizia elle ao Ministro do Interior que, sendo pobre e sem protecção alguma, seu genio natural morreria por falta de protecção! O bom, e excellente Luciano de Bonaparte, tendo mil, e mil sérios affazeres a que prestar todos os seus cuidados, foi tão bom que leu com a maior attenção todas as imperfeitas poezias do joven Poeta. N'ellas achou grande fogo de imaginação, justiça de critica, muita naturalidade, e tudo isso hia-se perder sem protecção. Mas como homem nobre e de talentos constituiu-se protector do Poeta desvalido, que algum dia seria excellente Poeta. O Ministro d'alli a seis dias dirigio pela Posta o seguinte bilhete ao joven Francez Mr. de Beranger, dei-me por feliz e honrado da « vossa dedicação. Vossos versos estão cheios de « imperfeições Poeticas! mas n'elles vê-se a força da « expressão, o fogo da vossa imaginação! Estu- « dai! estudaí com ardor, e assim vos asseguro « que hireis longe!... Contai annualmente com uma « pensão de dez mil francos de minha carteira par- « ticular. Mandai-me um recibo do primeiro anno « de vossa pensão para eu fazer entregar-vos já essa « quantia. Sou vosso attenciozo venerador Luci- « ano de Bonaparte. — Pariz 21 de Julho de 1800.» — Luciano de Bonaparte era homem de mil vir-

tudes, talentos, e summa bondade. Elle bem sabia que o talento sem protecção desmaya! desacorçoa... morre por fim! Mr. de Beranger esperava a resposta com louca anciedade! Seu coração palpitava fortemente, e a insomnia, em que passou esses dias, bem a sei eu avaliar. Por fim, no ultimo dia da semana um empregado do Correio lhe trouxe uma carta; quebrou-lhe o sello com impaciencia, e leu a assignatura do Ministro do Interior! Sua alegria foi inexplicavel! ella augmentou-se ao ler a pensão que o grande Luciano Bonaparte lhe tinha prodigalizado! Nas grandes Nações ha grandes homens! O talento, a virtude e os meritos quem é que os protege? Só, e somente quem os possui, porque esse só é quem conhece os quilates d'essas inestimaveis riquezas. Todos nós sabemos que o Principe de Cannino era um homem adornado de virtudes, e brilhantes meritos! Republicano de coração, nunca quiz acceitar nenhuma das Corôas que seu Irmão Napoleão poz á sua disposição. Infeliz do homem de talentos, virtudes, e meritos que nascer no Brazil! infeliz delle!... Mas se for alguma dançarina de Theatro, alguma comica, ou cantora estrangeira, oh! feliz mulher!... vinde, vinde aqui ao Brazil. Aqui onde centenaes de honestas, e pobres familias gemem na maior miseria... deixa-se ver ao mesmo tempo nas familias ricas, o luxo a profusão, a commodidade, e as despezas mais superfluas! Ah! e tudo na humanidade é já miseria e dôr!... O homem nasce chorando, e fazendo gemer... e esse choro é o emblema perfeito da vida humana. David, o Rei Santo, assim nos mostra em seus preciosos

Psalmo, o Rei Job em seus sublimes pensamentos, e o sabio em suas maximas, ou sentenças de inestimavel valor. Quando abro a primeira folha do livro intitulado,—Noites de Young—vejo logo na primeira pagina o dezenho tristissimo do Poeta sensivel, e desgraçado, que tem em seus braços o cadaver de sua filha Narciza, morta em Montpellier, tendo uma lanterna pendurada á uma arvore, buscando um pequeno espaço de terreno para abrir uma sepultura, e alli enterrar o precioso corpo da Donzella protestante, a quem o virtuozo Clero Francez tinha recusado dar uma pobre sepultura em um cemiterio de França! Ah! que mal comprehendem a Divina doutrina, e Religião do Deos de Clemencia, de Bondade, e Misericordia Infinita! A Religião pozitiva é tão cheia de ardente charidade, sensibilidade, e brandura, que faz honra as pessoas que desempenham seus sagrados deveres na Sociedade. Aqui n'este bello Paiz nos achamos em uma triste epocha para muitas pessoas levianas, e inconsideradas! Os actos de Religião, virtude, e generosa charidade, são só um motivo mais para escarneo, zombaria e motejo! Na historia de todas as Nações cultas vemos que as Princezas, e Soberanas desempenharam sempre os mais preciosos deveres de charidade, e religião, e assim deram o exemplo das virtudes, e serviram de Espelho ás outras Senhoras de seu imperio. Entre mil Princezas respeitabilissimas, que a historia nos apresenta, citarei aqui ainda uma vez a mais virtuosa d'entre todas; e para a qual nem os labios, nem a pureza tem louvores bastantes. Durante a celebre guerra dos sete annos contra a Allemanha, em que

tanto se immortalizou a grande Maria Thereza de Austria por ter sustentado com tanta dignidade essa lucta contra trez Potencias estrangeiras, deixaram-se ver as miserias da Nação, e a fome, que o povo da Capital soffria, o que dilacerava o coração da Soberana, verdadeira Mãi dos seus povos: um dia a virtuosa, e sem igual Maria Thereza de Austria, ao aprear-se achou-se cingida pelos joelhos por uma pobre moça que trazia dous filhinhos! magrissima, pallida, desfigurada... abraçava os joelhos de sua Soberana, gritando; Senhora! tenho fome! eu e meus filhos não comemos ha trez dias! E a mizera moça perdeu os sentidos... e cahio por terra! A Santa Imperatriz levantou aquella infeliz coitadinha, assentou-a nos degraos da escada do seu Palacio e desatou em torrentes de lagrimas! Depois fel-a conduzir ao Salão de jantar, e ella mesma servio á mesa aquelles trez desgraçados! A Mãi e os filhinhos devoraram as aves, e sopa que a Imperatriz lhes tinha servido. Maria Thereza cahio em uma poltrona banhada em pranto, e exclamou: Oh! meu Deos! que vos tenho eu feito para me fazerdes tão desgraçada?! Ver morrer de fome a qualquer dos meus filhos, é para mim, Senhor, o mais cruel e dolorozo castigo! A Imperatriz passou dous dias a chorar, e sem alimentar-se! Tal fei a impressão que lhe fez aquelle quadro de miseria! A pobre moça e seus filhinhos ficaram hospedados no Palacio. Outro dia hia a Imperatriz entrando pela porta de uma de suas Quintas, e ao passar a carruagem diante da guarda vio cair por terra um moço que estava de sentinella! O soldado cahio estendido ao pé da roda da carrua-

gem, e Maria Thereza inquirio sollicita a cauza d'aquelle mal ; os outros camaradas responderam assim—Senhora, é de debilidade que Frederico nosso camarada cahio!—A Imperatriz extremeceu ! De debilidade?! Pois que! elle não tem razão, e soldo? Sim, Senhora, mas tem sua velha e desgraçada Mãi a quem dá todo o soldo; e o pobre Fritz fica somente com sua razão! Maria Thereza mandou conduzir o moço para o hospital Militar recomen- dando que o tratassem com todos os desvellos. A Mãi d'aquelle moço estava na sua Aldea a quarenta le- goas de distancia da Capital. Uma sege do Palacio Imperial partio de madrugada para hir buscar a pobre velha, Mãi de Frederico, por ordem da Im- peratriz. Apenas chegada, Maria Thereza mandou chamar á sua prezença ao bom e virtuoso filho, e lhe disse : —Fritz, abraçai vossa Mãi para nunca mais vos separardes d'ella! Não é justo que um filho tão bom viva longe d'aquella a quem tanto sabe amar.—E a sem igual Soberana estabeleceu uma pen- são a esse tão bom filho, e mandou-lhe dar baixa do serviço. Eis ahi como a gente virtuosa premeia a virtude! Possuo, entre outros muitos quadros, o retra- to d'essa Soberana, e o contemplo dia por dia cheia da mais profunda veneração. Duvido que haja al- guma filha, que tenha pela memoria de sua Mãi mais idolatria do que eu tenho pela memoria d'aquella Soberana, que gemia pelas miserias dos seus povos! O homem, ou Senhora dos mais res- plandcentes talentos, e em cujos corações não ardam o Divino fogo da charidade e da sensibilidade, nada va- lem para mim. As Santas Irmãs da Charidade, esses

Anjos do Céu descidos á terra, essas Donzellas votadas ao soffrimento e á dôr, valem mais para o meu coração, do que milhares de Senhoras sem charidade, e sensibilidade para com os males dos seus semelhantes! Josefina! Anjo Tutellar da França! Como fostes sempre boa! Aquelle sorrizo encantador, com que acolhia aos desgraçados, conquistou mais corações, mais doces sympathias, do que as homenagens dadas á realza! Ah! mulher perigoza! Tu imperaste sobre todos os corações dos teus povos! Hoje ainda és idolatrada em tua memoria veneravel e preciosa. Quantas perversissimas pessoas..... perdem um coração para não perderem um sanguinolento sarcasmo!... Josefina se afastava da etiqueta Imperial só para não perder um coração! tanto ella avaliava o ser bem querida e amada! Quantas vezes tenho sentido indifinivel prazer em repetir estas palavras—é tão doce ser boa!—Nunca nos arrependemos de sermos milhares de vezes bons! Mas Ai! de nós se formos uma só vez maus! Então o remorso penetrante, e agudo se cravará em nosso coração, e não nos deixará mais! Conservarmos-nos cheios de dignidade contra nossos inimigos é justo! fazer-lhes mal por mal, oh! não, nunca! contentemo-nos com desprezal-os. Quantas horas de suprema dôr temos na vida, de dolorozo amargor que o coração traspassa! Quem te poderá exprimir, quem terá eloquencia para poder contar as crueis dores que dilaceram a nossa alma?... Veneno... que amargor te chamas! Como tu gotta a gotta filtras no coração humano!!... Como o torturas.... dilaceras!... sangras!... Como tu, oh! amargo veneno, tedio e des-

gosto da vida, vais ter até o mais reconcentrado do nosso coração! até o mais recondito arcano da nossa alma! Horas supremas de indifinível dôr; que solemnidade, que impositante aspectodá a tudo quanto nos rodêa! Nossos olhares desvairados vagam incertos por aqui, e por alli, sem sabermos onde fixal-os! Depois vão buscar o Céu como nosso melhor refugio, e alli ficam cravados! immoveis! esperando que Deos leia no fundo da nossa alma a dôr que nos dilacera! que nos faz perder sentidos, razão... e vida. Oh! verdade inexplicavel!... Ai! horas mil vezes repetidas na vida humana! horas de suprema, e solemne dôr!... Meu talento é fraco para que vos possa descrever. Eu emudeço, sim. Passarei a fazer algumas ligeiras observações sobre o destino. Todos nós acreditamos que o destino feliz, ou infausto nos acompanha desde o berço até o Tumulo! e eu muito acredito na influencia dessa nossa chamada sorte! destino! E quando tu és infausto, qual é o homem poderoso, e grande que pôde torcer o curso de tua funesta carreira? quem? ninguém!. Tu, tudo atropellas até chegares aos teus fins mal fazejos; e assim tua victima escapar-te não pôde. Façamos mil esforços, mil fadigas empregue-mos para affastar de nós a tua enlutada influencia, em vão! O destino infausto, e sombrio, envolto em funebre Manto, se riria de nós! se riria do sorrizo infernal do genio do mal! Elle se burlará de nós; e evitar seus terriveis effeitos não poderemos. Essa influencia funesta prende-se a nós, aos nossos passos dia por dia, hora por hora nos acompanha sempre para dizer-nos, tu, tu serás desgraçado!!... Não

ninguem zomba de ti, ó destino; Estrella, sorte, ou como quer que te chames lá nos mysterios do Altissimo. Nada podemos dizer da felicidade risonha de alguém! Muitas pessoas tenho conhecido felizes, ricas, de todos invejadas! porém lá chegou para ellas a hora, em que se cumpriram as leis de sua sorte, ou antes os decretos de Deos, e as vimos terminar, como? oh! dolorosa narração seria a minha, se eu quizesse explicar como essas desgraçadas pessoas acabaram! Que destino infausto foi o de todos esses homens historicos, que todos nós conhecemos, e bem que tão cheios de gloria, ao depois tivemos que sentidamente lastimar! e ainda eu terei aqui que citar illustres nomes de personagens mui dignas. Que pallida Estrella foi a que brilhou no Céu, ao elles nascerem! que influencia funesta e enlutada dominou em toda a carreira de seus dias! por que em fim é a ultima hora do homem o que melhor nos mostra se elle foi feliz, ou desgraçado! — é só no fim d'essa existencia, que nós outros, que os contemplamos, poderemos vêr, se a estrella que os acompanhou foi benefica em seu prateado brilho, ou funesta e triste.

Por longos annos elles todos illudiram-se com os mentirosos sorrisos e caricias da Deusa fortuna! depois esses risos, e seductores afagos... converteram-se em lagrimas, e dôr!... ninguem se deixe seduzir d'essas falsas glorias e enganos d'essa Deusa fementida! o tempo, esse Velho cheio de experiencia de profundo conhecimento, envolto em seu Manto, serio, cabisbaixo, embala a cabeça tristemente, e

disse-lhe a essa graciosa Beldade vestida de purpura, e azul, não! tu não és quem decides do destino dos humanos! bem que graciosamente bella, risosna, e seductora, não me és superior a mim em poderio; e carregado de experiencia... sou eu quem ganho, ou perco a ultima partida! Sim, é só o tempo quem póde mostrar se foi feliz, ou infortunada a carreira do homem! Deos, e o tempo! se esta é a linguagem d'esses dous Deuses da Mithologia, prestemos antes credito ás palavras d'esse velho em tudo verdadeiro; e desconfiemos sempre das fementidas promessas da Deusa fortuna, que sorri para enganar, seduzir... e depois burlar-se da nossa cega... credulidade.

Com o seguinte facto historico já o vou ainda provar, e este é infelizmente tão verdadeiro, como todos os outros casos tragicos acima mencionados, e os que hão-de seguir-se. Ed'entre essas victimas foi uma d'ellas o profundo e illustre Sabio, Argentino, o Dr. em leis D. Florencio Varela, esse florão da gloria Argentina! esse genio ante o qual se inclinaram as illustres cabeças dos primeiros Academicos da Europa! Os homens não querem nunca ver adornada a nobre fronte de uma Senhora com uma só folha de louro! E nós outras justas e generosas tecemos corôas de flôres para cingirmos a testa do homem de engenho superior! Tal eu faço, dirigindo algumas phrazes de justo, e merecido elogio, a esse genio que está já collocado nas paginas da historia, e seu corpo no frio, e prematuro sepulchro. Depois de sua longa peregrinação longe dos Patrios lares, miserias, e dois cruelissimos naufragios que experimentou, e

em um d'elles salvou somente o seu precioso **manuscripto**, ultima grande obra d'esse genio. A imitação do immortal Camões, quando salvou os seus Luziadas, assim fez o Dr. Varela. Depois de tão cruéis perigos, e quando já tranquillo em Montevideo, e no seio de sua familia, o agudo punhal de um Sicario lhe traspassou o nobre e virtuoso coração !... Esse é o premio da virtude, dos talentos e da honra! Perseguição... e por fim os golpes do punhal dirigidos pela mão de um inimigo da virtude de suas illustres victimas... O respeitavel Argentino D. Jacintho de Estivao teve a mesma infausta sorte! Excelente, e virtuoso guerreiro, cujo tragico fim tanto lastimei! Minha penna hirá rasgar as ulceras de alguns corações, que já terão gemido bastante; por essa razão não citarei mais nomes de illustres victimas de homens perversos que envergonham a especie humana. A minha inclinação dominante para tudo quanto é triste me faz passar á outro assumpto nada alegre. Mas o Pintor, e o litterato se conhecem pelos traços de seu pincel, ou de sua penna.

Entre os espiritos turbulentos e levianos que lêem as paginas de um livro sem meditação, nem reflexão, achar-se-ha uma ou outra pessoa que comprehenda e avalie os delicados e preciosos quilates do sentimento ! essas tendo talvez já experimentado o amargor dos desgostos, que nos assaltam quando nós menos o esperamos! essas pessoas, apreciadoras do positivo, lerão com maior attenção phrazes e pensamentos transmittidos ao papel, pela sensibilidade de minha alma demaziado despedaçada pelo soffrimento.

CAPITULO XIII.

Descripção da mulher religiosamente resignada, e coroada com a coroa dos martyrios. Tributo de admiração ás Escriptoras do Jornal das Senheras. Diversos pensamentos ácerca de objectos variados e interessantes.

as antecedentes paginas d'este livro prometti descrever a mulher sublime, coroada com a dolorosa corôa dos martyrios! e onde irei buscar os talentos necessarios para uma tal descripção? Na poezia d'alma, no sentimento do coração? nos enlutados soffrimentos que retalham meu peito dilacerado pela dôr, ou nas lavas ardentes que me abrazam a mente?... Pezada tarefa é uma tal descripção! Pincel de Miguel Angelo, penna de Abrantes, ou poezia da sentida, e desgraçada Sapho, vinde, vinde emprestar-me por uma só hora vosso magico poder!... emprestai-me os vossos talentos inestimaveis, que o fogo de minha imaginação, a sensibilidade extrema de minha alma farão o resto. Sinto despedaçar-se-me o coração com a ideia do sublime objecto que minha penna vai descrever! Dôres de minha alma, deixai-me por alguns instantes livremente respirar, que se assim não fôr ficará o quadro com tintas pretas, sombrias... carregadas... tristes; e eu quizera que nesse quadro de repassada dôr, apparecesse aqui, e alli algum sorriso! algum ligeiro colorido de purpura e azul! Oh! como aquelle que te contemple, ó quadro, desejará correr a cor-

tina sobre ti! sentir-se-ha atraído... fascinado pela tua silenciosa... expressiva dôr, quererá fugir de ti... mas não poderá! passará adiante... voltando sempre os olhos para o lado em que te deixa!

Para descrever a mulher superior e resignada a toda a sorte de pungentes martyrios, escolhi uma Amiga idolatrada que muito soffreu na vida! hoje repouza no Tumulo; mas lembrada, querida sempre por mim, cuja amizade não se resfia, nem com a longitude, auzencia, nem com o Tumulo, que esse fogo ardente, e precioso arde em meu coração, além do sepulchro. Mulher sublime! Como pareces assim bella, coroada com a pungente corôa dos dolorosos martyrios! espinhos agudos e penetrantes!...tu, tens aos meus olhos mais alto valor do que os brilhantes do Oriente do mais subido preço, que brilham nas Corôas dos Imperadores do mundo! Tua fronte quanto é digna de admiração, assim salpicada do sangue que das ulceras vertes! Como esse sangue, correndo gotta a gotta, me parece mais precioso do que os Rubins que adornam o Diadema da Esposa do Grão Senhor do Oriente! Teus languidos olhares.... que crueis martyrios só revelam, mais lindos e encantadores são do que as estrellas do Céu!... do que o sorriso amorozo em boca de coral!... Pallida desmayada, languida e triste és para mim mais fascinadora do que a mais bella e altiva Soberana assentada em seu magnifico Throno de ouro! Teu sorriso! Ai! teu sorriso ao nascer expira nos labios! Em vão queres esconder a dôr que te punge a alma, que o angustiado de teu semblante revela os soffrimentos occultos no coração! queres sorrir, torrentes

de lagrimas te escapam em borbotão dos olhos! queres disfarçar a dôr que te rala o coração, e teus suffocados ays rasgam teu peito. Dizes que és feliz!... que sentes a alma tranquilla, para assim enganar a um outro coração... e entretanto dentro do teu, tens um inferno de supplicios!... de inexprimiveis tormentos... E dizias — sinto-me calma?... estou consolada! — oh! sublime heroicidade! coragem sem igual! quando teu coração arquejante rompe o teu peito á força de gemer, queres occultar que és a mais desgraçada victima do destino infausto. E na tua immensa sublimidade queres esconder que és a mais desventurada creatura que na terra existe? não! chora!... bella e delicada mulher, chora que á verdadeira dôr, á dor suprema não são vergonha as lagrimas! O pranto foi formado por Deos para os olhos da mulher! o gemido de repassada angustia para seu coração! os martyrios para sua alma, os soffrimentos e dolorosos suspiros, que rompem o peito, foram sómente criados para ella! Triste allivio d'alma! Mas em fim, sempre é um linitivo que o Céu piedoso manda! Lagrimas!... dom do Céu! o que seria de ti, ó bella martyr, adornada com a Corôa dos agudos espinhos dos sôffrimentos..., se não fosse esse orvalho Divino do coração, o pranto? Ai! então as cordas da tua alma se quebrariam uma por uma como as grossas taboas de possante Náo, açoitada pelas ondas de furiosa tempestade. E apesar d'esse pranto, desses dolorosissimos soluços, deixas cahir a cabeça dolorida e triste sobre o peito? Sim, qual delicada flor cortada da haste, que murcha... desmaya, morre... assim tu infeliz, fraca, e meiga

creatura, tu te appresentas! Em teus labios do coral foi creado o sorriso Celestial para encantar, para fascinar, para prender! E quantas vezes querendo com esforço sorrir, o sorriso brando e hospitaleiro te expira nos labios... e lagrimas do coração te acodiam aos olhos! Mas tu escolhida por Deos para só soffrer appresentavas-nos em teu todo, o ar, e semblante, a conversação animada, e graciosa da creatura venturosa! Tudo era benevolo disfarce para não condoer algum coração amigo, mas se a buscasseis no silencioso, obscuro canto de sua solitaria alcova! Ah! alli verias a essa mesma sublime martyr, assentada tristemente a uma janella, com seus olhes cravados nos Céos contemplando o numerozo cortejo dos Planetas luminosos e prateados, fallando-lhes, interrogando-os conversando com elles ácerca dos Tumulos, da isolação da vida, do nada e chimerico de um mentiroso mundo, das penas desua alma... dos supplicios... do seu desgraçado coração! soffrer! gemer e chorar foi o seu destino! E sua cabeça dobrava-se sobre o peito e ella chorava... soluçava... perdia os sentidos á força de gemer e suspirar! Sinto-me sem alentos, sem forças para continuar a descrever a mulher superior, coroada com o Diadema que lhe rasgava a fronte. E ainda de seus martyrios nada disse, porque o doloroso pungir dos espinhos mais penetrantes só um Deos comprehende! Essa dôr então vóa aos Céos nas azas dos Cherubins! Os soffrimentos... e os mais crueis sacrificios?! isso é só a Deos que pertence receber do sacrario chamado coração! E só Deos terá lá no seu Imperio o balsamo precioso da consolação

porque em toda esta longa vida de penas, não ha balsamo que cure certas ulceras do coração! A morte é o unico supremo bem dos desgraçados. Esta terna e triste sympathia dos soffrimentos da alma... como liga! como nos prende! Mysterioro, e santo amor, que sympathia chamam! delicado e generozo affecto que só os desgraçados te conhecem; os venturozos de ti riem!... mas eu nunca me ri de ti, santo sentimento! Sempre te tributei o mais profundo respeito em meu culto de veneração e homenagem. A felicidade de minorarmos os tormentos dos nossos semelhantes, descarregar-lhes o coração de uma parte dos males que os pungem, quanto é nobre, e digno de admiração! minha alma assim o sente ao menos.

Fatigada de tão tristes ideias... de tão dolorozos sentimentos, larguei a penna da mão por alguns instantes, e abri o *Jornal das Senhoras*, para n'elle buscar as ternas, e doces inspirações do nosso moderno *Dircéo!* do harmoniozo e sensivel *Salomão!* d'esse que fére as cordas da alma, que nos faz sentir palpitar o coração! Não sei quem é esse Poeta, não o conheço; mas leio e lerei suas poezias com indefinivel prazer. Achei por accazo n'esse lindo e bem redigido *Jornal*, que tanto honra ao seu digno e delicado Redactor, no *Jornal de 11 de Julho de 1852* a flôr cahida! Essa flôr cahida de quem é? de quem é esse sentido, ternissimo... gemer? Mr. de *Lamartine* o invejaria! Elle quereria a riqueza e profuzão de tão sentidas phrazes de amor!... Que expressão tão enlutada e verdadeira de reconcentrada dôr! *Rousseau*, e *Lamartine* a teriam desejado para suas

bellas Julias! Colardeau para a sua Adella! Abeyllard para sua Heloisa. Achei tambem as irmãs da Charidade, e os seis pensamentos preciosissimos, e ricos da Viscondessa de... e confesso que me sinto orgulhosa de ler tão bellissimas producções do intellecto feminino! Curioza' folheei, e achei a mulher perante Deos, e o mundo! Li com inexprimivel prazer e transporte esta composição! Quizera apertar sobre meu coração, e imprimir ardentes, e longos osculos de sympathia, e fraternidade n'essas duas bellas testas de mulher! Ambas mostram almas de angelica doçura. Ambas me parecem ternas, bôas, sensiveis em extremo! Infelizmente não tenho a gloria de conhece-las. Se a mulher em nossa America tivesse uma educação como na Europa, e como nos Estados-Unidos da America do Norte, onde a mulher honesta, e delicada é empregada em mil occupações, pelas quaes recebe um excellente ordenado, ficando sempre Senhora honesta, podendo viver independente para não precisar da carteira alheia! para não accetar as promessas, e a subsistencia do libertino corrompido, que se aproveita da miseria, da necessidade da infeliz mulher para ultrajal-a com suas negras pretensões, e depois abandonal-a a todo o horror de sua desventura; se tivesse essa educação, digo, não teriamos tantas desgraças a lastimar. Pobres moças! Como teria sido bom se tivessem recebido prendas em sua educação! Quantas victimas menos haveriam hoje no mundo! Sim, muitas menos. Madame de Stael era contra a opinião da Emancipação da mulher! delicada, nobre, virtuo-

za, não pôde viver separada do homem, que deverá sempre ser seu protector, quer como Pai, quer como Esposo, filho, ou irmão. A Dama delicada precisa encostar-se á columna protectora, assim como a flôr mimoza á haste que a sustenta. Quanto mais independencia, menos humilhação da parte do homem ou da mulher. Havendo prendas preciosas e perfeitas na educação da Senhora, ella poderá algum dia ter necessidade de lançar mão d'ellas como verdadeira riqueza, que seus Pais lhe deixaram para sempre. A muzica, com toda a perfeição; o dezenho, a pintura, as linguas estrangeiras falladas e escriptas com precizão, e perfeição, são da maior utilidade a um homem, e a uma Dama; porque as heranças de fortunas colossaes, um sopro da boca d'essa Deoza fortuna atira com ellas por terra! Essa Deoza chamada felicidade é louca... cega... e caprichozissima. O dote de uma joven Senhora, e mesmo um dote de duzentos contos de réis poderá com facilidade passar ás mãos de um marido extravagante, perdulario, jogador emfim; e esse homem em bem pouco tempo pôde consumir essa grande fortuna, e a infeliz Senhora e seus filhos terem de hir terminar sua vida na mizeria, na dôr, no abandono. Se eu tivesse a desgraça de ser Mãi, digo e direi sempre desgraça, porque conheço os extremos de minha alma, e os delirios de minha mente! mas se eu tivesse filhos, me privaria de todos os prazeres e doçuras da vida, só para dar a todos os meus filhos uma educação rica de talentos, e prendas preciosas! Ao depois elles me indemnizariam de todas as minhas dolorozas privações e penas! Penso

que todos os prazeres do mundo não podem valer nada em comparação da suprema felicidade de termos a nosso lado os queridos objectos do nosso coração, aquelles que nos tornam a vida doce, alegre, preciosa; e que separados de nós se torna triste, sombria, cheia de tédio e dôr. Jamais me lembro de ter trocado uma dôr por um prazer! mas sim os prazeres pelas dores de um outro coração. Ah! que triste é a vida para quem tem a incalculavel desgraça de ter uma alma extremozamente sensível! Do quadro da vida humana, essa pessoa só vê a parte triste e enlutada!... Não! não posso ser indifferente ás desgraças dos meus semelhantes. Os genios frivolos e insensíveis, que busquem o alimento da sua felicidade nos bailes ruidozos, e Theatros! Ahi se encontram cheios de venturas!... Felizes creaturas! Entretanto eu não desejo essa felicidade. As constantes penas e amarguras da alma nos fazem por fim cahir em uma melancholia profunda; e só desejamos viver na doce tranquillidade da mais completa isolação! Nas confissões do grande Santo Agostinho, li eu que, tendo elle, quando joven, perdido seu melhor, e mais intimo amigo, e não lhe sendo possivel consolar-se d'essa perda, os medicos o mandaram viajar para distrahir-se de tão grande desgosto. Mas acontecerá por ventura o mesmo a uma Senhora sem vontade sua, e sem acção nenhuma livre? não certamente! E essa vê hir descendo ao Tumulo um a um dos seus, e sua longa e profunda dôr não tem a menor distracção, o mais pequeno linitivo! Essa dor pois faz com que a negra tristeza enlute seu coração. Entre os charos

objectos que as Parcas me arrebataram, foi um d'elles a Amiga que eu mais amei na vida, e hoje amo e respeito em sua memoria! e essa amiga me é chara por mil titulos. Suas virtudes, seus meritos pozitivos me ligaram a ella, e os laços da sagrada amizade, sómente a morte os poderia desatar. A pureza de uma affeição mostra-se na constancia d'esse sentimento. Minha idolatrada, e saudoza Amiga, foi victima da tyrannia de um mau marido, que em seis annos de martyrios terminou a existencia de uma Senhora preciosa a todos os respeitos! Eu já disse em outro topico que antipathizava com todos aquelles que flagellam a existencia dos seus semelhantes, quer seja mau marido, má mulher, filhos ou Pais! Repito ainda uma vez, que lactimo menos a victima infeliz de todos esses perversos tratamentos... do que aquelle, ou aquella que se constitue seu Algoz! ó mil vezes sim. Todos os tratos, todos os tormentos da perversidade humana, podem supportar-se, quando nós, não os damos a outrem! quando a consciencia está tranquillal quando jámais fizemos nem aos nossos gratuitos inimigos o menor mal, pelos muitos que delles tenhamos recebido! quando nunca pagamos a nobre confiança em nós depositada pela trahição! o osculo da Santa amizade com os golpes de punhal pelas costas d'aquelles que nos honraram com sua confiança, sympathia, e affeição. A Senhora que tem a desgraça de ter um pessimo marido, não o imite nunca! que haja sempre a maior distancia entre a virtude e o crime! este é incansavel em perseguir a virtude, ao passo que a virtude serena, nobremente al-

tiva, procede de maneira muito diversa em tudo, e em todo o tempo. Um bom marido entendo que é um thesouro de incalculavel valor! com esse póde ir uma Senhora até aos dezertos da Arabia Petrea! habitar-se poderia até em um Carcere silenciozo, e triste!... Um bom Esposo vale mais que um mundo cheio de felicidades. Sem elle!... e quando uma Senhora tenha a immensa desgraça de perder esse thezouro, que o chore, e o ame em sua memoria até seu ultimo dia de vida! O Tumulo, nem a completa auzencia, destroem as ternas affeições da nossa alma! A mulher leviana e ligeira em suas affeições, bem depressa olvida o bem e o mal!... mas aquella que encerra dentro de sua alma, nobres e delicados sentimentos, não sabe olvidar!! é finamente grata e sensivel ao bem e ao mal, que receber. A Senhora que tem juizo sabe já que tem que sugeitar-se ás ordense vontades de seu marido! Ame ella muito embora os bailes ruidozos (sempre frivolos) e ame-os com paixão mesmo! se seu marido acha e entende que ella não deverá delapidar-lhe sua fortuna frequentando essas funcções de estronduzo luxo, deverá acceitar seus conselhos para não arreperder-se! fazer-lhe opposição por principio algum, e em nenhum tempo. — A Senhora cazada figurá só pelo seu marido! e deixando nossos Pais, nossos parentes e até a sociedade inteira quando elle o ordena, temos que habitar sómente com elle, e acompanhal-o em sua pozição, seja qual for. Com o Esposo vai-se ao desterro, ou Carcere! logo isto prova que é só com elle que deveremos habitar, e fazer-mos-lhes as vontades em tudo aquillo que é jus-

to e não offenda a nossa dignidade! por que sem esta nada acharei nunca bom. O dote de uma Senhora desaparece no luxo de toda uma existencia de vaidozas frivolidades!... e o luxo e a falta de economia não dão treguas mesmo a uma grande fortuna, entretanto que os maridos trabalham toda uma longa existencia! E quando é que elles principiam a gozar de algum repouzo e calma? no inverno da vida; quando já pouco lhes fica que fruir das felicidades, ou dos prazeres, se é que os ha neste mundo. A Senhora de dignidade, que ama a honra e probidade de seu marido, é mister que poupe muito sua carteira, para elle não commetter indignidades. Quazi sempre aquellas Senhoras, que estão mais na possibilidade de gastarem muito em luxos, são justamente as que se apprezentam com uma singella e elegante decencia. Entendo pelas minhas convicções, que a probidade, e a felicidade dos nossos Esposos deverão ser para nós, e em todo o tempo, o nosso maior thezouro, porque a riqueza é a bagagem da virtude, e da dignidade. E nós outras tendo economia, e riqueza, bem poderemos estender uma mão protectora a qualquer dos nossos semelhantes que estejam em miseria, em hospitaes, ou em Carceres! E sem fortuna, o que poderemos nós fazer em favor da humanidade gemente? E' pois de rigorosa necessidade que gastemos menos comnosco, para podermos despender com os outros menos felizes. Seja o marido bom, humano, virtuozo; e então todos os sacrificios elle merecerá! São laços que sómente a morte deverá cortar. — Amo com fraternal amizade a todas as pessoas do meu sexo que são

boas, e dignas de sympathia e veneração! E sempre me colloquei em todo o tempo, no partido dos opprimidos pelos mais fortes!... Tudo o que é tyrannico, barbaro, e injusto, me encontrará firme em minhas inabalaveis ideias, e principios de rectidão. Passarei a um outro tropico differente, e assumpto que muita gente boa comprehenderá, e apreciará.

CAPITULO XIV.

O Sr. Z. do Jornal do Commercio. Observações sobre o caracter da Nação Brazileira. Qualidades, virtudes, e dignidade necessarias ao escriptor publico, ao Magistrado e ao juiz em quem uma Nação confia. Influencia da melancholla. Pensamentos religiozos. O' Conell, sua Eloquencia na Camara dos Communs. Reflexões úcerca da Irlanda, e Inglaterra. Dignidade que precisam sustentar as Nações e as familias.



qui ha quatro annos passados existiu um respeitavel estrangeiro, e escriptor publico cheio de merecimentos, e patriotismo pelo Brazil, Patria de seus filhos; morrendo esse homem respeitavel fez-nos uma falta immensa, e para esta Capital uma perda incalculavel!! Ah! a penna preciosa, e veridica com que elle escrevia, ficou cahida no seu tinteiro! e ninguem até hoje tem tido bastante coragem, e patriotismo para levantá-la!. Esse homem era um perfeito patriota! A sua policia era tão

activa como a do celebre Fouché! O Sr. Z. era guiado pelo amor da humanidade, pelo amor do Brazil! Fouché era pago pelo ordenado do Governo Francez; e o Sr. Z. desejava ao Brazil prosperidade, riqueza, e bons costumes! Perda irreparavel, repito, para a Capital do Imperio!

Em França ha milhares de escriptores n'esse genero, escriptores publicos que fazem estremecer aos crimosos; e aos visinhos de má conducta os torna bons; pois que uma má visinhança é o inferno da existencia; e tanto assim é que o grande Themistocles quando queria alugar, ou vender alguma de suas cazas, as fazia apregoar pelo pregoeiro publico, declarando que as casas tinham bons visinhos: Essas casas eram immediatamente alugadas ou compradas. Tanto é verdade que os máus visinhos são Rayos da Colera Celeste!... abysmo... precipicio medonho... nas bordas do qual estão nossos pés a cada instante! mas a graça de Deos nos livrará de terriveis conflictos, para com aquelles que atribulam nossa existencia, e provocam instante, por instante a nossa dignidade offendida. E quando nos falta a riqueza da tranquillidade domestica, onde se achará alegria, ou felicidade para nosso coração? penso que em parte alguma. Assim como quando vemos o semblante angustiado dos nossos Esposos, se nos opprime de dôr o coração, e todas as Senhoras que amarem as suas metades, comprehenderão bem minhas expressões; assim digo, nós outras não poderemos viver contentes nem felizes, quando nos faltar a suprema felicidade da tranquillidade domestica. O profundo litterato, e

grande patriota, o finado Visconde de Cayrú, quiz á imitação dos dois maiores genios da França, Molière, e Lafontaine; quiz, digo por amor do Brazil, corrigir os costumes da Nação Brasileira! E a penna d'esse sabio Brasileiro foi sempre forte, energica, e longe da adulação, e da fementida lisonja do escriptor sem amor a sua Patria! O Pai, ou a Mãe que mais amam seus filhos, são justamente os mais asperos, e austeros para com esses filhos que querem depois ver amados, e queridos de toda a sociedade. Corrigir é o mesmo que amar! embora a linguagem do escriptor publico não seja adocicada, nem cheia de phrazes melodiozas; basta que a doutrina seja boa, e pura em sua origem, e que o sentido seja de corrigir para melhorar os costumes de uma Nação. O finado Visconde de Cayrú era um dos patriotas que mais amava o Brazil! Elle queria ver esta nobre, e benevola familia da America, digna da admiração das Nações estrangeiras, que tão brilhante papel representam no mundo civilizado. Para com a boa e virtuoza sociedade, nós empregamos a linguagem doce, branda, perfumada. Poderemos por ventura sentir, ou empregar a mesma adocicada linguagem para com aquelles que flagellam a existencia dos seus semelhantes, que pacificos, e tranquillos soffrem seus tratos, e torturas infernaes!... em profundo silencio? Cada um que diga sempre — hoje por ti, amanhã por mim. Quizera ver ao mundo inteiro feliz e contente! Quizera que não corresse uma só lagrima dos olhos de ninguem! e sobretudo quizera que a sociedade inteira, sem distincção de Nação, e Religião, cooperasse

para a felicidade de seus semelhantes. Qual será a Mãe que não deseje ver seus filhos protegidos, e felizes na carreira da vida? E para que Deos, e os homens os protejam, é mister que ella estenda uma mão piedosa aos filhos de sua semelhante. A mulher deve encerrar em seu coração mil virtudes. Montaigne, esse celebre moralista, e consummado litterato Francez, disse em um de seus pensamentos as mesmas palavras, que o Santo Rei Job, Salãmão, e David, todos tres Santos. Antes soffrermos a encarniçada, e feroz perseguição dos perversos, do que fazermos com elles em tempo algum a menor liga, nem alliança, porquanto sua inimizade nos honra, e acredita muito! e a nossa harmonia e bõa intelligencia com elles nos deshonoraria. Jesus-Christo tão Santo, tão cheio de dignidade, de innocencia em todas suas acções, não foi tão barbaramente perseguido, e flagellado por seus inimigos? E o Santo dos Santos tinha por ventura merecido, nem as calumnias, nem flágellações, que os homens perversos lhe deram? O silencio, a dignidade serena, e pacifica, com que Deos respondia aos seus inimigos, irritava mais a ferocidade d'esses malvados! Socrates, esse assombro da philosophia, e chamado o Simi-Deos dos philosophos, não achou inimigos que o perseguiram, encarceraram, e lhe deram a morte na taça da Cicuta! (mas essa o livro da Xantippe!...) E quaes os crimes de Socrates? fallar aos homens a linguagem da mais pura virtude, a doutrina mais precioza, e conveniente á felicidade dos homens, ensinal-os a serem bons para serem amados da bõa sociedade, e fazerem-se

respeitar dos seus concidadãos. Os invejosos e perversos Athenienses lhe deram em premio de suas virtudes a morte, a perseguição!... E poderão os perversos inimigos da virtude dar outra coiza? A mulher virtuozza hade dar aos seus filhos tudo o que ella tiver de bom. E' herança que infalivelmente o homem hade receber, para brilhar depois na boa sociedade; e se a Mãe for má e lhe transmittir a herança de uma pessima educação, será da sociedade o flagello, conforme se póde já inferir da doutrina que receber. A mulher virtuozza tem muita influencia sobre o espirito do marido, filhos, e irmãos, porém aquella que é má tem talvez mais, e maior influencia sobre o espirito do homem naturalmente inclinado para o mal! Nós outras nos criamos innocentes, recatadas; não conhecemos as coizas indecorozas; e honestamente criadas, não temos facilidade nem acreditamos nas torpesas que não combinam com os virtuosos sentimentos da nossa alma! o homem tranzita as ruas, frequenta as Academias, os Liceos; e alli tem occazião de terriveis contactos, vistas e más companhias; e dessas as conversações hão-de ser pessimas em moral! mas a Senhora honesta faz até eom que seu Marido não lhe falte ao respeito, rasgando-lhe a venda do pudor que ella tem diante dos olhos! A mulher é tão bella envolta nas candidas roupagens da innocencia! em toda a sua ignorancia das coizas más, e sabendo muito do que é bom, acho a mulher sempre bem collocada. Em toda a Sociedade em que as Senhoras coltivam seu espirito, e amam a illustração transmittindo assim aos seus

filhos os preciosos dotes de uma rica intelligencia; e dessa sorte deixa-se ver á altivez e orgulho nacional que caracteriza e distingue as Nações. O viajante sensato e judicioso têm grandes e serias observações a fazer, e dessa maneira as paginas da historia enriquecem-se de dia a dia com essas tão interessantes noticias. A Nação Brasileira tem mil coizas boas em si, ella é extremamente pacifica a ponto de cauzar admiração aos estrangeiros, que attentamente a observam. Em todas as Nações do mundo ha bom e máu; e na sociedade de todas essas grandes familias encontram-se lindas rozas com agudos espinhos.

Em tudo quanto é humano vé-se sempre o cunho da imperfeição, herança d'esta triste condição. Sou justa em minha estima, ainda direi algumas plrazes ácerca de duas Nações laboriosas, infatigaveis, e cheias de altivez, para não sugeitarem-se a humilhações e poderem-se mostrar independentes. As leis rigorozas, e energicas, são cegamente obedecidas pelos homens d'essas Nações sem murmurarem, por isso que a igualdade é inabalavel! Gostei sempre das leis fortes, energicas; porém baseadas na justiça, e na rectidão, para que sejam executadas nos filhos de uma familia, sem distincção de condicção, nem posição social. Essa honrada igualdade lhes fará amar a patria, e acharem-se promptos para deffendel-a quando for ameaçada pelas outras Nações. Então esses homens obedecerão com docilidade ás authoridades policiaes, e essas illuminadas por luzes claras brilhantes, e talentos, uteis á humanidade, poderão fazer grande

bem á Mãi Patria. Em França mesmo ha leis fortissimas! O individuo que tira do Correio uma carta de um outro individuo, e a abre, te... dez annos de galés! um Fidalgo Francez, e fidedigno, contou-me ha poucos dias, que assistira em Pariz á leitura da Sentença de um pobre, e infeliz lenhador, que tinha cortado por necessidade uma das arvores, cujo córte tinha o Governo prohibido. A arvore foi vendida pelo seu valor intrinseco, um cruzado, e o infeliz lenhador teve a barbara Sentença de cinco annos de galés!! Sua pobre mulher, e filhos ficaram no maior abandono, e elle partiu para seu cruel destino, sujeitando-se ao rigor da lei.

Em outras paginas já mostrei o rigor das leis Inglezas tão sabias como justas em tudo. Seja a familia grande, ou pequena, respeitavel pela austera rigidez, e será digna de admiração das outras familias, ou Nações de bons costumes e boa moral; porque essas serão as que a hão de apreciar. Em Inglaterra é tão grande o silencio, e respeito, que o dia Domingo é religiozamente guardado. (*) Não

(*) Em Inglaterra os Inglezes Protestantas guardam religiosamente o Domingo, como um dia destinado por Deos para o silencio da oração e descanso; entretanto que no Rio de Janeiro se tolera aos Francezes sem Religião, educação, nem virtudes, que traballhem a golpes de martellos em salas interiores e contiguas aos apposentos dos vizinhos pacificos e honestos, a quem esses Francezes flagellam dia e noite com a infernal bulha de Macinas de rodas, e martellos, os quaes sem respeito para com a nossa Religião, fazem trabathar ruidosamente até na Sexta Feira da Paixão de Nosso Senhor Jezus Christo! d'esses crimes, e escandalosa conducta, elles não são culpados, não! mas sim aquelles que os consentem entre sua nação, sem sujeital-os á Religião, Leis, e usos do paiz que benevolamente os hospeda! e esses homens que assim tão indignamente se conduzem, dominados pela sordida avareza de seus lucros multiplicados á custa da tranquillidade domestica dos vizinhos, que tem a incalculavel desgraça de os soffrer, respondem insolentemente aos reiterados recados que lhe são mandados pelos proprietarios

ha tumulto de povo pelas praças, e ruas da capital, sendo essa uma das mais grandiosas do mundo; E tanto é verdade o que digo, que quando o Conde de Exes, Par do Reino, e protegido da Rainha Izabel, se revoltou contra sua Soberana, e protectora, não tiveram bom exito suas más e criminosas intenções, só por ser o dia escolhido, um Domingo! N'essa Nação não se jogam cartas nem se dança; e nem as Senhoras abrem um Piano! Em seus Templos ha o mais profundo respeito e silencio! entretanto que são Protestantes! Poderemos nós Catholicos dizer outro tanto? não certamente. Nos Estados-Unidos da America do Norte, ha os mesmos costumes e a mesma observancia. Alli dança-se, canta-se, e toca-se Piano nas cazas de familia até dez horas da noite sómente, porque na sua humanidade e Religião entendem que, se na caza em que locam muzica e dançaõ ha gente feliz e alegre, nas cazas immediatas poderã haver pessoas tristes, e gemendo em um leito de soffrimentos. Assim os grandes escriptores publicos, como o Sr. Z que escreveu aqui seus inimitaveis Artigos, não tem crimes, nem abusos a transmittirem ás folhos do dia. Tudo quanto seja

e vizinhos mais proximos, que com justissima razão se queixam d'essa constante e insupportavel flagellação. As salas, ou chamadas lojas, da frente da rua, são destinadas em todas as partes para trabalhos de martellos, machinas, e ferramentas, e nunca nas peças interiores de casas pequenas que ficam contiguas aos quartos de dormir dos vizinhos. Ah! grande Z do Jornal do Commercio, que falta immensa nos fazes, e que perda incalculavel fizemos perdendo os Artigos d'essa penna sem igual! hoje cada pessoa perversa, e sem a menor educação, tem junto ás alcovas dos vizinhos Papagaios, Aráras infernaes, cujos gritos fazem o supplicio das victimas infelizes que soffrem esses animaes, e os perversos vizinhos que os conservam em sua caza, quando apenas nos bosques poderiam supportar-se.

bom, que seja real e positivo, por que a falsa apparencia da virtude faz a desgraça da boa sociedade! tristissima verdade.

O Escriptor publico, o Magistrado, e o Juiz que tem que desempenhar honrosos cargos na sociedade, não deverão por principio algum nem por todo o ouro do mundo trahir a confiança de sua Nação! o Advogado, e o Magistrado tem forçosamente que imitar ao Sacerdote mais austero, e respeitavel, em suas virtudes! Elles deverão ter uma alma energica e adornada de solidas virtudes! — de profunda religião, para nunca sentir-se abalados pelas vantagens de interesses particulares.... e promessas de avultadas sommas de dinheiro! essa facil.... seducção para as almas ignobeis... Elle deverá ser como o Magistrado virtuozo e respeitavel, que só executa a justiça que as leis do Paiz lhe facultam. Nada é capaz de dobrar a probidade das almas energicas, e virtuozas! A santa amisade não deve ter a menor influencia sobre nós, logo que nos quizer desviar de sermos justos, e rectos no desempenho de nossos sagradòs deveres. Os homens que hoje pensam assim são bem raros! mas tudo o que é bom, e superior, é raro sempre! — Em toda a antiga Grecia, só houve um grande homem a quem deram exclusivamente o nome de justo! — E Aristides o foi incontestavelmente. Deixemos aos outros que nos julguem mal, e pelo que elles sentem!... nós outros contentemo-nos com o testemunho de nossa consciencia! Sejamos victimas de todos os crimes muito embora! mas jámais as nossas almas se manchem praticando um só d'entre elles! As acções cobardes.... enchem só de oppro-

brio—a quem as praticar!... quem for victima, eu a julgarei sempre a mais feliz! mil vezes mais feliz, por que sente-se eheia de dignidade, consolação, e altivez de mão as ter praticado para com ninguem em tempo algum. A consciencia deve ser o mais terrivel... e inexoravel algoz para o homem, ou mulhier criminoza.... Desgraçados!... ainda que elles.... enganem a sociedade inteira; a Deos e á sua consciencia, elles não podem enganar!... Logo é melhor que pratiquemos sempre o bem....

Obrando bem,

Do que dirão não cuides.

Não nos vingemos dos males que soffremos dos máos! Deixemos a Deos o seu direito de suprema justiça!... tarde ou cedo elle nos hade completamente vingar. Na preciosa obra intitulada, Compensações do genero humano por Mr. de Asais, eu achei coisas muito bellas, muito consoladoras para áquelles que bebem o amargor nas bordas da taça dos humanos padecimentos!... Que preciosa é essa obra, em tudo! Aquelles que como eu tiverem perdido todos, e até o ultimo de seus parentes, e mais de vinte pessoas amigas no decurso de bem poucos annos, hão-de gostar da leitura triste, e de viverem na solidão!... longe ue toda a sociedade; por que enfim, a sociedade dos indifferentes nos importuna!... nos enche de tedio.... E do que vale um mundo de gente extranha, e em tudo indifferente ao nosso coração? Eu acho que de nada póde valer, para áquelles que pensarem tão profundamente como eu, e que tenham a desgraça de não poderem separar seu pensamento, e coração de todos áquelles

que amaram na vida, e que já de ha muito dormem no Tumulo. Em torno d'esses Tumulos giram os nossos enluctados pensamentos... como as sombras que visitam os sepulchros, e se escondem entre os chorões e as cruzes que lhe servem de ornamento, e supplicam aos fleis piedosas, e religiosas orações para com áquelles que alli jazem. A frivolidade da epocha em que vivemos é tal, e tem chegado até o extremo da indifferença para com áquelles objectos queridos que desceram ao Tumulo no mais florescente de seus dias! Eu vejo que desaparece do seio de uma familia uma pessoa querida, e que póde-se dizer era a perola d'essa reunião de pessoas, e vejo tambem com summo pezar que em menos de vinte dias ella está quasi olvidada! ninguem falla n'ella, e todos entregam-se com prazer aos divertimentos, e rizados, como se nada tivessem perdido. Entretanto que as pessoas de sentimentos delicados e virtuosos não acham em longo tempo nem consolação á sua alma, e nem querem buscar distracção a sua dôr, parecendo-lhes essa tentativa de resignação uma profanação á santidade, e verdade do seu pezar. Aquelles que não podem penetrar os sentimentos do meu coração, nimiamente sensivel, talvez que me taxem de enfadonha, porém não! eu escrevo com os sentimentos da minha alma, bom que sem erudição nem graças de espirito. Depois do tempo, tempo vem! e depois dos rizados.... as lagrimas, porque é o que mais duração tem na vida da mizera especie humana. Os prazeres são passageiros, os desgostos duradouros e constantes. Madame Elisabeth du Bon, e Madame Flora Tristan, em todas

as obras ricas que compuzeram, nos mostram sempre que nesta vida só o que ha de real, e positivo, é o máu e amargo! o fagueiro, e doce quazi sempre não existe!... Dessa ultima authora direi alguma coiza. Os passeios a Londres é sua obra prima! Nesses passeios a Londres ella é grande como fina observadora! Mme Flora Tristan se immortalizou escrevendo essa obra! Quatro vezes foi a Londres para bem observar, indagar, ver, e criticar. Essa obra magnifica, e riquissima por todos os titulos, custou a essa celebre litterata, uma perseguição de morte!... e já a erudita authora era desgraçadissima pelas tristes e interessantissimas aventuras de sua vida. Leia-se o seu — Memphis e suas encantadoras peregrinações — obras do maior merecimento litterario, e de bom gosto, pela graciosa, e facil maneira de discorrer, e narrar. O sentimento mais profundo, e delicado reina em todas as obras d'essa preciosa escriptora. Era filha de um riquissimo Peruano, educado em Pariz, e de Mãi Franceza, tinha em suas veias o ardente sangue das duas Nações mais espirituosas que ha no mundo. Madame Flora Tristan em seus passeios a Londres não deixou caza nem Templo, nem prisões, nem Camara de Deputados, e Lords que não vizitasse! Nas Camaras dos Representantes da Nação, introduzio-se vestida de Official Turco! Ella tudo examinou de perto! e até as cazas de horror!... que em Londres existem, assim como em Pariz. A essas cazas desgraçadas.... hia sempre vestida de homem, e acompanhada de um cavalheiro Francez. Na Camara dos Deputados o seu disfarce era em

official Turco, porém passou pelo desgosto de ouvir que a conheciam por mulher, pela sua extraordinaria belleza, e traços graciosos de seu delicado semblante. Ella quiz conhecer ao celebre O' Connell, a esse homem patriota, e amigo de seu povo desgraçado...e barbaramente opprimido...Mme Flora Tristan fallando de O' Connell diz pouco mais ou menos o seguinte—Mr. O' Connell era um homem mais baixo que alto; musculoso, feio; semblante vulgar, traços toscos, mas de forte e energica expressão! Seus olhos cheios de penetração e vivacidade! Sua eloquencia extraordinaria pintava ou exprimia bem as chammas que se abrigavam em sua alma de fogo! O traje era o mais simples; e completamente falto de elegancia diplomatica. Em uma occazião entrando elle pelo salão do Parlamento, vio a Camara entregua a profundo silencio, uns deitados quazi nos bancos entregues á leitura de jornaes, outros recostados dormiam, e mostravam o tedio e a hypocondria Ingleza em toda a sua força. Logo depois pedio a palavra e principiou a orar. De repente elle se dirige para o meio do salão, encosta-se ao seu chapéo de sol verde, á imitação do chapéo do Rei de Congo, e lançando um olhar de desdem para toda a Camara, ergueu sua voz principiando a orar. Por um poder ou influencia magnetica, sua voz fez cahir das mãos dos Deputados as gazetas que liam, e a outros despertarem do somno do indifferentismo a que se achavam entregues! Perfilados e honestamente assentados em seus bancos, cruzaram os braços e prestaram a mais profunda attenção á verbozidade e eloquencia do distincto e energico Orador!

Seu olhar era ardente, como se o fogo da sua alma se transmittisse aos seus olhos n'aquelles momentos em que advogava os interesses do povo opprimido de sua cara Patria! Encostado a seu chapéo de sol, elle orava fazendo com sua mão direita um expressivo accionado, porém mostrando a força de sua eloquencia nos justos raciocinios, patriotismo e logica de sua oração. Tanto é verdade que o accionado nos oradores publicos começou depois da decadencia da Eloquencia. Acho gracioso o accionado sim, mas a força da eloquencia está na verdade da cauza que deffendemos. O' Connell, esse tão celebre Tribuno do flagellado e desgraçado povo Irlandez, não tinha as maneiras delicadas de um Dandy; nem as expressões perfumadas de um joven orador Francez, porém o amor da Patria, e da verdade da Santa Cauza que deffendia, lhe davam tanto valor e inspiravam tanto interesse, que ninguem mais dormia quando elle principiava a orar. Todos nós sabemos das miserias d'essa desgraçada familia chamada povo Irlandez! A authora dos passeios a Londres vizitou o bairro dos Irlandezes em Londres; e o que ella conta como testemunha occular é horrorozo! da posição humilhante que essa familia de milhares de homens occupa, da triste vista que ella nos appresenta, o que deveremos nós inferir? fraqueza em seu character Nacional, falta de altivez, de patriotismo, de amor á gloria, e total falta de orgulho.

Uma pequena Nação, altiva, laborioza, cheia de orgulho e dignidade Nacional, deseja sempre sua independencia! aspira sempre a coizas superiores e anheia o instante de ver-se collocada no lugar e

posição das outras Nações grandes e poderosas. D'esta sorte e com taes attributos, essa brilhará, e representará um brilhante papel no mundo. Uma Nação é uma familia em ponto grande! e uma familia cheia de dignidade, mas que não tem fortuna nem heranças de Pais a esperar, o que faz? Os homens tratam de dedicarem seus serviços á Patria, já como Militares, Artistas, Scientificos, ou emfim outra occupação e carreira que encetam para viverem digna e decentemente, sem serem incommodos á sociedade. Se são as Senhoras d'essa familia, fazem mil objectos de curiozidade, para terem dinheiro com que possam tratar de sua decencia, com tanto que nada pesçam a ninguem. Só na economia domestica uma Senhora poderá ajudar de muito a seu Pai, ou a seu marido; aos quaes somos sempre pesadas em nossas extraordinarias despezas, de decencia e luxo. N'essa mesma industria laborioza e economia zelozza, póde uma Senhora mostrar muita dignidade! e desde a infancia é bom que as pessoas de ambos os sexos se habituem a uma certa independencia, e a saberem soffrer muito, antes de serem incommodas a alguem. A vida humana é um composto, ou tecido de perenes necessidades, que nos torna incommodos a uns, e somos flagellados por outros! mas ao menos fique a doce consolação de que, quando mortifiquemos a alguem, seja depois de longos soffrimentos, e mortificações escondidas dentro da nossa alma. E' triste sempre, dolorozza e cheia de privações a existencia de uma pessoa dignamente altiva! Ella prefere soffrer mil vezes antes, de que ir experimentar mesmo

aquella pessoa que mais lhe deva de beneficios, ou finos obzequios outr'ora recebidos!

E quasi sempre é assim que aquelles que nada nos devam sejam os mais promptos em prestar-nos alguns serviços a tempo, os quaes eu julgo dous serviços em lugar de um. Os ingratos não acham nunca occazião de mostrarem sua gratidão, porque não podem mostrar aquillo que não existe dentro de sua alma! E quem não se mostrar grato aos pequenos beneficios, é impossivel que agradeça os grandes. Eu lastimo a toda essa gente, porque nada ha mais digno da nossa lastima do que um coração sem o Divino fogo da gratidão! As Nações e as familias são aquillo que os seus antepassados quizeram que ellas fossem no futuro, porque na sua educação moral ellas achariam os elementos para sua felicidade. O homem, e a mulher que desde sua infancia são religiozamente educados, e que viram em torno de si praticar actos de solida virtude imitam necessariamente essas acções que enobrecem o coração que as pratica; mas se essas criaturas nasceram com má indole e pessimas qualidades não imitarão a seus virtuosos Pais, e sim antes seguirão as pisadas do vicio seductor, que tanta atracção tem para a misera condição humana, tão digna de lastima já.



CAPÍTULO XV.

Qualidades do coração humano, e as falsas apparencias. Balles de sociedade, e seu estrondoso, e ruinoso luxo. Dignidade, e independenciada Senhora altaiva, e economica. Calumnias e tristes effeitos das reuniões de grande concurso.



São as acções dos nossos semelhantes o que nos devem fazer crer nas virtudes de cada um d'entre elles! Não nos fiemos nas palavras adocicadas com o mel da mais refinada perfidia, e sim nas acções postas em pratica nos deveremos fiar, por que ellas nos mostrarão melhor o coração virtuoso, leal, probro, nobre e verdadeiro em tudo. Meu Deos! como é possível que o homem, e a mulher perfidos, possam fingir por tantos annos sentimentos que jámais se abrigaram em seus corações? Como é possível que chegue a tanto o dissimulo do coração humano? Infelizes das victimas d'esses perversos flagellos da sociedade. Não é somente cego o amor! eu vejo que a extrema amizade soffre a mesma enfermidade!... e nós mesmos todos os dias o experimentamos, infelizmente no trato das gentes, e aquellas que são tão frivolas, e tão dignas da nossa pouca attenção pela sua mesma frivolidade, e insufficiencia. Que seja o homem formado desde a infancia bom, e sensível! é essa a virtude que fica n'alma, porque essa é bebida na fonte da verdade, e nos labios

amorosos da nossa Mai! E poderá uma Mai virtuôza e sabia nos enganar? poderá ella querer-nos mal e ver-nos precipitar em um abysmo? não certamente. Se eu tivesse a desgraça de ser Mai, amaria com delirio aquelle d'entre meus filhos que tivesse mais virtudes e mais delicada sensibilidade em seu coração! Eu não fallo d'essa falsa e apparente sensibilidade que se apresenta para enganar-nos! não é da sensibilidade affectada e cheia de impostura do homem que se vê rodeado de saccos de ouro, e que espalha esmolas com profusão, sem exhalar um só Ai do seu coração. Na época em que vivemos, a virtude de uns é um motivo de zombaria para mil outros! As acções nobres, generozas, e santas de uns causa riso, e dá motivos de motejos aos outros! Será possivel contentar-se com a virtude, a bondade e nobres acções aos corações perversos em seus sentimentos? Como? se a virtude está sempre em opposição e guerra com o vicio! os bons não se ligam com os máus, senão em quanto elles tem uma verda diante dos olhos. Tudo na natureza humana tem imperfeições! e d'onde estas existem mais é justamente na mízera especie humana! Aquelles que tem mais defeitos em si, são os mais ferozes accusadores do seu proximo! pelo contrario acontece ás pessoas cheias de meritos e virtudes! essas tem uma indulgencia cheia de brandura para lastimarem os erros e faltas dos seus semelhantes; por quanto não sendo essas, crimes, e sim puramente faltas que pertencem á triste condição humana, essas pessoas boas e sensiveis, tem indulgencia na sua alma para com os outros. Quem é perfeito n'este valle de lagrimas?

Quem é extremamente virtuoso ou completamente sabio para não errar? ninguem. Se houvesse amor de uns para os outros, haveria mais indulgencia, mais paz, mais tolerancia, e as Nações seriam tambem mais ricas pela felicidade, que a paz, e concordia lhes dariam. Deos em seus preceitos já o disse aos homens—amai-vos!—Sim, porque desse amor, dessa fraternidade, dessa mutua sympathia nasceria a completa felicidade dessa immensa familia, chamada especie humana. Quaes são as felicidades porém que nos origina a perversidade desses flagellos da sociedade chamados gente má? milhares de males, de desgostos que nos aniquillam a existencia, e fazem mirrar na dôr e no pranto! e os desgostos, disse Job, mirram até os ossos!! e quando esse Sabio, exprimio esse pensamento de sublime verdade, era porque já tinha bastante experiencia dos desgostos e amarguras da vida.

Passarei agora a outro topico, que me parece interessante para minhas compatriotas como Americanas. Em todos os bailes de sociedade acham-se horas de grata recreação para disfarçar as amarguras da vida que tantas são ellas quasi sempre. Todos os bailes de sociedade são acompanhados de instituições, e uma das melhores que existem nos bailes de Londres, França, Hespanha, Allemanha, Portugal, e Estados-Unidos, é banir o luxo de ricos estofos nos trajes das Senhoras, que frequentam esses bailes de cada duas vezes, ou tres em um mez. Os adereços de pedras preciosas são-lhes tambem prohibidos. Uma Donzella bella, virtuosa, elegante, graciosa, fica tão bonita vestida com um vestido de Escocia

graciosamente talhado pelas suas proprias mãos, e por todo enfeite alguns laços de fitas de côres preciozas como a côr azul celeste, côr de roza, branca symbolo da innocencia, e da pureza. Em seu peito virginal uma flor natural, ou artificial, e outra em sua cabeça.

Se todas essas Donzellas tem juizo, que se appresentem assim vestidas nos bailes de sociedade!! então eu lhes prometto que os homens não terão terror.... panico do luxo! esse cancro roedor das fortunas mais brilhantes. O luxo aqui na Capital do Imperio é o que faz medo aos homens de juizo! e elles tem toda, e mais que sobeja razão. Na Europa o luxo é todo nacional, as fabricas trabalham, e o dinheiro fica-lhes em sua patria! nós aqui não temos fabricas Nacionaes! portanto aquellas familias que não quizerem morrer na mizeria... não frequentem bailes com luxo extraordinario: entretanto nos bailes em que apparecem as Damas com singellos, mas elegantissimos adornos, ha maior concurso, maior prazer, menos suspiros dos pobres maridos e Pais de familia, que são as victimas desgraçadas... depois. Em um baile de Côrte acho que deve reinar toda a riqueza, luxo Oriental, gravidade magestosa, e muita elegancia, o mais apurado brilho, e bom gosto em tudo, de sorte que nada nos deixe a desejar, em nossa ambição de ricos adornos. Nos bailes de sociedade, extrema Elegancia, e essa acompanhada de singelleza graciosa, e bella; assim os Pais de familia, e os infelizes maridos (que tanto eu lastimo) não viverão tão flagellados.... com as enormes contas! E toda a Senhora de dignidade, al-

tiva e delicada deverá ser o menos pezada a seu marido em suas despezas de adorno! Quanto menos obrigações e favores recebidos mais dignidade! e um pobre marido que carrega com o pezo enorme.... das despezas de sua caza que tantas são ellas! e mais ainda com as do luxo.... não se torna já um objecto bem digno de lastima? eu ao menos assim o considero. A simplicidade dos estofos de que sejam feitos os vestidos das Senhoras para os bailes de Sociedade é o melhor. Nas Donzellas é que deve existir mais singelleza de adornos; porque já disse um author Francez — que o excessivo luxo de atavios, e riqueza de traje, pertence ás Senhoras feias, porque as bonitas ficam mais bellas com singello adorno. Em Roma, no tempo do Imperador Augusto, foi tão desenfreado o luxo das Damas Romanas que o habil Imperador foi obrigado a prohibi-lo, deixando só ás Meretrizes o uzo de extraordinario luxo; immediatamente cessou o luxo entre as Damas nobres e virtuozas.

Imitemos nós outras a essas respeitaveis Senhoras da antiga Roma, uzando nosso traje com toda deencia, singelleza, mas sempre Elegante e de pouca despeza. E' melhor ver aos nossos maridos contentes e felizes, do que vê-los cheios de penas e amargor. Que triste echo faz ouvirmos amargas censuras! E' melhor sermos mais altivas, e sermos-lhes quanto menos pezadas melhor! o nosso coração Americano respirará livremente! nem lhes lembremos o dia do nosso natalicio! deixemos os mimos, attentões e homenagens de amor, e de amizade ao cuidado d'aquelles corações que tenham a suprema

felicidade, de saberem amar com delicadeza, e generosidade. Quanto menos necessidade, mais riqueza! e uma Senhora cazada, e mãe de familia deve encontrar-se feliz no meio dos seus, e no seio de sua familia. Quem possuir um nobre coração que saiba amar, nada mais deverá ambicionar na vida. Sim, porque do homem só deveremos querer, e altamente apreciar o coração nobre, virtuoso, e sensível. Frequentando nós os bailes, e despendendo parte da fortuna dos nossos Esposos, fazemos a nós mesmas um grande mal, em troca de pequenas horas de rapido prazer. N'esse frivolo passatempo de bailes quantos desgostos, e amargores podemos tambem encontrar! porque na Sociedade ruidosa do mundo frivolo giram os desgostos entrelaçados com os prazeres! Os motejos, as zombarias, a inveja, um sorriso provocador, um gesto de desprezo, outro qualquer motivo d'esses póde encher de desgosto aquelles que pensaram hir buscar mil prazeres, mil idéas fagueiras de fugitivas felicidades, que em summa não passam de chimeras. N'esses circulos onde todos parecem felizes, giram as calumnias... e horriveis invenções!... mesmo aquellas mais inverosimeis!... por mil fortes e poderosas razões; mas ellas vão passando, e girando além d'esse turbilhão de gente delirante, ou dançante. Como é que Senhoras tão preciosas pela sua extraordinaria belleza, seu trato fino, e perfumado, suas virtudes sólidas, e dignas de inveja, são assim tão horrivelmente manchadas em sua santa reputação? mas infelizmente assim o vemos.

CAPITULO XVI.

Censura á Duqueza de Abrantes. Defessa da honra das Senhoras, cobarde e vilmente atacadas quando não se podem achar presentes. Dignidade louvavel de Maria Antoinete, Rainha de França. Fraqueza imperdoavel de Luiz XVI. e seus effeitos. Lettizia Bonaparte, e seu piedoso amor Maternal.



U amava a primeira Romancista da França como a melhor, e a que imprime em todas as suas preciosas obras os sentimentos mais ternos do coração humano! A Duqueza de Abrantes é essa Romancista, e litterata! mas li um dia —a Embaixada em Portugal,—obra que me fez votar á memoria de sua authora o mais implacavel desprezo!... N'essa obra diz horrores... e torpezas abominaveis... de uma Princeza, que depois foi Soberana... e que tem ainda hoje seus nettos assentados nos Thronos! E a Duqueza de Abrantes era Senhora?! Oh! ella deixou de o ser desde o instante que deu a lume semelhante obra! nunca sua penna se deveria ter manchado... traçando no papel taes indignidades, que revoltam a natureza. Outra obra dessa mesma litterata, que me indignou, foi a vida de Catharina II, da Russia! O' que insolencias diz ella d'essa Princeza! repito que para mim a Duqueza cobrio sua memoria de eterno opprobrio!... Perdeu tudo. Mas pergunto eu: esses opprobrios todos contra essas duas Prin-

cezas serão verdadeiros? A Duqueza tinha visto com seus próprios olhos essas torpezas todas? não! mas supponhamos, que a tanto chegasse a miseria da especie humana!... ficava por ventura bem a uma Dama virtuozza, e respeitavel appresentar aos olhos do mundo inteiro essas misérias tão dignas de lastima? Eu tenho o prazer infinito dentro de minha alma, de jamais ter contado uma só vez nem a meu Marido as mil, e mil tristes.... historias que se passam no Paiz em que habito, e no lar domestico d'esta ou aquella.... familia brasileira, porque apesar de não serem minhas compatriotas, são meus próximos! são Senhoras, e demais é tão barbaro e tão cruel estar vendo manchar a reputação d'uma Dama, que em sua auzencia não se póde deffender, que não tem quem a deffenda! parece-me o mesmo que estar vendo apunhalar um cadaver!... Direi sempre que é a Mãi quem forma o coração do homem em suas virtudes! porém a irmã, a Esposa, a amiga respeitavel, são as que devem entreter, e alimentar essas virtudes! Uma Dama respeitavel faz respeitar as pessoas de seu sexo em todo o tempo, e circumstancias da sua vida; lá chega porém um dia, em que essa Senhora levanta a mão, e aponta para a porta de sua sala, e ordena a qualquer individuo que depois de longo tempo de relações de amizade, se esquecera uma vez do respeito, e cavalheirismo com que a deveria sempre tratar; e essa porta se feixa sobre elle para todo sempre.

Maria Antoinette, Rainha de França, nos mostrou na historia de França os seus inexprimiveis martyrios.... e perseguição.... encarniçada.... d'esses

homens.... sedentos do sangue humano! mas tambem essa altiva, e nobre Dama, nos mostrou que nenhuma outra tinha levado a tanto o orgulho justo, e a dignidade do seu sexo, e do Throno!! Quando era maior, e mais encarniçado o furor dos homens, e mulheres da revolução, lançaram mão das calumnias mais torpes.... e mais nefandas.... contra aquella altiva, e nobre Soberana! Ella sabia que o Duque de Orleans (Egalité) Principe de sangue Real, era quem as fazia girar por todo Pariz, e toda a França, apesar de que essas negras calumnias só entre a classe baixa são acreditadas, porque só n'ella existem corações tão depravados.... para julgarem as pessoas nobres por si. O Duque de Orleans tinha pedido a El-Rei, e á Rainha, a sua filha em casamento, mas a Princeza Real era filha de Pais muito virtuosos, para poder, nem dever ser Esposa de um Principe tão perverso.... e tão corrompido.... A Rainha sabia que elle era o seu calumniador!... o seu detractor!! Sabia que tinha mandado imprimir quinhentos mil libellos infamantes.... que só cubriram de opprobrio ao seu digno author!... E n'esses libellos não havia uma só infamia.... que não apparecesse!! E não obstante esse mesmo homem, e por desgraça de sangue Real! animava-se a hir pedir em cazamento a Princeza Real!! Maria Antoinette disse ao seu Augusto Espozo — prefiro ver minha filha morta mil vezes antes, do que entregar-a ao meu indigno detractor!... a esse que manda imprimir libellos infamatorios.... contra mim, e contra vós! E a Rainha de França dizia o que sentia no fundo de sua alma! E qual a Senhora

de virtudes que não pensasse, e sentisse como ella? todas assim responderiam. O libellista mandou depois offerecer á Rainha os libellos impressos contra ella, pedindo-lhe em troco duzentos mil francos! Maria Antoinette teve a Soberana dignidade de recusar tão indigna propozição! e respondeu assim — Que se espalhem e girem contra mim, essas.... negras.... calumnias! Sinto-me cheia de dignidade e altivez! esta dignidade que nos dá a tranquillidade da nossa consciencia! a serenidade da nossa alma e isto me basta. — No dia seguinte o libellista mandou fazer a mesma proposta a El-Rei! E Luiz XVI que não tinha a energia, coragem, e altivez de sua Esposa, cahio no imperdoavel erro de comprar os libellos por duzentos mil francos! E no dia immediato remetteu os Enormes calhamaços de papeis impressos, para a fabrica Real de porcelanas de Sevres, para serem queimados nos fornos! Apenas eram decorridos trez dias d'essa fraqueza.... imperdoavel.... de El-Rei, publicavam as gazetas de Pariz — que El-Rey com medo de que girassem as calumnias contra a Rainha, tinha comprado os libellos por duzentos mil francos, e os tinha mandado queimar nos fornos da fabrica Real de Sevres. — Maria Antoinette ficou indignada da fraqueza de El-Rei! pensou que fosse falso; e á hora do almoço, rodeados de todos os seus intimos parentes, interrogou ao seu Esposo d'esta maneira — meu amigo, é verdade o que se me tem contado, de terdes comprado, e feito queimar alguns mil libellos infamantes contra mim? — El-Rei não respondeu! mas suas faces se encheram de rubor!... Maria An-

toinette conheceu que era verdade, e disse cheia de indignação — eis ahí um bom motivo para imprimirem-se sempre, e sem fim libellos infamantes contra vós e contra mim, pois que ha quem os pague tão generosamente! — disse bem; porque ha certas calumnias tão abominaveis... tão indignas... tão asquerozas.... que ao ouvil-as nos sentimos envergonhados de pertencer á especie humana! Sentimo-nos cheios da mais justa indignação!... Se fossemos nós as victimas d'essas calumnias miseraveis.... não desceriamos até á cobardia de nos deffendermos de taes ultrajes! não abateriamos a nossa dignidade, para lhes darmos um solemne desmentido! não, porque perderiamos toda a nossa altivez desde esse momento. Mas quando vêmos victimas d'ellas as nossas amigas; e aquellas a quem invejamos as sólidas virtudes, sua fria dignidade serena e tranquilla; então nos parece sermos fracas amigas e desleaes, se não as deffendemos com toda a vehemencia da nossa alma, com todo o ardor da santa, e sagrada amizade; por que de outra sorte seria não amarmos e não sentirmos dentro do peito o nobre sentimento da amizade, mas sim profanal-o. E' mais facil para um coração nobre, e sensivel redobrar de ardor, de dedicação e sublimes sacrificios, quando contempla o digno objecto de sua affeição, em dôr, em desgraça, em padecimentos.... do que quando o vir rodeado de todos os prazeres do mundo! Eu não teria tido profunda, e lastimoza sympathia, como tenho, pelos infortunios de Maria Stewart, Maria de Medicis, Carlos I., Luiz XVI., e Maria Antoinette, se elles não tivessem sido tão des-

desgraçados... Felizes em seus Thronos de ouro, pouco affecto me teriam alguns d'elles merecido! porém na miséria, na desgraça, nos carcerees, teria sido a amiga a mais ardente e extremoza... e capaz dos mais dolorozos sacrificios... para salvar a qualquer d'esses Principes desgraçados teria dado minha vida. A Condessa de Lawallete e Milady Ninthinsdale, ficando ambas nos carcerees, e pondo em liberdade a seus maridos, como tão heroicamente o fizeram, não foi acção de tão grande admiração! Esses sacrificios feitos por um amigo, ou amiga respeitavel, me teriam parecido mil vezes mais heroica e nobre acção! ó sim. Madame Elisabeth, a Santa irmã de Luiz XVI, esse Anjo de pureza, de doçura e de virtudes, nunca quiz cazar para não se separar de seu Augusto Irmão; e como se houvera tido um triste presentimento de que deveria ser destinada a consolar seus dois irmãos, os Reis martyres, e depois partilhar com elles o golpe de machado no cadafalso!... ó sublime, e santa dedicação!! quanto ella me arrebatava de admiração!...

E' assim que eu comprehendo o amor, e a amizade, quando esses dois Divinos sentimentos tocam a sublimidade, e enobrecem o nosso coração. — O amor e amizade vulgares mancham, e não honram e jamais entram nem se alimentam em um nobre e virtuoso coração. A Princeza que deixa a seu Pai no Throno, e vai para o desterro com seu Espozo, e que voltando do triste e doloroso exilio, deixa a seu marido no Throno, e volta com seu Pai para o desterro, serão para mim sempre uma heroína!... Tal aconteceu em Macedonia com a immortal Cleo-

nides, filha do Rei Leonides! Mulher virtuosa, e sublime! quanto eu te admiro. Quanto é digna de admiração a mulher que sabe ser nobre, e sublime a tal ponto! Abandonar ao Pai na sua grandeza, e correr ao desterro e miseria com seu marido! como tudo isso é bello, e digno de inveja!!... quanto é bom proceder sempre assim, com essa ardente dedicação, e terna afeição! Lendo hontem a preciosa biographia de Lettizia Bonnaparte —Madame—Mere — gostei de ler que essa Senhora respeitavel e Mãe terna para com todos seus filhos, advogava com ardor a cauza de seu filho Luciano perante o Imperador Napoleão! Um dia em que essa Dama virtuosa instava com mais interesse ao seu filho Napoleão para que se reconciliasse com Luciano, seu irmão, outr'ora tão querido, o Imperador lhe respondeu cheio de impaciencia — Sim, Madame, vós assim o quereis, porque meu irmão Luciano é justamente o filho que mais amais entre todos vossos filhos! — Lettizia lhe respondeu — eu amo sempre mais aquelle de meus filhos que for mais desgraçado! ó sublime resposta de uma alma nobre e virtuosa! Eu senti sempre grande respeito por essa Dama extraordinaria! Depois que li essa resposta a amo mais em sua memoria veneravel. Mostrou que era verdade o que sentia, depois da immensa desgraça de seu filho, esse colosso das humanas glórias!... Lettizia conservou-se sempre triste, e nem mais um sorriso pairou em seus labios!

No dia da morte do Imperador, e em todos os anniversarios d'essa sentida morte, passava o dia inteiro no seu Oratorio, orando a Deos por elle! E o

busto do grande homem era rodeado de candelabros magníficos. Para conhecermos melhor o que são calumnias d'aquelles inimigos... que as inventam, dos que as acreditam, e da gente, que se encarrega de as fazerem girar contra as nobres pessoas que são as victimas infelizes d'esses flagellos da sociedade; direi que muito mal tinha eu ouvido fallar, e lido contra essa Dama respeitavel! As calumnias contra Madame—Mere, eram inventadadas pelos inimigos de seu filho o grande Napoleão! entretanto que Letizia Bonnaparte era o adorno do seu sexo! Quando senhora de grande fortuna, e seus filhos Reis, conservou-se cheia de modestia, e singelleza! Um dia seu mordomo lhe disse— Senhora, para que economizaes tanto? ella respondeu-lhe— Ah! quem sabe se algum dia eu terei que dar Pão a todos esses Reis! — N'essa só resposta já se vê como ella era boa Mãy, e cheia de instrucção para não fiar-se nos caprixos da fortuna! Eu acho que a boa mãy devera ter uma carteira reservada para a todo tempo acudir ás necessidades dos seus filhos! Perdirmos a nossa Mãy, é tão doce! ficamos tão felizes quando pedimos alguma coiza a esse objecto sempre querido do nosso coração! E' tão sincero o amor de uma Mãy! tão santo e desinteressado sempre, e em todo o tempo!



CAPITULO XIX.

Fenelon, e suas raras virtudes. Ilusão dos Príncipes, e dos Monarchas. Lealdade, e virtudes de alguns Cortezãos. Linguagem que deverá ter o Cortezão virtuoso. Luiz XVIII, e sua governante a Condessa de Marsans. Philippe Luiz de Orleans, e uma de suas mais negras acções. O Principe de La Paz, e algumas de suas virtudes. Izabel a Catholica, o frade franciscano Cisnecos, sua dignidade, e recompensa da nobre Soberana que soube premial-o. Mr. de Voltaire, e seu juizo ácerca dos Cortezãos.



Passarei a outro assumpto, que não acho falta de interesse para mim, bem que para o leitor pouco, ou nenhum tenha um livro composto de pensamentos soltos, e ideias sem nexo, como já o disse no começo desta segunda parte do meu livro.

O Santo, e sublime Fenelon, esse homem com doce linguagem, e com uma persuasão irresistivel, occupou-se tanto tempo em formar o coração e alma de outro homem que nasceu Principe, e que sendo Netto, Filho, e Pai de Reis, nunca foi Rei! Fenelon, esse Sabio virtuoziſſimo, esse grande homem com coração de mulher sensivel, e delicado, sabia que para os povos e Nações serem felizes, era necessario que os Principes que as governavam, fossem muito virtuosos, muito senhores das suas paixões; porque o homem que não pôde

dominar-se a si, como poderá dominar os povos? Fenelon compoz o seu Telemaco, obra que o immortalizou; com o fim de formar o coração do Principe, que algum dia deveria governar a França, e essa Nação de espirito, e sangue ardente precisava de um Monarcha cheio de energia, e virtudes, mais do que o Soberano de outra Nação da Europa, bem que no meu entender os Soberanos deverão ser como um espelho para seus povos; como emblema das virtudes brilhantes e positivas. Fenelon não teve o prazer de ver assentado no brilhante Throno da França ao seu Discipulo. Infelizmente o Delphim filho de Luiz XIV morreu envenenado, assim como quazi todos os outros filhos, e Netos d'El-Rei. Quem foi o assassino de todos esses Principes da Caza Real de França? O Duque du Mainne bastardo de Luiz XIV., e da Marqueza de Montespan. Esse bastardo avido de poderio envenenou até o ultimo Netto do Delphim apenas com trez mezes de idade—O Regente do Reino, Phelippe Luiz, d'Orleans, e unico herdeiro do Throno da França por morte do Principe Luiz ainda no berço, e ao depois Luiz XV. O que fez o Duque de Orleans? Salvou o menino dando-lhe contra-veneno! todos os historiadores contam que nunca houve Principe mais extravagante, e dissoluto! porém teve a honradez de salvar da morte ao Principe unico herdeiro legitimo do Throno da França. Fenelon esse virtuozo, e respeitavel Sacerdote, e perfeito Ministro de Deos, compoz o seu Telemaco para formar o coração, e alma do Principe que deveria governar uma Nação inteira.

Formou aquelle coração aguerrido, forte, energico contra as seducções do vicio corruptor! aguerrido, e firme contra a habilidade de aduladores cortezãos que haviam de cingir ao Principe para lhe arrancarem cargos, empregos, honras e riquezas mal merecidas. O grande Fenelon quiz evitar a perdição completa do Principe que tinha sido confiado a suas virtuozas attenções e desvellos, e conseguiu o que pretendia, pois o Delphim foi um dos Principes mais virtuosos e respeitaveis, que teve a França. Fenelon depois foi perseguido pelos viciosos, Cortezãos de Luiz XIV! O virtuozo e respeitavel sacerdote soffreu perseguição, vexames, maus tratamentos, e teve ordem de El-Rei para não apparecer na Côte por longo tempo. O Santo homem tudo soffreu inabalavel por ser perseguido pelo vicio, e perversidade, que em toda a parte triumpham, e nas Côrtes muito mais! Mas o sabio vivia em seu retiro, e solidão contente por ter a Deos por testemunha da sua consciencia, e virtuosas intenções. A perseguição do vicio é sempre ardente!... A virtude calma, e serena serie com desprezo de homens que escondem em seu peito crimes.... e remorsos!... o sabio Arcebispo de Cambrai assim o fez. Se hoje existissem os grandes Sabios da antiga Grecia, e sobre tudo Socrates, Zenon, Solon, Xenophonte, esses virtuosissimos Philosophos; os Monarchas mais poderosos do mundo, lhes rogariam com ardentes supplicas para que fossem os dignos preceptores de seus filhos! porque tanto é verdade que os Principes devem de ser extremamente virtuosos, e com esses ricos dotes d'alma, servirem

de exemplo, a todos os mais homens. Elles deveram em todo o tempo de inspirar amor confiante, respeito profundo a todos áquelles que nasceram perto, e longe delles. Um Principe não deverá pois, ser mais virtuoso, mais Cavalheiro, generoso, e nobre em todas suas acções, do que todos os outros homens do mundo? mas se elle fôr pozitivamente virtuozo, e essas virtudes estão inteiramente arreigadas na alma oh! então elle brilhará no seu Reino, e Estados assim como o sol brilha no Céu azul celeste! os Soberanos decahidos de seus Thronos, fugitivos, pobres, perseguidos, viram-se abandonados completamente de todos áquelles a quem tinham colmado de maiores riquezas, e honras; sempre assim aconteceu mesmo entre os particulares. Os Principes leiam as paginas da historia, e acharão motivos para bem profundas meditações!... leiam, e estudem. Os homens leaes, generozos, virtuosos e gratos como foram Mr. de Bertrand, o Duque de Cossé Brisac, são raros ao lado dos Monarchas! O Marquez de Cantagallo não foi menos leal, nem menos nobre acompanhando ao seu Soberano o Senhor D. Pedro I do Brazil, quando decahido do seu Throno. Eu não deprimos aos Cortezãos em geral, não! porque talvez que tenham havido validos que hajam fallado aos seus Soberanos esta leal e nobre linguagem —
« Senhor, eu sómente anhele e desejo o vosso bem,
« e a vossa gloria. Sede sinceramente virtuozo,
« justo, clemente, generozo, cavalheiro em todas
« as vossas acções, respeitavel, leal, sede em tudo
« um verdadeiro Principe! e superior a todos os

« outros homens do vosso Reino. Ganhai, con-
« quistai todos os corações nobres, delicados, vir-
« tuozos, porque esses são os corações firmes em
« suas afeições, e em todas as vicissitudes da vida
« humana jámais abandonam. Esses corações não
« ha oiro que os possa comprar; porém elles
« sabem fina, e nobremente amar aos que os sabem
« dignamente merecer.

« São esses corações que vós, ó meu Principe,
« deveis ganhar, e conquistar, com amor, e sym-
« pathias! com generoso cavalheirismo; então sim
« que sereis verdadeiramente perigozo!—porque
« qual será o coração virtuozo, nobre, e sensível
« aos irresistiveis encantos da virtude que vos
« possa deixar de amar? ó nenhum! Eu vos quero
« ver querido, idolatrado áquelles cujo amor, e
« sympathia nos honra e nos dá orgulho bem en-
« tendido, e justo. » Esta deverá ser a linguagem
do valido que deseja a conservação do seu Soberano!
E poderia esse Principe, esse Soberano desconhecer
o santo e sincero amor de seu nobre, e leal
valido, e amigo? não, ao contrario, conheceria
que entre mil Cortezãos adultores, interesseiros o
nobre, e virtuozo valido. Só quererá a gloria, e a
conservação de seu Principe, quererá para elle só
o amor, sympathias e as sinceras afeições dos seus
povos, e das pessoas virtuozas em geral. Ah! Prin-
cipes! é só na miseria e no desterro que elles co-
nhecem os Cortezãos, que lhes fallaram sempre a
linguagem da adulação... fementida e interesseira...
Esses que os illudiram para completamente os per-
derem!... E alli tambem na solidão, e na miseria,

esses infelizes Principes se lembram dos leaes, e nobres amigos que lhes fallaram constantemente a sã, e secca linguagem da verdade do amor, e amizade positiva! só então, porém já tarde!! é que esse Soberano diz—Ah! fulano sim que era meu intimo e verdadeiro amigo! Fallou-me sempre a linguagem da virtude; da dignidade; da honra e do cavalherismo, e eu insensato!... pensava que elle não era meu amigo, só, por que não se humilhava servilmente aos meus pés. Hoje, porém já tarde!!! é que conheço os Cortezãos perfidos, e os leaes amigos a quem tanto maltratei, por que não se submettiam aos meus loucos, e tyrannos caprixos! Ah! homens Cortezãos! dizia bem Voltaire. Luiz XVIII diz em suas memorias que a Condessa de Marssans, sua governante, e a Dama que o Educou, era tão rigida, e austera, que não lhe passava pela mais pequena falta! Sinto não poder uzar da liberdade que elle como homem que era, se permittiu em sua linguagem; mas pouco mais ou menos elle diz assim—Madame de Marssans me Educou tão rigida e austeramente, que tendo eu oito annos de idade, ainda me castigava de chicotinho! Quando eu commettia alguma falta; entrava a Condessa em minha alcova, fazia-me trez profundas reverencias, depois tirava um bom chicotinho (que doía bem) de dentro das pregas do seu vestido de Corte, e me dizia—Meu senhor— é justo que vos sugiteis ao castigo, que tendes merecido pela vossa falta! depois deitava-me a cabeça no collo, despia-me, e dava-me uma bôa, e bem assentada sóva de chicotinho. Eu chorava, gritava, mas a Condessa proseguia no de-

zempinho dos seus deveres como governante, e Educadora de um Principe. Depois d'esse castigo, vestia-me, abotoava-me, e ao retirar-se de minha presença fazia-me outras trez profundas reverencias, e deixava-me bem castigado. Eu desplicava-me com fazer-lhe as mais feias, e burlescas caretas, que rapaz algum podia fazer a seu mestre. — El-Rei continua dizendo — Já eu era Rei de França e mesmo assim quando via entrar pela porta do Salão a Condessa de Marssans, estremecia todo, e olhava-lhe para as mãos, e pregas do vestido! tal foi o medo com que sempre lhe fiquei. — Ora, como Luiz XVIII foi um Principe de muito espirito, e instrucção immensa, conta elle tudo com immensa graça, e naturalidade.

O Imperador Marco Aurelio conservou sempre, e até sua morte, um amor, e amizade idolatra pelo seu mestre — Marcos Cahiu-Frontan — e esse mestre foi bastante severo! São justamente essas pessoas as que mais nos amam! Ellas querem a nossa felicidade nobre, e generosamente, e por essa razão nos fallam a linguagem da verdade, e da virtude. Eu tenho o discernimento de differenciar as pessoas de minha amizade; e as que menos me lisongeam, são justamente as que mais estimo, respeito e prezo: quem nos corrige nosso amigo é. Licinius, essa personagem tão celebre na historia; (celebre pela sua perversidade,) Tyberio, Domiciano, Néro e mil outros homens perversissimos, maltratavam a seus mestres quando os corrigiam. Foi assim que esses Soberanos figuraram sómente como monstros de tyrannia, e de crimes... para serem odiados até hoje

nas paginas da historia! muitos seculos não decorrido já, mas os crimes d'esses Tyrannos ahi estão ainda! O philosofo Seneca—mestre de Néro—foi por esse monstro condemnado á morte! mas o que se poderá esperar de um coração friamente perverso? nada bom —.

Bem ao contrario, alli n'essas paginas escriptas por homens virtuosos, e escriptores de grande celebridade pela sua probidade, e verdade, se lerão as virtudes dos Soberanos que se fizeram amar como justos, bons, clementes, e cavalheiros em suas generozas, e nobres acções. O Regente da França na minoridade de Luiz XV, (Felippe Luiz d'Orleans,) Principe de sangue Real, era um Principe dissoluto. Conta seu protegido, e intimo valido o Cardeal du Bois—que uma honesta moça, modista de Pariz, foi por elle enganada, fingindo-se o Principe um caixeiro, ou agente de uma caza de commercio da cidade de Leão de França. O Regente com o supposto nome de Mr. Lucas illudio a essa Donzella honesta, ajustou com ella o seu cazamento, e já essa infeliz victima da trahição d'esse Principe dissoluto... o amava verdadeira e apaixonadamente!... Ella teve a mizera a desgraça de acceder ás reiteradas, e ardentes instancias do seu corrompido seductor!... mas no mesmo instante em que esse homem sem fé, sem lei, acabava de receber o sacrificio maior, que a virtude, e o amor extremo podem conceder... o corrompido Principe de Orleans, lhe disse— Mlle. foi ao Regente da França que vós colmastes de tanta felicidade! Não sou vosso noivo, Mr. Lucas, mas sim, Felippe Luiz de Orleans.—Aquella moça de

18 annos, bella, linda, pudica, e virtuozza, deu um grito de horror! Sabiu como louca da caza em que se achava com esse Principe, que só de Principe tinha o nome! e a infeliz correu a uma ponte, e atirou-se ao Rio Sena; onde foi sepultar o opprobrio de ter sido manchada por um Principe sem honra, e dignidade! Sim, ainda digo, aos Principes, e Soberanos cumpre que sejam mil vezes mais virtuosos, e cavalheiros que todos os outros homens do seu Reino! E' assim que elles só serão amados, idolatrados, queridos! E' assim que serão verdadeiramente Principes. Eu amo com idolatria a memoria dos grandes Principes! não pelo accazo do feliz nascimento, mas sim, pelo conhecimento de suas pozitivas virtudes, e nobilissimas acções, dignidade e cavalherismo; por que os Soberanos assim tão preciozamente adornados, quando decahidos dos seus Thronos, acham mil nobres corações que a elles se chegam, os protegem, e amam. O Principe de—Lapaz—quando perseguido, calumniado, e desterado, não gemeu na mizeria, sem que nobres corações fossem em seu auxilio suavizar suas penas. Quando sahiu da Còrte de Hespanha não pôde levar nada comsigo, e acharam-se em suas secretarias papeis, e correspondencias que attestavam bem claramente as virtudes d'esse sabio e grande homem. N'uma gaveta religiozamente feixada, achou-se na lista das familias honestas de Madrid, a quem o grande Principe distribuira pensões mensaes, para as soccorrer na mizeria! e annualmente montava essa despeza secreta a quinhentos mil francos!! Mas os nossos ferozes inimigos quando nos depri-

mem escondem as virtudes todas, e inventam vícios, e faltas que jámais existiram!

O Sarcástico poeta Francez esqueceu-se das virtudes solidas, de alguns celebres Cortezãos, que a historia appresenta tão brilhantes em toda a nobreza de suas acções e conducta. O Duque de La-Rochefacauld, Principe de Marsseillac, foi um dos mais virtuosos, e respeitaveis Cortezãos da Còrte de Luiz XIV, a quem El-Rei muito respeitava, e amava. No reinado de Luiz XV, cuja Còrte era tão corrompida como a do seu antecessor; houve um gentil-homem verdadeiramente nobre em tudo! O Duque de Cossé-Brisac—era o Cortezão mais virtuozo, e respeitavel, e como tal era altamente considerado pelo seu Soberano, e por toda a Còrte. Em Agosto de 1790 perdeu a vida, defendendo a porta da Alcova de Luiz XVI, quando os furiozos revolucionarios entraram pelo Real Palacio de Versailles para atacarem ao mais excellente Rei! Postou-se o Duque á entrada da Real Alcova para impedir a passagem áquelles miseraveis sedentos do sangue Real!... O Duque de Cossé-Brisac—cahiu no soalho, traspasado de golpes de punhal: logo Mr. de Voltaire foi injusto no seu juizo, contra os Cortezãos em geral. Quantos homens, e Senhoras, sem, serem Cortezãos nem pertencerem á classe nobre pelo seu nascimento, são milhares de vezes mais perfidos... mais trahidores, que todos os máus Cortezãos reunidos!! Ah! como são enganadoras as apparencias!... Como os juizos, e caprixos dos homens são differentes em quazi tudo! Luiz XV era virtuozo, e probó; bem quênão tinha sido Educado por Pai, nem Mãi, pois

que não os conheceu, e bem ao contrario creou-se na corrompidissima Córte do Regente, d'onde teve tão tristes lições de immoralidade. Nasceu bom, excellente, e dotado de preciosas qualidades moraes. O Cardeal de Fleury foi quem guiou o joven Principe em seus estudos, e formou-o na sua educação moral. Quando esse mesmo Principe já era Rei da França, e Esposo da formozza Maria Lessicka, Princeza Polaca de immensas virtudes, o Cardeal de Fleury, ávido de poderio, e querendo governar, tratou de tirar as redeas do governo das mãos do joven Monarcha, que só se occupava da felicidade do seu Reino! O que fez esse Santo.... Cardeal de Fleury? escolheu a Dama mais corrompida, da Córte de seu Soberano, e essa desgraçada combinada com seu cumplice trataram ambos de perverterem completamente ao Principe, formado para a virtude. A Condessa de Maylli bem depressa conseguiu o que intentava! e Luiz XV mergulhou-se na carreira da dissolução a redea larga!... Mas quem foi que collocou a esse bello Principe em tão perigoza Estrada? um Sacerdote que passava por homem de grandes virtudes, e austeros costumes! Lembra-me n'este momento um sublime pensamento da respeitavel Senhora Condessa de Belmonte—Deos é quem julga os homens! — Foi pois um Ministro da nossa religião quem fez trilhar a esse nobre Principe, o caminho da dissolução!... mas sua alma nobre, bella, e cheia de probidade, não se contagiou! E foi com as Damas excessivamente cavalheiro! já-mais consentio que os seus Cortezãos desacreditassem a honra de uma Dama, sem que elle immédia-

tamente tomasse sua deffeza, e lhes impuzesse silencio profundo. Quando em seus jantares particulares, e rodeado de seus corrompidos Cortezãos, o Champagne corria com profuzão por toda a meza, e os Palacianos principiavam a discorrer levianamente ácerca das Damas da Côte; El-Rei pegava em uma faquinha de marfim, e batia trez pancadas na meza de jantar, dizendo com toda a indignação —Senhores! El-Rei está aqui! vêde aqui o vosso Rei!—Immediatamente os Cortezãos de Luiz XV ficavam em profundo silencio, e depois passavam a conversar em outros assumptos. N'essa conducta de Luiz XV já se vê o verdadeiro Principe, e uma alma nobre, e bem formada! Este seguinte pensamento é bom.

Occulta de outrem as faltas

Que souberes.

E os Cortezãos tem também parentas que não de receber aquillo mesmo que elles dão ás Esposas, e filhas dos seus proximos! e isso é infalivelmente assim.—Mr. de Voltaire foi injusto em julgar a todos os Cortezãos sem piedade.—Luiz XV teria sido um grande Rei se tivesse sido educado pelo virtuoso Fenelon. Arrependo-me de ter chamado a Luiz XIV, Luiz o grande! Consolo-me porém que o não chamei virtuozo! Luiz o grande, não fez senão preparar o Cadafalso de seu virtuozo Netto, o Santo Luiz XVI! e os Cadafalsos onde deviam perder a cabeça as pessoas da familia Real, e milhares de nobres, e virtuozas pessoas da França. A dissipação e o luxo

louco, as festas sumptuozas de Luiz XIV, trouxeram á França milhares de desgraças incalculaveis!! Eis ahi o que traz a uma Nação a pessima Educação de um Principe entregue desde a infancia aos cuidados de homens que não tem virtudes, nem patriotismo, a homens a quem não importa que os Principes, que educam, deixem na historia, paginas manchadas.... Lastimei, e lastimo bem a sorte de alguns Monarchas! Elles são condemnados á triste pena da cegueira!... da completa illuzão em que vivem. Mas o Principe formado desde a infancia para a virtude, esse sempre vê, e não se deixa enganar pelo vicio. Tão perigoza é a felicidade dos Monarchas a companhia, e linguagem seductora dos aduladores! mas os que tem bastante talento, e luzes, os estudam silenciosamente, e com toda a attenção. Hum dia, Anna d'Austria, Infanta de Hespanha, e Rainha de França, perguntou á sua Camareira-mór, na occazião de correr a cortina de seu thalamo — que horas eram? Essa Camareira, extremamente Palaciana... lhe respondeu — que horas quer Vossa Magestade que sejam! — Póde haver adulação mais enjoativa! O' Principes! Como vivem enganados! A Rainha Izabel, a catholica de Hespanha, governava seu Reino com acerto; e conhecendo pelos seus talentos e agudo engenho o quanto é perigozo ao lado dos Soberanos a adulação dos Cortezãos; ella como sábia e virtuoza queria conhecer o coração, alma, e virtudes dos que deveriam ajuda-lan nos seus trabalhos d'Estado! Pezada tarefa para um verdadeiro Monarcha! Cruel pozição é a de um Soberano, que tem de reger seu Reino com todo o

acerto. Izabel a Catholica tinha ouvido fallar muito dos talentos, e solidas virtudes de um Frade Franciscano, chamado Frey Ximenez: a Rainha mandou-o chamar para a confessar na Capella do seu Palacio: Frey Ximenez não se fez esperar, e chegado que foi ao Paço dirigiu-se logo para a Capella, onde a Rainha Izabel entrou poucos minutos depois: Ella disse ao confessor que se ajoelhasse a seus pés para ouvir a sua confissão: Frey Ximenez lhe respondeu: não Senhora! E' Vossa Magestade, como penitente que hade ajoelhar-se a meus pés como Confessor! Grande altercação houve entre o humilde Frade, e a poderosa e altiva Rainha de Hespanha. O Frade confessor venceu na contenda, e a grande Izabel cahiu aos pés d'elle, e confessou-se como outra qualquer humilde penitente. No dia seguinte aquelle respeitavel homem encoberto debaixo d'um pobre habito de grosseira lã, foi escolhido pela sensata Izabel para seu 1.º Ministro d'Estado; e pouco depois foi o Cardeal Ximenez, tão celebre na historia! Se todos os Monarchas tivessem o juizo necessario para amarem, e estimarem as pessoas de altiva dignidade, e apreciarem devidamente os homens de character firme, e virtuosos que existem nos seus reinos; então teriam guias que os conduzissem pela mão ao caminho da honra e da virtude! então não seriam cingidos tão de perto por esses homens de paixões ignobeis, que os perdem completamente.

O Poeta sarcastico, e intolerante, quando descreveu os Palacianos, foi sem piedade! Entendeu que nenhum Cortezão poderia ser bom, virtuozo, sincero, generozo, nem sensivel! E bem o mostrou em

um dos Cantos de seu poema — A Henriada — que ha dezenove annos li, em um de seus Cantos exprime-se elle assim, a respeito da insensibilidade dos Cortezãos.—Quando o Principe de Navarra (depois Henrique IV de França) tomou uma Cidade do Reino da França, que sitiava com suas tropas; a carnagem foi espantoza, sem piedade! homens moços, velhos, mulheres, crianças, todos jaziam por terra misturados; e esse quadro era enlutado e causava horror a todos os sitiantes que o contemplavam de perto. O sarcastico Voltaire disse—o Principe chorava, choravam os soldados; todos vertiam lagrimas, e os porta-machados choravam! e até os Cortezãos choravam!!! O Poeta Francez não se admira das lagrimas e dôr dos porta-machados! porém admirou-se da sensibilidade, e pranto dos Cortezãos! oh! e até os Cortezãos choravam!!! Que injusta idéa tinha Voltaire d'esses Senhores! Não são todos felizmente assim.

Mr. de Voltaire, esse homem intolerante, e de nenhuma indulgencia para com seus semelhantes, nasceu com um character e espirito satyrico, que o fizeram temer e odiar! sua vastissima intelligencia, seu genio extraordinario lhe valeram em toda a França o maior enthusiasmo! Não quiz nunca ler suas obras, mas apprecio seu magnifico Theatro, verdadeiro composto de bellezas, e sublimes pensamentos. De suas tragedias, prefiro a Zaira, pela delicada ternura de seu amor, e a Sophonisbe pela heroicidade, com que soube preferir a morte ao vexame de ir adornar o carro Triumpicante do seu vencedor. vê-se que os ferozes Romanos eram es-

tranhos á seductora arte do Cavalherismo ! tão bravos e corajosos, tinham entretanto a imperdoavel fraqueza de adornarem seus carros de triumpho com essas formosas Rainhas vencidas, desthronisadas, em desalento e dôr, e correntes pezadas as atavam aos carros ! que triste, e manchada gloria de guerreiros !! poucas d'essas nobres heroínas se sujeitaram a tanta humilhação, e não quizeram imitar a Zenobia, Rainha de Palmira, que adornou o empenhado triumpho de seu vencedor.

Quando Frederico Augusto da Prussia recebeu em sua Côrte ao Celebre Poeta Francez, deu-lhe a mais singular amizade e protecção ! alli já se achava reunido um não pequeno numero de litteratos francezes, e entre elles o Marquez de Argentes, alvo dos satyricos gracejos de Voltaire, e das pezadas e ridiculas zombarias de El-Rei.



CAPITULO XX.

Observações acerca do drama Dictador Rozas. Julzos, caprixos, e gostos differentes entre as pessoas. O Conde de Buffon e Madame de Estaël. Madame de Sevigné e Racine o Poeta Inimitavel. Bello pensamento de Madame de Caylus.



ui hontem ao Theatro de S. Pedro ver o Drama intitulado, o Dictador Rozas. Pelo que vi e observei julguei dos talentos Dramaticos de Mme. Noronha. Se essa composição Dramatica tem defeitos, não me é dado certamente censural-os; porquanto, se se acham em mim alguns talentos naturaes, são ligeiras faiscas d'esse fogo ardente chamado imaginação. Portanto só achei n'essa rica composição justos motivos para admirar os talentos do fecundo, e illuminado intellecto da authora. Muitas vezes a inveja é a cauza da critica, que se faz a muitas bellas composições e a objectos dignos de admiração! Eu porém não sympathizo em coiza alguma com a inveja; essa amarella filha do inferno, como lhe chama judiciosamente Mme. de Caylus. Além disso tenho o acerto de não criticar nada, logo que não tenho talentos superiores para compôr um Drama, ou escrever um bello livro! Quando notto defeitos alheios, tenho indulligencia, porque conheço a penosa tarefa de composições litterarias. Lastimo a sorte dos litteratos que prin-

cipiam na espinhozissima carreira das letras. Como é possível contentar a todos? Como escrever, ou compôr um livro, ou Drama que agrade e embelleze a sabios, e a ignorantes, a bons e a perversos, á gente sensivel, nobre e virtuozza, e áquelles que o não são, nem o foram nunca? Tarefa difficulosissima na verdade!! E infeliz d'aquelle que nascendo com talentos, tenha a desgraça de ter uma alma sensivel para sentir-se ferida pela critica justa, ou injusta dos ignorantes e dos perversos! Porquanto, os homens sabios teem bastante indulgencia em seu coração, e bondade em seu modo de criticar. Eu de a muito que respeitava os talentos dessa Poetisa, mas não sabia que em sua bella mente se abrigassem tão bellas idéas e pensamentos para compôr um Drama em sette quadros. Todos os sentimentos d'alma estão bem collocados nas personagens d'esse difficultozo Drama! Não sei se terei algum talento para ao correr da penna poder fazer algumas observações, que me occorrem ao pensamento. Nos primeiros trez actos tudo é justa critica ao tyranno! Alli vêem-se os sentimentos do oppressor de uma Nação, e os de seus satalites, promptos a executar suas ordens. Ferocidade e interesse pecuniario, era o que os estimulava a dezempenhar com avidéz os crimes que lhes eram ordenados pelo Dictador Rozas!! Esses homens eram tão perversos como o Chefe que lhes dava essas iniquas ordens. Depois do burlesco, e rediculo dos trez primeiros actos, principia a brilhar a sublimidade do Drama! A authora faz apparecer n'elle a verdade da religião; a sublimidade do amor maternal, e ao mesmo tempo

do amor filial, que tão fina e delicadamente soube corresponder aos dolorozos sacrificios de um outro affecto. Esse signal e ardente correspondencia, sómente é posta em pratica pelas almas de iguaessentimentos, de igual dignidade e altivez, para não se tornarem inferiores em nada: entre essa ha sempre uma porfia de attenções nimiamente delicadas, que mostram a Elevação e santidade de uma affeição, que não mancha o coração pela falsidade, ou pela ingratião das almas mesquinhas e ignobeis. Quanto é bello e santo o delirante amor que ella collocou no coração de D. Izabel Martinez! O delicado amor filial de Eduardo, seu filho, é perfeito de ternura, e religiozamente grato aos extremos de sua Mãe! Que finamente sabem amar-se! Que delicadeza immensa de parte a parte! Que extremos, e quanta nobre dedicacão n'aquelle santo amor Maternal e filial! Alli a digna authora do Drama desprega todo o luxo dos sentimentos ternos do coração humano! A religião vê-se n'elles fortemente impressa. O constante, virtuozo e terno amor dos dois amantes desgraçados, Eduardo Martinez, e D. Elvira Alvares é de uma sublimidade cheia de belleza! A constancia d'esse puro sentimento, o amor extremo, tão bem sentido por D. Elvira; a sua dôr, o seu luto e tristeza durante o Exilio do objecto de sua affeição tudo é preciozamente bem exprimido. Ah! quem verá esse rico Drama sem que se sinta vivamente comovido? sem que o coração sensivel da mulher cheia de sentimento, deixe de soffrer muitissimo? Eu senti-me suffocada pelas mais dolorozas Emoções!... e nunca mais o tornarei a ver!! Na

despedida dos dois amantes achei motivos de dôr e sentimento, quando D. Elvira diz: —o nosso amor passou como um sonho!... — Porém quando minhâ dôr foi vibrante e prestes a romper-me o peito, foi d'esde a prizão de Eduardo! Alli principia o santo amor de uma terna Mãi a brilhar em todo o seu esplendor! Alli principia a Mãi a debater-se contra os scicarios do tyranno, flagello.... açoite que Deos mandou em um dia de colera contra aquelle nobre povo Americano! Que forte, e frio de perversidade!... é o character que Mme. Noronha dá a esse tyranno feroz! que via a seus pés as mais nobres e virtuozas Damas, ora pedindo-lhe a vida do espozo, ora a de um filho adorado! esse homem conserva-se calmo, tranquillo.... no meio dos gemidos da mizeria e da dezesperação mais louca e delirante!... A Snra. Ludovina Soares, essa perfeita e grande Actriz que se assenhoreia e se apossa de todos os sentimentos mais ternos e preciosos do coração e da alma da mulher sensivel! oh! como ella é natural e forte em sua sem igual expressão! como sabe tão bellamente exprimir os delirios da mente, e os ternos sentimentos do coração! Eu direi sempre que ella nasceu para gloria do Palco, para dezempenhar magnificamente os papeis em que brilham os talentos da authora, ou author de um sublime drama! Feliz de Mme. Noronha que goza da liberdade Européa, e da da nossa Patria! Aqui no Brazil, como estrangeira que é, não economizou passos nem fadigas para poder ver seu drama representado com perfeição. Se outras pudessem ter essa liberdade, não passariam pelo inexprimivel amargor de verem

seus trabalhos litterarios cheios de imperfeições e de erros, que muitas vezes pertencem ao completo descuido dos compositores. Os juizos, caprixos e gostos são differentes uns dos outros; e com pequenas observações eu o provarei já. Mme. de Sevigné, tão sabia, tão illustrada, foi injusta em seu juizo para com o poeta Dramatico Mr. Racine! Ella que vio as magnificas tragedias d'esse poeta sublime, dezempenhadas pelos mais habeis actores do primeiro Theatro da Europa, disse: — Racine passará, passará como o caffè! — Mme. de Sevigné enganou-se completamente, porquanto Racine immortalizou-se, e seu nome passará nas paginas da historia, de seculo a seculo.

Ao depois na ultima Tragedia d'esse genio da França, ella extaziou-se! enthusiasinou-se pelo author de Esther e Assuerus; e em vinte dias não fallou, nem escreveu outra coiza senão elogios ao dramatico Francez. Os gostos e caprixos são differentes! Quando eu choro na representação de uma tragedia, onde vemos ao vivo as passagens mais tristes da historia, as scenas mais dolorozas que arrancam lagrimas de dôr aos corações sensiveis, outros se riem. Nos caprixos ha tambem desigualdades! E a proposito me occorre que Mme. de Estael vestia-se com um simples roupão de cassa branca para entrar em seu gabinete de trabalhos litterarios; e assim commodamente achava mais facilidade para transmittir ao papel seus bellos e sublimes pensamentos, que admiramos. O Conde de Buffon fazia o contrario! vestia-se de Côte, e tão bellamente adornado como quando ia a Palacio

saudar a El-Rey; e com toda essa elegancia e riqueza de traje, entrava em seu gabinete de trabalhos scientificos, indagava com prazer os mysterios das plantas, flores e insectos. Sou da opiniao do Conde de Buffon! Parece que é um delicado obsequio que tributamos aos nossos pensamentos, o adornar-nos antes de pegarmos na penna que os vai transmittir ao papel. O mesmo nos acontece quando escrevemos, ou recebemos alguma carta preciosa das pessoas que nos são charas, e a quem tributamos alta estima e affeição. Imprimir nossos labios n'essa carta, ou apertal-a sobre nosso coração, são homenagens delicadas, que o sentimento d'alma dedica a esses objectos queridos, e que tanto nos merecem de acatamento e amizade. O Marquez de Pombal collocava sobre sua cabeça as cartas da Rainha D. Maria I, quando esse grande homem d'Estado tinha a honra de recebê-las. Um amante delicado ao receber uma carta, ou uma flor das mãos de uma Dama, ou do objecto de sua terna affeição, imprime n'ella seus labios, ou a aperta sobre o coração. Não reprovo nada d'isso, antes louvo tudo o que é delicado, e que denota fina gratidão. Eu chamarei a tudo isso, doce linguagem do coração! ternos carinhos da alma! perfumados, e mimosos afagos.



CAPITULO XXI.

Henriqueta em Santa Helena. Nobre e bellissima acção do Imperador Napoleão em favor d'essa orphã inglesa, reciproca affeição d'essa Dnizella para com seu respeitavel protector. Tymon de Lucien, e seu odio para com os homems pelo muito que d'elles tinha soffrido. O Preto Simão e sua extraordinaria heroicidade a par de sua modestia.



bles de terminar este pequeno, e pobre livro, quero dizer alguma coisa de um homem nobre pelos sentimentos da sua bella e compassiva alma! Esse homem é o preto Simão, marinheiro, ou bota-fogo do vapor Pernambucana. N'esse triste naufragio, do qual pouco tenho ouvido, consta-me que esse preto Simão praticou heroicidades extraordinarias para salvar quatorze ou quinze pessoas naufragadas! Que interesse teve esse homem em expor sua vida tantas vezes ás enfurecidas ondas, e salvar a essas desgraçadas victimas? Seria o amor da gloria, ou da fortuna? Seria a ambição dos louvores por ventura? Qual foi pois o estimulo de tão grande acção, e tão santa dedicação? o amor da humanidade, que n'aquelle nobre coração ardia em labaredas! Oh! quantos ~~homems~~ homems brancos desejariam ter em suas almas os nobres sentimentos d'esse preto! Hoje é elle digno dos maiores louvores pela

nebreza de tão grande e virtuoso procedimento. Deus lhe dê o premio d'essa heroicidade christã, em que não entrou o amor da gloria, e sim o amor da humanidade. Aquelles que ridicularisam a virtude, sensibilidade e nobre heroicidade, chamarão a esse homem desinteressado, e virtuoso, romantico? Sim, chamma-o-hão porque no século da corrupção, a virtude posta em pratica com ardente effusão e nobre desinteresse, é assim que a denominam aquelles que não podem comprehender as accões elevadas, e os mysterios do coração sublime. O grande e virtuoso Napoleão era tambem o mais romantico de todos os homens; pois até na sua mesquinha e barbara prisão de Santa Helena, não cessou de premiar a virtude, e recompensar generosa e nobilissimamente os mais pequenos obzequios que recebia! Leia-se o Almanak encyclopedico, recreativo, e popular, a pagina 149 do anno de 1854 que se veráo n'elle factos preciosos do grande homem. E d'entre esses factos historicos, o mais bello, interessante e sentimental, é certamente este que vou aqui transmittir fielmente, e como o li hontem 3 de Novembro, sentindo infinitamente não ter tido ha mais tempo conhecimento d'essa triste passagem da historia do grande homem.

Todas as vezes que o tempo permittia, Napoleão sabia, quer em caleça, quer a pé, ou a cavallo; e como tinha em pouco tempo vizitado todo o curto espaço de terreno que se lhe tinha designado; depois de dar algumas horas da manhã aos setis trabalhos litterarios, e sobretudo, e com grande applicação á redacção de suas interessantes memorias; passava

algumas outras horas a ler, e a estudar o Inglez, fazia o seu adorno, e vestia-se elegantemente das trez ás quatro horas, e sabia acompanhado do General Bertrand, de Mr. de Las Cazas, ou do General Gorgaud: Seus passeios eram todos dirigidos ao valle vizinho; quando voltavam, passavam habitualmente pela casa do General Bertrand, onde o Imperador se demorava meia hora, conversando com a bella e interessante Mme. de Bertrand, e brincando com os lindos filhos do seu melhor amigo. Exploravam assim a vizinhança, visitando as poucas casas que alli haviam, todas pobres, e de opprimir o coração de tristeza. Os caminhos estavam quasi sempre impraticaveis, porém quanto peor era o caminho, mais prazer sentia Napoleão em vencer todas as difficuldades que lhe oppuzessem obstaculo! Isso fazia mais longo o seu passeio; o que para o Grande homem era um simulachro de liberdade. A unica coisa a que o illustre captivo não se podia habituar, era a ver as sentinellas postadas de pequena em pequena distancia! essas o observavam com grande attenção, a ponto de não perderem o menor acionado de Napoleão. Um dia que elle tinha feito um passeio por sobre os rochedos mais escabrosos, descobriu uma cabana pobre, porém cercada de um pequeno jardim bem cultivado; o Imperador desceu, e abriu a porta d'esse jardim, achando n'elle uma linda joven Ingleza, que regando as flores parecia bem tranquilla e feliz! Ella tinha uns olhos azues, animados por uma graciosa expressão, a ponto de Napoleão sentir-se tocado e seduzido por esse olhar persuasivo.

O Imperador começou com a joven um dialogo por esta fórma « — Mademoiselle: como vos chamais? Henriqueta, lhe respondeu ella: Mas como é vosso appellido de familia? Bocow — vós pareceis amar muito as flores, não é assim? Sim, senhor, eu as amo porque ellas são meu unico recurso de subsistencia. Como assim, lhe disse Napoleão? Sim, todos os dias vou ao mercado da Ilha vender os meus ramaletes, e recebo em troca d'elles um franco; e é com isto que passo o dia, fazendo todavia algumas pequenas Economias. E o vosso Pai e a vossa Mãi o que fazem? em que se occupam? Ah! eu já não tenho Pais, respondeu a Donzella profundamente comovida! Como! nem um só parente tendes? Não Senhor, nem um só! sou estrangeira nesta Ilha! ha trez annos que meu Pai official réformado do Exercito Inglez, partio de Londres em companhia de minha Mãi, e de mim, para hirmos reunir-nos a uns parentes que tinha na India, e que o haviam de ajudar a fazer fortuna. Não eramos ricos; e meus Pais tiveram immenso trabalho para ajuntarem a quantia de dinheiro afim de pagarem a longa viagem de Inglaterra até á India. Mas Ai! elles não deveriam ver o fim d'essa viagem! Meu pobre Pai morreu na viagem; e quando a embarcação tocou n'esta triste Ilha, minha infeliz Mai estava tão enferma e cheia de soffrimentos que o Capitão aqui nos deixou abandonadas sem parentes, amigos, e o que peor é sem fortuna! Depois de obtermos esta Cabana, e este pedaço de terreno, eu o principiei a cultivar até fazer d'elle o jardim quevédes. Um negociante Inglez que como vós, me interrogou ácerca

de minha posição, teve tanta lastima de mim e de minha excellente Mãi, que nos deu esta Cabana, e este retalho de terreno. Para eu socorrer a minha Mãi em sua enfermidade longa e dolorosa, empreguei mil esforços, mil fadigas no cultivo d'este jardim; e depois que me deu flôres, eu hia, e vou ainda hoje ao mercado vende-las. Ha já um anno que a authora de meus dias teve uma grande recalhida e tudo isso acompanhado de mil necessidades que me opprimiam o coração de dôr! A Enfermidade augmentava, e chegando a seu termo, minha Mãi chamou-me ao pé de seu leito de dôr e me disse: — Henriqueta, minha filha, é chegado já o momento de separar-nos!... Eu parto deste valle de lagrimas, e deixo-te n'elle orfã, sem fortuna e sem ninguem por ti! Ah! minha filha! que triste posição é a tua! mas Deos vellará sobre ti, e te abençoará, assim como eu faço! E minha Mãi abençoou-me antes de expirar. Pedio-me com lagrimas que tivesse coragem para sobreviver lhe, e que nunca me afastasse da estrada da virtude; o que tenho feito seguindo seus conselhos. — A Donzella depois de ter assim fallado desatou em sentido pranto... pranto da mais profunda e verdadeira dôr. Durante essa triste narração o semblante de Napoleão estava com todos os traços e signaes de viva commoção! a tristeza estava n'aquelle rosto fortemente imprimida, e um ar de sensivel piedade deixou-se ver em seu todo. Phrazes intelligiveis sahiram de sua bocca; e depois disse mais distinctamente; pobre menina! Que tens tu feito a Deos para seres assim atirada tão miseravelmente n'esta Ilha? Singular similhaça de

nossos destinos! assim como eu; ella não tem mais Patria! não familia... ella não tem já Mãe! e eu não tenho mais filho! Oh! como é semelhante nossa sorte! Ao pronunciar essas palavras um profundo suspiro se escapou do labrão do Imperador; escondeu a cabeça entre as mãos, e uma torrente de lagrimas desprender-se-lhe dos olhos! Sim, o homem a quem a perda do mais bello Throno do mundo tinha encontrado tranquillo e resignado, chorou ao lembrar-se de seu filho! mas immediatamente chamando a si sua firmeza de character e coragem, disse á joven Ingleza. — Mademoiselle; quero levar uma lembrança do meu passeio; escolhei as vossas mais bellas flôres, e fazei-me um grande ramo para eu levar. — Henriqueta enxugou as lagrimas, e pegando em uma thezouara principiou a cortar as flôres mais lindas para enfeitar seu ramallete. Recabido o lindo ramo de preciosas flôres, o Imperador tirou da algibeira cinco escudos de oiro e lhe deu em troca do ramo. — Ah! Grande Deus! Senhor; porque vós não viestes aqui ha mais tempo! Minha pobre Mãe não teria sido necessitada a supportar, e não teria morrido na miseria! — Muito bem, muito bem minha filha, disse Napoleão, vejo aqui os bons sentimentos que eu amo; e que desgracia achar nos corações de todos os filhos. Voltarei ainda uma vez a vizitar-vos: Adeos. Então Henriqueta olhando os cinco escudos de oiro: mas Senhor; eu não terei bastantes flôres para vos dar em troca, e que correspondam a tão alto preço como é este que me dais! Não vos inquietei, isso respondeu Napoleão sorrindo; eu virei sempre aqui buscar um ramo de flôres. O Impe-

rador foi renhir-se a seus companheiros de passeio, e contou-lhes a nova descoberta que tinha feito; e parecia feliz de ter uma desgraça a soccorrer; uma pessoa triste a consolar em sua dôr. Eis aqui, leitores, o unico e verdadeiro prazer das almas grandes! D'esde esse dia a joven Henriqueta augmentou a nomenclatura do Lougwood. O Imperador ficou-a chamando a Nympha de Santa Helena, pois que na intimidade Napoleão tinha o costume de baptizar insensivelmente todos os que o rodeavam. Assim foi que ficou chamando á parte da Ilha que percorria em seus passeios. — O Valle do Silencio! Alguns dias depois d'essa vizita, Napoleão vestindo-se, disse que queria ir vizitar sua Pupilla; e apresentou-la aos seus fieis; (era assim que chamava aos seus amigos e companheiros de infortunio.) Chegando á pequena Cabana, acharam Henriqueta assentada; que depois da primeira vizita de seu bemfeitor, tinha sabido seu nome; e sensivelmente tocada, e comovida de suas desgraças presentes, fez a seu illustre hospede o melhor e mais gracioso acolhimento em sua pobre Cabana, e supprio as faltas que n'ella havia com a mais amavel e obzequioza hospitalidade. Apprezentou ao Imperador bellos figos, lindas e frescas flôres, e agua pura e cristalina do Rio do Valle, cuja nascente estava no jardim que lhe pertencia. — Sire, disse ella a Napoleão, vós vêdes que eu não esperava a honra da vossa vizita! porque, a eu ter contado com ella, ter-vos-hia obzequiado, já que a vossa nobre generozidade me dera recursos para isso. — E eu, disse-lhe o Imperador, vos teria ralhado por todas essas ceremonias;

e quando eu vier vizitar-vos, não quero achar senão um copo de agua da fonte; será só com esta condição que me vereis aqui algumas vezes. Disse depois: eu não sou senão um antigo soldado como vosso Pai; e o soldado nem sempre tem á sua disposição bellos figos e excellente agua! eu sei alguma coisa do que vos digo. D'esde esse dia, Napoleão não passava por aquelle lado, sem passar alguns instantes na Cabana de Henriqueta; esta aproximava-se do Imperador e lhe offerecia um magnifico ramo de flôres, um copo de agua da fonte; e logo que tinha respondido gracioza e amavelmente ás trez ou quatro palavras que elle lhe dirigia, Napoleão a saudava respeitosamente e continuava seu passeio, conversando com seus amigos, sobre o excellente character, espirito, e bôa educação da joven Ingleza. No anno seguinte, Napoleão principiou a sentir os crueis e terriveis effeitos d'essa enfermidade que devia roubar-lhe a existencia. Henriqueta não vendo mais ao seu respeitavel bemfeitor, hia todos os dias a Longwood informar-se da precioza saude do homem a quem tanto sabia respeitar, e entregava seu ramallete a um dos criados do Imperador e retirava-se triste e desconsolada. Um dia que ella estava tristemente assentada no pequeno jardim, sentio a bulha de uma carruagem; Henriqueta correu palpitante de alegria ao caminho, e achou-se em presença de Napoleão; mas assim que ella o vio, o seu semblante ficou revestido da mais profunda tristeza! Que! disse-lhe o Imperador; vós me achais bem mudado, não é assim, dize minha filha? Sim, Sire, é verdade, mas Vossa Magestade

se restabelecerá! Duvido, disse o Imperador, meneando a cabeça em signal de não acreditar. Entretanto quiz fazer-vos uma vizita, e desceu da Caleça apoiado ao braço do seu melhor amigo, o General Bertrand, entrou na Cabana, e assentando-se disse: dai-me um copo de agua da fonte, minha chara Henriqueta; isso me apagará, pôde ser, o fogo que me devora.... aqui.... disse elle, pondo a mão sobre o peito. A Donzella apressou-se em obdecer-lhe, e apresentando-lhe o copo de agua, Napoleão o bebeu, e seu semblante ficou mais sereno. Graças; graças minha chara menina, lhe disse com bondade; esta agua acalmou um pouco minhas dôres; e se eu a tivesse tomado ha mais tempo pôde ser!... depois acrescentou levantando os olhos ao Céu; mas é tarde, muito tarde! Henriqueta fingindo que não comprehendia a linguagem de tanta dôr, e dando ao seu rosto um ar de alegria que estava longe do seu coração, disse: quanto sou feliz de que esta agua allivie os vossos males Sire: Eu vos levarei todos os dias um frasco, e espero que vos curará. Não, minha chara filha! isso seria inutil!... não me illudo com minha enfermidade! esta é a ultima vizita que vos faço, bem o sei. Ha aqui um dolore sardo (e o Imperador indicava o lado esquerdo) mas como eu não vos tornarei a ver mais quero deixar-vos uma lembrança minha filha, mas que posso eu dar-vos? a essas palavras a Donzella não pôde contranger por mais tempo a sua dôr; e rompendo em sentido pranto, cahio de joelhos aos pés do Imperador dizendo-lhe: Votre benediction Sire! Vossa bênção Senhor! Napoleão levantou-se cheio de gravi-

dade e de comoção, e pondo a mão direita sobre a cabeça de Henriqueta, disse-lhe: Minha filha, Deus te abençoe assim como eu! As lagrimas da dôr solemne banhavam o rosto de Napoleão n'aquelle momento tão sério, e cheio de religiosa piedade. O Imperador tinha toda a fé, e as crencas que constituem ao homem honrado, e bom christão, e como tal amou, e respeitou sempre a sua Mãe, e a hora da sua morte o achou acompanhado de todos os sentimentos religiosos, e pios, e assim acabou. Um dia do mez de Maio de 1821 em que o sol estava mais bello e brilhante, que de costume, Henriqueta mais contente n'esse dia, por ter na vespera sonhado que o Imperador estava inteiramente bom da sua cruel enfermidade, poz-se a caminho, e dirigiu-se a Lougwood levando em suas mãos um magnifico ramo das mais bellas flôres: chegou cheia d'essa esperanza de menina, de que a bella agua da fonte poderia ter dado a saude ao illustre enfermo; a quem amava como a um nobre e generoso bemfeitor.

No dia antecedente tinham-lhe dito os officiaes do Imperador, que o mal tinha apprezentado algumas melhoras; e ella radiante de alegria, queria ver ao nobre homem, para quem seu respeitozo, enthusiasmo hia até a idolatria! Henriqueta chegou e disse que, queria entrar na alcova do enfermo; e beijar-lhe as mãos, como o fazia sempre, dominada pelo Divino sentimento da gratidão: Os officiaes deram-lhe então a terrivel noticia de que Napoleão estava já na hora solemne e dolorosa... de sua agonia!... A joven Ingleza recebeu o golpe mortal no coração!... Camballeou... balbuciou... phrazes inin-

telligiveis, e depois entrou rezolutamente no appozento do agonizante, na mesma occasião em que elle acabava de mandar abrir uma janella da parte da França para poder-lhe dar ainda seu ultimo olhar! O Busto de seu filho estava collocado diante do seu leito de dôr, o qual estava rodeado de seus fieis amigos. Napoleão sentindo approximar-se o momento supremo, pediu a Mr. de Bertrand que o recostasse nos travesseiros, e disse estas phrazes inarticuladas—França!... meu Filho!...—e um minuto depois Napoleão tinha deixado de existir!.. Henriqueta ajoelhada diante de seu bemfeitor agonizante, pegou-lhe em uma das mãos, que estava fóra do leito, e inclinando-se sobre ella beijou-a doloza e dolorosamente!... o ramo das flôres escapou-lhe das mãos... e a Donzella não se levantou mais!... Henriqueta expirou de dôr beijando a mão do illustre e desgraçado prizoneiro de Santa Helena. Napoleão nasceu com alma de verdadeiro Principe! alma generosa, nobre e virtuosa. Em Santa Helena premiou a virtude e soccorreu a mizeria de Donzellas orphãs; e jámais o grande homem manchou seus nobres beneficios com a indigna e cobarde seducção! jámais; segue-se que era de romantico.

Esse preto Simão pela sua doce philantropia, pelo seu bom coração para com seus semelhantes em perigo, faz um contraste com Timão de Lucien! Este diz em uma passagem estas terriveis e acrimo-
niozas palavras—«Tenho soffrido tanto da perversi-
« dade, e negra ingratição dos homens, que se hoje
« algum homem viesse bater á porta d'esta Cabana,
« onde habito retirado e solitario; se batesse á minha

« porta em noite de frio e neve de fazer morrer; eu
« sahiria, não para agazalhal-o! mas sim para lhe
« deitar em cima do corpo uma porção de agua ge-
« lada, e o deixaria morrer! E se eu visse um outro
« homem dentro de uma fogueira estendendo a mão
« para que eu o salvasse, eu deitaria dentro da fo-
« gueira todo o azeite que tivesse em minha caza,
« para que o fogo ardesse mais. » Muito tinha
pois soffrido dos homens perversos Timou de Lucien,
para expremir-se d'essa sorte! O' homem perverso
é a féra mais temivel que Deos creou! assim como
o homem nobre e positivamente virtuozo é o' dem
mais preciozo com que o Altissimo embellezou a
natureza. —

Eu farei depois uma comparação entre estes dous
homens extraordinarios, Napoleão, e Timon de Lu-
cien.



CAPITULO XXII.

Comparação entre o Grande homem, e Tymo de Lucien. Tito, e seu irmão Domiciano. Reflexões religiosas e philosophicas relativamente á pequenez do homem, e a immensidade do Altissimo. Humildade do immortal Pythagoras, e sua immensa Sabedoria.



Extraordinaria e inconprehensivel é ao espirito humano esta prodigioza differença que existe nas paixões humanas, nos Caracteres, indole, e sentimentos de uns, e de outros homens! o imperio, a Soberania, a poderosa influencia d'essas mesmas paixões combinadas com os sentimentos bons, ou maus de todos esses homens, torna essa organização moral um thema para grandes e sérios discursos entre as pessoas de irudição. O homem com a poderosa Soberania das paixões, combatendo estas com a Divina razão, é já por si só um digno objecto de graves, profundas, e judiciozas reflexões, e attento estudo! os talentos do homem de grande intelligencia, combinados com as mais escrupulozas observações ácerca d'essa producção das mãos do Altissimo, serão apenas bastante para conhecerem uma pequena parte dos segredos que pertencem a essa obra primorosa da mão de Deos! as pregas do coração humano desdobradas uma, a uma, não revelam todavia os mysterios que se occultam em

seus arcanos! e á vista de tão grandiozas creações como os homens admiram em cada parte do globo que visitem, poderão existir esses homens que Atheos se chamam? pois vendo as maravilhas assombrosas d'essa essencia Divina; e indefinivel, ha homens tão desgraçados, tão loucos, e temerarios, que se atrevam a negar a existencia do Altissimo? desgraçados! São cegos pelo espirito das trevas infernaes!... Voltaire, esse impio, bem que Dehista, conheceu á hora da sua desgraçada morte, a expantosa verdade que toda a sua longa vida combateu, fingindo não crer! o espirito forte d'esse genio extraordinario, e capriozo, succumbiu quando ia já bater ás portas da Eternidade! elle o mizero que acreditando na existencia de Deus, duvidava miseravelmente nos Santos mysterios da nossa religião! os preceitos e divinos segredos que somente pertencem á Divindade, elle os mettia a completo ridiculo. O verdadeiro filho da fé crê em Deus, e em todos os seus impenetraveis mysterios, os quaes devemos crêr sem termos a louca temeridade de indagarmos! Deus criou a vida, e criou a morte! nós outros filhos da fé acreditemos n'ella, e adoremos ao Omnipotente, este que seja sómente o nosso dever. Como em outros topicos tenho já discorrido sobre assumpto tão grave, e melindrozo, limito-me a estas ligeiras e justas reflexões; pois que me faltam os conhecimentos e auxilios da Divina Sciencia da Theologia! e quem como eu é tão falta de talentos e estudos, não póde tractar mais profundamente de objectos graves em seu todo.

Cumprirei a promessa que fiz ao leitor, comparando quatro homens historicos, e tão differentes em sua organização moral!

Napoleão, e Timon de Lucien, Tito Imperador Romano, e seu irmão Domiciano. Timon de Lucien, exprimiu seu ódio contra os homens em geral, e sem conceder a mais ligeira excepção! e isso sómente por que elle tinha experimentado ingratições e perversidades de muitos homens criminozos que sómente perseguem a virtude que lhes faz corajoza opposição. Napoleão, esse methero, esse homem unico em sua gloria e grandeza!! tendo experimentado a negra ingratição e perfidia, de milhões de homens a quem elle tinha colmado de beneficios, honras, e riquezas, não votou ódio ao genero humano! bem ao contrario, mesmo na sua merencoria prizão, elle protegia cheio de dedicação generosa e nobre aos desvalidos, e até os mesmos inglezes! até n'essa magnanimidade foi elle grande, e nobilissimo! quizera entretanto que elle não tivesse exalado nem um só Ai! mesmo no seu eirculo de Logowood que não tivesse deixado escutar aos seus inimigos nem um só gemido, e que á imitação do Imperador Guatimozin, que sendo assado vivo em uma grelha pelos hespanhoes, elle, esse grande homem não tivesse deixado escapar do seu peito um só queixume!.... ricó de sua gloria, e da sua immensa grandeza, Napoleão deveria ter guardado o mais profundo silencio durante o tempo de sua barbara, e injusta prizão. A virtude e a verdadeira gloria, brilham mais quando é maior, e dolorozo

o sacrificio, que em muitas circumstancias nós impomos a nós mesmos! eu não sei como esse genio em tudo, e em todo o tempo tão extraordinario, e que tão habil foi sempre no estudo judicioso de todas as materias de que tractava, e muito principalmente no estudo que sempre fez do coração humano; como não conheceu que os seus oppressores hião necessariamente sentir grande prazer da manifestação de seus soffrimentos!... Oh! por que tu, ó homem de alma grande e nobre, não os occultastes habil e silenciosamente no fundo do teu coração?! por que não te compenetraste da certeza que teus padecimentos sentidos, e pranteados, hião causar indefinivel prazer e felicidade áquelles que te turturavam e pungiam, para escutarem contentes os teus lamentos de desesperação?... O' Guatimozin, Imperador Americano, e mancebo de vinte e dous annos, que imperio, que força, e quanta heroicidade achaste em tua nobre, e bella alma Americana!! Como tu joven Príncipe te deixaste assar vivo, e a fogo lento.... e respondeste á ferocidade dos teus assassinos com o mais obstinado silencio! um só Ai! um só gemido não te escapou da alma! bem ao contrario, Guatimozin respondeu esta louvavel, e heroica resposta ao seu Secretario que tambem jazia deitado em cima de uma grelha de brasas — o Secretario dando dolorozos gemidos, olhou para o Imperador com um olhar interrogador, como pedindo-lhe permissão para descobrir o segredo que os hespanhóes lhes queriam arrancar por meio das turturas. — E eu, disse Guatimozin, estou por ventura em um leito de rozas? as turturas continuaram,

e a coragem e dignidade Americana não cedeu! o Imperador soffreu o martyrio de São Lourenço até o fim, e seu coração Coroou a gloria do martyrio, não deixando escapar um só gemido, nem um suspiro.

Se o grande homem tivesse imitado em tudo ao Imperador Americano; então sim, que sua gloria de heroico martyrio teria sido completissima!! Sua Coroa de martyrios, resplandecente, e de brilhante fulgor. Napoleão! por que te queixastes homem? por que não te contentastes com o premio de tua gloria e grandeza sem igual, e a possessão do teu immenso valor?! e quem como tu, tinha chegado ao zhenit das glorias humanas, deveria ter guardado profundo silencio ácerca da inaudita trahição e perversidade dos homens que trahiram tua nobre e ilimitada confiança! por que não lançastes um olhar de investigação por todo o Globo terraqueo, e ver que em todo elle não tinha havido, nem haveria um outro mortal que se parecesse contigo, e que só tu fostes o mais audacioso, e admiravel d'entre todos os homens?! por que, digo, não suffocastes em teu heroico peito esses gemidos..... de profunda dôr, e as lagrimas que por vezes te saltáram dos olhos? talvez que alguma mulher te houvesse excedido em coragem, e fria, inabanavel altivez! Sim, por que a mulher perspicaz e de espirito, é mil vezes mais habil em conhecer, e adivinhar a perversidade do coração inimigo!.... querermos, ou dezejar achar no coração vulgar e inimigo um só sentimento nobre e benevolo, é uma illozoria esperança! A heroica martyr Maria Antoinetta, essa nobilissima, e altiva

Soberana, já te havia o' Napoleão dado o infausto exemplo da energia, em tão terriveis circumstancias de dôr e desgraça. Como ella, essa Neta, filha, irmã, e Esposa de Cezares, respondeu sempre altiva e orgulhoza, com o desprezo do sorriso nos labios, ás insultadoras provocações e ultrages da gente baixa que a maltractava! como ella não deixou escapar do seu peito nem um só gemido, nem mesmo ao avistar o cadafalso! no carro dos Sentenciados essa formosissima Soberana, parecia mais bem uma Cleopatra em um Carro triumphal! na triste enlutada historia Napoleão á admirou Coroada com a resplandecente Coroa da dignidade sem mancha, e dos martyrios sem outros iguaes. Mas esse genio, unico na historia das Nações, apesar de immensamente grande, não era Deus! era sim, um mortal, e a verdadeira dôr não tem orgulho!... demaziadamente o conhecemos, cada um de nós-ouros na dôr da nossa alma, que silencioza e lenta nos dilacera. Depois d'esta pequena disserção do objecto de comparação entre esses homens historicos; continuarei n'esse nobre assumpto, e compararei dous homens irmãos, e filhos dos mesmos pais. O Imperador Vespaciano foi pae do Principe Tito, a quem depois de Imperador chamavam delicias de Roma! e de Domiciano o perverso. Tito era cheio de virtudes, e de indole perfeitamente docil. Esse grande e virtuozo Imperador dedicava todos os momentos de sua vida a fazer a felicidade dos seus povos. Quando se passava um só dia em que sua beneficencia, e munificencia Imperial não tivesse tido lugar, Tito dizia no fim d'esse dia — hoje perdi o meu dia! e

foi assim que esse respeitavel Imperador, foi chamado pelos Romanos delicias de Roma! Domiciano seu irmão, foi chamado com justa razão o perverso! que extraordinaria differença entre esses dois homens, filhos dos mesmos pais! até a Sabia natureza tem desconcertos, e caprixos!... tem magia fascinadora, tem bellezas, e mil encantos; porém tem ás vezes desconcertadas extravagancias.

Admirando as preciosas, e portentosas obras do Creador, e com as que nos mimosiu, sem com tudo as merecermos, sentimos silenciosamente a nossa pequenez! o pouco que valemos, e o rapidamente que desaparecemos do mundo. E a cada passagem da vida humana, damos nós outros algumas phrazes de mais em nosso modo de discorrer! por exemplo, que desenvolvimento não damos ás nossas ideias quando nossos passos se dirigem a alguma praia arenosa, e alli nos assentamos, melancolicamente em suas bordas magestosas, guarnecidas de asperos rochedos, de mil diversas e caprixosas fórmãs; damos por esse todo um profundo olhar em tudo curioso, e investigador! e com elle milhares de pensamentos audaciosos, e cheios de aspirações!... o Oceano visto ao longe, tem tantos motivos para nossa triste e dolorosa meditação! depois deixamos insensivelmente cahir nossa cabeça sobre uma das nossas mãos, e prestamos a mais profunda attenção a esse murmurar enfurecido das ondas, que encafelladas se chocam e combatem umas com as outras, e depois despeitosas se atiram contra essas rochas mais duras e impassiveis que o granito! n'esse flux, e reflux perpetuo das aguas do Oceano, n'esse

constante movimento das ondas, eu comparo a força e immensidade das violentas paixões da nossa alma! e aos rochedos, a constancia e coragem do soffrimento humano!!... os olhos prescrutadores, querem ir até o fundo dos máres, e dos abysmos, sondar os mysterios impenetraveis d'essa indifinivel Essencia Divina! ao depois pelo impulso da veneração elles sóbem aos Céos, e immoveis ficam n'essa grandiosa, e admiravel Abobada Celeste; pensando o insensato homem, que se não pôde atinar com os occultos segredos que tem debaixo de seus péz, poderá adivinhar os que n'essa região altissima, e impenetravel se escondem á vontade do homem! esse mortal audacioso, torna de novo seus olhares, e seu espirito á terra, e cabisbaixo, silencioso inclina sua cabeça sobre o peito, e suspirando exclama, — só Deus é verdadeiramente immutavel e grande!! os desejos ardentes, e renascentes da minha alma, esta sede inesgottavel de aspirações, me dá a conhecer essa sublime verdade, melhor que toda a força da divina Theologia; que minha alma é immortal! tudo na vida é finito, mas minha alma não o será, a immortalidade me espera, trilhemos pois o caminho da virtude. O homem é real e incontestavelmente a mais preciosa obra do Altissimo! mas o homem como eu entendo, rico pelas suas virtudes, talentos, e firmeza de character na pratica de tudo quanto é nobre, bom, digno, e grande. Convenhamos philosophicamente, que quanto maior é a erudicção do homem, mais virtudes elle deverá adquirir! mais deverá elevar-se á sua alma e seu espirito a Divin-

dade, e menos orgulho de si proprio se encontrará em seu coração.

A vaidade, a fatuidade, o orgulho excessivo, pertence ao homem, ou mulher de espirito limitado, deffendermos os direitos da nossa dignidade offendida não é orgulho, mas sim um justo dever.

O verdadeiro merito, é modesto, e até fôge dos applausos e elogios, que livre e espontaneamente lhe são tributados por áquelles que o sabem avaliar em seus justos quilates. Qual a modesta e procurada violeta que cuidadosamente escondida entre a relva, exalla seu suave perfume, a todos charo; assim, o genio superior se esquivava, e occulta aos applausos dos estranhos, bem que aos dos affeicoados elle volte um signal de benevola gratidão.

Deus tão sabio, como justo em suas obras, deu a uns homens a riqueza das virtudes e dos talentos, que valem mais do que montões de ouro! e a outros concedeu fortuna sem virtudes! nós mesmos o vemos. Nós outros em nossas queixas de continuo, ferimos ao Céu! irritamos a Celestial bondade, e interrogar queremos ao Omnipotente em seus occultos mysterios! e como insensatos que pensam tudo merecer da munificencia Divina, quando realmente nada merecemos á vista do pouco que valemos. Os virtuosos philosophos do Paganismo, conheciam a superioridade infinita do Altissimo, acima de tudo quanto pertence á humanidade! Anaxagoras, Anaximandro, Bias, Epiteto, Solon, Zemon, Xenophonte, e Socrates, assim o confessavam em suas sublimes praticas aos seus attentos, e numerosissimos discipulos. Phithagoras que era a Sabedoria humana toda inteira, e a

quem todos chamavam quasi divino! dizia que elle não se julgava digno de pronunciar o Sagrado nome de Deus! e nós outros que pertencemos á religião, Catholica e a unica verdadeira religião, pois que todas as outras são seitas, e crenças, e nada mais: invocamos tão irreverentemente esse Santo nome de Deus! entretanto que Phithagoras esse philosopho conjunto de todas as virtudes, não ousava pronunciar o Sagrado nome do Altissimo! tanta era sua timidez, humildade, e Sabedoria! n'isso mostrou melhor sua immensa sappiencia esse Sabio da Antiga Grecia.

CAPITULO XXIII.

O fallecimento da Augusta e virtuosa Rainha de Portugal a Senhora D. Maria II. Sinceras, e justas homenagens de admiração ao Excelso e mui glorioso Senhor D. Pedro I, ex-Imperador do Brazil.



Estava terminando a pagina antecedente d'este imperfeito trabalho litterario, quando nos chegou a infausta, e sentidissima noticia do passamento da Augusta, e virtuosa Soberana de Portugal. Esse Anjo Celestial com figura de mulher! a Senhora D. Maria II, que Deus haja, será por longos annos saudosamente lembrada de seus povos, de seus vassallos, de seu Augusto, e respeitavel esposo, e dos excelsos Principes seus filhos, a quem ella deu uma preciosa e rica educação, e adornou-lhes a alma,

e o coração dos sentimentos mais Santos, de virtudes, e extrema sensibilidade! Sensibilidade, que essa Mãe respeitavel inspirou a seus filhos, até para com os mesmos animaes! Esses dois Principes assim formados por uma maternal, e viriuosa educação desde sua infancia, farão ao depois as delicias de Portugal, assim como Tito, Antonino-Pio, e Marco-Aurelio, fizeram outr'ora as delicias de Roma.

O Augusto pai d'esses Principes, é um Cavalheiro dos mais altos, e positivos merecimentos, talentos, virtudes solidas, instrucção immensa, e além de tantos dotes preciosos, é um ardente protector das Artes, Sciencias, letras, e da industria nacional. Um perfeito Cavalheiro Portuguez deu-me mil noticias interessantes, e particulares, d'essas distinctas, e virtuosas personagens.

O Snr. Joaquim Elias Rodrigues da Costa, é justo apreciador do verdadeiro merito! e como não ser assim, se esse Cavalheiro é dotado do maior merecimento, talentos, e mil bellas qualidades moraes? é somente o merito, e a virtude que rende homenagens justas áquelles que possuem essas preciosas riquezas d'alma, e do espirito. Gostei infinitamente de ver as demonstrações de geral respeito e sentimento, que os Portuguezes hão manifestado pela perda de sua respeitavel e excelsa Soberana! e taes Principes honram certamente ao throno, e a humanidade. E' verdade, que lendo-se a preciosa historia Portugueza, acham-se n'ella factos de heroica e inalteravel lealdade para com seus Soberanos! Como subditos submissos e leaes, a historia nol-os appresenta de uma maneira gloriosa! oxalá que

elles não degenerem. Mas tambem nenhuma outra Nação tem tido uma serie de excellentes e virtuosos Soberanos, que mais amassem os seus povos! Oh! quanto deleita o nosso espirito a narração de tantas e tão preciosas virtudes, e nobres acções praticadas por esses grandes e nobilissimos Principes! e d'essa sorte foram, e deveriam ser idolatrados por aquelles, que tantas felicidades recebiam de seus virtuosos Monarchas.

Quando o Sr. D. Pedro I., que Deus Haja, collocou nas Augustas Cabeças de seus excelsos filhos as preciosas Corôas de Portugal, e Brazil, deu esse nobre Principe a mais alta prova do seu animo grande, e generosamente desinteressado! na historia é que serão ó Principe, vossos grandes feitos de heroidade altamente apreciados, e devidamente admirados! n'ella apparecerão vossas nobres e bellas qualidades moraes, sem que as rancorosas paixões humanas vos neguem os tributos de justa admiração. Essas homenagens vo-las darão certamente todos os historiadores futuros; por que esses não sentirão mover entre seus dedos uma penna assalariada, paga pelo rancor, a ingratição, e a injustiça. Se esse Soberano teve por ventura erros em seu reinado, não foi elle certamente o culpado! foram sim, aquelles, que mal o aconselharam nos serios e espinhosissimos negocios de Estado. Se esse Monarcha tivesse tido ao seu lado homens virtuosos, sabios, energicos, bons patriotas, que sómente amassem a felicidade da patria, e do Brazil inteiro, com preferencia mesmo aos seus interesses pessoaes; então sim, que ainda hoje o Snr. D. Pedro I. viviria feliz

e assentado em seu brilhante Throno, e teria sabia, e discreptissimamente dirigido os destinos d'este bello e florescente Imperio! então sim, que o Snr. D. Pedro I. teria imitado em tudo ao habil e sabio Bernardotte! esse que só quiz o amor de seus povos para segurança de seu brilhante Throno.

Os preciosos restos mortaes do Snr. D. Pedro I. estão de ha muito tempo feixados em uma Urna, e elle, escutar já não pôde, nem os justos elogios do escriptor imparcial, nem as injustas queixas dos ingratos a quem esse nobre, e glorioso Monarcha colmou de beneficios. A posteridade lhe fará justiça, e dará todo o desconto aos erros, que por força talvez de circumstancias elle praticara em seus árduos negocios de Estado. Todos os Principes não podem ter Mestres como os tiveram os Marcos-Aurelios, nem Trajanos! os Plutarchos, e Marcos-Cayus-Fronton, são rarissimos em todas as nações, e em todas as epochas. Quem tem bastante juizo, dignidade, virtudes, e talentos, pôde julgar das couzas e seus effeitos melhor que os outros, que nenhum d'esses dotes tiveram.

Acho tanta cobardia atacarem a memoria de um Principe, que já descança no Tumulo, e que não se pôde deffender! e quem sabe se esses que assim se conduzem, são áquelles que maiores beneficios, honras, Cargos, e fortuna receberam d'esse generoso Soberano! apesar das injustiças dos ingratos, sua gloria não poderá jámais ser eclipsada! essa já não poderá morrer bem que o excelso Monarcha succumbira á força dos desgostos, aos quaes infelizmente elle não pôde desprezar como deveria tel-o feito! mas

os heróes pertencem tambem á fraca natureza!... feliz d'aquelles que tem corajosa energia para lutar braço a braço com seus cobardes... inimigos desprezando-os bastante! não! os golpes do inimigo, nem dõer devem! temer devemos os golpes da mão querida que outr'ora apertamos amigavelmente! Sim, eis sómente o punhal que deverá fazer uma terrivel ferida em nosso coração! esse braço que se alça contra nós quando pensavamos ir só receber um fraternal abraço de Santa amizade.

O Senhor D. Pedro I. merecia bem que se admirasse a sua bellissima, e gentil figura, em uma magnifica Estatua em bronze, collocada na principal Praça da Capital do Imperio! este é meu bem querido pensamento, e de ha longos annos! não temo a censura dos Brasileiros, que até hoje nem se quer lhe hão levantado um Busto! o tempo será quem fará justiça a esse nobre Principe! eu não escrevo para lisongiar paixões, nem rancorosas odiosidades! não! escrevo com as convicções de minha alma. O Imperador D. Pedro I. e o Patriarcha da independencia, foram os dous grandes homens que fizeram a independencia, e mais ingratos!... mas não nos admiramos! Nós, mesmos temos dia, por dia a fazeremos tristes experiencias com áquelles a quem colmamos de beneficios, de finas e nobres attenções, e esses que sómente recebem milhares de favores generosos; de bondades não interrompidas, são justamente esses mesmos que nos atrahçoam, e que nos cravam o punhal pelas costas... que imprimem em nossa mão, ou em nossa frente o perfido osculo de Judas Yscariote! desgraçada d'aquella

pessoa que espalhar beneficios ás mãos cheias! o premio que hade receber será mais que cruel.

Como pois não lastimarei eu a sorte dos Principes? Sim, por que essas Distinctas personagens estão mais na possibilidade, de fazerem mais ingratos, e criarem um sem numero de inimigos.

Os Principes pela felicidade do seu nascimento e alta posição, estão expostos a soffrerem as injustiças d'áquelles que pretendem Cargos, empregos, e dignidades, muitas vezes mal merecidas. Por mais beneficios que elles derem, o numero dos descontentes, e dos ingratos será sempre maior!

Espinhosa posição é na verdade, a do homem, ou Senhora, collocados na grandeza, ou no Throno da realza! as settas hervadas da inveja, ou da ingratição lhes serão atiradas por áquelles, que não podem attingir a mesma altura.

Mas gosto entretanto, que cada um conheça o bem, e o mal, para que o saiba avaliar nos seus semelhantes! é só assim que o homem saberá avaliar o mal que pungir o coração de seu proximo, experimentando elle tambem os crueis effeitos da dôr.



CAPITULO XXIV.

Nas paginas seguintes vai ler-se o principio d'um Romance, que estou compondo. e n'essa composição faço sobresahir os Principes adornados de solidas virtudes, talentos, e justiça, servindo essas altas personagens de preciozos espelhos para áqueillos que as contempnam.



Discorrendo n'estas paginas ácerca da educação dos Principes, que deverá certamente ser confiada a homens de sólidas, e austeras virtudes, grandes talentos, patriotismo reconhecido, e mil outros preciozos dotes, que possam transmittir aos seus excelsos discipulos, permittir-se-me ha que transcreva aqui um trecho, e principio de um Romance, que estou compondo, nas rapidas horas, que me deixam a aridez e monotonia d'esta obra. Esse trecho contém justamente as instrucções, que um grande Imperador deveria dar á sua unica filha, e herdeira de seu vasto Imperio.

Quando já outr'ora discorri, bem que ligeiramente ácerca de Torquato Tasso, foi com a mesma liberdade de imaginação, que aqui discorro do Imperador Carlos VI de Allemanha; mas estes pedaços de litteratura certamente não existem na historia; mas sim na minha mente. N'esse Romance, colloco a Princeza Maria Thereza de Austria, ora no gabinete de seu Augusto Pai, ora na alcova de sua virtuoza mãe, e de ambos recebendo conselhos, e

instrucções, que deveriam formar seu coração, e espirito, para ser depois, como realmente foi, a Soberana mais completa em virtudes, talentos, e energia sem igual.

Maria Thereza, criada, e educada pelos seus Augustos pais, com tanto amor, tanto mimo, e carinhos, retribuia-lhes mil afagos, e carinhos demonstrações de fina e grata amizade, em troca das muitas que recebia cada dia. A terna amizade d'essa filha, era quazi uma idolatria para com os dignos authores de sua existencia.

Todos os dias, ao levantar-se, e depois da sua oração, hia a Princeza á alcova de sua excellente mãe abraçal-a, saudal-a, e imprimir-lhe na fronte ternos beijos de amor filial.

Depois beijava terna e respeitozamente a veneravel mão de seu pai, que por ella, e com razão, estremecia.

Maria Thereza hia de dia, a dia desenvolvendo virtudes, talentos, e meritos, a pár de sem igual belleza. Sua indole era meiga, seu character franco, leal, excellente! tinha genio forte, energico; porém quazi sempre prompto e faeilmente dominado pela poderosa e clara razão, essa sublime Soberana, ante a qual inclinâmos a cabeça, e torcemos as mais fortes paixões da nossa alma, tantas, e tantas vezes!! esse freio das paixões humanas.

A Imperatriz Izabel Christina, sua virtuoza mãe, conversando com ella, muitas vezes dizia a essa, que depois foi o esplendor dos thronos da Europa— Maria, minha filha, tem sempre presente, que aquillo que não for bom para vós, não o poderá ser

para outrem! a dôr que te pungir o coração, e arrancar gemidos á tua alma, deverá também atormentar ao teu semelhante! tendo bem impresso estes sabios pensamentos, serás infalivelmente boa, indulgente, e sensivel! Sabei, minha filha, que a Coroa dos Monarchas brilha sómente aos olhos dos ignorantes, que não vem os agudos espinhos debaixo dos Diamantes, cujo brilho lhes offusca a vista. Para esses o leito dos Soberanos, é juncado de rozas e jasmims, o somno pacifico, e tranquillo! mas Ai! como se enganam, minha filha, o Leito dos Reis, quesão bons, estão semeados de agudos e penetrantes.... espinhos!.... e não de flores. Mil gemidos de dôr de centenaes de desgraçados resoam aos ouvidos d'esses Monarchas até em sonhos! o enorme pezo de uma Coroa, faz curvar muitas vezes sobre o peito as altivas Cabeças dos bons Soberanos! e mil horas de amargor, e de tedio, contristam seus dias, que para os outros parecem risonhos e contentes. Ai! Maria! algum dia infelizmente experimentarás estas terriveis, e cruellissimas verdades! eu não faço senão ir-t'as já mostrando, para que teu coração, e espirito se vá formando pouco a pouco para as luctas, que te esperam quando regeres os destinos do Imperio da Allemanha. Deos que tudo ordena, dispõe, e rege, destroe os Thronos e os Imperios! e em toda essa destruição vê-se, o' minha filha, o nada das coizas humanas!... elle escolhe os Soberanos, não para os lisongiar em sua vaidade; mas sim, para o representarem na terra! para dezempenharem os Santos deveres de pais dos seus povos; e fazerem a felicidade de toda uma Nação! Ah! e com

tantas penas e cuidados, ha entretanto quem inveje a sorte dos Reis?! a inveja de outros Soberanos, lhes suscita injustas guerras, como as hão feito os inimigos do teu virtuozo pai, e os effeitos das guerras são de incalculavel desgraça para as nações! revoltas, miseria, humilhação de empréstimos, é o que ellas originam, e o premio que recebem os maus Monarchas, é quazi sempre o exilio, a desgraça! A historia Romana, Grega, Persa, Inglesa, e das outras nações, já tu as conheceis bem, e n'ellas tens apredindo a verdade d'estas minhas tão tristes palavras. Se como espero, Deus te ha rezervado para regeres os destinos da Allemanha, sê sempre boa, sensivel, e justa, Attende ao menor dos teus vassallos, e seja o amor dos teus povos em todo o tempo as sentinellas dos teus Palacios.— A Princeza escutava attentamente, é cheia de ternas emoções, estes preciosos conselhos dos labios de sua mãe, e sua melhor amiga.

A Imperatriz Izabel Christina dava á sua sonora voz, uma entonação tão solemne, seu ar era tão cheio de magestade durante essas conversações com sua filha, que necessariamente deveriam ficar gravadas na mente, no coração, e na alma da Princeza. Eram estas as conversações que dia por dia ouvia de sua sabia, e virtuozza mãe.

Depois hia a joven Princeza para o Gabinete de seu Augusto pai, e quazi sempre levando em suas mãos algum memorial para ser favoravelmente despachado. Maria Thereza apenas contava treze annos de idade, e assentada no Gabinete do Imperador seu pai, esse sabio e virtuozo Monarcha principiava

com sua filha a mais interessante conversação, para d'essa sorte ill-a formando em suas virtudes, e desenvolvendo seu extraordinario talento e espirito.

A historia antiga era materia vastissima de interessantes conversações, para esses dois virtuosos Principes! as desgraças lastimozas dos Imperadores Gregos, era outro thema de suas scientificas reflexões, e agradaveis discursos. Assentados ambos um ao lado do outro, recordavam as bellas, e sublimes passagens da historia de cada uma d'essas grandes Nações antigas, suas vicissitudes, e inexplicavel alteração em seus destinos, assim como as conversações, que os sabios da Antiga Idade tinham entre si quando se reuniam. Ambos estes Principes repetiam com prazer as maximas e conselhos do immortal Plutarcho a seu virtuozo discipulo o Principe Trajano; recordavam as preciozas cartas do Imperador Marco-Aurelio ao seu bem amado Mestre — Marcos-Cayo-Fronton. Os Conselhos do grande Cicero ao seu filho, suas sublimes fallas; as pompozas orações do eloquentissimo Demosthenes, os preciozos manuscriptos de Tito-Livio, e de Polibio, os estudos de Plinio-Velho, e de outros muitos sabios da antiga-idade. A decadencia do Imperio Grego, e Romano, as desgraças de mil Imperadores virtuosos do Oriente, as Leis dos grandes Legisladores, as immensas virtudes de Socrates, Seneca, Zenon, Platão, Solom, Epiteto, e outros muitos sabios, cujos gloriozos Nomes brilham nas paginas da historia. Eis aqui, leitores benévolo, quaes eram as praticas do Imperador Carlos VI com sua encantadora filha.

Outras vezes o Imperador lhe dizia — Maria, minha filha, se algum dia como penso, Reinares, e tiveres inimigos, conserva nobre altivez, para com toda a dignidade os rebater; energia, e constancia inabalavel, para fazer-lhes forte, e corajosa opposição; tira das fraquezas, e do dezalento, forças!! quando mais combatida, mais firme! por que a firmeza de character denota sempre a elevação dos sentimentos da alma! quando a cauza que deffendemos é justa, e bazeada nos principios da virtude, nada deve abalar a constancia de nossa dignidade! os brutos combatem pela força animal, o homem pela força moral! rebater sempre a insolencia dos nossos inimigos e em todo o tempo, é de necessidade para conseguirmos a tranquillidade propria, isto é um dever justo. A boa fé, jámais seja por nós trahida, para com áquelles que nos honram com sua confiança! sabe vós, Maria, que os Monarchas na terra são como o sól no Céu! n'elles fixam-se todos os olhares, e suas accções devem ser puras, e sem mancha. Sabe tambem, que as virtudes, mais necessarias aos Principes, são a firmeza, e exactidão em todas suas promessas e tractados! a justiça acima de tudo! a generozidade em todos os seus actos, e nobres accções; para que ninguem os exceda em procedimentos dignos de admiração! a Clemencia, por que sem esse dom Celestial, um Principe não é bastante Principe!! e bem que já o saibas pelos bellos exemplos da historia, ainda vos mostrarei com mais um factu da historia Romana.

— Contam-nos Valerio Maximo, e Tito-Livio, que tendo o Rei Persena posto sitio a Roma, e dado-lhe

com seu formidavel Exercito, combates sobre combates, a mortandade dos combatentes de ambas as partes foi espantosa, e o campo de verde que era, tornou-se vermelho pelo copiosissimo derramamento de sangue. A completa desgraça da grandioza Roma era infalivel! ella hia, como no tempo de Coriollano, a ser entregue ao fio da Espada do grande e valorozo exercito de Persena; mas as Veturias, Velumias, e Valerias do grande Coriollano, já não existiam, para dezarmar o furor do Rei inimigo! o que fazer em tal conflicto! no maior apuro do perigo appareceu um corajozo e nobre Mancebo, a quem ardiam no peito as chammassas do amor da patria! appresenta-se a seus amigos já armado de um agudo punhal, e diz-lhes—Adeus amigos! vou salvar minha patria, ou morrer antes d'ella! o que vás fazer, Mucio Scevola?! Sacrificar minha vida pela patria, que geme opprimida.... e quazi a ser entregue ao tyrano Persena! Mucio Scevola, dóbra um joelho em terra, beija o punhal, que vai salvar Roma, e dar pela patria a vida! juro por ti ó ferro, que has de traspassar o coração de Persena! depois Mucio Scevola levantou-se, abraçou seus amigos e partiu para o campo inimigo. Introduzido alli, correu á tenda do Rei inimigo, e achando á porta um joven, e bello homem a quem o audaciozo Mancebo tomou pelo Rei, tirando do peito o aguçado punhal, cravou-o no coração do inimigo da sua patria! depois que viu morto a seus pés o guerreiro, que julgou ser Persena, disse— Roma estás salva!!— Os officiaes, e soldados inimigos cercáram aquelle heroico patriota, e lhe disseram—quem

calho aos teus pés, foi o valido de El-Rei! elle porém aqui está para punir-te, feroz Romano —! Persena appresentou-se ante Mucio, e lhe disse— Erraste o teu golpe, Romano! Persena vive ainda! ei-lo aqui!—Mucio Scevola, indignado contra si mesmo, deu aos olhos de todos um segundo exemplo de grande heroicidade! pediu um brazeiro cheio de brazas, e tendo-lhe sido apprezentado, estendeu a mão direita, e disse— pois que tu erraste o golpe, que deveria salvar a patria, eu te condemno ao fogo lento!...e essa mão se foi assando em fogo vivo, sem que escapasse d'aquelle coração Romano um só Ai... um só gemido! Persena, que tinha uma alma nobre, magnanima, e um coração bom, e Clemente, ficou attonito de tão grande coragem, e amor da patria, e vingou-se como Principe!! aproximando-se do virtuozo mancebo, disse-lhe, — Romano, eu te perdó-o! vieste dar-me a morte, e eu dou-te a vida! dou-te mais que a vida! dou-te tambem a liberdade! dize-me, qual de nós é superior ao outro; tu vingando-te, ou eu perdoando-te?!— Mucio Sevola respondeu-lhe — Persena, tua alma é nobillissima! eu te admiro, e conquistaste um coração inimigo!... por cumulo de infortunio... Mucio Scevola tem que admirar ao Rei Persena! El-Rei, magnanimo, e Clemente, mandou curar a mão de seu inimigo, e o mandou bem acompanhado até ás portas de Roma! — Maria vê aqui a vingança das almas grandes!! isto vos mostra ainda melhor, que sem a Clemencia, um Principe nunca é bastante Principe! benevolencia para com os pequenos, aos quaes o brilho, e esplendor da magestade intimida, ou af-

fastam. Nobres procedimentos, altiva dignidade, firme energia, bondade justa, e a tempo, familiaridade nunca, vos farão amar, e venerar dos vossos povos em geral. A baze dos thronos é o amôr dos subditos! os Exercitos atácam, vencem, destróem, mátam! porém, nem gáubam, nem conquistam um só coração, e o amôr dos nossos póvos é tambem filho do nosso amôr, e solicitude! Sabe, minha filha, que na sociedade quazi tudo é interesseiro, e quazi tudo é um commercio! até nas ternas affeições da alma existe esse commercio, e ambicioso interesse, por que os sentimentos do nosso coração querem uma igual, e voluntaria correspondência, e nada ha mais justo. Guardai vos entretanto d'áquelles, que com a linguagem da fementida lisonja, e da adulação, lisongiãrem vossos caprixos e paixões, essas féras desencadeadas, que luctam dentro da nossa alma! o homem ou mulher aduladores, vos hirão fazendo amar a seductora, e embriagadora linguagem da adulação; assim como o Nectar mortifero bebido em taça de ouro! Ah! esses serão os que vos arrancarão mais graças, e beneficios, e vos atraioarão.... melhor!... esses descobrião vossos mais occultos segredos.... e os divulgarão, deprimindo-vos mais! pobres Principes!... rodeados de gente, que lhes beijam as mãos, que lhes surriem, que os festejam, e que os trahem!... entretanto quem mais ama, e respeita a seu Soberano, é áquelle que lhe mostra o caminho da honra! da gloria, e do dever! é só a experiencia quem vos falla, ó minha filha. O Marquez de Haspelberg, meu Ayo, e meu mais fiel amigo, homem de raras virtudes, altos

meritos, e talentos, me amou com idolatria! entretanto que eu o julgava desaffeitado, só por que nunca me adou, e me lisongiou em meus caprixos, e nas loucas paixões que na juventude me combatiam, e embalavam, como a um fragil baixel! mas elle que me amava ternamente, e desejava a felicidade da Nação; me conduziu pela estrada da virtude! Muitas vezes o virtuoso Marquez, assentado em meu gabinete de estudo, me dizia com voz solemne e firme, — Príncipe, o Soberano que deve representar a Deos na terra, é áquelle que adorna sua alma de sólidas virtudes! e áquelle, que cálca aos pés os vícios, e as paixões vergonhosas!... os loucos caprixos que lhe deverão atrahir sobre sua cabeça a odiosidade de toda uma nação! e eu á imitação de Plutarcho, quero formar-vos tão virtuoso, como elle formou ao grande Trajano! e sabeis vós por que? por que vos amo ternamente! o Soberano, que quer, e deseja ser amado, e respeitado dos seus subditos, e povos, ama-os tambem, e tudo elle faz para a prosperidade nacional. Mil praticas interessantes, e instructivas, sustentavamos, eu, e meu respeitavel Ayo, e foi assim que elle me educou até á idade de vinte e dois annos, em que o perdi; muito lhe devo! e sua memoria me é tão chara como a de meu Augusto Pai. Sabei, minha filha, que quando eu descer ao Tumulo, o remorso não irá no meu coração! não comprometti nunca a dignidade Nacional, tenho-me conduzido briósa, e dignamente com os nossos inimigos! hei dado a paz aos meus povos, mas sem que a Nação sintasse humilhada em nada! ella é minha familia, e em cada

um dos meus subditos eu contemplo um filho !
oxalá, ó minha filha, que vós os tracteis depois, com
a mesma amizade paternal, como eu os lenho até
hoje tractado ! ao terminar esta phrase que recor-
dava o Tumulo.... o Imperador deixou cahir a ca-
beça sobre o peito, e um profundo suspiro se esca-
pou da alma ! duas grossas e lentas lagrimas desli-
saram-se pelas faces veneraveis do virtuoso, e nobre
Monarcha ! a Princeza visivelmente commovida ; le-
vantou-se, e deitou seus dois braços de Alabastro
pelo collo de seu pai, e disse-lhe—affastai da vossa
mente, Senhor, tão tristes ideias !... não, meu pai,
vós não deverás descer ao Tumulo senão, em uma
idade tão avançada, que vós mesmo encareis o Se-
pulchro, como um benefico leito de repouso ! e além
d'isso, meu pai, os Monarchas virtuosos vivem por
longos Seculos nas paginas da historia, cheios de
gloria, que seus filhos, e suas nações herdão, assim
como n'essa mesma história, hão-de apparecer os
crimes mais secretos dos que imitaram os Neros, e
Domicianos ! vós, Senhor, viverás sempre gloriosa-
mente, como um Principe virtuoso, e nobre ! ao
terminar estas phrases de verdade—Maria Thereza,
imprimiu seus labios virginaes na nobre, e respei-
tavel testa de seu virtuoso pai. Depois de acalmadas
as vivas emoções da alma do Imperador Carlos,
elle continuou a instruir sua nobre filha, por meio
da sabia conversação, que fazia uma hora antes
tinha começado. — Minha filha, sabej que é da mais
vantajosa necessidade para uma nação, que os Mo-
narchas protejam a illustração dos seus subditos,
que dêem impulso ás letras, Artes, Sciencias, in-

dustría nacional, commercio, e sobre tudo a Agricultura, sem a qual as nações são pobres, e cheias de necessidades, e dependencia das outras nações ricas, e gloriosas. Estes bens todos reunidos, engrandecem, e ennobrecem as nações, e estas cheias de gloria, ricas, prósperas, felizes, figuram, representam um brilhante papel entre as nações poderosas, e não se sentem humilhadas pela prosperidade, e altivez das outras que sejam mais fortes. Quanto não é digna de admiração uma nação illustrado, e próspera pelo trabalho, e industria dos seus filhos? ! quanta gloria, e orgulho não sente o Monarcha que rege seus destinos? Em França Luiz XII pai das letras, e dos povos, principiou com o seu reinado, as letras, as Artes, e a desenvolver, e a premiar os talentos, a virtude, os meritos, a industria, a Agricultura, foram por elle protegidas com ardor, e quando morreu, deixou a França rica, pacifica, e feliz. Esse grande Rei, não delapidava a fortuna do Thezouro nacional, como o fez o Imperador Vitelio, com seus festins, e banquetes de sumptuoso apparatus! elle não tinha as esplendidas cêias, e jantares do soberbo Lucullo, e sabeis vós por que? por que elle era pai de seus povos, e amava a gloria da França! Depois succedeu-lhe o dissipado Francisco I e só em dois annos, elle dissipou milhões ajuntados em uns poucos de annos de economias, pelo seu sabio, e virtuoso antecessor! e o mesmo Luiz XII o disse um dia aos seus Cortezãos—Este Rapagão, dissipará em pouco tempo o Thezouro, que eu tenho ajuntado em tantos annos! e bem depressa foi verificada essa opinião que

Luiz XII tinha do magnifico Principe, depois Francisco I. Este como vós já o sabeis pela historia, foi magnifico dissipador, amigo do luxo, dos Torneios, das festas esplendidas, e do galanteio! voluvel inconstante, ligeiro em suas affeições, lhe deixou a Luiz XIV uma escola terrivel, para ser depois, como foi a desgraça da França. Todos os bons Soberanos tem a gloria, e dever, de premiarem os serviços dos seus Soldados! muito principalmente os valiosissimos serviços de seus Generaes! d'áquelles, que em seus documentos attestam honrosos serviços prestados a seus Monarchas, a seus Avós e a seus pais! suas illustres, e nobres viuvras, e filhos, que não gemam jamais na mizeria! por que os contemporaneos, e a historia, hão-de revelar os serviços e os premios! é pois nossa, a gloria de taes premios, pelos serviços prestados a nossos Avós, e a nós mesmos.

O premio ao merito, e á virtude; o castigo ao crime, constitue a maior gloria do Monarcha virtuoso! e esse Soberano será adorado pelos que recebem os effeitos de suas virtudes! e assim como áquelles, que o não sejam, trahidos e censurados por todos áquelles que os rodeiam, e se prestem á execução de suas ordens. O caminho da virtude, e de tudo quanto é leal, e nobre, deve ser trilhado por todos, muito principalmente pelos Principes! Maria, em todo o vosso reinado não commettais uma só crime! não o pratiqueis jamais! os homens que empregasseis na triste execução d'esse crime, qualquer que elle fosse; haviam de revelal-o, para descarregarem a odiosidade, e o desprezo geral, e particular, sobre a verdadeira culpada, e os segredos

dos Reis, se escapam por muitas brexas!... muito principalmente áquelles segredos de crimes! esses homens não quererão carregar com a responsabilidade odiosissima para elles, e para todos os seus descendentes! O Soberano, que confie sómente em suas virtudes, e justiça! então será respeitado, e idolatrado de todos em geral, e não terá que sentir-se humilhado em presença d'áquelles executores de suas iniquas ordens. Minha filha! olha que a vida é curta!... a morte certa! põe os olhos na longa eternidade! n'aquelle instante, o veneravel semblante do Imperador, estava revestido de gravidade, e sua voz era firme, e solemne! a Princeza o escutava cheia de attenção, como não querendo perder uma só phraze dos labios de seu Augusto e virtuoso pai.

A conversação d'esse dia, era mil outros repetida, com variados objectos que a tornavam sempre nova e interessante; para esses dois Principes virtuosos, e modelo dos Soberanos. Estas, e outras, são as sabias instrucções, que eu achei a bem de collocar nos labios de um Monarcha Clemente; e serem ouvidas pela joven Princeza, herdeira do seu vasto Imperio. Gosto de vêr ao Soberano de uma Nação, cheio de amôr, e justiça para seus póvos, para com todos em geral, e para com áquelles a quem elle tenha a obrigação de recompensar serviços tributados aos seus antecessores, e a si proprio; e aos póvos possuidos de gratidão, affeição, e profunda veneração para com taes Soberanos, os quaes com sua existencia evitam os funestos effeitos da cruel Anarchia! e as sanguinolentas luctas das revoluções,

que são o verdadeiro açoitado das nações. Se eu houvesse tido a incalculavel felicidade, de ter nascido homem, e meu destino me houvesse collocado ao lado de um Monarcha, eu lhe daria minha vida quando fosse necessario salvar a sua! Eu lhe tributaria milhares de sacrificios, mesmo os mais dolorosos, em seu favor, salvando a minha, e a sua dignidade, e jámais o lisongearia em seus caprixos, e paixões, logo que essas o fossem conduzir á sua ruina! á sua perdição. Jámais lhe consentiria que se manchasse com um crime! por que os homens que elle buscasse para desempenharem tão tristes... ordens, esses mesmos, e bem depressa!... haviam de descobrir seus segredos, para livrarem-se da odiosa... responsabilidade de taes execuções. Affastaria os passos do meu Principe, do caminho que o conduzisse a um abysmo insondavel, de incalculaveis males, e nunca o adularia! lhe mostraria a estrada do dever, da honra, da dignidade, para sua propria felicidade, e aduração do seu Throno! meu marido, que não pensa como eu em muitas coisas, diz só, Deus, e meu Rei! ainda que elle, e o seu Rei, fossem ao medonho abysmo.... da desgraça sem remedio algum!... eu penso, que seria mais fiel amigo do meu Soberano, em não deixal-o, nem consentir nunca que elle se approximasse das bordas do abysmo no qual ficasse sepultado, elle, e seu Throno. Os modos de pensar são differentes! Madame de Estael, dizia que Napoleão era — um Robespier a cavallo! e eu penso, que Napoleão era o Despota mais respeitavel, e virtuozo, que existiu no mundo! Napoleão premiou sempre

a virtude, os meritos, os talentos, e o valor de seus guerreiros! elle premiou a virtude até á hora da sua morte! elle em sua prizão de Santa Helena, deu o premio á virtude desgraçada, e um tal Despota, é sempre a gloria dos thronos! premio á virtude e castigo ao crime, não é dado senão por um Principe em tudo respeitavel e virtuozo! Napoleão nasceu para ser Principe! nas paginas das historia imparcial nós todos o lêmqs. Sipião, na Castidade com que se conduziu com jovens, e formosissimas Donzellas, que diziam amal-o com o maior enthusiasmo! Napoleão ganhou mais essa gloria !!! elle fazia desde seu Palacio conduzir essas donzellas a caza de seus pais, acompanhadas de um dote de cem mil francos, e intactas em sua pureza, e candura! tal aconteceu em Allemanha com a filha de um Barão Allemão, que se metteu em sua carruagem com a sua governante, e foi vizitar, e admirar de perto a esse genio extraordinario, que ella tanto sabia amar, pelo conhecimento que já tinha de seus grandes feitos. Essa joven donzella era linda como a Venus de Medicis! essa circumstancia, ainda augmentou mais a gloria do Imperador Napoleão. Com as Damas, elle conduzia-se como um perfeito Cavalheiro Francez! um dia em Santa Helena, uma Senhora Ingleza foi vizital-o, por que dezejava conhecer pessoalmente áquelle, que todo o mundo admiráva, como o maior em gloria d'entre os homens! o Imperador lhe disse—Senhora, se me tivesse feito saber por um bilhete, que me dezejava fallar, ou vizitar-me, certamente que eu teria sido o primeiro em procurar a honra de vos conhecer! Oh! qual

será a Dama de meritos, que ainda hoje, não sinta pela memoria do Imperador Napoleão, o mais delirante enthusiasmo !!! esse homem de alma grande, e nobillissima ; de vontade de ferro ; philophicas reflexões elle arranca á intelligencia do homem, ou da mulher, que sabem avalial-o, e contemplal-o com seria meditação. Os Chinas, não queriam crer, que Bonaparte, e Napoleão fosse o mesmo audaciozo guerreiro ! eu o admiro ainda mais como General Bonaparte, que como Imperador Napoleão ! mas, entretanto direi como Victor Hugo em uma de suas mais bellas Odes — Napoleão par tut ! par tut lui ! — e eu acrescentarei — antes d'elle, e depois d'elle, outro nenhum mortal o igualou, nem o igualará ! que Napoleão será unico na historia das Nações do mundo inteiro. Outro Soberano absoluto, que eu tambem venero em sua memoria, é o grande Imperador Nicolau ! ó quantas virtudes e nobilissimas acções praticou esse Principe glorioso antes de descer ao Tumulo ! que alma grande e magnanima que elle tinha ! Si esse grande Monarcha tivesse dado a liberdade aos Polacos, eu então teria sentido por elle verdadeiro enthusiasmo ! leia-se a Biographia d'esse Soberano pela penna veridica do escriptor imparcial, e se verá o quanto foi nobre, generoso, e virtuoso mesmo ! Gosto de achar a esses Principes chamados Despotas, assim acompanhados de tão preciosos dotes moraes para admira-los, e respeita-los depois que não existam mesmo.



CAPITULO XXV.

Justos tributos de admiração e sincera homenagem á alguns Cavalheiros distinctos do Brazil.



virtude não teem sexo, cor, nação, nem credo politico aqui no meu sempre humilde modo de entender; ella sim, adorna e enriquece a quem tem a fortuna debem acolhe-la em seu coração; para sabe-la apreciar em todos áquelles que com essa riqueza de alto preço sentem-se bellamente adornados. Feliz todo áquelle que sabe admirar, e sentir-se ufano das preciosas qualidades moraes dos seus semelhantes! esse póde bem dizer que sabe avaliar os altos quilates de todas as riquezas d'alma, e do espirito.

N'este ultimo topico direi alguma coiza de algumas pessoas do maior merecimento, e distinctas que me honram com sua nobre amizade, e alta estima, a maior parte d'entre ellas; e a essa amizade, eu sei fina, e extremozamente corresponder, e com a mais ardente constancia, e dedicação, e sem distincção alguma para nenhuma em particular; por isso que todas essas respeitaves pessoas, são do mais alto merecimento.

Outras igualmente distinctas, que citarei aqui, e o menor numero d'entre todas; se não são nossas amigas, o são dos nossos intimos amigos. Em meus elogios não serei epirbolica, mas sim, muito justa,

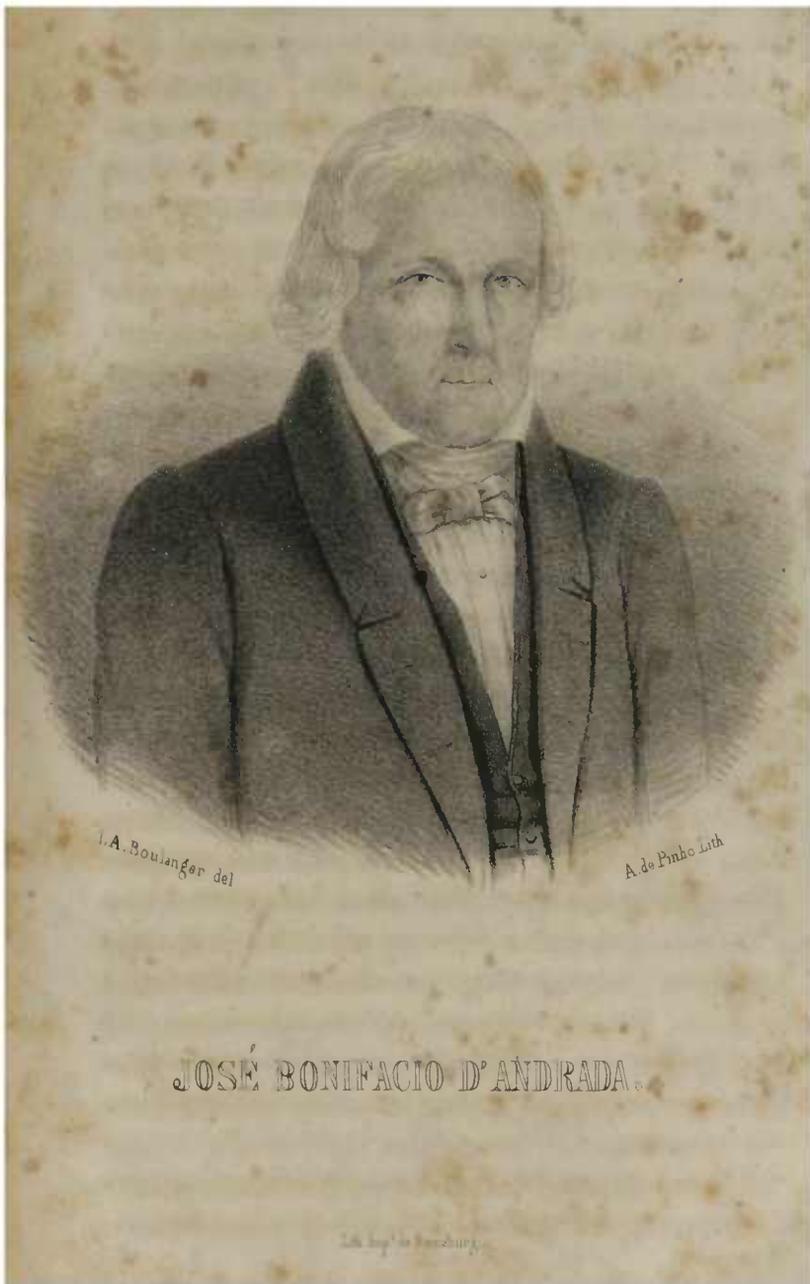
e sincera apreciadora de toda essa agglomeração de virtudes, meritos, e talentos.

Deverei eu de, dizer algumas phrazes do Brazil, e de alguns de seus grandes, e distinctos homens já pelas suas virtudes, talentos, meritos, ou posição social, neste, ou naquelle papel que tenham representado em sua patria.

O Brazil paiz encantador, e bello sem igual, como que protegido pela divina Providencia, teem ido em seus progressos á passos de gigante! quer na sua illustração, já no seu engrandecimento; apesar das tempestuosas borrascas que se ham passado no hemispherio politico, desta lindissima parte da nossa rica America. Queira Deos protegel-o, e livra-lo da guerra civil!! essa tyranna, e verdadeiro flagello das Nações! então sim, que esta pacifica nação fruirá a felicidade e a paz que somente dá o trabalho activo, e honesto. Dos distinctos homens brasileiros teem na historia do Brazil incontestavelmente o primeiro lugar o Nome illustre, e respeitavel dos Senhores Conselheiros de Andrada e Silva! esses benemeritos brasileiros que servindo sempre com ardente zelo a Patria, e tudo soffrendo pela cauza sagrada, da Independencia, quando morreram, não deixaram as suas respeitaves viuvras, e filhos nem uma só caza propria em que habitarem! essa mesma reconhecida, e louvavel pobreza legada a suas familias; foi justamente o mais brilhante florão de sua gloria; essa é a prova mais forte, e incontestavel da consummada honradez, e probidade! foi pois verdadeiro, nobre, e desinteressado o patriotismo desses trez deffensores da Independencia

do glorioso, e pacífico Brazil. Foram pois esses tres distinctos brasileiros, os homens que mais trabalharam, e que mais supportaram das injustiças, e da inveja dos outros homens! desterros, privações, perseguição, pobreza, tudo elles soffreram contentes, e felizes da gloria que os immortalizava já! e quem têm um Diadema tão brilhante para cingir sua fronte, como poderá ambicionar mais nada além da gloria?! os homens de resplandecentes meritos forão sempre os perseguidos! esta é a desgraça de toda nossa America! se os homens de menor merecimentos, e de ideias menos claras, inclinassem sua cabeça diante do genio superior, e da virtude, de seus respeitaveis concidadãos; se lhes rendessem tributos de admiração e homenages de patriotismo; esses agradecidos, redobriariam de fadigas, de esforços para o engrandecimento da Mãe Patria ser maior, e mais brilhante. Entretanto que a perseguição da inveja desacorçoa aos homens mais firmes em seus caracteres. O Patriarcha da Independencia glorioza do Brazil, immortalisou-se na historia do Brazil, assim como seus outros dois Irmãos. O Conselheiro Jozé Bonifacio de Andrada e Silva, ficou mais distinctamente lembrado; pois consta-me que um grande, e mui distincto Fidalgo Brasileiro, e homem de reconhecidos talentos, e raros meritos, lhe tributou á justa homenagem de fazer cunhar aqui, Medalhas em oiro e cobre, nas quaes acha-se a effigie do Patriarcha da Independencia do Brazil.

Eu para imitar á esse distincto brasileiro, colloco n'esta pagina o retrato do Conselheiro Jozé Bonifa-



J.A. Boulianger del

A. de Pinho lith

JOSÉ BONIFACIO D'ANDRADA.

Lith. Imp. de Pinho

cio, para embellezar meu livro. Eu penso que os Brasileiros lhe deveriam ter feito levantar de ha muito, uma Estatua em bronze, ou em marmore como um justo testemunho de eterna gratidão! os nobres Americanos do Norte deram-nos já, o bello exemplo de levantarem Estatuas ou pelo menos bustos, aos seus Frankilins, e Washingthons, e outros gloriosos homens de sua patria. Os Exms. Srs. Conselheiros Jozé Bonifacio, Antonio Carlos, e Martin Francisco de Andrada, foram os distinctos homens que mais gloria tiveram na Independencia do florescente Brazil. Dizendo estas singellas phrazes d'esses trez grandes homens, não sou senão justa, e minha homenagem e tributos de admiração, são dados a quem já não póde escutar nem o agradavel do elogio, nem o amargor da censura! todas as violencias da tyrania não poderão jámais arrebatat á verdadeira grandeza d'alma, as homenagens dos corações sensiveis, sinceros, e virtuosos.

Repugna-me tanto tecer elogios á pessoas que em nada as merecem; como me parece um crime, passar em silencio os altos meritos de áquelles que fazem o adorno da sociedade escolhida, e boa; pelas suas virtudes, honradez, dignidade, e cavalheirismo. Bem que o Tumulo guarde os restos mortaes dos Exms. Srs. Visconde de Cayrú, e Marquez de Maricá, suas virtudes, talentos, meritos, probidade, e patriotismo, brilharam sempre na historia! o Visconde de Cayrú foi o primeiro, e maior litterato do Brazil! elle brilhou resplandecente no Mundo litterario, assim como o Sol brilha fulgurante no Céu! suas preciosas obras attestam bem seus raros talen-

tos, espirito immenso, e vastissima erudição. O Marquez de Maricá tinha virtudes immensas! talentos, espirito extraordinario, e grande erudição, suas lindas maximas, e pensamentos mostram suas virtudes, e seu espirito cheio de agudeza, penetração, e sensatez. Pelos seus pensamentos, esse distincto sabio brasileiro, nos mostrou bem, que elle conheceu o coração humano! e que grandes foram seus estudos ácerca de tão serio assumpto. O Exm. e muito respeitavel Senhor Bispo Capellão mór, e Conde de Irajá, é um destes dignos, e virtuosos homens que honram ao Brazil! este respeitavel sabio, e Theologo consumado, honra a Igreja, as letras, e a sociedade. Seus talentos são reaes, sua erudição vastissima, sua modestia é immensa, assim como são verdadeiros seus dotes moraes.

O Exm. Sr. Conselheiro Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, é um dos mais distinctos Brasileiros! como Diplomata e como bom Patriota nenhum outro poderá jámais nunca excedel-o em nobres e generozas accções! como Magistrado habil e probó nós todos o admiramos e seus talentos e immensa erudição andam á par de suas excellentes virtudes. Para que seu nome brilhe na historia bastará somente suas humanas e patrioticas instituições, muito principalmente a fundação do cofre do Monte Pio dos servidores do Estado! as viuvas e as orphãas d'esses milhares de homens, não terão que ir bater de porta em porta mendigar o pão da charidade! gloria e honra á santa instituição deste grande e virtuozo Brasileiro. Quando elle deixar de existir, seus

filhos ficarão pobres! elle tem que legar-lhes mais essa gloria.

Estava já terminando esse singello e modesto elogio do nobre e respeitabelissimo Gentil homem cheio de vida, de rubustez, de espirito quando a morte veio arrebatá-lo á sua familia, amigos, e sociedade! Grande Deos! ainda mais este cruelissimo golpe em cima de meu dilacerado coração!..... ó homem incomparavel! é agora que posso tecer-te os justos elogios que no principio desta oração eu economizei para não mortificar a tua natural modestia! hoje que por uma desgraça sem igual desapareceste da face da terra, e estás collocado na mansão dos homens justos e bemfazejos; posso antes que eu desça ao Tumulo, tecer uma coroa de bem merecidos elogios a tuas incomparaveis virtudes, qualidades, talentos e preciosos meritos.

Ser-me-hia necessario penna de ouro, e linguagem de divina eloquencia para eu transmittir a estas paginas as acrizoladas, resplandecentes, e preciosas virtudes e dotes Moraes do Exm. Sr. Conselheiro Aureliano! esse cujo nome era sua maior gloria! cujas virtudes valiam mais do que todos os Titulos do mundo reunidos! seu Monarcha perdeu n'elle seu mais sincero e circunspecto amigo! lealdade, dignidade, gravidade imperturbavel reinou sempre em todos seus sentimentos, e pelo bem que de seus Principes me fallou constantemente, conheci que essa amizade sincera e nobre era bem sentida n'aquelle grande e nobilissimo coração. Em uma longa serie de annos de intima e não interrompida amizade, jamais uma só vez esse grande homem desmentiu

sua nimia delicadeza, sua gravidade, seu cavalheirismo! essa polidez inalteravel, essa dignidade do primeiro dia de nossa amizade, durou até a ultima vez em que recebi a honra de sua vizita! eu que tanto sei apreciar os meritos dos homens illustres que na historia das nações admiro cheia de enthusiasmo; poderia deixar de altamente avaliar esse grande homem?! esse cuja figura e semblante cheio de magestade inspirava o mais profundo respeito aos seus mesmos intimos amigos! suas maneiras de inalteravel polidez, sua linguagem perfumada, sua constancia em suas affeições, o tornaram charo e extremamente querido de todos os que eram seus amigos! as Senhoras, perderam n'elle um nobre e desinteressado protector! um deffensor generoso, e extremamente cavalheiro! seus labios foram sempre um sacrario quando se tratava da honra e reputação de seus semelhantes, mui principalmente quando a honra de uma Dama soffria o cóрте da baixa malidicencia. Foi só para elle para quem minha Mente criou e transmittiu a estas paginas tantos pensamentos quer em proza quer em verso! era uma surpresa que eu lhe queria fazer, offerecendo-lhe meu livro, mostrando-lhe que a illustração não é alimento tão forte para o estomago fraco da mulher! minhas homenagens de respeitoza e profunda veneração subiram hoje a região celestial! tão bom, e tão benefico foi sempre, que quando eu lhe disse que pretendia fundar um cofre de beneficencia, disse-me — Minha Senhora, quanto eu louvo essa sua pia intenção! ficou contentissimo que eu

compuzesse meu livro e dedicasse seu producto a um cofre de piedade.

Hoje vou tributar-lhe esta homenagem a sua memoria respeitavel! no silencio do meu coração, faço de conta que é elle o fundador do cofre da charidade! que é de seu excellente coração que as mulheres desvalidas receberão mil beneficios! penso que não posso tributar-lhe uma homenagem mais santa! e minha gratidão para com esse sabio, esse philosopho, esse homem extraordinario!... irá além do meu Tumulo! eu pois mais do que ninguem respeito sua memoria! jamais farei de conta que elle não existe! perdi n'elle o mais virtuozo e benefico amigo, e minha amizade para elle será eterna. Minha dôr extrema.... e sem igual, não me permite continuar, e a mais pompoza linguagem, será sempre fria, e esteril quando eu quizesse contar as brilhantes virtudes d'esse mortal que na historia já tem seu nome. Suas santas instituições, mostram bem a sensibilidade e virtudes de seu coração! as Estatuas, os Mauzoleos não enxugam torrentes de lagrimas; e o cofre do Monte-Pio dos servidores do Estado, hão dado e darão a subsistencia a milhares de viúvas e orphãas! esta gloria basta a sua memoria veneravel.

O Exm. Snr. Conselheiro Paulino Jozé Soares de Souza é um dos Diplomatas mais habil e distincto do Brazil! como Ministro de Estado tem sido sempre energico activissimo assim como habil e consciencioso Magistrado. Circunspecto, attencioso grave em seu tracto, e além de seus dotes e qualidades moraes elle é um respeitavel e excellente chefe de familia. Jámais

lhe pedi um só serviço que me o deixasse de tributar attencioso e cheio de Cavalheirismo.

O Exm. Snr. Barão de Mauá é um d'estes Americanos extraordinarios e raros, que pelos seus grandes talentos, ardente imaginação, e riqueza intellectual, se faz admirar quer dos estrangeiros, quer dos Brasileiros de merecimentos. Elle pelas suas preciosas virtudes torna-se digno da respeitosa e constante estima de todos áquelles que teem a fortuna de o chamarem amigo, e dos que o approximam. Activo, laborioso, incansavel em sua vida de fadigasas empresas; foi o unico Americano que melhor tem comprehendido a gloria da Patria; transportando a Industria dos Paizes estrangeiros ao solo Americano! e n'isso já elle teem prestado não pequenos serviços a Capital do Imperio. Modesto, delicado, attenciozo para com todos os que merecem sua estima, elle brilha mais quando quer subtrair-se cuidadosamente ao enthusiasmo dos que o admiram! seus meritos e virtudes estão acima de meus modestos elogios, e sabe que eu mais do que ninguem o venero e estimo.

O Exm. Dezembargador João Candido de Deos e Silva, é um sabio ricamente adornado de virtudes, meritos, e talentos superiores! esse distincto Brasileiro se pertencesse a outra qualquer Nação seria rico opulento! aqui no Brazil elle é pobrissimo! mas conta a gloria de possuir raras virtudes, honradez sem mancha, e meritos superiores.

O Reverendo Padre-Mestre Monte-Alverne esse Boussuet do Brazil é um dos litteratos distinctos do Brazil! elle é o mais insigne orador sagrado que

n'este Imperio se acha! Sua erudição é vastissima assim como sua Eloquencia é brilhante a ponto de arrebatat e extasiar áquelles que o podem bem avaliar. Theologo consummado, profundo em seus conhecimentos scientificos, e adornado de ardente e viva imaginação. Feliz da nação que conta homens com tão raros talentos como esse Sabio tem a gloria de possuir.

O muito digno e distincto Padre-Mestre Custodio Alves Serrão, é um dos Brasileiros de virtudes, talentos e mais raros meritos que existem n'esta nação! Modesto até o excesso! Sabio, consciencioso, e um dos Scientificos mais respeitaveis que ha. Como Director do Muséo Nacional d'esta Córte, esse Scientifico foi habil, escrupuloso no desempenho de seus deveres, e extremamente attencioso e delicado para com todas as pessoas que o approximavam.

O Exm. Snr. D. Manoel da Silveira, Bispo do Maranhão, é um dos sujeitos distinctos pelas suas virtudes, talentos, honestidade, gravidade, trato polido, como todos acharão n'esse respeitavel Ecclesiastico; e modesto no meio de todos seus meritos.

O Exm. Monsenhor Soledade, é um dos Theologos mais habeis que tem o Brazil, elle é excellente amigo! é um Sabio cheio de erudição, e muito espirito. As letras, e a theologia devem ufanar-se de um tal Erudito.

O Exm. Snr. Brigadeiro João Jozé da Costa Pimentel, é um d'estes homens mui raros de encontrar-se hoje! Como Cidadão distincto elle faz honra á boa Sociedade que tanto o sabe apreciar em seu justo valor! Como Militar gloria a Nação, e a sua

corporação. Adornado de mil brilhantes virtudes, de uma excellente educação, urbano, attencioso para com todos, Cavalheiro polido na força da expressão, elle o é ainda mais especialmente para com as Damas. Sua firmeza de character teem sido em todo tempo, e Epochas inabalavel ! Sua dignidade a toda prova ! Sua honra, e probidade incorruptivel. Poucos serão os Militares que tenham a instrucção tão vasta que esse respeitavel brasileiro teem ; e seus estudos felizeces, e habeis nas Sciencias exactas, hão coroado suas fadigas, e desvellos. Sua briosa coragem anda sempre á par de sua reconhecida generosidade, e clemencia nos combates para com os vencidos ; feliz da Nação que possui homens de tão reconhecidos meritos. Por todas as provincias do Imperio d'onde tem sido esse distincto brasileiro enviado em honrosas commissões, elle tem deixado amigos, e as sympathias hão sido sempre espontaneas, e geraes. Esse bravo Militar morrerá pobre, porém coberto dos louros da gloria, brilhante coroa da virtude, e da dignidade jamais desmentida.

O Exm. Sr. Dr. Ricardo Gomes Jardim, é um distincto brasileiro, já pelas suas preciosas virtudes, talentos, raros merecimentos, educação perfeita, polidez, e cavalheirismo generoso, e inalteravel. Seus talentos, e bondades estão relevadas por uma timida modestia, que o tornam mais charo á aquelles que o sabem altamente apreciar em seus altos quilates. Circumspecto, probó, cheio de dignidade em suas nobres acções, elle é querido ao mesmo tempo que é muito respeitado d'áquelles que têm a honra e fortuna de merecerem sua amizade.

O Exm. Sr. Brigadeiro Henriques Marques de Oliveira Lisboa, é um dos cavalheiros que adorna a Sociedade brasileira ! honrado, e digno Militar, cheio de distinctas virtudes, meritos, e qualidades preciosas que o fazem amar de todos os que têm a fortuna de approxima-lo. O Sr. Brigadeiro Henrique Marques foi sempre altamente apreciado em todas as provincias aonde têm sido enviado em commissões, e empregos militares.

O Exm. Sr. Conselheiro João Carneiro de Campos, é um nobre, e respeitavel Cavalheiro, adornado de virtudes, honradez e probidade reconhecida por todos ! seu trato fino, sua constante gravidade, e bondade, o fazem amar de todas as pessoas que merecem sua amizade.

O muito distincto e respeitavel Sr. Mar e Guerra Francisco Manoel Barrozo, é um dos mais respeitaveis cidadãos que honram a Nação brasileira, e sua corporação ! elle é perfeito official de marinha, pelos seus talentos ; muita firmeza de character, e constante energia militar. Bravo, rigido, honrado, e cheio de mil nobres, e bellas qualidades moraes, têm a muito apreciada por mim, de ser extremamente attenciozo, e cavalheiro para com todos áquelles que o merecem e mui particularmente para com as Senhoras.

Consta-me por pessoas de nossa amizade, que o Exm. Sr. Dezembargador Jeronimo Figueira de Mello, é um Magistrado digno, e probo ! patriota zelozo, e activo chefe de Policia. Energico, talentozo, e honrado.

O Exm. Sr. Doutor Juiz Municipal Sebastião Machado Nunes, é um dos mais respeitaveis, e probos

Magistrados que o Brazil têm! elle é honrado assim como tambem o são seus outros trez dignos Irmãos, cuja probidade é em todos esses senhores incontestavel, e bem reconhecida. O Exm. Sr. Doutor é digno de admirar-se na rigidez, e austeridade, quer como Juiz, quer como Cidadão! suas virtudes e qualidades são raras neste seculo! sua bella alma é nobremente altiva! elle é honrado perante Deos, sua consciencia e os homens! probo até a excrupulosidade! como Juiz elle é incorruptivel! delicado, attentivo, urbano, cavalheiro imperturbavel em seu cavalheirismo generoso! para com as Senhoras que nenhuma influencia, nem prestimo têm n'esta sociedade; é justamente a quem elle escuta, e attende primeiro; e já n'esse proceder, mostra a generosidade de sua alma formada para a virtude. Como honrado Juiz de Orphãos, nem como Magistrado, ninguem jamais nunca terá feito corar suas faces! jamais nunca lhe terá sido provado o menor crime! não.

O Exm. Sr. D. Manoel de Assis Mascarenhas, não poderá censurar á estes probos, e dignos Brasileiros, crime algum, em suas eloquentissimas fallas! esse Jupiter fulminante da Tribuna brasileira, qual Mirabeau o foi outr'ora da tribuna Franceza, não terá motivos para manchar as elevadas reputações de tão virtuosos individuos. Sinto ufania de tributar tão justos elogios! o brasileiro respeitavel, e virtuoso, têm para mim, mais merito, e valor, do que o homem de outra qualquer Nação! e eu tenho mais razão para admira-lo.

O Exm. Sr. Camarista Antonio Saldanha da Gama é sujeito por mil titulos mui recommendavel, e di-

gno, bom e honrado cidadão, leal, e nobre amigo dos seus amigos, excellente Pai, espozó, e Irmão. A precioza, austera, e delicada educação que elle dá a seus filhos, é digna de ser admirada, e imitada por todos! esse é o bom amigo de seus filhos; áquelle que lhes dá d'esde sua infancia uma perfeita, e religioza educação. Eu o sei bem apreciar a esse nobre, e distincto brasileiro.

D'entre os jovens brasileiros que ha de meritos, e de talentos, citarei com prazer o Nome do Sr. Capitão Frankilim da Costa Ferreira, elle pelas suas virtudes, boa educação, talentos, e meritos faz honra a sua familia, a sociedade, e a sua brilhante corporação. O Sr. Frankilim, bem que muito joven ainda, é formado Doutor em Mathematicas! e depois da Sciencia divina da Theologia; bem se lhe poderá chamar a da Mathematica, sciencia Celestial! permita-se-me este pensamento poetico. Apenas das nobres pessoas acima citadas, só cinco não são da nossa amizade, mas são sim, parentes, ou amigos dos nossos amigos. Sinto infinito não poder adornar as paginas do meu livro com mil outros nomes distinctos de illustres sujeitos brasileiros da maior consideração, e virtudes que ha! limitar-me-hei a significar-lhes este pezar; pois que meu livro já fica sendo demasiado volumozo.

Se já hei tecido alguns justos elogios a um pequeno numero de distinctos Brasileiros, ser-me-ha permitido adornar ainda mais este meu livro collocando em suas paginas o distincto e illustre Nome do Exm. Sr. Conselheiro Adriano Ernesto de Castilho Barreto! fidalgo Portuguez que faz honra a sua Nação pelas virtudes, immensos talentos e raros me-

ritos de que tão bellamente se acha adornado, suas bondades e excellentes character estão em tudo muito acima dos meus justos e sinceros elogios! com as Damas vão suas generozas e nobres attentões ao zenith do cavalheirismo e dessinteresse; sua paciencia e prudencia para com o nosso sexo é sem outra igual! qualidades preciosas em todo homem, mui principalmente em um Advogado! além de todos seus dotes moraes o Exm. Sr. Conselheiro Castilho, é um litterato do maior espirito e merecimento que existem hoje entre nossos contemporaneos.

Termino aqui já esta obra verdadeiramente digna de plena indulgencia de todos áquelles que tenham de lê-la e critical-a! tantas são as imperfeições que nella se acham; mas como eu tenho escripto desde o primeiro dia com a rapidez e velocidade propria de meu genio, e conforme os meus pensamentos que passavam em turbilhão pela minha mente, peço desculpa. Nos trabalhos litterarios que estão adornados de bello estylo, de methodo, de pensamentos conscienciozos escolhidos e bem meditados, acham-se todavia, e quazi sempre uma certa falta de naturalidade e de graça! entretanto que n'este mesquinho, e pobre livro se achará sómente nutureza, bem que despida de todos os encantos seductores da arte, estudos, e reflexão. Sinto immenso que ao começar a primeira pagina d'este trabalho, eu não tivesse tido a idéa de formar d'elle um livro! não; eu o dedicava ao Jornal das Senhoras. Muito feliz serei se alguém achar n'este todo de imperfeição humana uma phrase, uma idéa, um pensamento digno de sua acceitação, e attentão! Darei assim por bem pagas minhas penas e fadigas litterarias.



Ao Leitor.

Nesta pequena collecção de algumas de minhas composições poeticas, se nolará o genio natural e algumas chammas do fogo de minha alma, acompanhado tudo da imperfeição, que se acha nas minhas antecedentes paginas. Quizera talentos poeticos para dedicar meus Cantos á Augusta e virtuosa Imperatriz actual do Brazil! minhas expressões são tão sinceras, como verdadeiros meus sentimentos de respeito, e sempre constante affeição! oxalá que a verdade pudesse chegar sempre até aos Monarchas! Oh! quão bem conheceriam então, áquelles que os amam e respeitam, e áquelles que os dezacatam em sua auzencia, e os trahem!... mas não, que digo eu?! é mil vezes melhor que elles vivam assim illudidos! amargos, e terriveis seriam os tristes desenganos!... limito-me só a esta laconica explicação.

**Homenagem dedicada á Saudosa memoria do
ex-Imperador do Brazil o Senhor D. Pedro I.**



Brilhantes como um Astro fulgurante!
Foi curta mas gloriosa tua Carreira!
Foi-te propicio Marte nas batalhas,
Venus te acariciou doce, e fagueira.

Em dois mundos o Sceptro despresaste,
De tyranno jámais nome tiveste!
Generoso, Clemente, affavel mesmo,
Áquelles, que te amavam, pareceste.

Ao mundo de ouro ou ao Brazil chamado,
Dêstes a Independencia, e o libertaste!
Como poderás ser pois olvidado?

Oh! jámais o serás! basta o teu Nome!
Tão cheio de explendor, Saudade, e gloria,
Que nem tempo, nem seculos consome.

Nem cinco minutos levei de tempo n'este singella inspiração,
por que foi o coração quem me emprestou os pensamentos.

**Sincera homenagem de minha profunda, res-
peitosa, e constante afeição á vir-
tuosa Impetratriz do Brazil.**



ODE.

Desde o dia feliz, em que pizaste
O Solo do Brazil tão bello, e rico,
Eu te soube apreciar em quanto vales!
Minha homenagem aceita, eu to supplico,
Augusta respeitavel Soberana!
Como és virtuosa, humana, bondadoza!
Nos livres corações imperar Sabes,
Conservando-te amavel, magestoza.
Deixaste a bella Italia tão graciosa,
Patria melliflua, das Sciencias, e Artes;
Ao florido Brazil sem par na historia,
Assim com tua presença embellezastes
Quizera Lyra de ouro cravejada,
Em Rubins, Esmeraldas, e Brillhantes,
Inspirações sublimes, pensamentos,
Que encontrassem felizes consoantes.
Por que sonoras vozes eu não tenho,
Nem minha pobre Harpa melodia!
Que o respeito me tolhe a liberdade,
Escravisando a livre fantazia.
Foi a Constituição do grande Imperio,
Que rompendo esses mares foi buscar-te!

Navegando soberba pressurosa,
Para n'um Throno vires assentar-te.
Na nova e bella patria que adoptaste,
Vieste achar affectos, Sympathias!
Mal que ao brazilio povo te appresentas,
Com tua presença espalhas alegrias.
Tens para uns um Surriso Carinhoso,
Para outros uma phraze, uma expressão;
Que mostram a bondade generosa
D'essa alma, d'esse nobre Coração.
E' d'essa arte Princeza, que conquistas
As vontades de todos e affeições,
Que o povo Americano se escraviza;
Com meigos tractamentos, e attentões.
São correntes de ferro, que não quebram,
Tem yman perigozo, e atracção!...
Vai contente arrastal-as o homem livre,
Deixando escravo o altivo Coração.
Possa o piedoso Céu abençoarte,
E conservar-te os votos da Nação,
Tão nobre, generosa, e bemfazeja,
Por genio natural, e inclinação.
Da Augusta Casa de Austria uma Princeza,
Completa em suas virtudes foi mandada,
Ao Brazilico Imperio tão grandiozo,
E assim como ella o foi és Adorada.
Leopoldina e Thereza tão virtuosas,
Tem seus Nomes nas paginas da historia!
Seus meritos, bondades e virtudes
Foram seu timbre, seu florão de gloria.

Os pensamentos foram-me dados pela mais sincera, e justa affeição, bem que a homenagem d'esta humilde Ode seja como é tão mesquinha para tão digno objecto.

**Felta em uma hora de inspiração estando eu
assentada na montanha de Sta. Thoreza
e no seu mais lindo ponto de vista.**

ODE.

Quão altiva despregas os teus luxos,
Magnifica soberba natureza!
Quanta pompa e grandezas apprezentas
Aos olhos dos humanos admirados,
Mudos e pensativos contêmplando,
Tuas graças, encantos, e belleza!
Sublime é o Creador de tantas galas,
De graciosos matizes tão variados,
De altissimos rochedos e de montes;
De mil risonhos e floridos prados!
Qual seria o incredulo obstinado,
Que ante ti não dobrasse seu joelho,
Que não se prosternasse humildemente,
Exclamando em transportes d'enthuзіasmo:
Agora não duvido, ó Deos Supremo.
Em tudo o que a meus olhos se apprezenta,
Se mostra teu poder, tua grandeza!
Quero fallar, as vozes emudecem!...
As lagrimas ardentes, os transportes,
M'emprestam sua language, ó natureza.
Oh! pittorescos sitios, quantas vezes
Eu vos tenho admirado transportada?
Caminho.... depois páro arrebatada
Por tantos pensamentos que á porfia,
S'encontram de tropel em minha mente,
E na minha atrevida fantazia.

Tambem os lindos passaros nos ares
M'encantam com sua doce melodia!
Mas eu m'encontro triste, silencioza,
Nem me affaga sorrizo ou alegia.
Aqui me acho tão pobre, tão pequena,
De mesquinho, talento acompanhada!
Às palavras me fogem, muda fico,
Qual se fosse uma estatua inanimada.
O vasto mar d'aqui tambem descubro,
Tão prateado, tão bello, tão sereno!
Mil graciosos bateis por elle giram,
Uns ostentando vellas, outros remos.
Depois no meio d'elle as Fortalezas,
Prizões seguras de homens malfadados,
Por destino cruento em preseguil-os,
Bem que innocentes sejam ou culpados.
Em massa collossal eu fixo os olhos,
Sê pouco me parece inda, o que vejo!
Chamam-lhe pão d'assucar por engano,
Quando é de viva rocha alto penedo.
Depois aqui e alli sobre as montanhas,
Se veem pequenas cazas collocadas,
Umás humildes são, outras mais altas,
Porém todas de graças adornadas.
Matizes, e esmeraldas s'apprezentam,
Derramadas com luxo e profuzão!
Contempla-as o viajante extaziado,
Com transportes de justa admiração.
As Náus rompem os mares pela barra,
Com graça, magestade e galhardia,
Depois vão-se chegando lentamente
E completam o adorno da Bahia.

Que louca presumpção, que ousado arranjo,
Em pensar que estes sitios se descrevem,
Se os magicos encantos da natura,
Ao mais vivo pincel todos exceedem !
No azul celeste Céu o sol doirado,
Vai-se já retirando lentamente !
Mais eis outro planeta prateado,
Que apparece aos humanos derepente.
De brilhantes estrellas adornado,
Tambem se mostra o altivo firmamento !
De admiração me sinto transportada ;
Sem encontrar sublime pensamento.
Já vou sentindo a mente fatigada,
A' força d'admirar tanta grandeza !
Se em mim tudo é mesquinho, e imperfeito,
Em ti tudo é pompozo, oh ! Natureza.

Dezembro 16 de 1844.



**Composta em uma hora de feliz inspiração
por D. N. de A. E. G.**

Oh! Divina razão, porque me foges?
Ou porque me abandonas,
Na lucta das paixões que me dominam;
Que me embalam qual fragil barca
Nas tempestuozas ondas agitada!
O furor das paixões,
Escraviza o coração;
Mais forte, mais heroico!
Como calcas, zombando dos humanos,
Os sagrados deveres!
Mas ah! d'entre as paixões uma sómente
Se torna dos humanos o flagello!
Amor! fatal amor!!
Indonito tyranno que invencivel
Ao teu duro poder tudo subjugas!
As testas Corôadas mais altivas
Ao teu jugo despotico se inclinam.
Os bravos Capitães que nas batalhas
O ardente peito ás balas expuzeram,
Não te sabem vencer senão fugindo!...
Os tigres mais cruentos, mais ferozes,
A que só por engano homens chamram;
Ao carro teu se sentem manietados,
Quaes miseros escravos.
Vencer-te amor, quem póde?
Chamamos a razão em nosso auxilio,
Luctamos, combattemos longo tempo,
Para mais conhecer nossa fraqueza.
Supportamos os choques da fortuna,
Com varonil corage, e altiva frente!

Mas ao menor dos males que nos cauza,
A cabeça dobramos sobre o peito,
E mostramos a dôr que nos esmaga.
Infeliz do mortal que experimente,
Tens fallaces affagos, teus favores,
Em breve juntarás ás tuas caricias,
Os teus loucos caprixos, teus rigores.

Oh! maldita paixão!...

Cruel origem!... d'horridos tormentos

Dos mais acerbos males que sentimos,

Tu és, tu és a cauza deshumana.

A saudade sem ti não pungiria!...

O ciume o coração não ralaria....

Os tratos e a dôr não traspassariam

Noss'alma de amarguras.

Mas ah! que digo?

Existe acaso um ente que não ame?

E pôde-se viver sem ser amado?

Não, amor! a natureza desmayára,

Sem ti; as sciencias e artes.

Principio não teriam.

As virtudes, as graças, as bellezas,

D'essa rica porção da natureza,

Do sexo encantador que tudo anima;

Não teriam valor, nem menor preço.

Amor! sublime amor!

Por quem tudo respira, e tudo existe,

E por quem supportamos tantos males,

Que em injusta partilha nos couberam.

Tu cauza muitos males, é verdade!!

Mas existir sem ti,... ah! ninguem pôde.

Feita no mesmo instante em que tive a noticia agradável da Acclamação do Imperador Napoleão III.



O D E.

Tu que reges da França hoje os destinos.
Possa o Céu conservar-te nesse Throno,
E preservar-te sempre da desgraça,
De hir morrer no desterro..... no abandono!
Já bem tristes exemplos tendes visto!.....
Que as vaidades do mundo não te illudam!...
Os mais altivos Thronos Deos derriba!.....
E n'este pobre globo as coizas mudam.
Um nome que na França é adorado,
Te abriu o caminho da brihante gloria!
Se o mortal Napoleão jaze no Tumulo;
Napoleão immortal vive na historia!
Da triste merencororia Santa Helena,
Esse frio cadaver transportado,
Fez a revolução em toda a França;
E por Elle no Throno és collocado.
Josefina, e Hortencia eram amadas!
As delicias da França ellas faziam!...
Na maior afflicção aos desgraçados,
Essas duas Princezas protegiam.
Josefina, bello idolo da França!
Tão meiga, compassiva, encantadora!....
Com frenetico amor fostes amada,
Por esse que Imperou no mundo outr'ora.
Principe, sê humano, sê justo!

Supporta da Corôa o enorme pezo !....
Fazei dos desgraçados venturozos,
Suave ella te será, só a este preço.
E' uma graça de Deos, ou do destino,
Não imagines o Throno uma chinnéra !....
Uma Corôa de gloria cinge a fronte,
Do mui feliz mortal que bem impéra.
As paginas da historia já te esperam !...
Alli todos lerão o teu reinado !
Os vindouros verão se foste justo ;
Ou se desceste ao Tumulô execrado.
Sejam o bello espelho em que te mires,
Marco-Aurilio, Antonius, e Trajaneos !
Imita-os na justiça ! na clemencia ;
Não t'olvides os Probos e Aurelianos.
Hortencia teve um sonho malfadado,
Quando Infante no berço tu dormias !
Um Anjo Celestial disse-lhe em sonhos
Que tu Principe, em sangue te esvaias.
Ella corre assustada e pressuroza,
Ao berço em que sorrindo tu morrias !....
Mas Anjo Tutelar te protegia,
Pois que um bello destino merecias.
De S. Luiz, a Corôa achas por terra !
De um Rei que fugitivo... alli a deixára !... (1)
Assim fez Napoleão teu nobre Tio,
Quando a mesma Corôa levantára.
Foi o voto geral da bella França,
Que lhe poz o Diadema na cabeça !
E quem melhor do que elle sustentou
A gloria, e esplendor dessa realza ?!

Janeiro 5 de 1853.

(1) A Coroa de Luiz XVI Napoleão a encontrou calida por terra.

**Feita no mesmo instante em que tive noticia
do naufragio da Fragata D. Affonço.**

ODE.

Da Soberba Albião rompendo os mares,
Com graça e galhardia te apresentastes!
E estes mares prateados, e pacificos,
Tu formosa Fragata embellezastes.
Foi curta tua carreira, mas brilhante!
Em sérias commissões foste empregada,
Em outras muitas te encontrastes util,
D. Affonço expirando foi chorada.
Qual formosa Senhora que inda joven,
Desce ao frio sepulchro sendo amada ;
Assim te aconteceu bella Fragata,
Sendo pelos teus hospedes pranteada.
Quem te póde admirar sem apreciar-te,
O' formosa, magnifica Fragata!
Teu grande machinismo pareceu-me,
Monte de oiro preciozo, ou linda prata.
Mil tubos, e segredos n'elle havia,
Caprixa invenção do engenho humano!
Em tua grandeza decahida, déstes,
Mais essa cruel lição de dezengano.
A vontade de Deos, o que reziste?
E dos seus Elementos irritados?
Toda a força do homem é fraca, nulla,
Contra taes inimigos combinados.
Quando a Armada invencibel de Castella,
Foi pelos elementos destruida ;
O soberbo Monarcha que a formou (1)

(1) Felippe II. de Castella.

Respondeu mui tranquillo estas palavras,
« De Deos seja a vontade obedecida ! »

Lastimei teu naufragio, ó bello Affonço.
E dos mizeros naufragos á sorte !....

Quanto foi infeliz sua agonia.....
Luctando em fragil taboa com a morte.

N'esse medonho mar, e tenebrozo,
Seus Tumulos acharam, desgraçados !...

Em saudoza memoria vivem elles,
D'áquelles por quem são ainda chorados.

A carreira da vida quanto é triste ! !...
Quem se póde ufanar de ser ditozo ?

Da antiga Grecia já o disse um sabio,
Solon, o mais profundo e conscienciozo.

D'onde existes tu hoje, ó bella Affonço !
E' no fundo do mar que habitas hoje,

Escondendo tua pompa, e dignidade,
Qual formozza Rainha que expirando

Comsigo leva Imperio e Magestade.
Pelos salões de 'thetis temeroza,

Entrava esta Rainha decahida !
Em seu ar merencorio ella mostrava,

Sentir de ver sua gloria assim abatida.
A Deoza que domina o vasto Imperio,

D'esses temidos mares, horrorozos.....
Apparece fingindo uma tristeza

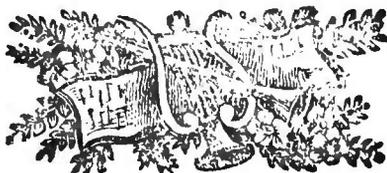
Que ella attesta nos olhos lagrimozos :
Ella, a perfida espera illustres hospedes ;

Que vão fazer á Affonço companhia !.....
Seus estados, e Reino tenebrozo,

Augmentam seu orgulho e ufanía.
Fevereiro de 1853.

Nota—A Fragata é figurada uma Rainha decahida de seu Throno.

Ligeira inspiração de enthuslastica admiração depois que terminei a leitura das preciosissimas, e apaixonadas vigillias do grande Torquato Tasso.



Quem te póde imitar, sublime Tasso ?
Alma d'ardentes chammas inflammada !...
Mente Celeste, e sabia te inspiraram,
Os cantos immortaes á tua Amada.
Delirante paixão te enardecia,
O sangue, o cerebro, o peito, e coração
Teu amor terno foi, e desgraçado...
Este o premio que teve tua afeição
Do mais profundo amor o sentimento,
Em divinas vigillias tu o pintas !
No fundo do teu peito, e da tua alma,
Foste buscar as côres d'essas tintas,
Tua Jerusalem é sim pompoza,
Nos feitos dos guerreiros que cantastes !
Mas nas ternas vigillias que eu admiro,
Foi n'esta obra que te immortalizastes.
Que torrentes de lagrimas ardentes,
D'estes meus tristes olhos hão corrido !...
Cada phraze de fogo me hão queimado,
Ou demaziado o peito enternecido.
Tu meu vate querido, e predilecto !
Delicado, quão terno, e apaixonado !...
Que glacial coração poderá ler-te
Sem sentir-se de dôr amargurado.

Teus delyrios.... de amor são tão tocantes!...

Tão fortes, e tão vivos de expressão!

E elles sabem mostrar quão foi sublime,

O fogo de tua unica paixão.

Tu dizias delirante.... e exaltado....

Que ardente chamma te inflammava a mente.

E eu que sei avaliar os teus martyrios....

Vejo tua nobre penna que não mente.

Não fostes só no mundo desgraçado!

Outros ha que te igualam em tormentos!...

Ternos ais... e queixumes suffocamos....

E em nossa alma abafamos os lamentos.

Sempre um sublime amor é desgraçado!...

Na dôr e na constancia se alimenta!

No mais sentido pranto se definha...

Se um rayo d'esperança não o alenta.

Esse infeliz amor deu-te grão nome!

Qual Petrarcha ganhou celebridade,

Com seus bellos sonetos tão sentidos,

Que o levaram por fim á posteridade.

Trez Corôas lhe cingiram a fronte;

E em tudo foi completa a sua gloria!

Mais do que elle valias terno Tasso;

E expiraste sem triumpho, nem victoria.

Dos mais grandes poetas que admiramos,

N'essas brilhantes paginas da historia,

Da bella Italia preferi Torquato,

De Portugal Camões como sua gloria.

Ambos foram infaustos, em Destinos!...

Amantes extremozos exaltados...

Perseguidos, e em estrangeiras terras,

Da mesma chamma sentiram-se inspirados.

Terno, sublime foi o sentimento,
Que existia n'aquelles corações!
Cantaram as suas Bellas bem amadas,
E deram orgulho, e honra ás suas nações.
De seu tempo o Principe dos Vates,
Nos conta a nobre historia foi Camões!
Em mizero hospital expirou elle,
Sem amigos, fortuna, nem attentções.
Uma firme amizade existia,
Entre esses dois poetas sublimados!
Grandes foram nos feitos que cantaram,
De tão bravos guerreiros corôados.
Dos genios mais gloriozos é o destino,
Infausto, triste sempre, e enlutado!...
Que essa Deoza fortuna é cega, e louca,
Assim como o amor apaixonado.
São dois Numes, vendados que os antigos,
Mais Sabios que os presentes nos pintaram
Uma joven Mulher, e um terno Infante
A quem nuvens nos olhos collocaram.
Os dois genios tão grandes que hoje canto,
Cahiram em suas redes.... e seus Laços!...
Em vão por longo tempo combatteram,
Sem poder-lhes fugir d'entre seus braços.

Julho 29 de 1853.



Feita na noite de 21 de Julho de 1848.

DEDICADA A MEU ESPOZO.

ODE.

Sublime sentimento da amizade,
Quantos gratos prazeres te devemos!
Como as horas passamos docemente,
Junto áquelles que amamos, e queremos.
Na communição dos pensamentos,
Se estreitam mais da intimidade os laços!
As nobres attencões, finas, constantes,
Estorvam que se quebrem em pedaços.
E' difficil tecido a trabalhar-se!
Mil estudos arranca ao pensamento,
Cuidados, afflicções, e sobressaltos,
De continuo nos cauza, cento, a cento.
Mas para sustentar-se no equilibrio,
Fina correspondencia necessita!
Ardor, dedicacão, firme lealdade
Constancia, e bõa fé faz nossa dita.
Mas ai! de nós se de uma parte falta,
Esse mimo d'affagos e carinhos!
A vida é para nós, atro-veneno,
Hervadas settas, ou crueis espinhos.
Se uma alma nobre que despreza o ouro,
Que ao homem ignobil a razão offusca,
De ti não perde delicado affago,
Que a cauza indaga, delirante busca.
Se da tibieza um signal notamos;
Quer na linguagem, ar, ou semblante.
A alma se opprime de tristeza negra....

Palpita anciado o coração amante.
Que tens, porque suspiras, que t'afflige?
Não vês como me alegram tuas venturas!
Que seja o peito meu, fino sacrario.
De tuas penas, prazeres, ou amarguras.
Ao femenino peito só pertence,
Esse terno sentir, meiguice tanta!
Feliz será o mortal que amcr lh'inspire,
Ou bem nobre amizade, pura e Santa.
Sympathia! mysterio impenetravel!...
Como sabes ligar os sentimentos!
Imperando, despotica, tyranna...
Nos mais altivos, nobres pensamentos.
A ti ninguem reziste, nem te foge!!
Levas ao duro peito a seducção!
Deixas escravo ao livre que encontrastes,
Tal é tua magia... e atracção.
Por teu doce poder, nós fascinados,
A mais dura cadeia supportamos!
Ingratidão, caprixos, mesmo olvido,
Aquelles que nos prendem toleramos.
A amizade tambem tem seus delirios!...
Tem ciumes, tem arrufos, tem ardor,
Não pertencem sómente essas caricias,
Ao menino vendado, ao cruel amor.
Se tu, ó sentimento tens delicias,
Tambem tens amargores e rigor!...
Quando as pazes se rompem entre amigos,
Tudo em tedio... se torna, e dissabôr.
Depois o coração que tem gemido.
Em amarga oppressão vai suspirando!...
Até chegar o Iris da Concordia,
Que vem ligar os laços estreitando.

E como nós soffrer da vida o pezo....

Se não fossem tuas chammas, ó amizade?

E se ella não tivesse esses encantos,

Da nobre, santa, fiel sinceridade.

Um coração amigo quanto vale!!

Vale mais que montanhas d'ouro e prata!

Quem é na extrema dôr que nos consola,

Quem da cruel afflicção o nó desata?

Se o amargo pranto pelas faces corre,

O enxuga da amizade a terna mão,

Reclinamos a testa em peito amigo,

Palpita junto ao outro o coração.

Hora solemne tem a dôr suprema!!

Quando um amigo de outro corre aos braços!

O pranto reconcentra-se em noss'alma,

O coração sentimos em pedaços.

A amizade chamamos dom Celeste,

Em muitas circumstancias da existencia!

Na grandeza, na pompa, na fortuna,

Brilhar não sabe, como na indigencia.

E' alli que os quilates se conhecem,

D'esse rico thezouro d'alto preço!

São n'essas occaziões que eu admiro,

Algumas nobres almas que conheço.

De que vale a belleza no semblante,

Se não existem sublimes sentimentos?

No coração virtudes, e bondades,

Na mente elevação de pensamentos.

Eis aqui da amizade essa magia....

Que tanto nos captiva, e nos penhora,

E a quem formosa Dama faz escrava,

Sendo essa bella altiva, livre outr'ora.

Apenas gastei uma hora n'estes pobres versos em que tanta parte
teve o coração, dominado pelo divino sentimento que hoje canto.

Falta no mesmo instante em que vi pela primeira vez as lindíssimas Ilhas do Rio de Janeiro, e ás quaes eu chamo aqui grupos de graças.

ODE.

Porque da poezia as divas chammas
Eu não sinto inflammar a minha mente;
Será minha alma extranha a essa linguagem,
Que todo o terno peito adora, e sente?
Um objecto gracioso se me antolha,
Despertando-me idéas, pensamentos:
Extactica fiquei ao contempla-lo;
Senti paralizar meus movimentos
Que encantos, que magia seductora
Sabe em sí encerrar a Natureza!
Verde esmeralda, em pittorescos sitios,
Quanta pompa e belleza nos ostentam!
Eis o grupo das graças que hoje canto,
Sentindo a mesquinhez de meus talentos.
Do velho Honorio, a magestoza Ilha,
Merecia lyra de oiro, altos acentos.
Ondulante arvoredado tem á frente,
Com quem brinca da tarde a fresca briza;
Namoradas meiguices lhe tributa,
Sem olvidar affagos, nem caricia.
Quando leve batel por ella passa,
O viajante se sente fascinado!!
Quer contar o que passa na sua alma,
Mas eil-o silenciozo, ou transportado.
Pompoza impera, altiva e soberana,
Tudo n'ella é rizonho, e pittoresco!

Atrevido pintor se achará mudo,
 Pozitivo poeta romanesco.
A Mucangué pequena tem a um lado,
 A triste de Gestá do lado opposto,
Mas com o ar merencorio da viuva,
 Que mostra acerba dôr em lindo rosto.
O seu nobre senhor alli morrera,
 Em forte furacão, cruel, medonho,
A folhagem murchou do arvoredado,
 Perdendo as lindas vistas, e ar rizonho.
Nas asperrimas pontas d'essa Ilha,
 O illustre Craneo do virtuozo Conde,
Ficou feito em pedaços pelas ondas,
 Chamando á Viuva Esposa, não responde.
Corramos pois a vista mais ao longe
 Eis grande Mucangué florida e bella,
Que entre o grupo se mostra tão formosa,
 Qual no sereno Céu brilhante Estrella.
Como dos fundos mares lindas Deozas,
 Vão surgindo essas graças namoradas,
Quaes as Damas de Thetis que nascendo,
 De grandes, ricas conchas nacaradas.
As cinturas cingidas de Esmeraldas,
 Nas frontes verde Murta entrelaçada
De rozinhas, jasmins, e Madre Silva
 Cada qual mais gentil, mais engraçada.
Saúda com seu canto a essas bellas,
 O activo precursor da madrugada,
Assim como o Sabiá com voz mimoza,
 Dirige suas canções á sua Amada.
A Aurora vem sorrindo no seu carro
 Vestida com seu traje de Candura,

De purpura é o Manto, que nos hombros,
Completa sua extrema formozura.
O grupo encantador das ricas Ilhas
Ostentam seu verdor, e louçania.
Umás lhe offerecem fructas, outras flores,
Respeitos, e homenagens á porfia.
Os cavallos da Deoza vão correndo ;
E o carro mais veloz rompendo os ares,
Ella deixa esses sitios de magia,
Para hir atravessando os longos mares.
Magnifico jardim de varias graças,
Flores, fructas, montanhas de verdura,
Fertil Brazil encantador, e bello,
Como sabes mostrar tua formozura !
Em meio do esplendor, riqueza tanta,
Os homens ficam mudos, extaziados ;
E a Jupiter sentado no alto Olympo
Estas phrazes dirigem transportados.
« Dizei-nos Rei dos Deoses, se é possivel
« Que os mizeros mortaes mereçam tanto !!
« Para gozar de graças tão donozas,
« Da-nos para louvar, sublime canto.



As Ilhas chamadas Mucangué grande e pequeno, são as que estão priméiras, e antes de chegar a do Honorio.

**Feita na tarde do dia 21 de Julho de 1852, es-
tando eu assentada na Montanha das
Saudades—Santa Thereza.**

ODE.

LIGEIRA HOMENAGEM AO SOL.

O' Sol, astro brilhante, e bello,
 Como são os teus rayos luminosos!
Como enches de alegria a natureza
 Com os teus beneficios proveitosos.
Quando no Céu ceruleo te mostraste.
 O filho da natura te admirou:
E inclinando os joelhos reverente,
 Porque tanta belleza o fascinou.
Seu lindo capacete de mil plumas,
 De sua cabeça altiva elle tirou,
Julgou-te Deos o rejedor dos mundos,
 Sinceras homenagens te offertou.
Um cháos fora a terra sem teu brilho!
 O pacifico Indio assim o entendeu.
Quando extaziado te rendeu seu culto.
 Quando Pai dos humanos te julgou.
As sementes na terra morreriam,
 Se não fossem teus rayos bemfazejos,
As saborozas fructas não seriam,
 A cauza de appetites, e desejos.
E como as vivas cores brilhariam
 Da graciosa plumagem de mil Aves?
Animar tão formozas a natureza,
 Só tu podes, ó Astro! só tu sabes.
Os montes tapizados de esmeraldas,
 Os prados matizados de florinhas,

Não seriam rizonhas, nem variadas.
Como do vasto mar lindas conchinas.
Por ti tudo se anima, e, te surri!
O Nauta que navega em fundos mares,
As flores nos jardins que as embellezam,
Os passaros nos bosques, ou nos ares,
A bella que contempla á Divindade,
Em extazis de justa admiração,
Sente sua alma elevar-se mais altiva,
Com teu fulgor ardente, e teu clarão.
Ella apanha contente a borboleta,
Que assim vaga inconstante pelo prado,
Depois busca teus rayos luminozos,
Para bem contemplar seu matizado.
A roza de carmim dezabrochando,
Te sorri gracioza, e namorada,
Depois finge a modestia da bonina,
Mostrando-se a formoza envergonhada.
A modesta violeta nas campinas,
Seu seductor perfume, e aroma exhala!
O Nardo em seu pendão ostenta o luxo,
Do cheiro encantador que o peito abala.
A ti, ó Sol vivificante, e bello,
Te admiram os humanos á porfia!
Sem ti a natureza se enluctára,
E tudo em languidez desmayaria.
Depois de nebulozos tristes dias,
Rompendo as nuvens que teu brilho offuscam,
Como os pobres humanos tão anciozos,
Tuas luzes fulgurantes elles buscam.
O Beija-flor que do rubi ostenta,
A côr soberba, que fascina a vista,

E o collar de esmeraldas que o pescoço,
Mimozo cinge, e a cobiça excita.
Que justa admiração o homem sente,
Ao contemplar as côres da plumagem,
D'esses voloteis que no doce seio
Das bellas flores acham hospedagem.
Beijar as bellas, affagar a todas,
E' o mais grato prazer, terno recreio !
Muda linguagem que eloquente, e forte,
Exprime ardente o amorozo enleio.
Embalando-se na haste das florsinhas,
Do calix virginal prova as delicias,
E dos carinhos brandos d'essas bellas,
Antes que outro mortal tem as primicias.
Os preciosos brilhantes da Coroa,
Do Rei soberbo, e da pompoza Corte,
Não fixaram os olhos dos Vassallos,
Se não fossem tuas luzes, divo archote.
Se a lyra de oiro da sentida Sapho,
E as ternas vozes de Dircêo amante,
Me fossem dadas ; em louvor altivo,
T'as dedicára com fervor constante.

Porém mesquinha,
E' minha lyra,
E o Deos Appolo
Não, não m'inspira.

Crepe enlutado
Cobre minha alma !
Porém me resta,
A doce calma.

Cala, emudece,
O' minha lyra !.....
Meu peito geme,
E a voz m'espira.

Versos Divinos,
Moram na mente,
De quem no peito
A dôr não sente.

**Feita no mesmo instante que ha'discripção
do carcere de Tasso em Ferraro pelo
poeta Magalhães.**

O D E.

Do amante de Leonor os soffrimentos,
Por Magalhães pintados me horrorizam!
Este carcere só no meu conceito,
De gloria e esplendor o immortalizam.
Que fortes são as côres com que pinta
As sombrias paredes da masmorra,
Em que Tasso chorava a desventura
De ver-se separado de Eleonora.
De Ferrara o tyranno jamais pôde,
Eclipsar de Torquato o nome e gloria!
Roubou-lhe a terna amante, e liberdade,
Mas o vate foi á posteridade.
D'entre dos negros e medonhos muros,
Seus amores cantava e escrevia
Para contar a todos seus tormentos,
E as graças de Leonor por quem gemia.
A vingança e furor de seu tyranno,
A masmorras e ferros só chegáram!
Mas da Divina mente de Torquato,
Jamais os seus talentos se eclipsaram!
Que os tyrannos não pôdem sobre as almas
Inspiradas por alta Divindade!
Elles pôdem tolher doce ventura,
Mas não do pensamento a liberdade.
De dois illustres vates desgraçados,
A historia nos guardou seus grandes nomes!

Na Elevação das almas Divindades,
Nos duros soffrimentos foram homens.
Camões foi d'Attayde o terno amante !
Torquato de Leonor rendido escravo....
Mas a Princeza terna e carinhoza
Pagou-lhe seus tormentos com agrados.
Ambos por dois tyrannos perseguidos !
Ambos da ingrata patria desterrados,
Ambos nos seus amores desgraçados.

Fado inflexivel,
Os maltratou,
Mas seus talentos,
D'elle triumphou.

Duros desterros,
Prizão sombria;
Não lhes roubaram
A melodia,
Que o Céu lhes deu.

Furor tyranno,
Não chega a tanto !
A Deos só cabe,
Poder tão alto.

Dezembro 18 de 1841.



**Uma tempestade no alto mar no mez de No-
vembro de 1827.**



ODE.

Pura innocente donzella,
Navegando em alto mar,
Ergueu os olhos ao Céu,
Para uma Estrella buscar.
Ella, a mizera, descobre
Uma abobada enluctada,
Densas nuvens, negras, feias;
Com horrivel trovada.
Vem medonha a tempestade!
Já fuzila, já resoa
O estampido do trovão!
Mais se augmentam os temores,
De seu triste coração.
Todos gritam, e trabalham,
N'esta grande confusão!...
Zune o vento pelas cordas,
Da formoza embarcação.
Grita aqui o Commandante,
D'alli o mestre assobia!
Acolá batem as ondas,
Fazendo grande avaria.
Redobra o furor das ondas!

O do vento não amaina!...
Lá quebrou-se o mastro grande!
Aqui ferrou-se uma gavia.
O timoneiro no leme,
Sente já este quebrar-se!
Uma onda quer leva-lo;
Elle agarra-se de um cabo;
Para firme segurar-se.
Ao mestre não obedecem;
Grita forte o Commandante!
Os officiaes emudecem!...
Fugindo a côr do semblante.
E' de bombordo a estibordo,
Que vão as peças ao mar;
Grite embora o Commandante;
Torne o apito a assobiar.
Deos applaca as tempestades!...
Quebra do vento o furor,
O navegante estremece,
De sua colera e rigor.
Eis nossa bella Corveta,
Que é de perto vizitada
De caramurú a espoza (1)
E' mais depressa beijada.
A Imperatriz vem á frente,
Magestoza navegando;
Dona Paula pressuroza,
A Thetis nos sossobrando.
Torna de novo a sentir-se
A espantoza confusão!...

(1) A Paraguaassú.
PARTE II.

Lá cahio medonho rayo,
Aqui resoa o trovão.
Gritam uns, vamos a pique!...
N'esse abysmo tenebrozo!...
Outros chorando nos rogam,
Rezemos um Padre Nosso.
Escutar eu mais não pude!...
Perdi alentos... e vida!...
Cahi no chão sem sentidos,
Como de um rayo ferida.



A la Exma. Señora D. Benigna de Ballivian.

ODE.

Donzella, la vida no es nada!
Engaños! mentiras! vanas ilusiones,
Que mcen de el pecho
Las lucas pasciones.
Las Santas virtudes,
Las lagrimas puras;
Que a el Cielo mandamos;
Mitigan del alma,
Las penas mas duras...
Ien Dios esperamos.
De el Padre que amavas,
Adorá, Donzella,
La excelsa memoria!

I pueda su imagem
Quedar em tu pecho.
Como yá há quedado
Su Nombre em la historia.
Sus triumphos, campañas;
Y nobles virtudes quedan,
Coronadas de honor y de gloria.

(*)



**Uma inspiração de profunda melancolia em
uma noite de amargura sem igual,
estando na Tijuca.**

ODE.

Ah! se as Parcas já cortassem,
O fio d'esta vida amargurada,
Quanto fôra feliz!...
Na tranquilla morada habitaria
Do silenciozo Tumulo.
Ah! alli tormentos não affligem
O pobre coração da terna amante,
Que por ley do destino é condemnada
A honrozos tormentos.
Alli tudo repouza, tudo dorme!
E as paixões do agitado peito
Alli tambem terminam.
Loucos que somos! e a que chamamos vida?
A uma cega illuzão, a vãs chimeras,
Que cada vez nos tornam mais escravos,

(*) Improvisados no mesmo instante em que feixava uma carta.

D'esses pompozos nomes inventados,
De paixões, de dever, de natureza.
Oh! que pertinaz lucta, que combates,
Tem que soffrer a fraca humanidade!!
Amarga, amarga vida ;
Quanto cara nos custa!...
Por pequenos prazeres grandes males!...
Por um rizo, que em nossos labios paire,
De lagrimas torrentes derramamos.
Oh! lousa do meu Tumulo!
Em ti eu deixarei meu frio peito,
Do furor das paixões já libertado!...
Na vida não gozei um só momento,
Que pudesse encontrar felicidade.
No infernal turbilhão d'acerbos males,
A que os loucos mortaes chamamos vida,
Só, s'encontra doçura misturada,
Do amargo veneno dos pezares.
E poderei prezar uma tal vida ;
Eu a quem natureza tem dotado ;
D'uma alma tão sensivel?
Não! goze a vida quem feliz se julgue!
Quem vive nos prazeres engolfado!...
A morte não m'assusta, não a temo!...
Ella vem terminar amargas penas
Dos mizeros mortaes, dos desgraçados.

Maio 20 de 1844.

Por

D. N. DE A. E. G

Uma ligeira inspiração boccolica, em um solitário passeio de Campo, em que silencioza contemplava a Natureza.

ODE.

Como a vida do campo é suave e bella!
Como aqui desfructamos paz, e calma!
E' na contemplação da natureza
Que as paixões se mitigam da nossa alma.
A pudibunda Aurora no seu carro,
Altiya, fresca, e bella se appresenta!
As mais variadas côres espalhando,
Seus magicos encantos ella ostenta.
Quem te póde fixar sem admirar-te!
O' Deoza d'entre as Deozas a mais bella!
No orizonte pareces tão formoza,
Qual ao Nauta em perigo uma só Estrella.
O soberbo Monarcha dos Astros,
Que no Universo espalha sua alegria,
Quando a Aurora se esconde presuroza,
Mostra elle seu poder com ufanía.
Na frondoza mangueira, verde alegre,
Fórma a innocente rolla alli seu ninho,
Com maternal amor cria os pequenos,
Penhores de outro amor, de outro carinho.
Do terno companheiro que tanto ama,
Ella escuta as canções, ouve os trinidos,
Outras vezes a meiga innocentinha,
Escuta injustas queixas, ou gemidos.
Dó ciume que lhe rála o amante peito,
Tristes fructos de amor apaixonado!.....
E quanto mais colmado de venturas,
O ciumento se cré menos amado.
Depois que são passados os queixumes,

Que trouxeram arrufos.... e amargura,
Eis que a rolla, e o meigo companheiro,
Redobram de caricias, e ternura.
Magestoza jaqueira mais ao longe,
Ao graciozo Sabiá dá hospedagem;
E do Brazil os passaros cantores,
De admiração lhe rendem vassallagem.
E' tão doce o seu canto! é tão maviozo!
Conta uma longa historia em seus trinidos,
Seus amores, suas penas, seus tormentos,
Elle sabe exprimir em seus gemidos.
Escuta-o com prazer o caminhante,
Que pela estrada passa pensativo!
Minorar elle sente seus pezares,
No coração um grande linitivo.
De contente, e orgulhozoz bate as azas,
O plumozoz cantor da Natureza!
Se doçura, e amor diz nos gorgeios,
Na harmonia desprega mais belleza.
A linda borboleta de mil cores,
O prado de verdura ella matiza.
Mimozoz beija-flor brinca com ella;
Pois com ella o voluvel.... sympathiza.
Alli mais longe vem manso rebanho,
De innocentes corderinhos das montanhas,
Uns pastando na relva se reclinam,
Outros brincando mostram as suas manhas.
A branca ovelha que deitada pasta,
Dos brinquedos dos filhos está contente,
Um d'elles mais travesso, mais mimozoz,
Tudo a mãi meiga, e mansa lhe consente.
Aos saltos, e pulinhos elle gira,
Um grande espaço da campina bella,

Depois correndo volta retosando,
E saltando assim passa em cima d'ella.
Da Natureza bella, o Sabio estudo,
Sem pensar nos ensina seus segredos!
Ora vendo brincar brancas ovelhas,
Já na contemplação dos arvoredos.
Que innocentes delicias dá á nossa alma,
Esta contemplação com a Mãi Natura!
Como é pompoza, e grande a magestade,
Do Sabio bemfeitor da creatura.
Bernardin de Saint Pierre nos seus trabalhos
Sabios segredos adquirio estudando!
Ao depois no Inverno de sua vida,
Em harmonioza lyra os foi cantando.
Para o estudo em mim não ha talentos!
E tenho desmontada a minha lyra!!
A admiração me torna silencioza,
E nos labios a voz sinto que expira.
Adeos bella paragem encantadora!
Tristes sitios que tanto hei contemplado!
Poucas phrazes meus labios proferiam,
Mas de pranto sentia o peito banhado,
Adeos ó bello Templo silenciozo(a)
De singellos adornos ataviado!
Os passaros na torre cantam hymnos,
Que deixam o Christão como extaziado.
Um magnifico Altar em ti só se acha!
Mas oh! quanto elle é grande e magestozo!
Alli vai o fiel orar ao Céu,
Com orações, e preces fervorozo.

Brocó, 31 de Novembro de 1851.

(a) A Igreja de S. João Baptista.

Feita no dia 13 de Outubro de 1849, no primeiro dia que passei na Quinta da Ponta do Cajú, admirando as riquezas da Luxoza Natureza d'essas paragens.



ODE.

Edem gracioso de variadas vistas,
De caprixozas fórmãs, e verduras;
Quem póde descrever os teus encantos,
O' Ponta do Cajú em tua Natura?
Uma quinta magnifica, formozã,
Donde se vêm mangueiras tão copadas,
Cajueiros, Jaqueiras, Limoeiros,
E outras arvores bellas, e ellevadas.
Para passar aqui tranquillãs horas,
O Monarcha Clemente, bondadozo,
Primeiro Imperador do vasto Imperlo,
O saudozo D. João tão generozo.
Aqui contemplativo, e silenciozo;
Se encontra o homem que leviano seja,
O incredulo atrevido, e insensato,
Nã buscará grandeza que nã veja.
O mar prateado que a montanha cinge,
E' tão calmo, pacifico, e sereno!
O' paragem de campo quanto és bella!!
O' sitio encantador como és amêno.

Pequeninas canôas vão cortando,
Esse mar que parece linda prata,
O pobre pescador feliz, cantando
Para ganhar fortuna não se mata.
Não gasta da existencia os curtos dias,
Como o ambiciozo o faz avido de oiro !
Na paz doce, e tranquilla constitue
A sua maior ventura, e seu thezoiro.
Das riquezas ignora o Labiryntho...
Litteratura, e Siciencia não conhece ;
O seu mundo, suas viagens, e conquistas,
A esse feliz mortal não empobrece.
A Aurora já o encontra com suas rêdes ;
E nellas cahem peixinhos pratiados,
Uns são de rubra côr, lindas escamas,
Outros são côr de Nacar, ou doirados.
Tranquillo passa o dia, dorme a noite,
Não precisa de titulos, mercedes,
Que humilde pescador não tem caprixos,
Pouca couza lhe basta já o vêdes.
Defronte desta Quinta vêrde, alegre ;
Vê-se uma ilha pequena, pittoresca,
Dos Ferreiros não sei porque chamada,
Que se mostra florida, linda e fresca.
Canta aqui o passarinho seus amores,
Alli o Cachinguêllé já vai saltando,
E de um a outro ramo veloz pula ;
E em poueo grande espaço vai passando,
Magestosa palmeira emballa os galhos,
Agradavel sussurro assim cauzando,
O soberbo coqueiro lhe responde,
E um hymno melodiozo vão formando.

Cadeias de montanhas caprixosas,
Qual guarnição de abertos recortados,
Umás ao longe surgem ellevadas ;
Outras menos altivas vem-se ao lados.
Estatico se fica, mudo, e quedo,
Admirando de Deos mysterios cento !!!
Se dos olhos nos corre triste pranto ;
Dos labios nos escapa terno assento.
Sondar da Divindade seus Archanos,
Que o homem temerario não intente ! !
O Sabio bemfeitor da Natureza,
Não o permite aos homens, nem consente.
O Altissimo Senhor, é Omnipotente !
Adoremos segredos e preceitos ;
A cabeça inclinemos respeitozos,
Submettamos-lhe erroneos preconceitos.
Admirando os Planetas fulgurantes,
Ao contemplar dos astros a belleza,
Não sentimos o nada de nós mesmos,
Não pasmamos de ver tanta grandeza ?
E como tu, incredulo perverso,
Pódes negar de um Deos, a existencia ?
Não vês estas riquezas, e altos Montes,
Que mostram sua bondade e Omnipotencia,
Não admiras o luxo destas galas.
E nellas sua Clemencia, e perfeição ? ! !
Como, mizero verme, tu duvidas,
Do Divo author, de vasta profuzão ?.
Dobra aqui teu joelho reverente !
Levanta alli o espirito ao Creador ! !
Agradece-lhe as graças que recibes,
Elle é teu Pai, Senhor ! e Redemptor.

Elle ereou a vida, e assim mostrar-te;
Quanto é immenso, e grande em seu querer!!
Depois formou a destruidora morte,
Para que tu, conheças seu poder.
Que o Rei mais poderoso deste mundo,
Soffre tambem da Parca o duro córte!
As riquezas, as glorias, e altos Thronos,
Não pódem prezervar da triste sorte.
Se em silencioso Tumulo repouza,
O corpo mais gentil, e mais perfeito,
A nossa alma immortal remonta aos Céos,
Não devendo ficar em terreo leito.
Quem sabe contemplar a Mãi natura;
Sente sua alma inclinada á religião!!
A esse Ente que adoramos, bemfazejo,
Demos-lhe amor, respeito, e submissão.
Sapiencia, religião, e caridade,
Figura de mulher as representam!
Em meigo Coração virtuozo, e nobre,
Existem quazi sempre, e se alimentam.
O masculino peito, quem o fóрма?
Quem lhe sabe inspirar os sentimentos,
Quem lhe ensina a piedade Santa, e bella,
Quem elleva até os Céos seus pensamentos?
Não é pois a Mulher virtuozza, e pura;
Nascida e creada só para a innocencia?
E a ternura, e amor que nella habita,
Não é para os humanos grata sciencia?
O' mizeros mortaes que mal conhecem,
Os bens que lhes outhorga a Divindade!
E á Mãi que sabe ama-los elles devem,
Modestia, gentileza, urbanidade.

Se é bello contemplarmos da natura,
Um passaro, uma Arvore, uma flor ;
Como não será doce á nossa Mente,
Admirarmos o homeiã em seu primor ?.
Que seja nobre, e boa a Mãi do homem !
Que lhe ensine a ser bom, a ser virtuozo ;
Nisso elle achará sua ventura,
E seu maior thezoiro, e mais preciozo.
O homem, e a mulher são bem Supremos,
Quando a virtude rege suas accções !
Mas quando são perversos eu os chamo,
Do Averno execraveis..... producções.
Adeos sitios tranquilllos, e pompozos !
Quizera aqui passar meus tristes dias!....
Se suspirada calma aqui gozára ;
Inspirações sublimes me darias.



**Dedicada á saudosa memoria do mul gentil
ex-Imperador o Senhor D. Pedro I.**

ODE.

Brilhastes qual Estrella, ou qual luzeiro,
Que se mostra no altivo Firmamento !
Com tão linda figura, magestosa,
Inspiravas geral contentamento.
N'alma tinhas sublimes qualidades,
Magnifico, grandiozo na estatura ;
No coração humanos sentimentos,
Que augmentava tua rara formozura.

Espírito, e gentil desembaraço,
Mostravam tua graça, e galhardia !
Quanta Soberania acompanhada ;
De varonil coragem, e louçania.
Depois que o Sol ardente do Brazil,
Deixou de enfraquecer tua energia,
N'essa Europa gloriosa, tu assombrastes,
Dando aos povos assim, gloria, ufania.
Tinhas olhos graciosos que faseinam....
Eras de animo grande, generozo !
Das bellas captivavas Corações ;
Com ligeiro sorrizo bandadozo.
Tratavas sempre bem, attento ouvias,
Os queixumes da dôr, e da afflicção !...
Com gesto de piedade tu mostravas,
Que em teu peito existia um coração.
Magnanimo foi elle ! grande, nobre,
Pois que assim desprezou Reinos, Imperios !
Deixando os bellos Thronos a seus filhos,
Em dois alegres, ricos hemispherios.
Maria tão humana, quanto digna !
Foi a excelça Rainha em Portugal,
E D. Pedro Segundo no Brazil,
A memoria do Pai fez immortal.
Do seculo presente o heróe tu foste !
Monarcha duas vezes liberal !!
Ora dando o Imperio Brasileiro,
E depois o glorioso Portugal.
Luctas, fadigas, e marciaes esforços,
Te fizeram nem um instante trepidar
Corajozo arrostavas os combates,
Aos mais fracos sabendo assim animar.

O general em Chefe Commandando ;
O exercito glorioso que formaste ;
De homens bellicos, bravos, corajosos,
As paginas da historia abrilhantaste.
Do grande Affonso Henrique tu és o Netto !
Da antiga Luzitania luxo, e gloria !
Depois d'elle se viu o quinto Affonso,
E o segundo D. João, sem par na historia.
Jámais houve Nação no mundo inteiro,
Que contasse Monarchas tão virtuosos !
Nem vassallos tão fieis, e tão submissos,
Quaes foram os Luzitanos valerosos.
N'essas conquistas da Asia que assombraram !
No tempo de Manoel o Sabio, o justo
▲ Europa os admirava muda, pasma,
Não podendo negar-lhe esse tributo.
Tiveram ao magnanimo João sexto,
Depois d'esses grandiozos Soberanos,
Uns d'esses nobres Reis foram mais fortes,
Outros menos heroycos, mas humanos.
A Clemencia nos Reis é dom supremo !
E conquista do povo as affeições,
As correntes de ferro, se espedaçam,
Ficando o justo odio aos corações.
Foi dada a Portugal qual um Diamante,
Do Brazil a Princeza bem amada,
Com jubilo exaltado, alegres festas,
Foi feliz, quão formosa Coroadada.
A segunda Maria d'esse Reino ;
Foi primeira Princeza d'este Imperio ;
A quem o grande Pedro libertou,
De toda a humilhação, e captivõero.

O brado elle soltou de Independencia !
Do velho mundo, ao novo desligou,
E a corrente de escravo que arrastava,
Com poderosa mão habil quebrou,
O enthusiasmo era grande n'esse tempo !
Por todo o vasto Imperio resoavam,
Manifestos transportes de alegria,
E essas vozes humidas te acclamavam.
Delyrios de prazer ó tu cauzaste !
Quando no Throno fostes assentado,
Por longos annos no Brazil te viste,
Respeitado, querido, bem amado.
Mas no mundo a inconstancia prevalece,
Ao divo sentimento, gratidão!
E os grandes beneficios de outr'ora,
Acham olvido vil, ou bem trahição,
Napoleão assombro do universo !
Deixou-te um triste exemplo já na historia ;
Apezar das perfidias e abandono ;
Eternizou seu nome em sua memoria.
Trahidores e cobardes foram todos,
Fugindo do Monarcha desgraçado !...
Quanto nobre seria acompanhal-o,
Quando triste sem Throno desterrado.
Seis vassallos fieis, nobres amigos,
Tiveram essa grandeza, e essa gloria !
Seus nomes memoraveis já se acham,
Nas mais distinctas paginas da historia.
Estatua Collossal tu merecias,
Que fizesse immortal a tua memoria !
E um Diadema de Louros que cingisse,
Essa fronte adornada pela gloria.

Tu desprezastes Sceptros e Corôas!!
Sendo n'isso Monarchã sem igual;
Mostrando-nos assim o nobre peito,
Com que o Céu te dotou tão liberal.
Pela immensa grandeza de teu animo;
Em Portugal reina hoje Pedro Quinto,
Tão virtuozo, sensível, illustrado,
Tão perfeito em seus dotes, quão distincto.
D. Pedro deixou filhos dignos d'elle,
E d'entre esses o Monarcha do Brazil!
Distincto sabio que cultivava as letras;
Tendo genio e Character varonil.
Sabendo de seu Pai amar a gloria!
Respeitando seu nome tão querido,
Na velha Europa venerado sempre;
Assim como entre nós bem acolhido.
A esse nome tão bello, outro se ajunta,
O de Amelia querida, idolatrada,
Jámais em Portugal houve Princeza,
Que fosse como é essa tão amada.
Dos guerreiros cahidos no combate,
Ficou sendo das viúvas protectora,
E se com mão piedosa enxuga o pranto,
O auxilio generozo o mal minora.
Terminadas pelejas e combates,
Quiz D. Pedro gozar de doce calma;
Bemque tristes gemidos resoassem,
Indo assim perturbar sua nobre alma.
A mão da ingratição, esse veneno!...
Que rasga e dilacera o coração....
Descarregou-lhe golpes tão violentos,
Opprimindo-o de dôr, e de afflicção.

Quando é a mão do crime quem nos fere,
Da baixa inveja, e ciume degradante;
Dobramos a cabeça sobre o peito,
Acho acto de fraqueza, e humilhante.
Quem opprobrio pratica, a si se mancha!...
Rebatermos a injuria é dignidade!
Assim como é cobarde quem a faz,
Não havendo parallelo, e igualdade.
Não se julgue no Tumulo feixastes,
Tua excelsa memoria tão querida
Que se affaste de nós tão cruel ideia,
Como erronea, culpavel, fementida.
Porque Monarcha assim tu succumbistes,
Te entregando a mortal abatimento?...
Já tinhas dado provas de heroismo,
Supportando em silencio o soffrimento.
O' Principe glorioso! tu indas vives;
Gravado nos mais nobres corações!...
Eclipsar o teu Nome, não se póde,
Depois de tuas campanhas! tuas acções.
Do vate sublimado ignoro a arte,
Desculpa a mesquinhez do meu talento,
Modestas são as vozes do meu Canto,
Porque tudo em minha alma é sentimento.
Rendendo esta homenagem á tua memoria,
Perdôa, ó Principe, se deponho a Lyra!
As forças sinto em desalento, deveis,
Enrouquecida a voz no peito expira.

Offerecida pela sua mais justa e entusiasta apreciadora,
quizera podel-a imprimir em letras de ouro.
Dezembro 2 de 1855.

**Saudosa homenagem de affeição offercida á
memoria da linda e mimosa Leticia,
Anjo que subio aos céos.**

AO ANJO.

Bello Anjo tão mimozo
O' porque assim nos fugistes...,
Deixando-nos tão saudosos,
 Penalizados e tristes ?
 Foi para evitar da vida
 O perenne.... dissabor....
Pois que assim, só tu fruistes
Caricias, beijos de amor.
 Como a candida Bonina,
Essa pura e linda flor,
 Tal na vida figuraste,
Meiga, amavel, sem rigor.
 Em teus labios de Coral,
Um sorrizo encantador,
 Offertavas carinhoza,
Como uma troca de amor.
 Affectos, e sympathias
Sabias geraes prender !
 Foi teu dote ser amada,
E o amor de todos ter.
 Modesta, singella, affavel,
De mil prendas adornada,
 Recebestes em tua infancia,
Educação desvellada.
 Em teus dedos de Marfim,
O matizado brilhava,

Tapessaria e dezenho,
Laborioza te encontrava.
Quantos extremos de amor,
De teu Pai tu merecias !
Quão fagueiras esperanças,
Lizongeira promettias,
Licia, tudo abandonaste,
Neste mundo de illusões !...
Mas teus labios não provaram
O amargor das afflicções.
Teu peito puro, innocente
Não palpitou de tormentos....
Nem escutaste da dôr
Os tristes ternos lamentos,
Graças, rizo infantis,
Em ti fizeram morada ;
Como dever lastimar-te,
Sendo, como foste, amada !
Nosso amor sempre é egoista !
Intentavamos ligarte,
A este mundo de miserias....
Mas feliz ao Céu voaste.
No Coro dos lindos Anjos,
Lá nos Céos é teu lugar !
Se na terra foste amada,
Soube-te o Céu premiar,
Alli repouza tranquillo
Teu espirito immortal !
Gozando da eterna gloria,
Em reunião Celestial. (*)

(*) Feitos no momento em que recebi a noticia do passamento d'essa Menina a quem tanto sempre amei.

**Dedicada á memoria illustre e respeitavel do
Exm. Sr. Conselheiro Aurellano de Souza e
Oliveira Colinho, cujo nome foi maior que
todos os titulos, e cujas pomposas virtudes
irão além do Tumulo.**



ELEGIA.

Dize, d'onde repousas mortal,
Grande, magnanimo, sublime?!
No leito sepulchral, suave, sereno!
Mas nossa dôr por ti, assaz se exprime.
E acaso minha Lyra é feita de oiro;
Para em modestas phrases elogiar-te,
Melpomene, me deu Diva linguagem;
Para ufana, orgulhosa hoje cantar-te?!
D'onde irei eu buscar sublimes versos,
Tendo n'alma, enlutado o sentimento!...
Me achando succumbida.... inanimada....
O coração em dôr, em desalento.
Da sociedade inteira adorno, gala,
Exmalte da natura o mais brilhante!
Esses subidos meritos, virtudes,
Jámais tu desmentiste um só instante.
Urbano, sempre nobre cavalheiro,
Generoso, distinto, assaz polido!
Conquistavas affectos suavemente,
De todos sendo amado, e tão querido.
Se a patria perdeu em ti seu grande homem,
O sexo feminino um protector,

Para elle habil fundaste um Monte-Pio,
Da desgraça, e orphandade auxiliador.

Perfumado no trato, e na linguagem,
Excessivo em tuas finas attenções;

Com gracioso sorriso, amavel gesto,
Imperavas nos livres corações.

Aureliano, morreu? não, foi engano! (1)
Que um tal homem será sempre immortal!...

Elle deixou um mundo fementido....

Foi buscar a sua patria celestial.

Se Achilles te chamaram na coragem;
Aristides chamei-te na justiça.

A gloria do Brazil, só halmejavas,
As riquezas te acharam sem cubiça!

Conheci os quilates de teus meritos!
Tambem fino soubestes apreciar-me!

Não foi em mim valor, mas sim, bondade,
Para tão grã mercê nobre, outorgar-me.

Da constante amizade, santa e pura,
Os Tumulos não quebram esses laços!

Que a nossa alma immortal ao Céu remonta,
E ardente pensamento encurta espaços.

E como tu, morrer, se aqui deixastes,
Tantos feitos brilhantes de tua gloria?!

Teu nome, tuas virtudes e talentos.
Immortal te fizeram já na historia.

(1) Foi só para esse grande homem para quem eu achei em meu cerebro as idéas e pensamentos que n'estas paginas se acham! elle não leu meu livro, e quem sabe se eu mesma o lerei?!... o Exm. Monsenhor Soledade, nosso fino amigo, e o Exm. Sr. Conselheiro Aureliano, anciosos o esperavam! Estes dois apreciadores enthu-siastas que me hiam dar prazer e ufania, Deos m'os a rebatou! hoje quem apreciará esta composição litteraria?! Os indifferentes.... não comprehendem nem o fogo da imaginação, nem a vehemencia da alma! A penna cahe-me da mão. NOTA DA AUTORA.

Olvidar-te ! quem poderá já mais ?!

Por ti, e para ti, foram creados,
Em minha pobre mente os pensamentos ;

Acceita esta homenagem respeitosa,
E com ella meus puros sentimentos.

O pranto silenciozo que correndo,
Os gemidos que escapam da nossa alma,
Não te mostram melhor que tu és lembrado.
E que fugio de nós prazer e calma ?...

Se, o Tumulo em que jazes tão tranquillo,
Não o posso regar de terno pranto....

Desde a mansão dos justos d'onde te achas.
Attento escuta meu sentido canto.

Vozes em desaccordo, nada exprimem !
Nem eloquencia tem nossos accentos,
Sabemos só, gemer amargamente,
Exhalando queixumes e lamentos.

Magestosa figura, Soberana,
Tão grave nas maneiras qual nò trato.

Boca d'onde moravam os sorrisos,
Que Dama pintará o teu retrato ?

D'onde irá ella buscar as vivas tintas ;
Que mostrem do teu todo a perfeição ?

Só, que as possa encontrar no sentimento,
De sua alma extremoza, e coração.

Se ha outra que me exceda n'esse esboço,
Minha cabeça ativa eu lhe inclino !

A dôr me offusca a Mente, me turtura....
Sem alentos me teem, arte, nem tino.

Se, em seu sepulchro flores não espalhei ;
Se, com meu pranto não regueio chão,
Ao Céu lhe envio meus sinceros votos,

De uma eterna saudosa gratidão.
Quantos fins extremos de amizade,
Feliz por longos annos mereci !
E quão nobres bondades tributadas.
Praticou generoso em torno a mi.
Mas sempre tão modesto, tão virtuoso !
Occultava os favores que fazia,
E a sua mão esquerda ignorava,
Os dons com que a direita protegia.
Porque a mão da Parca assim cortou,
O fio de existencia tão preciosa ?
Tendo sido tão rica de virtudes ;
Essa nobre carreira tão gloriosa !
Deos eterno, immortal, Omnipotente !
Porque funereo véo sobre a Natura,
Permittiste, Senhor, que se corresse,
Levando para ti essa Creatura ?
Perdoa interrogar os teus segredos !
Acceita Deos piedoso á oração,
Que por elle te offerece dia e noite,
Meu grato e extremo coração.

Sincera e respeitosa demonstração de grata e constante amizade. (1) D.**

FIM DO MEU LIVRO.

(1) Na biographia do grande homem do Brazil, li quando trata dos amigos e admiradores do finado — um Medico da Armada do Grão Senhor, o Sr. Dr. Jaquez de Castro não é um simples medico, e sim elle é o Doutor em chefe do Exercito imperial de Constantinopla ! e pessoa da maior distincção, talentos e virtudes. Elle foi educado em Pariz d'onde estudou 11 annos a Medicina. — Sua correspondencia Epistolar mostra bem a excessiva delicadeza de seus sentimentos, mui principalmente o da gratidão.

Duas d'essas inspirações poeticas, e as das paginas 260, e a da 283 não são minhas, mas sim de uma amiga que já não existe.

Dezembro 26, de 1855.

Nota da Authora.

Como eu para embellezar este meu livro, tão pobre per si mesmo, não tenho poupado nada, lembro-me de adornal-o com esta riquissima Filosofia em Francez ainda não conhecida, senão de mui raras pessoas.

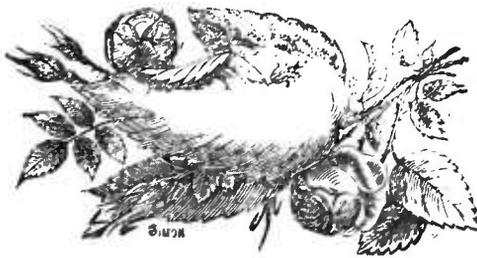
Reflexions philosophiques.

L'Amour se soutient par l'espoir.
Le zèle par la récompense,
L'autorité par le pouvoir,
La faiblesse par la prudence,
Le crédit par la probité,
La force par l'activité,
La santé par la tempérance,
L'esprit par le contentement,
Le contentement par l'aisance,
L'aisance par l'arrangement.
Plus de douceur que de beauté
Me semble aux femmes nécessaire.
Plus d'éclat que de vérité
Dans un auteur ne me plaît guère.
Pour être heureux il faut avoir
Plus de vertu que de savoir,
Plus d'amitié que de tendresse,
Plus de condrite que d'esprit,
Plus de santé que de richesse,
Plus de repos que de profit.
Petit bien qui ne doive rien,
Petit jardin, petite table,
Petit minois qui m'aime bien,
Sont pour moi chose délectable,
J'aime à trouver, quand il fait froid,
Grand feu dans un petit endroit.
Les délicats font bonne chère

Quand on leur sert dans un repas
De grands vins dans de petits verres,
De grands mets dans de petit plats.
Il resulte de ce langage
Qu'il ne faut jamais rien de trop.
Que de sens renferme ce mot !
Qu'il est judicieux et sage !
Trop de repos nous engourdit,
Trop de fracas nous étourdit,
Trop de froideur est indolence,
Trop d'activité, turbulence ;
Trop de remède est un poison,
Trop d'amour trouble la raison,
Trop de finesse est artifice,
Trop d'audace, témérité, ^{est}
Trop de rigueur est dureté,
Trop d'économie, avarice.
Trop de biens devient un fardeau,
Trop d'honneurs est un esclavage,
Trop de plaisirs mène au tombeau,
Trop d'esprit nous porte domnage,
Trop de confiance nous perd,
Trop de franchise nous dessert,
Trop de bonté devient faiblesse,
Trop de fierté devient hauteur,
Trop de complaisance, bassesse,
Trop de politesse, fadeur.
Ce trop pourrait, à bien le prendre,
Aisément se changer en bien,
Cela vient faute de s'entendre,
Le tout souvent dépend d'un rien.
Un rien est de grande importance,

Un rien produit de grands effets.
En amour, en guerre, en procès,
Un rien fait pencher la balance.
Un rien nous poussa auprès des grands,
Un rien nous fait aimer des belles,
Un rien fait sortir nos talents,
Un rien dérange nos cervelles.
Un rien peut aigrir la souffrance,
Un rien l'adoucir de moitié,
Tout n'est rien pour l'indifférence,
Un rien est tout pour l'amitié.
D'un rien de plus, d'un rien de moins,
Dépend le succès de nos soins.
Un rien flatte quand on espère,
Un rien trouble lors-que l'on craint.
Amour ton feu ne brûle guère,
Un rien l'allume, un rien l'éteint.

Par *Mr. Panur.*



Protesto da Authora contra todos e até o menor dos erros, imperfeições, repetições de phrazes, extropiamento de Nomes, Typos, mal collocados, etc. etc.

Pela minha dignidade, reputação, e caprixo de authora, sou obrigada a cumprir a promessa que fiz aos Edictores d'esta Obra, de accuzar todos os erros e imperfeições que apparecem desde o maior até o menor d'entre elles! não deixando em olvido o extropiamento das phrazes, nem a mutilação dos Nomes estrangeiros, não havendo a menor desculpa para nenhuma d'essas faltas, sendo todo o manuscrito de letra de homem, grande, e lisivel, que nenhuma outra póde haver melhor; e tendo-me eu sujeitado pelo espaço de trez longos annos, dia por dia, a corregir milhares de paginas phraze por phraze, e letra por letra, fazendo tirar dez e até doze provas de cada uma folha, sem que jámais podesse ver este meu trabalho litterario ser composto com aquella perfeição tão ardentemente desejada por mim! Seria mister inventar-se uma nova linguagem, e essa assaz eloquente, e energica para eu poder expressar meus martyrizantes e dolorozos padecimentos de toda a natureza! durante o tempo que esta obra está no Prelo, quer do primeiro, quer do ultimo Edictor. O Publico não póde avaliar o punhir dos espinhos que mortificam as pessoas litteratas quando vêm mutiladas, e cruelmente extropiadas as producções de seu intellecto; e d'essa sorte perdida a saude, fortuna, tranquillidade, e milhares de noites passadas na triste companhia de uma luz, com quem em alta noite nos achamos, quando todos o

outros de ha muito dormem em tranquillo leito! a essa hora entretanto nós vellamos!... a insomnia que abraza a Mente entre as lavas ardentes de nossa imaginação; a superabundancia dos nossos pensamentos, a lucta de mil ideias que se agglomeram em nosso cerebro; tudo isso emfim só pôde ser avaliado pelos litteratos excrupulozos que sabem o que custa o verem suas obras perdidas pela má composição de pessimos Compositores, cuja ignorancia está acima de toda a expressão!

Sómente um Esculptor poderá comprehender-me em minha dôr e amargos desgostos!... esse que depois de passar longos mezes dando todos seus pensamentos, e fadigas ao trabalho da sua mais bella Estatua, pollindo-a, aperfeiçoando-a, dando-lhe toques, e retoques, ora com o cinzel, ora com o Escalpello, e que no fim de longos annos de assiduas, desvelladas, constantes attentões, a vê por outrem quebrada, fazendo um todo de imperfeição d'aquelle objecto querido a quem tanto seu genio com primor embellezára; só esse, digo, poderia penetrar as penas que minha alma sente, ao ver assim imperfeitissimo meu bem amado Livro! e mui principalmente quando eu não tenho tido a menor economia em milhares de despezas extraordinarias, e tendo visto toda uma primeira Edição, e parte da segunda perdida por um dezastre imprevisto, o qual me tem feito um mal incalculavel.

Os litteratos são homens cheios de acção, de vontade firme, elles vão a uma Typographia, vêm, e lêm, examinam os trabalhos de suas obras, fazendo-se obedecer. Mas acontece isso por ventura com

uma Senhora, que não póde sahir dos seus appozentos, que nada vê, nada póde examinar, e de nada sabe senão depois que está tudo perdido?! essa que não tem acção nem vontade livre para nada! Eis aqui o que me tem acontecido confiante e generosa em meu procedimento.

As folhas mais perfeitas d'este livro, que pertencem á Typographia do Sr. Paula Brito, e as unicas que ficarão salvas do desastre que ouve, são: folhas 1-2-6-20-33-34-35-36-37 e d'esde a 41 até a 47 da primeira parte d'este livro; todas as outras, e a segunda parte d'esta obra é trabalho da typographia do artista Domingos Luiz dos Santos. Se esta obra for bem acceita pela boa e escolhida sociedade, promette-me a fortuna e prazer de mandal-a imprimir á França, esse paiz da intelligencia; então será este livro corregido, augmentado, embellezado consideravelmente, ficando-me essa Edicção em magnifico trabalho, quatro vezes menos charo do que este feito aqui no paiz, que me tem importado em mais de quatro contos e nove centos mil réis, e o que pior é ver este trabalho litterario imperfeitissimo como o vejo.

A Authora.

ERRATAS.

PARTE I.

Pag.	Linh.	Erros.	Emendas.
Carta 2. ^a	18	Lucyano.....	Licinio
Ao Leitor	15	tres sinettes.....	dous sinettes
	17	não precisam.....	não precizam
	18	Nequer.....	Neker
	29	educadas.....	educados
	32	vantagens que da cru- dição.....	vantagens da erudição
	65	de Gemelis.....	Condessa de Genelis
	104	tão e orgulhosos.....	tão orgulhosos
	118	redobrados.....	redobradas
	184	tão e orgulhosos.....	tão orgulhosos
	184	de Marinh.....	de Marinha
	209	Maintenan.....	Maintenon
	213	2 da nota virtuosas.....	d'essa Soberana vir- tuosa
	213	22 Saint Beuve.....	Sainte Beuve
	233	4 Roberto Silhinson....	Roberto Asteffenson
	234	31 conseguiram.....	conseguido tanto
	238	7 de repetição.....	a posteridade e os Es- criptores de espirito forte.—
	241	2 Corregio!.....	Correggio
	243	Inscrição do Cap. de José Ballivian....	de José de Ballivian
	243	8 d'esses Arestides.....	d'esse Arestides
	264	6 mais grande.....	maior
	266	2 da nota pelos mais grandes...	pelos maiores é veri- dicos
	267	30 aros penhores.....	charos penhores
	272	13 intelecto.....	intellecto
	274	1 prescrutar.....	presuntar
	274	29 que o differenciam....	que os differenciam
	278	11 Mais grande Náu.....	Maior Náu
	285	3 manificencia.....	municencia
	288	29 indussiras.....	industria
	313	23 e del Rei?.....	e d'el Rei!
	322	10 Kanei.....	Le Kain
	361	27 Mr. Emilio.....	Mr. Victor
	366	16 se recdura.....	Se rina

PARTE II.

Pag.	Linh.	Erros.	Emendas.
Ao Leitor	6	Athalã	Athala
7	20	aproximanda-se.....	approximando-se
33	7	não pode, nem deve pedir.....	nem deve não pede, nem deverá pedir.—
43	1	hypocondrico.....	hypocondriaco
45	17	um Mediao.....	um Medico
65	16	epitafios.....	Epitafios
83	20	com coração.....	com o coração
83	20	chamam !.....	chamma
48	25	Dezendo.....	dizendo
87	3	imperfeição tenh o... tenho	
123	1	Psalmo.....	Psalmos
153	11	da couza que deffen- demos.....	da cauza que deffen- demos
176	14	idolatrado áquelles...	idolatrado d'aquelles
201	11	irudição.....	crudição
236	8	das historia.....	da historia
254	verso 1	Brilhantes.....	Brilhastes
267	» 25	dos mais grandes....	dos maiores Poetas
258	» 15	presequil-os.....	persequil-os
264	» 6	mais grande	maior
282	» hesp 14	Lucas.....	Locas
289	» (*)		
292	» 2	ave.....	arvore

(*) Não achando consoante na lingua portugueza, escrevi — Mercêdes — palavra kspanhola, que quer dizer — Mercês, graças, esc.



AO LEITOR.



Depois de estar a obra já encadernada foi que dei com mais estes erros, que vão abaixo indicados, pelo que peço desculpa, e indulgencia.

O EDITOR.

PARTE II.

			ERROS.	EMENDAS.	
Pag.	58	linh.	27	Eduardo, Young	Eduardo Young
»	116	»	15	calafricos	calafrios
»	210	»	25	inabanavel	inabalavel
»	216	»	5	viriuoza	virtuoza
»	259	»	1	arranjo	arrojo
»	263	»	13	Trajaneos	Trajanos
»	271	»	7	que nos	quem nos
»	276	»	2	conchinas	conchinhas
»	293	»	12	bandadozo	bondadozo
»	295	»	8	humidas	unidas

A nota da pag. 303, leia-se da maneira seguinte: — Duas d'essas inspirações poeticas (paginas 260 e 283) não são minhas, mas sim de uma amiga que já não existe.

EXPLICAÇÃO AO LEITOR
DO LIVRO
ZAIRA AMERICANA.

Na pagina 358 , linha 10 do livro primeiro , existe um erro não desmentido na errata , e vem a ser este—é da ultima necessidade , em lugar de dizerem—é da primeira necessidade a honra e credito de uma nação ; quando a authora falla com seus compatriotas os Americanos do Sul.

Livro segundo, pag. 98 , linha 23, erro — áriado — emenda — árido.

Livro segundo, pag. 202, linha 25 , erro dos compositores do ultimo edictor — dolore sardo — emenda — dolore sordo, que em italiano quer dizer : lento, silencioso, occulto.

Na ultima composição philosophia em francez , linha 15, erro — il fau — emenda — il faut.

Linha 18, erro — condrite — emenda — conduite.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).